# DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS

(SUAS LENDAS, ERROS E CONTRADIÇÕES)

MARIO CAVALCANTI DE MELO

# DA BÍBLIA
# AOS NOSSOS DIAS

MARIO CAVALCANTI DE MELO

# DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS

## (Suas lendas, erros e contradições)

Prefácio de

DEOLINDO AMORIM

CURITIBA

1972

Ao querido mestre,

Dr. CARLOS IMBASSAHY,

O grande apóstolo do Espiritismo

no Brasil, eu dedico êste livro.

*Aos prezados confrades Pedro Granja, Deolindo Amorim, João Ghignone, António Pereira Guedes, General Lamartine Peixoto Paes Leme, Coronéis Delfino Ferreira, Alfredo Molinaro e Rubens Rosado Teixeira faróis que iluminam a estrada da verdade na terra de Santa Cruz e que tanto me encorajaram na feitura desta obra, o reconhecimento e as homenagens do autor.*

# PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

O livro de Mário Cavalcanti de Melo é dos que, à primeira vista, podem ser incriminados de demolidores, pelo fato de analisar com rigor, com larga base de conhecimentos e sólido encadeamento lógico, muitas passagens bíblicas, cujo exame consciencioso se impõe, hoje, por fôrça da evolução mental e cultural da humanidade. Não é mais possível, nesta época de tanto desenvolvimento científico, quando a Física, a Geografia, a Sociologia e a História, por exemplo, estão passando por tantas modificações, em razão das contribuições mais recentes, admitir ainda a intocabilidade ou a cristalização de certos ensinos bíblicos, interpretados sem crítica, sem comparação, tal qual se fêz, durante muito tempo, para não sair dos cânones da tradição.

Há passagens bíblicas que, interpretadas ao pé-da-letra, como estão escritas, ficam em desacôrdo com o bom senso, por mais sincera que seja a intenção de quem se der ao trabalho de raciocinar friamente sôbre muitas figuras e concepções escriturísticas. Com as pesquisas e os processos modernos, já se pode encarar o grande Livro à luz de outro prisma, mais condizente com as necessidades e os recursos atuais. Não se pretende, com isto, destruir a Bíblia no que ela tem de respeitável é útil como livro histórico ou como fonte de orientação espiritual, como também não se pensa em desconhecer ou negar o importante conteudo moral das religiões que se fundamentam na Bíblia.

O Autor dêste livro não é iconoclasta, porque não quer derrubar templos nem altares, uma vez que respeita as crenças humanas, sejam elas quais forem; não é ateu, porque afirma a existência de Deus, tanto mais que é espírita, o que equivale a dizer que todo o seu sistema de idéias está apoiado no princípio fundamental da imortalidade da alma. Como espírita — e êle o é de atitudes francas — o Autor dêste estudo crítico não pode ser ateu nem demolidor de crenças.

Qual, então, o fim dêste livro? O fim, isto é, o alvo dêste livro é esclarecer, falar à razão dos homens emancipados intelectualmente, lançar um convite ao estudo e à pesquisa histórica para desfazer dúvidas e dogmas que já não têm mais razão de ser.

Os raciocínios do passado — diz o Autor — não mais se ajustam às necessidades presentes. Não se julgue que, com o pensar assim, no que

está sendo indiscutìvelmente lógico, o Autor dêste trabalho queira romper, de modo radical ou sistemático, todos os traços de continuidade entre o passado e o presente. Não. Há conceitos antigos, cuja exatidão, até hoje, ninguém pôde destruir ou abalar. É interessante notar que certos conhecimentos apresentados, hoje, como **novidade** são apenas sobrevivências do passado, como roupagem atualizada. Muitos conceitos atualmente considerados originais não passam, entretanto, de adaptações mais ou menos aperfeiçoadas, por fôrça das necessidades e exigências modernas.

Não há ciclo de cultura inteiramente original, não há civilização em que se não encontrem elementos oriundos de civilizações anteriores. Observe-se, a propósito, o que acontece em nossos dias: algumas idéias velhas, já esquecidas no arquivo dos séculos, são restauradas de uma hora para outra e, quando ressurgem, adquirem logo expressão de **originalidade**, justamente pelo fato de serem adaptadas a esquemas novos, com terminologia adequada. O rótulo é novo, mas o conteudo é velho.

O Autor não desconhece êste fenômeno. Espírito culto, capacidade analítica, inteligência afeita ao trabalho de pesquisa, não pretende, é claro, desmerecer o grande tesouro que nos veio do passado. Lembremo-nos, apenas, em linhas gerais, de que a cultura científica de nossos dias, com todo o seu desdobramento, com tôdas as suas especializações, ainda se vincula, em grande parte, à velha fonte grega, pelo menos em relação às ciências básicas, como a Biologia, a Física, a Psicologia etc. O arcabouço da História Natural, sem prejuízo do aperfeiçoamento que lhe deram as aquisições modernas, vem de Aristóteles. Não é exagêro dizer que até mesmo a Sociologia, ciência ainda em organização, porque não é uma "ciência acabada", tem o seu embrião nas idéias sociais de Aristóteles. O glorioso mestre grego é, sem dúvida, o precursor da classificação das ciências, empreendimento que, muito mais tarde, depois de algumas tentativas de outros grandes vultos da cultura humana, o portentoso engenho mental de Augusto Comte viria realizar com extraordinário espírito de síntese e equilíbrio.

É certo, é indiscutível que os conhecimentos humanos em todos os seus domínios, vêm recebendo valiosas e indispensáveis contribuições novas, por exigência da própria evolução geral. Não se pode negar, todavia, a existência de um lastro, de uma bagagem apreciável de conhecimentos já encontrados na cultura grega. Nem por isso — convém acentuar bem êste ponto — a ciência primitiva, que nos foi transmitida pelos gregos, deixou de sofrer inevitáveis retificações. Algumas noções, entre os filósofos da Grécia, ainda estavam em estado rudimentar na época em que começou, por intermédio dos árabes, a expansão das obras de Aristóteles.

Sem perder jamais a auréola de gênio, Aristóteles não ficou indene de críticas com o aperfeiçoamento da própria Ciência. Nem tôdas as concepções aristotélicas ficaram inteiramente intactas, sem corrigendas ou restri-

ções. Não há o que extranhar, a êste respeito, uma vez que a Ciência, no sentido amplo e progressivo, não tem caráter estável nem pode ser intocável como "coisa sagrada". Não seria possível, ainda hoje, aceitar tudo, completamente, tal como saiu do cérebro de Aristóteles, conquanto se trate de uma das mais gloriosas inteligências de quantas até hoje iluminaram os sulcos da cultura geral. Muita coisa já se corrigiu de Aristóteles, como de outros espíritos notáveis, sem exclusão de Bacon e Descartes, e sem deslustrar a glória inconfundível destas três culminâncias do pensamento universal. A Ciência caminha, queiram ou não queiram os misoneistas de todos os tempos. É neste sentido, portanto, que Mário Cavalcanti de Melo se refere aos conceitos do passado, como quem diz, e com acêrto, que nem tôdas as concepções antigas devem, hoje, ser admitidas em face dos conhecimentos modernos. Não podemos ter, por exemplo, a respeito da formação do mundo, as mesmas idéias que prevaleciam na antiguidade, assim como não podemos, no domínio da Geografia, sustentar os pontos de vista da época de Strabão. São irreconciliáveis, evidentemente, muitos conceitos antigos com os raciocínios atuais. Negar êste fato seria desconhecer a lei de evolução.

Como as concepções científicas, as concepções religiosas também estão sujeitas a revisões periódicas, em determinados aspectos. Há neste livro — nós o reconhecemos francamente — afirmativas que podem causar abalo a muitos leitores, com especialidade quando se trata de pessoas que, pela sua formação religiosa, têm a Bíblia como regra de fé indiscutível ou intocável. É possível (não duvidamos disto) que o nosso confrade Mário Cavalcanti de Melo passe a ser, agora, um espírito herético, um inimigo da fé, por haver tomado a iniciativa de fazer análise da Bíblia.

A preocupação do Autor, entretanto, é a de quem, não estando conformado com certos ensinos bíblicos até agora aceitos como definitivos e verdadeiros, quer rasgar o véu que ainda encobre muitas passagens da Bíblia e, assim, afastar dúvidas ou equívocos sensìvelmente prejudiciais à exata compreensão de muitos pontos da História. O papel de Moisés na civilização judaica, a autoria do Pentateuco e outros aspectos da exegese bíblica são discutidos neste livro, com isenção de ânimo e por amor da Verdade. Todo estudo honesto, ainda que tenha, como no caso dêste livro, de contrariar preconceitos, tradições e idéias preconcebidas, deve ser acatado, sejam quais forem as discordâncias.

Não é temeridade nem heresia, por exemplo, pôr em dúvida a autoria de Moisés em relação ao Pentateuco, porquanto o assunto ainda é susceptível de controvérsias. Os próprios especialistas em assuntos bíblicos não estão inteiramente de acôrdo: há os que afirmam e os que negam a paternidade mosaica. Há quem diga, também, que o fato de, no Pentateuco, haver referência à própria morte do legislador hebreu não lhe infirma a autoria, visto ser perfeitamente aceitável a hipótese da colaboração de

Josué, após o desenlace de Moisés. É êste o ponto de vista de um teólogo protestante, quando diz:

> **é mais natural supor que Josué, seu sucessor, acrescentou êste apêndice histórico** (narrativa da morte de Moisés) **aos discursos de despedida do grande profeta e legislador (1).**

Não coincide com êste modo de ver a opinião de abalisado exegeta norte-americano, autor de um livro sério (2), aliás muito apoiado na obra de DRIVER — "Introduction to the literature of the Old Testament". Diz Sinderland:

> **A idéia de que foi Moisés o autor do Pentateuco é simplesmente uma tradição, que não tem base histórica. Essa tradição, para R. Simith, deriva da velha teoria judáica de que todos os chefes de Israel escreviam, por inspiração divina, os acontecimentos de sua própria época.**

Seria interminável a discussão do assunto, porque, como se sabe, a literatura sôbre a autoria do Pentateuco — **pró e contra** — já é antiga e muito variada. Queremos apenas fazer sentir que o assunto não é pacífico entre teólogos, exegetas e historiadores religiosos. A matéria, aliás, é mais de história ou pesquisa de fontes do que pròpriamente de teologia. O Prof. Robert Smith, que estudou muito o problema do Pentateuco em trabalhos especializados (cf. Sunderland, ob. cit), repele afirmações do Talmud e nega a autoria integral do legislador hebreu (3).

A opinião de Mário Cavalcanti de Melo coincide perfeitamente com o que, a respeito da gênesis e do Pentateuco, escreveu o saudoso Crysantho de Brito: "Deve-se aceitar a gênesis como autêntica, tal qual ela se encontra? Pelo menos ela se acha quase invalidade, não só pela crítica bíblica, como pelo Espiritismo.." (4)

Desde o século XVIII com as críticas de Spinosa, Hobes e outros vem a autoria do Pentateuco (conjunto dos cinco primeiros livros da Bíblia) sendo objeto de polêmicas. Segundo Bricout que afirma categòricamente a autoria mosaica a discussão deu motivo a três hipóteses: 1.ª — **hipótese fragmentária** (o Pentateuco é constituído de peças esparsas sem coordenação lógica, sem unidade portanto) — 2.ª — **hipótese documentária** (a autoria do Pentateuco está apoiada em documentos originais) — 3.ª — **hipótese complementar** (há no conjunto do Pentateuco, uma parte fundamental, com unidade, e há também, uma parte complementar, isto é, com elementos oriundos de outros escritos). Não há acôrdo, portanto, entre as hipóteses. Extraimos êstes elementos de uma fonte católica (5).

---

(1) William Carey Taylor — **Passagens bíblicas esplanadas.**
(2) J. T. Sunderland — **The Origin and Charater of Bible, (1947** — The Beacon Press — Boston, USA).
(3) **Old Testament in Jewish Church** — Cf — Sunderland.
(4) Crysantho de Brito — **Allan Kardec e o Espiritismo,** pg. 128 — Rio, 1935.
(5) J. Bricout — **Dictionaire Pratique des Connaissances Religieusess** — T. 5.

Como, pois, aceitar a Bíblia como fonte indiscutível? Tem razão o escritor Mário Cavalcanti de Melo quando levanta certas dúvidas, porque realmente há muito o que examinar e discutir em relação à Bíblia, principalmente no que diz respeito a Moisés e ao povo hebreu. O judaismo não se conservou em estado puro, em suas manifestações religiosas, principalmente depois da conquista da Palestina. Quem o diz entre outros autores é um historiador contemporâneo. O judaismo teve um período de sincretismo. É natural, portanto que tenha recebido influências extranhas. Logo, é discutível a sua originalidade. É êste um dos pontos que o Autor dêste livro discute com bons fundamentos lógicos e históricos. Diz, por exemplo, Th. Robinson:

> **Conhecemos ainda mal a religião de Israel antes da conquista da Palestina, isto é, na época nômade.**

Os judeus tiveram um período de nomadismo, isto é, de peregrinação, sem fixação nesta ou naquela terra, e tiveram, depois o seu período de organização religiosa, política e social. A conquista da Palestina — segundo Robinson — "produziu mudanças radicais nas religiões das massas". Com a passagem do primitivo estado nômade para o estado agrícola, os judeus começaram a abandonar naturalmente, o seu antigo culto para adotar a nova civilização. (6) Houve, inevitàvelmente, contactos culturais, assimilação de hábitos e elementos religiosos. É aceitavel, é muito admissivel, portanto, a tese de que nem tudo na cultura judaica é original. Até mesmo a idéia da sobrevivência do espírito, em determinadas tribos hebraicas, parece anterior à própria revelação do monoteismo judaico, na opinião de Robert Aron, em longo e bem feito estudo, publicado recentemente, sob o título **"Lidée de la mort dans la tradition religieuse juive** (7).

Diante de tudo isto, tais são as controvérsias históricas e exegéticas a respeito do judaismo, é natural que, como o estudo de Mário Cavalcanti de Melo, apareçam outros trabalhos com o mesmo objetivo honesto de analisar e esclarecer passagens bíblicas ainda obscuras, à luz da crítica moderna.

O Autor compreende bem o fenômeno religioso, a sua razão de ser, a sua posição no quadro geral da história humana, mas não se conforma com certos ensinos, já ultrapassados. Atitude lógica, compatível com o livre-arbítrio de um homem inteligente, que pensa, estuda e raciocina. Se, por um lado, respeitamos certos princípios morais, e comuns a quase tôdas as crenças, não somos obrigados a concordar com extravagâncias e erros, por mais liberal que seja o nosso espírito de tolerância. Tolerar é respeitar as crenças alheias, mas a tolerância não se confunde com a concordância, com a anuência incondicional. Respeitamos o Catolicismo, tanto o romano como o ortodoxo, assim como, tratamos com o devido respeito a tôdas as

(6) Theodore H. Robinson — **Introduction a L'Histoire des Religions Payot-Paris** — 1929.
(7) **Revue Métapsychique** — n.º 22 — março — abril de 1953.

religiões, até mesmo as mais rudimentares, mas não podemos deixar de reconhecer que muitos argumentos religiosos não condizem mais com a mentalidade moderna. Dizer isto não é cometer sacrilégio, não é ameaçar a fé.

Veja-se bem o que diz o Autor dêste livro, sôbre o Catolicismo:

> **"Que restará do Catolicismo? Restará o que ele contém em si de verdadeiramente grande, de vivo e racional, isto é, tudo o que é suscetível de elevar e fortalecer a humanidade".**

Eis aí uma prova de que o Mário Cavalcanti de Melo não é injusto nem apaixonado. Há, no Catolicismo, como no Judaismo, no Protestantismo, como nas doutrinas espiritualistas em geral, muitos princípios inabaláveis, respeitáveis, profundos. Nem por isso deixa de haver, principalmente no Catolicismo, dogmas que já estão sobrepujados. Uma coisa é o Catolicismo em sua essência, em seus fundamentos morais, e outra coisa é o Catolicismo como instituição humana. Assim como o verdadeiro Cristianismo, cheio de pureza e simplicidade, não se confunde com o **cristianismo** dos homens, com as suas seitas, seus formalismos, suas conveniências temporais, também o Catolicismo, em sua universalidade, em sua parte essencialmente espiritual, não se confunde com o **clericalismo**, que é organização puramente humana.

Dentro da própria Igreja, como é notório, já se levantaram vozes sinceras e autorizadas contra o **clericalismo**, que é na realidade, uma desfiguração do próprio Cristianismo. Quando se diz **clericalismo**, não se pensa em negar a dignidade da missão sacerdotal, mas reprovar o sistema clerical, de mãos dadas com a política e os interêsses do Estado, quando o Cristo sentenciou claramente: **a Deus o que é de Deus e a César o que é de César.** Contra o predomínio clerical, que desvirtua a própria consciência do sacerdote em seus nobres labôres de pastor de almas, protesta o filósofo católico Jacques Maritain, cuja opinião é, justamente por isso, das mais insuspeitas. Diz o filósofo contemporâneo:

> **O que importa é distinguir o apócrifo do autêntico, um Estado clerical ou decorativamente cristão de uma sociedade política vitalmente e realmente cristã. Tôda tentativa de Estado farisaicamente cristão está condenada, no mundo hodierno, a tornar-se a vítima, a prêsa, ou instrumento do totalitarismo anti-cristão. (8)**

A Igreja fica engrandecida enquanto se nutre espiritualmente dos verdadeiros princípios do Cristianismo puro ou original — o Cristianismo de Jesus e não o dos homens, mas a Igreja se enfraquece tôda vez que se ampara no poder de César para conquistar efêmeros triunfos temporais ou sempre que desce de sua posição espiritual para fazer alianças com o Estado. Que o diga a lição da História.

---

(8) Jacques Maritain — **Os Direitos do Homem,** pags. 37/8 — **Trad. Afrânio** Coutinho.

O Autor dêste livro não se insurge contra a Religião em si, mas aponta erros provados na História e na observação corrente.

Passemos, agora, para terminar, a outra ordem de considerações. Defende o ilustrado confrade a judiciosa tese de que, como diz Allan Kardec, "as descobertas da Ciência glorificam a Deus em vez de rebaixá-lo". Como espírita, não poderia pensar de outro modo. A Ciência, mas a verdadeira Ciência **(saber)**, que se pode escrever com **C** maiúsculo, não separa o homem de Deus. Torna o homem mais humilde, e humilde conscientemente. Fá-lo, enfim, admirador da infinita obra divina.

Não se pode, jamais, desprezar o auxílio da Ciência tanto na crítica histórica, como na crítica religiosa. Não há, aliás, departamento da cultura humana, até mesmo na ordem metafísica, que possa prescindir inteiramente da colaboração científica. Bem se vê que as narrativas bíblicas comportam e reclamam naturalmente as luzes indispensáveis da Ciência. Dentro desta orientação, indiscutìvelmente lógica e compatível com as exigências da cultura moderna, é que Mário Cavalcanti de Melo desenvolve todo o seu importante trabalho, cuja leitura cuidadosa se recomenda a qualquer inteligência emancipada. Não se trata de um neófito na polêmica e na pesquisa. O Autor dêste livro já se credenciou no meio espírita com um trabalho notável, em colaboração com o escritor Carlos Imbassahy — "o Bozzano brasileiro", em defesa da tese reencarnacionista, sem a qual não se compreenderia a filosofia espirita. Quem escreve um livro como **A Reencarnação e suas provas** (Carlos Imbassahy e Mário Cavalcanti de Melo — Edição da Federação Espírita do Paraná), tem direito a uma posição respeitável entre os intelectuais espiritas e, de um modo geral, pode versar os mais profundos problemas de Filosofia.

Mário Cavalcanti de Melo é uma capacidade, uma cultura bem formada, uma consciência honesta e livre, a serviço da CAUSA ESPIRITA.

Rio de Janeiro, 1954.

**DEOLINDO AMORIM**

# PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

A Federação Espírita do Paraná manifestou o desejo de reeditar o nosso livro "Da Bíblia aos nossos Dias", literalmente esgotado.

O livro, como era de esperar, suscitou controvérsias. A nossa análise desfavorável à Sagrada Escritura não agradou aos fanáticos e passamos a ser por isso, para os que conservam o ranço de suas vidas pregressas e que ainda não conseguiram despojar-se da fé cega, que continua, ainda, a orientar-lhes os passos vacilantes, um herético das "verdades divinas":

Fomos acusado de demolidor pela imprensa paulista, mantivemos uma polêmica, em nível elevado, com um confrade ilustre, uma das vozes erguidas no país contra o que escrevemos sôbre a Bíblia. Nenhuma objeção séria foi apresentada contra o que se encontra entre as páginas de um livro, escrito Deus sabe como, com que sacrifício, tal o esfôrço por nós empreendido para suprir as falhas de nossa inteligência.

Além do prefácio, acrescemos mais alguns capítulos a esta segunda edição, todos êles abundantes em argumentos novos, que irão, por certo, reforçar a nossa assertiva de que a Bíblia é um livro inautêntico, cheio de contradições, interpolações, matanças e imoralidades.

Muita gente apresenta como argumento, aquêle de que a Bíblia é um conjunto de símbolos, cuja chave só pertence aos iniciados; devemos, portanto, por uma questão de escrúpulo, começar por aí. Antes, porém, desejamos perguntar se há simbolismo nas crueldades, nas matanças e nas imoralidades dêste livro sagrado.

Não somos cabalista, somos espírita. Mas, como há muitos espíritas cabalistas, isto é, que crêem na pseudo ciência dos símbolos e da numerologia, somos forçado, contra nossos propósitos, a penetrar neste assunto, por demais complexo. O mais interessante é que êsses espíritas, não sendo iniciados, nada podem entender de Cabala. Conhecem-na pela rama, naquilo que é permitido ao vulgo. Não sabem êles que a Bíblia (V. Testamento) sofreu modificações consideráveis e sob os textos modernos a tal ciência dos símbolos e a numerologia dificilmente se acomodarão.

Sabemos o quanto é difícil esclarecer. Tentamos, entretanto, apoiado na História, mostrar a impossibilidade de decifrar, à luz da "ciência" cabalística, os enigmas do atual livro sagrado dos judeus. Sabemos das dificuldades que teremos que enfrentar. A fé, como muito bem diz, César de Vesme, tem uma zona interdita, neutra, é como que uma fortaleza quase inexpugnável.

Será a Bíblia que hoje manuseamos a mesma do tempo do rei Joasias? O seu grande sacerdote Hilquias, segundo tudo demonstra, foi seu primeiro autor, uma vez que quase oitocentos anos depois da morte de Moisés é que se começou a falar no Livro da Lei", antes completamente desconhecido do povo judeu.

Will Durant, em sua História da Civilização, assim nos fala:

> "Por volta do ano 444 a.C., Esdras, um culto sacerdote, reuniu os judeus em assembléia e começou a ler-lhes o "Livro da Lei de Moisés". Sete dias durou a leitura dos rolos; no fim os sacerdotes e os chefes comprometeram-se a aceitar aquêle corpo de legislação, como a constituição e a consciência do país, e a obedecer-lhe para sempre. E desde aquêles tempos até hoje essa lei se tornou o principal fato da vida judaica; a lealdade dos judeus a êsses princípios e as atribulações por que passaram constituem um dos impressionantes fenômenos da História.
>
> Que livro de Moisés era aquêle? Não mais o mesmo livro que Josias lera, e que podia ser lido duas vêzes no mesmo dia; a leitura do nôvo necessitava de tôda uma semana." — (C. VI — "O Povo e o Livro", pág. 339).

Como é fácil verificar, a Bíblia de Esdras não era mais aquela do tempo de Hilquias. Quantas interpolações, quantos acréscimos não foram lançados, com o correr do tempo, neste livro sagrado? Quanta lenda não foi colocada ali, posteriormente à morte dos dois principais autores do "Pentateuco"? Quantos não o acresceram de inovações desconhecidas no passado! Essas considerações não são meros palpites. Muitos historiadores pensam de igual forma. César Cantu, por exemplo, católico, apostólico, romano, não vacila quando em sua "História Universal", nos diz:

> "Se chegaram até nossos dias algumas leis de Moisés, não chegaram, pelo menos, em sua forma primitiva, bem autenticadas por qualquer modo, o que equivale dizer que não é possível distinguí-las das que pertencem a épocas anteriores, que as substituiram, ou que foram incorporadas com elas nos livros sagrados de Israel". (C. VI "Instituições Mosaicas", pág. 266).

Eis mais uma citação de Cantu:

> "Moisés foi na opinião dos hebreus, o autor do "Pentateuco". Esta opinião passou das sinagogas para a Igreja católica, que a confirmou com seu veredito: como, porém, êste veredito não é obrigado para a Ciência, muitos orientalistas têm sustentado, e sustentam, desde o século XVIII para cá, que os supostos livros mosaicos são obras de escritores muitos séculos posteriores à época em que se diz ter existido o fundador da nacionalidade judaica, que compilaram e refundiram documentos e tradições antigas concernentes à criação do mundo, aos primeiros tempos da existência social dos abraamitas. (Cap. VIII — "O Pentateuco" — pág. 276)

> Escreveu-se muito, investigou-se com diligência e empenho, trocaram-se volumes de argumentos e, não raramente, de injúrias e, afinal, é forçoso confessar que no mundo científico ficou riscado o nome de Moisés do frontispício do "Pentateuco". (pág. 276)

Assim sendo, quem de boa fé, poderá ter o "Pentateuco" como obra de Moisés? Quem será capaz de dar-lhe autenticidade, pelo menos à luz da História? Lewis Browne, em "Sabedoria de Israel", não nos esconde a verdade, quando afirma:

> "As escrituras judaicas iniciaram-se com a "Tora" ou "Lei"? Inscritas nos chamados "cinco Livros de Moisés"? É nela que se encontra o cerne da mais antiga sabedoria de Israel. Críticos doutos concordam em que essa "Lei" não é realmente de Moisés, mas antes um mosáico" (Notas Sôbre a Lei" — pág. 4).

É um legítimo representante de Israel que assim se manifesta, dando a entender que não repudia a opinião dos doutos que afirmam que os tais cinco livros são um mosaico. O "Pentateuco" incontestàvelmente, sofreu o concurso de diversos escritores, a começar por Hilquias.

H.P. Blawatsky, diz-nos que o A.T. não é uma composição homogênea: que sòmente a "Gênesis" é de uma imensa antiguidade; ela é anterior à época em que a balança zodiacal foi inventada pelos gregos, pois se percebe que os capítulos das genealogias foram retocados para adaptar-se ao nôvo Zodíaco, e eis porque os rabis compiladores repetiram o nome de Enoque e Lemeque na lista caínica. As outras partes parecem de data relativamente recente e foram terminadas lá para o ano 150 a.C.

> "A primeira parte do "Livro de Deus" como eram chamadas as Escrituras — foi feita por Hilquias de parceria com a profetiza Hulda; esta parte desapareceu mais tarde, e Esdras teve de começar uma nova, que só foi terminada por Judas Macabeu. Esta foi, ainda, recopiada, tempos depois, para mudar as letras pontudas em quadradas e foi, desta forma, completamente desfigurada; foram os massoretas que terminaram esta mutilação. De sorte que temos hoje um texto que não tem mais de novecentos anos, cheio de omissões, de interpolações e de perversões premeditadas".

Admitindo que o texto original fôsse farto em símbolos e coubesse dentro dêle a interpretação numerológica, o atual, deformado, cheio de omissões, de interpolações e de perversões premeditadas, certo não se prestará a tais exercícios. Acresce, ainda, o fato de o "Gênesis" não ter sido obra de Moisés, como insinua Mme. Blawatsky e a quase unanimidade dos estudiosos imparciais do assunto.

As duas fontes históricas da existência de Moisés, pelo menos as únicas que conhecemos, são a do historiador e geógrafo Estrabão e a do sacerdote egípcio Maneton de Sebanytus.

E. Schuré, nome consagrado pelos crentes no Esoterismo, em "Les Grands Initiés", falando sôbre a obra de Saint-Yves, diz que discorda dêle, quando êste pretende dar a Moisés proporções demasiadamente gigantescas e legendárias.

Moisés, diz E. Nus, em seu livro "À La Recherche des Destinées", que nunca foi mutilado, mas que fêz mutilar os outros, teve ao menos a consolação de ser mais ou menos compreendido em sua época, e deixar após êle o povo com o qual havia sonhado. Um povo muito vil, é verdade. Mas, pôsto em frente de sua história, qual o povo que se acha belo? Se Estrabão, diz Nus, não foi criação dos gnósticos de Alexandria, o que êle conta a respeito de Moisés, provaria, talvez, que o legislador judeu realmente existiu. A narrativa feita ao geógrafo pelos padres egípcios não é precisamente igual à legenda vulgar.

> "Uma quantidade de tribos limítrofes, disseram os padres a Estrabão, vieram engrossar seus sectários. Seus ensinamentos e suas promessas as arrastaram e êle teve êxito criando um nôvo Estado de uma importância relativa. Seus sucessores se conformaram com seus preceitos e marcharam direto aos caminhos da sabedoria e da justiça, mas não durante muito tempo. Em breve essa sociedade degenerou e passou da ignorância à superstição e ao fanatismo."

O Êxodo, reduzido a essas modestas proporções, diz o filósofo, deixa de pé, como se vê, a personalidade de Moisés, padre de Osiris, iniciado nos Mistérios, e rompendo com os cultos simbólicos, para manter com seu dogma cruel a noção da unidade.

Vamos, agora, a uma fonte insuspeita, tal a do autor de "Les Grands Initiés":

> "Hosarsiph, primeiro nome egípcio de Moisés, era primo de Menephtah, e filho da princesa real, irmã de Ramsés II. Filho adotivo ou natural? É o que ninguém sabe até hoje.
>
> A narrativa bíblica (Êxod. II, 1 a 10) faz de Moisés um judeu da tribo de Levi, recolhido pela filha do Faraó das margens do Nilo, onde a astúcia materna o colocara para comover a princesa e salvar o menino de uma perseguição idêntica à de Herodes.
>
> Contrariando a narrativa Bíblica, Maneton, o padre egípcio ao qual devemos os esclarecimentos hoje confirmados pelas inscrições dos monumentos, afirma que Moisés foi um padre de Osíris. Estrabão que recebeu esclarecimentos da mesma fonte, isto é, dos padres egípcios, o atesta igualmente. A fonte egípcia tem aqui mais valor que a fonte judia, pois, os padres do Egito não tinham nenhum interêsse em fazer crêr aos gregos e aos romanos, que Moisés era um dos seus, enquanto que o amor próprio nacional dos judeus os impelia a fazer do fundador de sua nação, um homem do mesmo sangue. A narrativa bíblica reconhece que Moisés foi estabelecido no Egito, enviado pelo seu govêrno como inspetor dos judeus de Gossen.

Eis aí o fato importante, capital que estabelece a filiação secreta entre a religião mosaica e a iniciação egípcia. Clemente de Alexandria acreditava que Moisés era profundamente iniciado na ciência do Egito e de fato a obra do criador de Israel seria incompreensível sem isto". — (C. II — Iniciação de Moisés no Egito", pág. 169).

Se quisermos tirar desta citação alguma coisa de substancial, descobriremos, lendo-a atentamente, pelo menos três falsidades no A. Testamento:

1.ª — Moisés era egípcio e não judeu, como nos diz a Bíblia;

2.ª — O recolhimento de Moisés pela filha do Faraó das margens do Nilo é uma lenda e nada mais, mormente quando lemos em "Les Grands Initiés" que os padres egípcios afirmavam que Moisés era de sangue real;

3.ª — Se Moisés, como diz sua crônica, era filho da princesa real, irmã de Ramsés II, o monarca que reinava no tempo do patriarca, a Bíblia falta à verdade, quando diz que êste Faraó foi tragado pelas águas do mar Vermelho. Ramsés II morreu com a idade de cem anos e sua múmia foi encontrada em um esconderijo de Deir-el-Bahari, em 1881, e se acha atualmente no museu do Cairo.

Qualquer que seja o Faraó, em cujo reinado se queira colocar Moisés, nenhum dêles foi tragado pelas águas do mar Vermelho. Estas afirmativas infantis foram obra de algum poeta exaltador e de grande imaginação. É positivamente o contrário do que nos diz a História.

"A iniciação hebraica se relaciona diretamente com a iniciação egípcia, e isto não foi um mistério para os judeus, pois que vemos nos Atos dos Apóstolos, C. VIII, v. 22: Moisés tendo sido instruído em tôda a sabedoria dos egípcios, era um homem poderoso em obras e palavras."

Estrabão visitando o Egito, recebeu dos sacerdotes a mesma revelação e lhe afirmaram que Moisés fôra um padre de Osiris.

Eis mais um texto de Estrabão, na palavra de Durville:

Moisés era um padre de Osiris que ocupava uma parte do país meridional. Em dissidência com o culto exterior, deixou o "nomo", seguido de uma multidão de homens que adoravam a Divindade a sua maneira. Êle professava que o simbolismo zoológico mantinha o povo no êrro, a respeito das coisas sagradas; que o simbolismo andrológico dos líbios e dos gregos tinha o mesmo inconveniente; que se Deus vivo se manifesta através do Universo inteiro, é uma razão para não particularizá-lo, emprestando-lhe uma das formas parciais do Cosmos.

"Ajuntava que se devia limitar a adorar o Inefável em um templo digno dêle, circundado de um território consagrado, mas desprovido de qualquer imagem representativa, de qualquer signo e de qualquer atributo figurado. Recomendava que homens esco-

lhidos dormissem no Templo, para receber as comunicações oneiróticas ou outras que interessassem ao indivíduo ou à sociedade.

"Segundo Moisés, o homem da Sabedoria e da Justiça merecia esta graça, e devia colocar-se sempre em estado de receber o benefício, sempre digno de ser honrado pela manifestação da Suprema Vontade.

"Nada em Moisés indicava intolerância.

"Deus e a Ciência que se ligavam a seu culto, eis qual era a sua fôrça.

"Um território neutro para fundar um Templo, uma Universidade de Deus, eis qual era seu objetivo;

"Prometia instituir uma religião, uma síntese social, sem exação sacerdotal, sem fantasias imaginativas, sob pretexto de revelação, sem sobrecarga de formalismos, sem o impudor das práticas.

"Moisés adquiriu um grande poder sôbre a opinião pública destas paragens." "Ciência Secreta", I Vol. "Moisés", pág. 293, 294).

Será êste o Moisés do A. Testamento? Houve algum sacerdote egípcio que falasse nos prodígios de Moisés? Onde o Deus iracundo, ciumento, vingativo e sanguinário de que nos falam as páginas do "Livro de Deus"? Se nada em Moisés indicava intolerância, como acentua o texto de Estrabão, tudo o que desmente esta assertiva e que se encontra na Bíblia é pura invencionice.

Salomão Reinach, em sua "História das Religiões", fala dêste modo:

"A existência de Moisés, (Mose — talvez "Mesu" — menino) não está demonstrada pelos livros bíblicos que, sem razão, lhe são atribuídos; não temos, no entanto, o direito de negá-la. Ela continua simplesmente duvidosa.

"Moisés pode ter sido um adorador de Javé, que fêz triunfar por algum tempo o culto de seu deus entre as tribos submetidas a sua influência, pode ter sido um homem de Estado, que reuniu as tribos e as inflamou com o seu entusiasmo. Quanto às minúcias de sua história, elas são míticas. A legenda do menino abandonado sôbre as águas se encontra desde a Germânia ao Japão, passando pela Babilônia. Diante do Faraó desce ao papel de um vulgar feiticeiro, armado de uma varinha mágica, cujos exercícios fazem sorrir. A passagem do Mar Vermelho a pé enxuto e o afogamento do Faraó são incidentes românticos, desconhecidos não sòmente dos textos egípcios, mas, ainda, dos mais antigos profetas de Israel. A promulgação de Lei do Sinai, pode ter um fundo histórico, se Javé fôsse verdadeiramente o deus local da montanha, o deus da clã de Moisés (não um Deus universal); mas, quem, pergunta Welhausen, pode crer sèriamente que Javé escreveu com sua mão os dez mandamentos sôbre a pedra? E quais são os "verdadeiros", os do Êxodo XX ou os do Êxodo XXIV, textos que oferecem diferenças notáveis?

> Enfim, a demora de quarenta anos no deserto já parecia pouco crível aos escrivães judeus, que inventaram, para atenuar o inverossímil, as histórias do maná e das codornizes caídas do Céu, invenções estas que provam que a tradição era muito antiga. Alguns milhares de pastores hebreus e não 600.000 homens, como quer a Bíblia, possìvelmente erraram durante algum tempo no deserto, antes de conquistarem Caná? O chefe político e religioso dêsses beduínos era Moisés, é o máximo que podemos reter e afirmar". (História das Religiões — "Moisés", pág. 280).

Como se vê, Salomão Reinach não fala em Estrabão, nem em Maneton; talvez não aceite tais fontes, como não as aceita G. Oncken em sua "História Universal" e, por isso, põe aquêle primeiro escritor, em dúvida a existência de Moisés. Outros historiadores são mais precisos, como Maurice Vernes:

> "Moisés, diz êle, libertador e legislador do povo hebreu, é menos ilustre por haver arrancado os seus à dura opressão que os egípcios faziam pesar sôbre êles, do que por haver dado um conjunto de leis destinado a regular sua conduta no país de Caná, no seio do qual os conduziu. Tal é, em duas linhas, a grandiosa figura que o "Pentateuco" exalta e que subsistiu mais ou menos intata até uma época aproximada de nós.
>
> Os trabalhos de críticos estabeleceram definitivamente, desde há pouco, que a pessoa de Moisés é mais lendária que real, e que o legislador cuja honra se lhe atribui é obra de homens que viveram oito ou dez séculos após a tomada de posse da Palestina pelos hebreus". (Enc. de Berthelot").

Como se pode observar, os historiadores são unânimes em afirmar que o "Pentateuco" não é obra de Moisés e alguns chegam a considerá-lo mais uma figura legendária que real.

Muitos bíblicos negam aos outros o direito de duvidar daquêle legislador que a Bíblia nos pinta, sem atentarem para os argumentos fortes que nos apresentam. Como é, pois, que a Cabala, depois de tudo o que vimos, pode, em bases falsas, constituir uma ciência? Como pode ela atribuir a Moisés uma coisa que lhe não pertence e que se encontra clara no "Pentateuco"?

Deixamos a resposta aos que souberam mais e melhor.

**O autor**

# INTRODUÇÃO

A análise que nos propomos fazer não encerra uma crítica desfavorável aos conhecimentos antigos. Não podemos subestimar o valor intelectual dos gênios que nos antecederam, porque sabemos que o progresso é resultante do esfôrço humano e que tudo envolve. Assim, não estamos a exigir dos gigantes daqueles tempos os nossos conhecimentos atuais.

Sabemos que a ignorância campeia desenfreada e para os que vivem nela mergulhados admitimos a aceitação de postulados antigos, hoje completamente destruidos pela ciência oficial.

O que, porém, nos causa admiração, é que homens de grande valor na atualidade, desprezem a sua própria razão, em nome de uma fé cega, para darem guarida a heresias científicas do tamanho da gênesis bíblica e, ainda, aceitem essas revelações sem nexo como se elas verdadeiramente partissem de Deus.

É para êsses que escrevemos êste livro. Sabemos que não será bem aceito pelos fanáticos do dogmatismo. Estamos, desde já, como que a ouvir o anátema de certas filosofias religiosas, inimigas do progresso, e a maldição dos que se enraivecem quando alguém pretende acender uma luzinha na cegueira de uma fé que traz prisioneiro o espírito entre quatro paredes.

Pouco importa. Quando o Cristo, com uma clareza meridiana, pôs por terra tôda a moral bíblica, é porque êle queria que nos afastássemos dêsse caminho sulcado de ódios e vinganças, para seguir um outro de amor e de perdão ao semelhante.

O Velho Testamento, diz Léon Denis, é o livro sagrado de um povo — o povo hebreu; o Evangelho é o livro sagrado da humanidade.

Também, não é pretensão nossa destruir tudo o que se encontra na Bíblia. Há filosofia e da boa em algumas de suas lendas. Há, incontestàvelmente, uma farta fenomenologia experimental, que pode ser tida como verdadeira, em face das mais modernas pesquisas da Ciência. Há alegorias notáveis como as que pretenderam tecer os autores do "Pentateuco", em tôrno da lenda de Adão e Eva. Há, não

resta dúvida, um sentido figurado nesta história que Kardec situa de maneira muito feliz na "Gênesis Segundo o Espiritismo".

Infelizmente a lenda a que nos referimos e muitas outras mais, têm raízes profundas em um passado distante, mais longe do que o assinala a Bíblia.

Em Hesíodo, fala-se do homem formado do limo da terra, do caos primitivo e da luz que sucede às trevas. A Pérsia, por sua vez, conserva a mesma lenda, aquela de um só homem e de uma só mulher colocados em um jardim de delícias e expulsos dêle por se terem deixado seduzir por Arihman, o mistificador e mentiroso.

A mitologia hindu fala de Adima e Heva, que significa o primeiro, nome primordial e o segundo, o que completa a vida.

A mitologia do Velho Testamento baseia-se nesses conceitos fundamentais: Deus, a Criação, a Queda dos Anjos, o Eden, Adão e Eva, a Serpente, a Tôrre de Babel, o Dilúvio, os Anjos e os Demônios, o Paraíso, o Inferno, os Patriarcas, um Legislador que conversa com Deus e os Profetas.

Louis Jacolliot afirma com outros estudiosos dos costumes e religiões da Índia que é certo que os primeiros livros da Bíblia foram copiados dos Vedas. A Índia misteriosa, berço incontestável das religiões, percorreu o mundo desde a mais remota antiguidade, emprestando os seus conceitos filosóficos onde quer que se falasse em espírito.

Segundo Emílio Bossi, as origens filológicas do Deus hebreu são comuns às dos outros deuses semíticos: Javeh, Jahouh, Jehovah, nascem de Eloha, Ilou, Jahouh, Jahoh, que são os nomes de Deus tirados dos diversos povos semíticos. Sôbre o Deus hebraico tiveram incontestável influência os outros deuses alheios ao grupo semítico, como Ahoura Mazda, persa, e Jehovah hebraico, que significa "o que é".

A criação se encontra no Gênesis, como em todos os livros sagrados de todos os povos mais antigos.

No Zend-Avesta, dos persas, o Ser Eterno cria o Céu e a Terra, o Sol, a Lua e as Estrêlas, em seis períodos, e o homem, como no Gênesis, aparece por último. Hyde-Valney diz que a ordem da criação persa é a mesma do Gênesis e nos livros etruscos encontra-se a mesma tradição.

Contando o dia de repouso, temos sete dias ou períodos número tidos por sagrados nas nações antigas, porque provinha da antiga adoração do Sol, da Lua, dos cinco planêtas e das fases lunares, que tinham lugar de sete em sete dias.

Na criação indiana, segundo as leis de Manu, o universo estava submerso nas trevas, da mesma forma que no Gênesis, quando o invisível Brâma as dispersou, e criou as águas, imprimindo-lhes o movimento. Criou logo uma série de divindades subalternas, chamadas anjos, presididas por Mohassura. Êste insufla os anjos a uma revolta contra o Criador, de cujo trono foram arremessados por seu incontido desejo de reinar. Foi Siva o encarregado de os expulsar do Céu Superior, sendo precipitados nos globos inferiores.

E nesta seqüência de coincidências poderiamos marchar indefinidamente.

No século em que vivemos, em que a fé encara sobranceira a razão face a face, a moral e a ciência bíblicas não nos podem mais servir. Mais de quatro mil anos nos separam daqueles velhos tempos. E por que se continua a ministrar nas escolas ensinamentos dessa natureza, fazendo acreditar a vítimas inocentes que tudo o que se encontra entre as páginas daquêle palimpsesto carcomido pela traça do tempo, é verdadeiro, emana de Deus? Não será isso uma crueldade? Por que incutir na criança a idéia de um Deus vingativo, rancoroso, de um Deus que só sabe se sua obra é boa, depois de terminá-la? De um Deus que se arrepende? Por que fazer conhecer a nossos filhos a história hedionda de massacres, de roubos, de pilhagens e de fatos que ferem a moral?

Progredimos muito e progrediremos sempre. Não podemos, por isso, aceitar, por uma questão de fé, as velhas teorias do passado. Respeitemo-las, apenas; elas servirão, ao menos, como história, para convencer os homens de que nada fica estacionário e tudo obedece à lei sábia da evolução.

E para uma demonstração decisiva de que os conhecimentos antigos não nos podem mais servir, passemos a palavra aos homens eminentes de um passado longínquo, que hoje contemplam do Alto, estarrecidos, as suas velhas concepções:

> "A mitologia hindu ensinava que o astro do dia se despojava à tarde de sua luz e atravessava o céu, durante a noite, com uma face obscura. A mitologia grega representava o carro de Apolo, puxado por quatro cavalos.
>
> Anaximandro de Mileto sustentava, segundo Plutarco, que o Sol era um carro cheio de fogo vivíssimo, que se escapava por uma abertura circular. Epicuro, segundo uns, sustentava a opinião de que o Sol se acendia pela manhã e se apagava à tarde nas águas do oceano; outros pensavam que êle fazia dêsse astro uma pedra-pomes aquecida até o estado incandescente. Anaxágoras considerava-o um carro quente do tamanho do Peloponeso. Coisa notável, os antigos eram tão invencìvelmente levados a considerar a grandeza aparente dêsse astro que perseguiram o temerário filósofo por ter atribuido tal

volume ao astro do dia, e foi-lhe precisa a autoridade de Péricles para salvá-lo de uma condenação à morte, e comutá-la em sentença de exílio". (1).

Se na época mais florescente da Grécia, no Vº século antes da era cristã, emitiam-se idéias desta ordem, não nos devem causar admiração aquelas que foram aceitas e defendidas com ardor por homens que viveram em um passado muito mais distante.

"A primeira idéia que os homens fizeram da Terra, do movimento dos astros e da constituição do universo, deveria ter sido em sua origem, ùnicamente baseada no testemunho dos sentidos. Na ignorância das leis mais elementares da Física e das Fôrças da natureza, e só dispondo de vistas limitadas como meio de observação, êles não podiam julgar senão pelas aparências.

Vendo o Sol aparecer pela manhã, de um lado do horizonte e desaparecer à tarde do lado opôsto, concluiram, naturalmente, que êle girava ao redor da Terra, enquanto que esta fica imóvel. Se nesse tempo se dissesse aos homens, que isso assim não era, mas o contrário, êles responderiam que tal não podia ser, porque vemos o Sol mudar de lugar e não percebemos a Terra movimentar-se". (2).

A humanidade de hoje difere muito da humanidade de ontem. Os raciocínios passados não mais se ajustam às nossas necessidades presentes.

Para nossos avós, era a Terra o único planeta existente. As estrêlas, a Lua e o Sol eram luzes criadas para iluminar nossa Terra. Impregnadas da ignorância absoluta das coisas do universo, as religiões teriam que sucumbir, no dia em que a verdade fôsse demonstrada.

Segundo Louis Figuier, em "Le Lendemain de la Mort", as religiões antigas, pode-se dizer, morreram em 1610, quando pela primeira vez o telescópio, recentemente inventado, foi dirigido para a Lua por Galileu. E daí para cá, o impossível perante a Ciência nada significa.

A Ciência não é definitiva e não fará nunca o seu ponto final. Ela vem sendo construida dia após dia. O amanhã corrigirá, por certo, os erros do passado.

Como tôdas as coisas, ela está sujeita a uma perpétua evolução.

Os conceitos emitidos por nossos antepassados não podem ser menosprezados, porque muitos dêles foram o início de uma prolongada pesquisa, da qual a Ciência acumulou não só conhecimentos mais objetivos, como novas teorias assentadas em bases diferentes.

---

(1) Camilo Flammarion — **Etudes et Lecture sur l'Astronomie** — Pág. 6.
(2) A. Kardec — **A Gênesis Segundo o Espiritismo** — 7.ª ed. pg. 96

A filosofia da Ciência não renega os postulados científicos de nossos ancestrais. Êles servirão, ao menos, como história e para permitir o estudo da evolução científica da humanidade.

A distância que nos separa de Moisés é muito longa e à medida que mais nos afastamos, menor se torna para o viandante a luz dos conhecimentos atribuidos ao legislador judeu. Dizer isto não é infamar. Não pretendemos diminuir o seu valor porque êle não fôsse dono de nossos conhecimentos em Física, Química e Astronomia. Moisés é o passado, e o presente, que somos nós, tem o dever de corrigir seus erros. Se assim não fôsse, estaria desmentida por completo a teoria já tantas vêzes comprovada da evolução.

Acresce mais, que só indiretamente nos referimos a Moisés, pois estamos com os que não acreditam que o "Pentateuco" tenha sido obra sua.

Fugir dos tempos em que vivemos, negar o progresso, apegar-se a fórmulas antigas, além de perigoso, é grandemente nefasto.

A Igreja Romana, tão distante hoje e mais ainda no passado, do Cristianismo primitivo, porque assim procedesse, cobriu-se de nódoas indeléveis, no martírio a que submeteu homens dos mais notáveis. Quando não os levava à fogueira ou à prisão, condenava-os a uma vida de eterna inquietude, fazendo-os sofrer as agruras da mais tenaz perseguição. De outra forma, capacitada de que o Papa era o representante legítimo de São Pedro, não teve ela o cuidado de selecionar entre os seus mais virtuosos vigários, homens que dignificassem com o seu proceder o pontificado de Jesus e comandassem da cátedra pontifícia a comunidade dos fiéis.

É uma lógica que não pode ser renegada por ninguém: Se Deus tivesse que eleger seus representantes na Terra, Êle iria escolher, certamente, os mais virtuosos e não entregaria, nas mãos de homens desclassificados, o destino de sua Igreja.

Assim, a História nos conta que homens da pior espécie existentes no mundo reinaram no Vaticano, dando pela sua cupidez, egoismo e perversidade, não só os mais nefastos exemplos, como, também, certa descrença na sua pseudo infalibilidade.

"Do século XI até o século XII, a história dos Papas é de causar vertigem. A loucura de Calígula, a ferocidade de Nero, a luxúria de Heliogábalo reaparecem. No século X, os condes de Tusculum entregam a Santa Sé às cortezãs e aos bandidos. João XII, Papa aos 17 anos, instala o seu harém em Latrão, e sagra um diácono em uma estrebaria. Bonifácio VII, destronado após 42 dias de pontificado, foge para Constantinopla com o tesouro da Igreja. Volta após a morte de Oton II, faz morrer de fome o seu sucessor João XIV nos poços de Santo Ângelo e arranca os olhos aos seus cardiais. Bento IX leva uma vida

tão horrível que tentam estrangulá-lo no altar. Foge, vende a tiara; pede moça em casamento, regressa à Roma, onde encontra dois anti-papas; é de nôvo expulso, faz envenenar Clemente II, ocupa pela terceira vez a cadeira de São Pedro, depois desaparece para sempre, encerrando-se como um animal selvagem nas florestas de Tusculum... Êste papado demoníaco, ou profundamente miserável, essa Igreja manchada por todos os crimes, que se curva à brutalidade do século, tornou-se o horror e o tormento da cristandade... A consciência popular que via a mão de Deus em tôdas as crises da História como em todos os fenômenos inquietantes, condenava silenciosamente a Igreja de Roma. Se Deus permitia tais catástrofes, era porque entregava à milicia de Satan os pastores cristãos". (3).

"No começo do século XIX, escreve Pompeyo Gener, grande número de bispos são casados. Só na Bretanha conta-se nada menos de quatro. Seus filhos herdam do episcopado. Todo o clero imita os bispos; os clérigos que não têm mulheres, têm concubinas; à falta de mulheres próprias, tomam as dos outros.

...A mulher do diácono reveste-se do caráter de sacerdotiza e sobe como êle ao altar. A do bispo disputa o paço à do Barão; reina na Igreja, como a outra reina no castelo" (4).

Segundo o erudito professor Dr. Joaquim Pimenta, em sua magistral obra "A Questão Social e o Catolicismo", as prerrogativas eclesiásticas são, como tudo o mais na Igreja, um meio de extorquir dinheiro ou de galgar uma posição rendosa; vende-se um bispado como se fôsse uma propriedade, um feudo, a que se anexam direitos hereditários.

Quando o Cristo, o sublime pregador do Cristianismo, se esmerava em dar o conforto moral aos infelizes, aos deserdados da sorte, aos leprosos, aos indigentes, destaca o papado confessores para as câmaras reais, mas nunca tiveram tempo os dignitários da Igreja para rezar uma missa por um pobretão infeliz que morresse na via pública. É comum, no entanto, verem-se estampadas nas colunas dos jornais, as missas dêstes príncipes em favor da alma de um Presidente de República ou de um senhor Ministro de Estado.

"Se com efeito, alguma coisa de genial saiu do Catolicismo, foi certamente um sistema de tortura tão perfeito, tão requintado, que deixa a perder de vista as legislações mais bárbaras e os costumes mais selvagens.

A despeito das defesas capciosas que apologistas católicos têm arranjado, visando irresponsabilizar a Igreja pelos crimes perpetrados por êsse terrível tribunal, em nome de um Deus que se proclama infinitamente misericordioso, a História nos diz pela voz dos teólogos pelas bulas pontificais, pelos atos canônicos, que à Santa Sé cabe a autoria de um regime de crueldade como não há igual na crônica dos povos que se não banharam na água lustral do Cristianismo". (5).

(3) E. Gebhart, **L'Italie Mystique** — pgs. 11 a 14
(4) **La Mort et le Diable** — pg. 354.
(5) Fleury — Hist. Ecles... livro LXXIII, n.º 54.

"Foi para o ano de 1200, que o Papa Inocêncio III estabeleceu êste tribunal (a Inquisição) para proceder contra os albingenses, herejes pérfidos que dissimulavam seus erros e profanavam os sacramentos em que não acreditavam absolutamente. "Mas o concílio de Verona, realizado em 1184, já havia ordenado aos bispos de Lombárdia que procurassem com cuidado e entregassem ao magistrado civil aquêles obstinados, a fim de serem corporalmente punidos". (6).

Segundo a bula *"Ille humani generis"*, de 24 de abril de 1233, êste tribunal foi adotado pelo conde de Tolosa em 1229, e confiado aos dominicanos pelo Papa Gregório IX, em 1233. Inocêncio III o estendeu a tôda a Itália, exceto a Nápoles. A Espanha a êle se submeteu inteiramente em 1448, sob o reinado de Fernando e Izabel. Portugal adotou-o sob o reinado de João III, de acôrdo com a forma aceita em Espanha. Doze anos antes, em 1545, Paulo III tinha formado a congregação da Inquisição, sob o nome de Santo Ofício, e Xisto V, o confirmou em 1588.

Tudo era motivo de condenação por parte dêsses juízes execráveis. Uma interpretação diferente daquela adotada pela Igreja, uma teoria mais avançada sôbre a gênesis da Terra e do homem, era motivo bastante para que se atirasse impiedosamente à fogueira uma criatura humana. O direito de defesa era pràticamente vedado, pois ninguém se atrevia a amparar um réu do Santo Ofício, uma vez que era sabido que o defensor cairia fatalmente nas iras dêsses juízes de conciência negra. O delator era naquele tempo cercado das mais distinguidas considerações.

O que vamos citar não são palavras de um irresponsável, é o abade Berlier que assim nos conta:

"Não se confrontam os acusados com os delatores, e não há delator que não seja ouvido; um inimigo condenado pela justiça, uma criança, uma cortezã, são acusadores graves. O filho pode depor contra o pai, a mulher contra o marido, o irmão contra o irmão. Enfim, o acusado é obrigado a ser o seu próprio delator, a adivinhar e a confessar o delito que lhe é atribuido e que êle muitas vêzes ignora."...

Diz, ainda, o erudito professor Joaquim Pimenta, em sua obra já citada, que um eclesiástico, José de Olmo, descreve assim, com uma simplicidade "verdadeiramente cristã" um auto da fé que se celebrou em Madrid, em 1870: 21 indivíduos foram entregues ao braço secular e queimados vivos; 11 outros fizeram abjuração *de levi;* 24 judaizantes reconciliados e vestidos com o sambenito, foram submetidos a diversas penas; 34 efígies representavam os condenados que morreram nas prisões e pelos tormentos, ao todo, 270 culpa-

(6) Joaquim Pimenta — **A Questão Social e o Catolicismo** — 2.ª ed. pg. 93.

dos. O autor refere-se a indulgências extraordinárias concedidas a todos os que assistem a um auto da fé, tão salutar para a conservação da crença."

A Espanha via a sua população dizimada pelo nefasto tribunal. Naquele país, continua o ilustrado Professor, cuja decadência se atribui em grande parte à ação humanitária dos inquisidores sôbre a vida nacional, foram queimados vivos, de 1481 a 1803, — 34.658 pessoas (10.200 em 17 anos); queimados em efígie, 18.049 e condenados às galés e à prisão, 288.214.

"Quando se massacra um ímpio, a graça de Cristo se espalha sôbre a Terra.

"...Não julgamos que sejam homicidas aquêles que, ardendo de zêlo por sua mãe, a Igreja católica, contra os excomungados, massacrem alguns". (7).

"Além da confiscação dos bens, da tortura e da morte a que eram condenados os livres pensadores, os seus descendentes, "até a segunda geração, nada podiam possuir; eram excluidos das funções públicas e de tôdas as honras, salvo aquêles que não seguindo a heresia de seus pais, denunciavam as suas perfídias". (8).

As descobertas da Astronomia, porque desmentissem ou anulassem determinadas passagens das Escrituras, movimentaram todo o Sacro Colégio. Os prelados eminentes, responsáveis pela integridade da gênesis mosaica, moveram tenaz perseguição aos sábios da época. Assim é que Pedro de Albano, autor de um tratado sôbre a nova ciência; Césco Dáscoli, por ter proclamado a teoria do movimento da Terra; Giordano Bruno, por ser astrônomo; Antonio de Dominis e Campanela, por terem professado uma teoria semelhante à de Galileu; Copérnico, autor da "Astronomia Nova"; Roger Bacon, o sábio monge de Oxford, pelo fato de ser físico e astrônomo e pesquisar sôbre as perseguições movidas contra os que se dedicavam a estas ciências; Francisco Bacon, Descartes, por serem astrônomos; o sábio jesuita Fabri, porque em um sermão aconselhava a Igreja a tomar em sentido figurado as passagens das Escrituras, uma vez provada a teoria do movimento da Terra; Galileu, cuja história é por demais conhecida, pela aparição de seus imortais "Diálogos", onde o movimento da Terra era estabelecido, conjuntamente com outras verdades da Astronomia e da Física, foram todos sacrificados. Entre os sábios citados, uns foram queimados em efígie, porque morreram nas masmorras, outros atirados, em nome de Deus, às chamas vingadoras, ou perseguidos pelos padres e beatos durante

(7) Corpus Juris can. cit. por A. Morin — **L'Espirit de l'Eglise.**
(8) Decreto do Imperador Francisco II, homologado por Inocêncio IV e inserto no Corpus Juris canonici, Sept. decr. liv. V; tit. III, cap. I — Pgs. 177 a 178 — cit. por A. Morin, obra cit. Pag. 96.

tôda a existência. Temos mais o filósofo italiano Vanini, queimado vivo em companhia de dois monges e que subiu ao suplício com uma coragem admirável, a contrastar com a covardia de seus infelizes algozes. Centenas de outros foram presos em masmorras e lá morreram por pregarem a verdade da Ciência, a maior revelação de Deus às suas criaturas.

No dizer do abade Morel, a Inquisição é a obra prima da Igreja de Roma; obra que ela instituiu para consolidar o seu domínio sôbre os homens.

Já que falamos em Vanini e em Giordano Bruno, vamos aqui deixar a sua história, para a edificação dos leitores:

"Vanini porque considerasse Deus não a causa, mas a substância do mundo; apesar dos argumentos com que procurava convencer os inquisidores de que não era ateu, foi horrìvelmente torturado e queimado vivo. Antes de acender-se a fogueira, conta Grammond em sua "História Gall, ab Henric IV", ordenou-se-lhe que estirasse a língua para ser cortada. Êle se recusou. O carrasco só o pôde conseguir com tenazes de que se serviu para prendê-la e cortá-la. Nunca se ouviu um grito tão horrível. O resto de seu corpo foi consumido pelo fogo e as cinzas lançadas ao vento". (9).

Vejamos o que nos diz Victor Cousin, em seu livro "Oeuvres", escrito há 113 anos, a respeito das convicções teistas de Vanini:

"Todo ser é finito ou infinito. Não há um só ser finito que se baste a si mesmo, que seja êle mesmo sua própria substância. Eis a razão de se poder dar uma demonstração precisa de Deus. Esta demonstração não repousa sôbre a relação do efeito à causa, mas sôbre a relação do fenômeno ao ser, à substância. Uma vez que todo ser acaba, não se basta a si mesmo; é necessário que êle tenha qualquer coisa de infinito; pois, de outro modo não haveria um ser finito possível, nada existiria. Ora é impossível que não haja um ser infinito e eterno. Êste ser infinito e eterno é Deus". (10).

Êste homem que professorava semelhante doutrina, foi queimado vivo em Tolosa como ateu.

"Giordano Bruno, o maior filósofo da Renascença, como o classifica o eminente Professor Harold Hoffding, foi condenado à morte por ter ensinado, além de outras coisas que desnorteavam a velha escolástica, a teoria da pluralidade dos mundos.

Êle foi degredado, excomungado e entregue ao braço secular. O Governador de Roma, com a prece hipócrita e costumeira na qual prometia puni-lo com indulgência, sem derramamento de sangue, mereceu de Bruno a esta condenação um gesto de ameaça: "Vós que proferis contra mim esta sentença, tendes, talvez, mais mêdo do que

(9) A. Fouillet — **Histoire de la Philosophie** — pag. 278.
(10) Victor Cousin — **Oeuvres** — ed. 1840 — pag. 208.

eu contra quem ela é pronunciada". Êle fazia, sem dúvida, alusão ao mêdo que tinham da verdade, porque êle afrontava o temor do sofrimento ao serviço desta mesma verdade!... Foi queimado vivo no dia 17 de fevereiro de 1600, no campo de Fiora, tendo enfrentado a morte estoicamente. Repeliu um padre que queria estender-lhe um crucifixo e expirou sem soltar um grito... Suas cinzas foram abandonadas ao vento. Mas no lugar em que foi queimado, erigiu-se-lhe em 1889 uma estátua com o produto das subscrições de todo o mundo civilizado e o Estado italiano tratou de confeccionar atualmente, à sua custa, uma edição de luxo de suas obras". (11).

Outra vítima do ódio teológico foi o cavalheiro de la Barre, um jovem de menos de 19 anos de idade, queimado vivo, depois de lhe haverem cortado a mão direita e a língua. Isto em 1766. Disso falaremos adiante.

**"Segundo os cânones, as pessoas da Igreja não podiam por si pronunciar nenhuma sentença de morte. (Ecclesia abhorret Sanguine);** mas estava entendido que a autoridade laica não tinha direito de recusar-se, sob pena de cometer um crime tão grave quanto a heresia, a punir condignamente as pessoas **que a Igreja lhe entregava. Por outro lado, o uso se introduzira, de que o braço secular fizesse perecer os herejes pelo fogo**...". (12).

Como vêem, a Bíblia, que, no dizer de alguns, conserva tôda a ciência da antiguidade, tem que ser posta à margem, pois, não progrediu, não satisfaz mais as exigências da ciência contemporânea e se, como a Igreja romana, a tomarmos como padrão de moral e de conhecimentos, estaremos expostos a cometer os mesmos erros e a manchar-nos com as mesmas nódoas. São os postulados de um conhecimento antigo, hoje inaceitável, a influir sôbre a moral do Cristianismo degenerado pelos falsos pastores e por outras seitas da mesma filosofia.

Assim como a Inquisição, foi a noite de S. Bartolomeu inspirada na intolerância das Escrituras. Haverá alguém capaz de afirmar que aquela hedionda carnificina tivesse exemplo nos ensinamentos de amor e de perdão, essência divina da doutrina do manso Nazareno?

Sabe-se que naquela noite rubra de sangue, os padres participaram da matança dos Huguenotes e cobriram de crepe o coração de Jesus, o missionário, por excelência, que sacrificou sua vida, para que os homens, no exemplo de sua extrema renúncia, aprendessem a amar e a perdoar. E será que tudo isso se passou sem o conhecimento e o beneplácito do papa? Vejamos:

---

(11) **Histoire de la Philosophie Moderne** — vol. I — pgs. 129.
(12) **La Grande Encyclopédie de Berthelot** — Letra S.

"Em Roma, no entanto, o papa Gregório XIII celebrou o episódio sangrento com júbilo. O mensageiro que primeiro trouxe a boa notícia, recebeu mil táleres e foi cantado um "Te Deum" ante o inteiro colégio dos Cardiais.

Gregório pediu ao embaixador francês que comunicasse a seu rei que os acontecimentos de Paris o tinham deleitado mais que cinqüenta vitórias como a de Lepanto. A cidade foi iluminada, uma procissão foi organizada e cunhada uma medalha em comemoração aos acontecimentos". (13)

Otto Zoff afirma que uma estimativa conservadora dá a cifra de 2.000 pessoas mortas em Paris e 20.000 em tôda a França.

Como citamos o nome de um historiador que possa ser suspeito, socorramo-nos, agora, de E. Vacandard, doutor em teologia e vejamos o que êle nos diz em sua obra "Études de Critique et d'Histoire Religieuse", cuja autoridade vem selada com o imprimatur indispensável de um arcebispo:

"Para deter o progresso dêsses males, tornava-se preciso recorrer a meios enérgicos. Pio V desejava vivamente lançar tôdas as potências católicas, ao assalto dos inimigos da Igreja. Mas a diversidade dos interêsses políticos dos príncipes desarranjou êsse audacioso plano. Êle pôs, ao menos, o seu dinheiro e as suas tropas ao serviço de Carlos IX... Êsse exército, engrossado, ainda, com os contingentes fornecidos por alguns príncipes italianos, juntou-se às fôrças comandadas pelo duque de Anjou.

A Carlos IX entregava ao mesmo tempo o conde de Santa Fiori um breve do Soberano Pontífice em que êste assim se expressava: "A ternura paternal com que estimamos vossa pessoa e a dor que sentimos ao ver o vosso reino tão cruelmente dividido pelas facções de vossos súditos heréticos e rebeldes, obrigando-nos a vos conceder prontamente o socorro de que tendes necessidade em nome de Deus Onipotente, enviamos a Vossa Majestade as tropas de infantaria e de cavalaria de que se servirá na guerra que os Huguenotes, vossos súditos, que são também inimigos declarados de Deus e da Igreja, atearam contra vossa pessoa sagrada e contra o bem geral do reino". (Carta de 6 de março de 1569).

Eis aí o retrato de Moisés. Uma carta cheia de mansuetude hipócrita a repetir a mesma história que se conta do Patriarca dos judeus, sedento sempre de sangue, de ódios e de vinganças. E no entretanto, eram os Huguenotes filiados, apenas, a uma igreja diferente, mas como os católicos, adoravam o mesmo Deus, o mesmo Jeová da Bíblia.

Na batalha de Jarnac, a primeira que se travou, continua Vacandard, coube a vitória ao exército real, com o que Pio V *experimentou grande alegria, rendendo a Deus vivas ações de graças.*

---

(13) Otto Zoff — **Os Huguenotes** — pg. 130.

Eis a carta escrita por Pio V a Carlos IX, em 1659:

"Persegui e abatei tudo o que restar de vossos inimigos. Se não arrancardes as raízes do mal, elas rebentarão, como já o fizeram tantas vêzes".

À rainha Catarina de Medicis:

"Se V. Majestade continuar a combater aberta e livremente, até a sua completa destruição, os inimigos da Igreja católica, pode estar segura de que jamais lhe faltará o socorro divino".

Êstes conselhos sanguinários, no comentário do autorizado crítico e teólogo, visavam também aos prisioneiros que o duque de Anjou fizera na batalha. Certo número dêles já havia sido pôsto em liberdade. Pio V protesta contra essa medida de clemência que, segundo êle, só pode ser prejudicial à Igreja e ao Estado. Por coisa nenhuma do mundo, diz êle, e de modo algum, sejam poupados os castigos e os suplícios que êles merecem pelos seus crimes... Mostrai-vos para com todos igualmente inexorável: *seque omnibus inexorabilem te proebere;* agir de outro modo seria ofender a Deus e comprometer ao mesmo tempo a salvação do rei e a segurança do reino".

Como difere, comenta o autor da "Questão Social e o Catolicismo", esta linguagem das palavras de amor e de concórdia dos primitivos e humildes pregadores da fé cristã! E dizemos nós, como elas são a reedição dos morticínios bíblicos, das atitudes selvagens atribuidas a Moisés e ao sanguinário Jeová!

O júbilo com que o papa recebeu a notícia da trágica noite de S. Bartolomeu, que citamos atrás, da autoria de Otto Zoff, vamos encontrá-la também, no mesmo Vacandard, em "Études de Critique et d' Histoire Religieuse", à página 274.

Não podemos continuar a narrativa, por demais longa, da triste história dos Huguenotes, apesar de termos em mãos tôda a documentação histórica daqueles tempos. Seria cansar o leitor e precisamos de suas energias para que êle, ao menos, em consideração ao nosso esfôrço, chegue até a última página dêste livro.

Eis no que dá o fanatismo, a fé irracional, o apêgo às velhas tradições. Eis no que deu a ojeriza que a Igreja sempre demonstrou pela Ciência, o menosprêzo pelas idéias alheias, como se se pudessem impôr convicções.

* * *

A doutrina de Jesus, como rezam os Evangelhos e as Epístolas, é doutrina de liberdade. A afirmação dessa liberdade moral e da su-

premacia da consciência, é repetida em quase tôdas as páginas do Nôvo Testamento. Foi por terem desconhecido êsse fato que os chefes da Igreja fizeram desorientar o Cristianismo e oprimiram as consciências. Como dizia Léon Denis: *Impuseram a fé em vez de a solicitar à vontade livre e esclarecida do homem e assim fizeram da história do Catolicismo o calvário da humanidade".*

O mesmo se pode dizer do raciocínio, tão pouco considerado pelos que se dizem representantes d'Aquêle que foi a Razão personificada, o Verbo, a Palavra. Esqueceram o que disse S. João: *"Essa luz com que todo o homem vem a êste mundo é una".*

> **"Ó razão — dizia Fénelon em momento de profunda intuição — não és tu o Deus que eu procuro?".**

Se a Igreja, diz, ainda, Denis, tivesse compreendido a essência mesma do Cristianismo, ter-se-ia abstido de lançar o anátema ao raciocínio e de imolar a liberdade e a Ciência no altar das superstições romanas.

O direito de pensar é o que de mais nobre e o que de maior existe em nós. Ora, a Igreja sempre se esforçou por impedir o homem de usar dêsse direito e lhe disse: *Crê e não raciocines; ignora e submete-te; fecha os olhos e aceita o jugo".* Não é isso ordenar que renunciemos ao divino privilégio?

Evidenciamos pelo que já foi exposto, o quanto os homens têm vivido em contradição. Aceitando uma doutrina de amor, o Cristianismo, uma doutrina que proibe matar, em qualquer que seja a circunstância, difícil, por isso, de ser posta em prática, uma doutrina de perdão ao semelhante, não chegamos a atinar com a causa que fêz com que êsses mesmos homens pudessem conciliar os sublimes postulados de Jesus, com os que foram expostos por Moisés, em nome de um imaginário Jeová!

Deus de infinita bondade a condenar seus filhos pelo êrro cometido pelos nossos "primeiros pais"!

> "Que pensar, diz com razão E. Bellemare, de um juiz que condenasse um homem sob pretexto de que há milhares de anos, um seu antepassado cometera um crime? É, no entretanto, êsse odioso papel que o Catolicismo atribui ao Juiz Supremo — Deus!"

Assim, comenta Denis, se considerarmos o dogma do pecado original e da queda tal qual é, em realidade, isto é, como um mito, uma lenda oriental, exatamente como se nos depara em tôdas as cosmogonias antigas; se destruirmos com um sôpro tais quimeras, todo o edifício dos dogmas e mistérios imediatamente desmorona. Que res-

tará, então, do Catolicismo? Restará o que êle contém em si de verdadeiramente grande, de vivo e racional, isto é, tudo o que é suscetível de elevar e fortalecer a humanidade.

"A queda da humanidade em Adão, diz o abade Noirlieu em seu "Catecismo Filosófico para Uso dos Seculares", e a sua reparação em Jesus Cristo, são os dois grandes fatos sôbre que repousa o Cristianismo. Sem o dogma do pecado original não mais se concebe a necessidade do Redentor. Por isso nada é ensinado mais explicitamente pela Igreja do que a queda de Adão e as suas funestas consequências, para todos os seus descendentes".

Michelet, o célebre historiador, responde assim às seitas cristãs:

"Como! O espírito humano seria pervertido por antecipação? Ao nascer o homem seria máu? A criança que eu recebo em meus braços, apenas, saída do seio materno, já seria uma criança condenada? A esta questão atroz, que não custa mais que escrevê-la, a Idade Média, sem piedade, sem hesitação, responde: Sim, esta criatura que tem a aparência de inofensiva, de inocente, sôbre quem tôda a natureza se enternece, que a lôba ou a leôa viria amamentar se lhe faltasse a mãe, ela não é mais que o instinto do mal, o sôpro veneroso da serpente que perdeu Eva! Ela pertence ao Demônio se não se tratar de exorcisá-la!...".

Michelet, apenas, cita a concepção dogmática da Idade Média, envenenada pela peçonha do pecado original. A sua citação, porém, é uma resposta, é uma réplica às artimanhas e às argúcias escolásticas.

Depois de fotografar nìtidamente o conceito que os católicos e algumas seitas da árvore frondosa do Cristianismo fazem de Deus, de sua justiça, de sua infinita misericórdia, penetremos no terreno escabroso da gênesis bíblica.

# DEUS CRIA OS CÉUS E A TERRA

"No princípio criou Deus os Céus e a Terra". "E a Terra era sem forma e vazia; e havia trevas sôbre a face da Terra; e o Espírito de Deus se movia sôbre a face das águas". (Gên., I, 1 e 2).

FOI assim que traduziram os versículos acima; mas esta tradução, segundo Voltaire, em seu "Dictionnaire Philosophique", ed. 1860. t. 13. pg. 459, não é exata.

Não há quem possua, diz êle, um pouco de instrução que ignore que o verdadeiro texto é êste: *"No comêço os deuses fizeram ou os deuses fêz o Céu e a Terra"* (*) De outro modo, esta lição está conforme com a antiga idéia dos fenícios, que tinham imaginado haver Deus empregado deuses inferiores para desenredar o caos. Os fenícios eram, há muito, um povo poderoso; possuiam sua Teogonia muito antes que os hebreus se apropriassem de qualquer porção de seu país. É, pois, natural pensar que quando êstes tiveram, enfim, um pequeno contato com a Fenícia, começaram a aprender a língua e assim, os escritores puderam tomar de empréstimo à antiga Física de seus mestres; é a marcha do espírito humano.

No tempo em que se coloca Moisés, saberiam o bastante os filósofos fenícios para olhar a Terra como um ponto, em comparação com o infinito de globos que Deus espalhou na imensidade do espaço, que se chama Céu? Esta idéia tão antiga e tão falsa de que o Céu foi feito para a Terra, sempre prevaleceu entre os povos ignorantes. É como se dissséssemos que havendo Deus criado as montanhas e um grão de areia, fizesse aquelas para êste. Não é tão pouco possível que os fenícios, tão bons navegadores, não tivessem bons astrônomos; mas prevaleciam os velhos preconceitos e êstes devem ter sido manejados pelo autor do Gênesis, que escrevia para ensinar os caminhos de Deus e não os caminhos da Física.

---

(*) Com o plural Elohim, exprimindo a coletividade, o verbo deve ser empregadc no singular: os deuses "criou", ao passo que, falando essas fôrças de si mesmas, o verbo está no plural: "Disse Elohim: Façamos o homem à nossa imagem.

A Igreja romana, apesar do grande progresso da Física, da Química e da Astronomia, ainda ensina, como verdades, aquêles dois versículos da Bíblia. Não ignorando qual a composição da água, insiste em afirmar nas escolas que a Terra foi tirada dêsse elemento. Para os espíritos desprevenidos é bom que recapitulemos uma velha lição recebida em nossos tempos de infância. A água é uma substânca líquida, incolor e inodora, composta de hidrogênio e oxigênio. Êstes dois gases, bem como os seus congêneres, tiram a sua origem da incandescência, seja primitiva, seja atual do interior de nosso globo. Assim, não podia Moisés ter tirado a Terra das águas. E o que mais nos choca, é que, segundo consta, o velho patriarca se diz, apenas, intermediário dêsses ensinamentos, que lhe foram ministrados pelo próprio Deus.

Provado, com tôda a simplicidade, que isto é um fato inteiramente falso, a dar crédito a Moisés, ou aos autores do Gênesis, Deus se enganou. Como, porém, o Criador não pode estar sujeito a enganos, conclua-se que tudo isto é, apenas, uma história forjada, ou melhor, um plágio da gênesis dos toscanos, povo que viveu muitos séculos antes e que se estabeleceu do Arnus ao Tibre.

Perdoem-nos aquêles de nossos leitores convictos, até o momento, das ilusórias verdades bíblicas, o estarmos contribuindo para a derrubada de seus sonhos, das fantasias que os vêm embalando desde o berço. Somos obrigado a isto por um imperativa da Ciência e da História.

Engrandecer a Ciência é louvar a Deus. Sacrificar a verdade em detrimento de lendas é tentar diminui-lo.

Assim, vêmo-nos forçado a desfazer sonhos multiseculares, provando que Moisés nada fêz de original e que tudo o que consta da Bíblia foi bebido sofregamente em religiões mais antigas do que a fundada pelo chefe judeu.

Em *Suidas,* no artigo *Thyrrenia,* se pode verificar que os seis dias da criação de que trata a gênesis bíblica, foram copiados quase que inteiramente da cosmogonia dos toscanos, como afirmamos acima:

Encontraremos desta forma nesta cosmogonia:

No 1.° mil Êle fêz o Céu e a Terra;
No 2.° mil Êle fêz o firmamento a que chamou Céu;
No 3.° mil Êle fêz o mar e as águas que correm na Terra;
No 4.° mil Êle fêz os dois grandes fachos da natureza;
No 5.° mil Êle fêz a alma dos pássaros, dos répteis, dos quadrúpedes, dos animais que vivem no ar, sôbre a terra e o mar;
No 6.° mil Êle fêz o homem.

Comparemos o que se encontra acima, com o que vamos ver na gênesis de Moisés:

"No 1.º dia Deus criou o Céu e a Terra;

N.o 2.º dia Deus fêz o firmamento a que chamou Céu;

N.o 3.º dia Deus juntou as águas e fêz o mar;

No 4.º dia Deus fêz os corpos luminosos que estão no Céu, e os dois grandes fachos que presidem o dia e a noite;

No 5.o dia Deus fêz os répteis, os pássaros, os peixes e todos os animais que têm vida e se movem;

No 6.o dia Deus fêz o homem".

Que os leitores confrontem as duas gênesis e nos digam se é possível emprestar a Moisés o que já existia há muitos séculos atrás.

O que não vacilamos em afirmar, entretanto, é que os autores do Gênesis, pronfundamente versados em religiões, conhecedores da Ciência e da Filosofia de seu tempo, nada mais fizeram do que transplantarem para a religião judaica, verdadeira colcha de retalhos das concepções de suas ancestrais, as principais lendas nelas existentes.

Não nos causa admiração que a criação bíblica tenha sido inspirada em religiões mais antigas e que tôdas elas fôssem beber na Índia a origem de tudo o que a êste respeito existe. O que nos surpreende e com o que não nos podemos conformar é com o fato de quererem impingir-nos como verdades, coisas que a Ciência há muito destruiu completamente.

Kardec, como dissemos no início desta obra, encontra alegorias na Bíbla e as explica com lógica. Não deixa, porém, de reconhecer o infinito de senões existentes no Velho Testamento.

Diz êle que a Bíblia contém fatos que a razão, desenvolvida pela Ciência, não pode aceitar. Outros repugnam, por se ligarem a costumes que não são mais de nossos dias.

A alegoria, diz o mestre, tem nela parte considerável e, sob êsse véu, oculta verdades sublimes, que ressurgem quando se procura o fundo do pensamento:

"Por que razão não se levantou êsse véu mais cedo? Porque de um lado havia deficiência de luzes, que só a Ciência e uma perfeita Filosofia, podiam trazer, e de outro modo, o princípio da imutabilidade absoluta da fé, conseqüência de um respeito demasiado cego pela letra, sob a qual a razão se inclinava e, por conseguinte temia comprometer a base de crenças estabelecidas no sentido literal.

Partindo essas crenças de um ponto primitivo, temia-se que, se o primeiro anel da cadeia viesse a quebrar-se, tôdas as malhas da rêde se romperiam, motivo pelo qual se fecharam os olhos sôbre o perigo. Mas fechar os olhos sôbre êste não é evitá-lo. Quando um

edifício cede na sua construção, não é mais prudente substituir logo os materiais em máu estado por outros bons, do que, por consideração à velhice do edifício, esperar que o mal fique sem remédio e que mais tarde seja preciso reconstruí-lo todo de nôvo?

A Ciência, levando suas investigações desde as entranhas da Terra, até as profundezas do Céu, demonstrou, portanto, inquestionàvelmente os êrros da gênesis mosaica, tomada ao pé da letra, e a impossibilidade material de que as coisas se passassem do modo pelo qual estão aí textualmente narradas, dando por essa forma, profundo golpe em tôdas as crenças seculares.

A fé ortodoxa ficou combalida, julgando ver arrebatada a sua pedra fundamental. Mas, quem devia ter razão: a Ciência marchando prudente e progressivamente sôbre o terreno sólido dos algarismos e da observação, sem nada afirmar, antes de ter a prova a seu alcance, ou uma exposição escrita em uma época em que faltavam absolutamente os meios de observação? Quem vencerá finalmente: aquêle que diz que dois e dois são cinco, e recusa verificar ou aquêle que diz que dois e dois são quatro, e fornece a prova?" (14).

Diz, ainda, o codificador da doutrina dos Espíritos que, incontestàvelmente, Deus, que é a pura verdade, não podia conduzir os homens ao êrro, consciente, nem inconscientemente; do contrário, não seria Deus. Se, portanto, os fatos contradizem as palavras atribuidas a Êle, é preciso concluir lògicamente que Deus não as pronunciou ou que foram tomadas em sentido contrário.

Se a religião está em algumas de suas partes em contradição com a Ciência, a culpa não é desta última, que não pode negar o que existe; mas dos homens, por terem prematuramente fundamentado dogmas absolutos, fazendo dêles questão de vida e morte, sôbre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência. Será sensato, pergunta o mestre, por consideração aos textos recebidos como sagrados, impôr silêncio à Ciência?

Lançar o anátema sôbre o progresso como atentatório à Religião, é lançá-lo igualmente sôbre a obra de Deus, além do que é trabalho inútil, porque todos os anátemas do mundo não impedirão a Ciência de marchar e de se tornar patente a verdade.

"Se a Religião recusa caminhar com a Ciência, a Ciência seguirá sòzinha".

"A Terra era tohu bohu e vazia, e havia trevas sôbre a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia (planava) sôbre a face das águas".

"Tohu bohu" significa precisamente caos, desordem; é uma dessas palavras imitativas que se encontram em tôdas as línguas; é o que nos dizem Voltaire e Léo Taxil. A Terra não estava ainda for-

(14) A. Kardec — **A Genesis Segundo o Espiritismo** — C. IV — pg. 89.

mada tal qual é: a matéria existia, mas o poder divino não a havia ainda organizado. O Espírito de Deus significa ao pé da letra "o sôpro, o vento", que agitava as águas. Esta idéia, diz, ainda o escritor francês, está expressa nos fragmentos do autor fenício Sanchoniaton. (*).

Os fenícios acreditavam, com os demais povos, na matéria eterna. Não há um só autor da antiguidade que haja dito que se pudesse tirar alguma coisa do nada. Não se encontra, mesmo em tôda a Bíblia, nenhuma passagem que afirme que a matéria tenha sido feita do nada.

Os homens estiveram sempre divididos quanto à questão da eternidade do mundo, mas nunca quanto à eternidade da matéria.

................................ *Gigni*

*De nihilo nihilum, innihilum nil posse reverti. (Pers., Sat. III, 83).*

Eis como pensava tôda a antiguidade.

(*) Sanchoniathom, citado por Eusébio, é anterior a Moisés. Se êle fôsse contemporâneo do patriarca ou mesmo houvesse vivido depois, êle, por certo, ter-se-ia reportado aos prodígios praticados por aquêle legislador, bem como sôbre as matanças incríveis que a Bíblia consígna. Sanchoniathon, escreveu em Berithe, cidade vizinha do país onde os judeus se estabeleceram.

## DEUS CRIA A LUZ E A SEPARA DAS TREVAS

"Deus disse: haja luz. E houve luz",
"E viu Deus que era boa a luz, e fêz Deus separação entre a luz e as trevas". (Gên. 1, 3 e 4).

NÃO podemos atinar como é possível separar a luz das trevas. Haverá no mundo trabalho mais difícil?

Quem ignora, hoje, que a luz nos vem do Sol e que o Sol é o foco imenso e único de onde ela se irradia? O Sol, no entanto, foi criado sòmente no quarto dia. A despeito, ainda, de tôdas as leis de atração e de gravitação, fêz o Criador em primeiro lugar a Terra que é um simples satélite do astro rei. Sendo o nosso globo sujeito a êle em seu movimento de translação, a sua formação deveria ter sido posterior.

Êsse êrro se originou da idéia falsa que se fazia da criação do Universo.

Para os antigos era o nosso insignificante planeta o centro do mundo. A Ciência hoje nos revela que antes do nosso Sol e da nossa Terra, bilhões de sóis e de terras rolavam pelo infinito dos Céus.

Os teólogos tentaram salvar os seis dias da criação, procurando interpretá-los como períodos geológicos. Há mais de um século atrás, porém, já se sabia que eram arbitrários os seis períodos geológicos atribuidos à gênesis bíblica, uma vez que nesta época se contavam mais de vinte e cinco formações caracterizadas.

A dúvida desaparece com a clareza dos textos bíblicos:

"Deus chamou à luz, "dia", e às trevas, "noite".
"E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro". (Gên. I, 14 e 15).

Isto só se pode aplicar ao dia de 24 horas.

Mais claro se torna, ainda, o sentido, nos seguintes versículos:

"E fêz Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para govenar a noite; e fêz as estrêlas".

"E Deus os pôs na expansão dos Céus para iluminar a Terra". (Gên. I, 16 e 17).

O Deus de Moisés, ao que tudo indica, não era muito versado em Astronomia, do contrário, teria sabido que a Lua não possui luz própria e que apenas irradia aquela que recebe do Sol. Como é, pois, que o Patriarca se arranjou nos três primeiros dias da criação, considerando que o Sol só foi feito no quarto?

Depois, chamar os sóis gigantescos de simples luminares, é provar muito ignorância em matéria de Ciência.

Não podemos exigir dos autores do Gênesis, os conhecimentos físicos e químicos que hoje possuimos, mas os católicos, cuja moral religiosa não entra absolutamente em debate, erram grandemente, pretendendo fazer-nos crer como provindas de Deus tôdas essas heresias científicas.

Voltaire, pouco simpatizado pelo clero, porque nunca aceitasse as suas puerilidades teológicas, diz:

"Si Dieu avait d'abord répandu la lumière dans les airs pour être ensuite poussée par le soleil, et pour éclairer le monde, elle ne pouvait être poussée, ni éclairer, ni être separée des tenèbres, ni faire un jour du soir au matin, avant que le soleil existât; cette theorie est contraire à toute physique et a toute raison". (15).

"Se Deus tivesse a princípio espalhado a luz nos ares, para ser em seguida jorrada pelo Sol, a fim de iluminar o mundo, não poderia essa mesma luz ser projetada, nem iluminar, sem ser separada das trevas, nem fazer um dia da tarde à manhã, antes que o sol existisse; esta teoria é contrária à física e ao bom senso."

Êste dogma, de que Deus começou pela criação da luz, está inteiramente conforme a opinião do antigo Zoroastro e dos primeiros persas; êles separaram a luz das trevas. Até aí estiveram de acôrdo com os hebreus e os persas, mas Zoroastro foi bem mais longe. A luz e as trevas foram inimigas, e Arihman, deus da noite, foi sempre um revoltado contra Oromase, o deus do dia: eis uma alegoria impressionante e de uma filosofia profunda.

Moisés, diz Léo Taxil, profundamente ignorante em Astronomia, se deixou iludir pelo Espírito Santo: pois, a divina pomba sabia, no tempo em que foi escrito o Gênesis, aquilo que Roemer deveria descobrir em 1875. Nota-se, ainda, a nenhuma importância que têm as estrêlas na criação bíblica. Os "dois grandes luminares" são o Sol e a Lua; a Lua! que não é senão um satélite de nosso planeta ter-

(15) Voltaire — **Oeuvres Complètes** — ed. 1860-t III. pg. 62.

restre! A ignorante gênesis está bem longe de acreditar que a Lua, a Terra e mesmo o Sol significam muito pouco em face do Universo; que nosso brilhante astro rei, astro central do mundo que habitamos, é uma estrêla modesta, uma das inúmeras que compõem a via-láctea. O autor sagrado não vê que a Terra, ínfimo planeta, em realidade, gira em tôrno de uma estrêla de sétima grandeza; e esta estrêla-sol, o pobre narrador a faz depender, astronomicamente, de seu planeta.

Moisés, o pobre Moisés, êle mesmo ficaria pasmo, se, com o consentimento de Deus, viesse hoje ao mundo e se pusesse a estudar em qualquer dos seus potentes observatórios. Como não ficaria estarrecido ante as maravilhas celestes e com as dimensões e volumes das estrêlas!... Iria o grande legislador saber que o nosso sol é 1.300.000 vêzes maior do que a Terra e que Sirius ultrapassa o sol doze vêzes em grandeza e Procion, seis vêzes; que Deneb, do Cisne, a segunda estrêla da Grande Ursa; Vega, o belo sol azul da Lira; Pollux, dos Gêmeos, são também estrêlas majestosas, faróis gigantescos disseminados na noite sideral e perto dos quais o nosso sol faria efeito de simples ponto luminoso. Ficaria tonto quando soubesse que Capela ou a Cabra, astro enorme, é 5.800 vêzes maior que o nosso sol; que Arcturus, apesar de sua incrível distância, luz ainda com um brilho que eclipsa todos os astros de nosso céu boreal; e enfim, Bételguese, da constelação de Orion.

A própria imaginação de Moisés não acharia palavras para exprimir essa visão assombrosa. As duas estrêlas Arcturus e Bételguese, vale cada uma, muitos milhares de sóis como o nosso; entre elas e o nosso astro do dia há quase a mesma proporção que entre o nosso Sol e a Terra. E *entretanto* a nossa Astronomia achou uma estrêla que a eclipsa. Para percebe-la é preciso ganhar as regiões astrais onde ela brilha na constelação do Navio: é Canopus, a mais poderosa estrêla conhecida até hoje, porque é igual a 8.760 sóis reunidos.

O astrônomo inglês Walkai, membro da Sociedade Real Astronômica de Londres, entre todos os astros examinados ao telescópio e de que se tem ensaiado medir a distância, a luz, o calor, acaba de estudar Canopus. A sua distância da Terra seria de 489 anos luz, isto é, o raio luminoso que nos chega hoje dessa estrêla deve ter partido no ano 1426.

Êste astro formidável não é, entretanto, o pivot em tôrno do qual evolui nosso Sol; é em tôrno de Alcione, estrêla da constelação das Plêiades, que nosso sistema solar preenche em vinte e dois e meio milhões de anos, uma de suas grandes revoluções, e, um raio de luz

de Alcione deve viajar durante 715 anos antes de poder atingir a nossa Terra. Há estrêlas cuja luz só nos chega depois de 5.500 anos.

O grupo de Plêiades compõe-se de um milhar de estrêlas, de que sòmente sete são visíveis a ôlho nu.

Tudo isso Moisés aprenderia e muito mais ainda, e iria, com certeza, entristecer, por haver impingido à humanidade, como havendo partido de Deus os seus velhos ensinamentos tão distanciados da verdade.

Não é possível, por mais cega que pretenda ser uma fé, dar guarida a uma gênesis que a Ciência rejeita completamente. Como é possível às vêzes, perguntamos, que homens eminentes, homens cuja cultura não pode ser posta em dúvida, aceitem sem qualquer exame essas frivolidades bíblicas?

Será que não estamos racionando bem? Será que a Ciência é uma mentira? Não pode ser, a Ciência é a maior revelação divina aos homens.

A. Kardec, falando sôbre o assunto, isto é, sôbre a criação da luz diz:

> "O êrro vem da falsa idéia em que se permaneceu por muito tempo de que todo o Universo começou com a Terra, e não se compreender que o Sol pudesse ter sido criado depois da luz. A assertiva de Moisés é, pois, falsa nesta parte. Sabe-se hoje que antes do Sol e da nossa terra, existiam milhares de sóes e de terras, que gozavam, por conseguinte, da luz. A assertiva de Moisés é, pois, perfeitamente exata como princípio, mas é falsa na parte em que se supõe a Terra criada antes do Sol. Estando a Terra vassalada ao Sol em seu movimento de translação, não podia ser formada senão depois dêle. É o que Moisés não podia saber, pois que ignorava a lei da gravitação." (16).

A mesma idéia está consignada na gênesis dos antigos persas. No primeiro capítulo do Vendedad, Ormuzd, narrando a origem do mundo, declara: *"Criei a luz que foi iluminar o Sol, a Lua e as estrêlas". (dictionnaire de Mythologie Universelle).* A forma aqui é mais clara e mais científica do que em Moisés e dispensa comentários.

Argumentando desta forma, poderiamos, com o auxílio de homens eminentes de que nos temos socorrido, marchar indefinidamente sôbre êste assunto. Mas, não é nosso desejo fatigar o leitor,

(16) A. Kardec — **A Gênesis segundo o Espiritismo** — **7.ª edição** — **pg. 274.**

e sim, provar com lógica, dentro da História e da Ciência, que as concepções mosaicas em matéria de criação do mundo, não podem ser levadas a sério.

Vemos, pelas citações de Kardec, cheias de bom senso, que êle repele com tôdas as fôrças que Moisés haja recebido diretamente de Deus êsses ensinamentos que, ninguém o ignora, a Ciência destruiu de uma vez para sempre. E creiam os que nos lerem que, apesar dos pesares, ainda há no mundo em que vivemos, homens de elevada cultura, arraigados, por temor de um inferno criado como fonte de renda, a essas frivolidades bíblicas.

# CRIA DEUS A ERVA E AS ÁRVORES DOS CAMPOS

"Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nela sôbre a terra".

"E a terra produziu erva, dando semente conforme a sua espécie, e árvore frutífera, cuja semente está nela conforme a sua espécie.

E viu Deus que era bom". (Gên. I, 11 e 12).

NÃO sabemos como isso se possa ter passado, antes da criação do Sol. Segundo o que aprendemos não haveria vida sem a existência de nosso astro rei.

Como é, então, que Moisés nos conta que houve ervas e plantas, anteriores à criação do grande foco gerador de luz?

E o mais interessante é que, ainda hoje, inteligências privilegiadas aceitam essas coisas como partidas de Deus. Como isso se possa dar não o sabemos. É um outro milagre igual ao da gênesis bíblica.

A planta, ninguém o ignora, rouba a energia do Sol para libertar o oxigênio e elaborar seus produtos; vem depositando grandes quantidades de carbono, origem de renovadas combustões, promovendo os grandiosos ciclos entre o animal e o orgânico, enquanto o animal capta, transforma e conduz materiais e energias e com a sua atividade sacode a aparente quietude dos continentes e dos mares.

Segundo Morales Macedo, autor da "Biologia Fundamental", 3ª edição, 1949, uma árvore grande pode mobilizar duzentos litros de água por dia, absorvendo-a pelas raízes e evaporando-a pelas fôlhas, depois de haver servido de veículo a delicadas operações químicas; e ao mesmo tempo uma só bactéria pode dar uma prole de 16 milhões e produzir grandes transtôrnos nos sêres superiores. Mas isto só se dá, em virtude da energia solar da qual ela se apossa.

"Um dos pontos mais criticados da gênesis, é a criação do Sol depois da Luz. Têm-se procurado explicá-lo segundo os próprios dados fornecidos pela Geologia, dizendo que, nos primeiros tempos de sua formação, a atmosfera terrestre, estando sobrecarregada de vapores densos e opacos, não permitia ver o Sol, que então não existia para

> a Terra. Esta razão seria, talvez, admissível se nessa época, houvesse habitantes, para julgar da presença ou da ausência do Sol; ora, segundo o próprio Moisés, não havia senão plantas que, contudo, não poderiam crescer e multiplicar-se sem a ação do calor solar." (17).

Tudo se tem feito para salvar a obra de Moisés ou dos autores do "Pentateuco", mas, o que fica patente, nas entrelinhas da citação de Kardec, é que neste sentido, só se tem marchado para o ridículo.

Os teólogos forjam as coisas mais disparatadas, como a duvidar da inteligência alheia e os papalvos vão aceitando o remendo, não porque à inteligência não repugne razões como as expostas, mas, pura e simplesmente, pelo temor de um inferno eterno, como se Deus fôsse um pai capaz de condenar eternamente seus filhos.

É o Sol a principal fonte de energia para o nosso planeta. Dános luz e calor, produz a mudança da noite em dia e vice-versa; a sucessão, das estações do ano; preside a todos os fenômenos vitais e imprime ritmo à vida.

Sob sua influência se nutrem as plantas, se desenvolvem, frutificam e voltam a germinar; as espécies animais ordenam sua vida em períodos de nascimento, reprodução e morte; o homem conta seu tempo pelo espaço que medeia entre a noite e o dia, entre a vigília e o sono. É ainda o Sol que nos dá energia, para que, dentro da carcassa que aprisionou o nosso espírito, raciocinemos sôbre êste disparate bíblico de haver Deus criado as ervas e as árvores dos campos, antes que a energia solar vivificasse tudo.

Cai, assim, por terra, a interpretação que os doutôres da Igreja católica vêm dando aos versículos 11 e 12 do capítulo I do Gênesis.

Vamos até "La Bible Amusante" de Léo Taxil, cuja edição no Brasil foi proibida pelo clero, incontestàvelmente poderoso:

> "Impossível ser mais precavido que um Deus. Com efeito, pergunta-se o que seria a Terra, se Deus houvesse plantado árvores frutíferas, portadoras de frutos diferentes dos de sua espécie.
>
> Agradecemos ao paternal Elohim o não nos haver dado pés de damascos produzindo laranjas, laranjeiras produzindo maçãs; macieiras produzindo groselhas, etc.; isso seria uma atrapalhação dos demônios!...
>
> Havendo, porém a Terra obedecido à ordem suprema, os pés de damascos emergidos da terra, produziram damascos e Deus, mais uma vez "viu que era bom". E assim foi a tarde e a manhã do terceiro dia. (18).

---

(17) A. Kardec — **A Gênesis segundo o Espiritismo** — 7.ª edição — pgs. 273, 274.
(18) Léo Taxil — **La Bible Amusante** — pág. 5.

# DEUS SEPARA AS ÁGUAS

"E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas".

"Fêz Deus a expansão, fez-se a separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sôbre a expansão. (Gên. I, 6 e 7).

CONFORME nos ensina Kardec, Moisés participava, evidentemente, das crenças primitivas sôbre a Cosmogonia. Como os homens de seu tempo, êle acreditava na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Essa idéia é expressa sem alegoria, nem ambigüidade nesta passagem (vs. 6 e seguintes):

"Deus disse: Faça-se o firmamento no meio das águas e separe êle umas águas das outras. Deus fêz o firmamento, separou as águas que estavam em cima do firmamento das que estavam em baixo".

Por uma crença antiga, a água era considerada o princípio, o elemento gerador primitivo; Moisés, por isso, também, deixa de falar na criação das águas, como já existentes. *"As trevas cobriam o abismo"*, isto é, as profundezas do espaço que a imaginação representava vagamente ocupado pelas águas, e nas trevas antes da criação da luz; eis porque Moisés diz: *"O Espírito de Deus era levado (ou pairava) sôbre as águas"*.

Era, assim, o Céu um vasto zimbório, cuja capacidade estava cheia de ar, aparecendo sob forma côncava; era uma abobada real, cujas bordas descansavam sôbre a Terra, marcando-lhes os limites. As estrêlas de cuja natureza não podiam suspeitar, eram pontos brilhantes, tôdas a igual distância da Terra, dispostas em uma só superfície e suspensas na abóbada como lâmpadas.

Não concebiam a formação das nuvens pela evaporação das águas: não lhes passava absolutamente pela idéia, que a chuva que caia do céu tivesse origem na terra, pois não a viam subir. Daí a crença no grande reservatório superior e nas águas inferiores que estavam habituados a ver.

As águas de cima, escapando-se pelas frestas da abóbada, caíam em forma de chuva e conforme o tamanho dessas frestas, eram fracas, fortes ou fortíssimas. Da escuridão em que se encontravam os nossos avós, passamos para uma época em que a luz da inteligência ilumina o caminho do espírito humano. Onde havia trevas já se divisa um ambiente de mais claridade. É o progresso que não estaciona, é a Ciência a nos impulsionar para a frente, sempre e cada vez mais para a frente, fazendo com que a humanidade se aperceba num crescente sem limites da infinita grandeza do Criador.

"As descobertas da Ciência glorificam a Deus, em vez de rebaixá-lo, pois só destróem o que os homens construiram sôbre as idéias que formaram a seu respeito". (19)

Os teólogos se julgam os únicos a terem autoridade para a interpretação das Escrituras. São, no seu entender, as únicas inteligências de escól, a quem Deus confiou a verdade integral. Mas isso é, apenas, pretensão. A Ciência e a Filosofia não precisam de licença para trazer luz à confusão incrível que êsses pseudo iluminados têm lançado sôbre os homens.

Os sistemas utópicos de nossos ancestrais serão separados da verdade, pelo futuro, pelo bom senso e pela lógica. A Ciência será sempre o comandante em chefe dêsses desbravamentos.

"Os espíritos não ensinam senão justamente o que é mister para guiar no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que o homem pode achar por si mesmo". (20).

O mais que surge é lenda, é mistificação, e é no dizer de Jacolliot, crença imposta, domínio pela superstição, pelo charlatanismo e pela mentira, culto do maravilhoso, proscrição da razão.

Acreditar-se que Deus, o infinito em tôdas as suas perfeições, se dignasse baixar à Terra, em forma humana, para ditar a Moisés aquilo que a Ciência do futuro iria destruir completamente, é muita ingenuidade!

Não sabemos o juízo que fazem êsses homens do infinito; não atinamos com o conceito que êles formam do Criador.

"Para figurarmos, tanto quanto nos é possível, com as nossas acanhadas faculdades, a infinidade do espaço, suponhamos que, partindo da Terra, perdida no meio do infinito, para um ponto qualquer do Universo, e isto com a velocidade prodigiosa da faísca elétrica, que percorre milhares de léguas por segundo, apenas, acabamos de deixar êste globo, tendo percorrido milhões de léguas, e já nos acharemos em um lugar, de onde a Terra sòmente nos aparece sob o aspecto de uma pálida estrêla. Um instante depois, seguindo sempre a mesma direção, achamo-nos na diretriz das estrêlas longínquas

(19) A. Kardec — **A Gênesis segundo o Espiritismo** — 6.ª ed. C. I. pg. 39.
(20) A. Kardec — **A Gênesis segundo o Espiritismo** — 6.ª ed. C. I. pg. 32.

que de vossa estância terrestre, mal distinguis; e daí, não sòmente a Terra se perde de todo às nossas vistas nas profundezas do céu, mas, ainda, o vosso próprio sol, com todo o seu esplendor, se eclipsa pela extensão que nos separa dêle. Animados sempre pela mesma velocidade do relâmpago, atravessamos sistemas de mundos, a cada passo que avançamos na imensidade, ilhas de luz etéreas, vias esteliferas, paragens suntuossas, onde Deus semeou os mundos com a mesma profusão com que semeou as plantas nos prados terrestres. Ora, há, apenas, alguns minutos que caminhamos, e já centenas de milhões e milhões de léguas nos separam da Terra, milhões de mundos passaram sob as nossas vistas, sendo, que todavia, não temos em realidade, avançado um só passo no Universo.

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vêzes seculares, e incessantemente, com a mesma velocidade do relâmpago, nada mais teremos avançado! E isso de qualquer lado que partamos, e para qualquer ponto a que nos encaminhemos, desde que deixamos êste grão invisível que se chama Terra. Eis o que é o espaço". (21)

Eis Kardec a dar-nos uma noção embora sumária do que seja o infinito. Êle se refere, apenas, à imensidão dos Céus, onde os mundos existem aos bilhões.

Será possível, perguntamos, agora: que o Criador de tudo o que a nossa imaginação divisou neste passeio através do espaço incomensurável, se tenha manifestado a Moisés, de forma visível?

Aceitar essas frivolidades é o mesmo que renunciar à inteligência, ao bom senso, à lógica. É diminuir, é restringir o infinito a êste conglomerado de átomos que somos nós.

Em face do exposto, concordamos com Jacolliot, quando afirma que se chega a reconhecer, enfim, que todos os pretensos dogmas revelados sôbre a origem do mundo, a natureza de Deus, e suas manifestações visíveis, não são mais que um tecido de fábulas alegóricas sem consistência e que fazem vergonha à razão humana.

Berthelot, o grande sábio francês, o grande enciclopedista, diz com razão:

"A Ciência desempenha um papel capital na educação intelectual e moral da humanidade. Pelo conhecimento das leis de Física, há mais ou menos dois séculos, a Ciência revogou a concepção do Universo e derrubou, para sempre, as noções do milagre e do sobrenatural.

Washburn, escreveu:

"Para lançar um milagre, basta um mentiroso que o invente e um imbecil que nele creia".

Deus, leitores amigos, é infinitamente maior do que o pretendem fazer determinadas religiões.

---

(21) A. Kardec — A Gênesis segundo o Espiritismo — 6.ª ed. C. I. pgs. 108 e 109.

# DEUS FORMA O HOMEM DO PÓ DA TERRA

> "E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente".
>
> "Plantou o Senhor Deus um jardim no Eden, da banda do Oriente, e pôs alí o homem que tinha formado".
>
> "E o Senhor fêz brotar da terra tôda a árvore agradável à vista, e boa para ser comida; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal".
>
> "E saía um rio do Eden para regar o jardim, e dali se dividia e se tornava em quatro braços".
>
> "O nome do primeiro é Pison, êste é o que rodeia tôda a terra de Avilã, onde há ouro".
>
> "E o ouro dessa terra é bom; alí há o bdélio, e a pedra sardônica".
>
> "E o nome do segundo rio é Giom, êste é o que rodeia tôda a terra de Cusi".
>
> "E o nome do terceiro rio é Tigre; êste é que vai para a banda do oriente da Assíria. E o quarto rio é o Eufrates".
>
> "E tomou o Senhor Deus o homem e o pôs no jardim do Eden para o lavrar e o guardar".
>
> "E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De tôda árvore do jardim comerás livremente".
>
> "Mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás, porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás". (Gên. II, 7 a 17).

Depois de formado o homem, fêz Deus um jardim ideal para êle, o Eden e dando-lhe pormenores circunstanciados, nomeando os rios que por êle corriam, quis localizá-lo. Antes não o fizesse, diz Léo Taxil, em sua "La Bible Amusante", antes não localizasse o tal jardim, para não ser pegado em flagrante delito de fanfarronada.

Vejamos seus comentários a tal respeito:

> "Com efeito, todos os comentadores estão de acôrdo em reconhecer que o Pison é o Phase, chamado mais tarde o Araxe, rio da Mingrélia, que tem sua nascente num dos braços mais inacessíveis do Cáucaso e se há nessa região ouro e onix, em compensação ninguém

até hoje conseguiu saber o que é bdélio. De outro modo, não nos consta haver nenhum êrro a respeito do terceiro e quarto rios, o Tigre e o Eufrates, donde se conclui claramente que de acôrdo com o Gênesis, o paraíso terrestre ficava na Ásia, na região do maciço do Ararat, na Armênia, embora (primeiro cochilo do autor sacro) Araxe, Tigre e Eufrates, todos tendo nascentes "relativamente" vizinhas, as tem perfeitamente distintas.

O Araxe, longe de provir de outro rio, sai do vulcão Bingol — Dagh, de onde corre para o mar Cáspio. Quanto ao Tigre e ao Eufrates, não sòmente êles não provêm de um mesmo rio, como ao contário, vão fazer junção em Korna para formar o Chatel-el-Arab e se jogar no golfo Pérsico. Com referência ao segundo rio, chamado Giom pelo Gênesis, o cochilo do autor sagrado é fantástico. "É diz êle, o rio do país de Cusi". Ora, de acôrdo com a versão dos Setenta e mesmo da Vulgata, a terra de Cusi ou de Chus (filho de Cão e pai de Nemrod) não é outra senão a Etiópia: por conseguinte, êste Gior é o Nilo que corre, não na Ásia, mas na África e precisamente em sentido opôsto ao Araxe, ao Tigre e ao Eufrates, sendo a direção geral do curso do grande rio africano, de sul a norte. Se se coloca a nascente do Nilo em Vitória-Nianza, assim como se admite para não ir mais além, há no mínimo 1.800 léguas de distância, entre as nascentes do primeiro e do segundo rio mencionado pela gênesis como fertilizando o mesmo jardim do Eden. É bem verdade que os dois outros não têm as suas nascentes há mais de sessenta léguas uma da outra; o que já é bem interessante para um jardim. De qualquer forma, será um Eden êste imenso território eriçado de picos, os mais escarpados, formado em uma das reigões mais impraticáveis do globo?" .......................... (22).

Resumindo o quanto possível o que comenta o mesmo autor sôbre o assunto, diremos que os teólogos, conforme é do conhecimento geral, pretendem que o "Pentateuco", seja obra de Moisés, isto é, os cinco livros da Bíblia: o Gênesis, o Êxodo, o Levítico, os Números e o Deuteronômio. Mas os sábios tiveram a impiedade de fazer pesquisas, e sua opinião geral é que êstes livros foram fabricados por Esdras, na volta do cativeiro de Babilônia, em meiados do V° século antes de Cristo, enquanto Moisés, supondo que êle devesse existir e admitindo por um instante como autênticas as datas que o concernem, viveu mil anos antes. Nasceu no país de Gessen, no Egito, em 1571, antes de nossa era e morreu na Arábia, sôbre o monte Nebo, em 1451.

Bossuet se revoltou contra os trabalhos de Hobbes, Spinoza e Ricardo Simon, que eram contra a autenticidade das obras de Moisés.

"Não entristeça Bossuet. O versículo 14 do capítulo II° do Gênesis, entre outros exemplos, dá uma prova clara da velhacaria literária e religiosa, e demonstra precisamente, como dois e dois são qua-

(22) Léo Taxil — **La Bible Amusante** — pg. 16.

tro, que o dito Gênesis não podia ter sido escrito por Moisés. É no versículo em que êle diz: "O nome do terceiro rio é Tigre; é o que corre no país dos Assírios". Isto aí, está com tôdas as letras. Alguns tradutores substituem as quatro últimas palavras por: "para a banda do oriente da Assíria"; mas isto não muda nada. A questão é simples: Moisés morto em 1451 antes de Cristo não podia ter empregado as expressões Assíria e assirianos, pela razão única de que o império Assírio, que se estendia ao mesmo tempo sôbre Ninive e Babilônia e que durou até o VII.° século antes de nossa era, começou a existir lá para 1.300, aproximadamente". (23)

As testemunhas de Heródoto, Berose são acordes neste sentido e os monumentos descobertos vieram em sua confirmação.

Diz, ainda, Taxil, que as descobertas realizadas depois do comêço de nosso século, na história dos povos do antigo oriente, com o auxílio das inscrições com caracteres hieroglíficos e cuneiformes, não permitem, hoje, mesmo nos livros mais elementares, a reedição das frivolidades bíblicas, no que concerne à primeira parte dos anais do gênero humano. Os resultados obtidos por Champollion, Rougé, de Saulcy, Mariètte, Rawlinson, Lepsius, Brugsh, Oppert, aclaram a história antiga de uma luz completamente diversa das tradições coligidas pelo mistificador Esdras.

Ficou estabelecido que o fundador do império Assírio foi um príncipe chamado Ninippaloukin, conforme se encontra nos monumentos, o qual viveu 150 anos depois de Moisés. De outro modo, a região chamada Assíria era designada no tempo do Patriarca por império de Rotennou, conforme os monumentos egípcios mencionados por Opert e outros sábios. Vemos, com efeito, nas diversas inscrições egípcias, que os reis da 18ª dinastia do Egito, contemporâneos de Moisés, levaram suas armas à Babilônia e cobraram impostos dos rotennous, que dominavam na Mesopotâmia, aquêle mesmo país do Tigre e do Eufrates. Se fôsse Moisés o verdadeiro autor do Gênesis, êle teria escrito: *"O Tigre, rio que corre no país dos rotennous"*.

— Depois das palavras de tão eminentes sábios, consagrados por todo o mundo científico, que considerações outras poderemos tecer? O que nos competirá, ante provas tão esmagadoras, será entregarmo-nos a uma meditação das mais sérias e chegar à melhor solução ou seja a de abandonar as superstições de nossos ancestrais, para darmos guarida aos resultados positivos da Ciência, desta Ciência criada pelo esforço titânico de homens abenegados.

Qual o interêsse dêsses cientistas tão cheios de renúncia, em forjar preconcebidamente fatos, no intuito exclusivo de destruir a Gênesis bíblica?

(23) Léo Taxil — La Bible Amusante — pg. 17.

A árvore da vida e a árvore da Ciência de que trata o versículo 17, do capítulo II, sempre embaraçam os comentadores. Não terá esta árvore da vida alguma relação com o filtro da imortalidade, que esteve tão em voga desde tempos imemoriais no Oriente?

Diz Voltaire que é possível conceber-se um fruto que fortifique, que dê saúde; é o que se afirma em relação ao côco, às tâmaras, ao ananás, às laranjas, mas uma árvore que transmita a Ciência do bem e do mal é uma coisa extraordinária. Diz-se do vinho que êle nos incita o espírito:

*"Fecundi calices quem non facere disertum?"* (Hor. liv. I. ep. V), mas nunca o vinho concedeu sabedoria a quem quer que fôsse: é impossível fazer-se uma idéia clara desta árvore da Ciência. Olhêmo-la, pois, como uma alegoria.

O campo da alegoria é muito vasto e cada um interpreta como bem entende; é pois, necessário cingirmo-nos ao têxto, sem procurar aprofundá-lo.

Esgotemos de uma vez êste assunto do Eden, e vejamos se êle não é produto de povos mais antigos, onde o autor do Gênesis foi beber inspiração.

O Eden da Bíblia, que figura nos planisférios celestes, segundo Leterre, e a cujo estudo se consagrou Dupuis, corresponde aos estudos de J. B. Obry ao Arianem Vaedjô, dos persas, — ao Gan-Eden, dos hebreus, — ao Maha — Merem dos Indianos; — ao Kuen-Lun dos chineses, — ao Bam-i — Dunis dos tártaros mandchús, etc. e correspondem, ainda, ao planalto de Pamer ou Pamir, cujos contra-fortes são o Belug-Tar e o Indu-Kusc, planalto radiante de beleza, onde reside o deus Brama (Ba-Rama), o chefe celta Rama e de onde sairam os Kushitas, que mais tarde se estabeleceram na Itália, sendo dêles originário o têrmo Bac-Kush (Baccus). Segundo Voltaire, em sua "Oeuvres Complètes", tomo XXIII, pg. 62, encontra-se também um jardim, um paraíso terrestre, na antiga religião dos persas; êste paraíso se chamava *shang-Dizoucho;* êle é chamado *Iranvigi* no *Sadder,* que pode ser olhado como uma abreviação da doutrina desta parte do mundo. Os brâmanes possuiam um semelhante jardim desde os tempos imemoriais.

R. P. Dom Calmet, beneditino da congregação de Santo Idulfo, disse com suas próprias palavras: *"Não duvidamos de forma alguma que o lugar onde foi plantado o paraíso terrestre não subsiste mais."*

Como vêem os caros leitores, são lendas e mais lendas, tôdas elas pertencentes a povos mais remotos, nas quais não poderemos

em sã consciência acreditar. São criações engendradas por povos primitivos, relegadas hoje ao domínio da poesia ou das coisas fantásticas.

* * *

Profundo foi o silêncio que se guardou em tôda a Terra a respeito de Adão, exceto na Palestina, até os tempos em que os livros judeus começaram a ser conhecidos na Alexandria, depois de traduzidos em grego sob um dos Ptolomeus. Continuaram por muito tempo desconhecidos, pois, os livros volumosos, além de raros, eram demasiadamente caros e ainda, pela forte razão de que os judeus de Jerusalém censuraram acremente os seus irmãos de Alexandria por haverem traduzido sua Bíblia em língua profana, o que resultou que êstes escondessem, o mais possível, as suas traduções.

A Bíblia, diz o filósofo, foi conservada tão secretamente, que nenhum autor grego ou romano a ela se refere até o tempo do imperador Aureliano.

Ora, o historiador Flavius Josefus confessa em sua resposta a Apion (liv. I, c IV) que os judeus durante muito tempo não faziam comércio com as outras nações.

> "Nós vivemos, disse êle, em um país distanciado do mar, não nos entregamos ao comércio com os outros povos... Sendo a nossa nação tão afastada do mar, tão pouco afeita à escrita, será motivo de admiração ter sido ela tão pouco conhecida?".

Quando o historiador judeu se refere à sua nação, pouco afeita à escrita, naturalmente, êle quer compará-la com Alexandria, pois os seus 22 volumes, além de pequenos, pouco significavam, considerando-se a quantidade de livros existentes na famosa biblioteca, cuja metade foi queimada na guerra de César.

É corrente, é histórico, mesmo, que os judeus escreveram muito pouco e muito pouco leram; que eram profundamente ignorantes em Astronomia, em Geometria, em Geografia, em Física; que êles nada sabiam da história de outros povos, e que não começaram a instruir-se senão em Alexandria. Sua língua era uma mistura bárbara do antigo fenício e do caldeu corrompido, era em suma, um povo pobre a quem faltavam vários modos na conjugação de seus verbos.

Desta forma, a nenhum outro povo comunicando seus livros, ninguém na Terra, exceto êles, tinha ouvido falar em Adão, Eva, Abel, Caim, nem em Noé. Sòmente, diz a História, Abraão foi conhecido dos povos orientais, com o caminhar dos tempos; mas nenhum povo antigo aceitava que êle fôsse o tronco do povo judeu.

Tais são os segredos da Providência, que o pai e a mãe do gênero humano foram sempre ignorados, a ponto de tais nomes não serem encontrados em nenhum autor antigo, nem na Grécia, nem em Roma, nem na Pérsia, nem na Síria, nem, mesmo entre os árabes, até Maomé. Deus, assim, não permitiu que o nome dos titulares da grande família humana fôssem conservados senão pela parte mais miserável dela, em conhecimentos.

Além da lenda de Adima e Héva que encontramos no Bagaveda-Gita, há no livro de Ezourveidam, o nome de Adima e Procriti, sua mulher.

Todos sabem que o Ezourveidam é o comentário dos Vedas que passa entre nós por ser de uma antiguidade muito mais recuada que a dos livros judeus; e êstes Vedas são ainda uma nova lei dada aos brâmanes mil e quinhentos anos depois de sua primeira lei chamada Shasta ou Shasta-bad.

O feníncio Sanchoniathon que os sábios afirmam haver vivido anteriormente a Moisés, e que é citado por Eusébio como um autor autêntico, dá dez gerações à raça humana, da mesma forma que o legislador judeu, até o tempo de Noé; e êle não fala nessas dez gerações nem de Adão, nem de Eva, nem de nenhum de seus descendentes, nem, mesmo, de Noé.

Eis aqui os nomes dos primeiros homens, segundo a tradução grega feita por Philon de Biblos: Aeon, Genos, Phox, Liban, Usou, Helieus, Chrisor, Tecnites, Agrove, Amine. Estão aí as dez primeiras gerações.

Não vemos o nome de Noé, nem de Adão em nenhuma das dinastias egípcias, êles não se encontram tão pouco entre os caldeus; em uma palavra, a Terra inteira guardou sôbre êles o mais incompreensível segrêdo.

Todos os povos, no dizer do grande escritor francês, se atribuem origens imaginárias e nenhum falou a verdade. Não se pode compreender como o pai da humanidade inteira fôsse por tanto tempo ignorado; seu nome deveria andar de bôca em bôca, de um canto a outro do mundo, segundo o curso natural das coisas humanas.

Ousamos afirmar, diz, ainda, Voltaire, que era necessário um milagre para fechar os olhos e os ouvidos de tôdas as nações, destruir todos os monumentos, tôda a lembrança de nossos "primeiros pais".

"Que teriam pensado, que teriam dito César, António, Crassus, Pompeu, Cícero, Marcellus, Metellus, se um pobre judeu, ao lhes vender baunilha, lhes houvesse dito: "Nós nascemos todos de um mes-

mo pai chamado Adão". Todo o senado romano teria gritado: "Mostrai-nos vossa árvore genealógica, então o judeu teria desfolhado suas dez gerações até Noé, até o segrêdo da inundação de todo o globo. O senado lhe teria perguntado quantas pessoas existiam na arca para alimentarem todos os animais durante dez meses consecutivos, e durante o ano seguinte, pois que, em virtude do dilúvio não se teria podido fornecer alimento de espécie alguma. O judeu lhe teria respondido: "Nós eramos oito, Noé e sua mulher, seus três filhos, Sem, Cão e Jafé, e suas espôsas. Tôda essa família descendia de Adão em linha reta". (Dictionnaire Philophique-t. 12-pg. 42).

Cícero, diz o filósofo, ter-se-ia informado, sem duvida, dos grandes monumentos, das testemunhas incontestáveis que Noé e seus filhos teriam deixado de nosso pai comum; tôda a Terra depois do dilúvio, teria bradado para sempre, os nomes de Adão e Noé, um, o pai, e o outro, o restaurador do gênero humano. Seus nomes estariam em tôdas as bôcas, nos pergaminhos, desde que os homens se iniciaram na escrita, na porta de cada casa, em todos os templos, em tôdas as estátuas.

"Que! sabieis de um tão grande segrêdo e o escondestes! "É que somos puros e sois impuros", teria respondido o judeu. O senado romano teria rido e lhe teria mandado aplicar umas bastonadas; tanto são os homens arraigados aos seus preconceitos.

# DEUS FAZ O HOMEM À SUA IMAGEM E SEMELHANÇA

"E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança; e domine sôbre os peixes do mar, e sôbre as aves do Céu, e sôbre o gado, e sôbre a Terra, e sôbre todo o réptil que se move sôbre a Terra".
"E criou Deus à sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea o criou".
"E Deus os abençoou, e Deus lhe disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a Terra, e sujeitai-a; e dominais sôbre os peixes do mar, e sôbre as aves do Céu, e sôbre todo o animal que se move sôbre a terra". (Gen. I, 26 a 28).

NÃO é muito compreensível o versículo 27. A impressão que êle nos deixa é a de que o homem foi criado hermafrodita e que mais tarde Deus se arrependeu, fato comum naqueles tempos recuados. E, assim, consertou o que lhe não pareceu bom, concedendo a Adão uma companheira e tornando-o, então, um homem normal.

Foi êste versículo traduzido literalmente do texto hebreu, que deu nascimento à lenda do deus andrógino, tão grandemente reverenciado pelas diversas escolas ocultistas.

A criação do homem à imagem e semelhança de Deus, tão bem aceita pelas diversas correntes do Cristianismo é, incontestàvelmente, uma diminuição que se pretende fazer ao Deus infinito, à cuja imagem ninguém podia ter sido feito. Quem já viu Deus, em verdade? Quem pôde encarar face a face o Criador? Aceitar banalidades dessa natureza é renunciar ao raciocínio, é regredir aos tempos de infância e isto não pode ter guarida no cérebro de homens esclarecidos. Que forma poderia ter tomado o Infinito? A forma humana? De que maneira a Luz Suprema, o Onipotente poderia ter aparecido ao homem? O indescritível esplendor de sua luminosidade ofuscaria, mesmo, os olhos da mais santa, da mais sábia e da mais elevada de tôdas as almas da obra prima de sua infinita criação. A impiedade da Ciência pondo constantemente em dúvida os dogmas religiosos, e criticando os diversos sistemas filosóficos, pelo simples

fato de contrariá-los, parece surgir a todo o momento como prejudicial à tranquilidade espiritual da humanidade. Pura ilusão. É que os homens nunca se conformaram em sacrificar as suas fantasias, os seus sonhos, em benefício da verdade.

Queiram ou não os entravadores do progresso humano, a Religião terá que andar de braços dados com a Ciência e a razão. Se o progresso moral da humanidade marchasse paralelo com o progresso da Ciência, êste mundo seria um paraíso. O homem, dono de seu livre arbítrio, é o único e exclusivo culpado desta falta de paralelismo.

Se Deus criou o homem macho e fêmea por que mais tarde, já no segundo capítulo do Gênesis, achou êle que o homem estava só e precisava uma companheira? Para reproduzir a espécie? Não pode ser. O homem macho e fêmea podia reproduzir-se, ainda mais, quando foi a esta ordem inicial do Senhor: *"Frutificai e multiplicai-vos"*.

É bem possível que os copistas fizessem alguma transposição, como presumem certos Pais da Igreja; mas o ponto mais importante é que, havendo Deus feito Adão à sua imagem e semelhança, Adão fez o mesmo com relação a Sete isto é, fê-lo, também, à sua imagem e semelhança. É a prova evidente de que os judeus acreditavam em um Deus corporal, como participavam de igual crença os povos vizinhos com quem êles aprenderam a ler e a escrever.

Voltaire diz que é crença generalizada tenha Adão sido enterrado em Hebrom, porque na história de Josué se encontra consignado que o *maior dos gigantes se encontra ali sepultado.* Conforme a Bíblia, a maior parte dos primeiros descendentes de Adão viveram como êle mais de nove séculos. Era opinião dos povos do Oriente e do Egito, que a vida dos primeiros homens tenha sido vinte e trinta vêzes mais longa que a nossa, porque sendo a natureza mais jovem tinha mais fôrça; mas nada a não ser a revelação nos pôs a par dessa longevidade. Em uma palavra, nenhuma outra nação da Terra conheceu Adão, e os árabes só o conheceram por intermédio dos judeus.

# A NOSSA PRIMEIRA MÃE

DEPOIS da última recomendação de Deus a de que Adão não comesse do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, sob pena de perder a imortalidade e ganhar o pão com o suor de seu rosto, achou Jeová, por bem, para dar uma companheira ao primeiro homem, extrair de uma de suas costelas, a primeira mulher, a quem deu o nome de Eva.

Logo após, vem a tentação de nossa "primeira mãe" e a queda de nosso "primeiro pai". A serpente, animal astuto, possuidora de uma dialética irresistível, convenceu-a, sabendo da fraqueza feminina, que devia comer do fruto proibido. E Eva não resistiu ao fascínio daquela eloqüência arrebatadora, comeu do fruto e arrastou Adão ao pecado, como não poderia ser de outra forma.

A serpente ladina não gozou por muito tempo a sua vitória, pois foi por Deus condenada a andar de rasto.

Ao contrário do que comumente acontece, depois do pecado os nossos "primeiros pais" se sentiram envergonhados e começaram a vestir-se, o que antes não acontecia, pois, andavam nús e não se envergonhavam um do outro.

Raciocinemos. O homem e a mulher do Gênesis, isto é, Adão e Eva, antes de pecarem, segundo o próprio Jeová, estavam destinados à imortalidade. Significa que se não houvessem caído tão lamentavelmente em êrro, os seus descendentes seriam, também, imortais, uma vez que são agora condenados a morrer pela culpa originária daqueles dois pecadores.

Ora, a lei de Deus, desde a criação do primeiro casal, era a de crescer e multiplicar-se. Isto está escrito com tôdas as letras. Assim, sendo o homem imortal, se não houvesse pecado, pensamos que o nosso planeta, mesmo com as construções suntuosas e admiráveis da engenharia moderna, não seria capaz de abrigar uma humanidade, multiplicada desde os tempos do malfadado casal.

De outro modo, todos sabem que Adão e Eva foram condenados, justamente por haverem cumprido a determinação do Criador de crescer e multiplicar-se.

Não nos parece isso um tanto insensato, ordenar um Deus que Adão e Eva cumpram uma ordem sua e porque êles obedecessem fôssem condenados? E que condenação! Um castigo que marcharia com os séculos até a extinção do planeta, atingindo, sem exceção, a tôdas as gerações! Isto não seria próprio de um Deus que tivesse o juízo em seu justo lugar. O tal de Jeová, ao que tudo indica, sofria das faculdades mentais.

E considerando a justiça divina, fica ela demasiadamente diminuida, quando se pensa que a revogação da imortalidade se estendeu até aos animais que não tiveram participação na desobediência de Adão e Eva.

> "Depois que os nossos primeiros pais comeram do fruto proibido, vemos a serpente condenada a arrastar-se sôbre o ventre, como castigo por haver enganado a mulher. Estamos curiosos para saber como marchava êsse animal antes de andar de rasto? Segundo tudo nos faz crêr, a serpente sempre andou como anda atualmente, é justo, pois, que concluamos que ela foi punida por antecipação, por uma falta que, ainda, deveria cometer". (24).

Essas lendas onde predominam a poesia, não podem de forma alguma ser levadas a sério. Deus, sem dúvida alguma, onisciente, sabia de antemão, o que aconteceria a êste pobre planeta se Adão e Eva não comessem do fruto proibido. A revogação da imortalidade estaria, por certo, prevista, por antecipação, naquela inteligência infinita. Seria uma conveniência da própria natureza que não poderia ter a Terra tão superlotada, coisa fatal, em face do crescimento e da multiplicação por Êle mesmo ordenada. Logo, não foi de nossos "primeiros pais" o pecado e sim de um Deus que para inocentar-se, perante a posteridade, atirou nos ombros de dois pobres viventes a responsabilidade do sofrimento e da mortalidade humanas.

> "E à mulher disse: multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição: com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e êle te dominará". (Gên. III-16).

Não precisamos citar outros versículos para evidenciar o quanto Deus tem sido enganado em suas determinações. Há mulheres, hoje, que dão à luz sem dor de espécie alguma. São descobertas científicas que se impõem mais uma vez à vontade de um Deus que sòmente existia no cérebro de Moisés, ou melhor, no cérebro dos autores do Gênesis. Quanto ao fato de ser a mulher dominada pelo marido, nem sempre isto se observa, e é até comum verificar-se o contrário. E há algumas, mesmo, cujos desvelos não são para os maridos.

---

(24) J. Jésupret Fils — **Catholicisme et Spiritisme** — ed. 1891 — pg. 12.

Antes de prosseguirmos na análise ligeira que empreendemos dos diversos versículos da Bíblia, fazemos questão de provar o que dissemos de início, que as lendas bíblicas não são pròpriamente suas, mas tiveram origem em diversas fontes estranhas, principalmente no livro sagrado dos hindús.

Seria útil iniciar-nos pela lenda da criação da mulher que foi inspirada naquela dos brâmanes, de que as castas hindús foram extraídas das diversas partes do corpo de Brâma.

A. Leterre, em "Jesus e sua Doutrina" à pg. 60, assim se expressa:

> "Mas não só foi dos Vedas que Moisés tirou material para a sua obra. Nos numerosos documentos cuneiformes, achados, agora, em Babilônia, datando de mais de 4.000 anos antes dêle, dos tempos dos acadianos e sumerianos e nos livros de Zoroastro, se encontram: a lenda da criação do homem no estado de inocência; a sua tentação pela serpente Thiamat, dragão do mar; a queda de Adam, isto é, homem negro opôsto à virtude de Sarka, homem claro: — a guerra dos deuses e dos gigantes: — o pecado do deus Zu roubando as insígnias de soberano de seu pai Elu, adormecido, protótipo da lenda de Noha (Noé) e Châm (Cham): — a corrupção dos homens; — a construção de uma gigantesca tôrre em Babilônia, causadora da cólera dos deuses; — o dilúvio que durou sete dias; — a arca com um certo e limitado número de animais: — a pomba, a andorinha e o côrvo que foram soltos, etc.
>
> No Manarva-Dharma e no Zend-Avesta, também, se encontra a lenda da criação do mundo em sete períodos e o aparecimento do homem por último". (25).

O Dr. Ch. Contenau, encarregado de missões arqueológicas na Assíria, diz Leterre, afirma que entre os inúmeros deuses que cita, havia o denominado Ea, por apelido o "deus oleiro", porque os caldeus julgavam que os homens haviam sido fabricados de barro por êle, sôbre os quais êsse Deus soprara o espírito de vida. Daí a lenda de Moisés, a do Adão feito de barro e do sôpro nos seus narizes.

Poderiamos continuar nessa seqüência de citações para provar a origem das lendas bíblicas, mas, melhor será enquadrá-las, à medida que vá aparecendo a oportunidade.

Queremos de vez em quando acentuar que a nossa análise não se inspira em espírito sectarista. Formamos de Moisés, no sentido intelectual, um bom juízo. Era, segundo dizem, um homem culto, inteligente e sobretudo, dominador. Pode ser considerado como libertador de seu povo, mas destituido das lendas que o cercam e das infâmias multi-seculares que lhe atribuem e que constam dos livros

(25) A. Leterre — Jesus e sua Doutrina — ed. 1934 — pg. 60.

que êle nunca escreveu. Era, estamos certos, um homem de seu tempo. Crêmos, mesmo, que o seu espírito evolvido através das transformações por que haja passado, nas inúmeras encarnações, seja hoje, um dos grandes inspiradores da humanidade.

Voltando a nosso assunto, todos sabem que a nossa "primeira mãe" era Eva. Uns afirmam que êste nome é hebreu; outros, entre êles Jacolliot, que é sânscrito e significa o que completa a vida. De qualquer forma isto nos leva a um raciocínio que deixa bem mal a lenda da tôrre de Babel.

Convenhamos que até antes da confusão das línguas, castigo imposto aos homens por seu desmedido orgulho, pois, pretendiam construir uma tôrre cuja ponta tocasse o Céu, (quanta infantilidade!) existisse, ainda, a língua de nossos "primeiros pais". Ora, depois da confusão das línguas, êsse nome, é lógico, ficou perdido, se não estava, o que é mais lógico, ainda, antes de qualquer acontecimento de origem milagrosa. Como se explica, assim, que a nossa "primeira mãe" tivesse um nome sânscrito ou mesmo hebreu? Será que mamãe Eva era da mesma nacionalidade que Moisés?

Razão forte tinha o abade Moreaux quando afirmava que era necessário saber ler a Bíblia para poder compreendê-la. Naturalmente, êste vulto eminente do Catolicismo romano quando assim falava, não admitia o raciocínio daqueles que lendo a Bíblia com perfeição levavam à fogueira do Santo Ofício grandes vultos que a humanidade ainda hoje venera. Ou será que êsse abade era adepto da Cabala ou do Exoterismo judeu-cristão?

# O PECADO ORIGINAL

O PECADO original é a base fundamental da doutrina católica e protestante. Êstes dois ramos do Cristinanismo nos ensinam, com efeito, de acôrdo com uma narrativa tirada da Bíblia, que Adão e, conseqüentemente, tôda a sua posteridade, incorreu, depois que o nosso "primeiro pai" comeu do fruto proibido, na perdição eterna, condenação à qual nossa humanidade não pode escapar a não ser reconciliando-se com o seu Criador irritado. Mas, como esta pobre humanidade é incapaz, por si mesma, de salvar-se, era necessário que o filho de Deus viesse encarnar-se em um corpo humano a fim de se oferecer como vítima expiatória, para resgatá-la da mancha original.

Sendo infinita a ofensa para com Deus, era necessário para seu resgate uma reparação, também, de valor infinito. Eis porque para a redenção do gênero humano se tornou imperiosa a encarnação de um Deus para amainar a cólera dêste mesmo Deus.

Pelo que foi exposto, compreende-se perfeitamente que, suprimindo-se o dogma do pecado original, tôda a doutrina que decorre dêle fica reduzida a coisa nenhuma.

Todos conhecem o capítulo II° e III° da Bíblia, tornando-se enfadonha para o leitor a sua repetição. Nesses capítulos iremos encontrar em tôda a sua simplicidade, a narração que nos lega a tradição hebraica.

Tomando-se ao pé de letra a narrativa atribuida a Moisés, que idéia de justiça e de bondade se pode fazer dêste Deus, que tendo por seu infinito poder, trazido à vida dois sêres privilegiados, ornando-os como criaturas prediletas, permitiu a um seu inimigo irreconciliável, vir, por inveja, enganar a inocência e levar ao crime os dois sêres criados para a felicidade?

Êste Deus devia saber, dotado que é da presciência, que os criando, êles cairiam certamente em tentação. Assim sendo, por que consentiu Êle nisso? E pensando bem, não teria sido exagerado o castigo imposto e desproporcional à ofensa de uma maneira inconcebível? Deus sabia, dono de predicados infinitos, que a queda seria mais que certa.

"Se Adão não houvesse comido do fruto proibido, o que teria acontecido à nossa espécie, uma vez que de acôrdo com o desígnio do Criador e segundo as palavras pronunciadas por Êle no paraíso terrestre: "Crescei e multiplicai-vos, povoai a Terra e tornai-a sujeita a vós", lei natural da multiplicação do homem, por Êle ordenada? A humanidade sendo imortal, teria chegado infalìvelmente a um ponto em que a Terra não seria suficiente para abrigar e alimentar seus habitantes.

Agora, se examinarmos o dogma sob o ponto de vista da justiça, iremos espantar-nos e com razão de vermos todos os animais incorrerem no castigo de uma falta que êles não cometeram.

"Coisa notável, o Gênesis em parte alguma faz referência a Satan. Isto é deslavada invenção da Teologia sôbre êsse personagem fantástico, pois, na narração bíblica, está dito simplesmente: "Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais que Deus tinha formado sôbre a Terra". Isto não prova que a serpente fôsse o Diabo em pessoa.

Deus condena Eva em seguida a ter filhos com dor. Quanto a Adão deveria comer o pão com o suor de seu rosto.

Tal é, segundo a Bíblia, a origem de todos os nossos males, e foi a partir dêste momento fatal que fomos condenados à morte

Não se pense que sòmente os judeus tiveram o monopólio desta invenção ingênua da queda do primeiro homem. Esta doutrina era ensinada no interior de todos os santuários. Com alguma variação iremos encontrar esta velha tradição, ou uma tradição idêntica, em todos os povos antigos.

Não há dúvida que os primeiros livros da Bíblia foram copiados dos Vedas, o livro sagrado dos hindús

Os judeus hebraizaram de alguma forma as tradições que êles haviam recolhido dos egípcios, povo mais antigo e que lhe era bem superior em Inteligência e Ciência.

O Paraíso terrestre, mencionado na gênesis bíblica, não passa de uma figura alegórica, pois, não se encontrou em nosso globo o menor sinal de sua existência" (26).

Há postulados da doutrina católica que caem pelas contradições que apresentam. Raciocinemos um pouco e estendamos os nossos argumentos um pouco além do que já tivemos ensejo de apresentar.

Afirmam os teólogos que mesmo as crianças que não podem cometer nenhum pecado, necessitam do batismo para ficar livres da pecha original. Ora, êsses espíritos pretensiosos que se inculcam o divino privilégio de conhecerem tôda a verdade, fogem das palavras de Cristo como o demônio, conforme se diz, foge da cruz.

São Paulo disse: *"porque todos pecaram"*, o que exprime bem a idéia de uma regra geral, mas não de uma culpa constitucional resultante da geração.

---

(26) J. Jésupret Fils — **Catholicisme et Spiritisme** — ed. 1891 — pgs. 11 à 14.

A Igreja grega que lê as Epístolas de Paulo na língua em que foram escritas, sempre o compreendeu assim. De outra forma, à condenação das crianças mortas sem haverem sido batizadas, os mesmos teólogos gregos opõem as palavras de Cristo, repreendendo os discípulos que as afastavam dêle, dizendo-lhes: *"Deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o reino de Deus"*. (Mateus XIX,/14). Ora, as crianças a que êle se referia não eram batizadas, porque o batismo, ainda, não tinha sido instituido.

Dizer que Deus castiga os filhos por erros cometidos pelos pais ou avoêngos é fazer d'Êle o pior juízo; é colocá-lo cem vêzes abaixo dos juízes da Terra. Qual aquêle que em nosso globo tivesse a missão de julgar e fôsse capaz de condenar um homem porque um seu antepassado há muitos anos houvesse cometido um crime? E se um pecador é incapaz de uma falta de escrúpulo desta natureza, como admitir-se que o Criador de tôdas as coisas, infinito em tôdas as suas perfeições, seja capaz de tamanha crueldade e injustiça?

Eis aqui o equívoco que condena tôdas as crianças. Deus proibe a Eva e a seu marido de comer do fruto da árvore da Ciência que Êle plantou no Eden e lhes disse: *"No dia em que dêle comerdes, certamente morrereis"* (Gên. II, 17). Êles comeram e não morreram, pois Adão viveu ainda 930 anos. É necessário, assim, compreender que se trata de uma outra morte; é a morte da alma. Mas Deus não disse que Adão estava condenado; são, assim, seus filhos os condenados; e como? Porque Deus condenou a serpente que fascinou Eva a marchar sôbre o ventre (pois antes ela caminhava com os pés), e a raça de Adão foi condenada a ser mordida no calcanhar. Ora, a serpente é visìvelmente o Diabo, e o calcanhar que ela morde é a nossa alma. *"O homem esmagará a cabeça da serpente"* (Gên. III, 5); é claro que é preciso entender por isto que o Messias venceu o Diabo. Mas êle esmagou a cabeça da serpente, libertando tôdas as crianças que não tinham sido batizadas? Eis o mistério. E as crianças são condenadas porque seus "primeiros pais" comeram do fruto do jardim? Eis ainda um mistério. Paremos por aqui. Não é por Adão que somos condenados, não será por Caim? "Temos a dita de descendermos de Caim, uma vez que Abel morreu solteiro e é mais razoável ser-se condenado por um fratricida do que por certa maçã. Mas não pode ser por Caim; pois está escrito que Deus o protegeu e lhe pôs um sinal, com temor que o matassem; e está escrito, ainda, que êle fundou uma cidade, no tempo em que êle estava quase só na Terra, com seu pai, sua mãe e com seu filho chamado Enoque.

Mas, diz Voltaire, qualquer que seja a nossa descendência, é indubitável que os judeus não tinham ainda ouvido falar do pecado

original, nem da condenação eterna das crianças mortas sem a circuncisão. Os saduceus não acreditavam na imortalidade da alma, e os fariseus, que acreditavam na metempsicose, não podiam admitir a condenação eterna. De qualquer forma essa teoria seria contraditória para qualquer dos dois.

Jesus foi circuncidado em criança e batizado como adulto, segundo o costume judeu. Mas êste era um uso dos antigos povos hindús, dos brâmanes, que faziam crer que a água não só tirava as manchas do corpo, como também da alma.

Jesus, em sua palavra, circunciso e batizado, não fala em nenhum dos Evangelhos do pecado original. Nenhum apóstolo diz que as crianças não batizadas serão condenadas pelo pecado da maçã proibida. Nenhum dos primeiros Pais da Igreja adiantou essa cruel quimera; e todos sabem que Adão, Eva, Caim e Abel, só foram conhecidos do pequeno povo judeu, e por mais ninguém.

Quem foi, pois, que falou disto em primeiro lugar? pergunta Voltaire. E êle mesmo responde: foi o africano Agostinho. Homem assás respeitável, mas que torce algumas passagens de Paulo para inferir em suas cartas a Evódio e a Jerônimo, que Deus precipita do seio de suas mães, nos infernos, as crianças que morrem nos primeiros dias de vida. Lêde, aconselha o grande escritor, o segundo livro da revista de suas obras, cap. XLV.

> "A fé católica ensina que os homens nascem tão culpados, que as crianças mesmas são certamente condenadas quando morrem sem se terem regenerado em Jesus".

É verdade, diz o filósofo, que a natureza nauseada no coração dêste mestre de Retórica, o força a tremer desta sentença bárbara; entretanto, êle a pronuncia, êle não se retrata, êle que mudava constantemente de opinião.

A Igreja faz prevalecer êste sistema terrível, que torna o seu batismo mais necessário; o que não acontece com as comunidades reformadas que o repelem hoje. A maior parte dos teólogos não ousa mais admití-lo; no entanto, continua a dizer que os nossos filhos pertencem ao inferno. Isto é tão verdadeiro, que o padre, batizando essas inocentes crianças, pergunta se elas renunciam ao demônio; é o padrinho que responde o sim por elas e isto é o bastante. Nós espíritas não pensamos como os católicos, que a natureza do homem seja diabólica. Mas, por que se afirma que o homem está sempre propenso ao mal?

A nossa teoria é por demais conhecida. O mal, qualquer que seja a sua modalidade, tenha êle um sentido material ou moral, é o

produto, ainda, de nossa inferioridade, inferioridade que pouco a pouco vai desaparecendo à medida de nossa evolução. Não é igual a resposta do filósofo citado, mas, nos serve.

Deus dá o amor próprio e a benevolência, útil a nós e ao próximo; a cólera que é perigosa, a compaixão que a desarma, a antipatia e a simpatia, muitas necessidades e muitos meios de superá-las, o instinto, a razão e as paixões — eis o homem. Quando fôrdes deuses, ensaiai fazer coisa melhor.

* * *

Nada mais absurdo que a proibição feita a Adão de comer do fruto da pretensa árvore da ciência do bem e do mal. O bom senso nos diz que o contrário é que deveria ter-se dado, isto é, que nossos pais deveriam ter recebido ordem de comê-lo o mais possível para que pudessem distinguir o bem do mal. Como poderiam êles usar de prudência se não sabiam fazer a distinção entre o bom e o que não presta? Como conseguiriam ser virtuosos se ignoravam o que era a virtude e o crime?

Pela lógica seguida, não podemos considerar a serpente inimiga do gênero humano, uma vez que procurava ensinar ao primeiro casal o meio de torná-lo sábio, mas, Deus, ao que tudo indica, teve inveja, pois, quando pressentiu que o casal era capaz de distinguir a virtude do vício, o expulsou do paraíso terrestre, receioso de que êle comesse, também, da árvore da vida, dizendo-lhes:

> "Eis aqui Adão tornado como um de nós, sabendo o bem e o mal-mas para que êle não coma da árvore da vida e não viva eternamente, Deus o pôs fora do jardim do Eden."

Há, incontestàvelmente, em tôda essa lenga-lenga, uma série de blasfêmias contra a verdadeira essência e a verdadeira natureza de Deus, quando se dá a entender que o Criador ignorava que a mulher com que presenteou Adão para companheira, fôsse ser a causa de seu crime e conseqüentemente de sua ruina; que interditava ao homem o conhecimento do bem e do mal, a única coisa que poderia regular seus costumes; e que temia que êste homem, depois de haver comido da àrvore da vida se tornasse imortal. Tal receio e tal inveja convirão à natureza de Deus?

Outra coisa que impressiona grandemente aos que não aceitam o dogma católico é esta sacrílega imputação, êste indisfarçável ultrage à justiça de Deus, tal o de condenar todo o gênero humano pelo crime cometido pelos nossos "primeiros pais"; há aí falta de coerência, uma vez que não se encontra uma só palavra que toque nessa

invenção do pecado original, nem no Pentateuco, nem nos Profetas, nem nos Evangelhos apócrifos ou canônicos, nem em nenhum dos escritores a quem denominamos *os primeiros Pais da Igreja.*

Voltaire, por quem nutrimos profunda admiração, em seu "Dictionnaire Philosophique", comenta que Deus não condena Adão à morte por haver comido da maçã, afirmando, mesmo: *"Tu morrerás certamente no dia em que a comeres"*, tanto que é o próprio Gênesis que nos diz haver Adão vivido, malgrado o repasto criminoso, novecentos e trinta anos. Os animais e as plantas que não haviam comido dêste fruto, morrem dentro do prazo prescrito pela natureza. O homem, como tudo o mais, foi feito para morrer. Enfim, diz o filósofo, a punição de Adão não entrava de forma alguma na lei judia..

Adão era tão judeu como persa ou caldeu. Os primeiros capítulos do Gênesis (em qualquer tempo que fôssem compostos) foram olhados por todos os sábios judeus como uma alegoria, e até como uma fábula muito perigosa, pois, a sua leitura era interdita ao israelita que não houvesse atingido os vinte e cinco anos de idade. Em uma palavra, os judeus conheceram tanto o pecado original, como as cerimônias chinesas; e embora os teólogos milagrosamente encontrem tudo, absolutamente tudo o que querem nas Escrituras, podemos assegurar que um teólogo razoável nunca achará nelas qualquer coisa que fale dêsse mistério incompreensível do pecado original.

Confessemos, diz, ainda, o grande escritor francês, que foi Sto. Agostinho quem primeiro levantou esta estranha idéia, própria da cabeça de um africano dissoluto, maniqueano, cristão, indulgente ou perseguidor, que passou tôda a vida a se contradizer.

> "Que horror, gritam os unitários rígidos, caluniar o autor da natureza, a ponto de lhe imputar milagres contínuos para condenar os homens que êle fêz nascer por tão pouco tempo Ou Êle criou as almas de tôda a eternidade, e neste caso eram elas infinitamente mais antigas que o pecado de Adão, sem relação, portanto, com êle; ou estas almas são formadas a cada momento que um homem se deita com uma mulher, e neste caso Deus está continuamente espreitando todos os "rendez-vous" do Universo para criar espíritos que irá tornar eternamente infelizes; ou Deus é a alma de todos os homens, e dentro dêste sistema Êle se condena a si próprio. Qual é a mais horrível e a mais louca destas três suposições? Não há uma quarta; pois a opinião de que Deus espera seis semanas para criar uma alma condenada em um feto, torna àquela que o faz criar no momento da cópula: que importa seis semanas de mais ou de menos? (27).

Qual mal pôde fazer uma criança que, apenas, acaba de nascer? Como pôde ela prevaricar? Como pode uma criancinha que nada

(27) Voltaire — **Dictionnaire Philosophique** — ed. 1860 — pg. 258.

fêz, sofrer as conseqüências da maldição de nossos "primeiros pais"? Eram estas as interogações de Clemente de Alexandria, êste homem sábio da antiguidade. Observai bem que êle pronunciava estas palavras não para combater a opinião rigorosa do pecado original que não se tinha ainda desenvolvido, mas sòmente para mostrar que as paixões, que podem corromper todos os homens, não podem ter, ainda, atingido uma criança. Êle não afirmou: "esta criatura de um dia não será condenada se morrer hoje"; pois ninguém tinha sequer imaginado que ela seria condenada. São Clemente não podia, assim, combater um sistema desconhecido.

O pensamento de Orígenes, quanto ao pecado original, não consistia senão na infelicidade de poder o homem tornar-se semelhante a Adão, pecando como êle. Convenhamos que o batismo fôsse uma necessidade, aceitemo-lo, para argumentar que êle fôsse o sêlo do Cristianismo, mas ninguém havia dito ainda que êle apagasse ou lavasse os pecados ainda não cometidos; ninguém, inicialmente, seria capaz de afirmar que uma criaturinha inocente, morta um minuto após o nascimento, fôsse condenada às chamas eternas.

Tertuliano, segundo reza a História só queria ser batizado no momento da morte; e o foi por um bispo ariano. Êle participava da crença antiga de que se o homem fosse batizado e não cometesse depois nenhum pecado, teria direito à bem-aventurança. Foi nesta époco e por esta razão que começaram a batizar as crianças.

Há mais ainda. Jesus nunca disse: "A criança não batizada será condenada". Êle veio ao mundo, segundo a crença católica, para expiar todos os pecados, para resgatar o gênero humano; logo as crianças não podiam ser condenadas. E se o sacrifício de Cristo Deus, no conceito católico, era infinito, por que então o batismo para complemento? O batismo, vem assim, dar uma demonstração de que o sacrifício de Jesus por si só, não é o bastante para resgate do gênero humano, nem mesmo das crianças que nunca pecaram. Eis a lógica.

Jesus foi batizado, mas a ninguém batizou. Paulo circuncidou Timóteo, seu discípulo, mas não disse que o havia batizado.

No Gênesis C. I, 26, 27, 28, Deus criou o homem e a mulher no sexto dia, abençoou-os e deu-lhes a terra para trabalhar e lhes disse: *"crescei e multiplicai-vos"*. Assim sendo, nessa ordem, Êle admitiu o ato da procriação como indispensável à multiplicação da espécie, não podendo, portanto, êsse ato constituir um crime.

Segundo Leterre em "Jesus e sua Doutrina", e segundo, ainda, Voltaire, em seu "Dictionnaire Philosophique", t. 14, ed. 1860, pg. 259 — Pelágio e seus discípulos diziam que

"Se todos os homens nascessem da cólera eterna daquêle que lhes deu a vida; se antes de pensarem, êles já são culpados, é, pois, um crime hediondo permitir-lhes vir ao mundo; o casamento seria o mais horrível delito e, neste caso, o casamento não passaria do máu princípio dos maniqueanos. Isto não seria mais adorar a Deus; mas ao Diabo."

Pelágio e os seus debatiam esta doutrina na África, onde Agostinho gozava de imenso prestígio. Êle antes tinha sido maniqueano; abandonando estas fileiras, viu-se na obrigação de combater Pelágio. Não podendo êste resistir a Agostinho, nem a Jerônimo; e enfim de discussão em discussão, a disputa já se ia prolongando demais, quando Agostinho deu o caso por terminado, impondo ao catolicismo a crença de que as crianças nascidas e por nascer no Universo se encontravam em estado de condenação, nestes têrmos:

"A fé católica ensina que todos os homens nascem tão culpados, que mesmo as crianças são condenadas quando morrem antes de se regenerarem em Jesus."

Foi num concílio de bispos na África, segundo Leterre, que o tema do pecado original ficou resolvido, e foi Cipriano, bispo de Cartago, discípulo de Tertuliano, que propalou até o IVº século, quando se deu a polêmica entre Agostinho e Pelágio, por escrito, escritos êstes que foram destruidos posteriormente pelo clero romano, como tantos outros, se bem que os concílios de Dióspolis e de Jerusalém, em 415, reconhecessem que Pelágio tinha razão.

O concílio de Milano, também, foi a seu favor, mas os bispos de África, estimulados por Agostinho, pediram ao Papa que condenasse aquêles dois concílios, bem como o próprio Pelágio. Inocêncio I interrogou Pelágio e recusou condená-lo, bem como os concílios, que o absolveram.

Inocêncio I morreu logo após, e os bispos africanos voltaram à carga, junto ao Papa Zózimo. Êste interrogou Pelágio e confirmou a recusa de Inocêncio.

Agostinho, no dizer de Leterre, estourou de raiva e forçou êste Papa a interrogar novamente Pelágio e seus adeptos. Foi aí que o dogma do pecado original começou a tomar foros e a tornar-se, por assim dizer, o pedestal do Catolicismo.

Camille Crewell, um dos dezesseis apologistas, colaboradores de "Christus", de autoria de Joseph Huby, a pg. 11, dá a tradução da prece que o padre da primitiva religião Nahuatl, do México, há milhares de anos, recitava perante os fiéis:

"Êle não pecou livremente, pois agiu sob a influência do astro que se prende ao seu nascimento."

É mais uma prova dos conhecimentos astrológicos de povos antiquíssimos e do desconhecimento do pecado de Adão.

* * *

A religião católica declara que as crianças mortas com pouca idade vão para o Céu, se receberem o sacramento do batismo. Mas julgar assim, é fazê-lo arbitràriamente. Quem será capaz de assegurar com tôda a certeza sôbre a conduta que estas crianças teriam se suas existências tivessem seguido o seu curso normal? Deus, dando felicidade eterna a uma alma, por alguns minutos passados na Terra, durante os quais ela não pôde fazer nem o bem nem o mal, seria profundamente injusto. Êle seria injusto para o resto dos homens, aos quais imporia tôda a sorte de penosas provações, concedendo de outro lado a felicidade eterna, a quem, pela exigüidade do tempo passado entre nós, não sofreu e nem sequer imaginou as agruras da vida.

Para gozar-se a felicidade suprema é preciso fazer jús a ela.

Louis Figuier diz que não se pode explicar esta decisão da Igreja, a menos que se queira supor que Deus é injusto e parcial. Criar uma alma por uma existência de dez minutos, e conceder-lhe depois a eternidade das recompensas, eis o que Deus não saberia fazer na sua infinita eqüidade.

Isto que acabamos de apresentar, se refere, apenas, às crianças mortas depois de haverem recebido o sacramento do batismo.

E aos olhos desta mesma Igreja, o que se tornarão as crianças mortas sem êle? Alguns teólogos ferozes que escreveram antes de Agostinho, diz Figuier em "Le lendemain de la Mort", não hesitaram em condená-las às chamas eternas. No entretanto, suas opiniões não prevaleceram, e a doutrina de Agostinho, que felizmente evolveu, tornou-se lei. A Igreja envia as crianças mortas para um purgatório especial que denomina *limbo.* É morada intermediária entre o Céu e o Inferno, onde, segundo se afirma, não se sofre, nem se goza e onde estão privadas da contemplação de Deus. As crianças, porém, que morreram sem o sacramento do batismo são muito numerosas em face da população de nosso globo. A religião católica é professada por muito menos de um décimo da população da Terra e nem todos os católicos se apressam em batizar seus filhos. De outro modo, muitas crianças morrem de acidentes. Será que Deus, na sua infinita bondade, será capaz de atirar a alma dêsses que sem culpa e sem a ação da vontade, deixaram de receber o aludido sacramento, que não podem responder pela indiferença dos pais, que foram acidentadas, sem que pudessem disso se aperceber, em uma espécie de aniquila-

mento, que não é outra coisa o tal limbo criado pela imaginação dos teólogos interesseiros?

Isto não é tudo. A instituição do batismo é relativamente recente. Nos dois primeiros séculos não se usava batizar as crianças; uma vez que não constituia crença, esta hoje em moda, de que as crianças pagam pelo pecado de Adão. Antes do Catolicismo, tôdas as crianças eram naturalmente privadas desta cerimônia sacramental, o que significa que tôdas elas, na concepção católica romana, estão no limbo.

A humanidade é bem antiga, ela é mesmo mais velha do que pensam os teólogos. Segundo a Vulgata, tem o mundo mais ou menos seis mil anos e segundo os Setenta, mais ou menos sete mil. Ora, a Ciência afirma que em vez de seis ou sete mil anos da teologia católica, o mundo conta com algumas centemas de milhões de anos de existência. Assim, as crianças, durante centenas de milhares de anos, isto é, depois que surgiu na Terra o primeiro casal humano, têm sido condenadas a residir no limbo, pois, não faz muito mais de mil e quinhentos anos que um pequeno número de crianças têm sido batizadas para merecer a graça de entrar no Paraíso.

Agora, quando pensamos que aquelas que não foram batizadas, nada fizeram para merecer esta sorte, pois, o batismo não havia, ainda, sido instituido, ficamos duvidando da sinceridade de propósitos que presidiu à instituição de sacramento tão original.

Santo Agostinho que condenou as almas, argumenta que elas se encontram neste estado porque estando elas ligadas à de Adão, é provável que tôdas sejam cúmplices. Mas como a Igreja decidiu que as almas não são feitas senão quando o corpo está iniciado, êste sistema caiu, malgrado o nome de seu autor.

Outros dizem que o pecado original se transmitia de alma para alma por via de emanação, e que uma alma vindo de uma outra chegava neste mundo com tôda a corrupção da alma mater. Esta opinião, também, não foi aceita.

O fato que mais intriga é que sendo nossas almas feitas há tão pouco tempo, como podem elas, mesmo, dentro da lógica do clero católico, responder pelo êrro de uma outra alma que viveu há tantos milhares de anos? Não dizem os senhores clérigos que a vida é uma única? Como conciliar, pois, as responsabilidades que atiram sôbre os nossos ombros, com o horrendo crime de nossos "primeiros pais", êsses gulosos impenintentes?

Uma vez que já conhecemos o pensamento católico naquilo que concerne ao batismo, à salvação dos entes que apenas desabrocha-

ram na Terra para morrerem em seguida, examinemos o nosso ponto de vista espírita, isto é, da pluralidade das existências.

A alma de uma criança de alguns meses, ainda se encontra em estado rudimentar; ela é mais ou menos a mesma que era no dia do nascimento. Se a criança morre nesta idade, terá que recomeçar sua carreira. Ela terá que experimentar como tôdas as criaturas humanas, as vicissitudes da vida planetária, até o seu completo aperfeiçoamento.

Nesta doutrina não há privilegiados, são tratados de igual forma tôdas as criaturas de Deus.

> "A explicação que damos dos destinos das crianças é conforme a economia que se observa nas operações da natureza. A natureza quer que nada do que é criado, se perca. A alma de um homem criminoso é má; mas é uma alma, ela existe, ela é eterna; não se deve perder. Sòmente é necessário que se aperfeiçoe e se corrija. É o que acontece, graças às novas existências para as quais a natureza convoca a alma imperfeita, a fim de fornecer-lhe os meios de se erguer da queda. Assim, o princípio da alma é conservado, e nada fica destruido daquilo que foi criado. A alma da criança morta em tenra idade, também, não pode perecer. Uma segunda encarnação em outra criança, permitir-lhe-á retomar o curso de sua evolução, interrompido acidentalmente pela morte. Assim a alma se conserva e nada ficará perdido.
>
> A Química, depois de Lavoisier, iluminou uma grande verdade; é que nada se perde dos elementos da matéria, e os corpos mudam de forma, mas o elemento que compõe o corpo é imperecível, indestrutível e podemos sempre encontrá-lo intato, malgrado as suas mil transformações.
>
> Se é verdade que no mundo material nada se perde, é igualmente certo que no mundo espiritual nada se perde também, e que tudo não faz senão se transformar". (28)

Está, assim, exposta, através das diversas considerações que se encontram neste capítulo, o pensamento do moderno espiritualismo, isto é, do Espiritismo. Em contraste com um Deus caprichoso e injusto que nos apresenta o Catolicismo romano, a doutrina dos Espíritos nos mostra um Criador sábio e justo, que dá igual destino a tôdas as suas criaturas.

O mal existe sob um infinito de modalidades. A explicação de sua origem, dada pelas religiões dogmáticas, não pode ser aceita, nem levada a sério. Assim considerando, nos torna vítimas dos êrros cometidos pelos nossos "primeiros pais". Deus, para os que assim pensam, fica reduzido a um ser caprichoso, que se diverte com o sofrimento de suas criaturas.

---

(28) Louis Figuier — **Le Lendemain de la Mort** — 7.ª ed. 1875 — pgs. 297 a 298.

Na concepção materialista, segundo o Dr. Gustave Geley, há injustiça clamorosa, por outra razão: porque existem milhares de indivíduos sacrificados ao progresso, sem qualquer compensação, enquanto milhares de seus semelhantes que usufrirão mais tarde do progresso devido aos esforços e aos sofrimentos de seus ancestrais nada fizeram para o merecer. Se não encontramos uma explicação plausível a esta dupla verificação, é que a injustiça é a base do Universo.

"Como se nota, estas concepções são insuficientes. E o são porque qualquer que seja o progresso futuro, o mal existirá sempre. Menos freqüente, êle será mais doloroso, devido ao aumento de nossa sensibilidade física e moral. É, pois necessário sempre sofrer e chorar, sem esperanças e sem consolação, no caso de uma catástrofe irreparável, tal seja a morte de um ente querido. Os grandes filósofos pessimistas, não se deram ao trabalho de demonstrar com seus argumentos e outros análogos, a vantagem que o mal levará sempre sôbre o bem.

Mas, ponto essencial, isto é verdade, pois, se o mal é tal qual nós o consideramos atualmente, significa que é dotado da importância irreparável que se lhe atribui.

Se ao contrário, ao monismo clássico ajuntarmos a hipótese da imortalidade individual, então, tudo se aclara:

O mal não sendo mais em todos os casos, senão um estado transitório e sempre reparável, perde a maior parte de sua importância pretendida. Acrescentemos a esta hipótese da imortalidade individual a noção da evolução da consciência individual, desde que ela se esboçou no vegetal e no animal inferior até o seu desabrochar no homem e nos estados super-humanos, e a injustiça aparente do Universo desaparece.

Não há mais, com efeito, nesta idéia, nem privilegiados, nem sacrificados; todos evolvem da mesma forma, da base ao vértice; todos serão compensados de seus esforços depois de sofrerem uma soma sensìvelmente igual de provas e de dores. Eis a forma que concilia o evolucionismo com o idealismo, ou melhor, tal é a concepção que vem completar o evolucionismo.

É a doutrina chamada palingenesia, isto é, a doutrina que admite a pluralidade das existências da alma, ou as encarnações sucessivas e progressivas. De acôrdo com esta doutrina, a alma e o corpo progridem simultânea e progressivamente.

A alma ou a individualidade consciente, em potencial no mineral, foi formada pouco a pouco nos reinos viventes inferiores, para adquirir no homem o seu grande desenvolvimento atual.

Ela cumpriu esta evolução dentro de inumeráveis encarnações nos organismos cada vez mais aperfeiçoados. A morte, da qual ninguém escapa, é bem realmente" um episódio da vida e não a sua interrupção", é uma simples mudança de corpos; a alma deixa o seu invólucro como se deixa uma roupa imprestável para tomar outra nova e melhorada.

Naturalmente, cada encarnação nova é acompanhada do esquecimento dos estados anteriores, pois, o cérebro, órgão material do pensamento durante a duração da vida terrestre, é um cérebro nôvo e a alma que o dirige" lhe é rigorosamente solidária". Êste esquecimento é momentâneo; a lembrança do passado fica tôda inteira conservada, gravada na substância essencial da alma, para reaparecer depois da morte, tanto maior quanto maior fôr a evolução do espírito.

A alma, com efeito, não é mais êste princípio imaterial e incompreensível do velho espiritualismo. A alma não está nunca isolada da fôrça e da matéria. Ela "é uma parcela individualizada do princípio único", é pois fôrça e matéria ao mesmo tempo que inteligência. Seria dotada efetivamente de acôrdo com as teorias ocultistas de um veículo etérico, imponderável, inacessível aos sentidos materiais, escapando de certo modo às condições de espaço e de tempo.

A evolução progressiva da alma, nas suas encarnações sucessivas, se processa "fora de tôda influência sobrenatural". É o resultado do jôgo natural da vida; das sensações, das emoções, dos esforços cotidianos, do exercício de nossas diversas faculdades. Nada se perde: todo o trabalho, todo o esfôrço, tôda a alegria, tôda a dor, têm sua repercussão sôbre a alma, se gravam indestrutìvelmente, constituindo uma nova experiência, uma expansão no campo da consciência, isto é, um progresso. Assim, foram adquiridas pouco a pouco tôda nossa sensibilidade, nossa emotividade, nossa consciência. "Nous ne sommes donc jamais que ce que nous sommes fait nous mêmes!"

Daí uma sanção assegurada e perfeita para todos os nossos atos; desfrutamos os progressos adquiridos, mas sofremos pela nossa imperfeição persistente, por nossa sujeição às fôrças inferiores, por nossa ignorância, causa essencial de nossa escravidão vis-à-vis da natureza. Sofremos, também, pelas más inclinações que deixamos que se instalassem em nós.

O mal que nos atinge é pois:

Ou bem uma conseqüência de nossa inferioridade atual, que não nos permite o elevar-nos acima dela, como o mal físico, o sofrimento material; como a maior parte dos sofrimentos morais, o mal intelectual, a sensação de nossa fraqueza ou de nossa impotência, como, também, o mal geral inerente a nosso estado de civilização ainda tão inferior. Ou, ainda, o mal é a conseqüência de nossos atos anteriores, pois, nada se perdendo de nosso passado, cada uma de nossas ações, cada um de nossos pensamentos tem sua conseqüência fatal, sua reação inevitável "em uma ou outra de nossas existências."

Nos dois casos o mal é útil: êle é o aguilhão que nos impede de imobilizar-nos em nosso estado atual, que nos adverte, assim que nos encontramos em má estrada e nos concede a fôrça para seguir a boa. O mal é, assim, o principal fator de nossa elevação progressiva. É, em uma palavra, a medida da inferioridade dos mundos e dos indivíduos, a condição necessária do progresso futuro e também, em certos casos, a sanção do passado.

O mal assim compreendido, não tem mais que um caráter relativo, transitório e sempre reparável. De mais, êle é sentido, dentro de uma medida idêntica, por todos os indivíduos, porque as condições gerais do desenvolvimento, são no fundo as mesmas para todos; por-

que os acasos felizes e infelizes se compensam em uma série suficientemente longa de encarnações.

Pode-se dizer, em suma, que se as concepções são verdadeiras, não há mais mal real, no sentido absoluto que damos a êste têrmo; que não há mais injustiça no Universo; mas em tôda parte realizado ou em via de realização, um ideal superior de bondade e de justiça; um ideal levando a todos a certeza da felicidade futura no "desenvolvimento indefinido da consciência e do triunfo espiritual.

Com essas idéias, enfim, a grande lei da solidariedade tudo domina, solidariedade magnífica ligando, no passado, o presente e o futuro, não sòmente tôda a humanidade, mas tudo o que pensa, tudo o que vive, tudo o que é; compensando em uma "igualdade geral e total" as desigualdades passageiras e parciais resultantes da lei do esfôrço e da evolução." (29)

Diz, ainda o grande naturalista, que as conseqüências de uma semelhante doutrina se compreendem de repente.

Elas se resumem em algumas prescrições: trabalhar, amar, ajudar; rejeitar todos sentimentos baixos e inferiores, tais como o egoismo, o ciúme e sobretudo o ódio e o espírito de vingança; evitar tudo o que possa prejudicar os outros; não desprezar ninguém; não ver nos imbecis, nos perversos e criminosos senão sêres inferiores, quando às vêzes só se trata de doentes; e por conseguinte, ser-se indulgente para com os erros alheios; abster-se mesmo, na medida do possível, de julgá-los; estender, enfim, nossa piedade e nossos auxílio até aos animais, aos quais evitaremos o mais possível o sofrimento e aos quais devemos poupar a morte, a não ser em caso de absoluta necessidade; em último lugar, como conseqüência natural da nova doutrina, resignar-nos às desigualdades naturais e passageiras, resultado da lei evolutiva, e desprezar profundamente as desigualdades factícias, as divisões malsãs provenientes dos prejuízos de castas, de religiões, de raças e fronteiras, prejuízos que desaparecem imediatamente com a idéia de que os homens, em suas vidas sucessivas, passam todos pelas condições mais diversas.

Vêde como a doutrina da imortalidade no monismo é satisfatória, quanto são belos seus dados e suas conclusões e quanta serenidade e consolação existe nela! Quem quer que haja penetrado nas suas concepções não poderá deixar de trabalhar para o futuro com tôdas as fôrças, sem mesmo se importar com o resultado atual ou com os benefícios imediatos, na realização de seu ideal de liberdade, de justiça e de amor.

É que, com efeito, não há nada nestas idéias imortalistas, de análogo "às velhas canções que embalavam a miséria humana", na expressão de Jaurés.

---

(29) G. Geley — Les Preuves du Transformisme — ed. 1901 — pgs. 258 a 270.

Não se trata mais de esperanças sobrenaturais, milagrosas, contrárias à razão, furtando-se a tôda a crítica, baseadas em uma palavra sôbre o "credo quia absurdum". Trata-se de uma concepção perfeitamente natural da vida e do Universo. Esta concepção, longe de entorpecer-nos, encoraja-nos poderosamente à ação, pois nos dá a esperança de que nada, de nossas penas, de nossos trabalhos e de nossos esforços, será perdido. Ela nos mostra o fim a atingir, não em um empíreo misterioso e incompreensível, mas simplesmente, em uma humanidade aperfeiçoada e melhorada; ela nos dá a certeza de chegar, pelo desenvolvimento ininterrupto da consciência individual, a acalmar plenamente nossa sêde de ideal, a satisfazer nosso desejo de saber o que é o Universo em sua integridade, de apreciar e de desfrutar um dia tudo o que há de belo e de bom, não sòmente em nosso planeta, mas, também, nos milhões de sistemas solares, de estrêlas inaccessíveis, de mundos desconhecidos, de unir, em uma palavra, a Ciência terrestre à Ciência das esferas superiores e à Onipotência do infinito.

Eis aí a que ficou reduzido o pecado original, a maldição que, segundo a teologia mistificadora, pertence a todos os que ingressam neste mundo de Deus, pelo fato de um casal primitivo e lendário, haver pecado, cumprindo a determinação do seu Criador de crescer e multiplicar-se. Não há nem poderá haver maior contradição do que esta!...

> "Deus ordenou que os nossos primeiros pais crescessem e se multiplicassem, e porque êles procurassem cumprir a determinação de Jeová, pecaram e arrastaram os seus descendentes a esta interminável escala de misérias de que está repleto o mundo."

Mas, senhores, tudo isto é pura invencionice. Fica aí, pois, a teoria elevada do alto espiritualismo científico. Ela não sòmente é lógica, consoladora e sublime, mas, acima de tudo, é reabilitadora do nome de nosso Criador, tido e havido pelo Cristianismo deturpado, como um Deus caprichoso e cruel.

É esta a história do mal. Deus não cria filhos privilegiados, filhos diletos. Todos nós conseguimos a nossa situação atual, à custa de lutas ininterruptas, através das diversas encarnações por que passamos e não é êste o nosso ponto de parada, pois a vida é infinita.

Será justo que pelos pecados de nossos "primeiros pais" sejamos todos condenados ao sofrimento, à morte e mesmo a um inferno eterno?

Não é a própria Igreja Romana que afirma que a nossa alma é criada pouco antes do nosso nascimento? Como se compreende que

sejamos atingidos em nossa alma, nós que nada temos em comum com o primeiro casal?

Como se pode pensar que Deus tenha tido a intenção de criar na humanidade, tôda uma raça de párias, destinada ao sofrimento, à desgraça, pelo êrro de seus pais e apenas por haverem comido uma maçã? E a solicitação de Eva a Adão não seria pesada como uma circunstância atenuante?

O Bramanismo, queiram ou não queiram, tem uma concepção da justiça de Deus muito mais elevada.

Em nosso livro "Como os Teólogos Refutam...", reproduzimos a lenda de Ádima e Heva, tal qual se encontra no "Hari Pourana" e ainda, hoje, é cultivada na ilha do Ceilão. Pretendemos, agora, para conhecimento dos estudiosos, registrar a mesma lenda, transcrita do "Ramatsariar — Preceitos e Comentários" e iremos verificar, mais uma vez, qual a origem da legenda de Adão e Eva, alicerce profundo, onde repousa o edifício do Catolicismo Romano e conseqüentemente o dogma ridículo do pecado original.

> "A Terra era coberta de flôres, as árvores pendiam sob o pêso dos frutos, milhares de animais pulavam de alegria nas planícies; as aves e os pássaros voavam satisfeitos, os elefantes brancos passeavam lentamente à sombra das florestas gigantescas, e Brama compreendeu que era o momento de criar o homem que deveria povoar esta estância. Êle distinguiu o homem pela fôrça, o talhe e a majestade, e o chamou Ádima (em sânscrito, o primeiro homem); A mulher recebeu em partilha a graça, a doçura e a beleza, e a chamou Heva (em sânscrito, o que completa a vida). Com efeito, dando uma companhia a Ádima, o Senhor completava a vida que lhe acabava de dar, e assentando, assim, as bases da humanidade que iria nascer, Êle proclamava a igualdade do homem e da mulher sôbre a Terra e para o Céu."

Princípio divino que foi mais ou menos desconhecido pelas legislações antigas e modernas, e que só foi abandonado pela influência deletéria dos padres, quando da revolução bramânica.

> "O Senhor deu então a Ádima e a Heva, por morada, a antiga Trapobana dos antigos, a ilha de Ceilão, ilha bem digna por seu clima, seus produtos e sua esplêndida vegetação, de ser o Paraíso terrestre, o berço do gênero humano.

Depois proibiu a Ádimo e Heva de deixarem Ceilão, e continuou nestes têrmos:

> Ide, lhes disse, uni-vos, produzi sêres que serão vossa imagem vivente na Terra, por séculos e séculos, até que volvais a mim. Eu, Senhor de tudo o que existe, vos criei para me adorardes durante

tôda a vossa vida e aquêles que tiverem fé em mim partilharão de minha felicidade depois do fim de tôdas as coisas. Ensinai isto a vossos filhos, que êles não percam nunca minha lembrança, pois eu estarei com êles tôdas as vêzes que êles pronunciarem meu nome."

Depois proibiu a Ádimo e Heva de deixarem Ceilão, e continuou nestes têrmos:

— "Vossa missão deve cingir-se a povoar esta ilha magnífica, onde tudo reuni para vossa satisfação e vossa comodidade, e espalhar meu culto no coração daquêles que vão nascer. O resto do Globo é ainda inabitável; se mais tarde o número de vossos filhos crescer de tal forma que esta ilha não seja suficiente para o conter, que êles me interroguem em meio aos sacrifícios, e eu farei conhecer minha vontade. Dito isto desapareceu.

Então, Ádima, voltando-se para sua jovem mulher, a olhou... Seu coração pulsava no peito à vista de uma tão perfeita beleza... Ela se mantinha de pé diante dêle, sorrindo em sua virginal candura, palpitante de desejos desconhecidos; seus grandes cabelos soltos, envolviam seu corpo, enlaçando em suas aspirais caprichosas, a sua pudica figura e os seus seios nus que a emoção começa a erguer. Ádima se aproximou dela trêmulo. Ao longe o Sol desaparecia no oceano, as flôres das bananeiras se erguiam para aspirar o orvalho da tarde; milhares de pássaros de plumagens variadas gorjeavam docemente no alto dos tamarindeiros e das palmeiras, os pirilampos fosforescentes começavam a volutear nos ares, e todos êstes ruídos da natureza subiram até Brama, que se rejubilava em sua mansão celeste. Ádima se animou então a passar a mão pela cabeleira perfumada da companheira; êle sentia como que um calafrio percorrer todo o corpo de Heva, e êste "frisson" contaminou-o... Tomou-a, então, entre os braços e lhe deu o primeiro beijo, pronunciando baixinho o nome de sua companheira, Heva, que acabava de lhe ser dada... Ádima, murmurava docemente a jovem mulher que o recebia... E cambaleante, agitada, seu belo corpo vergou sôbre os braços de seu companheiro... A noite chegava, os pássaros silenciavam nas matas; o Senhor estava satisfeito, pois o amor acabava de nascer, precedendo a união dos sexos. Assim, o quis Brama, para ensinar às suas criaturas que a união do homem e da mulher sem o amor seria uma monstruosidade, contrária à natureza e às suas leis.

Ádima e Heva viveram algum tempo em uma felicidade perfeita, nenhum sofrimento vinha perturbar-lhe a quietude; êles não tinham mais que estender a mão para colhêr os frutos mais saborosos; não tinham mais que abaixar-se para apanhar o arroz, o mais fino e o melhor.

Mas um dia uma vaga inquietude começou a se apossar de ambos; ciumento de sua felicidade e da obra de Brama, o príncipe dos Rackchasas, o espírito do mal, lhes insuflou um desejo desconhecido.

— Passeemos na ilha, disse Ádima a sua companheira, e vejamos se não há ainda um lugar mais belo do que êste.

Heva seguiu o espôso; êles marcharam durante dias e meses, parando às margens claras das fontes, sob as gigantescas árvores que lhes escondia a luz do Sol... Mas, a medida que êles avançavam, a jovem mulher se sentia tomada de um terror inexplicável, de receios estranhos.

— Ádima, dizia ela, parece-me que desobedecemos ao Senhor. Já não abandonamos o lugar que Êle nos deixou para a nossa morada?

— Não tenhais mêdo, respondeu Ádima, não foi daquela terra horrível, inabitável que Êle nos falou.

E êles marchavam sempre...

Chegaram, enfim à extremidade da ilha de Ceilão; em frente a êles, viram um belo braço de mar, estreito, e de outro lado, uma vasta planície que parecia estender-se ao infinito; um estreito atalho formado de rochedos que se elevavam do seio das águas, unia sua ilha a êste continente desconhecido.

Os dois viajantes pararam maravilhados; o lugar que êles avistavam era coberto de grandes árvores, pássaros de mil côres esvoaçavam por entre a folhagem.

— Eis aí coisas muito belas, disse Ádima, e que bons frutos essas árvores nos devem dar! Vamos prová-los, e se êste país fôr preferível ao nosso, aí plantaremos nossa tenda.

Heva, trêmula, implorou a Ádima nada fazer que pudesse irritar o Senhor contra êles.

— Não estamos nós em um bom lugar? Não temos água pura, frutos deliciosos, por que procurar outra coisa? E então!

— Nós voltaremos, disse Ádima. Que mal nos pode causar o visitar êste país desconhecido que se oferece a nossos olhos?

E êle se aproximou dos rochedos. Heva o seguia tremendo. Êle tomou, então, sua mulher nos ombros e pôs-se a atravessar o espaço que o separava do objeto de seus desejos.

Assim que êles tocaram a terra, um barulho pavoroso se fêz ouvir; árvores, flôres, frutos, pássaros, tudo o que êles avistavam da outra margem desapareceu de repente; os rochedos sôbre os quais êles tinham vindo, afundaram no abismo das águas; sòmente algumas rochas agudas, continuaram a dominar o mar, como para indicar a passagem que a cólera celeste havia destruído.

Êstes rochedos que se elevam no Oceano Índico, entre a ponta oriental da Índia e a ilha de Ceilão, são ainda hoje conhecidos sob o nome de "Palam Ádima", isto é, pico de Adão.

Assim que os vapores vão à China e à Índia, diz Jacolliot, passam as Malvinas, o primeiro ponto da costa hindu que êles avistam é um pico azulado, muitas vêzes coroado de nuvens, e que se eleva majestosamente do seio das águas. É do pé desta montanha que, segundo a tradição, o primeiro homem partiu para ir abordar à costa da grande terra.

Desde os tempos mais recuados, esta montanha traz o nome de "Pico de Adão", e é ainda sob êste nome que a ciência geográfica moderna o designa.

Continuemos a descrição de nossa lenda interrompida:

"A vegetação que êles tinham avistado de longe não era mais que uma miragem enganadora, suscitada pelo príncipe Backchasas para os levar à desobediência.

Ádima se deixou cair na areia nua; mas Heva veio a êle e se lhe atirou nos braços dizendo: — Não te desoles; roguemos, antes, ao autor de tôdas as coisas, que nos perdoe. No momento em que ela assim falava, uma voz se fêz ouvir entre as nuvens e pronunciou as seguintes palavras:

"Mulher, não pecaste senão por amor a teu marido, que eu te ordenei que amasses, e tu esperaste de mim. Eu te perdôo, e a êle por tua causa! Mas não mais entrareis no lugar de delícias que eu havia criado para a vossa felicidade. Pela vossa desobediência as minhas ordens, o Espírito do mal acaba de invadir a Terra... Vossos filhos, reduzidos a sofrer e a trabalhar a terra por vossa falta, se tornarão maus e me esquecerão. Mas eu enviarei Vichnou, que encarnará no seio de uma mulher, e trará a todos a esperança da recompensa em uma outra vida, e o meio, orando a mim, de amenizar seus males."

Êles se ergueram consolados, mas daí por diante, tiveram que se submeter a um duro labor, para obter da terra o seu alimento." (Ramatsariar — Preceitos e Comentários sôbre os Vedas).

Que grandeza e que simplicidade nesta lenda hindu, e ao mesmo tempo quanta poesia! Como se agiganta da Eva bíblica a Heva bramânica! Aquela é uma mulher bronca, sem iniciativa, sem ternura e sem beleza, ao passo que a outra, além de possuir tôdas essas qualidades, é conselheira do marido e não revela desânimo na hora da provação.

O redentor hindu nascerá de uma mulher para recompensar Heva por não haver desesperado de Deus, e por não ter tido a idéia do primeiro pecado, do qual só foi cúmplice por amor para com aquêle a quem o Criador lhe havia ordenado que amasse.

Há aí beleza e consolação, um contraste frisante daquilo que se lê na Bíblia, onde pode haver beleza, mas nenhuma consolação.

Moisés, ou aquêles que escreveram em seu nome, deviam ter copiado integralmente esta lenda bramânica e não transformá-la naquela que deu ensejo ao Catolicismo de criar a fantasia de um dogma ridículo: o pecado original.

Mesmo assim, qualquer das duas lendas deve ser desprezada pelos homens de consciência sadia.

Como se pode conceber que Deus seja dono de tais fraquezas e aceitar que êle por uma simples desobediência de nossos "primeiros pais" haja podido condenar a humanidade inteira, inocente, ao mal e ao sofrimento.

O homem necessitava explicar a origem do mal e o seu raciocínio primitivo criou esta bela fantasia.

Esta tradição nasceu, pois, de uma necessidade, e serviu de modêlo a um mau pintor do Judaismo, que lhe esmaeceu as côres mais belas, dela retirando a perspectiva sublime da bondade divina e a poesia encantadora que lhe deu o Bramanismo.

Não devemos esquecer que Deus é justo e que, para que exista esta desordem aparente, é necessário haver uma razão digna de Deus.

Mas a fantasia que lhe emprestam é simplesmente deplorável, e só se compreende a sua aceitação pela fraca mentalidade e pelo fanatismo humanos.

# A SERPENTE E OUTRAS CRÍTICAS

NÃO procuramos analisar com mais abundância de argumentos a gênesis bíblica, em sua parte mais importante, porque pretendiamos alicerçar os nossos pontos de vista na opinião de homens eminentes que, como nós, que não o somos, se dedicaram a êste estudo.

Quando lêmos atentamente as primeiras páginas da Bíblia, sentimo-nos chocado por um fato estranho: é que o 2º e o 3º capítulos do Gênesis são a negação do 1º. No fim do 1.º capítulo, a criação está acabada. A espécie humana coroou a obra, isto é, o homem e a mulher.

"Deus criou o homem à sua imagem e criou — fêmea".

Esta é a tradição lógica e sensata dos velhos sacerdotes. Deus criou o homem macho e fêmea, como tôdas as espécies inferiores que haviam nascido antes dêle. E tendo, assim, criado o gênero humano nesses dois tipos originais de homem e de mulher.

"Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos! Enchei a Terra e sujeitai-a; e dominai sôbre os peixes do mar, e sôbre as aves do Céu, e sôbre todo o animal que se move sôbre a Terra".

Deus, dizem os livros egípcios, concedeu ao homem o uso de sua obra inteira. Suprimi os dois capítulos seguintes; passai ao 4.º, onde o homem começa, segundo a ordem de Deus e a lei da natureza, a reproduzir sua espécie para povoar a Terra e sujeitá-la! Não percebereis nem interrupção, nem lacuna. Os fatos se desenvolvem com a lógica breve, com a pura concisão que caracteriza a obra atribuida ao legislador judeu.

Tudo nos leva a crer que êstes dois capítulos (2º e 3º) foram intercalados de chofre, no Gênesis, sem nenhuma preocupação de lógica e de razão.

O embaraço do estílo, a confusão das idéias, as redundâncias que aí se encontram e, ainda, por cima, as contradições incríveis que estas narrações atravancadas de invencionices fabulosas e de detalhes puerís oferecem com a primeira reversão, tão grandiosa em sua simplicidade, nos induzem a supor que há lá um retoque que seu au-

tor, ingênuo e desleixado, não teve o cuidado de dissimular. Ora, êstes dois capítulos contém tôda a legenda de Adão e Eva: o paraíso terrestre, a tentação da serpente, a maçã fatal, a condenação terrível, a história da queda, em uma palavra.

Esta lenda tomada dos caldeus ou dos persas teria, na opinião de Eugène Nus, seduzido algum rabino cativo em Babilônia ou em Ecbatane, que a introduzira entre os dois versículos da velha tradição.

Verdadeira ou não esta suposição, o fato é que a contradição é manifesta.

> "Deus criou o homem macho e fêmea, havia dito o primeiro capítulo".
>
> Deus, no segundo, cria antes Adão. Adão sòmente. É Adão que êle forma do limo da terra, Adão que êle coloca em um jardim de delícias, que lho dá a cultivar; é sòmente a êle que dá as suas ordens e a quem dirige as suas ameaças. Pouco tempo se passa e pela primeira vez, Jeová descobre que "a sua obra é imperfeita", e se apercebe que não é bom que o homem fique só. "Façamos, diz Êle, uma companheira à sua imagem".

E depois de haver feito passar por diante de Adão todos os animais da criação, vendo que, entre êsses sêres, não havia um só que fôsse semelhante ao homem, Deus o mergulha em sono profundo, lhe tira uma costela e desta forma a mulher. Por que êste assistente dado a Adão é uma mulher?... Não se trata mais da constituição da espécie, na sua dupla função de pai e mãe, não se trata para o casal primitivo de multiplicar-se e de povoar a Terra. Assim, o autor do 2.º capítulo, esqueceu o 1º. A Teologia segue o seu exemplo. Ela pretende que Adão e Eva criados imortais, e colocados no Éden para a eternidade, continham nêles tôda a humanidade e não deviam reproduzir-se. Mas, então, a que fica reduzida a primeira narração, tão clara, tão precisa, tão conforme com a lei da natureza?

É esta que é a falsa ou é a segunda que é verdadeira?

Tal é a confusão desta legenda, que é impossível descobrir-se, no pensamento do autor, se Adão e Eva eram realmente imortais.

> "Não comais do fruto da árvore da ciência, disse Jeová ao homem, ao colocá-lo no jardim de delícias; pois, se o comerdes, certamente morrereis".

Ao mesmo tempo que comerdes não parece significar que o homem será ferido de morte no momento da desobediência?

*"Por que não comeis dêste fruto? Perguntou a serpente a Eva"*. Deus nos recomendou de não tocá-lo, respondeu ela, com mêdo que

ficássemos em perigo de morte. Nada afirma nesses versículos a imortalidade nativa do homem. Não será antes uma ameaça que lhe é feita, igual a que costumamos fazer a nossos filhos?

O tom infantil da narração torna esta interpretação verossímil.

Enfim, depois da falta cometida, disse Deus ao homem: *Comereis o pão com o suor de vosso rosto, até que torneis à terra de onde viestes.*"

Estas palavras não estabelecem que Adão não devia morrer se não houvesse desobedecido, ou, então, que a sua desobediência mudou em dias amargos e duros, sua vida que deveria ser doce e feliz?

Um versículo dá a entender que a raça humana não devia se multiplicar, senão por haver falido; é depois da queda que Adão dá à sua companheira o nome de Eva que "significa a vida, porque ela não deve ser mãe de todos os homens". Mas, de outra forma, Deus não disse à mulher: terás filhos porque pecaste; Êle disse: *"Eu vos afligirei de vários males durante a vossa gravidez, concebereis na dor"*. E estas palavras não implicam absolutamente que a mulher não devesse ser mãe; elas indicam, antes, que pela falta cometida, ela seria castigada com o parto doloroso.

Eis outro mistério: Como se conseguiu intercalar em um canto do Gênesis, a idéia tão odiosa a Moisés, da pluralidade dos deuses?

> "Eis aí Adão tornado como um de nós, disse Jeová, depois que o homem comeu da árvore da ciência; ora, pois, para que não estenda sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente"...

Teria sido por ciúme que Jeová proibira a Adão de comer a fruta que tentou Eva? E teria sido por êste mesmo motivo que os expulsou do Éden, a fim de que não pudessem êles aproximar-se da árvore da vida? E se o homem depois de seu crime, e malgrado o seu crime, houvesse comido do fruto dessa segunda árvore, todo o poder do Senhor e dos outros deuses dêste Olimpo desconhecido, teria impedido que êle fôsse imortal?

O primeiro efeito da árvore da ciência, segundo o filósofo Eugène Nus, foi de fazer observar ao homem e à mulher a inconveniência da nudez. Reconhece-se com isto, as preocupações favoritas da imaginação oriental.

> "Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais."

E como êles ouviram a voz do Senhor que "passeiava no paraíso ao meio dia, enquanto soprava um vento ameno", êles se retiraram para o meio das árvores do paraíso para se esconderem de sua face."

Os espíritos elevados da Igreja romana se sentem mal, ainda, porque se ensinam aos filhos e as filhas, sob o título de história santa, a legenda das folhas de figueira, mas que significação tem esta impureza ingênua, comparada com o que se revela às almas jovens com a imprudência da confissão? Algumas palavras sôbre a serpente tentadora.

Um versículo vago, interpretado em sentido todo arbitrário, ligou esta fábula suspeita ao mistério da redenção.

"E porei inimizade entre ti e a mulher, disse Deus à serpente, entre sua raça e a tua". "Esta te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar".

A Igreja viu nesta imagem, o anúncio e a promessa de um redentor. Para justificar esta crença, ela personificou Satã na serpente. Isto é uma pura invenção da Teologia. Não se faz alusão a Satã, nem nesses dois capítulos, nem nos livros de Moisés. Os judeus dos primeiros séculos não conheceram êste fantástico personagem. A legenda que discutimos não dá absolutamente a entender que a serpente fôsse mais que serpente.

Jeová disse simplesmente isto:

"Ora a serpente que era a mais astuta de tôdas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito." (30).

Eis na opinião de um filósofo ilustre a que fica reduzida a lenda da serpente tentadora, criada por uma teologia profundamente humana destituida de bom senso.

Ouçamos, agora, a opinião de Cesar de Vesme, ainda em sua obra magistral "Histoire du Spiritualisme Experimental" a respeito dessa frivolidade teológica. Assim se inicia sôbre a história do Diabo o eminente Acadêmico:

"Satã não aparece senão mais tarde nas Escrituras. Estando reservado ao Diabo um papel de suma importância, na "Experimentação espiritualista israelita e cristã, pois, todos os fatos pretendidos sobrenaturais quando não podem ser atribuidos a Deus, são geralmente, atribuidos aos demônios, será útil que nos detenhamos um pouco na consideração da origem dêste ser misterioso.

Os cristãos, desde o tempo em que foi escrito o "Apocalipse" (XII-9), quiseram lobrigar Satã na serpente que tentou Eva, e isto se concebe. Mas o têxto do Gênesis (III-1), parece não autorizar de forma alguma esta interpretação. Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais feitos pelo Senhor; eis o que dizem as Escrituras. Que significaria esta palavra se não se cogitasse de Satã? Demais, Deus não se dirigiu a Satã; e sim à serpente:" Por que fizeste isso,

(30) Eugene Nus — **Les Grands Mystéres** — pg. 428.

tu serás maldita entre todos os animais e tôdas as bestas da Terra; tu caminharás sôbre o teu ventre e comerás a terra todos os dias de tua vida". Estas frases revelam bem o pensamento do autor do Gênesis, que se trata pura e simplesmente de um animal; de outra maneira, parece injusto e desarrazoado punir a serpente que não podia ser responsabilizada pelo procedimento de Satã". (31).

Acrescentando às considerações de Vesme, algumas palavras mais, teriamos que dizer que se a serpente tentadora, era na realidade Satã, e sendo tôdas as serpentes da Terra condenadas a andar de rastro pelo crime daquela que viveu no jardim de delícias, a conclusão é que tôdas as serpentes são demônios. Ora, isto, ultrapassa as raias da imbecilidade.

E se, como afirma a Igreja, a serpente era Satã, como se justificar êste castigo imposto a ela por Jeová? A missão de Satã seria tentar, e o seu castigo já está definido pela Igreja. Como se encontra na gênesis bíblica, a impressão que nos deixa é que a serpente (Satã) pecava pela primeira vez, e sofreu por isso a condenação de andar de rasto eternamente e comer a terra todos os dias de sua vida.

As tradições sôbre a satânica serpente, diz Fr. Lenormant, em "Les Origines de l' Histoire", de que nos fala o Gênesis, estão de tal modo espalhadas pelo mundo e fazem tão proeminente parte das antigas crenças, que uma escola alemã, da qual o senhor Adalberto Kuhn é um dos ornamentos, afirma que ela é o "pivot" de uma explicação universal das religiões antigas.

Entre os africanos, egípcios, persas, gregos, semitas, enfim, em todos os povos, encontramos a serpente como personificação do mal e causa da infelicidade humana; e outras vêzes, adorada como divindade.

Na tradição ariana, Yeina, o primeiro homem, levou a vida em estado de bem aventurança, até que cometeu o pecado cuja conseqüência passou para os seus descendentes, e foi, por isso, expulso do paraíso, depois de haver permanecido nele mil anos, por se ter submetido ao domínio da serpente que lhe trouxe a morte, mediante tormentos incríveis.

Num dos mais antigos textos das Sagradas Escrituras de Zoroastro, o bom Deus Ahuramazda fala em haver criado o homem perfeito, na melhor das habitações, e os espíritos máus, para destruí-lo, haviam formado a assassina serpente, fora do rio e do averno.

Há uma ulterior, mais antiga narração desta tradição, que descreve o homem criado puro e fadado à eterna bemaventurança, se permanecesse limpo em seus pensamentos, palavras e ações e manso

---

(31) C. de Vesme — **Histoire du Spiritualismo Experimental** — pg. 262.

de coração. A princípio êle se manteve fiel para com Deus; mais tarde, porém, a falsidade tomou conta de seus pensamentos, porque a serpente, o espírito mau, seduziu primeiro, a mulher, e logo após, o homem, a crerem que as bênçãos por êles desfrutadas eram devidas à serpente e não a Deus. Tendo, assim, desviado o primeiro casal, o sedutor, que os arrastara à desgraça, cresceu em ousadia; apresenta-se a segunda vez, trazendo-lhes frutos que êles comeram e por comerem perderam tôdas as cem bênçãos que haviam possuido, com exceção, apenas, de uma; e se tornaram maus e infelizes. Após a descoberta do fogo por divina revelação, ofereceram com o seu primeiro sacrifício uma ovelha, começaram a comer carne e a vertir-se com as peles e as lãs dos animais imolados. (32).

Vejamos o que nos diz José de Campos Novais, estudioso dêsses assuntos, em polêmica com Álvaro Reis:

> "O Edda do Snarro Sturleson conta como o imortal Idhuma viveu pura e inocente com Bragi, o primeiro dos trovadores ou poetas, em Asgard, um paraíso no centro da Terra, os deuses haviam confiado a êle a guarda das maçãs que davam a imortalidade".

Vejamos o que nos diz Voltaire, o gênio tão malquisto pela Igreja católica:

> "A serpente passava com efeito no tempo do autor sagrado, por um animal muito inteligente e muito astuto. Ela era o símbolo da imortalidade entre os egípcios. Vários povos da África a adoravam. O imperador Juliano perguntava que língua falava ela. Os cavalos de Aquiles falavam grego; e a serpente de Eva devia falar a língua primitiva. A conversação da mulher e da serpente não nos é narrada como uma coisa sobrenatural e incrível, como um milagre, ou como uma alegoria. Veremos brevemente um asno que fala e não devemos surpreender-nos que a serpente que tinha mais espírito que os asnos, falassem ainda melhor. Em várias histórias orientais, os animais falavam. O peixe Oannés saía do Eufrates duas vêzes por dia para pregar ao povo. Procuraram saber se a serpente de Eva era uma víbora, uma áspide, ou uma outra espécie; mas nenhuma luz se fêz sôbre esta questão". (33).

É dificil saber, afirma o mesmo escritor, o que a serpente entendia por deuses; sábios comentadores afirmam que eram os anjos; responderam-lhe que uma serpente não seria capaz de conhecer os anjos, como pela mesma razão não poderia ela conhecer os deuses. Alguns acreditam que a malignidade da serpente queria, desta maneira, introduzir no mundo, a pluralidade dos deuses; mas, convém mais nos atermos à simplicidade dos textos do que perdemo-nos nestes sistemas.

---

(32) Vendidad — vol. I — pgs. 5-8.
(33) Voltaire — **Obras Completas** — ed. 1860, t. XXXIII, pg. 66.

O Senhor passeia, o Senhor fala, o Senhor sopra; o Senhor age como se fôsse um ser corporal. É que a antiguidade não possuia outra idéia da divindade. Platão passa por ser o primeiro a atribuir a Deus uma substância sutil, que não era pròpriamente um corpo. Os críticos perguntam sob que forma Deus se mostrava a Adão, à Eva, a Caim, a todos os patriarcas, a todos os profetas e a todos aquêles com quem Êle falava com a sua própria bôca. Os Pais da Igreja respondem que Êle tinha uma forma humana, e que não podia fazer-se conhecer de outra maneira, tendo feito o homem à sua imagem; era esta a opinião dos antigos gregos, adotada pelos antigos romanos.

É evidente que tôda esta narração é feita num estilo de história verdadeira e não ao sabor de uma invenção alegórica. Pensa-se em ver um mestre poderoso a quem seu servidor desobedeceu; Êle o chama e o servo se esconde e em seguida se desculpa. Nada é mais simples e mais circunstanciado; tudo é histórico.

Encontra-se no Zend-Avesta a história de uma cobra caída do Céu para fazer o mal na Terra. Na Mitologia, a serpente Ophioni fêz a guerra aos deuses. Uma outra serpente reinou antes de Saturno. Júpiter se transformou em serpente para desfrutar de Proserpina a sua própria filha; supondo que tôdas sejam alegorias, tôdas são difíceis ao entendimento.

Uma prova indubitável de que o Gênesis nos é apresentado como uma história real é o fato de dizer-nos porque a serpente anda de rasto. Isto nos dá a entender que antes ela tinha pernas e pés para locomover-se. É verdade que as serpentes desobedecem ao Senhor, uma vez que elas não comem terra; mas a crença de que elas a comem, deve ser o suficiente.

Por causa da serpente a mulher sofreu o castigo de parir com dor. Disto falamos anteriormente. Os homens, por sua vez, foram condenados a comer o pão com o suor de seu rosto. Isto é verdade quanto ao operário, ao camponês, ao homem trabalhador. Quanto aos ricos desocupados, aos ociosos, aos vadios, aos ladrões, êstes estão isentos de tal punição.

E assim a história se desdobra num infinito de tolices e de desobediências às ordens do Senhor.

Poderiamos, ainda, penetrar em um terreno em que a serpente desenvolveu um papel diferente nas tradições dos povos primitivos, não é, porém, êste, o nosso escopo. Queremos, apenas, salientar mais uma vez, que o que se encontra entre as páginas dos livros atribuidos a Moisés, em matéria de lenda, tudo é copiado, não é original, vem de tempos imemoriais e, não há negar que o nascimento dessas lendas origina-se da velha e misteriosa Índia.

Incontestàvelmente os católicos têm o Gênesis como uma verdade histórica. Esta transformação da raça humana, originada da maldade da serpente foi sempre olhada pelos fundadores da Teologia romana como efeito da malícia do Diabo, embora o Diabo seja inteiramente desconhecido no Gênesis.

Os sábios começaram a crer que a verdadeira origem de Satã se encontra em um antigo livro dos brâmanes que há mais de cinco mil anos se denomina Shasta.

M. Dow, coronel ao serviço da Companhia inglêsa das Índias e H. Holwell, sub-governador de Calcutá, traduziram diversas passagens importantes dêsse livro que contém a antiga religião de todos os semi-deuses, não pela palavra, pelo *logos,* mas, como disse mais tarde Platão, por um único ato de sua vontade, como é mais condicente com a essência divina.

Entre êsses semi-deuses se encontra um rebelde Moisazur, condenado a um inferno de longa duração e que perverteu a Terra, depois de haver pervertido o Céu. É o Arihman dos persas, o Typhon dos egípcios, o Encelade dos gregos, é enfim, o Diabo dos fariseus, que o admiram desde o tempo do restabelecimento do sanhedrim pelo grande Pompeu. O Diabo foi olhado então como um anjo rebelde, expulso do Céu e de lá vindo tentar os homens na Terra.

E aqui encerramos êste capítulo, certo de que a humanidade amadureceu o bastante para não poder dar crédito a estas frivolidades teológicas.

# A MARCHA EVOLUTIVA DA GÊNESIS DA TERRA E DO HOMEM. — SUA META ÚLTIMA

A Terra, diz Kardec, guarda consigo os traços evidentes de sua formação; acompanham-se-lhe as fases com precisão matemática nos diferentes terrenos que lhe compõe a crosta sólida. O conjunto dêstes estudos constitui a ciência chamada Geologia, ciência que, ainda nova, muito esclareceu a questão tão controvertida da sua origem e das dos sêres que a habitam. Diz, ainda, o eminente mestre que na nova Ciência não há hipóteses, mas o resultado rigoroso da observação dos fatos, e, em presença de fatos, não é admissível a dúvida.

A história da formação do glôbo está escrita nas camadas geológicas de maneira mais certa do que nos livros preconcebidos, por ser a própria natureza que fala e se mostra a descoberto, e não a imaginação humana, que cria sistemas. Onde se vêem vestígios de fogo, pode dizer-se com certeza que existiu o fogo; onde se notam os da água, pode-se igualmente afirmar que ela alí passou; onde o dos animais, dir-se-á que êles aí viveram.

A Geologia é, portanto, uma ciência tôda de observação, só tira conseqüências do que vê; sôbre os pontos duvidosos, nada afirma; só emite opiniões discutíveis, cuja solução definitiva espera observações mais completas.

> "Sem as descobertas da Geologia, assim como sem as da Astronomia, a gênesis do mundo estaria, ainda, nas trevas da legenda. Graças a ela, hoje o homem conhece a história de sua habitação, e os castelos fabulosos que cercavam o berço desmoronaram-se para jamais se levantarem". (34).

Como dissemos em considerações tecidas no início dêste livro, não nos conformamos que homens de grande valor na atualidade, aceitem e proclamem como verdade, lendas que podem encantar pela poesia, mas que a razão normal repele em face dos desmentidos constantes da Ciência.

Diz James Hutton, geólogo inglês, nascido em 1726 e falecido em 1797, que os nossos conhecimentos da estrutura da Terra são tão

(34) A. Kardec — **A Gênesis segundo o Espiritismo** — 6.ª ed. C. VIII — pg. 100.

recentes, que os escritores e comentadores do assunto nunca deixaram de expressar assombro ante a antiguidade da Astronomia, comparada com a modernidade da Geologia.

Desde os tempos mais recuados, o homem tem apresentado tôda a sorte de teoria sôbre a origem da Terra.

Um dos erros mais perniciosos, ao lidarmos com teorias, diz Trattner, é de iniciar nos textos antigos concepções modernas. À luz da análise histórica, verifica-se que os antigos souberam muito pouco sôbre a estrutura da Terra.

A contribuição da Babilônia e dos judeus foi nula. A Babilônia, vasto país arenoso, possuia muito poucas rochas para despertar o interêsse de seus pensadores. Aos antigos hebreus, por outro lado, era impossível qualquer progresso nesse terreno, porque atribuiam todos os fenômenos naturais ao seu Jeová.

De um terremoto diziam: *Olhando Jeová a Terra ela treme"*; e descreviam uma catástrofe vulcânica, nestes têrmos: *"Jeová fêz chover fogo e enxôfre sôbre Sodoma e Gomorra"*.

Os homens continuam apegados à idéia de que os fenômenos naturais são governados por deuses caprichosos.

"Thus whem, in 1775, Massachusets was shaken by earthquaques, the Rev. Dr. Price, in a published sermon, attributed them to the "iron points" "invented by the sagacious Mr. Franklin", saving:" In Boston are more erectede than eisewhere in New England, and Boston seems to be more dread fully shaken. Oh! there is no getting out of the mighty hand of God". (35)

"Assim, quando, em 1775, Massachusets foi abalada por terremoto, o Rev. Dr. Price, num sermão público, atribuiu-os ao "pára-raios" inventado pelo sagaz senhor Franklin, dizendo: "Em Boston êles são construidos em maior número do que na Nova Inglaterra, e Boston parece ser mais terrìvelmente abalada. Oh! não é possível deter a poderosa mão de Deus".

Isto porque no ano de 1752 à margem do rio Schuylkill, Benjamim Franklin, deitando seu papagaio ao vento e arrancando das nuvens uma faísca elétrica, provava justamente o contrário. Com essa distração infantil êle demolia a crença multi-milenar da ação divina da tempestade.

Sobrepondo-se ao velho viajante grego Heródoto, surge Aristóteles, possuidor da mentalidade do gênio científico. Êle, no dizer de Trattner, representa o nível máximo da Ciência antiga, tanto no

(35) Bertrand Russel — **Religion and Science** — London — pg. 100.

terreno da observação dos fatos, como na da especulação teórica. As mudanças sofridas pela face do planeta foram mais bem compreendidas por êle do que por qualquer de seus antecessores ou contemporâneos. Algumas de suas informações têm o sabor singularmente moderno: *"O mar recobre hoje o que já foram trechos de terra firme, e a terra firme reaparecerá um dia em lugares hoje ocupados pelo mar"*.

Diz o escritor que após Aristóteles observar os rios que desaguam ao norte do Mediterrâneo, zombou amàvelmente de Platão por sustentar a crença de que êles se originavam de um grande reservatório situado debaixo da terra.

Nem os antigos gregos, continua o historiador, nem os romanos se adiantaram muito na explicação dos processos naturais. A maior parte de suas contribuições são fragmentárias, desconexas e entretidas de mitos.

O sábio grego Strabão, autor de uma série de livros sôbre Geografia, escrita por volta do 7º ano antes de Cristo, ensinava uma teoria idêntica à de Aristóteles: *"Todos admitirão que em muitas épocas uma grande porção do continente foi coberta e de novo posta a nú pelo mar'*.

A cristandade medieval, como muito bem diz o mesmo escritor, desgraçadamente, não fazia uso dos olhos, nem do bom senso. Seu interêsse supremo era a Teologia e não, por certo, a Geologia.

> "Êsse prodígio da natureza que se chamou Leonardo da Vinci (1245-1319) merece lugar de honra entre os primeiros que investigaram a estrutura da Terra, no afan de conhecê-la cientìficamente. Engenheiro de profissão, da Vinci era também pintor, músico, escultor e geólogo. Êle foi com outros, o iniciador das bases científicas da Geologia e que se prolongou por partes até os nossos dias.
>
> Da Vinci compreendeu verdadeiramente a origem dos fósseis. Enquanto construia canais na Itália setentrional fêz cortes em rochas estratificadas (dispostas em camadas) e desenterrou numerosas conchas fósseis de ostras, caramujos, caranguejos e outros animais marinhos. Interpretou-os corretamente, como devidos à submersão da terra pelo mar, fazendo, assim, reviver a antiga idéia grega de que as rochas estratificadas formavam primitivamente, fundos de oceano.
>
> Esta visão científica estava em desacôrdo com o pensar eclesiástico medieval, que via nos fósseis outras tantas provas do Dilúvio Universal.
>
> Quando estas começaram a dar de si, não houve artifício a que não se recorresse para conciliar os ensinamentos antigos com os fatos da Ciência. O descobrimento de conchas nos Alpes, por exemplo, foi recebido como confirmação do Dilúvio, que se dizia haver coberto as mais altas montanhas.

> Pela observação cuidadosa dos vales da Itália setentrional, veio Leonardo a compreender a ação das águas correntes no esculpir a superfície da Terra. Ninguém, até então, havia investigado de maneira completa as leis relativas ao movimento das águas e à hidráulica em geral. Êle descreveu o modo como os rios corróem os seus vales, como depositam seixos nos terraços dêstes, como os detritos mais finos se acumulam nas embocaduras, como ficam enterrados alí plantas e animais, como êstes restos orgânicos passam por transformações físicas, petrificando-se à proporção que o limo dos rios se endurece e toma a consistência de uma rocha sólida, e como finalmente, a rocha que contém os fósseis encrustados eleva-se acima do nível do mar e torna-se terra firme.
>
> As idéias que êle e seus sucessores defenderam, não passaram, porém, em branco. Em 1661, Thomas Burnet, escreveu a sua "Teoria Sagrada da Terra", em 1696 William Whiston publicou a "Nova Teoria da Terra". Estas obras visionárias caracterizavam os esforços da Religião para desacreditar o pensamento científico. Ambos os autores ocupam-se do Dilúvio, da perversão da humanidade e do modo como a catástrofe influiu na crosta da Terra. Segundo Whiston, o Dilúvio de Noé foi causado em 18 de novembro de 2349 antes de Cristo, pela cauda de um cometa que passou sôbre o Equador, provocando uma chuva torrencial". (36).

A origem da Terra constituiu sempre um grande interêsse para humanidade.

Em 1754, Emmanuel Kant apresentava a primeira teoria com aspirações científicas.

A mais antiga hipótese, segundo o autor de "Arquitetos de Idéias", que pretendia explicar a origem da Terra, foi, quiçá, a cosmogonia de Hesíodo no século VIIIº antes de nossa era. O que caracteriza o teorista é o pensar cósmico: êle contempla o Universo em conjunto. Assim Hesíodo concebeu a Terra como originária do cáos primitivo, e dando, por sua vez, origem aos céus, às montanhas e aos oceanos, de onde nasceram os deuses.

Tôdas essas idéias são expostas por Hesíodo em "Teogonia", e constituem as primeiras manifestações do espírito teorizador. Era Hesíodo um coordenador. Apanhava as lendas dos deuses e de sua descendência, e procurava acomodá-las num sistema compreensível aos homens de sua época.

Passando à literatura oriental, iremos encontrar no Rigveda, X-90, um dos mais antigos hinos védicos, que Deus formou os mundos dos membros de um gigante. Estava disseminada a crença de que no princípio havia o caos — um período primordial em que a matéria era escura, sem forma e vazia. Dessa matéria formara a divindade um imenso ovo universal. E êsse ovo era chocado pelo pen-

---

(36) R. Trattner — **Arquitetos de Idéias** — pg. 52.

samento divino. No tempo devido, o ovo abriu-se ao meio. A parte de cima, elevando-se, formou o Céu, e a de baixo a Terra. Era crença geral em Elefantina no Egito, que êsse ôvo era formado do lôdo do Nilo.

Depois veio a crença de que Deus formara o mundo com as suas próprias mãos. Não findaram aí as conjecturas do homem a respeito da criação do mundo. Agora, era a voz de Deus que comandava, e assim o vêmos ordenar: *"Haja luz. E houve luz"*.

"Com o advento do Cristianismo as lendas hebráicas da criação foram incorporadas ao pensamento medieval. Apesar de ser a Bíblia aceita como uma revelação divina, cujas verdades eram decisivas e indisputáveis, os teólogos não deixaram de debater teorias cosmogônicas pelos séculos em fora. Gregório de Nissa e Agostinho, que defendiam um conceito mais espiritual, foram reduzidos ao silêncio. De tal modo se arraigara na Europa a idéia da criação manual, que nas esculturas, mosaicos e vitrais, os artistas mediévos representvam Deus no ato de criar e modelar o mundo com suas mãos. Na catedral de Upsala ainda podemos ver a lenda da criação lavrada em pedra sôbre o túmulo de Lineu, o famoso naturalista suéco do século XVIII. É Deus figurado alí numa variedade de cenas, como um ser humano ocupado, sob a forma de simples trabalho físico, nos diversos atos da criação. Os fósseis eram considerados como provas do Dilúvio de Noé. O naturalista suiço Bertrand sugeriu que as plantas e animais fósseis tinham sido inseridos nas rochas "diretamente pelo Criador, com o fim de ostentar a harmonia de sua obra e a correspondência dos sêres marinhos com os terrestres."

Não menos acalorada do que a controvérsia da criação manual versus criação pela voz, era a que dizia respeito à questão do tempo. Deus criou o mundo em seis dias ou instantâneamente? O capítulo inicial do Gênesis deixa bem claro que a criação abrangeu seis dias; mas um pouco adiante ignora-se êsse período. O versículo 4 do II capítulo refere-se expressamente ao "dia em que o Senhòr Deus fêz a Terra e os Céus". Eis aí um dilema perturbador, criado por duas versões contraditórias que se faziam face no mesmo livro. A qual delas dar fé?

Longas e ásperas foram as disputas dos teólogos. Por fim chegou-se a um acôrdo pelo qual se julgava harmonizar as duas versões discrepantes: veio-se pois, a admitir que, por um processo misterioso Deus criara o Universo em seis dias, e todavia lhe dera a existência instantâneamente. Quem formulou essa conciliação em suas roupagens clássicas foi S. Tomás de Aquino, que aclarou as dificuldades dizendo que Deus criara num momento a substância de tôdas as coisas, sendo-lhe, no entanto, preciso seis dias para dispor, moldar, separar e aperfeiçoar a sua obra.

Com o desenvolvimento da cultura, o homem começou a inquirir os fundamentos dessas "revelações". Já vimos como Copérnico desmantelara a teoria ptolomaica. Aquêles que pensavam, e cujo número se tornava cada vez maior, já não se podiam satisfazer com a lacônica

e impositiva sentença do "Deus criou". Queriam saber como. Quais tinham sido os agentes empregados na criação. Qual a ordem de sucessão dos fatos. Estas questões deram nascimento a algumas das idéias mais grandiosas que já concebeu o espírito humano. Compreendê-las, ainda que em parte, é "aumentar o nosso cabedal de inteligência". (37).

No limiar das cosmogonias modernas, no dizer do grande escritor, vamos encontrar Descartes (1596-1650), o original e arguto gênio francês da Filosofia, que se divorciou do pensamento tradicional criando o seu sistema sôbre os fundamentos da Ciência. Dizia êle:"

"Não se deve aceitar qualquer idéia que nos vem dos livros, da tradição, da autoridade da Igreja, nenhuma deve ser aceita a não ser que resista a um exame rigoroso".

Não admira, pois, que as opiniões de Descartes causassem desagrado. Êle fundava a sua filosofia, não sôbre as virtudes da fé, mas sôbre a dúvida. Isto está explícito em seu "Discurso do Método". Se Descartes não fôsse tolhido pelo mêdo mórbido da Igreja, teria dado mais plena expressão ao seu pensar. Mas ainda não chegara o momento propício, e êle não queria expôr-se às sevícias da Inquisição.

Vem, por último, Thomas Chrowder Chamberlin. A sua teoria é a seguinte:

"A Terra começou a existir como uma massa fria, relativamente pequena, que constituiu o núcleo do futuro planeta. De tempos em tempos, essa massa primitiva sofria adições de fragmentos esparsos, pequenos e grandes, sólidos e gasosos. Tais fragmentos, que vão desde as partículas infinitamente pequenas, até as grandes massas, são chamadas planetésimos. Esta opinião é incompatível com a idéia laplaciana de que a Terra foi primitivamente um globo incandescente ou em fusão. A alta temperatura no interior da Terra deve-se, sem dúvida, ao choque e à pressão.

A Terra cresceu muito devagar, e assim os corpos cadentes que se tornavam incandescentes ao penetrar na atmosfera, já estavam frios quando outros se lhes vinham juntar. A Terra, foi, portanto, aumentando com a queda dêsses planetésimos sem que a sua temperatura se elevasse muito, e nunca passou pelo estado de fusão, nunca foi completamente gasosa. Êste crescimento tomou muito tempo — um bilhão de anos por hipótese — processando-se a uma temperatura que nunca sofreu variações excessivas.

A idéia do globo em fusão com uma crosta sólida é uma representação falsa dos fatos que são êstes: a Terra é sólida, sempre foi sólida e cresceu por uma acumulação de partículas sólidas que

(37) R. Trattner — **Arquitétos de Idéias** — pg. 303.

atuaram umas sôbre as outras. Há um processo constante de reorganização interna, o qual explica os movimentos da Terra, ou terremotos, e todos os fenômenos similares. Vimos, assim, a formar bem diferente conceito dos fatos geológicos". (38).

Eis a que ficou reduzida a geologia bíbliblica ou a sua história da formação da Terra. A Igreja romana formula seus dogmas, procura impô-los aos homens, com especialidade às massas ignorantes, grita alto que tudo é revelação divina. Chega a Ciência e zás, vai destruindo um a um êsses mistérios, êsses milagres inconcebíveis da criação. Milagre, mistério e dogma, trigêmios nascidos na sombra. Se a luz lhes bate em cima, êles desaparecem, que a mentira nunca prevaleceu ante a verdade.

Spinoza, o mais célebre filósofo do XVIIº século, fêz observar com muito espírito, que não será pelos milagres e pelos prodígios que se poderá chegar à conclusão da existência de Deus, mas ao contrário, pela ordem fixa e imutável da natureza, e que esta ordem permanente é um milagre imensamente maior do que a revogação passageira de uma das leis naturais.

Um milagre, diz com muita razão Voltaire, é a violação das leis matemáticas, divinas, imutáveis, eternas. Por esta simples exposição, o milagre é uma contradição. Uma lei não pode ser *imutável e violada.*

O qualificativo imutável do latim *in* privação e *mutabilis,* inconstante, significa *nenhuma mudança,* não pode convir a Deus, se por um capricho estranho, Êle mesmo viola as leis que estabeleceu.

Se justamente nos surpreendemos, diz C. Flammarion, pelo fato de ousarem os fisiologistas adoradores da matéria, proclamar no tom de autoridade e da certeza que o homem, assim como todo o côro da vida terrestre, não passa de um produto cego da matéria ainda mais nos devemos espantar de que haja em nossos dias espíritos cultos e até célebres que tenham permanecido tão completamente fora do movimento das Ciências físicas e químicas, que ignorem até as mais banais objeções que essas ciências opõem ao idealismo, não fazendo a menor idéia das modificações necessárias que êsse movimento imprimiu a tôdas as concepções do pensamento humano.

Assim, nós, ainda, hoje, temos sábios, filósofos, teólogos, metafísicos, pensadores, que falam de Deus, da Providência, da oração, da alma, da vida presente e futura, das relações da Divindade com o mundo, das causas finais, da marcha dos acontecimentos, da independência do espírito, das entidades espirituais etc., nos mesmos têrmos e no mesmo sentido em que falava a escolástica do século XVI.

(38) R. Trattner — **Arquitétos de Idéias** — pg. 315.

Essa espécie de palradores imóveis é mais curiosa e mais inexplicável ainda que a precedente. Ao ouvi-los afirmar, num tom magistral, as proposições mais contestáveis, ao vê-los ignorar as dificuldades tão rudes que as almas mais clarividentes só com muito esfôrço logram vencer, ao observá-los expondo na sua fácundia inexgotável e na sua ingênua segurança as suas pretensas verdades inatacáveis, julgar-se-á, na verdade, que êles adormeceram nesse memorável ano em que Copérnico, moribundo, recebia o primeiro exemplar de seu livro *"De Revolutionibus"*, e que sòmente acordaram hoje na inconsciência das revoluções operadas.

* * *

Tôdas as religiões dogmáticas têm a Ciência como a sua maior inimiga, porque ela vai impiedosamente destruindo dogmas, sem o intuito preconcebido de agradar ou desagradar. Vai lentamente cumprindo o seu fado ou seja o de colocar o homem no verdadeiro caminho, fazendo com que êste sempre marche para a frente sem impregnar-se nas velharias passadas, sem consistência, e cuja aceitação nos tempos que correm, vão se tornando ridículas. Eis o motivo pelo qual a Ciência foi sempre combatida pelo dogmatismo e de tal forma, que cérebros como o de J. J. Rousseau escritor de gênio, se viu impregnado do mal das religiões, ousando, no século XIX, elevar sua voz contra ela:

"Povo, dizia êle, sabei de uma vez para sempre, que a natureza vos quis preservar da Ciência, como uma mãe arranca uma arma perigosa das mãos de seu filho; que todos os segredos que ela vos esconde, são outros tantos males de que ela vos preserva, e que o sacrifício que encontrais para vos instruir não é ainda o menor de seus benefícios.

Os homens são perversos, e seriam piores, ainda, se tivessem a infelicidade de haver nascido sábios". (39).

"Se nossas ciências são vãs dentro do objetivo a que se propõem, elas, são ainda, mais perigosas pelos efeitos que produzem. Nascidas do ócio, elas alimentam por sua vez a ociosidade. Respondei-me, pois, filósofos ilustres, vós por quem sabemos qual a razão por que os corpos se atraem no vácuo, quais são, nas revoluções dos planetas, as relações das áreas percorridas em tempos iguais; quais as curvas que têm os pontos conjugados, os pontos de inflexão ou de retrocesso; quais os astros que podem ser habitados; quais os insetos que se reproduzem de uma maneira extraordinária; respondei-me, disse, vós de quem recebemos sublimes conhecimentos; quando não tiverdes mais coisas a ensinar-nos, seriamos nós mais numerosos, melhor governados, menos perigosos, mais florescentes ou mais perversos?" (40).

---

(39) J. J. Rousseau - **Oeuvres Complétes** - 1875 - t. I. pg. 463 - cit. por Metchnikoff.

(40) J. J. Rousseau - **Oeuvres Complétes** - 1875 - t. II, pg. 372 - cit. por Metchnikoff.

Élie Metchnikoff, Professor do Instituto Pasteur, em sua obra "Études sur la Nature Humaine", à página 279, diz que estas palavras de Rousseau eram capazes de impressionar pelo seu tom sincero e eloqüente, mas nada podiam fazer para impedir a marcha contínua e triunfante da Ciência que, justamente, no fim do XVIIIº século, realizou os seus primeiros progressos duradouros. E cita como exemplos, o sistema do mundo de Laplace, os fundamentos da Química e as leis da conservação da matéria, de Lavoisier.

As revelações da Ciência não são contra o princípio da grandeza infinita do Criador, antes, nos extasiam de admiração e de espanto pela sua onipotência. Por que, pois, dar guarida a fábulas sem consistência, que envergonham a razão humana?

Um dos mais eminentes filósofos do século XVIII, Leibnitz, estudando o problema da origem da alma, julga que o princípio inteligente, sob a forma de mônada, pode desenvolver-se na seqüência animal.

Huxley (Thomas Henrique), o sábio naturalista inglês, um dos mais ardentes defensores do transformismo, acha que os argumentos que êle, os seus colegas e seguidores, empregam para provar a evolução da espécie, servem, por analogia, para demonstrar a evolução do espírito e considera superficial aquêle que rejeitar, por absurda, a sua teoria

Gustave Geley, discípulo de Darwin, convicto, portanto, da origem das espécies e conseqüentemente, adepto do Transformismo, assim se expressa:

> "A filosofia palingenésica está de acôrdo com todos os conhecimentos científicos atuais. Já demonstrei a concordância desta filosofia com a Astronomia, a História Natural, a Geologia, a Paleontologia, a Anatomia e Fisiologia comparadas, etc. No conjunto de nossos conhecimentos, em vão se buscaria um argumento sério para lhe opôr. Mas o que há de mais surpreendente nesta comprovação, é o acôrdo da palingenesia com o evolucionismo, acôrdo tão perfeito, que muitas dificuldades inerentes ao transformismo serão prestes resolvidas, de modo verossimil, pelo conhecimento da teoria reencarnacionista.
>
> Os naturalistas já se vêem forçados a admitir fatores desconhecidos mais poderosos na evolução anímica e orgânica, pelo conhecimento da verdadeira natureza do ser, bem como de seus princípios constitutivos, ainda, ocultos." (41).

Não será muito mais racional admitir a evolução da espécie, marchando paralela com a evolução do espírito?

---

(41) Gustave Geley - **Introd. ao estudo prático da mediunidade e reencarnação** - ed. 1945 - pg. 193.

Por que não aceitaremos a teoria de Leibnitz, seguidas das dos evolucionistas partidários do moderno espiritualismo, Wallace, Huxley, Geley, com a evolução da espécie de Darwin, Spencer, etc., do que por uma questão de fé irracional, curvarmo-nos ante as frivolidades de uma gênesis bíblica, há muito condenada pela Ciência?

Há uma lei incontestàvelmente sábia que não pode ser esclarecida pela fé. Esta última, quando muito, pode, dentro das possibilidades humanas, imaginar a grandeza incomensurável da Inteligência e do Poder que presidiu à criação do Universo; pode ter um senso moral que, sem dúvida alguma, engrandece a espécie, quando não se limita ao terreno das teorias vazias, mas não pode acorrentar a Ciência, a Ciência que dia a dia mais ilumina, mais evolui, como evoluem a forma e o espírito.

E assim mesmo, a fé mal orientada, a fé sem raízes na inteligência, a fé dogmática, em vez de melhor interpretar o infinito Criador, restringe-o, torna-o incompreensível, apresenta-o como a suprema injustiça ante as disparidades da vida O ser Supremo não passaria de um símbolo.

"Para se fazer um juízo da natureza humana é necessário dar-se conta, em primeiro lugar, da origem do homem. Esta questão há muitos séculos vem preocupando a humanidade, que por muito tempo acreditou encontrar a solução dêste problema nos dogmas religiosos. Aceitava-se o homem como obra divina, resultado de uma criação particular.

"Infelizmente, a Ciência fàcilmente demonstrou a impossibilidade de semelhante suposição.

A descoberta da seleção natural e de seu papel na transformação das espécies foi aplicada ao homem por Darwin, há mais ou menos cem anos.

Depois da aparição de sua obra fundamental sôbre "A Origem das Espécies", pôs-se èle a estudar, com especial cuidado, a questão da descendência do homem". (42).

"Huxley, em 1863, isto é, poucos anos mais tarde, pôde dar sua exposição sumária da questão, em sua obra "O Lugar do Homem na Natureza". Apoiava êle seus argumentos de alto valor científico na tese de que o homem é de origem animal e que êle deve ser considerado um mamífero vizinho dos macacos e muito particularmente dos macacos antropomorfos. No entretanto apesar da exposição magistral de Huxley, se encontravam, ainda, pessoas de alta inteligência e de uma cultura elevada, que afirmam que a Ciência não deu a resposta à questão de saber de onde viemos e que "a teoria da evolução" não nô-lo dará jamais". (43).

---

(42) Huxley - **La Place de l' Homme dans la Nature** - Paris. 1891 pg. 46.
(43) Élie Metchnikoff - **Études sur la Nature Humaine C. III** pg. 49.

Élie Metchnikoff diz que o estudo detalhado do organismo humano demonstra, de maneira definitiva, seu parentesco próximo com os macacos superiores ou antropóides. A descoberta do chipanzé e do orangotango permitiu compará-los com o homem e sugeriu a vários naturalistas eminentes, entre os quais o grande Lineu, a idéia de aproximar a espécie humana dos grandes macacos antropomorfos.

Afirma o mesmo professor do Instituto Pasteur, que se comprovou com êste estudo comparativo, uma analogia verdadeiramente surpreendente, que se estendia aos mínimos detalhes, entre êsses organísmos.

Sabe-se que na história natural dos mamíferos, os dentes desempenham um papel importante, como meio de determinar as diferenças e as semelhanças. Ora, a dentição do homem se aproxima extraordinàriamente da dos antropóides. Todos conhecem os dentes de leite e os dentes permanentes do homem. Pois, bem, os macacos antropomorfos, neste sentido, apresentam uma semelhança admirável com o homem. O número de 32 nos adultos, o gênero e a disposição geral da corôa são as mesmas no homem e no macaco antropomorfo. E por aí segue o sábio Professor em seu estudo comparativo para concluir com o mesmo argumento de Huxley:

> "Qualquer que seja a diferença que possa oferecer a dentição do macaco mais elevado em comparação com o homem, estas diferenças são bem menores que aquelas observadas entre a dentição dos macacos superiores e inferiores". (43a).

A forma que concilia o evolucionismo com o idealismo, ou melhor, a concepção que vem completar o evolucionismo, diz G. Geley, é a palingenesia, ou a doutrina que admite a pluralidade das existências da alma, ou as encarnações sucessivas e progressivas.

De acôrdo com esta doutrina, a alma e o corpo evolvem simultânea e progressivamente. A alma ou individualidade consciente, em potencial no mineral, foi formada pouco a pouco nos reinos viventes inferiores, para adquirir no homem o seu grande desenvolvimento atual. Ela cumpriu esta evolução dentro de um sem número de encarnações, nos organismos cada vez mais aperfeiçoados. A morte a que todos estamos sujeitos, é bem realmente "um episódio da vida e não a interrupção", é uma simples mudança de corpos; a alma deixa o seu invólucro como quem deixa uma roupa imprestável, para tomar outra nova e melhorada.

Diz, ainda, o grande naturalista, que cada encarnação nova é acompanhada do esquecimento dos estados anteriores, pois o cérebro

---

(43a) T. H. Huxley - La Place de l'Homme dans la Nature - 1891 - pg. 47.

material do pensamento durante a duração da vida terrestre, é um cérebro novo e a alma que o dirige "lhe é rigorosamente solidária". Êste esquecimento é momentâneo; a lembrança do passado fica tôda inteira conservada, gravada na substância essencial da alma, para reaparecer depois da morte, tanto maior quanto maior fôr a evolução do espírito.

> "A evolução progressiva da alma, nas suas encarnações sucessivas, se processa "fora de tôda a influência sobrenatural". É o resultado natural do jôgo da vida: das sensações, das emoções, dos esforços cotidianos, do exercício de nossas diversas faculdades. Nada se perde; todo trabalho, todo esfôrço, tôda alegria, tôda dor, têm sua repercussão sôbre a alma, se gravam indestrutivelmente, constituindo uma nova experiência, uma expansão no campo da consciência, isto é, um progresso.
>
> Assim, foram adquiridas pouco a pouco, tôda a nossa sensibilidade, nossa emotividade, nossa consciência." (44).

(44) Gustave Geley - **Les Preuves du Transformisme** - 1901 - pg. 265.

# MORTE OFICIAL DA CRIAÇÃO DO HOMEM BÍBLICO

HÁ mais ou menos cem anos, Charles Robert Darwin dava o primeiro golpe de morte na narrativa bíblica da criação do homem. E o clero, que não dorme, principalmente quando se trata de defender os dogmas da Igreja, foi mobilizado pelo bispo de Oxford, Samuel Wilbeforce, que moveu a mais tenaz perseguição ao sábio eminente. Foi, assim, o grande Darwin, como todo o pioneiro de uma causa verdadeira, vítima das maiores injustiças. A ninguém o paciente homem de ciência respondeu. Aguardou em silêncio, a crítica dos grandes vultos, seus contemporâneos. E as cartas, as mais animadoras, começaram a chegar-lhe às mãos. Hooker, o grande botânico inglês, Professor da Universidade de Glasgow e Diretor do Jardim Real de Kiew, foi o primeiro a confessar pùblicamente a sua conversão às teorias do autor.

Lyell, Huxley, Gray, o fisiologista Carpenter, o zoologista Sir John Lubbock, o paleontologista Jenyns, o botânico Watson, todos êsses vultos notáveis formaram no exército que haveria de consagrar a verdade sôbre a origem do homem, tão magistralmente exposta, com exuberância de provas, pelo gênio inconfundível do grande Darwin. R. Wallace, que descobriu ao mesmo tempo que Darwin, a seleção natural, já era um partidário entusiasta do evolucionismo.

O clero, como sempre, colocou a questão evolucionista sob o terreno religioso e dizia que se a Bíblia nos havia deixado a narrativa de Noé, esta questão das origens das espécies não tinha razão de ser debatida.

Os tonsurados, quase que sem exceção, fulminavam Darwin. O aludido bispo de Oxford aproveitou a reunião da Associação Britânica para dirigir contra Darwin um ataque violento. Visando a Huxley, o interpela insolentemente se era por seu avô que êle descendia do macaco. A resposta do eminente botânico foi imediata e fulminante: *"Prefiro ter tido por avô um macaco que um ignorante presumido que se envolve no tratamento de questões que não entende'*. Por um contra golpe, todos os adversários da religião católica se tornaram partidários da doutrina darwiniana e assim, o clero, mais uma vez, contra os seus propósitos, foi o maior propagandista da popularidade do grande sábio inglês.

E assim surgiu no planeta aquêle que haveria de jogar oficialmente por terra, a teoria bíblica da criação do homem.

Ernest Trattner, em sua obra magistral "Arquitetos de Idéias", diz:

> "Ansioso por escrever sôbre a aplicação da seleção natural ao homem, iniciou um "capítulo" que logo começou a crescer desproporcionadamente. Depois de várias interrupções no trabalho, em 1781 apareceu "A Ascendência do Homem". Êste livro era a réplica de Darwin aos que, havia muito tempo, lhe vinham exprobando o receio de aplicar à origem do homem as mesmas leis de que fazia uso na origem das espécies. Esta obra despertou profundo interêsse em todo o mundo. Dissipou os sonhos caros aos idealistas sentimentais, que entretinham a esperança de conservar a fé na independência e na criação especial do homem. No fêcho do livro dizia Darwin: "Devemos contudo reconhecer, na minha opinião, que todo o homem com as suas nobres qualidades, com a simpatia pela qual se irmana aos mais aviltados, com a benevolência que se estende não só aos seus semelhantes como à mais humilde criatura vivente, com seu intelecto divino que penetrou os movimentos e a constituição do sistema solar — com tôdas essas altas faculdades, o homem ainda traz em seu invólucro corporal o sinete indelével de sua origem ínfima". (45).

Eis, pois a concepção do moderno espiritualismo: 'O corpo e o espírito evolvem simultânea e progressivamente.

> "A alma ou individualidade consciente, em potencial no mineral foi formada pouco a pouco nos reinos viventes inferiores, para adquirir no homem o seu grande desenvolvimento atual. Ela cumpriu esta evolução dentro de um número de encarnações nos organismos cada vez mais aperfeiçoados". (46).

Gabriel Delanne, um dos luminares do Espiritismo no mundo, professa as mesmas idéias, e vai além, propaga-as. Quem quiser conhecê-las não terá mais que folhear sua obra "A Evolução Anímica" e terá por inteiro o pensamento do grande escritor e espiritualista sôbre o assunto.

Louis Figuier, na introdução de seu livro "Le Lendermain de la Mort", diz com convicção que cada ser organizado é ligado a um outro que o precede e a um outro que o segue, na escala da criação vivente. A planta e o animal, o animal e o homem, se unem, se soldam um ao outro; a ordem física e a ordem moral se confundem: Resulta daí que aquêle que crê haver encontrado a explicação de um fato qualquer, tomada na organização, é logo compelido a estender

---

(45) E. Trattner - **Arquitétos de Idéias** - pg. 222.
(46) Gustave Geley - **Les Preuves du Transformisme** - pg. 264.

esta explicação a todo o conjunto dos sêres viventes, a remontar anel por anel, a tôda a cadeia da natureza.

Camille Flammarion é da mesma opinião e muitos outros espíritos fulgurantes, pioneiros de nossa doutrina filosófica. Seria, porém, fastidioso ao leitor, a enumeração daqueles que pensam de igual maneira e a transcrição integral ou mesmo parcial de seus pontos de vista. Ao que, porém, não nos podemos furtar é tornar conhecida a teoria do mestre sôbre êste magno assunto. Kardec, tem sido para nós sempre a última palavra, porque as concepções vindas do Alto e enfeixadas por êle nos livros básicos da doutrina espírita ainda não foram desmentidas pela Ciência. E se, dentro de suas ponderações pessoais, esta mesma Ciência, vier um dia provar o contrário delas não tenham dúvida que acompanharemos a Ciência, porque foi sempre êste o seu conselho e nós sabemos que o homem recebe a verdade em doses homeopáticas e de acôrdo com a época em que vive.

A verdade não conhece mistérios, nem dogmas, nem milagres. *A necessidade de enganar, de iludir faz parte sempre* dos mesmos mistérios, dogmas e milagres.

Êles são, pois, filhos do êrro e da impostura. Estão sempre, como diria J. Dupuis, fora dos limites da razão e da verdade, e é lá que se lhes deve procurar a origem.

A maior revelação divina de todos os tempos continua sendo, ainda, a Ciência, a desbravadora incansável das fôrças da natureza esta mesma Ciência que não contente em desvendar as coisas da Terra, estendeu suas vistas até as coisas do Céu e que hoje, sem prestar atenção a dogmas, a mistérios, a milagres, penetra fundo no terreno da espiritualidade.

Porque o Espiritismo mais se impõe no conceito dos homens eminentes? Por que dia a dia êle ganha mais terreno e se apossa das consciências. Tem sido pela fôrça bruta, pela fôrça do dinheiro, pelo crê ou morre da intolerância católica? Não. O Espiritismo vai vencendo, porque superando as religiões, êle é também Ciência e Filosofia. O nosso ponto de referência do qual não afastamos os olhos um só instante, é Deus. Dois caminhos nos levam a Êle: a Moral e a Ciência.

Mas, deixemos de divagações e nos embrenhemos nas concepções de Kardec:

> "No ponto de vista corporal e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, da qual apenas difere pela forma exterior; no mais, tem a mesma composição química que todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e modos de nutrição, respiração, secreção e reprodução; nasce, vive e morre nas mesmas

condições, e pela morte o corpo decompõem-se como o de tudo quanto vive. Não há na sua carne, no seu sangue, nos seus ossos, um átomo diferente daqueles que se acham nos corpos dos animais; como êstes, ao morrer, restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o carbono, o azoto que se achavam combinados para o formar, e vão, por novas combinações constituir novos corpos minerais, vegetais e animais. A analogia é tão grande, que as suas funções orgânicas são estudadas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele próprio. Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos **bímanos.** Imediatamente abaixo, vem os **quadrúmanos** ou macacos, entre os quais alguns, como o orangotango, o chipanzé, o mono, afetam as maneiras do homem a tal ponto que, por muito tempo, foram conhecidos por homens dos bosques; como o homem, êles andam com os pés, servem-se de bastões, constróem cabanas, e levam os alimentos à boca com as mãos, sinais êstes caracteristicos.

Por pouco que se observe a escala dos sêres sob o ponto de vista orgânico, reconhece-se que, desde o lichen até a árvore, desde o zoófito ao homem, existe uma cadeia que se eleva gradualmente, sem solução de continuidade e da qual todos os elos se ligam entre si; **seguindo-se passo a passo a série de sêres, poder-se-ia dizer que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior.** Visto que o corpo do homem, além de estar em condições idênticas às dos outros corpos, química e constitucionalmente, nasce, vive e morre do mesmo modo, deve ter sido formado nas mesmas condições.

"Apesar do que possa custar a seu orgulho, o homem deve resignar-se a ver apenas em seu corpo material o último traço da animalidade sôbre a Terra. O inexorável argumento dos fatos aí está, e contra êle se protestaria em vão.

Quanto mais o corpo diminui de valor a seus olhos, mais aumenta de importância o princípio espiritual; se o primeiro o põe ao nível do bruto, o segundo o eleva a incomensurável altura. Vemos o círculo onde pára o animal; não vemos, entretanto, o limite a que pode atingir o espírito do homem.

O materialismo pode ver por aí que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da Ciência e o seu positivismo, vai além e os provoca, por ter certeza de que o princípio espiritual, que possui existência própria, não pode sofrer dano algum.

O Espiritismo marcha no mesmo plano com o materialismo; sôbre o terreno da matéria admite tudo quanto êste admite, mas do ponto onde o último pára, êle vai além. O Espiritismo e o materialismo são como dois viajores que caminham juntos partindo do mesmo ponto; chegados a certa distância, diz um: "Não posso ir mais longe"; o outro continua o seu caminho e descobre um mundo nôvo. Por que motivo diz o primeiro que o segundo é um louco, só porque êste, entrevendo novos horizontes, quer franquear o limite onde convém ao outro parar?

Cristovão Colombo não foi também tratado como louco porque acreditava num mundo além do oceano? Quantos loucos sublimes não conta a História, que fizeram avançar a humanidade, e aos quais se teceram corôas depois de se lhes ter lançado lama! Pois bem!

O Espiritismo, esta loucura do século XIX, segundo aquêles que querem ficar na plaga terrestre, descobre-nos um mundo mais importante para o homem do que a América, porque nem todos os homens vão à América, entretanto, todos, sem exceção, vão para o mundo espiritual, fazendo incessantes travessias de um para o outro.

Chegados ao ponto, em que nos achamos, o materialismo pára, enquanto que o Espiritismo continua as suas investigações no domínio da gênesis espiritual". (47).

As leis que regulam os mundos criados por Deus são imutáveis. Não estão sujeitas a milagres. Elas não obedecem a fantasias humanas como as que foram tecidas pelos autores do Gênesis. Deus não as revoga nunca para dar demonstrações de seu poder a vermes como nós. À Ciência está confiada a tarefa de conhecê-las. A Religião, pois, para que não pereça, terá de andar de braços dados com ela. Do contrário, será fadada ao desaparecimento.

De tudo o que ficou dito, podemos concluir que a imagem e semelhança com Deus, que a Bíblia, nos atribui, é tão verdadeira como a do macaco antropomorfo ou a mônada de Leibnitz.

A Gênesis mosaica pode ser para muitos um poema de rara beleza, um sonho bom, um conto de fadas, a poesia sinfônica que nos deleita o ouvido, uma lenda perfumada que nos embala a alma através de muitas encarnações e que, por isso, se encontra gravada nas profundezas de nosso subconciente. Pode ser tudo isto e tudo o mais que quiserem; mas não é Ciência, não é a verdade.

* * *

Poderiamos encerrar aqui êste capítulo. Provamos com êle aquilo que pretendiamos, isto é, que os grandes vultos do alto espiritualismo científico são partidários da evolução do espírito em marcha paralela com a evolução da espécie; o que vem confirmar que nada se perde no domínio da matéria como, também, no domínio do imaterial e podemos, assim, firmar êste princípio, ainda nôvo, de filosofia moral ao lado do princípio de filosofia química, estabelecido pelo gênio de Lavoisier.

Abramos, pois, mais um espaço para transcrever aquilo que nos conta Charles Trufy em seu livro "Causeries Spirites", editado em Paris, em 1897.

São fragmentos da história do Espiritismo, desconhecidos por 99% dos que seguem esta doutrina luminosa.

---

(47) A. Kardec - **A Gênesis Segundo o Espiritualismo** - ed. 1924 - pgs. 227 a 229.

Fala Trufy de um capitão de cavalaria, residente em Paris, mestre incontestável da doutrina dos Espíritos, conhecido, apenas, por capitão Bourgés, amigo de A. Kardec, que publicou uma obra de grande repercussão naquela época. O nome da obra serve perfeitamente para enriquecer a defesa de nossa tese. O título que o diga: 'Psychologie Transformiste-Evolution de l'Intelligence".

Não excitemos por muito tempo a curiosidade do leitor, melhor será que deixemos pontificar o capitão Bourgés:

> "Ao começar a publicação de nossos artigos sôbre o transformismo, cremos dever explicar o seu objetivo e finalidade.
>
> Imaginamos que nosso trabalho pudesse completar os dados do transformismo moderno, com o auxílio dos clarões que a ciência psicológica lança sôbre a questão, cuja primavera parece despontar em nossos dias. Consideramos também que devem não sòmente esclarecer-nos sôbre os nossos destinos, mas, vir, ainda, em auxílio da ciência positiva externa.
>
> Esta Ciência não vendo senão o lado material, não pode conceber tudo e ficará incompleta, conseqüentemente inexata, se ela não fôr mantida pela ciência psicológica.
>
> Foi lendo as obras de Kardec que nos surgiu a idéia de fazer pesquisas sôbre a origem da alma.
>
> De acôrdo com o ensinamento de certos espíritos, a alma começa a sua evolução no baixo gráu da criação e a continuaria sempre e progressivamente. Eis porque poderíamos dizer que, em todo o ser vivente, a alma está submetida a um desenvolvimento contínuo e que, para a felicidade do homem, êle possui já uma história individual de sua evolução.
>
> A Psicologia Comparada nos revela, aliás, que tanto no homem, como no animal, há uma longa escada de diversos degráus de desenvolvimento e, em cada homem como em cada animal, a alma é submetida a uma lenta transformação. Eis aí um fato psicológico de uma grande importância que nos pode colocar no caminho das modificações e das grandes variedades que Darwin assinala na estrutura animal. A inteligência e os órgãos se desenvolvem por degráus insensíveis em cada existência. Êstes gráus têm virtudes de adjunção, durante a vida, parcelas inteligentes se agregando pela lei da afinidade. É isto de qualquer sorte, como já o dissemos, a história da evolução do espírito.
>
> Nosso sistema se apóia no próprio ensinamento dos espíritos, encarregados de estabelecer a doutrina espírita. Eis aqui algumas passagens do "Livro dos Espíritos", ns. 666 e seguintes, que submetemos à apreciação dos leitores, para lhes mostrar que nossa teoria não é, apenas, uma hipótese. Ela poderia parecer fantasia aos olhos dos positivistas, mas os espíritas que leram as obras do mestre reconhecem geralmente que o homem tem uma origem animal.
>
> Os animais tiram o princípio inteligente que constitui a espécie de alma de que são dotados, no elemento inteligente universal. A

inteligência do homem e a dos animais, emanariam, assim, do mesmo princípio. O espírito conclui suas primeiras fases em uma série de existências que precedem o período da humanidade. A alma teria sido o princípio inteligente dos sêres inferiores da criação, e é nestes sêres, os quais estamos longe de conhecê-los a todos, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza e se ensaia para a vida. É de qualquer forma um ensaio preparatório em seguimento do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e chega a se tornar **espírito.**

É então que começa para êle o período de humanidade, e com êle, a consciência de seu futuro, a distinção do bem e do mal e a responsabilidade de seus atos.

Depois da morte, o animal conserva sua individualidade, seu espírito é classificado pelos espíritos encarregados desta missão e quase logo utilizado. Êle não dispõe de tempo para se pôr em relação com outras criaturas, nem para a escolha de reencarnar-se em um animal de preferência a um outro; êle deve seguir a lei do progresso.

Eis aí em verdade, o transformismo. Antes mesmo que a obra de Darwin, sôbre a origem das espécies, fôsse traduzida em francês, nossos guias espirituais nos davam a marcha a seguir para descobrir na criação os segredos que se encontram escondidos.

Êles nos fazem antever tôdas as alegrias íntimas que se desfruta no estudo da natureza, admirar as riquezas fósseis de animais e de vegetais que se distinguem na superfície terrestre, e êles se sentem felizes quando nos vêem seguindo as suas boas inspirações.

Portanto, as almas dos sêres organizados que viveram nas diversas épocas geológicas, onde estão elas? Encontramos seus destroços materiais, mas o que é feito de seus espíritos?... Estão, por certo, reencarnadas.

A matéria animada não está unida à alma senão por algum tempo; com a morte ela se separa. O espírito sobe, assim, a escada do progresso por sucessivas encarnações, cumprindo sua evolução, passando por tôda a série animal, e depois de milhões de séculos, vem fazer sua aparição na humanidade. Segundo êstes dados, a alma se edifica gradualmente por adjunção progressiva de elementos espirituais através de suas diversas encarnações. Como é precisamente a totalidade dêsses valores que, unindo-se em uma íntima harmonia, constitui o eu consciente, uma vez atingindo por fortuna a humanidade, pensamos ser a nossa hipótese legítima para chegar o espírito à perfeição.

Quando os antropóides, o gibão, o orangotango, o gorila e o chipanzé houverem atingido o último gráu da animalidade e que não tiverem em sua espécie nenhum progresso a atingir, estas almas rudimentares, deixando seus corpos, serão dirigidos para uma nova encarnação. Nascendo de novo entre nossos ancestrais, êstes antropóides tomam uma forma aperfeiçoada, aproximando-se da do homem, dos quais foram os precursores.

Eis aqui o homem primitivo da época dos quelónios, contemporâneos do Mammouth. Êle tem a fronte baixa, a cabeça dolicocéfala, e possui todos os caracteres simeanos. Esta época, base dos quater-

nários, se distingue pelos instrumentos grosseiros dos quais se serviam os primeiros homens. Atravessamos a longa época glacial do **Musgo.** Encontramos o homem em luta com o grande urso da caverna, para procurar um asilo e preservar-se do frio. A época seguinte **Solutreana,** que foi aquela do **Mammouth** e da **Rena;** aquela de **Magdaleine** foi, também, na sua quase totalidade a da **Rena.** Foi durante êsse longo período de 200.000 anos, que o homem fêz o seu progresso evolutivo. Seu organismo muda e se aperfeiçoa; seu cérebro se desenvolve, formando novas circonvoluções e, em virtude da lei de afinidade, atrai para si um número de parcelas psíquicas proporcional a seu próximo gráu de evolução.

Quando Kardec fêz sua viagem espírita em 1862, nos veio visitar em Provins, onde nos encontravamos acampados; tivemos a alegria de ter o mestre alguns dias conosco. Em sua palestra êle não nos escondeu nossa origem animal, e nos falou do progresso que devia fazer o espírito para chegar à perfeição. Êle nos recomendou, sobretudo, de aprofundar todos os ramos da Ciência, assegurando-nos que nos elevaríamos por ela, e que encontraríamos no "Livro dos Espíritos" os elementos para tudo conhecer e tudo abraçar.

Também em 1868, davamo-lhes conta da marcha de nossos trabalhos e da descoberta que julgavamos haver feito no estudo das obras de Darwin. Era a evolução do espírito tal qual nós o expomos hoje. Não foi senão em 1876 que conseguimos fazê-lo em Paris, num estudo mais aprofundado do transformismo psicológico.

Percebe-se, para os verdadeiros espíritas, para aquêles que leram as obras do mestre, que nosso sistema filosófico nada tem que deva surpreender e que seja contrário aos princípios da doutrina que os espíritos nos ensinam. À nós espíritas compete estendê-la cada vez mais e cada vez mais desenvolvê-la. O transformismo que não é senão uma reencarnação contínua, e, pois, um ramo do Espiritismo, e a Ciência, que se desinteressa por enquanto de nossa doutrina, chegará à verdade pela explicação racional do fenômeno. De outro modo, entre os quinhentos ou seiscentos membros da Sociedade de Antropologia, um grande número admite nossa origem simiesca. Acham êles que não há nada neste parentesco que nos deva humilhar. Outros, isto é, a maior parte, descrendo da imortalidade da alma, pouco se importam com essa descendência. Mas, no momento em que houverem reconhecido a evolução do espírito, serão menos recalcitrantes que certos espíritas que recusam, preconcebidamente, render-se à evidência.

Não esqueçamos, entretanto, que seremos obrigados a voltar à Terra e a aprender tudo o que negligenciamos estudar. O espírito, para a maior parte dos nossos, é como que envolto em um vidro opaco que a luz não pode atravessar; mas assim que a nossa inteligência haja adquirido o seu desenvolvimento, que esteja isenta de preconceitos, de orgulho e de ignorância, então êle poderá ver claramente na obra de Deus". (48).

Eis, leitores, a gênesis que o Espiritismo aceita com referência ao homem. É um tanto diferente, convenhamos, daquela que os au-

(48) Charles Trufy - **Causeries Spirites** - ed. 1897 - pgs. 151 a 159.

tores do "Pentateuco" descreveram em seu primeiro livro. Comparemos as duas. A primeira, saída da sombra do milagre e a segunda, das luzes de uma Ciência que tudo ilumina. Qual delas será maior, a mais condicente com a lógica? Em qual das duas vamos encontrar uma equidade infinita ou seja aquela de um Criador a dar destino igual a tôdas as suas criaturas?...

Deus, dentro da Ciência, apesar de ser impossível descrevê-lO, torna-se imensamente maior do que quando aparece aureolado de lendas inverossímeis, a resplandecerem milagres que são a derrogação de suas próprias leis.

Deus neste caso seria uma contradição. Se suas leis são imutáveis, elas lògicamente não podem ser derrogadas.

Que Deus tenha piedade da cegueira humana e mais piedade, ainda, daqueles que, intitulando-se seus representantes, conduzem tão mal o seu rebanho, pelo menos sob o ponto de vista intelectual.

## CAIM E ABEL

"E falou Caim com seu irmão Abel; e sucedeu que, estando êles no campo, se levantou Caim contra seu irmão Abel, e o matou".

"E saiu Caim de diante da face do Senhor, e habitou na terra de Nod, da banda do oriente do Éden".

"E conheceu Caim a sua mulher, e ela concebeu, e teve a Enoque; e êle edificou uma cidade, e chamou o nome da cidade pelo nome de seu filho Enoque". (Gên. IV, 8, 16, 17).

QUEM quer que raciocine um instante verá nos versículos acima a destruição completa da lenda de nossos "primeiros pais". Se Adão e Eva foram os primeiros habitantes da Terra, como é que se explica o fato de haver o filho, Caim, depois do assassínio de seu irmão, fugido para uma cidade chamada Nod, onde se casou?

Daí se conclui que Adão e Eva não foram os nossos "primeiros pais". Moisés ou antes os autores do "Pentateuco", algumas vêzes plagiários, copiavam as lendas de outros povos, sem o cuidado de evitar contradições. Assim é que, conhecedores da mitologia hindu, êles transferiram para o judaismo a lenda de Adima e Héva, sem preocupação da lógica que esta continha, e deu nesta triste confusão que sòmente os espíritos desprevenidos deixaram passar.

Em tôda a narração de Caim e Abel não há nada de alegórico. Deus rejeita positivamente aquilo que Caim lhe oferece e aceita as ofertas de Abel. O primeiro se enraivece e mata o irmão, apenas, a alguns passos de Deus.

O que há de extraordinário nesta história, salientam os críticos, é o perdão imediato que Deus concede a Caim, é o fato de o Senhor tomá-lo sob sua proteção a ponto de dar-lhe uma ressalva contra todos aquêles que o pudessem matar, quando na Terra restavam, apenas, três pessoas, Adão, Eva e o seu filho fratrícida. O admirável, ainda, é que Deus protege um assassino, quando puniu para a eternidade e condenou aos tormentos do inferno todo o gênero humano, só porque Adão e Eva comeram da árvore da ciência do bem e do mal.

Não podemos deixar de salientar que o "Pentateuco" nunca faz referência a esta condenação do gênero humano, nem ao inferno, nem à imortalidade da alma, nem a nenhum dêsses dogmas criados muito tempo depois, querendo transformar uma narração clara da Escritura, em um amontoado de alegorias.

Afirmam os esoteristas que não devemos tomar ao pé da letra a lenda de Adão e Eva, bem como a história de seus descendentes e sim, como uma simples alegoria, onde existe filosofia e da boa.

O que há a salientar em tudo isto é que Saint Ives, Eliphas Levy, Fabre d'Olivet e outros nomes mais ou menos famosos nos anais da iniciação, tecem comentários felizes em tôrno dessa lenda, como se ela pertencesse ao mosaismo. Malgrado o profundo respeito que nos merecem essas personalidades citadas, não nos pomos de acôrdo com elas. Não porque procurassem explicação para a lenda de nossos "primeiros pais" num terreno puramente filosófico, mas porque deveriam explicá-lo à luz da Filosofia, como alegorias vindas de épocas mais remotas, da mitologia hindu, como já foi dito, para que não se tirasse o mérito daqueles que, na realidade, foram os seus criadores. Mas, infelizmente, relegaram a plano secundário a origem dos fatos.

Admitindo-se, porém, a premissa de que Adão e Eva foram os nossos primeiros pais, não se encontrará nunca, mesmo à luz da Filosofia ou dos mais admiráveis artifícios, argumentos para mencioná-los como o primeiro casal existente na Terra, uma vez que seu filho Caim, depois de cometido o assassínio, fugiu para Nod, onde se casou.

Tôdas essas lendas vêm de tempos mais distantes do que aquêles vividos por Moisés. Foram transcritas ou inspiradas em religiões mais antigas, sem o devido cuidado, talvez por se destinarem a homens de nenhuma ou quase nenhuma ilustração, para quem a lógica pouco significava.

Tanto isto é verdade, que hoje, qualquer pessoa semi alfabetizada, que se dedique a um estudo sério do V. Testamento e que não possua a cegueira dogmática, descobrirá, por certo, entre as suas páginas, contradições de tal monta que uma razão normal não poderá admitir.

Referimo-nos às Bíblias católicas e protestantes, as únicas que conhecemos e que são largamente ensinadas por estas duas correntes do Cristianismo e que, ainda, hoje, são adotadas e aceitas por espíritas desavisados.

Ora, se os esoteristas explicam as alegorias das lendas bíblicas, muito embora elas não promanem de tal fonte, já os católicos, esque-

cidos da época em que vivemos, não admitem hipóteses filosóficas e nô-las apresentam com a nudez com as quais as encontramos no Velho Testamento.

Mas, ainda mesmo os esoteristas, quando têm que falar aos leigos, isto é, àqueles que não possuem, segundo afirmam, a chave com a qual pretendem abrir o entendimento à compreensão de seus inúmeros versículos, os citam emprestando-lhes o sentido literal e nunca de outra forma. A conclusão a que podemos chegar, é que, só se recorre à chave, quando os textos são obscuros ou incompreensíveis.

Passemos a outras considerações, uma vez que, divagando, muito nos afastamos de nosso assunto principal:

> "Então Abel foi pastor e Caim agricultor e no entretanto, está provada a preferência do Senhor por Abel. Vamos raciocinar um momento: qual dos dois filhos de Adão obedeceu a Deus na escolha de sua profissão? — Foi Caim, pois, Deus tinha ordenado à humanidade de cultivar a terra e de alimentar-se exclusivamente do produto dos campos". (49).

Caim depois de seu crime vergonhoso, foi castigado por Deus que lhe disse:

> "Quando lavrares, a terra não te dará mais a sua força; fugitivo e vagabundo serás na Terra". (Gên. IV, 12).

O que mais nos surpreende é a cidade fundada por Caim. Ê coisa inacreditável poder um vagabundo construir uma cidade. Com que obreiros teria êle contado, considerando-se a lenda de nossos "primeiros pais"? Quais os instrumentos de que se serviu para a construção das casas? Onde foi Caim recrutar os cidadãos para povoar a cidade de Enoque?

Seja como fôr, o fato a salientar é mais uma vez o pouco caso com que eram recebidas as ordem do Senhor. A determinação divina foi que Caim vivesse fugitivo e vagabundo, e Caim, não só se revelou trabalhador, como também não quis ser fugitivo, uma vez que morava em uma cidade por êle construida. Procurando, iremos encontrar mais contradições.

> "Eis que me lanças da face da Terra, e da tua face me esconderei; e serei fugitivo e vagabundo na Terra, e será que "todo aquêle que me achar me matará?".

---

(49) Léo Taxil - **La Bible Amusante** - ed. 1903 e 1904 - pg. 64.

> "E o Senhor porém disse-lhe: Portanto qualquer que matar Caim, sete vêzes será castigado. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para que o não ferisse qualquer que o encontrasse". (Gên. IX, 14 e 15).

Mas, quem poderia encontrar Caim sôbre a face da Terra; quem o poderia matar se só Adão e Eva existiam além dêles? Os animais ferozes?

Deus, por certo, não falaria às feras, ameaçando castigá-las sete vêzes.

Eis como se conta mal a história. E há quem afirme que foi Deus que ditou isso que aí está a Moisés!

Os herejes são os que não acreditam nesta história mal contada...

# LONGEVIDADE INCRÍVEL

ANALISEMOS agora a genealogia dos Sete:

"Êste é o livro da geração de Adão. No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fêz macho e fêmea os criou, e os abençoou; e chamou o seu nome Adão, no dia em que foram criados".

"E Adão viveu 130 anos, e gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem, e chamou o seu nome Sete".

"E foram os dias de Adão depois que gerou Sete, 800 anos; e gerou filhos e filhas".

"E foram todos os dias que viveu Adão 930 anos; e morreu".

"E viveu Sete 105 anos, e gerou Enos".

"E viveu Sete depois que gerou Enos 807 anos, e gerou filhos e filhas".

"E foram todos os dias de Sete, 912 anos; e morreu".

"E viveu Enos 90 anos, e gerou Quenã".

"E viveu Enos depois que gerou Quenã, 815 anos; e gerou filhos e filhas".

"E foram todos os dias de Enos, 905 anos; e morreu".

"E viveu Quenã 70 anos, e gerou Maalalel".

"E viveu Quenã depois que gerou Maalalel, 840 anos e gerou filhos e filhas".

"E foram todos os dias de Quenã, 910 anos; e morreu".

"E viveu Maalalel 65 anos e gerou Jarede".

"E viveu Maalalel depois que gerou Jarede, 830 anos; e gerou filhos e filhas".

"E foram todos os dias de Maalalel, 895 anos; e morreu".

E assim nesta seqüência assustadora, chegaremos a Matusalém, que gerou a Lemeque; e foram os dias de Matusalém, 969 anos; a Lemeque que gerou a Noé e que viveu 777 anos. Por fim, vemos a Noé, que gerou Cão, Sem e Jafé.

Há fatos tão extraordinários que dispensam comentários. Por mais poesia que se encontre nesta narrativa absurda, não podemos

dispensar a ela senão aquilo que dispensamos a uma boa anedota. Ora, Matusalém que bateu o "record" de longevidade, viveu em estado de continência até a idade de 187 anos e achou meios de continuar vivendo, ainda, 782, dando até o fim sinais evidentes da mais perfeita virilidade, pois, depois que gerou Lemeque, continuou a viver por espaço de 782 anos, sempre e sempre gerando.

Noé, por sua vez, passou 500 anos sôbre a Terra, antes de gerar Sem, Cão e Jafé.

> "Fêz-se correr muita tinta a propósito da longevidade extraordinária do patriarca do Gênesis. Os doutôres católicos, percebendo o quanto eram indigestas essas frivolidades, tentaram salvar do ridículo êstes versículos do Espírito Santo e acharam que era necessário interpretar anos por lunações, insinuando que nesta época o tempo era contado por luas. De acôrdo com êste modo de contar, Matusalém teria morrido octogenário. Eis tudo". (50).

O cônego Rorhbacher, entre outros, em sua "História Universal da Igreja", diz que os anos do Gênesis são, na realidade, de doze mêses e cita como exemplo Abraão que, segundo a Bíblia, "morreu em velhice tranqüila, com muita idade e já farto de viver, pois, contava 175 anos. (Gên., XXV, 7 e 8).

Na realidade, se fôssemos contar por luas, Abraão não teria vivido mais de 14 anos e sete mêses, e continua Rorhbacher, seria discordante das expressões empregadas pelo autor sacro. O mesmo teólogo, para provar que os anos indicados no Gênesis, são de 12 mêses, cita, ainda, vários personagens cujo texto divino faz conhecer a idade, na ocasião do nascimento de seu primeiro filho.

Assim, temos Enos, Quenã e Maalalel, que tiveram filhos com a idade de 90, 70 e 65 anos. Contando por luas, diz o cônego, seria necessário admitir que êles teriam tido filhos com a idade de 7 anos e 5 mêses, 5 anos e 10 mêses e 5 anos e 5 mêses, respectivamente. E Nahor que pariu com 29 anos, conforme o texto bíblico, pergunta exaltado e lógico o respeitável teólogo e cônego católico, como Nahor poderia ter parido com a idade de 2 anos e 9 meses?

> "Não, bom Rorhbacher, sois vós que possuis a razão; os anos de que fala o Gênesis são na realidade de 12 mêses. Também nada é mais divertido do que o caso do cidadão Noé que esperou 500 anos para cumprir a ordem divina do crescer e multiplicar-se". (51).

---

(50) Léo Taxil - **La Bible Amusante** — pg. 73.
(51) Léo Taxil - **La Bible Amusante** — ed. 1903/1904 — pg. 76.

# SERIA O JUDAISMO A PRIMEIRA RELIGIÃO MONOTEISTA ?

Em 1909, diz Sigmund Freud, O. Rank, que então trabalhava comigo, publicou, por sugestão minha, uma memória intitulada "O Rito do Nascimento dos Heróis". Trata-se do fato de que "quase todos os povos cultos importantes, tiveram em tempos primitivos, seus heróis, seus reis, e príncipes fabulosos, fundadores de religiões, de dinastias, de impérios, cidades, em suma, seus heróis nacionais, exaltados em poemas e lendas". Especialmente a história do nascimento e da juventude dêsses heróis tem sido descrita de modo fantástico, com semelhanças tão desconsertantes que até as palavras concordam, ainda que se trate de países diferentes, em ocasiões muito distanciadas e sem relação alguma, coisa observada por inúmeros investigadores.

Se se constrói, segundo propõe Rank, aproximando-se da técnica de Galton "a fábula têrmo médio, no que concerne aos traços mais essenciais de tôdas as histórias", obteremos o seguinte esquema:

> "O herói é filho de pais muito nobres, geralmente filhos de reis. Seu nascimento foi precedido de dificuldades, como a abstinência, ou a esterilidade dos pais, separação dêles, devido à proibição ou obstáculos externos. Durante o embaraço ou pouco antes de produzir-se o parto, ouvem-se predições alarmantes (sonhos ou oráculos), que geralmente significam um perigo para os pais.
>
> Devido a isso, os pais ou pessoas chegadas determinam matar ou eliminar o recém-nascido; de ordinário é lançado à água dentro de um cêsto.
>
> Logo são salvos por animais ou por pessoas de modesta condição, pastores, e criados por um animal, ou por uma mulher humilde.
>
> Já homem, seguindo caminhos variados, volta a encontrar-se com os seus progenitores, vinga-se do pai, e logo, ao ser conhecido, é exalçado, alcançando sua grandeza e sua glória". (52).

Os mais antigos personagens históricos, ligados a êste mito do nascimento, é Sargão de Agade, ou Sargão I, o fundador de Babilônia (aproximadamente no ano 2.000 antes de Cristo).

---

(52) S. Freud — Moisés e a Religião Monoteista — ed. argentina — pg. 11.

"Eu sou Sargão, o poderoso rei de Agade. Minha mãe era uma vestal; não conheci meu pai, embora o seu irmão vivesse na montanha... Em minha cidade, Azupirami, situada às margens do Eufrates, fui engendrado no ventre de minha mãe, a vestal. Do parto, nasci eu. Colocou-me em uma cêsta de vime, fechada com asfalto e me lançou à corrente que não chegou a afogar-me. A corrente me conduziu a Akki. O juiz das águas me acolheu com a bondade de seu coração. Akki me considerou como seu próprio fliho e me fêz seu jardineiro. Em meu ofício consegui Istar que me amou; fui rei e durante 45 anos exerci o meu reinado". (53).

Na série iniciada por Sargão de Agade, seguem-se os nomes de Moisés, Ciro e Rômulo.

No Mahabarata, diz Leterre, lê-se uma lenda idêntica da Índia, escrita muito anteriormente à existência de Sargão I, e, portanto, de Moisés:

"Kunti ou Pritha, filha de um rei, foi amada pelo Deus Sol que lhe deu um filho. Envergonhada e receiosa da cólera do pai e da mãe, de cumplicidade com a serva, colocou o menino sôbre um travesseiro mole, numa cesta de vime, estanque, coberta de fazenda e, com lágrimas nos olhos, o abandonou no rio Asva.

A cesta seguiu o curso do Ganges e aportou na cidade de Champs, no território de Suta. Um casal sem filhos que por alí passava, vendo a cesta a recolheu, tirando dela um lindo menino, belo como o Sol, revestido de uma armadura de ouro, com as orelhas ornadas de ricos brincos, e o criaram. O rapaz, ao qual deram o nome de Kama, se tornou poderoso rei". (54).

S. Freud diz que o fundamento histórico dos acontecimentos que despertam o nosso interêsse é o seguinte: devido às conquistas da dinastia XVIII, o Egito se transformou em um império que se estendeu pelo mundo. O nôvo imperialismo se concentrou no desenvolvimento dos conceitos religiosos, se não em todo o povo ao menos nas classes dominantes mais esclarecidas.

Sob a influência do sacerdote do deus Sol (Heliópolis), robustecida, talvez, pelas incitações asiáticas, surgiu a idéia de um Deus universal, Aton, desaparecendo sua limitação a um país, a um povo. Ao subir ao trono, o jovem Amenhotep IV, aparece um faraó, cuja idéia dominante é o desenvolvimento dêsse conceito religioso. Estabelece a religião de Aton, como religião do Estado, considerando-o como o Deus unico e dá como embustes e mentiras, as demais deidades. Com grande energia reprimiu tôdas as tentativas em defesa da magia e da feitiçaria, negando a verdade, tão acariciada pelos egípcios, de uma vida depois da morte. Com uma sur-

---

(53) S. Freud — **Moisés e a Religião Monoteista** — ed. argentina — pg. 11.
(54) A. Leterre — **Jesus e sua Doutrina** — pg. 69.

preendente visão dos conceitos científicos, que mais tarde haveriam de desenvolver-se, reconhece nas energias das radiações solares a fonte e a origem de tudo o que vive sôbre a Terra, e adora o Sol como o símbolo do poder de seu Deus. Exalta a alegria da criação e da vida em Matt (verdade e justiça).

Assim, na opinião de um homem profundamente reverenciado em todo o mundo, por inúmeros partidários de suas teorias, não foi Moisés o primeiro fundador de uma religião monoteista Vivendo nesta mesma época, inteligente e astuto, aproveitador dos conceitos alheios, principalmente quando dêles surgisse algo de notável, possìvelmente, mais uma vez o legislador judeu se aproveitou da idéia magnífica de seu contemporâneo

Infelizmente, não nos é dado transportar para o nosso trabalho o pensamento integral do criador do "complexo de Édipo", de quem discordamos profundamente, mas cujos conhecimentos históricos não podem, de forma alguma, ser desprezados

Deixemos, porém, de lado, tôdas as considerações do fundador da escola psicanalista. Consideremos, mesmo, que tudo o que nos adiantou Sigmund Freud e outros eminentes vultos citados, não exprimam a verdade; perguntamos, querendo admitir que Moisés foi o criador do monoteismo, que vantagens representa a religião hebraica, se a sua crença não ultrapassa as raias dos castigos e das recompensas terrenas? E a imortalidade da alma?

> "O monoteismo como todos conhecemos, baseia-se na lei de Moisés. Há, porém, diferentes espécies de monoteismos. Em certo sentido, tôdas as religiões antigas foram monoteistas. Todas ensinaram a existência de um Ser Supremo. Usualmente, entretanto, êste Ser Supremo não era objeto de culto popular e caía no esquecimento, enquanto que os deuses inferiores eram em geral e realmente reverenciados". (55).

O grande orientalista Max Müller, assim fala:

> "O Deus mais exaltado recebeu o mesmo nome nas antigas mitologias da Índia, Grécia, Itália e Alemanha.
>
> O nome em sânscrito era DIAUS, em grego ZEUS, em latim JOVIS e em germânico, TIU. Êstes nomes não são, apenas, nomes; são fatos históricos. Estas palavras não são, apenas palavras; servem para apresentar, com tôda vividez de um evento de ontem, os antepassados de tôda a raça ariana que, milhares de anos antes de Homero e dos Vedas, adoravam um ente invisível.
>
> As pessoas que pensam que um culto politeista foi o objeto mais natural da vida religiosa, esqueceram-se muito fàcilmente de que "politeismo deve ser precedido por tôda a parte de um teismo mais

---

(55) James F. Clark — Ten Great Religions.

ou menos refletido". Em nenhuma língua do mundo o plural existe antes do singular. Jamais o espírito humano poderia conceber a idéia de muitos deuses sem ter preliminarmente conhecido a idéia de um Deus...

Será, porém, um êrro bastante grande imaginar-se, por que a idéia de um Deus deva existir antes daquela de muitos deuses, que a crença em muitos deuses tenha precedido por tôda a parte à crença em um Deus único. Esta última implica a negação formal de um Deus; e esta negação é possível sòmente depois da concepção real e imaginária de muitos deuses... A intuição primitiva da divindade, não é monoteista, nem politeista. Ela acha sua expressão mais natural neste artigo de fé, o mais simples, e, entretanto, o mais importante de todos: Deus é Deus. Tal deve ter sido a crença dos pais do gênero humano antes da dispersão das raças e da confusão das línguas.

A crença de um Deus único chama-se pròpriamente — monoteismo — enquanto que henoteismo seria o têrmo mais correto para designar-se a crença em um Deus.

É necessário não perder de vista que falamos, aqui, de uma época remota da humanidade quando, ao mesmo tempo que surgiam as idéias, se faziam as primeiras tentativas para exprimir as concepções mais simples, em uma linguagem de extrema simplicidade, de um caráter todo físico e material, e completamente despida de flexibilidade, para manifestar as minudências do pensamento". (56).

Continua, assim, o eminente historiador ensinando-nos que no princípio os nomes de Deus, como figuras ou estátuas, eram tentativas louváveis para apresentar ou exprimir uma idéia, pela qual era impossível achar-se uma representação ou uma expressão adequada.

Êste *eidelon* ou *imagem,* transformou-se, porém, em *ídolo;* o nome mudou-se em *numen* ou *deidade,* logo que se apartaram de sua significação original.

Se os gregos se recordassem que — Kronos, Uranos, Apolo — não eram mais que tentativas para dominar as diversas fases, ou manifestações, ou aspectos, ou pessoas da divindade — êles poderiam servir-se dêstes nomes nas ocasiões de suas diversas necessidades, como os judeus evocavam — Jeová, Elohim, Sabaoth — como os católicos imploram a assistência da Virgem sob o nome de Anunciada, das Dores e de Nossa Senhora das Graças.

Eis mais um depoimento a favor de nossa tese. Max Müller, com a sua indiscutível autoridade, torna evidente que o monoteismo não é absolutamente originário da religião de Moisés e sim pertencia aos povos mais primitivos. Vigouroux vem, também, em apoio de nosso ponto de vista:

---

(56) Max Müller — **Histoire des Religions.**

"É falso, històricamente falando, que a humana gente tenha por tôda a parte principiado o culto religioso pela adoração dos astros. Antes, a verdade é que o homem se iniciou no exercício da religião pela crença em "um Deus". (57).

Mariètte e Rougé asseveram que *"no alto do Panteon egípcio há um Deus único"* O duque d'Argil, M. Fergusson e Louis Jacolliot, afirmam que *"uma inspiração monoteista, notàvelmente pura e elevada, circula através dos Vedas"*. Darmaster exclama: *"O politeismo tirou sua origem das falsas respostas a esta pergunta: — Que é Deus?"*

O politeismo é um monoteismo em dissolução, afirma Schelling.

Já nos vamos tornando longo para provar uma coisa que é hoje do conhecimento de todos os estudiosos de religiões. Os povos não iniciaram sua crença pelo politeismo e sim pelo henoteismo, que é o culto de um só Deus em cada povo, o que vem a ser em essência o mesmo que monoteismo, se levarmos em conta, Jeová, o mais nacionalista de todos os deuses na superfície da Terra.

Como fica evidenciado, a nossa crítica até o momento, e esperamos que neste ritmo as coisas continuem, tem-se alicerçado na História e na Ciência, amparados que estamos por figuras eminentes cujos depoimentos têm sido aceitos por todos os valores intelectuais insuspeitos e que não trilham a vereda infeliz dos que curvam a cabeça ao dogma sacrílego

Os judeus, a quem pertence, na realidade, a religião de Moisés, dão a esta uma interpretação racional, diferente da que lhe querem emprestar católicos e protestantes São profundos conhecedores da história de seu povo, eternamente perseguido e a lutar sem tréguas e sem esmorecimentos por uma vida de liberdade que tanto merecem. A contribuição dêste povo em matéria de Ciência, e de Filosofia, aos conhecimentos generalizados de todos os tempos é coisa que a Matemática não prevê. Mas, a humanidade é, e continua sendo profundamente ingrata.

Will Durant, depois de citar o poema de Ikanoton, diz:

"Temos aqui, além de um dos grandes poemas da História, a primeira firme expressão do monoteismo — 700 anos antes de Isaías

Como acentua Breasted, em "Development", esta concepção de um Deus único, talvez seja o reflexo da unificação do mundo mediterrâneo sob a liderança do Egito. No reinado de Tutmés III, Ikanoton concebe o Deus único para tôdas as nações e chega a mencionar antes

(57) Vigouroux — **La Bible et les Découvertes Modernes** — Vol. III.

do Egito, o nome de outros países como dentro do govêrno de Aton; isto representa um prodigioso avanço para além da idéia do deus tribal até então predominante". (58).

A. Leterre a quem não se pode negar seja um profundo estudioso dêsses assuntos, afirma que tôdas as tribos africanas, que podem ser contadas aos milhares, tanto as do litoral como as das regiões centrais, algumas de difícil contato entre si e ainda mais com o europeu, adoram um Deus, Supremo, Criador, Onisciente, misericordioso e sumamente bom, e, porque nunca faça mal à sua criatura, não lhe prestam culto algum, nem lhe dirigem preces, nem procedem a sacrifícios de animais em seu holocausto

No Manavadharma, segundo a lenda, Deus se revelou a Cristna; nos Vedas, a Buda; no Zendavesta, a Zoroastro; nos Kings, da China, a Láo-Tseu, a Confúcius; no Pentateuco, a Moisés, no Corão, a Maomé, no livro de Job, ao pontífice Job e nos Evangelhos a Jesus.

Não se pode, pois, duvidar, que a crença monoteista, isto é, a crença em um Deus único existisse desde a antiguidade pré-histórica.

Lê-se nos Vedas:

"Deus é aquêle que sempre foi; Êle criou tudo quanto existe; uma esfera perfeita, sem comêço nem fim e à sua fraca imagem. Deus anima e governa tôda a criação pela providência geral de seus princípios invariáveis e eternos. Não sonde a natureza da existência daquêle que sempre foi; esta pesquisa é vã e criminosa. Basta que, dia a dia, noite à noite, suas obras te manifestem sua sabedoria, seu poder e sua misericórdia... Trata de tirar proveito disto".

O rei da Babilônia, Nabuchodonozor, orava do seguinte modo:

"Criado por ti, Senhor, eu te abençôo, tu me deste o poder de reinar sôbre os povos, segundo tua bondade. Constitui, pois, teu reinado, impõe a todos os homens a adoração de teu nome. Senhor dos povos, ouve minhas preces. Que tôdas as raças terrestres venham "às portas de Deus". (Babilu-Babilônia).

Nos antigos livros da China (nos Kings), encontra-se o seguinte, transcrito pelo imperador Kang-Ki e compilado por Du Halde, pg. 41, da edição de Amsterdam:

"Êle não teve comêço e não terá fim. Êle produziu tôdas as coisas desde o comêço; Êle é quem governa como verdadeiro Senhor; Êle é infinitamente bom e infinitamente justo; Êle ilumina, sustenta e regula tudo com suprema autoridade e soberana justiça".

Max Müller, ainda, em sua "Histoire des Religions", diz:

---

(58) Will Durant — **História da Civilização.**

> "Se olharmos os olhos negros dos chineses, acharemos que ali também há uma alma que corresponde às outras almas e que o Deus que êle tem em mente é o mesmo que nos empolga o espírito, apesar do embaraço de sua linguagem religiosa".

Os Druidas (sábios), sacerdotes dos Celtas, diziam que Deus é por demais incomensurável para ser representado por imagens fabricadas por mãos humanas; e que seu culto não pode ser prestado entre as muralhas de um templo; mas, sim, no santuário da natureza, sob a ramagem das árvores ou nas margens do vasto oceano.

Léon Denis, em sua obra "Le Génie Celtique et le Monde Invisible", diz que para os Druidas, o símbolo da vida e da luz era representado pelo têrmo Esus. O Deus dos Druidas era Be-il, de onde o Ba-al da Caldéa, ao qual juntaram Teutalés, símile de Thot-Hermes do Egito.

Em seu livro "Dans le Thibet", o padre Huc consigna o que dizem os Lamas:

> "Buda é o ser necessário, independente, princípio e fim de tudo. É o Verbo, a Palavra. A Terra, os homens e tudo quanto existe é uma manifestação parcial e temporária de Buda. Tudo foi criado por Buda, no sentido de tudo vir dêle como a Luz vem do Sol. Todos os sêres emanados de Buda tiveram um comêço e terão um fim; mas assim, como êles saíram necessàriamente da Essência Universal, êles terão de ser reintegrados. É como os rios e as cachoeiras produzidos pelas águas do mar que, após um percurso mais ou menos longo, vão novamente se perder na sua imensidade... Assim, Buda é eterno; suas manifestações também são eternas".

No Egito, no Livro dos Mortos, à pg. 17, lê-se:

> "Eu sou aquêle que existia do nada; eu sou o que cria, eu sou aquêle que se criara por si próprio. Eu sou ontem e conheço amanhã, sempre e nunca".

O templo de Saïs, antiga cidade do baixo Egito, trazia gravado em seu frontespício:

> "Eu sou tudo o que foi, que é e que será, e nenhum mortal jamais levantou o véu que me encobre".

No México, segundo A. Leterre, em 1431, o rei Netzahualcovotl que, em criança, havia escapado milagrosamente de degolação dos filhos machos, como sucedeu a Cristna, a Moisés, a Jesus e a outros reformadores (lendas), mandou construir templos, sendo o mais belo dedicado ao "Deus desconhecido". Dizia êle que ídolos de pedra e de madeira, se não podem ouvir, nem sentir, ainda menos pode-

riam criar o Céu e a Terra e os homens, os quais devem ser obra de um "Deus desconhecido", todo poderoso, a quem confiava a sua salvação.

Êsse Deus desconhecido do México, continua Leterre, deve ser aquêle mesmo Deus que Paulo encontrou em Atenas, conforme se vê em Atos XVI, 23.

O Ser Supremo dos Astecas era denominado Teotl; era impessoal e impersonificável. Dêle dependia a existência humana. Era divindade de absoluta perfeição e pureza em quem se encontra defesa segura.

Nos livros de Hermes, encontra-se o seguinte diálogo tido com Thoth, que bem define o espírito moral e intelectual daquelas eras:

> "É difícil ao pensamento conceber Deus e a língua exprimí-lo. Não se pode descrever uma coisa imaterial por meios materiais; o que é eterno não se alia, senão dificilmente, ao que está sujeito ao tempo. Um passa, outro existe sempre. Um é uma percepção do espírito, e outro uma realidade. O que pode ser concebido pelos olhos e pelos sentidos como os corpos visíveis, pode ser traduzido pela linguagem; o que é incorpóreo, invisível, imaterial, sem forma, não pode ser conhecido pelos nossos sentidos. Compreende, pois, Thoth, que Deus é inefável".

Nos mesmos livros lê-se, também, o seguinte:

> "Desconhecendo nossas ciências e nossa civilização, os vindouros dirão que adoramos astros, planetas e animais, quando, de fato, adoramos um só Criador e Onipotente".

Na antiga Pérsia, Zoroastro chamava-o de Mithra-o Deus Criador, sendo Ormuzd, o Pai

No Egito — Oziris.

Na Fenícia — Adonis.

Na Arábia — Bacchus.

Na Frígia — Athis.

Moisés — Jeová.

Maómé — Allah.

Há quem afirme que o horror que os judeus tinham pelas outras nações, vinha de seu horror pela idolatria; mas é muito mais verossímil que o modo pelo qual êles exterminavam algumas povoações de Caná e o ódio que as nações vizinhas lhes dedicavam, fôssem a causa dessa aversão invencível.

Uma prova de que a idolatria das nações não era a causa dêste ódio é que pela história do povo judeu se verifica que êles eram muitas vêzes idólatras. Salomão sacrificava aos deuses estrangeiros. Depois dêle não se vê quase nenhum rei na pequena província de Judá que não permitisse o culto dos deuses e que não lhes oferecesse incenso.

A província de Israel conservou seu deus bezerro e seus bois sagrados, ou adorava outras divindades. Esta idolatria que se reprova em outras nações e que historiadores como Cesar Cantú acentuam, considerando o judeu como pouco afeito a superstições,é ainda uma coisa muito pouco esclarecida. Não seria, talvez, muito difícil, livrar desta reprovação a Teologia dos antigos. Tôdas as nações civilizadas tiveram a crença em um Deus Supremo, mestre dos deuses subalternos e dos homens. Os egípcios reconheciam um princípio primordial que êles denominavam *Knef,* ao qual tudo o mais era subordinado. Os antigos persas adoravam o bom princípio chamado *Oromase,* e estavam bem longe de sacrificar ao máu princípio *Arimane* que êles encaravam, mais ou menos, como o católico encara o Diabo. Os guebros ainda hoje conservam o dogma sagrado da unidade de Deus. Os antigos brâmanes reconheciam um só Ser Supremo; os chinêses não associavam um só ser subalterno à divindade, e não tiveram um único ídolo até o tempo em que o culto de Fo e as superstições dos bonzos seduziram a população. Os gregos e os romanos, malgrado a multidão de seus deuses, reconheciam em Júpiter o soberano absoluto do Céu e da Terra. Homero, nas mais absurdas ficções da poesia, nunca se separou desta verdade. Êle representa sempre Júpiter como o todo poderoso, que envia o bem e o mal à Terra, e que no momento em que franzia o sobrôlho, fazia tremer os deuses e os homens. Erguiam-se altares, faziam sacrifícios aos deuses subalternos, dependentes do Deus Supremo. Não há um só monumento antigo em que o nome do Soberano do Céu seja dado a um deus secundário, a Mercurio, a Apolo, a Marte.

A idéia de um Deus Soberano, de sua providência, de seus decretos eternos, encontra-se em todos os filósofos, e em todos os poetas. É pois injusto pensar que os antigos igualassem os heróis, os gênios, os deuses inferiores àquêle que êles chamavam o *Pai e Mestre dos deuses,* como seria ridículo pensar que hoje associamos a Deus os bemaventurados e os anjos.

Voltaire, a quem recorremos com prazer de vez em quando, pergunta se os antigos filósofos e os legisladores apreenderam estas coisas dos judeus ou se o contrário foi o que se deu.

"Vejamos o que nos diz Philon: êle confessa que antes da tradução dos **"Setenta"** os estrangeiros não tinham o mínimo conhecimento dos livros judaicos. Os grandes povos não podem tirar os seus conhecimentos de um povo obscuro e escravo. Os judeus não tinham livros até o tempo de Josias. Foi encontrado por acaso durante o seu reinado, o único exemplar da lei que existia. Êste povo, já desde o seu cativeiro em Babilônia, não conhecia outro alfabeto que o caldeu; não foi distinguido por nenhuma arte, por nenhuma miniatura de qualquer espécie; e mesmo no tempo de Salomão êles eram obrigados a pagar bem caro aos obreiros estrangeiros. Dizer que os egípcios, os persas, os gregos, foram instruidos pelos judeus, é o mesmo que dizer que os romanos aprenderam as artes com os filhos da Baixa Bretanha. Os judeus nunca foram, nem geômetras, nem físicos, nem astrônomos. Longe de ter escolas públicas para a instrução da juventude, em sua língua faltava até o têrmo para exprimir esta instituição. Os povos do Peru e do México regulavam o ano bem melhor que êles. Sua permanência em Babilônia e em Alexandria, durante a qual os particulares podiam instruir-se, não formou o povo senão na arte da usura. Não souberam nunca cunhar moedas; e quando Antiochus Sidetes lhes permitiu possuir sua moeda à parte, êles puderam aproveitar desta licença, apenas, durante cinco anos; ainda se pretende que estas moedas foram cunhadas em Samaria. Daí serem raras as moedas judias e quase sempre falsas. Enfim, não encontrareis nêles mais que um povo ignorante e bárbaro, que vive desde muito na mais sórdida avareza, na mais detestável superstição e no mais irreconciliável ódio por todos os povos que os toleram e os enriquecem. "Não é necessário, portanto, queimá-los". (59).

Em face de tudo o que deixamos escrito, é um tanto arriscado chamar o Judaismo de primeira religião monoteista aparecida na face da Terra.

---

(59) Voltaire — **Dictionnaire Philosophique** — t. 14 — ed. 1860 — pg. 65.

# IMORTALIDADE DA ALMA

SCHOPENHAUER quando declarava que a religião dos judeus devia ser considerada como "a última entre as dos povos civilizados", justificava especialmente sua opinião, no fato de não crerem os hebreus na imortalidade da alma.

Êste julgamento severo, diz C. de Vesme, em sua obra "Histoire du Spiritualisme Experimental", não implica nenhuma desfeita para com o povo israelita, antigo ou moderno. Bem longe disso. Se os hebreus em lugar de haverem sido o povo teocrático por excelência, houvessem sido um povo de ateus, Schopenhauer e outros tantos filósofos igualmente ateus só podiam ter visto neste fato, uma superioridade do "povo eleito" sôbre os demais, porque seria seu ponto de vista estarem êles na posse de tôda a verdade.

Mas, com referência à religião, é certo que é difícil olhá-la como a mais nobre de tôdas, uma vez que entre seus postulados não existe a imortalidade da alma.

As palavras têm a significação que o uso lhes dá; ora, uma religião, não admitindo a sobrevivência, não é uma religião no sentido que lhe é dado pela quase totalidade dos homens.

Poder-se-á assegurar que os hebreus acreditassem que tudo cessaria com a morte? A questão, é, ainda, hoje, muito controvertida. A maioria dos exegetas laicos da Bíblia continuam a ter a opinião de Schopenhauer; os eclesiásticos são, pela sua própria profissão, forçosamente de opinião contrária.

Isto se observa, também, entre os escritores católicos e judeus.

Eis o que diz M. D. A. Lattes, diretor do importante órgão "Corriere Israelita", de Trieste e que, naturalmente, é o representante da parte espiritualista de seus correligionários:

> "O hebraismo bíblico não registrou em nenhuma de suas páginas, de maneira explícita, a crença na imortalidade da alma: o Pentateuco sendo um código civil e político, pouco se preocupou da crença. Mas, a idéia da imortalidade da alma se delineia sem cessar e com grande eficácia de entre as páginas da Bíblia. E mais do que por qualquer demonstração teórica, mais do que por qualquer artigo de

> catecismo, ou imposição do legislador, o fato é provado pela proibição de Moisés de evocar os mortos. As conseqüências que ressaltam naturalmente desta interdição, são muito importante em favor de uma fé em uma vida de além túmulo. Ela significa que desde o tempo de Moisés a evocação dos espíritos estava em uso corrente, que ela dava resultados reais e que, por conseguinte, os espíritos existem. Se Moisés nunca se preocupou com a crença na imortalidade da alma, isto significa que nenhuma dúvida a respeito existia no espírito do povo hebraico".

Parece lógica, a primeira vista, a declaração de Lattes. Mas, se formos aprofundar mais o nosso raciocínio, chegaremos à conclusão de que se uma Igreja proibe a seus fiéis a evocação dos mortos, isto não pode significar que ela admita que são os mortos que se manifestam. Antes, será o contrário.

> "As Igrejas cristãs que proibem a seus fiéis a consulta aos espíritos, admitem elas que as personalidades comunicantes são realmente os espíritos dos mortos? — Nunca. Seus ministros afirmam geralmente o contrário, que sob as personalidades manifestadas se esconde o Demônio; outros, mais "modernos", mais "científicos", afirmam que estas personalidades não são senão um desdobramento subconsciente e não menos enganador, da personalidade do médium. Assim, sob êste ponto de vista, caem os argumentos de Lattes". (60).

Se há provàvelmente exagêro nas palavras de Shopenhauer, que não se encontra na religião dos judeus "nenhum traço da imortalidade da alma", deve-se reconhecer, continua o eminente escritor, que em contraposição, há, também exagêro na afirmação de Lattes, segundo o qual "a idéia da imortalidade da alma ressurge sem cessar e com uma grande eficácia de entre as páginas da Bíblia". M. Lattes, deseja talvez, fazer alusão a frases como estas: Ide em paz com vossos pais", "Ide no seio de Abraão", etc.? É o mesmo que tomar ao pé da letra as frases: "Que a terra vos seja leve", "Dormi em paz", e assim sucessivamente.

Penetremos mais um pouco no pensamento do notável escritor, sempre externado em sua obra magistral, já citada, premiada pela Academia de Letras de França e que Bozzano e Richet tantas vêzes reverenciam em seus livros, obra aquela de um valor que só os que a desconhecem põem em dúvida.

Por que, pois, mais tarde, os israelistas nunca toleravam a leitura do Eclesiaste em suas sinagogas e por que, como afirmam os rabinos e S. Jerônimo, se hesitou tanto antes de admití-lo entre os livros canônicos?

Será esta a verdadeira sabedoria, aquela que dá a entender que do outro lado da vida nada existe? E que não nos venham afirmar

---

(60) C. de Vesme — **Histoire du Spiritualisme Experimental** — pg. 245.

que são pontos de vista isolados de um particular, de um irresponsável qualquer, como são geralmente encontrados em tôdas as literaturas. Trata-se de tradição cuidadosamente transmitida de geração a geração e apontada à leitura e à edificação dos fiéis e dos mais sábios dos homens, "ultrapassando a sabedoria de todos os orientais e de todos os egípcios conforme nos ensina a própria Bíblia".

Enfim, não se encontra no V. Testamento alusões claras e enérgicas sôbre recompensas e punições nesta Terra, embora seja o Pentateuco um "código civil e político", como afirma Lattes? Como se explica, então, que êle nunca faça alusão a castigos e recompensas depois da morte?

M. Benamozegh cita em apoio de suas assertivas, o Aboth, o Erouin, o Aboda Zara, o Schabbat e outros tratados do Talmud. Mas, o Talmud data, em tôdas as suas partes, da era cristã. Admitindo-se, mesmo, que êle recolheu a lei oral e tradicional de Israel, nada absolutamente prova que se trate de tradição, a qual, no que concerne à sobrevivência, data de antes da volta de Babilônia, e sobretudo de crenças aceitas pelo clero oficial. E entre os judeus, mesmo, os Caraïtas, como se sabe, recusam tôda a autoridade ao Talmud. Há, sim, não resta dúvida, uma passagem no livro de Jó que demonstra a crença na ressurreição:

> "Por que eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sôbre a Terra".

Mas nenhuma alusão às recompensas e aos castigos do outro lado da vida, até o livro de Daniel, datando de Antiocus Epifânio (II° século a. de Cristo).

E esta passagem de Jó é um caso excepcional, uma vez que êle fala do Redentor em cuja volta geralmente se crê.

O próprio Eugène Nus, que anteriormente citamos, em sua obra "Les Grands Mystères", falando da imortalidade da alma, a respeito da Bíblia, assim se exprime:

> "O dogma da pre-existência ou da ressurreição de nosso ser — o que no fundo é a mesma coisa, — existe em tôdas as religiões conhecidas, com exceção da de Moisés". (61).

"A alma, dizem os Vedas, vai para o mundo ao qual pertence suas obras".

"Ó Deus, exclamavam em suas preces, os filhos de Zoroastro, tende piedade de meu corpo e de minha alma, neste e no outro mundo".

---

(61) Eugène Nus — Les Grands Mystères — pg. 89.

Os egípcios, os persas, como os fenícios, acreditavam na ressurreição dos mortos, e transmitiram esta crença aos cristãos primitivos. Os gregos proclamavam a imortalidade da alma; os druidas, a sucessão das vidas; os escandinavos sonhavam com um paraíso feroz, onde bebiam hidromel no crâneo de seus inimigos; os canadenses, os peruanos tinham, sôbre a origem do mundo e da vida futura do homem, quase as mesmas concepções que a Fenícia e o Egito. Em tôda a parte e em todos os povos, com exceção dos hebreus, se encontra a idéia da imortalidade da alma.

Em nosso último livro "Reencarnação e suas Provas", escrito de parceria com o eminente Dr. Carlos Imbassahy, estendemo-nos muito sôbre o assunto, e lá será encontrado o que deixamos de fazer aqui, em matéria da crença da preexistência do espírito.

Onde encontrar, pois, a grandeza de uma religião que mata no homem tôda a esperança da perpetuidade do ser? Eis a razão de não olharmos com bons olhos a colcha de retalhos do mosaismo que trata das recompensas e castigos dêste mundo, mas não nos aponta nem a imortalidade da alma, nem a sua evolução através do infinito incomensurável.

Louis Jacolliot, que esmiuçou o mosaismo, assim nos fala:

> "Êste capítulo será curto. Uma simples reflexão o compõe, mas destas linhas poderia nascer um volume.
>
> Procurei inùtilmente ler e reler a obra de Moisés, onde nada encontrei de sublime e onde não divisei um pensamento, um versículo, uma palavra que fizesse a menor alusão, mesmo a mais distanciada, mesmo a mais subtendida, à imortalidade da alma.
>
> No meio dessa orgia espantosa de intemperanças e de massacres, nenhuma exclamação se eleva até os Céus para descançar o coração, nenhum elo de esperança sôbre a vida futura; nada, além de sacrifícios de bois... de sombrias superstições... e de rios de sangue humano correndo em nome de Jeová!" (62).

Não se trata, assim, de uma opinião isolada. Todos aquêles que se dedicaram ao estudo das religiões, atestam, positivamente, que nos livros atribuidos a Moisés não se encontra coisa alguma que nos dê a entender, mesmo de longe, a crença na imortalidade da alma.

Onde, pois, o elo que se pretende encontrar entre a religião dos hebreus e o Cristianismo?

Qualquer que seja a época a que nos queiramos reportar, não há, na história do passado, maiores provas de perversidade e de fra-

---

(62) Louis Jacolliot — **La Bible dans l'Inde** — 8.ª ed. — 1867 — pg. 213.

queza humanas que aquelas que nos vêm dos livros atribuidos a Moisés.

Há quem deslumbre em todos êsses massacres que não respeitavam, nem homens, nem crianças, nem mulheres, com exceção das virgens... uma manifestação do poder de Deus. Nós, porém espiritualista independente, abominador de tudo o que cheire a dogmatismo, encontramos, antes, nessas histórias de canibalismos que a religião dos hebreus consigna, a manifestação de espíritos inferiores, dominando inteiramente aquelas hordas de bárbaros indisciplinados que, depois de haverem abandonado o Egito, não fizeram outra coisa que deixar em sua passagem, o roubo, a pilhagem, o assassínio

Não será em Moisés que haveremos de encontrar a origem de nossas crenças e de nossas tradições religiosas e filosóficas, e nem tão pouco será dêste livro a Bíblia, que faremos sair a fé nova, a fé raciocinada que haverá de inundar as nações modernas.

Cristo jogou por terra tôdas as superstições e, como bem diz Jacolliot, judeu, êle renegou os judeus, pois, êste apóstolo da igualdade do bem pelo bem e da fé na eterna bondade do Ser Supremo, nada podia ter de comum com a lei de vingança do mais cruel de todos os deuses — Jeová.

Fala-nos, ainda, o mesmo escritor, que Moisés entreviu a unidade de Deus e as primitivas crenças sôbre a criação, na tradição do egípcio Manés.

Dominador de um povo, êle empregou sua ciência em proveito de sua dominação e de seus iniciados, e matou, e destruiu, legando sua doutrina e seu papel a Maomé que mais tarde deveria fundar uma religião, imitando seus exemplos e copiando o seu livro da lei.

E, continua Jacolliot, Cristo desdenhando Moisés e seu inspirador Manu, e relembrando-se dos admiráveis ensinamentos de Cristna, que o Bramanismo e o poder dos padres tinham feito cair no esquecimento, veio anunciar aos homens a lei da caridade e do amor, que havia sido a das antigas populações do Oriente. Cristna e Cristo, eis as mais admiráveis figuras do mundo antigo e moderno, figuras de regeneração, de concórdia, de amor e de poesia, idealizando o bem e o belo, e refletindo o Céu como a água pura reflete o dia.

Cristna foi abafado pelo Bramanismo. Vigiemos para que o Catolicismo não abafe com as suas antiquadas e ridículas concepções bíblicas, o Cristo, o maior dos missionários que pisou neste vale de lágrimas.

Lewis Browne, israelita, homem eminente, defensor confesso de sua raça, intérprete sincero do pensamento judeu, referindo-se aos livros atribuidos a Moisés e a outros que se seguem, pergunta:

"Agora, quais são as características salientes dêstes livros? Em primeiro lugar, digamos que se revelam singularmente simples e práticos.

Não encontramos nêles misticismos, vida futura ou metafísica. A sua doutrina é principalmente austera e, em certos pontos inflexível.

Embora cheios de referências piedosas a Deus, o seu principal interêsse é evidentemente o homem. Preocupam-se com o bem estar dos sêres humanos na Terra — e não no Céu — e visam a mostrar-lhes o melhor meio de conseguí-lo." (63).

Não há, pois, exagêro de nossa parte, quando afirmamos que antes de ser uma revelação o que se encontra nos primeiros livros atribuidos a Moisés não passa de uma compilação. É o próprio, Lewis Browne que confessa que o "Pentateuco" se preocupa com o homem, sem cogitar das coisas do Céu; com a felicidade material dêste mundo, exceção, já se vê, dos inimigos, sem a concepção de uma vida futura onde possam descançar das atribulações de uma existência planetária, onde a ventura é um mito.

Folheemos o Eclesiaste e ouçamos Salomão:

"Tudo acontece igualmente ao justo e ao injusto, ao bom e ao máu, ao puro e ao impuro, àquele que imola as vítimas e àquele que oferece os sacrifícios. O inocente é tratado como o pecador; o perjuro como aquêle que jura a verdade. Eis o que há de mais enfadonho em tudo o que se passa sob o Sol. Tudo acontece igualmente a todos... Um cão vivo vale mais que um leão morto. Porque os que têm vida sabem que devem morrer; mas os mortos não sabem mais nada, e não lhes resta nenhuma recompensa, estando sua memória mergulhada no esquecimento.

Ide, pois, comei vosso pão com alegria, bebei vosso vinho com satisfação..., vesti-vos com limpeza, perfumai abundantemente a cabeça, gozai a vida com a mulher que amais, durante todos os dias de vossa vida passageira..., pois não haverá nem mais obras, nem raciocínios, nem conhecimentos, nem ciência no túmulo para onde marchais". (64).

Folhemos, ainda, o Eclesiaste, que êle nos poupe o esfôrço de uma defesa pessoal:

"Quem sabe se o espírito do homem sobe às alturas? Meditando sôbre as condições do homem, tenho visto que ela é a mesma que a dos animais. Seu fim é o mesmo. O homem perece como o animal; o que resta de um não é mais do que o que resta do outro. Tudo é vaidade". (65).

O texto hebreu diz: *"tudo é nada"*.

---

(63) Lewis Brown — **A Sabedoria de Israel** — Trad. de Marina Guaspari — 1947 — **Prefácio XII.**

(64) **Eclesiaste** — Cap. IX — 2, 4, 5, 7, 8, 9, 10.

(65) **Eclesiaste** — Cap. III — 17 e seguintes.

Vejam como isto é animador para os que crêem no futuro!

Apresentamo-vos, caros leitores, como arremate à sintética defesa de nossa tese, estas concepções materialistas, com tôdas as letras, e assim procedendo, tranqüilizamos a nossa consciência pela certeza do dever cumprido.

Que nos fale, por último, um dos maiores apóstolos do Espiritismo, o imortal Léon Denis:

> "Observamos a êste respeito, no Deuteronômio, cap. XXVIII, que as sedutoras promessas e as aterradoras ameaças com que se esforça o autor pelo restabelecimento do culto a Jeová, se referem exclusivamente à vida terrestre, parecendo não possuir noção alguma da imortalidade.
>
> A mesma coisa se dá com o Pentateuco, conjunto de obras atribuidas a Moisés. Em lugar algum o grande legislador judeu, ou os que falam em seu nome, faz menção da alma como entidade sobrevivente ao corpo. Na sua opinião, a vida do homem, criatura efêmera, se desdobra na acanhado círculo da Terra, sem perspectivas abertas para o Céu, sem esperança e sem futuro.
>
> Na maior parte, os outros livros do "Antigo Testamento" não falam do futuro do homem senão com a mesma dúvida, com o mesmo sentimento de desesperadora tristeza". (66).

E com esta citação, encerramos o capítulo, certo de haver provado que a imortalidade da alma não fazia parte dos postulados da religião de Moisés.

---

(66) Leon Denis - **Christianisme et Spiritisme** - 4.ª ed. - pg. 282.

# CONCUBINATO DOS ANJOS — LÚCIFER — SATÃ

"E aconteceu que como os homens se começaram a multiplicar sôbre a face da Terra, e lhes nasceram filhas.

"E viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, e tomaram para si mulheres de tôdas as que escolheram.

"Então disse o Senhor: Não contenderá o meu espírito para sempre com o homem; porque êle também é carne; porém, os seus dias serão 120 anos.

"Havia naqueles dias, gigantes na Terra, e também depois, quando os filhos de Deus entraram às filhas dos homens, e delas geraram filhos; êstes eram os valentes que houve na antiguidade, os varões de fama". (Gên. VI, 1 a 4).

OS versículos acima são de estarrecer. Vamos ver o que nos diz César de Vesme sôbre o assunto. Pensa o notável acadêmico em sua obra "Histoire de Spiritualisme Expérimental", que esta passagem seja obscura e surpreendente, sobretudo que a interpolação, ou talvez, o deslocamento do versículo 3 faz pensar, muito naturalmente (tanto quanto na dupla narrativa da Criação), que o texto aramaico foi muito bem ensaiado neste ponto.

Os gigantes reaparecem, mais ou menos, dois mil anos depois do tempo de Moisés, (Deuteronômio C. III, 2), quando êle faz alusão a OG, rei de Basan, e último de sua raça, cuja altura era mais ou menos de quatro e meio metros. Em todo caso, pergunta-se, também, quem poderiam ser êsses "filhos de Deus" que, depois de haverem vivamente admirado as obras da Criação, em uma bela passagem dc livro de Jó" (*quando as estrêlas dalva alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam*), Cant. XXXVIII, se enchiam agora de uma exagerada admiração pelas filhas dos homens? Daí se conclui, pelas expressões citadas, que os filhos de Deus não são senão anjos, ou sêres análogos aos anjos.

O livro de Enoque é o primeiro a falar nisto detalhadamente (C. VI, 21). Êste livro foi citado pelo apóstolo Judas em sua Epístola" (Dos quais também Enoque, sétimo homem depois de Adão, profetizou, dizendo...)" (v. 14), o que evidencia que era anterior ao terceiro século depois de Jesus Cristo.

Segundo o livro de Enoque, atraidos, pois, pela beleza das filhas dos homens, duzentos "Vigias" — uma classe de anjos — coabitaram com as mulheres e lhes deixaram filhos gigantes. Os gigantes oprimiram os homens, puseram-se a devorá-los e terminaram por se matarem mutuamente. Os anjos culpados não se contentaram em transgredir a lei da natureza; êles revelaram, também, às filhas dos homens, e desta forma, à tôda a humanidade, os segrêdos celestes, a arte de trabalhar os metais e de quebrar encantamentos, o conhecimento dos simples e das estrêlas. Em punição de suas faltas, foram condenados a ver morrer seus filhos, os gigantes, e a viverem longe do Céu, nas trevas, presos sob as colinas da Terra.

Um texto divergente do mesmo Enoque nos dá a entender que êles gozam, ainda, de uma certa liberdade; "tomando diversas aparências" e que, assim, podem induzir os homens ao êrro.

Continua Vesme dizendo que os "Jubileus", outro antigo texto hebraico, explicam que os "Vigias" tinham sido enviados à Terra para ensinar os homens a praticar o direito e a eqüidade. Mas, terminaram por se deixar seduzir pela beleza das mulheres. Quanto a estas, elas foram transformadas em sereias.

Se a origem de Satã devia ser atribuida aos "filhos de Deus", conforme o VIº capítulo do Gênesis, constituiria isso uma nova prova de que o tentador de Eva não foi Satã, pois, nesses tempos não tinha êle filhas ainda. Daí pensarem os teólogos judeus e católicos que há, no mínimo, dois grupos de anjos que foram transformados em diabos, em épocas diferentes.

Saint Yves, somos forçado a citá-lo, é dos tais que crêem na fecundação das mulheres pelos deuses (espíritos elevados). Assim, em sua obra "Les Vièrges Méres", êle nos dá um sem número de exemplos legendários de mulheres que conceberam dos deuses. (*)

Pelos livros sacros do Tibet, da Índia, da Pérsia e da Babilônia, verifica-se que muitos legisladores nasceram de mulheres virgens. Assim, Tsong-Kaba, Cristna, Zoroastro, Sargão I, Láo Tseu, etc.

Gengis Kan, o truculento da Mongólia, teria nascido de um raio de luz solar. Do próprio Moisés, segundo a Escritura, tal qual Sargão I, da Babilônia, 2.500 anos depois, nem a mãe se lhe conhece e ainda menos o pai.

Rômulo, o fundador de Roma, nascera de uma religiosa que não conhecera homem. Simão, o Mago, que revoltou os discípulos de Jesus pelos milagres que praticava, curando enfermos, dizia:

---

(*) Estas e outras nos fazem desacreditar de S. Yves, quando nô-lo apresentam como um pre-decifrador de chaves.

"Não cuideis que eu sou um homem como os outros. Eu não sou filho de António, pois, minha mãe Raquel me concebeu antes de dormir com êle, estando minha mãe virgem".

Na Índia, as tradições hindus falam sôbre a vinda de uma criança anunciada como o salvador do mundo, em condições iguais, história esta narrada em um tratado intitulado "História de Vicramaditya". E assim nos cita Leterre êstes exemplos tirados de Saint Yves.

Mas, será que podemos levar isto a sério? São mitos, são lendas criadas pela imaginação fecunda de poetas que sonham coisas dessa natureza, para cantarem em seus versos e mesmo engrandecerem personagens em evidência.

Crêmos que há espíritos inferiores, tão extraordinàriamente materiais, os súcubos e os íncubos, que no ato da procriação, se encorporam no homem e na mulher, em ocasião oportuna, para sentirem prazeres materiais. Mas entre isto e o imaginarmos que os deuses possam infiltrar num organismo feminino a matéria fecundante, há uma distância infinita.

Não sabemos de caso nenhum desta natureza, nos setenta anos bem contados de nossa existência, que a ciência houvesse consignado. Êsses exemplos, os esoteristas só os vão buscar entre as lendas de um passado muito distante. Tomam êles a lenda e a poesia como objetiva, o que é viver num mundo de sonhos e de quimeras.

Esta intromissão dos habitantes do outro mundo, a tomar o lugar daquêles que foram postos por Deus na Terra para exercerem a função procriadora, é coisa simplesmente irrisória que não merece ser levada a sério.

Eis aí até onde chega a imaginação humana e até onde vai a fé irracional. Será possível que um cérebro normal dê guarida a tão incrível concubinato com a respectiva procriação?

Religião para nós é o culto do bem, é a moral em tôda a sua sublimidade, é o sentimento de piedade pelos fracos, é o espírito de caridade que nos deve animar em todos os momentos da existência e é ainda, mais, o culto à Ciência, essa desbravadora incansável do "Ocultismo", ou daquilo que, ainda nos é oculto ou desconhecido.

Crêr em fórmulas, dar vida a lendas complicadas quando a moral e o bem são tão simples, penetram tão suavemente no íntimo das criaturas que se esforçam por progredir, é viver no terreno abstrato, quando as realizações humanas devem revestir-se de um caráter objetivo, qualquer que seja a sua manifestação. Moral e Ciência, Ciência e Moral, eis a religião do futuro.

Esta nossa afirmativa não significa esquecimento e ingratidão por aquêles que tudo fizeram no passado para nos legarem os grandes exemplos e pelos que traçaram para nós o grande roteiro da espiritualidade, é, antes, pôr em prática os seus ensinamentos, quer no sentido do coração ou no do aprimoramento mental e intelectual.

Quando falamos em Ciência, incluimos nela a pesquisa dos fenômenos paranormais, dos antigos milagres, hoje reduzidos a fatos naturais, sem derrogação de leis imutáveis. As pesquisas humanas, que em tempos idos paravam no túmulo, continuam hoje, muito além dêle, na certeza já adquirida de que a morte é, apenas, o princípio de outra vida.

Já que êste livro é destinado a provar a estreiteza do Velho Testamento, vejamos o que nos diz Léo Taxil, ainda, em sua "La Bible Amusante", a respeito dêsse absurdo concubinato dos anjos com as filhas dos homens. O ilustre escritor se sente diante de uma das passagens mais curiosas da Bíblia, uma destas, cuja supressão nos manuais da história santa nos revela a maior sem cerimônia dos falsos pastores em sua arte de fabricar e de retocar os dogmas.

Eis aí a ousadia e a perversidade, diz êle, a ensinar de todos os modos às infelizes ovelhas, que a Bíblia é uma obra essencialmente divina, que ela foi escrita sob inspiração direta do Espírito Santo, que tudo o que nela se encontra é a verdade pura, a verdade mais perfeita, que é um livro venerável por excelência. Se pois, os nossos tonsurados pensassem no que dizem, deveriam, cheios de respeito pela Bíblia, fazê-la conhecer integralmente aos devotos, sem esconder um só de seus versículos. Pois, em matéria de crença religiosa, é necessário aceitar-se um livro sagrado, tal qual êle é; ou se dêle se elimina tal passagem, porque esteja em contradição com certos pontos da ciência teológica, declarados artigos de fé, o livro todo inteiro está sujeito a ser rejeitado, deixa de ser sagrado, para tornar-se desprezível; a mentira de um fato, no curso de um capítulo, é o bastante para destruir o renome de inspiração divina de tôda a obra.

Ora, os curas ao mesmo tempo que falam de Noé, abordam, sem transição, a história do dilúvio e dizem sucintamente que a corrupção dos homens pôs Deus em cólera, que decidiu no afogamento geral, com a exceção, apenas, de uma família cujo chefe tinha continuado justo.

Isto não é a Bíblia, diz Taxil!... Ela fala de outra coisa; ela diz, em quatro versículos, qual foi a causa primeira desta corrupção dos homens Os padres não têm o direito de silenciar sôbre êste importante episódio da Escritura Santa. Se ela hoje embaraça a Igreja, tanto pior. O Espírito Santo não devia ditá-lo à Escritura do Pentateuco!... A pílula, é certamente amarga; mas S. Jerônimo

e os Pais da Igreja a enguliram outróra. Enguli-a, caros tonsurados, por vossa vez.

A pílula que os teólogos católicos modernos se esforçam por lançar fora, sem escândalo e de que êles tanto desejariam não deixar traço algum, se compõe dos quatro primeiros versículos do VIº capítulo do Gênesis:

"Ora, aconteceu, que, como os homens começaram a se multiplicar sôbre a face da Terra e lhes nasceram filhas;

"Os anjos de Deus (literalmente: os filhos de Deus), vendo que as filhas dos homens eram belas, vieram dormir com tôdas aquelas que mais lhes agradaram.

"Então disse o Eterno: Meu espírito não contenderá mais com os homens; por que êle também é carne; porém, os seus dias serão 120 anos.

"Havia naqueles dias gigantes na Terra, e também depois, quando os filhos de Deus entraram às filhas dos homens, e delas geraram filhos; êstes eram os valentes que houve na antiguidade, os varões de fama". (Gên. VI, 1 a 4).

Muito embora não nos haja o Gênesis contado a história da criação dos anjos, é a segunda vez que nos fala dêstes sêres sobrenaturais; a primeira menção é aquela do Querubim, colocado na porta do Eden. É pois necessário dizer algumas palavras da fé nos anjos entre os judeus.

Os cristãos enxertando seu culto na religião israelita imaginaram artigos de fé quando na Bíblia não se encontra o mais leve traço dêles; e assim, foi fabricada com tôdas as peças, muito tempo depois da época da vida de Jesus, a história da revolta de Satã e de sua derrota pelo anjo São Miguel.

Ora, como nós examinamos a Bíblia, principalmente sob o ponto de vista da crença católica, é aqui que nos parece útil ocuparmo-nos desta adição.

Em um tempo qualquer, quando Jeová diz que não era suficiente para um Todo Poderoso como êle, haver criado o Céu e a Terra que tinha povoado, por que não haveria de povoar também o Céu? Êle se sentia aborrecido no caos. Como com coisa alguma êle podia fabricar massas de objetos e sêres animados, êle havia criado anjos cujo papel era o de fazer-lhe agradável companhia.

Mas, eis, que o mais belo dos anjos, um atrevido, ao qual os padres deram o nome de Lúcifer, olhou com o rabo do ôlho o lugar do Mais Alto e concebeu o sonho audacioso de substituir o seu

Criador como Presidente do Paraíso. Sua criminosa tentativa pareceu uma deliciosa farsa e alguns anjos, aos quais o exercício monótono do canto aborrecia, êles se associaram aos revoltados, enquanto que a grande maioria se mostrou escandalizada ao mais alto ponto. Foi, então, que Miguel, anjo fiel, verdadeiro cão em fidelidade, se encarregou de fazer triunfar a causa de Deus, ministrando a Lúcifer uma verdadeira chuva de pancadaria. O anjo rebelde foi precipitado nos infernos, subitamente criado em sua honra, seus cúmplices lá cairam estrepitosamente ao mesmo tempo; e o pai Jeová foi recolocado em seu divino pôsto, na cadeira presidencial. Tal é sucintamente, a legenda que os padres transformaram em dogma para as suas atemorizadas ovelhas; pois, no fundo, êste episódio, serve sobretudo, para amedrontar devotos e devotas.

Na Bíblia hebraica quando se faz menção dos diabos, isto é nos livros escritos, incontestàvelmente, depois do cativeiro de Babilônia (mil anos depois da morte de Moisés), o mais importante dêsses demônios foi chamado Satã; mas êles são gênios máus, sem nenhuma outra explicação; êles não são apresentados como revoltados, expulsos do Paraíso celeste e acorrentados em um inferno de chamas. Assim, na legenda de Jó, o máu gênio Satã, passeia no Céu, vai e vem, como se estivesse em sua própria casa, e discute com Jeová. Vendo êsses diabos dos últimos livros da Bíblia viverem satisfeitos, sem castigo de espécie alguma, os críticos fazem observar que era exatamente esta a crença dos caldeus, dos persas, cujos livros sagrados são muitíssimo mais antigos que os dos judeus. Concluiu-se, assim, que os israelitas, durante o longo cativeiro de Babilônia, juntaram às suas crenças uma parte daquelas dos povos com os quais estiveram em contato. Daí o nome que os judeus adotaram para designar o principal diabo, e trair o empréstimo feito à religião dos caldeus ou babilônios; pois "Satã" não é um nome hebreu, mas antes, um nome caldeu, que significa "o ódio".

O Espírito Santo, no dizer de Taxil, tinha pois, escondido ao povo de Deus, não sòmente a historia da revolta de um certo número de anjos, mas, ainda, o verdadeiro nome do principal demônio, pois que êste nunca foi chamado Lúcifer na Bíblia. Foram os católicos que descobriram isso.

Apesar dos pesares, diz, ainda, o escritor, os Pais da Igreja pretenderam encontrar à fôrça uma menção de Lúcifer no V. Testamento; e para isto, recorreram a um subterfúgio, enganando as ovelhas que crêem sob palavra e não lêem da Bíblia senão aquilo que as deixam ler. Êste subterfúgio hábil merece ser esclarecido, e pedimos ao leitor perdoar-nos uma necessária e pequena digressão.

É nas profecias de Isaías, no capítulo XIV, versículo 12, dizem os padres, que se faz menção de Lúcifer sob êste nome, e êles citam o comêço do versículo, mas, falsificando-o por meio da tradução latina de S. Jerônimo, chamada Vulgata.

Eis aqui a passagem em questão. Neste capítulo XIV, Isaías, um bom juiz furioso, cuja nação esteve por muito tempo cativa dos Babilônios, exalou sua patriótica cólera e anunciou ao rei de Babilônia que seu reino sofreria a seu turno a decadência e seria destruido completamente.

"Ó Eterno, exclama Isaías, terá piedade de Jacó e escolherá, ainda, Israel; e êle restabelecerá os israelitas em sua terra...

"Israel, tu zombarás do rei de Babilônia e tu dirás: Como repousa o tirano? Como descansa esta cidade em que era tôda ouro? O Eterno quebrou o bastão dos máus e a vara dos dominadores...

"Êle fará levantar de seu sítio todos os principais da Terra, todos os reis das nações. Êles tomarão a palavra e dirão ao rei de Babilônia: Tu tens sido, também, como nós, enfraquecido! Tu te tornaste semelhante a nós! Fêz-se descer tua magnificência ao sepulcro, com o barulho de teus instrumentos; estás deitado sôbre um colchão de vermes e os insetos asquerosos te cobrem! (vs. 9, 10, 11).

12 — "Como caiste do Céu, ó Hetel, astro que te levantavas de manhã? Tu que calcavas as nações, fôste achatado como a Terra.

13 — Tu dizias em teu coração: Eu subirei até os Céus, elevarei meu trono acima das estrêlas do Deus forte, sentarei sôbre a montanha da assembléia ao lado de Aquilon...

"E todavia te fizeram descer ao sepulcro, ao fundo da fossa. Aquêles que te vieram ver, te olharão, dizendo: Não está aqui o homem que fazia tremer a Terra e que sacudia os reinos, que reduziu o mundo a um deserto, que destruiu as cidades e que não dava liberdade aos seus prisioneiros? Todos os reis das nações, todos quantos são, estão mortos em glória, cada um em seu palácio. — Mas tu fôste jogado longe de teu sepulcro, como um tronco apodrecido, como roupa de defunto, trespassado com a espada, que são jogadas entre as pedras de um fosso, e como corpo calcado aos pés".

É necessário muita ousadia, diz Taxil, para pretender que Isaías falava de Lúcifer-Satã, naquêle capítulo XIV. É bem do rei de Babilônia que se tratava; êste transbordamento de cólera, esta onda de ameaças, tudo isto é dirigido ao rei de Babilônia, única e exclusivamente.

Deixemos falar o mesmo escritor, acompanhemos o seu raciocínio. Vamos ver como S. Jerônimo operou a falsificação do texto... Constrangido pela versão grega dos Setenta, Jerônimo traduziu a Bíblia em latim, e, aproveitando o fato de Isaías comparar o rei de Babilônia à estrêla da manhã, chamada Ethel (aurora) entre os

judeus e Lúcifer (porta luz) entre os romanos, êle escreveu assim a primeira parte do versículo 12: *"Quomodo cecidisti de coelo, LUCIFER, qui mane oriebaris?"*. "Como caiste do Céu, LUCIFER, tu que te erguias tôdas as manhãs?".

E os padres adotando esta tradução inexata, livrando-se de dizer as suas ovelhas que o texto original hebreu traz Hélel e que se trata do rei de Babilônia comparado ao astro Vênus, estrêla da manhã, nossos clérigos, tendo necessidade de não colocar o resto do capítulo sôbre os olhos dos palermas, exclamam com ares de triunfo: — A queda de Lúcifer é mencionada na Bíblia! Isaías a ela se referiu!

Ora, neste mesmo capítulo, no versículo 28, Isaías disse que pronunciava a sua profecia no ano em que morreu o rei Achaz, seja em 723 antes de Cristo. Mesmo supondo que Isaías não tenha escrito sua profecia de uma vez, é necessário reconhecer que o autor fala para o futuro, desde a primeira até a última linha. Se, pois, esta queda do Céu se aplicava a Lúcifer-Satã, ela se teria dado depois da morte do rei Achaz! E os padres católicos dizem que é o mesmo Lúcifer, tornado Diabo, que tentou Eva sob a forma de uma "serpente". Que salada de contradições!

Vejamos, diz Taxil, mais uma inverdade. Desta digressão indispensável, o leitor obterá a prova definitiva da ausência total da lenda de Lúcifer revoltado e vencido, nos livros sagrados dos judeus.

Voltaremos aos anjos do Capítulo VI do Gênesis e iremos socorrer-nos de fontes igualmente sagradas, onde poderemos beber mais detalhes sôbre o concubinato dêsses bons anjos com as belas filhas dos homens.

Os manuais da história santa, para uso dos simples fiéis, não fazem nenhuma alusão, bem entendido, à aventura revelada pelos quatro versículos, que antes reproduzimos; mas êstes versículos foram eliminados das edições bíblicas reservadas aos curas. Ainda não é tudo: os padres têm um outro livro para êles sòmente, um livro que êles envolvem numa grande veneração, sem o divulgar, e que se chama o livro de Enoque.

Enoque, vós não o esquecestes, é êsse patriarca de 365 anos, a quem Jeová levou aos Céus, não em estado de espírito, mas em carne e osso, como Júpiter com Ganimedes.

Ora, segundo uma tradição, Enoque escreveu um livro que, felizmente, não transportou ao Paraíso, antes o legou a seu filho Matusalém, e Noé, dizem, colocou na arca o precioso manuscrito. No entretanto, o livro de Enoque esteve perdido durante muito tempo.

Afirmam que êle existia, — não se sabendo ao certo onde, e aventuraram que no templo dos apóstolos. A prova dada está no Novo Testamento. Lá, a Epístola de Judas assim se exprime, nos versículos 14 e 15: *'E dêstes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos; para fazer juízo contra todos e condenar entre êles todos os ímpios, por tôdas as suas obras de impiedade, que impiamente cometeram, e por tôdas as duras palavras, etc.".* Uma vez que Judas citou uma palavra dêste livro, é que êle o conheceu naturalmente, muito embora tenhamos a certeza de que no tempo de Enoque ninguém sabia ler e muito menos escrever. Mas, dizem, que durante vários séculos os teólogos perguntavam: Que é feito do livro de Enoque?

Enfim, um viajante célebre, o escossês Jacques Pruce, descobriu na Abissínia o famoso livro; para dizer a verdade, foi sôbre uma versão etiópica que êle pôs a mão, pois, é pouco provável que Enoque haja escrito suas belas histórias na língua de Menelique... Vêde o quanto é bom ser-se teólogo! Escrito por Enoque, diz Taxil, na língua antes da tôrre de Babel, êsse livro maravilhoso teve a sorte, embora a língua primitiva tenha sido perdida, de encontrar um tradutor hebreu; pois, esta tradução hebraica, conhecida dos apóstolos e dos primeiros Pais da Igreja, tinha desaparecido como por encanto. Bravo! exclama Taxil, um escossês descobre lá para o fim do século XVIII, uma versão etiópica completa entre os ancestrais de um ras.

"Nosso Bruce trouxe o seu achado à Biblioteca Bodeleriana de Oxford; alegria imensa dos teólogos; novas traduções, cuja primeira (1838) foi impressa em inglês e teve por autor Mgs. Richard Laurence, arcebispo de Csel, na Irlanda". (67).

O livro de Enoque está dividido em doze seções. É na segunda que êle narra a história dos amores dos anjos com as filhas dos homens.

"O número dos homens tendo-se multiplicado prodigiosamente, êles tiveram filhas muito belas. Ora, os mais brilhantes dos anjos se tornaram apaixonados, e foram levados, por êste fato, a cometerem muitos êrros.

"Êles criaram coragem e disseram: Vamos à Terra e escolhamos mulheres entre as mais belas das filhas dos homens.

"Então, Semiazas, que Deus tinha criado príncipe dos anjos mais brilhantes, lhes disse: Um tal projeto é excelente; mas penso que não ousais pô-lo em execução e eu não ficarei isolado sem fazer como vós todos, filhos nas belas filhas dos homens.

---

(67) Léo Taxil — **La Bible Amusante** — pg. 88.

> "Todos responderam: Façamos juramento de executar nosso projeto e sejamos anatematizados se falharmos.
>
> "Êles se uniram, então, em juramento e imprecaram. Eram êles em número de duzentos no comêço. Era no tempo em que vivia Jared (pai de Enoque). Partiram juntos, desceram do Céu e vieram sôbre a Montanha Harmonin, ou monte dos juramentos.
>
> "Eis aqui o nome dos vinte principais entre êles: Semiazas, Atarcuh, Araciel, Chobabiel, Horommamme, Ramiel, Sampisich, Zaciel, Balciel, Azalcel, Pharmarus, Amariel, Anagemas, Thausaël, Samiel, Sarinas, Eumiel, Tyriel, Jumiel, Sariel.
>
> "Êles e os outros e outros ainda, tomaram as mulheres no ano 1170 da criação do mundo. Dêste comércio nasceram os gigantes, etc., etc..

Está assim demonstrado que não se tratava de uma revolta contra Deus. Os mais brilhante dos anjos, tendo à frente o príncipe Semiazas, que não é nem Lúcifer nem Satã, vieram em passeio de prazeres sôbre a Terra e eis tudo. Os anjos tornados pais, se interessaram por seus filhos e foram para os gigantes, professores fora do comum. Não sòmente os ensinaram a fazer jóias e pedrarias; mas, ainda, a magia e a arte de ler o futuro nos astros. Por outro lado, iniciaram suas concubinas nos grandes mistérios. Compreende-se o que se segue: senhoritas, as amantes dos anjos e seus bastardos gigantes ficaram logo superiores aos outros homens; que os mistificadores, quando são mágicos, podem se sobrepor aos seus contemporâneos.

*"A Terra vivia imersa em dores"*. Comovidos com as dores da Terra, os quatro anjos da harmonia pediram a Deus para pôr um têrmo a êsses males. Entrementes, o senhor Azazel, um dos anjos que dormiam com as filhas dos homens, tinha procurado uma altercação com Semiazas, espancara-o e tomara o seu lugar como chefe dos seus companheiros na Terra. Deus enviou o anjo Rafael para combater Azazel e êste foi vencido e aprisionado em uma caverna, no deserto de Dodoel.

> Deus achou então necessário o Dilúvio, pois afogando tôda a gente, inclusive os simples que sofriam de feitiçaria, impediria os gigantes de continuar em seus exercícios de magia".

Os inocentes que se arranjassem.

Quanto aos anjos, êles voltariam aos Céus e deveriam ficar bem sadios dalí por diante. É sem dúvida, diz Léo Taxil, depois dessa época, que os anjos se tornaram sêres assexuados.

O Catolicismo não tem, pois, razão de suprimir êste episódio em seus manuais de história santa; ficar-se-ia sabendo, ao menos,

por que os anjos são eunucos. Pasmem! Êste livro de Enoque foi uma honra para o Catolicismo até o IVº século. Os Pais da Igreja falavam dêle como de um livro muito conhecido; Orígenes, a quem S. Jerônimo chamava o mestre das Igrejas, invocava a sua autoridade. Em seu "Tratado sôbre o Paganismo", Tertuliano demonstra uma grande veneração por êste livro.

Vendo, porém, o Catolicismo, mais tarde, que êle invalidava os primeiros versículos do capítulo IV do Gênesis, fizeram-no desaparecer, mas os fragmentos puderam ser conservados e foram citados por Scaliger, Semler e Fabricius. Muito longa é ainda a história. O que, porém, está escrito é o suficiente para que se observem as contradições existentes entre esta lenda de Satã, Lúcifer, a serpente e outras coisas mais que repugnam à razão de qualquer criatura de mente sadia.

Taxil diz que os padres costumam declarar às suas ovelhas que os judeus nada entendem de seus livros santos e que não compreendem nem a sua religião. Reflitamos um pouco! Êstes judeus "*imbecis*" não tinham nunca adivinhado que o seu Isaías, ao apostrofar o rei de Babilônia, seu inimigo, predizendo-lhe que dia viria em que seu poder seria destruido, tinha querido falar, não da futura queda dêste rei, mas, na realidade, da antiga revolta de Lúcifer contra Deus e do desbarato e transformação em Satã. Seria necessário que os rabinos tivessem o espírito fechado para não saber ler nas entrelinhas.

Ensaiai fazer compreender a um judeu, diz o mesmo autor, que êle adora um Deus em três pessoas, perdereis vosso tempo e êle gargalhará em vossos narizes. Responderá que se Deus fôsse triplo, Êle teria dito a Moisés, aos patriarcas e aos profetas. Com a Bíblia na mão, sustentaria que nem uma palavra nela faz alusão a tal trindade, aliás, incompreensível, e que ao contrário, de princípio a fim, a Escritura Santa atesta a personalidade de Jeová como essencial, una e indivisível. E os padres, na sua piedade infinita, erguem as espáduas e riem de tanta ignorância!...

Não sabemos como se pode ser ousado a ponto de meter-se Deus nessa embrulhada tão cheia de contradições, de frivolidades, que mais parecem histórias infantís.

# O DILÚVIO

NÃO é nosso intuito apresentar um trabalho sôbre o dilúvio bíblico. Deixemos que disso se encarregue a Ciência, porque ela poderá livrar-nos de uma demonstração de incapacidade. Onde a Ciência se insinua com fôrça e consegue apresentar argumentos indiscutíveis em favor de uma tese, não há outro remédio senão o curvarmos a cabeça em sinal de respeito.

Possivelmente, esta narração bíblica não é mais que a reprodução, um tanto modificada do dilúvio, segundo o Mahabarata e as tradições bramânicas.

O fato incontestável é que Moisés ou quem fale em seu nome, mais uma vez copiou da Índia a história a que nos referimos, como fêz com muitas outras, o que já foi por nós comprovado no decorrer de nosso trabalho.

> "Então disse Deus a Noé: O fim de tôda a carne é vindo perante a minha face, porque a Terra está cheia de violência, e eis que os desfarei com a Terra.
>
> Faze para ti um arca de madeira de gofer; farás compartimento na arca; e a betumarás por dentro e por fora com betume.
>
> E desta maneira a farás: de trezentos côvados o comprimento da arca, e cinqüenta côvados a sua largura; e de trinta côvados a sua altura.
>
> "Farás na arca uma janela, e de um côvado a acabarás em cima; e a porta da arca porás a seu lado; far-lhe-ás andares baixos, segundos e terceiros.
>
> Porque eis que trago um dilúvio de água sôbre a Terra, para desfazer tôda carne onde há espírito de vida debaixo dos Céus; tudo o que há na Terra expirará.
>
> Mas contigo estabelecerei o meu pacto; entrarás na arca tu e os teus filhos, e a tua mulher, e as mulheres de teus filhos contigo.
>
> E de tudo o que vive, de tôda a carne, dois de cada espécie, meterás na arca, para os conservares vivos contigo; macho e fêmea serão.
>
> Das aves segundo a sua espécie, e dos animais conforme a sua espécie virão a ti, para os conservares em vida.

E tu toma para ti de tôda a comida que se come, e ajunta-a para ti, e te será para mantimento para ti e para êles. (Gên. VI, 13 a 22).

Depois disse o Senhor a Noé: Entra tu e tôda tua casa na arca, porque te hei visto justo junto de mim nesta geração.

De todo o animal limpo tomarás para ti sete e sete, macho e sua fêmea, mas dos animais que não são limpos, dois, o macho e sua fêmea.

Porque, passado ainda sete dias, farei chover sôbre a Terra quarenta dias e quarenta noites; e desfarei de sôbre a face da Terra tôda a substância que fiz.

E fêz Noé conforme a tudo o que o Senhor lhe ordenara.

E era Noé da idade de seiscentos anos, quando o dilúvio das águas veio sôbre a Terra.

E entrou Noé e seus filhos, e sua mulher, e as mulheres de seus filhos com êle na arca, por causa das águas do dilúvio.

Dos animais limpos, e dos animais que não são limpos, e das aves, e de todo o réptil sôbre a Terra.

Entraram de dois em dois para Noé na arca, macho e fêmea como Deus ordenara para Noé.

E aconteceu que, passados sete dias, vieram sôbre a Terra as águas do dilúvio.

No ano seiscentos da vida de Noé, no mês segundo, aos 17 dias do mês, naquele mesmo dia se romperam tôdas as fontes do grande abismo, e as janelas dos Céus se abriram.

E houve chuva sôbre a Terra 40 dias e 40 noites.

E no mesmo dia, entrou Noé e Sem, e Cão, e Jafé, os filhos de Noé, como também a mulher de Noé, e as três mulheres de seus filhos com êle na arca.

Êles e todo o animal conforme a sua espécie, e todo o gado conforme a sua espécie, e todo réptil que se roja sôbre a terra conforme a sua espécie, todo pássaro de tôda qualidade.

E de tôda a carne, em que havia espírito de vida, entraram de dois em dois para Noé na arca.

E os que entraram, macho e fêmea de tôda a carne entraram, como Deus lhe tinha ordenado; e o Senhor o fechou por fora". (Gên. VII, 1 a 16).

A nossa preocupação única e exclusiva é fazer com que a humanidade compreenda a impossibilidade da aceitação, não só das lendas que deram vida às religiões antigas, principalmente, quando elas pretendem se envolver em conhecimentos científicos, como também, em fatos históricos, onde a fantasia e a superstição lhes desvirtuam o sentido verdadeiro.

A narração bíblica atribuida a Moisés, igual em sua essência àquela das tradições bramânicas, peca justamente pela falta de

realidade, quando as fantasias começam a surgir, tais como a construção das duas arcas, a de Noé e a de Vaiswasvata, ambas com a mesma finalidade.

Basta raciocinarmos um momento para chegar à conclusão de que em nenhuma delas caberiam todos os animais da Terra, limpos e não limpos, as aves dos céus e os répteis que se rojam sôbre a terra. Juntemos a isso os alimentos, o escremento de todos os sêres vivos encerrados na arca e sabendo que esta tem, apenas, as dimensões de um navio médio da atualidade, conceberemos o impossível desta história.

M. Vernes em "La Grande Encyclopédie", falando sôbre o dilúvio bíblico, diz que uma primeira observação concerne ao caráter do texto tradicional, que resulta da combinação de várias fontes ou documentos, ditos jeovistas e elohistas; e assim se explicam muitos detalhes contraditórios, sem falar das representações e do duplo emprêgo, notadamente quanto à duração das diversas fases do dilúvio. Um segundo ponto é a narração do dilúvio bíblico com as tradições ou legendas análogas que se encontram em diversos povos da antiguidade. O escritor, ou mais exatamente, os escritores, parece que se inspiraram nos mitos babilônicos que êles retocaram à vontade, subordinando-os ao seu próprio ponto de vista religioso, às suas noções espiritualistas e morais da ação divina. A época dêstes empréstimos teria sido o VIIIº século antes de nossa era, seja de preferência, a época do cativeiro de Babilônia.

A mitologia grega oferece uma narração do dilúvio exposta sob o nome de "Deucalião" e do qual sòmente a raça dos Jepétides sobreviveu. Outras provas de um dilúvio são encontradas em narrações chinêsas, indianas, e entre os índios da América do Sul, etc. Admite-se atualmente, que muitas destas narrações são tomadas de empréstimo aos missionários pelos povos selvagens; e de outro modo foram aceitas como a única hipótese capaz de explicar a existência de conchas e de ossadas fósseis nos picos das mais altas montanhas.

"Um manuscrito encontrado em recentes escavações no país dos Toltecas, intitulado o "Troano", traduzido por Le Plongeon e depositado no British Museum de Londres, assim se exprime: " No ano 6000 de Kan, em 11 maluc, no mês de Zac, terríveis tremores de terra se produziram e continuaram sem interrupção até o dia 13 de chuen. A região das colinas de argila, o país de Mú, foi sacrificado. Depois de sacudido por duas vêzes, êle desapareceu subitamente durante a noite; o solo, continuamente, influenciado por fôrças vulcânicas, subia e descia em vários lugares, até que cedeu; as regiões foram, então, separadas umas das outras e depois dispersas; não tendo podido resistir às suas terríveis convulsões, elas afundaram-se, arrastando 64 milhões de habitantes. Isto passou-se 8.060 anos antes da composição dêste livro.

Tudo isto concorda com os escritos de Platão, apesar de separado dêste continente por umas 5.000 léguas, e hoje aceitos como verídicos pela maioria dos sábios, embora uma parte seja pela negação e outra pela dúvida. As tradições dos Maias remontam há mais de 14.000 anos antes da chegada de Cristovão Colombo à América.

Os peruvianos conservam a recordação dêsse acontecimento". (68).

Eis o que encontramos em "Jesus e sua Doutrina" de A. Leterre:

"No Bagavad, as circunstâncias do dilúvio de Moisés são idênticas às dos indianos, tanto assim, que, Vishnu teria enviado a Satyavata um barco igual que, muito mais tarde, Deus mandou Noé construir, para nêle se recolher com um casal de cada espécie, a fim de repovoar a Terra.

A China também registrou o acontecimento muito antes de Moisés, o que prova, sempre, que êste legislador foi buscar os elementos para a sua prova, nas obras antigas, como êle mesmo confessa.

Os escandinavos dizem que foi devido ao gigante Ymus que houve o dilúvio e só um homem chamado Belgemer é que se salvou com sua família em um barco, por ordem de Deus.

O mesmo se dá com os celtas, cujo homem salvo se chamava Dwivan e a mulher Dwivach.

Entre os gauleses, o Noé chamava-se Duyman e a mulher Duymoch.

Por ocasião da descoberta do Brasil, os índios que habitavam a parte que hoje se chama Rio de Janeiro, já possuiam uma lenda a respeito do dilúvio cuja descrição o leitor encontrará em "Le Folklore de l'Ancien Testament", de J. C. Frazer, pg. 86. (69).

Nas ruínas do palácio de Ninive, em Babilônia, descobriram-se na biblioteca de Assurbanipal, as doze lâminas de barro com as inscrições cuneiformes de Gilgamés. A décima primeira contém a lenda do dilúvio tal qual a encontramos na gênesis de Moisés, que foi escrita no Vº século a.C., sendo que o sumeriano Gilgamés, gravou aquela página, nas imediações do XXV século, a. de Cristo. As mesmas expressões de arrependimento de Deus se encontravam numa e noutra; as mesmas descrições nos seus menores detalhes são ali narradas, notando-se mesmo, que mais vivas e mais completas do que no Gênesis.

Aí o Noé de Moisés é chamado Atrachasis. Isto evidencia simplesmente, que todos os povos da Terra de norte a sul, tiveram conhecimento do cataclismo sucedido num continente. É isto o que nos conta D. Merejkowsky, em sua obra "Le Mystères de l'Orient".

---

(68) Herrera — **Década 5,** — pg. 61.
(69) A. Leterre — **Jesus e sua Doutrina** — pg. 48.

Conforme estudos de José de Campos Novais e transmitidos em polêmica que sustentou com figuras máximas do Protestantismo no Brasil, a história do dilúvio na Bíblia está cheia de contradições, comparando-a com o poema de Isdubar, canto XI, dos tempos dos caldeus.

Em 1932, em poucas semana conta Leterre que registrou em seus arquivos o fato, de que morriam na China cêrca de 370.000 pessoas, afogadas por inundações, além de 80 milhões de fome e peste, fenômeno êste nunca visto alí, desde o famoso dilúvio de Noé!... E isto que aconteceu na China, se não se dispusesse dos meios atuais, seria, talvez, transmitido à posteridade, como o foram as centenas de dilúvios universais cantadas e decantadas em prosa e verso por todos os povos da antiguidade.

Deucalião, antigo rei da Phitia, na Thessália, era filho de Prometeu e de Pandora e marido de Pyrrha. É o Noé da mitologia grega. Júpiter, irritado com os crimes do gênero humano, inundou a Terra para a destruir. Aconselhados por Prometeu, Deucalião e Pyrrha refugiaram-se numa barca que foi dar à costa do Parnaso. Únicos sobreviventes do dilúvio, repovoaram o mundo, arremessando pedras para trás dêles. Cada pedra lançada por Deucalião transformou-se num homem e de cada uma das que Pyrrha atirou, nasceu uma mulher.

Diz Louis Jacolliot, com a autoridade que todos nós conhecemos, que não há um livro da Índia antiga, tratado de Teologia ou poema, que não dê sua versão ao grande cataclismo que todos os povos ainda guardam na memória.

Vejamos o dilúvio, segundo o Mahabarata e as tradições bramânicas:

> Segundo a predição do Senhor, a Terra se povoou e os filhos de Adima e de Héva se tornaram tão numerosos e tão máus que não mais se podiam entender. Êles esqueceram Deus e suas promessas, e acabaram por se cançarem do barulho de suas disputas sangrentas.
>
> Um dia o rei Daytha teve a audácia de imprecar contra o trovão, ameaçando-o se êle não se calasse, de ir conquistar os céus à frente de seus guerreiros.
>
> O Senhor resolveu então impôr a essas criaturas um castigo terrível, que pudesse servir de lição àquêles que sobrevivessem à sua descendência".

Como se observa, Brama não se queixa, como o Jeová da Bíblia, de haver criado o mundo, fraqueza que está em desacôrdo com a sua presciência.

Assim, conta-nos Jacolliot, na gênesis hindu, em seu livro já citado:

"Havendo Brama observado o mundo, para saber qual era entre todos os homens o que merecia ser salvo e de conservar a raça humana, escolheu Vaiswasvata (o Noé da Índia), por suas virtudes e eis como êle conheceu sua vontade e o mais que aconteceu.

Vaiswasvata tinha chegado a esta idade da vida em que os dedicados servidores de Deus devem deixar a família, os amigos, para se recolherem ao deserto ou às florestas, para aí terminarem seus dias, no meio de austeridade de tôda a natureza, na perpétua contemplação da pura essência divina. Um dia, como êle estivesse fazendo as suas abluções às margens sagradas do rio Viriny, um pequeno peixe, ornado das mais brilhantes côres, veio a encalhar na areia.

Salva-me, disse êste último ao santo personagem; se não escutares meu pedido, serei infalivelmente devorado pelos peixes maiores que eu e que habitam êste rio.

"Cheio de piedade, Vaiswasvata o colocou no vaso de cobre que lhe servia para tirar água do rio e o levou para casa; o peixe se pôs a crescer com uma tal rapidez que em pouco tempo o vaso maior não o podia conter.

Vaiswasvata foi então obrigado a transportá-lo para um tanque, onde o seu crescimento continuou com a mesma rapidez e pediu ao seu salvador para levá-lo para o Ganges. Isto está acima de minhas fôrças, respondeu-lhe o santo eremita; só Brama te poderá salvar agora.

Tenta, sempre, retorquiu o peixe.

E Vaiswasvata, tendo-o agarrado, o ergueu com a maior facilidade e o foi depositar no rio sagrado, e não sòmente o enorme peixe era leve como uma palha, como, também, exalava em tôrno de si os perfumes mais suaves.

Vaiswasvata compreendeu que êle cumpria a vontade do Senhor, e ficou à espera de maravilhosos acontecimentos.

O peixe não tardou a chamá-lo e desta vez para pedir-lhe que o conduzisse ao oceano, o que foi feito com a mesma dedicação. Disse, então, o peixe a seu salvador.

"Escuta ó homem sábio e benfeitor, o globo vai ser submergido e todos aquêles que o habitam serão aniquilados, pois, eis, que a cólera do Senhor vai soprar sôbre as nuvens, para encarregá-las do castigo desta raça má e corrompida, que esqueceu sua origem e as leis de Deus. Teus semelhantes não sabem mais conter o orgulho e ousam clamar contra o Criador, mas suas ameaças já chegaram aos pés do trono de Brama, e Brama vai tornar conhecido o seu poder.

Trata, pois de construir um barco no qual te encerrarás com tôda a tua família.

Tomarás também sementes de tôdas as plantas e um casal de tôdas as espécies de animais, deixando todos aquêles que nascem da podridão e dos vapores, porque o princípio da vida não saiu da grande alma.

E tu esperarás com confiança.

Vaiswasvata tratou de seguir esta recomendação e tendo construido o barco aí se encerrou com tôda a família, as sementes das plantas e um casal de todos os animais, conforme a ordem recebida.

Assim que a chuva começou a cair e os mares a transbordar, um peixe monstruoso, munido de um chifre gigantesco, veio se colocar à frente do barco, e Vaiswasvata, tendo atracado um cabo ao chifre do peixe, êste se lançou no meio de todos os elementos desencadeados e se pôs a guiar o barco. E aquêles que o guarneciam viram que a mão de Deus os protegia, pois a impetuosidade da tormenta e a violência das vagas nada puderam contra êles. Isto durou alguns dias, alguns meses, alguns anos, até o momento em que a obra de destruição se completou. Tendo-se acalmado os elementos, os viajantes, sempre guiados pelo misterioso condutor, puderam atracar no cume do Himaláia.

"Foi Vichnu que nos salvou da morte, lhes disse o peixe ao deixá-los; sua prece fêz com que Brama concedesse graças à humanidade; ide agora completar a obra de Deus, e povoai a Terra."

Segundo a tradição foi lembrado a Brama que havia antes prometido, enviá-lo à Terra para fazer voltar os homens à fé primitiva e resgatar seus erros que Vichnu obteve que Vaiswasvata seria salvo, a fim de que a promessa de Deus pudesse ser cumprida mais tarde.

Esta legenda, pensamos nós, diz, ainda, Jacolliot, pode servir a muito comentário, e o leitor poderá fàcilmente perceber tôdas as consequências que dela decorrem.

Segundo uns, Vaiswasvata, foi o pai por sua descendência dos povos novos; segundo outros, êle não fêz mais que atirar pedras na lama formada pelas águas para fazer nascer homens tantos quantos êle os quisesse.

É de um lado, o mito encontrado e adotado pelo judaismo e o dogma católico. De outro, é a tradição de Deucalião e Pyrrha, chegada à Grécia pelos cânticos poéticos dos imigrantes." (70).

Que dilúvios hajam existido não ousamos contestar. Aceitamos o fato mal descrito por tôdas as mitologias, sem as fantasias poéticas que o enfeitam. Tirante as superstições, ou as alegorias que estudiosos de grande capacidade imaginativa tentam transformar em filosofia, os dilúvios e não o dilúvio nos parecem uma realidade incontestável. Cremos em fenômenos como aquêle que narramos, passado em 1932 na China e registrado por Leterre. Mas, fato notório, nesta história de todos os povos há sempre uma arca, uma família ou um

(70) Louis Jacolliot — **La Bible dans l'Inde** — pgs. 248 a 251.

casal privilegiado, uma sementeira farta a preservar a destruição das espécies, casais de todos os animais e o povoamento da Terra por último.

*Todos* os padres da Igreja romana e *todos* os protestante, malgrado os ensinamentos da Ciência contemporânea, continuam crendo na geração espontânea, uma vez que continuam aceitando a gênesis bíblica:

> "Se os anjos ou os caçadores dos continentes, diz Santo Agostinho, não levaram animais às ilhas afastadas, somos forçados a admitir que a terra os produziu; mas, então, perguntamos a nós mesmos, diz Camille Flammarion, para que serviu encerrar na arca animais de tôdas as espécies?". (71).

Diz a gênesis que "a chuva caiu sôbre a Terra durante quarenta dias e quarenta noites", e neste mesmo dia, entrou Noé com tôda a sua família, animais, sementes e alimentos e se encerrou na arca. Somando os diversos períodos indicados no seguimento dêste capítulo e no capítulo seguinte, observa-se que Noé, sua família e os animais salvos, ficaram na arca durante 393 dias.

Que nos digam os teólogos como oito pessoas puderam bastar, durante todo um ano, para dar de beber e de comer a todos êsses animais e para limpar seus escrementos. E é preciso que se pense, também, na reprodução de todos êles e de raças que sabemos por demais prolíferas. Isto não nos parece história da Carochinha?

O nível do dilúvio, ultrapassou de 15 côvados as mais altas montanhas da Terra; calculou-se, então, que esta acumulação d'água representava o valor de mais de doze oceanos, um sôbre o outro, e que a décima zona diluviana era, por conseguinte, ela só, 24 vêzes maior que as águas reunidas de todos os mares que circundam hoje os dois continentes. Podemos, também, considerar o milagre do dilúvio como o mais extraordinário dos milagres que Deus já produziu, pois, que depois de haver criado todos êsses oceanos novos, o que já era um esfôrço imenso, Êle em seguida os destruiu, apenas fazendo soprar um vento.

Outro milagre que não deve passar despercebido: no sétimo dia, do sétimo mês, a arca de Noé parou ou aterrissou no monte Ararat, cuja altura é de 5.156 metros; e os montes e as montanhas que são mais altos que o Ararat, tais como o Gourisankar (8.840 m), o Dapsang (8.615), o Nanda-Devid (7.813), o Aconcagua (6.970), o Chimborazo (6.254), o Kilima-Ndajaro (6.000), o Cotopaxi

---

(71) Camille Flammarion — **Dieu dans la Nature.** V. II — pg. 29.

(5.970), etc., não mostraram seus picos senão dez semanas depois, seja o primeiro dia do décimo mês. Isto como milagre é uma coisa estupenda!...

Outro fato milagroso, também, é o de Noé haver conseguido prender todos os animais da Terra, tôdas as aves do Céu, os répteis, aos sete e sete e aos casais, conforme fôssem limpos ou não limpos, dentro de uma arca de tão pequenas proporções. Como isso poderia ter-se dado quando na região em que Noé habitava existiam, apenas, determinadas espécies de animais e de aves? Que viagens longas não teriam feito seus filhos para conseguirem aprisionar os sêres que Jeová havia determinado? Em que veículos teriam sido êles conduzidos? E se se apresentaram espontâneamente, conforme nos quer insinuar a Bíblia, como poderiam êsses animais atender a ordem do Senhor, quando muitos dêles estavam separados de Noé por distâncias consideráveis, com rios e oceanos de permeio? Mas ninguém tem o direito de duvidar destas coisas por que a Igreja romana nô-las apresentam como verdades e herejes serão aquêles que as não aceitam, embora não as compreendam.

E que milagre extraordinário não se operou na construção da arca que, segundo a lenda, durou cem anos? Uma construção de madeira que levasse tanto tempo, não resistiria. Enquanto o construtor se dedicava ao trabalho da pôpa, a prôa, por certo, já estaria apodrecida e seria, desta forma, um nunca terminar. E as pessoas que assistiam ao trabalho de Noé, não teriam, por ventura, a curiosidade de perguntar a que se destinava tão grande navio? E teria Noé que mentir a tôda aquela gente, êle virtuoso, o único distinguido por Deus para perpetuar a humanidade, depois daquela memorável hecatombe? Noé mentir, iludir, enganar, despistar, ser insincero? Será isto procedimento de um justo?

Impôr-nos crenças dessa natureza é crime e dos maiores. A tática da Igreja é, sem dúvida, muito prática. Ela incute na criança essas verdades inaceitáveis e a criança que não raciocina as vai guardando, à custa de tanta repetição, no seu subconsciente isso que aí vemos, e ao chegar à idade adulta, essas lendas já estão de tal forma enraizadas, que dificìlmente o homem delas se liberta. Reuna-se a essa tática o temor do inferno, que o padre, também, incute, afirmando que para lá seguem todos aquêles que rejeitam uma verdade da Igreja.

O dilúvio bíblico, diz Kardec, designado, também, pelo nome de grande dilúvio, é um fato de existência incontestável. Devia ter sido ocasionado pelo levantamento de uma parte das montanhas

dêsse continente, como o do México. O que vem em apôio dessa opinião é a existência de um mar interior que se estendia outrora do mar Negro ao oceano Boreal, atestado pelas observações geológicas. O mar de Azoff, o mar Cáspio, cujas águas são salgadas, apesar de não comunicarem com outro mar, o lago Aral e muitos outros lagos espalhados nas imensas planícies da Tartária, e as estepes da Rússia, parecem ser o resto dêsse antigo mar. Na ocasião do levantamento das montanhas do Cáucaso, posterior ao dilúvio universal, parte dessas águas foi repelida para o oceano Boreal ao norte, e a outra para o oceano Índico, ao sul. Estas inundaram e destruiram precisamente a Mesopotâmia e tôda a região habitada pelos antecessores do povo hebreu. Está hoje bem averiguado que êsse dilúvio foi local, apesar da grande extensão ocupada e que não podia ser causado pelas chuvas, visto como, por mais abundantes e contínuas que fôssem, durante 40 dias e 40 noites, os cálculos provam que a quantidade d'água caída não podia ser suficiente para cobrir tôda a terra acima das mais altas montanhas.

Para os homens de então, continua Kardec, que só conheciam uma extensão limitadíssima da superfície do globo, e não concebiam idéia alguma da sua configuração, desde o momento em que a inundação invadisse as regiões conhecidas, isso lhes devia parecer tôda a Terra. Se juntarmos a essa crença, a forma imaginada e hiperbólica peculiar ao estilo oriental, ninguém deve surpreender-se pela exagêro das narrativas bíblicas.

O dilúvio asiático é evidentemente posterior à aparição do homem na Terra; confirma-o a memória dessa parte do mundo, conservada pela tradição de todos os povos e consagradas em suas teorias, assim como é igualmente posterior ao grande dilúvio universal, que marcou o período geológico atual, e quando se fala de homens e animais antidiluvianos, entende-se isso com êsse primeiro cataclismo.

É o próprio Kardec a rejeitar a lenda bíblica do dilúvio universal da forma pela qual é narrada, e diz positivamente, à página 199 da "Gênesis Segundo o Espiritismo", que a lenda mosaica do dilúvio muito se assemelha à legenda indiana de Brama, transformado em peixe, dirigindo-se ao piedoso monarca Vaiswasvata. Que sendo evidente a analogia de ambas as lendas, e que sendo os Vedas muito mais antigo que a narração bíblica de Noé, aquela chegaria ao povo hebreu através do Egito com uma multidão de outras crenças. Conclusão: Moisés ou os que falaram em seu nome, beberam êsses conhecimentos à sombra dos santuários, repositório dos conhecimentos filosóficos e científicos dos povos mais antigos.

"O último século oferece notável exemplo de um fenômeno dêsse gênero. A seis dias de viagem da cidade do México, havia em 1750, uma região fértil e bem cultivada, onde crescia em abundância o arroz, o milho e a banana. No mês de junho, terríveis tremores de terra agitaram o solo, os quais se renovaram constantemente durante dois meses inteiros. Na noite de 28 para 29 de setembro a terra sofreu violenta convulsão; um terreno de muitas léguas de extensão, levantou-se pouco a pouco e acabou por atingir a altura de 1.600 metros, sôbre uma superfície de dez léguas quadradas. O terreno ondulava como as águas do mar ao sôpro da tempestade: milhares de montículos apareciam alternadamente: enfim, abriu-se um abismo de perto de três léguas: fumo, fogo, pedras incandescentes, cinzas foram lançadas a uma altura prodigiosa. Seis montanhas surgiram dêsse abismo, entre os quais, o vulcão, a que se deu o nome de Jorulle, eleva-se hoje a 550 metros acima da antiga planície. No momento em que começava o tremor do solo, os dois rios Cuitimba e São Pedro, retrocedendo os seus cursos, inundaram tôda a planície ocupada hoje pelo Jorulle; mas, no terreno abriu-se um abismo, que os sorveu. E reapareceram a oeste sôbre um ponto muito afastado do seu antigo leito." (72).

Existe, fora do Gênesis, muitas tradições diluvianas. A mais importante e a mais aproximada da narrativa mosaica, é a tradição da Caldéia, da qual possuimos duas versões; — de Berose, conservada por Eusébio e a do poema de Gilgamés, decifrada em 1872. De acôrdo com a interpretação de Berose, sob o reinado de Xisouthras, deu-se o grande dilúvio, cuja história é contada da seguinte maneira nos documentos sagrados:

"Chronos lhe apareceu (a Xisouthros) em sonho e lhe anunciou que a 15 do mês de "daisios" todos os homens pereceriam por um dilúvio. Ordenou-lhe, assim, de começar o meio e o fim de tudo o que estava consignado por escrito e enterrar na cidade de Sol, em Suppara; de construir um barco e nêle subir com a sua família, e com seus amigos mais caros; de depositar no barco as provisões de comida e bebida e de aí fazer entrar os animais de penas e os quadrúpedes, enfim, preparar tudo para a navegação. E quando Xisouthros perguntou para que lado deveria orientar a marcha de seu barco; lhe foi respondido: "Para os deuses" e construiu um navio de cinco stades de comprimento e dois de largura; reuniu tudo o que lhe havia sido prescrito e embarcou sua mulher, seus filhos e seus íntimos. Havendo chegado o dilúvio e depois, decrescido a água, Xisouthros soltou alguns dos pássaros. Não havendo êstes encontrado, nem alimento, nem lugar de pouso, voltaram ao barco. Dias depois, Xisouthros lhes deu de nôvo liberdade, mas êles regressaram, ainda, ao navio com os pés cheios de lama. Enfim, libertos pela terceira vez, não mais regressaram. Compreendeu, então, Xisouthros, que a terra estava descoberta; fêz uma abertura no teto do navio e viu que êste havia ancorado sôbre uma montanha. Desceu com sua mulher, sua filha e seu pilôto, adorou a terra, ergueu um

(72) Louis Figuier — **La Terre avant le Déluge.**

altar e sacrificou aos deuses. Neste momento, êle desapareceu com aquêles que o acompanhavam. No entretanto, os que ficaram no navio, não vendo mais voltar Xisouthros, desceram à terra, por sua vez, e se puseram a procurá-lo e a chamá-lo pelo nome. Não encontraram mais Xisouthros, mas uma voz celeste se fêz ouvir, lhes prescrevendo serem piedosos para com os deuses; que êles receberiam a recompensa de sua piedade, sendo levados a habitar entre os deuses e Xisouthros, sua mulher, sua filha e o seu pilôto, participavam desta honra. A voz disse que êles deveriam regressar a Babilônia, e conforme os decretos do destino, desenterrar os escritos escondidos em Sippara para transmití-los aos homens. E disse-lhes que o país em que se encontravam era a Armênia. Estes, após ouvirem a voz, sacrificaram aos deuses e voltaram a pé a Babilônia. Do navio de Xisouthros, que tinha, enfim, parado na Armênia, uma parte subsiste, ainda, nos montes Górdios, na Armênia, e os peregrinos carregam o asfalto que se desprende de suas ruinas, e que serve para afugentar as influências maléficas. Quanto aos companheiros de Xisouthros, êstes voltaram à Babilônia, desenterraram os escritos depositados em Sippara, fundaram cidades numerosas, construiram templos que entregaram a Babilônia." (73).

A outra versão que é mais interessante, ainda, está escrita sôbre tabletes cuneiformes exumados da biblioteca de Assubarnipal, em Ninive e conservados no Museu Britânico em Londres.

Êstes tabletes foram copiados no VII° século antes de nossa era, de um exemplar muito antigo, provindo de Erech, na Caldéia. A data do original é desconhecida. Não obstante, George Smith a fêz remontar, mais ou menos, ao século XVII antes de Cristo. Esta narrativa do dilúvio, não é senão a narrativa do episódio de uma epopéia de doze cantos, que narra as façanhas do herói Gilgamés. É reproduzida sôbre o 11° tablete e constitui onze cantos, quase que completos.

"Gilgamés foi encontrar o seu ancestral, Samas Napustin, no país, longínquo e de difícil acesso para onde os deuses o transportaram para fazer-lhe gozar uma eterna felicidade. Samas-Napustin conta a seu filho pequeno a história do dilúvio e da sua própria preservação. A cidade de Surippak sôbre o Eufrates já era antiga, quando os deuses resolveram o dilúvio. Éa revelou seu desejo a Samas-Napustin e lhe ordenou de construir um barco de que indicou as dimensões, sugerindo-lhe a resposta às perguntas dos habitantes de Surippak. Samas-Napustin deveria dizer que êle queria fugir da cólera de Bel que iria brevemente inundar o lugar. Terminada a arca, Samas-Napustin ofereceu um sacrifício, reuniu suas riquezas e fêz subir na arca seus servidores, servidoras, animais de campo e as sementes da vida. Assim que a chuva começou a cair entrou êle na arca e fechou a porta. A tempestade produzida pelos deuses foi tão terrível que êles mesmos se assustaram. A humanidade se havia

---

(73) Fr. Lenormant - **Les Origines de l'Histoire** - 2.ª ed. 1880 pgs. 387 a 389.

transformado em lama. O vento, o dilúvio e a tormenta duraram sete dias e sete noites. No sétimo dia surgiu a aurora, a chuva cessou, o mar tornou-se calmo e amainou o vento. Tendo a luz aparecido, Samas-Napustin viu a planície límpida como um deserto. Sua arca ancorou na montanha de Nizir e não pôde ir além. Depois de sete dias de parada, Samas-Napustin soltou uma pomba que foi e tornou a voltar, porque não havia encontrado lugar de pouso. Fêz o mesmo com uma andorinha. Um côrvo não mais voltou. Samas-Napustin fêz sair os animais e ofereceu aos deuses um sacrifício de agradável odor. Bel se mostrou muito irritado pela preservação de Samas-Napustin. Éa lhe reprovou a exaltação e o aconselhou a punir daquêle momento em diante, apenas, os culpados, em lugar de enviar à Terra outro dilúvio universal. Bel apaziguado fêz Samas-Napustin e sua mulher subirem no barco, os abençoou, lhes deu a imortalidade e fêz com que êles habitassem "na embocadura dos rios". (G. Smith — "Assyrian Descoveries", pg. 193). (74).

Na "Histoire Ancienne de l'Orient jusq, aux Guerres Médiques" — 9ª edição — Paris, 1881-t. I, pgs. 55 a 91; — Em "Les Origines de l'Histoire", 2ª edição, Paris — 1880, t. I, pgs. 382-411, de Fr. Lenormant, vamos encontrar narrações de dilúvios existentes nos livros históricos da China, sob o reinado de Yao e a legenda de Bitchica entre os Muyscas da América Meridional.

Bem forte razão tem Will Durant, quando em sua "História da Civilização", declara que poucas são as montanhas da Ásia que não foram o ancoradouro de algum Noé ou de algum Samas-Napustin.

(74) F. Vigouroux — **Dictionnaire de la Bible.**

# NOÉ E SUA MISSÃO

"E abençoou a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a Terra.

"E será o vosso temor e o vosso pavor sôbre todo o animal da Terra, e sôbre tôda a ave do Céu; tudo o que se move sôbre a terra e todos os peixes do mar, na vossa mão são entregues.

"Tudo quanto se move, que é vivente, será para o vosso mantimento, tudo vos tenho dado com a erva verde.

"A carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue não comereis.

"E certamente requererei o vosso sangue, o sangue das vossas vidas: da mão de todo o animal requererei; como também da mão do homem, e da mão do irmão de cada um requererei a vida do homem.

"Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; porque Deus fêz o homem conforme a sua imagem. (Gên. IX, 1 a 6).

ANTES dos versículos citados, um nos diz que Noé ergueu um altar ao Senhor e tomando de todo o animal limpo, e de tôda a ave limpa os ofereceu em holocausto; e diz mais, que Deus cheirou o suave cheiro e em sinal de agrado, assim se expressou:

"Não tornarei mais a amaldiçoar a Terra por causa do homem, porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice; nem tornarei a ferir todo o vivente, como fiz."

"E enquanto a Terra durar, sementeira e saga, frio e calor, verão e inverno, dia e noite, não cessarão".

Êste Deus pelo seu proceder e pelo seu constante arrependimento é o mais versátil de todos os sêres. De vez em quando êle tropeça em erros cometidos, e acusado pela voz da consciência faz uma declaração pública, e promete não mais cometer tais erros.

Um homem esclarecido, lendo êsses dois versículos da Bíblia e procurando, no Levítico, quais os animais puros, e conhecendo que êstes são todos aquêles que têm unhas fendidas e a fenda das unhas dividida em duas, e que remóem, e mais, que em matéria de

aves, são as que não foram proibidas por Moisés e que dos répteis que se podem comer são os que voam, que andam sôbre quatro pés, etc., certamente concluirá que há um exagêro grande demais para ser aceito. Se a Bíblia nos dissesse que o patriarca Noé ofereceu no altar improvisado, um boi, uma ovelha, uma galinha e mais alguns animais, não teriamos o direito de duvidar, muito embora, desfalcasse êle os casais que Jeová ordenou fôssem conservados para a perpetuidade da espécie. Mas, da forma pela qual nos conta o Gênesis, não há quem possa engulir pílula tão indigesta.

Vejamos, mais uma vez, o quanto é humano o Deus de Moisés:

> Êste é o sinal do concerto que ponho entre mim e vós, e entre tôda a alma vivente, que está convosco, por gerações eternas:
>
> "O meu arco tenho pôsto nas nuvens, êste será por sinal do concerto entre mim e a Terra.
>
> "E acontecerá que, quando eu trouxer nuvens sôbre a Terra, aparecerá o arco nas nuvens.
>
> "E então me lembrarei de meu concerto, que está entre mim e vós, e ainda tôda a alma vivente de tôda a carne; e as águas não se tornarão mais em dilúvio, para destruir tôda a carne.
>
> "E estará o arco nas nuvens, e o verei, para me lembrar do concerto eterno entre Deus e tôda a alma vivente de tôda a carne, que está sôbre a Terra". (Gên. IX, 12 a 16).

Há homens na Terra que para cumprirem os seus compromissos não precisam de sinal algum que os venham lembrar, além da memória que Deus lhes deu. Pois bem, Jeová de Moisés era tão esquecido, que, para lembrar-se do compromisso assumido com êle e com os demais animais viventes, necessitava do arco-iris, para não faltar ao prometido. E tudo isso, segundo Moisés, foi ditado pelo próprio Deus. Será possível que havendo raciocínio neste mundo, ainda haja quem aceite esta história de mil e uma noites?

A história do dilúvio, diz Taxil, se completa com dois episódios interessantes: a embriaguês de Noé, e a tôrre de Babel.

> "Noé que era lavrador, foi o primeiro que plantou a vinha. — Ora, tendo tomado do vinho, se embriagou e se estendeu nu em sua tenda. — E Cão, pai de Canaan, tendo visto a nudez de seu pai, saiu e deu conhecimento disto a seus dois irmãos. — Então, Sem e Jafé tomaram um manto e marchando de costas, cobriram o sexo de seu pai e não olhando para trás, não viram suas vistas a nudez de seu pai". (Gên. IX, 20 a 23).

Assim, Sem e Jafé se conduziram respeitosamente, como bons filhos, apiedados, que se sentiram na nudez de seu progenitor, en-

quanto Cão agiu de modo contrário, embora não saibamos que grande mal havia naquilo. Mas uma maldição não podia tardar; ides ver quem a recebeu.

> "E tendo Noé despertado, soube que seu filho menor lhe fizera e disse maldito seja Canaan; servo dos servos seja a seus irmãos".
>
> "Bendito seja o Senhor Deus de Sem, e seja-lhe Canaan por servo".
>
> "Alargue Deus a Jafé e habite nas tendas, e seja-lhe Canaan por servo". (Gên. IX, 24 a 27).

Eis, como foi amaldiçoado o jovem Canaan, que não havia zombado de seu avô. Não é admissível acreditar que mal terminasse Noé de cozinhar a sua bebedeira, pronunciasse sua sentença; e esta sentença injusta foi integralmente confirmada por Jeová.

As expressões: *"Bendito seja o Senhor Deus de Sem..."* nos dá a entender que outros eram os deuses de seus outros filhos. O que não se daria se a exclamação fôsse: *"Bendito seja Deus que abençoará Sem, etc...."*

Os teólogos estão acordes em reconhecer que Noé concedeu a Ásia a Sem, a Europa a Jafé e a África a Cão. Canaan e Cão se tornaram negros, e êle e sua raça foram desdenhados. Como seria possível que os filhos de Noé gerados do mesmo pai e da mesma mãe se tornassem os chefes de três raças diferentes, raças a que pertenceram e a que legaram as características que elas possuem? Perderiamos o nosso tempo se nos dispusessemos a decifrar tais charadas. É necessário, então, aceitar que Sem descende da raça asiática de pele amarela; Jafé da raça branca ou européia e Cão e Canaan, da raça negra ou africana. Mas, e os peles vermelhas da América, de quem descendem? O Espírito Santo se esqueceu naturalmente de dizê-lo ao escrivão da Bíblia, ou a raça côr de cobre não teve pai. Milagre e mistério!... Mas é que naquêle tempo não se conheciam os peles vermelhas para que se pudesse inventar um novo filho para Noé.

Há lendas de outros povos que não podem deixar de figurar neste livro, porque demonstram como os autores do "Pentateuco", a começar pelo grande sacerdote Hilquias e seguindo a sequência daqueles que meteram a mão na confecção dos livros atribuidos a Moisés, tornando-os cada vez mais embaraçosos e contraditórios, eram hábeis compiladores.

Todos sabem que as doutrinas antigas, quase sem exceção, eram conservadas e ensinadas no interior dos santuários. Não é de admirar, pois, que a religião hebraica que, como as demais, não podia se

bastar a si mesma, fôsse beber em fontes mais antigas, as suas lendas.

Como o Noé da Bíblia, o Noé dos brâmanes, Satyaurata, teve três filhos. Depois de sua saída do barco salvador, êle bebeu uma espécie de licor de arroz, embriagou-se e adormeceu desnudo. Seu filho Charma o viu neste estado e chamou rindo seus irmãos. Os dois outros filhos em vez de zombarem de seu pai, antes o cobriram com seus vestidos.

Satyaurata despertando, e sabendo do que se havia passado, amaldiçoou Charma e lhe disse: *"Tu serás o servidor dos servidores de teus irmãos".*

Não há para onde apelar. Se a Índia, e ninguém ousará afirmar o contrário, é uma civilização muito mais antiga que a hebraica, se seus livros existem muito antes daqueles atribuidos a Moisés, é lógico que os autores do "Pentateuco" fôssem buscar essa lenda de Noé entre os hindus.

Mais uma vez fica patenteado que a Bíblia nada possui de original.

* * *

Não pretendemos encerrar êste capítulo sem que lhe acrescentemos mais algumas considerações que reputamos importantes.

Com relação ao arco-iris há qualquer coisa que nos causa espécie. Procuremos aclará-la. O texto sagrado não diz: *"Meu arco que está nas nuvens será doravante o sinal de meu pacto"*, mas *"Eu porei meu arco nas nuvens";* o que nos faz supor que antes não havia arco-iris. Foi isto que fêz pensar que antes do dilúvio universal não havia chovido, pois o arco-iris é formado pelas refrações e reflexões dos raios do Sol nas gotas de chuva. É claro, assim, que a Bíblia não nos foi dada para nos ensinar Física.

> "Noé não passou por ser o inventor da vinha entre os judeus; pois, entre tôdas as outras nações se admite que foi Bak ou Bacchus o primeiro que ensinou a arte de fazer vinho. É surpreendente que Noé, o restaurador do gênero humano, seja ignorado de tôda a Terra: mas ainda é mais estranho que Adão tenha sido mais ignorado que Noé." (75) .

Voltaire, depois da citação acima, nos apresenta o filósofo Philon e sua opinião a respeito da invenção do vinho. Eis como

(75) Voltaire — **Oeuvres Complètes** — ed. 1860. T. XXIII, pg. 73.

êste judeu de tradição já bem antiga fala na narrativa que fêz de sua deputação junto a Caio Calígula:

> "Bacchus le premier planta la vigne, et en tira une líqueur si utile et si agreáble au corps et à l'esprit, qu'elle leur fait oublier leurs peines, les réjouit, et les fortifie". (76).
>
> "Bacchus foi o primeiro a plantar a vinha e dela extraiu um licor muito útil e agradável ao corpo e ao espírito, pois êle faz esquecer as tristezas, reconforta e fortifica".

Como é possível que Philon, tão arraigado a sua seita não reconhecesse Noé como inventor do vinho?

Outra coisa que causa espécie aos comentadores é o fato de Jeová não haver feito um pacto, apenas, com os homens, mas, também, com os animais. É opinião geral que êstes tinham raciocínio como nós, o que ainda não foi contestado. Ora, como conceber que um Deus fôsse capaz de assumir um compromisso com leões, tigres, elefantes, asnos, ao mesmo tempo que com os homens?

Um autor alemão escreveu, segundo Voltaire, que se tratava de um pacto de família. Eis porque no "Levítico" se punia igualmente os animais e os homens que juntos cometessem o pecado abominável da carne. Era proibido aos animais trabalhar no sábado.

O "Eclesiaste" diz: *"que os homens são semelhantes aos animais, que aquêles nada têm a mais que êstes"*. Jonas em Ninive fazia jejuar animais e homens. Sem, Cão e Jafé são representados como havendo reinado na Europa, na Ásia e na África; pois Eusébio disse que Noé, por seu testamento, deu tôda a Terra a seus três filhos: a Ásia a Sem, a África a Cão, e a Europa a Jafé. Ora, pensando bem, não é amaldiçoar Cão, dar-lhe a terceira parte do mundo. Não é possível conciliar a maldição com uma bênção tão prodigiosa.

É difícil compreender, como os três filhos de Noé deixaram seu pai, que se embriagou provàvelmente na Armênia, para reinar em partes do mundo onde não havia ninguém. Antes de ser possível reinar sôbre um povo, é preciso que êste povo exista.

> "Por êstes foram repartidas as ilhas das nações nas suas terras, cada qual segundo a sua língua, segundo as suas famílias, entre as suas nações". (X. 5).

Por esta transcrição, que não foi inventada, fica demonstrado que os descendentes de Noé falavam cada um, uma língua diferente, o que, de qualquer forma, vem contradizer a história da Tôrre de

(76) Voltaire — **Oeuvres Complètes** — ed. 1860. T. XXIII, pg. 76.

Babel, quando Deus confundiu as línguas que eram "uma só na face da Terra". Estas obscuridades existem em cada página da Bíblia e não podem ser clareadas senão por uma fé cega e incondicional que mate no homem todo o poder de raciocínio.

Como se pode compreender que todos os homens falassem uma mesma língua, quando é o próprio autor que nos diz que cada povo tinha a sua língua diferente? Como é possível haverem surgido depois do dilúvio universal tantos povos? O espírito humano não achará nunca solução para estas dificuldades; terá forçosamente que aceitar o milagre.

Muito poderiamos acrescentar a esta história de Noé; mas vamos dar uma trégua ao leitor.

# A TORRE DE BABEL

"E era tôda a Terra de uma mesma língua e de uma mesma fala".

"E aconteceu que, partindo êles do Oriente, acharam um vale na terra de Sinai; e habitaram alí".

"E disseram aos outros: eia façamos tijolos, e queimemo-los bem. E foi-lhes o tijôlo por pedra, e o betume por cal".

"E disseram: eia edifiquemos nós uma cidade e uma tôrre cujo cume toque no Céu, e façamos um nome para que não sejamos espalhados sôbre a face de tôda a Terra".

"Então desceu o Senhor para ver a cidade e a tôrre que os filhos dos homens edificavam".

E disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua: isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que êles intentarem fazer".

"Eia, desçamos e confundamos alí a sua língua, para que não entenda um a língua do outro".

"Assim o Senhor os espalhou dalí sôbre a Terra, e cessaram de edificar a cidade". (Gên. XI, 1 a 9).

DEUS, para que pudesse ver a cidade e a tôrre que homens edificavam, não precisava dar-se ao incomôdo de descer do Céu. E por que confundir as línguas no intuito de fazer com que êles parassem tão estranha edificação? O pior castigo seria certamente, deixar que êsses idiotas continuassem a erguer a tôrre cujo cume deveria tocar no céu, porque êles naturalmente a estariam construindo até hoje.

São Jerônimo, em seu comentário sôbre Isaías, afirmou que a Tôrre de Babel tinha 4.000 passos de altura, quando Jeová decretou a interrupção dos trabalhos, e Voltaire observa que isto é igual a vinte mil pés, ou seja que a tôrre era dez vêzes mais alta que a grande pirâmide do Egito, que mede 142 metros. Ora, as pirâmides subsistiram e não resta o mais insignificante traço desta prodigiosa empresa da Tôrre de Babel, que o Gênesis coloca no 117º ano depois do Dilúvio. Para uma altura de 1.420 metros, que não é ainda o fato, pois ela teria que atingir o Céu, era necessario uma base de

formidável desenvolvimento; como se explica que essa imensa massa de alvenaria, tão compacta e tão sólida, tivesse desaparecido? Só se pode atribuir o desaparecimento da Tôrre de Babel a um dêsses milagres extraordinários que Jeová costumava praticar e que o autor esqueceu de referir.

Um prodígio extraordinário é a formação súbita de tantas línguas. Os comentadores, ainda hoje, procuram quais as línguas mães que nasceram de repente dessa dispersão de povos. Acresce, ainda, que tôda a Terra ignora o prodígio da Tôrre de Babel.

Quando o patriarca Noé dividiu a Terra pelos seus três filhos, êle o fêz:

> "... dividindo as ilhas das nações nas suas terras, cada qual segundo a sua língua, segundo as suas famílias, entre as suas nações." (Gên. X, 5).

Como é que o mesmo autor se esquece de sua anterior afirmativa nos impinge, como se pode encontrar na citação acima: *"era tôda a Terra de uma mesma língua, e de uma mesma fala"*. (Gên. XI, 11), contradizendo-se positivamente?

Era assim que Deus ditava a Moisés as verdades da Bíblia. Como é possível admitir-se, em face de tantas contradições, que a Bíblia fôsse obra de inspiração divina? Bastaria uma para que o bom senso repelisse a afirmativa clerical de que Deus inspirou Moisés quando escrevia essas "sublimes verdades". M. Vernes, em "La Grande Encyclopédie de Berthelot", vol. IV, pg. 1028, narra da mesma forma, ou melhor, reproduz em outros têrmos, a narrativa bíblica da Tôrre de Babel, mas, acrescenta que esta lenda da confusão das línguas é babilônica, e isto já anteriormente o afirmamos, quando dissemos que era ela existente desde o tempo dos sumerianos, que falam da construção de uma tôrre gigantesca, causadora da cólera dos deuses. Foi, assim, tomada pelos israelitas de empréstimo.

Encontrou-se, diz ainda, Vernes, em Birs-Ninroud, nas ruinas da antiga Borsippa, os traços ainda nítidos de um monumento que se pensa ter sido a famosa "Torre dos Andares" de que fala Heródoto e à qual se prende a lenda da confusão das línguas. Hoje, diz, por sua vez, Oppert, a Tôrre de Babel é ainda representada pela ruína de "Birs-Ninroud", cujo aspecto poderoso extasia todos os viajantes. Um pedaço de muro enorme se eleva, ainda, a onze metros de altura sôbre uma colina que se divisa a oito léguas de distância. Nada iguala o espetáculo que oferece a ruina, quando escondida pelas brumas matinais, ela surge com o desaparecimento desta cortina de nuvens. A legenda da Tôrre de Babel é babilônica; ela será encontrada um

dia entre os restos da literatura caldéia; um fragmento a menciona, mas isto é ainda duvidoso. A legenda em si é perpetuada na escrita sumeriana. Borsippa é designada por um ideograma que a intitula a cidade da "Tôrre Arruinada", e esta lembrança atesta, por si mesma, a persistência da antiga tradição transmitida pelo Gênesis.

Sabemos, com certeza, pelo menos, que a tôrre não é judia, mas babilônica.

Não queremos afirmar que Voltaire tenha razão, quando duvida da existência de qualquer monumento que possa ser indicado como resto da legendária tôrre, nem tão pouco queremos adiantar que a ruina da cidade de Borsippa, indicada por Oppert, e aceita pelo povo como a ruina da Torrê dos Andares, seja a mesma Tôrre de Babel. Convenhamos, para satisfazer aos crentes, que o grande escritor francês se haja equivocado, e que a ruina da tôrre cuja construção produziu a milenária confusão das línguas, esteja perpetuada naquelas ruinas que tanto extasiam os viajantes; o que não podemos aceitar é que um punhado de homens que entendiam de construção, pretendesse fazer uma tôrre cujo cume tocasse no Céu.

* * *

Esta idéia idiota nunca teria surgido no cérebro de homens maduros, a não ser que todos êles estivessem grandemente afetados das faculdades mentais. Não há boa vontade capaz de fazer aceitar a um homem de bom senso, tamanha infantilidade. Nem os selvagens seriam capazes de pensar em fazer uma construção que tocasse o Céu.

Não nos admira, diz Taxil, o desconhecimento por parte dos gregos, dos romanos, dos egípcios, dos caldeus, dos persas, dos hindus, dos chinêses, das façanhas e dos gestos de um Gedeão, de um Sansão, ou de qualquer outro herói simplesmente israelita; o que nos estarrece, porém, é o completo desconhecimento dos nomes de Adão e de Noé por parte daquelas nações.

Uma vez que tudo foi destruido pelo Dilúvio, e que Noé e sua geração foi o segundo pai da humanidade, seria indigno dos historiadores não se preocuparem com êle e com a sua família. Mas essa honra êles nunca terão, porque isto é simplesmente história de crianças, e os adultos que se preocupam com a verdadeira história da humanidade não costumam consignar tolices entre as páginas que escrevem. Chama-se isto, senso de responsabilidade.

Os nomes de Adão e Eva, de Caim e Abel, de Enoque e Matusalém, de Lemeque, Noé, Sem, Cão e Jafé, etc. ... deveriam constar de todos os pergaminhos antigos, mas infelizmente, só os

podemos encontrar entre as páginas do Velho Testamento. Quanto à cultura da vinha, sòmente a Bíblia empresta sua paternidade a Noé. No entretanto, Dionysos ou Bacchus, um dos grandes deuses da Grécia, do oriente helênico e da Itália é o deus poèticamente aceito como sendo o criador do vinho.

Se como afirmam os esoteristas, as lendas tomadas por empréstimo e que constam da Bíblia, têm um sentido oculto e encerram muita filosofia, por que se ensinam essas lendas, sem que elas estejam acompanhadas da explicação filosófica indispensável? Não será isso um êrro e um crime ao mesmo tempo?

Quando a Bíblia historia que os hebreus, no Êxodo, roubaram dos egípcios todos os vasos de ouro e as suas ricas roupagens, vêm os senhores esoteristas afirmar que o êxodo é um mito, que os hebreus e Moisés nunca foram ladrões. O que houve, a Bíblia consigna, apenas, em forma de símbolo, pois, os vasos de ouro e as roupagens eram a sabedoria dos egípcios que os hebreus assimilaram. Desta forma não há furto ou roubo que não se justifique.

Diz o padre Moreux:

> "O que ler a Bíblia como um livro comum, pode ficar certo de nada entender, nem lhe tirar proveito. Os Pais da Igreja já o notaram há muito tempo".

Ora, a Igreja romana nunca leu a Bíblia de outra forma, do contrário não teria atirado vivo à fogueira um punhado considerável de homens notáveis pelo fato de discordarem da paralisação do Sol por Josué.

E a ser verdadeira essa afirmativa do padre Moreux, por que os seus colegas não ensinam a Bíblia como a devem ensinar? Por que não eliminam dela as coisas abomináveis, como aquela em que está dito, de uma maneira clara, que Jeová, para que as pragas se repetissem contra o faraó, endureceu seu coração, e que assim procedia porque com isso se sentia glorificado? Por que não retirar de entre as páginas do Velho Testamento, aquela história de pouca moralidade entre Sara e o faraó, quando esta passava a pedido de seu espôso, por sua irmã e em virtude de sua deslumbrante beleza? Por que não retiram da Bíblia a conformação indecente de Abraão, proxeneta, por mais de uma vez, da própria mulher, que, sabedor de que sua espôsa havia prevaricado com o faraó, não só aceita dêste as suas excusas, como, ainda, recebe uma compensação, representada numa fortuna, naquele tempo considerável? Por que não retiram, ou explicam, onde reside a moral na ordem de Moisés aos oficiais para que voltassem, matassem tôdas as crianças, as mulheres, os

homens e deixassem, apenas, as virgens para os soldados? E aquela história de Ló coabitando com as suas duas filhas? E a recompensa dada a essas filhas de serem as mães de duas numerosas gerações? E aquela narração hedionda de Sodoma e Gomorra, em que todos os habitantes daquela primeira cidade, crianças, rapazes e velhos, sem exceção, cobiçaram abominàvelmente os dois anjos que se hospedaram em casa do homem que mais tarde fêz surgir duas grandes gerações do incesto com as suas duas desavergonhadas filhas? E o oferecimento por parte, ainda, dêste pai incestuoso, de suas duas filhas à população viciada de Sodoma, com o fim de poupar a integridade física e moral dos dois mensageiros que hospedava?

Que nos ensinem, então, os incensadores da Bíblia, a ler diferentemente estas passagens do Velho Testamento, uma vez que não sabemos lê-las como se deve, e por isso, não encontramos nelas a moralidade que a Igreja romana, certamente, divisa.

Por que não ensinar que as lendas bíblicas, na sua quase totalidade, são lendas copiadas de povos mais antigos? Isso não viria em detrimento do livro sagrado dos judeus, porque o próprio Cristo, em matéria de moral, não fêz mais do que repetir os postulados da velha religião de Brâma que êle não podia, de forma alguma, repudiar. E será que Jesus se diminuiu com isto? Pelo contrário, êle se agigantou, porque com êsse seu modo de proceder, ensinou ao homem que êle deveria aceitar as coisas boas, mesmo quando elas partissem de filosofias que tivessem um rótulo diferente da sua.

Por que os padres não aceitam o divórcio, quando êle se encontra explícito na religião de Moisés e quando o Cristo no Nôvo Testamento, o admite em caso de infidelidade? Por que não se circuncidam os senhores reverendos? Não foi a circuncisão um pacto de amizade eterna entre Jeová e os seus filhos? Não foi esta uma rigorosa determinação divina? E não foi o Cristo circuncidado?

Em vez disso cuidam de atacar os credos alheios e amaldiçoar os seus crentes.

# O PATRIARCA ABRAÃO

"Ora o Senhor disse a Abrão: Sai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei.

"E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção.

"E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas tôdas as famílias da Terra". (Gên. XII, 1 a 3).

ASSIM, partiu Abrão, como o Senhor lhe tinha dito, e foi Ló com êle; e era Abrão da idade de 75 anos, quando saiu de Harã. E tomou Abrão a Sarai, sua mulher, e Ló, filho de seu irmão, e tôda a sua fazenda, que haviam adquirido; e as almas que lhe acresceram em Harã; e sairam para irem à terra de Caná e lá chegaram. E passou Abrão por aquela terra até o lugar de Siquem, até ao carvalho de Moré, e estavam então os cananeus na terra.

E moveu-se dalí para a montanha à banda do oriente de Betel, e armou a sua tenda, tendo Betel ao ocidente, e Ai ao oriente; e edificou alí um altar, e invocou o nome do Senhor. Depois caminhou Abrão dalí, seguindo ainda para a banda do sul e chegou, finalmente Abrão ao Egito.

"E aconteceu que, chegando êle para entrar no Egito, disse a Sarai, sua mulher: Ora bem sei que és mulher formosa à vista;

"12 — E será que, quando os egípcios te virem, dirão: Esta é sua mulher. E matar-me-ão a mim, e a ti te guardarão em vida.

"13 — Dize, peço-te, que és minha irmã, para que me vá bem por tua causa, e que viva a minha alma por amor de ti.

"14 — E aconteceu que, entrando Abrão no Egito, viram os egípcios a mulher, que era mui formosa.

"15 — E viram-na os príncipes de faraó, e gabaram-na diante de faraó: foi a mulher tomada para a casa de faraó.

"16 — E fêz bem a Abrão por amor dela; e êle teve ovelhas e vacas, e jumentos, servos e servas, e jumentas e camelos. (Gên. XIII, 11 a 16).

Esta aventura é edificante. A Escritura Santa não teve uma palavra de censura para o patriarca. Os comentadores verberam severamente a conduta de Abrão; mas Santo Agostinho a defendeu em seu lviro contra a mentira.

Notemos de passagem que Sarai tinha, então, 65 anos; nem a idade, nem as fadigas de uma longa viagem através do deserto conseguiram diminuir-lhe a beleza. Se o faraó recompensava a soberba velha não acreditava, de forma alguma, que estivesse enganando um marido. O ôlho de Deus, porém, percebeu o que se estava passando no harém egípcio.

> "Feriu, porém, o Senhor a faraó com grandes pragas, e a sua casa, por causa de Sarai, mulher de Abrão.
>
> "18 — Então chamou faraó a Abrão e disse: Que é isto que me fizeste? Por que não me disseste que era ela tua mulher; toma-a e vai-te.
>
> "19 — Por que me disseste: É minha irmã, de maneira que a houvera tomado por minha mulher; agora, pois, eis aqui tua mulher; toma-a e vai-te.
>
> "20 — E faraó deu ordem aos seus varões a seu respeito, e acompanharam-no a êle e a sua mulher, e a tudo o que tinha". (Gên. XII, 16 a 20).

Os comentadores, em face da flagrante injustiça do Senhor, com relação ao faraó, ficam estarrecidos. Se Sarai era irmã de Abrão, que mal havia que o faraó a tomasse como espôsa? Pois bem, êsse Jeová insensato, pune com pragas o faraó e recompensa o precheneta de sua própria espôsa. É isto que não é compreensível.

E depois do que se passou e que foi tão magistralmente defendido por Santo Agostinho, seguiu Abrão o seu caminho.

> "Subiu, pois, Abrão do Egito para a banda do sul, êle e sua mulher, e tudo o que tinha, e com êle Ló.
>
> 2 — E ia Abrão muito rico de gado, em prata, e em ouro". (Gên. XIII, 1 e 2).

Como se compreende que um homem protegido por Jeová, que devia ser portanto, moralizado e escrupuloso, nada restituisse ao faraó? Como se admitir que um homem dessa espécie, fôsse protegido por um Deus e venerado hoje pelos católicos?

Surge depois uma questão entre os pastores de Abrão e Ló. Abrão ficou no país de Caná e Ló seguiu para a planície do Jordão e se fixou em Sodoma, onde armou suas tendas.

Depois veio a guerra dos quatro reis contra cinco, a prisão e cativeiro de Ló, etc.... Isto consta do versículo 12 a 17 do Cap. XIV, do Gênesis.

Vê-se pelo histórico dos capítulos citados, até onde vai o valor de um patriarca. Este nômade que não possuia uma polegada de terra no país, tinha sob suas ordens um número considerável de servos, pois, entre êles, armou trezentos; e com êsse punhado de homens conseguiu desbaratar os exércitos de quatro reis, os mais poderosos da região: "Anrafel, rei de Sinar; Arioque, rei de Elasar; Quedoreaomer, rei de Elão e Tidal, rei de Goim". Vitória extrordinária, pois, êle, "perseguiu os monarcas até o Dan", que ainda não tinha sido construida. Alguns intérpretes substituiram Dan por Damasco, mas não há nenhuma estrada de cem milhas de Sodoma a Damasco. Tendo, ainda, Abrão, dividido seus servidores, atirou-se sôbre os reis, durante à noite, venceu-os e perseguiu-os até Hobar, fazendo aí um precioso saque e trazendo, além disso, Ló, as mulheres e todo o povo. (Gên. XIV, 1 16).

"Depois destas coisas veio a palavra do Senhor a Abrão em visão, dizendo: Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, o teu grandissimo galardão.

2 — Então disse Abrão: Senhor Jeová que me hás de dar, pois ando sem filho, e o mordomo de minha casa é o damasceno Eliezer?

3 — Disse mais Abrão: Eis que me não tendes dado semente, e eis que um nascido em minha casa será o meu herdeiro.

4 — E eis que veio a palavra do Senhor a êle, dizendo: Êste não será o teu herdeiro.

5 — Então o levou fora, e disse-lhe: Olha agora para os Céus e conta as estrêlas, se as podes contar. E disse-lhe: Assim será a tua semente. (Gên. XV, 1 a 5).

Abrão, ainda, não ficou satisfeito.

"Ora, Sarai, a mulher de Abrão, não lhe gerava filhos, e êle tinha uma serva egípcia, cujo nome era Agar.

2 — E disse Sarai a Abrão: Eis que o Senhor me tem impedido de gerar; entra pois à minha serva; por ventura terei filhos dela. E ouviu Abrão a voz de Sarai 2. (Gên. XVI).

Pelo que se deduz, Sarai estava disposta a perfilhar os nascidos de Agar.

"Assim tomou Sarai, a mulher de Abrão a Agar egípcia, sua serva, e deu-a por mulher a Abrão seu marido, ao fim de dez anos que Abrão habitara na terra de Caná.

4 — E êle entrou à Agar, e ela concebeu e vendo ela que concebera, foi sua senhora desprezada aos seus olhos.

5 — Então disse Sarai a Abrão: Meu agravo seja sôbre ti. Minha serva pus em teu regaço; vendo ela agora que concebeu, sou menosprezada a teus olhos. O Senhor julga entre mim e ti.

6 — E disse Abrão a Sarai: Eis que tua serva está em tua mão, faze-lhe o que é bom aos teus olhos. E afligiu-se Sarai, e ela fugiu de sua face. (Gên. XVI).

Que família ideal. O que seria de nossa sociedade se fôssem permitidas essas coisas! Imaginemos um instante, as mulheres sem filhos a aconselharem seus maridos a entrarem nas empregadas, a fim de conseguirem descendentes! Se assim fôsse, só as mulheres bonitas seriam aproveitadas em serviços domésticos, sempre na suposição que os patrões teriam da esterilidade das espôsas legítimas. Dir-se-á que são coisas daqueles tempos; mas é nos tempos atuais que nos impingem a Bíblia como livro sagrado e matéria para servir de farol à humanidade.

"Então lhe disse o anjo do Senhor: Torna-te para a tua senhora, e humilha-te debaixo de suas mãos.

10 — Disse-lhe mais o anjo do Senhor: Multiplicarei sobremaneira a tua semente, que não será contada, por numerosa que seja.

11 — Disse-lhe, também, o anjo do Senhor: Eis que concebeste, e terás um filho e chamarás o seu nome "Ismael": portanto o Senhor ouviu a tua aflição". (Gên. VI).

Eis aqui, diz Taxil, um curioso detalhe que os clérigos omitem em seus manuais de história santa, e que, no entanto, se encontra na Bíblia: o anjo que apareceu a Agar, e que ela tomou por um Deus, não se mostrou a ela face a face; êle só lhe mostrou as costas. Textual.

Depois, fêz Deus uma aliança com Abrão e mudou-lhe o nome para Abraão. A assinatura dêsse pacto, em vez de ser o preto no branco, exigiu Deus do patriarca que todo o seu povo se submetesse à circuncisão. Tu cortarás a carne de teu prepúcio, e isto será o sinal de minha aliança contigo e com os teus. Tôda a criança do sexo masculino, desde que tenha oito dias, será circuncidada entre vós, na vossa geração, mesmo o nascido dos escravos, comprados do estrangeiro e que não pertençam à vossa raça. Assim, minha aliança será com a vossa carne, para que seja uma aliança eterna. E o macho incircunsiso, cuja carne do prepúcio não tenha sido cortada, será exterminado, que êle violou minha aliança. Quanto a Sarai não a chamarás mais por êste nome, mas, doravante, ela será Sara. E eu a abençoarei. Ela te dará um filho, cujo nome será Isaque e que eu o abençoarei. O que eu te peço disse o Senhor é que Ismael viva.

O que se pode pensar de um homem centenário gerando um filho em uma mulher nonagenária?

Primeiramente, antes de qualquer comentário, apreciemos a bondade de um Deus, que manda exterminar criaturas sem culpa pelo fato de não se encontrarem circuncidadas. Que culpa poderia caber a inocentes, irresponsáveis, de seus pais, tutores ou senhores, não haverem cumprido nêles a determinação do Senhor? E que determinação pueril!

Conhece-se pouco a diferença que possa existir entre Abrão e Abraão. Pretenderam insinuar que Abrão significava pai ilustre e que Abraão, pai de muitos. Os persas, segundo Voltaire, acreditavam na existência de um Abraão por sobrenome Zerdust, que lhe ensinou a religião; os gregos o chamaram Zoroastro. Alguns sábios asseguram que Abraão não era outro senão o Deus Brâma dos hindus; e que a religião dos hindus que ainda subsiste é a mais antiga de tôdas. É muito difícil penetrar nas trevas, fiquemos, pois, na claridade.

Quanto a Sarai e Sara, os mesmos comentadores afirmam que o primeiro nome significa senhora e o segundo, dama. Não vemos, assim, qualquer diferença substancial.

Não precisamos dizer que Abraão cumpriu rigorosamente as ordens do Senhor, a começar pelo seu filho.

Léo Taxil, diz com muito espírito, que nunca teria passado pela imaginação de Alexandre o Grande, quando êle fêz aliança com os reis indianos Taxile e Porus, de lhes propor a circuncisão e de cortar o prepúcio de todos os seus subordinados, como a marca de uma amizade indissolúvel. E quando Napoleão, em Tilsitt, sôbre a histórica jangada de Niemen, recebeu em seus braços o Imperador Alexandre, não sonhou senão no ódio comum contra a Inglaterra para cimentar, de uma maneira indestrutível, a aliança que sinceramente desejava entre a França e a Rússia. Se Murat que acompanhava o vencedor de Friedland, lhe houvesse dito, então : "Majestade, em vez de pedir ao tzar de pôr sua assinatura abaixo do tratado de aliança ofensiva e defensiva, exigi dêle que vos traga amanhã, o seu prepúcio cortado e os prepúcios de todo o Estado Maior, pois, isto será extraordinária caução de um pacto entre dois impérios", é provável que Napoleão tivesse acreditado em uma demência súbita de Murat e o confiasse imediatamente aos cuidados de seus melhores médicos. Mas Alexandre e Napoleão não passavam de homens ! Sòmente o cérebro de um Deus poderia conceber a idéia divina de uma eterna aliança baseada sôbre um holocausto de prepúcios, perpetuando-se de geração em geração !

Essa imbecilidade nunca feriu a imaginação de ninguém!...

De outro modo, sabendo que a circuncisão é uma instituição divina, ficamos estupefactos, vendo que os católicos não seguem esta determinação de Deus. Se devemos imitar a Jesus Cristo, não teriamos mais que seguir o seu exemplo, pois, o Messias foi circuncidado. E a prova do que afirmamos está mais uma vez em Léo Taxil, que é uma espécie de Voltaire para os católicos, o qual nos conta que o prepúcio do Mestre é venerado como uma das mais preciosas relíquias, em S. João de Latrão, em Roma, e que êle se multiplicou por efeito de um milagre muito significativo, pois a mesma relíquia se encontra, também, em Charroux (perto de Poitiers), em Puyén-Velay, em Coulombs (perto de Chartres), em Châlons-sur-Marne, em Antuérpia e em Hildesheim.

O Imperador Juliano, o filósofo, em sua crítica ao Catolicismo, não deixou de acentuar o quanto seus adeptos violam as prescrições da religião judaíca da qual êles se dizem continuadores, e mostra a diferença de ritual, a supressão dos sacrifícios, a violação da lei no uso de carnes, a substituição do dia de sábado pelo domingo, etc.

Êsse mesmo Juliano, assim se expressa:

> "É necessário que eu vos pergunte, por que não vos circuncidais? Não ordenou Jesus que a lei fôsse cumprida? E disse mais o Mestre: "Aquêle que faltar ao menor dos preceitos da lei, e que ensinar aos homens de não observá-la, êste será o menor no reino dos Céus". Ora, se Jesus ordenou expressamente o cumprimento da lei e se êle estabeleceu penas para punir aquêles que pecassem contra o menor mandamento desta lei, vós galileus, que faltais a tôdas, que justificativas podeis apresentar? Ou Jesus não disse a verdade ou do contrário sois uns desertores da lei". (Discurso do Imperador Juliano, traduzido para o francês pelo Marquês d'Argens).

Mostra o mesmo Marquês d'Argens como S. Cirilo pretendeu refutar os argumentos de Juliano e o considera um refutador fraco e lastimável.

> "Vejamos, diz S. Cirilo, para que serve a circuncisão carnal, uma vez que rejeitamos o seu sentido místico. Se é necessário que os homens sejam circuncidados em seus membros viris que servem para a procriação e se Deus desaprova e condena o prepúcio, por que, desde o comêço Êle não o suprimiu e por que, ainda, não formou Êle o orgão masculino como êle deveria ser de fato? A esta primeira razão da inutilidade da circuncisão, juntemos uma outra. Em todos os corpos humanos que não estejam estragados ou alterados por uma moléstia qualquer, não se vê nada que não seja útil, e que seja supérfluo ou que falte: tudo está organizado pela natureza, de uma maneira útil, necessária e perfeita: e eu penso que os corpos seriam defeituosos, se fôssem desprovidos de qualquer das coisas que lhes

são, por assim dizer, inatas Será que o Criador do Universo não sabia o que era útli e decente? Será que êle não empregou no corpo humano a sua ciência, êle que criou e formou as criaturas em estado de perfeição? Onde reside, pois, a utilidade da circuncisão? Talvez alguém argumente em favor de seu uso, adiantando que a circuncisão seja necessária por uma questão de higiene, para evitar o acúmulo de imundícies; seria, assim, necessário despojar o membro da pele que o reveste. Eu não penso desta forma. Penso que é ultrajar a natureza, que nada tem de inútil ou de supérfluo.

"A natureza do corpo, mesmo quando ela sai das leis naturais, não maculam o espírito".

O Imperador Juliano poderia ter respondido ao bispo de Alexandria : "De nada serve a circuncisão, se quiserdes, mas não é disto que se trata, trata-se de saber se o Deus de Abraão ordenou a êste patriarca a circuncisão como uma marca eterna entre Êle e os fiéis de sua religião.

Depois, as perguntas de São Cirilo e constantes de sua resposta a Juliano, só mesmo Jeová poderá respondê-las, uma vez que estas ordens absurdas são sempre determinadas por êle.

Muito teriamos, ainda que falar sôbre êste assunto, estribado em elementos de grande prestígio na Igreja de Roma, mas, não é nosso intuito cansar demasiadamente o leitor.

Antes, porém, pretendemos provar ainda que, êste hábito da circuncisão não é originário de Moisés :

"Todos os escritores da antiguidade concordam em afirmar que foram os egípcios e os etiópicos os inventores da circuncisão; mas no Egito, apenas, os padres e os iniciados faziam cortar o prepúcio, como um sinal de associação que os distinguia do gênero humano. Os árabes tomaram êste costume. Dizem que na Etiópia se circuncidava também as meninas. Deus ordenou a Abraão de matar todo aquêle que não fizesse cortar o prepúcio. No entretanto a circuncisão não foi observada pelos judeus no Egito durante duzentos e cinco anos; e os seiscentos e trinta mil combatentes que o texto diz haver seguido Moisés não foram circuncidados no deserto". (77).

Segundo vimos na citação de Voltaire, são os próprios judeus que confessam que ficaram durante duzentos e cinco anos no Egito e que durante êsse espaço de tempo não foram circuncidados; isto deixa patente que os egípcios durante todo êsse tempo não receberam dos judeus a circuncisão. Será que o Egito adotou essa prática depois que os judeus lhe roubaram todos os vasos de ouro e vestimentas e com sua prêsa fugiram para o deserto, segundo a sua própria testemunha? Haverá quem acredite que um povo dominador, um

(77) Voltaire — **Oeuvres Complètes**, ed. 1860 — T. XXIII - pg. 78.

povo superior, haja adotado o princípio marcante da religião de seu escravo ladrão e fugitivo? Isto não é cabível na natureza humana. O mais lógico é que os israelitas hajam tomado êsse costume de seus senhores.

Léo Taxil, em sua "La Bible Amusante", diz o seguinte:

> "A verdadeira razão é que os padres de todos os países imaginaram consagrar às suas divindades alguma parte do corpo. Uns faziam incisões, como os padres de Belone e de Marte, outros se tornavam eunucos, como os padres de Cibéle. Os monges budistas da Birmânia e do Islam, usavam um prego nas nádegas; os faquires um anel no membro viril. Outros açoitavam seus devotos, como o jesuita Girard açoitava La Cadière. Os padres hotentotes cortam um testículo em honra de suas divindades, e colocam no lugar uma bola de ervas aromáticas. Os supersticiosos egípcios se contentavam em oferecer a Osíris um pedaço do prepúcio; os hebreus que copiaram dêles quase tôdas as cerimônias, cortavam o prepúcio e continuam no mesmo uso até os nossos dias". (78).

Isto tudo revela um senso extraordinário fora do comum, e deve agradar imensamente ao Ser Supremo!

> "Depois apareceu-lhe o Senhor nos carvalhais do Manre, estando êle assentado à porta da tenda, quando tinha aquecido o dia.
>
> 2 — E levantou os seus olhos e olhou, e eis que três varões estavam em pé junto a êle. E vendo-os, correu da porta da tenda ao seu encontro, e inclinou-se à terra.
>
> 3 — E disse: Meu Senhor se agora tenho achado graças nos teus olhos, rogo que não passes de teu servo
>
> 4 — Traga-se agora um pouco d'água, e lavai os vossos pés, e recostai-vos debaixo desta árvore;
>
> 5 — E trarei um bocado de pão, para que esforceis o vosso coração; depois passareis adiante, porque por isto chegaste até o vosso servo. E disseram: Assim fazes como tens dito". (Gên. XVIII).

Numerosos comentadores católicos, no dizer de Taxil, julgaram que, se neste dia, Jeová tinha vindo em companhia de dois anjos, era com o fim de figurar as três pessoas da SS. Trindade; Abraão não tinha o espírito bastante sutil para aperceber-se disto; nem êle, nem Moisés, nem nenhum profeta judeu desconfiou.

> "E Abraão apressou-se em ir ter com Sara à tenda, e disse-lhe: Amassa depressa três medidas de flôr de farinha, e faze bolos. (Gên. XVIII, 6).

---

(78) Léo Taxil — **La Bible Amusante** — pg. 131.

As traduções modernas da Bîlia trazem: toma três medidas de farinha. É com intenção deliberada que colocam êste têrmo vago; pois, o que o Espírito Santo ditou ao autor do Gênesis é superlativamente grotesco. O texto hebreu traz *éphta*. Ora, um *éphta* contém 29 pintas e, por conseguinte, três éphtas representam 87 pintas ou 81 litros de farinha. Que prodigiosa quantidade de pão!... O uso entre os orientais era, isto é verdade, servir um só prato, porém, em abundância, mas o patriarca, desta forma, tomava seus visitantes por gargântuas. Além disso, Abraão ofereceu mais aos visitantes, um bezerro tenro, queijo e leite e colocou tudo em frente dêles. E êles comeram embaixo daquela mesma árvore. E um dêles anuncia que Sara terá um filho. Ela ri, considerando a sua idade, conforme nos conta a própria Bîblia.

"E levantaram-se aquêles varões dalí, e olharam para a banda de Sodoma; e ia Abraão com êles, acompanhando-os".

"E disse o Senhor: Ocultarei eu a Abraão o que faço"

"Visto que Abraão virá a ser uma grande e poderosa nação e nêle serão benditas tôdas as nações da Terra". (Gên. XVIII, 16 a 18).

Os comentadores judeus e católicos estão acordes em ver neste texto a afirmação de que Jeová será um dia o Deus adorado em tôda a Terra, uma vez que Jeová é o Deus de Abraão e que os católicos não se separam dos judeus no que concerne a êste patriarca. Considerando porém que os judeus e os cristãos não estão mais de acôrdo desde o tempo de Jesus, perguntamos qual das duas religiões prevalecerá no mundo?

A Terra será católica ou judia? Vamos aguardar os acontecimentos...

## SODOMA E GOMORRA

> "Disse mais o Senhor: Porquanto o clamor de Sodoma e Gomorra se tem multiplicado, e porquanto o seu pecado se tem agravado muito.
>
> "Descerei agora e verei se com efeito têm praticado segundo êste clamor, que é vindo até mim: e se não, sabe-lo-ei". (Gên. XIX, 20 e 21).

NÃO atinamos como um Deus onisciente não soubesse o que se estava passando em Sodoma e Gomorra. Mas como nunca conseguimos compreender Jeová bíblico, é justo que êle nos decepcione mais uma vez, descendo das infinitas alturas para verificar com os próprios olhos se havia ou não fundamento nos clamores que lhes chegavam aos ouvidos.

> "Então viraram aquêles varões o rosto dalí, e foram-se para Sodoma; mas Abrão ficou ainda em pé diante da face do Senhor".
>
> "E chegou-se Abraão dizendo: Destruirás também o justo com o ímpio? Se por ventura houver cinqüenta justos na cidade, destrui-los-ás também, e não pouparás o lugar por causa dos cinqüenta justos que estão dentro dela?
>
> "Longe de ti que faças tal coisa, que mates o justo com o ímpio, longe de ti seja. Não faria justiça o juiz de tôda a Terra?
>
> "Então disse o Senhor: Se em Sodoma achar cinqüenta justos dentro da cidade, pouparei a todo o lugar por amor dêles.
>
> "E respondeu Abraão dizendo: Eis que agora me atrevi a falar ao Senhor, ainda que sou pó e cinzas:
>
> "Se por ventura faltarem de cinqüenta justos, cinco, destruirás por aquêles cinco tôda a cidade? E disse: Não a destruirei, se eu achar alí quarenta e cinco" (Gên. XIX, 22 a 28).

E assim, nesta amigável palestra com Jeová, Abraão que o olhava na face, continuou aconselhando-o e defendendo aquêle povo desgraçado, chegando a propor ao Senhor que mesmo que houvesse dez justos, fôsse poupada a cidade.

Depois desta última proposta que Jeová generosamente aceitou, o senhor partiu, e Abraão voltou para a sua casa, com a consciência tranqüila de haver praticado uma bela ação.

Havendo Jeová subido aos Céus, mandou que os dois anjos que o acompanhavam prosseguissem viagem no cumprimento de sua missão. Ló, que se encontrava sentado à porta de Sodoma, marchou ao encontro dos dois mensageiros divinos, saudou-os e inclinou-se com o rosto à terra.

"E disse: Eis agora, meus senhores, entrai, peço-vos, em casa de vosso servo, e passai nela a noite, e lavai os vossos pés: e de madrugada vos levantareis e ireis vosso caminho". E êles disseram: Não, antes na rua passaremos a noite". (Gên. XIX, 2).

Mas tanto fêz Ló que os anjos resolveram passar a noite em sua casa e lá se banquetearam.

Antes que se deitassem, cercaram a casa os varões daquela cidade, os varões de Sodoma, desde o moço até o velho; todo o povo de todos os bairros. E chamaram a Ló e disseram: onde estão os varões que a ti vieram esta noite?

Traze-os fora para que nós o conheçamos. Ló suplicou aos habitantes de Sodoma que não fizessem mal aos anjos. Mas o mal a que se referia o anfitrião não é o que imaginam os leitores, e sim um mal pecaminoso, um vício feio que, segundo a lenda, era a característica dos filhos de Sodoma; tanto assim que para poupar os mensageiros divinos, Ló ofereceu aos homens as duas filhas que ainda não conheciam varão. Foi nesta ocasião que os anjos estenderam as mãos e cegaram todos os varões que se encontravam do lado de fora.

E há quem diga que esta coisa execrável que aí se encontra foi ditado pelo próprio Deus!

Está com a palavra o genial Voltaire:

"Confessamos que o texto bíblico confunde aqui mais que em qualquer parte o espírito humano. Se êsses dois anjos, ou êsses dois deuses, eram incorpóreos, êles tinham tomado um corpo de extraordinária beleza para inspirar desejos abomináveis a todo um povo. Quel os velhos e as crianças, todos os habitantes machos, sem exceção, vêm em multidão para cometer em conjunto e pùblicamente uma tal abominação para a qual se escolhe sempre a solidão e o silêncio! . . .

Os sodomitas pediam êsses dois anjos como se pede o pão em tumulto nos tempos de fome. Não há nada na mitologia pagã que se aproxime dêste horror inconcebível. Os teólogos que afirmaram que êstes três celestes viajantes, dos quais dois vieram a Sodoma, eram Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, tornam ainda mais execrável o crime dos sodomitas, e esta história mais incompreensível.

A proposição de Ló aos sodomitas de dormirem todos com as suas duas filhas virgens, em lugar dos dois anjos, ou dois deuses,

não é menos revoltante. Tudo isto encerra a mais detestável impureza de que já se fêz menção em um livro.

Os intérpretes encontram alguma relação entre esta aventura e aquela de Filemon e Baucis; mas esta nada tem de imoral e é muito mais instrutiva. É a história de um burgo que foi punido por Jupiter e Mercúrio por haver faltado às leis da hospitalidade; é uma advertência para que se seja caridoso, não há nisso nada de impuro. Outros dizem que o autor sagrado quis exagerar a história de Filemon e Baucis, para inspirar mais horror para um crime muito comum nos países quentes. No entretanto, os salteadores árabes, que ainda se encontram nos desertos selvagens de Sodoma, estipulam sempre com as caravanas que passam por êsse deserto lhes dêem suas filhas virgens e nunca exigem rapazes.

Esta história dos dois anjos não é tratada aqui como apólogo ou alegoria; tudo é ao pé da letra; e não se vê fora disso que alegoria se poderia tirar para a explicação do Nôvo Testamento, para o qual o antigo é uma figura, segundo os Pais da Igreja". (79).

Vem depois a continuação da narrativa. Os anjos concitando Ló a abandonarem a cidade em companhia de sua família, porque esta seria destruida.

Vêem-se os genros de Ló acharem graça, em sua incredulidade, da ameaça de Ló e depois Ló sair da cidade maldita com os anjos, sua espôsa e suas duas filhas, advertidos todos de que não deviam olhar para trás.

Outras coisas mais se passaram, e por fim o Eterno derrama sôbre Sodoma e Gomorra uma chuva de enxôfre e de fogo que destruiu todos os habitantes e até os germes da terra. Uma espécie de bomba atômica celestial.

Diz Léo Taxil, que, quanto às cidades que foram destruidas, só constam as de Sodoma e Gomorra, no entanto, os teólogos estão de acôrdo em que tôdas as cidades desta planície foram destruidas pelo fogo do Céu e mesmo, um nome foi imaginado por êles: "a pentápole", a região devastada, o que significa a região das cinco cidades. Havia, assim, cinco cidades criminosas.

Em apôio de sua tese os teólogos se reportaram ao capítulo XIV, onde está narrada a guerra no curso da qual Ló foi feito prisioneiro e salvo graças à intervenção vitoriosa de Abraão e de seus trezentos e dezoito servos de elite. O versículo 2 dêste capítulo, com efeito, fala de cinco reinos que teriam existido nesta região e daí o concluirem que as cidades culpadas, para as quais havia Jeová decretado a exterminação, sejam precisamente as capitais dêstes cinco reinos.

---

(79) Voltaire — Oeuvres Complètes — T. XXIII, pgd. 81 e 82.

"Eis aqui para surpresa, esta passagem: "Os quatro reis (Amraphel, Arioch, Choidolahomor, e Thadal), fizeram a guerra contra Birsah, rei de Gomorra; contra Scinab, rei de Adama; contra Scemeber, rei de Seboim e contra o rei de Bellah, que mais tarde foi chamado de Zoar. Todos êles se encontravam reunidos no vale de Siddim, que é hoje o mar de Sal. (C. XIV, 2 e 3).

Mas, esta engenhosa interpretação dos teólogos não serve senão para fazer ressaltar as contradições da Bíblia. Com efeito, eis as cidade culpadas: Sodoma, Gomorra, Adama, Seboim e Belah. Assim, pois, o Senhor conversando com Abraão, manteve o seu decreto de exterminação contra tôda a Pentápole, porque em Sodoma não havia dez justos, não é assim? Mas os anjos incendiários pouparam Belah, chamada por isso, Zoar, simplesmente porque Ló desejou se transportar para esta cidade! .. No entretanto, os habitantes de Belah-Zoar eram, — não há como sair disso, — dados ao mesmo vício que os sodomitas, uma vez que Deus os havia jurado com o fogo do Céu. Poderão dizer que os belaitas não havendo recebido a visita dos anjos e não tendo oportunidade de revelar os mesmos desejos dos sodomitas, foram, por isso poupados, mas, e os habitantes de Gomorra, os adamitas e os seboitas estavam nas mesmas condições e por que, então, não foram poupados? E no que concerne a Gomorra, a ciência dos teólogos se exercitou de um modo curioso e sem que se saiba o porque, a Igreja admitiu, em virtude de uma tradição da qual não se encontra o mínimo traço em parte alguma, que o pecado desta cidade era exatamente o contrário do pecado de Sodoma.

Daí resulta que aquilo que os gregos chamavam "pederastia" é a "sodomia" na linguagem dos eclesiásticos; de outra forma, o vício safista que adquiriu um renome universal nas damas da ilha de Lesbos, devia entre os nossos tonsurados ser o dos "gomorrianos".

Por conseguinte, compreende-se bem, agora, qual era êste clamor que se elevava ao Senhor e que chegava aos Céus. Em Sodoma eram as mulheres que se queixavam de ser abandonadas; por outro lado, em Gomorra, eram os maridos que urravam suas lamentações ao Eterno. Mas, então, tem-se o direito de perguntar, por que em Sodoma a vindita celeste exterminou as mulheres, pois que, em realidade, os homens eram os únicos culpados nesta cidade, e por que em Gomorra, o Senhor não poupou êstes infelizes maridos, já tão iludidos pelas suas mulheres? E se nos quisermos entregar ao exame de um caso particular, é evidente que os dois senhores de Sodoma que eram noivos das filhas de Ló não eram pederastas; seu casamento estava bem apalavrado, prestes a ser celebrado, tanto que o santo homem lhes chamava genros. Segundo o autor sagrado, em parte alguma está escrito que fôssem culpados êsses dois genros de Ló, do mesmo excesso de impureza abominável, em virtude dos quais os sodomitas foram queimados com sua cidade; o texto não os mostra entre aquêles que quiseram violar os dois anjos; longe disto, O Gênesis dá a entender que êles estavam retirados honestamente em suas casas, pois que Ló os foi acordar para convidar a fugir com êle, e no entanto, êles foram envolvidos na destruição.

Quanto à mulher de Ló, é necessário convir que ela foi castigada por um movimento de compaixão, que a fêz volver para trás, onde se encontravam parentes seus. Sua estátua de sal, de qualquer forma, é

confirmada pelos escrivães judeus, ou cristãos do I.º século da era vulgar. O historiador judeu Flavio José assegura, em seu livro "Antiguidades" que êle viu esta estátua, ainda em seus dias. Dizem os céticos que os israelitas moldaram em sal uma estátua e diziam: esta é a mulher de Ló Têm-se visto estátuas talhadas em betume resistir consideràvelmente ao tempo.

Santo Irineu, vai mais longe ainda. "A mulher de Ló não é de carne corruptível, mas perpetuando-se como estátua de sal, ela continua tendo suas regras todos os meses". (Livro IV, C. II). Tertuliano em o "Poema de Sodoma" afirma a mesma coisa, com mais energia: Dicitur, et vivens salso sub corpore, sexus mirifice solito dispungere sanguine menses". Apesar de tudo esta maravilha ficou ignorada ou desconhecida dos romanos que tomaram a Palestina. Quando se apossaram de Jerusalém não tiveram a curiosidade de conhecer a estátua de sal, pela boa razão de ninguém lhes haver falado dela; nem mesmo Pompeu, Tito ou Adriano jamais ouviram falar de Ló, de sua mulher Edite e de suas duas filhas, nem de Abraão, nem de nenhuma pessoa dessa família. Hoje, os viajantes que vão explorar as cercanias do Mar Morto, não observam a presença de nenhuma estátua de sal ou de asfalto; os mussulmanos do país não tiveram a imaginação de fabricar uma, que faria grande prazer aos curiosos.

O mais interessante em tudo isso, é que os israelitas, segundo Strabão, não atribuem a destruição de Sodoma e Gomorra a castigos dos Céus, mas, apenas, a fenômenos naturais e erupções vulcânicas". (80)

Vejamos, agora, o que nos diz o grande geógrafo grego:

"A região de Sodoma e Gomorra tem sido muito trabalhada pelo fogo, o que disso há muitas provas: rochedos queimados, numerosas crateras, uma terra de cinzas, rios que espalham de longe um odor infécto, e aqui e alí, habitações em ruinas. Tudo isto faz crer que outrora havia treze cidades e que Sodoma era a metrópole; mas que, por tremores de terra, erupções de fogo subterrâneo e as águas betuminosas e sulforosas incendiadas, o fogo invadiu a terra e os rochedos guardaram a marca do cataclismo. Entre estas cidades, umas foram tragadas, as outras abandonadas pelos habitantes que puderam salvar-se". (18)

É longa, é mesmo bem longa esta história. Uma quantidade apreciável de argumentos destruidores poderiam ser acrescidos, para anular esta lenda absurda que a Ciência despresa. Por ora ficamos aqui. Que os leitores tirem as suas conclusões.

* * *

Sôbre a história de Sodoma e Gomorra, viram qual a tradição judaica recolhida por Strabão. Como vêem, neste pontos os judeus

---

(80) Léo Taxil — **La Bible Amusante** — pgs. 147 a 152.
(81) Strabão — **Livro XVI C. II.**

estão muito mais evoluidos que os católicos. Êles sairam do terreno do milagre, do impossível, para se porem de acôrdo com a Ciência.

Segundo a lenda bíblica, a pedido de Ló, uma pequena cidade foi poupada da destruição. Esta cidade, como vimos, é a célebre Zoar. Mas onde se encontrará esta cidade que todos até o presente desconhecem e ninguém conseguiu localizar?

Passemos a um episódio interessante que não pode deixar de ser narrado para a edificação dos leitores. Nada é por nós inventado. O que abaixo irão ler se encontra com tôdas as letras no capítulo XIX do Gênesis:

> "E subiu Ló de Zoar, e habitou no monte, e as suas duas filhas com êle porque temia habitar em Zoar; e habitou numa caverna, êle e as duas filhas.
>
> "Então a primogênita disse à menor: Nosso pai é já velho, e não há varão na Terra que entre a nós, segundo o costume de tôda a Terra;
>
> "Vem, demos de beber vinho a nosso pai, e deitemo-nos com êle, para que em vida conservemos semente de nosso pai.
>
> E deram a beber vinho a seu pai naquela noite; e veio a primogênita, e deitou-se com seu pai, e não sentiu êle quando ela se deitou, nem quando se levantou.
>
> E sucedeu no outro dia, que a primogênita disse à menor: Vês aqui, eu já ontem à noite me deitei com meu pai; demos-lhe a beber vinho também esta noite, e então entra tu, deita-te com êle, e não sentiu êle quando ela se deitou nem quando se levantou.
>
> E conceberam as duas filhas de Ló de seu pai.
>
> E teve a primogênita um filho e chamou o seu nome Moage; êste é o pai dos moabitas, até o dia de hoje.
>
> E a menor também teve um filho e chamou o seu nome Benami; êste é o pai dos filhos de Amom, até o dia de hoje" (vs. 30 a 38).

Será isto inspiração do Espírito Santo? Será que Deus ditou a Moisés coisas de tão alta "moralidade"? E deverão estas histórias que só podem ser concebidas por cérebros tarados, escapar à critica dos profanos? E onde a justiça de um Deus onisciente, que salva três criaturas da pior espécie, o que Êle não devia ignorar, e queima cinco cidades com todos os seus habitantes por pecados cuja monstruosidade não sabemos comparar?

Então Deus não podia prever o que iria acontecer a êstes três degenerados?

Uma filha que tentasse um pai e um pai que procriasse com sua filha seriam considerados pela sociedade contemporânea como dois monstros.

"O texto bíblico, escreve Voltaire, nada diz da atitude de Ló quando viu sua mulher transformada em estátua de sal; não fala tão pouco no nome de suas duas filhas. A idéia de embriagar o pai para dormir com êle é singular. O texto, ainda, uma vez, silencia sôbre o lugar onde elas conseguiram o vinho; mas afirma que Ló desfrutou de suas filhas sem se aperceber, nem da ocasião em que se deitaram com êle, nem do momento em que levantaram. É bem difícil desfrutar-se uma mulher sem que se saiba, sobretudo se ela é virgem. É um fato que não nos arriscamos a explicar.

De resto, não se vê o motivo ou o porque as filhas de Ló imaginassem que o mundo houvesse terminado, uma vez que Abraão havia engendrado Ismael de sua serva, que tôdas as nações estavam dispersas, e que a cidade de Zoar de onde essas moças se afastaram era tão perto. E a quem se dirigiram elas para conseguirem o vinho, se não havia negociantes de vinho, habitando as cercanias?". (82)

Voltaire observou, ainda, que esta história tem qualquer semelhança com a de Myrrha, que teve Adonis de seu pai Cyniras.

"Isto é imitação, diz êle, da antiga fábula arábica de Cyniras e Myrrha; mas, esta fábula é muito mais honesta. Myrrha foi punida por seu crime, ao passo que as filhas de Ló foram recompensadas com maior e a mais cara das bênçãos, segundo o espírito judeu: elas são as mães de uma numerosa posteridade".

Aqui ficamos; do contrário, se nos fôssemos alongar em todos os capítulos, teriamos que fazer vários volumes e sabemos que poucos são aquêles que lêem livros volumosos em demasia. Contentamo-nos em fornecer algumas amostras em cada capítulo, isto é, o suficiente para que os leitores possam tirar as suas deduções.

Vejam, pois, através destas páginas, a moral edificante da Bíblia, e de consciência digam se um homem que rejeita essas puerilidades cheias de coisas abomináveis pode ser mal visto?... Ou pode ser inquinado de não saber ler a Bíblia?... Ou pode ser censurado por lhe não adivinhar a chave mágica capaz de moralizar o imoral e clarificar o absurdo?...

---

(82) Voltaire — Oeuvres Complètes — ed. 1860 — T. XXIII, 83 e 84.

# CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA DE ABRAÃO

E partiu Abraão dalí para as terras do Sul, e habitou entre Cades e Sur; e peregrinou em Gerar, onde o patriarca repetiu a façanha vergonhosa que havia praticado com o Faraó. E Abimeleque, certo de que Sara era irmã de Abraão, porque êste assim o havia afirmado, tomou-a para si. Vendo Deus o que se passava, veio a Abimeleque, rei de Gerar, em sonho, durante a noite e disse-lhe: Eis que morto és por causa da mulher que tomaste, porque ela está casada com marido. Mas Abimeleque, não se tinha chegado a ela; por isso disse: Senhor, matarás também uma nação justa? Não disse Abraão que Sara era sua irmã? E não confirmou ela o dito de Abraão? Fiz isto com pureza de intenções. E disse-lhe Deus em sonho: Bem sei eu que na sinceridade de teu coração fizeste isso, e eu também te tenho impedido de pecar contra mim; por isso te não permiti tocá-la. Restitui, pois, a mulher a seu marido, porque profeta é e rogará por ti para que vivas, porém se não lh'a restituires, sabes que certamente morrerás, tu e tudo o que é teu. E levantou-se Abimeleque pela manhã de madrugada e contou aos servos atemorizados o que se havia passado. Depois Abimeleque chamou Abraão e disse-lhe: Que nos fizeste? e em que pequei contra ti, para trazeres sôbre mim e meu reino tamanho pecado? O que tens visto para fazeres tal coisa? Respondeu-lhe Abraão: Porque eu dizia comigo, certamente não há temor de Deus neste lugar, e êles me matarão por amor de minha mulher. E na verdade ela é também minha irmã, filha de meu pai, porém não filha de minha mãe, e veio a ser minha mulher. Então tomou Abimeleque ovelhas e vacas, e servos e servas e os deu a Abraão, e restituiu-lhe Sara, dizendo-lhe: eis que a minha terra está diante de tua face, habita onde bom fôr a teus olhos...

E orou Abraão, e sarou Deus e Abimeleque, e à sua mulher, e às suas servas, de maneira que tiveram filhos; porque o Senhor havia fechado totalmente tôdas as madres da casa de Abimeleque, por causa de Sara, mulher de Abraão. (Gên. XX, 1 a 17).

Nesta época, tinha Sara, apenas noventa anos. Teria Abraão falado a verdade a Abimeleque quando afirmou que Sara era ao mesmo tempo sua espôsa e sua irmã? Em caso afirmativo, estaremos

em frente de outro incesto e, além do mais, tanto se portou dignamente Abimeleque, como foi indigno Abraão. Incestuoso e proxeneta, eis os títulos que se podem ofertar a um homem que procede como êste decantado patriarca venerado por católicos, protestamos e judeus.

Além de tudo, mentiroso, pois êle escondeu a sua qualidade de marido de Sara. E foi assim que Abraão enriqueceu no comércio que fazia ou pretendia fazer com o corpo da mulher e sempre com aquêles de quem pudesse auferir lucros. E que Deus é este que castiga um homem, sua mulher e seus servos, quando sabe e afirma que êle agia na sinceridade de seu coração?

Vejamos algumas considerações de Voltaire a êste respeito:

> "Eis uma coisa extraordinária, embora seja de outro gênero. Primeiro, vê-se um rei em Gerare, deserto horrível onde desde êsse tempo não havia uma habitação. Segundo, Sara é ainda arrebatada por sua beleza, como o foi, no Egito, embora a Escritura lhe dê noventa anos. Terceiro, ela estava grávida, neste tempo, daquêle que veio a ser Isaque. Quarto, Abraão se serve do mesmo expediente que no Egito e diz que sua mulher é sua irmã. Sexto, os comentadores dizem que ela era sua sobrinha. Sétimo, Deus advertiu em sonho ao rei de Gerare que Sara é mulher de Abraão, e oitavo, êste rei ou chefe de árabes beduinos dá a Abraão, como o fêz o rei do Egito, ovelhas, bois, servos e servas, e mil peças de ouro. Nono, o Deus dos hebreus aparece a Abimeleque, rei ou chefe dos árabes de Gerare, assim como a Abraão e a Ló. No entretanto, Abimeleque, rei de Gerare, não era da religião de Abraão: Deus não havia feito um pacto senão com Abraão e sua semente. Décimo, Ló, que Deus salvou milagrosamente do incêndio milagroso de Sodoma, não era tão pouco da semente de Abraão. Êle é pelo seu duplo incesto, pai de duas nações idólatras. Eis outras tantas e novas dificuldades para os doutos, e outros tantos motivos de docilidade e submissão para nós". (83)

Não se contenta Voltaire com essas considerações; êle continua analisando com mais profundidade o assunto. Assim é que diz: Se a conduta de Abraão parece extraordinária, se o seu temor de ser assassinado por causa da beleza de uma mulher nonagenária parece a coisa mais quimérica do mundo, a conduta do chefe dos árabes de Gerare parece bem generosa, e o seu discurso muito sábio. Mas por que Abraão falou em deuses e não em Deus; Eloïm e não Eloï? Os comentadores afirmam que foi porque três eloins lhe apareceram, e não um só Eloï ou Eloa.

Para que as mulheres de Gerar se apercebessem de que estavam tôdas com as matrizes fechadas e impossibilitadas, portanto, de conceber, era necessário que êste rei do deserto houvesse retido Sara por muito tempo. Quanto à doença que as afligiu não foi especifi-

(83) Voltaire — **Oeuvres Complètes** — ed. 1860 — T. XXIII, pg. 84.

cada. Não se sabe se Deus se contentou em torná-las estéreis, o que só poderia verificar ao fim de alguns anos; ou se Deus as tornou indiferentes aos transportes amorosos de Abimeleque. Esta expressão *fechar a vulva* pode perfeitamente significar as duas coisas. Mas, nos dois casos, parece que Abimeleque quis devolver ou mesmo lhes devolveu a obrigação conjugal, uma vez que êle não estava tentado a dar preferência a uma mulher de noventa anos. Tudo isto é mais uma vez grande motivo de surpresa.

> "E o Senhor visitou a Sara, como tinha dito; e fêz o Senhor a Sara como tinha falado.
>
> "E concebeu Sara, e deu a Abraão um filho na sua velhice, e ao tempo determinado, que Deus lhe tinha dito.
>
> "E chamou Abraão o nome de seu filho que lhe nascera, que Sara lhe dera, Isaque". (Gên. XXI, 1 a 3).

Assim, cumpria-se a profecia. Sara deu à luz a um filho em sua velhice, que Abraão circuncidou com oito dias de nascido, conforme recomendação do Senhor. Tinha o patriarca, conforme o texto bíblico, a idade de cem anos.

Diz o grande escritor francês, que computando o tempo em que Abraão nasceu, êle devia ter cento e sessenta anos, mais ou menos, conforme os cálculos de Santo Estevão, e segundo a letra do texto. Mas, de acôrdo com a natureza humana, é raro gerar filhos com cem anos e com mais forte razão aos cento e sessenta. Assim o nascimento de Isaque é um milagre evidente, uma vez que Sara não tinha mais regras quando engravidou.

A história continua. Isaque está em pleno crescimento. Já foi desmamado. Agar, por imposição de Sara, é despedida com seu filho.

> "Então se levantou Abraão pela manhã de madrugada, e tomou pão, e um odre dágua, e os deu a Agar, pondo-os sôbre seu ombro, também lhe deu o menino, e despediu-a; e ela foi-se andando errante no deserto de Bersabá.
>
> "E consumida a água do odre, lançou o menino debaixo de uma árvore.
>
> "E foi-se, e assentou-se em frente, afastando-se a distância de um tiro de arco porque dizia: Que não veja eu morrer o menino. E assentou-se em frente, e levantou a sua voz, e chorou". (Gên. XXI, 14 a 16).

Se Abraão era um Senhor tão poderoso, se êle havia sido o vencedor de uma guerra contra cinco reis, com trezentos e dezoito homens da elite de seus servos, se a sua mulher lhe havia trazido tanto

dinheiro dos reis do Egito e de Gerare, parece muito duro e muito desumano enviar sua concubina e seu primogênito ao deserto, com um odre d'água, sob pretexto de que seu primogênito zombava do filho de Sara. Êle expôs um e outro a morrerem no deserto, apesar do pedido de Deus de deixar viver Ismael. Foi necessário que o próprio Deus mostrasse um poço a Agar para o impedir de morrer. Mas como tirar a água dêste poço? Cada vez que os árabes vagabundos encontravam uma fonte salobra sob a terra daquelas solidões arenosas, tinha o grande cuidado de cobrí-la e de marcar o lugar com uma estaca. Que preocupação esta do Criador do mundo, diz M. Boulanger, de descer do alto de seu trono eterno para ir mostrar uma fonte a uma pobre serva em quem fizeram um filho num país bárbaro que os judeus chamam Caná! Voltaire acrescenta que nós poderemos dizer aos detratores que Deus quis com isso ensinar-nos o dever de caridade. Mas, a resposta mais curta é que não nos compete criticar nem explicar a Santa Escritura, e que é necessário crer em tudo sem nada entender.

Passam-se os tempos e Jeová exige de Abraão o sacrifício de seu filho.

Amargurado, o velho patriarca pretende cumprir a determinação de Jeová; êste, porém, no momento decisivo, impede que Abraão o sacrifique.

Abraão é acusado de uma nova mentira, quando disse aos seus criados:

> "Ficai-vos por aqui com o jumento, e eu e o moço iremos até alí; e havendo adorado, tornaremos a vós". (Gên. XXII, 5).
>
> "E tomou Abraão a lenha do holocausto, pô-lo sôbre Isaque seu filho; e êle tomou o fogo e o cutelo na sua mão, e foram ambos juntos. (6)

Desta feita a mentira foi de um bárbaro, pois, as outras foram mentiras de avarento, de homem inescrupuloso.

Vejamos o que fêz Abraão para cumprir as ordem do Senhor:

> "E vieram ao lugar que Deus lhes dissera, e edificou Abraão alí um altar, e pôs em ordem a lenha, e amarrou Isaque, seu filho, e deitou-o sôbre o altar em cima da lenha.
>
> "E estendeu Abraão a sua mão, e tomou o cutelo para imolar seu filho;
>
> "Mas o anjo do Senhor lhe bradou desde os Céus, e disse: Abraão, Abraão! êle disse: Eis aqui.
>
> "Então disse: Não estendas a tua mão sôbre o moço, e não lhes faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus e não me negaste teu filho, o teu único". (Gen. XXII, 9-12).

Outros críticos audaciosos demonstram sua surpresa, por Abraão, com a idade de cento e sessenta anos ou pelo menos cem, ter cortado a madeira na base da montanha Moria para queimar seu filho, depois de imolado. É necessário para queimar um corpo, pelo menos uma grande carroça cheia de madeira sêca; apenas, um pouco de lenha não poderia bastar. Afirma que pôs esta lenha sôbre o dorso de seu filho Isaque. Esta criança não tinha ainda, treze anos. Pareceu a êstes críticos impossível que esta criança levasse tôda a lenha necessária, que teria sido difícil a Abraão de cortá-la.

O rescaldo que levou Abraão para acender o fogo não podia conter mais que algumas brazas que se teriam apagado antes de chegar ao lugar do sacrifício. Enfim, levou-se a crítica até o ponto de dizer-se que a montanha Moria não é mais que um rochedo completamente pelado, onde nunca nasceu uma árvore; que tôda a campanha que circunda Jerusalém foi sempre cheia de calhaus e que sempre se foi buscar lenha em lugares muito distantes para abastecer a cidade.

Analisai o sacrifício da filha de Jephte, e em seguida observai as reprovações de Isaías aos judeus que imolavam seus filhos aos deuses, e lhes esmagavam santamente a cabeça sôbre as pedras nas torrentes (C. LVII). Depois, então, ficareis convencidos de que os judeus foram em todos os tempos uns sagrados parricidas. Por que? É que êles abandonavam a Deus constantemente, e Deus, por sua vez, os abandonava, também, sem reprovação.

Esta lenda do sacrifício de Isaque foi copiada do Rhamatsariar, livro dos princípios indianos. Não é mais que a repetição da lenda do patriarca Adgigatha.

Adgigatha é um homem probo, predileto de Brama, que não tem filhos, até que êste faz conceber sua mulher de um modo milagroso. Um dia, Brama ordena-lhe que sacrifique seu filho, e se bem que tal ordem lhe apunhale o coração, dispõe-se a obedecer, quando Brama, tomando a forma de uma pomba, lhe aparece, ordenando-lhe que guarde o filho e acrescenta que êste viveria largo tempo, porque dêle haveria de nascer a Virgem, que conceberia o germe divino.

E a história continua. É chegada a hora da morte de Sara e esta narrativa está contida no Gênesis, C. XXIII, vs. 1 a 20.

Se Sara morreu com cento e vinte e sete anos, se ela morreu imediatamente após pretender Abraão degolar seu filho único, êste filho tinha, pois, trinta e sete anos, e não treze, quando seu pai o quis imolar ao Senhor, pois, sua mãe, segundo a própria narrativa bíblica, o concebeu com a idade de 90 anos. Se fizermos a conta, verificaremos a exatidão de nossos cálculos: 127-90 é igual a 37.

Assim, a fé e a obediência de Isaque superou de muito a de Abraão, uma vez que se deixou amarrar e estender sôbre a fogueira por um velho de cento e muitos anos. Tôdas essas coisas, tal como acontece hoje, estão muito acima da natureza humana.

O que mais causa admiração à crítica é ter sido Abraão um príncipe tão extraordinário, não possuir terras de sua propriedade, e não se concebe tão pouco, fôsse êle possuidor de tão grandes rebanhos e tantas riquezas e não tivesse podido adquirir campos para sustento de sua grande tropa. Foi necessário comprar uma caverna para enterrar sua mulher.

Adquiriu-a por 400 siclos e o siclo, diz Voltaire, foi avaliado em três libras e quatro sous de nossa moeda. Assim, 400 siclos valeriam 1.280 libras. Isto nos parece imensamente caro para um país estéril e pobre como o de Hebrom, que faz parte de um deserto, rodeado pelo lago Asfaltite, onde não havia comércio de espécie alguma. Afirmam que êle pagou êsses 400 siclos em boa moeda corrente. O interessante é que não havia moeda em Caná naquele tempo como também nunca os judeus cunharam moedas próprias. Entende-se, assim, que êstes 400 siclos tinham o valor da moeda que corria no tempo em que o autor sagrado escrevia. Eis, ainda, um problema insolúvel, uma vez que não se conhecia moeda no tempo de Moisés.

É muito longa a história do patriarca Abraão. Não é nosso intuito criticar a Bíblia integralmente, isto significaria fazer obra volumosa, e hoje em dia, com a vida dinâmica que vivemos, não nos sobra tempo para leitura de obras desta espécie. Fica, assim, apenas, uma pequena amostra.

O legislador da Bíblia é um copista fiel das antigas mitologias, diz Jacolliot, em seu livro "As Verdadeiras Origens da Bíblia" e historia de que modo Manú, legislador hindu, transformou-se em Manés para os egípcios, Minos, para os gregos e Moisés, para os hebreus. Quatro nomes a dominarem todo o mundo antigo, aparecidos no alvor de quatro povos diversos, para representarem o mesmo papel. Todos são legisladores, grandes sacerdotes, fundadores de sociedades sacerdotais e teocráticas. Manú, Manés, Minos e Moisés. E quando se averigue, como evidentemente está averiguado, que a Índia é a origem de tôdas as lendas da antiguidade, já não se estranhará o dizer-se que a Bíblia nasceu na Alta Ásia.

Na Bíblia judaico-cristã, os personagens correspondem, segundo E. Bossi, a outros entes mitológicos, por exemplo, Elias que, com seu carro de fogo e seus cavalos inflados, reproduz o Apolo grego.

Sansão e Jonas são cópias do mito pagão de Hércules que, também, como Jonas, permanece encerrado três dias no ventre de um monstro marinho e que, como Sansão, também significa pequeno sol.

O conde de Corbera, em sua epístola aos romanos (1768), assim nos fala:

> "Êstes plagiadores da antiguidade tomaram a água lustral dos hindús, romanos e gregos, suas procissões, a confissão praticada nos mistérios de Céres e Isis, o incenso, as libações, os hinos, tudo, até a vestimenta dos padres! Êles se prosternam, ainda, hoje, diante das estátuas e das imagens de homens desconhecidos, reprovando constantemente aos Péricle, aos Solon, aos Cipião, aos Catão, de haverem dobrado os joelhos ante os emblemas da Divindade. Que digo? Haverá um só acontecimento do Antigo e Nôvo Testamento que não tenha sido a cópia das antigas mitologias, hindús, caldéias, egípcias e gregas? O sacrifício de Idoméia não é visìvelmente a origem do sacrifício de Jefté? A corça de Efigênia não é o carneiro de Isaque? Não vêdes Eurídice na mulher de Ló? Minerva e o cavalo de Pégaso, escavando os rochedos e fazendo brotar água dêles não reproduzem o episódio prodigioso de Moisés? Bacchus atravessou o Mar Vermelho a pé enxuto, antes do patriarca dos judeus e fêz parar o Sol antes de Josué. As mesmas fábulas, as mesmas extravagâncias de todos os lados..."

Enfim, mesmo nesta história de Abraão, o velho patriarca, não puderam os judeus escrevê-la sòzinhos e mais uma vez se foram socorrer da velha Índia misteriosa, berço incontestável de tôdas as religiões.

# OS MANDAMENTOS

QUANTO aos mandamentos, o que é de admirar, é que havendo Moisés, segundo refere a Bíblia, recebido as táboas da lei, em lugar de cumprí-las, não lhes deu nenhuma importância.

> "E aconteceu que chegando êle ao arraial, e vendo o bezerro e as danças, acendeu-se o furor de Moisés, e arremessou as táboas de suas mãos, e quebrou-as ao pé do monte" (Gên. C.XXXII, 19).

E desprezando um mandamento importante contido nas táboas Sagradas, o *"não matarás"*, êle manda exterminar os idólatras.

> "E disse-lhes: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Cada um ponha a sua espada sôbre a sua côxa; e passai e tornai pelo arraial de porta em porta, e mate a cada um a seu irmão, e cada um a seu amigo, e cada um a seu próximo". (Gên. XXXII, 27).

Conselho maravilhoso próprio de um Deus, ordem admirável partida de um missionário, que apenas terminava de falar com Jeová proibindo as matanças. E se ficasse nisto, no desrespeito de Moisés para com o seu Deus, quebrando as táboas da lei, e no morticínio dos idólatras, seriam, apenas, dois crimes, mas o pior é que Moisés continua ordenando o morticínio, o roubo, a pilhagem e os mais degradantes atos de violação.

Depois, segundo reza a História, os tais mandamentos não são do patriarca, antes foram copiados da religião de Brama pelos autores do "Pentateuco".

Eis os mandamentos bramânicos: (84)

1º — Pecado do Corpo

2º — Pecado da Palavra

3º — Pecado da Vontade

os quais se desdobram nos dez mandamentos pela seguinte forma:

(84) Theodore Robinson — **Introduction de l'Histoire des Religions.**

| **Nos Vedas** | **Plágio de Moisés** |
|---|---|
| I — Bater | I — Pai e mãe honrarás (Avesta Porta II). |
| II — Matar seu semelhante | II — Não matarás... |
| III — Roubar | III — Não furtarás... |
| IV — Violar mulheres | VI — Não cometerás adultério... |
| **Da Palavra** | |
| V — Ser falso (dissimulado) | V — Não darás falso testemunho |
| VI — Mentir | VI — Não mentirás... |
| VII — Injuriar | VII — Um só Deus adorarás... |
| **Da Vontade** | |
| VIII — Desejar o mal | VIII — Não caluniarás... |
| IX — Cobiçar o bem alheio | IX — Não cobiçarás a mulher de teu próximo, nem seus bens |
| X — Não ter dó dos outros | X — Amarás o próximo como a ti mesmo. |

Ora, Moisés afirma haver recebido as táboas da lei no monte Sinai e das mãos do Senhor com quem falou cara a cara; e como é que se explica que êsses dez mandamentos sejam encontrados nos livros védicos, muito anteriores à Bíblia?

Allan Kardec, no "Evangelho Segundo o Espiritismo", diz que esta lei é de todos os tempos e de todos os países e tem, por isso mesmo, caráter divino. Tôdas as outras são leis que Moisés decretou para tolher a indisciplina adquirida pelo seu povo durante a escravidão do Egito.

Jesus, pois, não veio destruir aquela lei, isto é, a que Kardec classifica de divina, ao contrário, não só veio cumprí-la como também desenvolvê-la, dar-lhe sentido e adaptá-la ao gráu de adiantamento dos homens. Por isso é que, nessa lei, continua Kardec, se nos depara o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, base de sua doutrina.

Quanto às leis de Moisés pròpriamente ditas, êle, ao contrário, as modificou profundamente, quer na substância, quer na forma. Combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, por mais radical reforma não podia fazê-las passar do que reduzindo-as a esta única prescrição: *"Amar a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a si mesmo"*, e acrescentando: *"aí estão a lei e os profetas"*.

Por estas palavras diz o mestre: *"O Céu e a Terra não passarão sem que tudo esteja cumprido até o último ióta"*, quis dizer Jesus por necessário que a lei de Deus tivesse cumprimento integral, isto é, fôsse praticada na Terra inteira, em tôda a sua pureza, com tôdas as suas ampliações e conseqüências.

Efetivamente, de que serviria ser promulgada aquela lei, se ela devesse constituir privilégio de alguns homens quando todos, sem distinção nenhuma, são objetos da mesma solicitude.

* * *

Will Durante diz, em sua "História da Civilização", que quando penetraram no palco da História, os judeus não passavam de beduinos nômades, medrosos dos demônios do ar, adoradores das pedras, dos carneiros, dos bois, dos espíritos das cavernas e montanhas. O culto do boi e do carneiro era muito vivo; Moisés nunca pôde extirpar de sua gente a fé no bezerro de ouro, porque a adoração egípcia do touro ainda estava fresca em sua memória; por longo tempo, Jeová foi simbolizado por êste herbívoro. Vêmos no Êxodo como os judeus se regalavam em danças diante do bezerro, como Moisés e os levitas, ou a classe sacerdotal, mataram trezentos dêles, em punição à idolatria. Da adoração da serpente existe inúmeros traços nos começos da história hebraica, desde as imagens de serpentes que encontramos nas ruinas mais recuadas, até a serpente de bronze feita por Moisés e adorada no templo até a época de Esequiel (720 a. C.). Como entre tantos outros povos, a serpente se lhe afigurava sagrada, parte como símbolo fálico da virilidade, parte como símbolo da sabedoria, da sutileza e da eternidade — ou, literalmente, pela faculdade de juntar cauda com cabeça. Baal, simbolizado em forma de pedra cônica, muito semelhante ao linga dos hindus, era venerado por muitos judeus como o princípio masculino da reprodução, o espôso da terra que êle fecundava. Assim como o primitivo politeismo, diz Will Durant, sobreviveu na adoração de anjos e santos, e no teraphim, ou ídolos portáteis que serviam de deuses caseiros, assim, também, as nações mágicas, abundantes nos cultos primitivos, permaneceram até os últimos tempos, a despeito do protesto dos sacerdotes. O povo parece ter olhado para Moisés e Aarão como mágicos, e ter fomentado a profissão de mágicos e feiticeiros. A adivinhação do futuro era obtida por meio de dados (Urim e Thumim) sacudidos numa caixa (ephod) — ritual também usado para conhecer a vontade dos deuses.

Deve ser conhecido o seguinte trecho sintético sôbre as ingenuidades da Bíblia:

"Aparentemente os judeus, depois da conquista, tomaram um dos deuses de Canaan-lahu, e o recriaram à sua própria imagem. Severo, belicoso, rígido, com quase louváveis limitações. Porque êsse Deus não pretende ser onisciente; pede aos judeus para marcarem com sangue de cordeiro suas casas, a fim de que Êle inadvertidamente não lhes destruam as crianças, confundindo-as com as crianças egípcias; não está livre de cometer erros, dos quais a criação do homem foi o pior; lamenta já muito tarde, ter criado Adão, ou permitido a Saul tornar-se rei. Mostra-se aqui e alí insaciável, irascível, sanguissedento, caprichoso, petulante: "Eu serei bom para aquêles a quem quero ser bom e serei misericordioso para aquêles a quem quero mostrar misericórdia". Aprova em Jacó o uso da mentira para enganar Labão; sua política é flexível como a de um bispo na política. Fala demais e gosta de fazer longas prédicas; mas revela acanhamento; não permitirá que os homens o vejam de frente — só pelas costas. Nunca houve um deus mais completamente humano.

Originàriamente Jeová parece ter sido o deus do trovão, morando nas montanhas e adorado pelas mesmas razões que levaram o jovem Gorki à crença quando trovejava Os autores do "Pentateuco" para os quais a religião era um instrumento de govêrno, transformaram êsse Vulcano em Marte, e o enérgico Jeová se tornou predominantemente um imperialístico Deus dos Exércitos a lutar com tanta ferocidade pelo seu povo como os deuses da Ilíada.

"O Senhor é homem de guerra, diz Moisés; e Daví repete: "Êle instrui minhas mãos para a peleja". Jeová promete "destruir todo povo em cujas terras os judeus entrarem" e pouco a pouco expulsar os hivitas, os cananitas e os hifitas; e declara ser todo seu o território conquistado pelos israelitas. Nada de pacifismo; Jeová sabe que mesmo a Terra Prometida só pode ser conquistada e conservada por meio da fôrça; êle é um deus de guerra, porque tem de ser; só depois de séculos de derrota militar, de sujeição política e de desenvolvimento moral é que os judeus o transformaram no bondoso e amável pai de Hilel e Cristo. Como soldado, Jeová se mostra vaidoso; regala-se com o nectar dos louvores e ansioso de exibir suas habilidades afoga os egípcios: "êles saberão que sou o Senhor quando houver dominado o Faraó". Para favorecer o seu povo comete ou ordena a perpretação de brutalidades tão repugnantes para o nosso gôsto como eram aceitáveis para a moralidade da época; Jeová chacina povos inteiros com o ingênuo prazer de Guliver a lutar em pról de Liliput. Porque os judeus "fornicaram" com as filhas de Moabe, êle ordena a Moisés: "Toma todos os cabeças do povo e executa-os na presença do Senhor, diante do Sol; temos aqui a mesma moralidade de Assurbanipal e Assur. Êle promete misericórdia para os que o amam e lhe seguem os mandamentos, mas pune os filhos pelos pecados dos pais, dos avós e dos tataravós. Mostra-se tão feroz, que pensou na destruição de "todos os judeus quando os viu adorarem o bezerro de ouro; Moisés teve de discutir com êle e chamá-lo à ordem." Arrefece a tua feroz ira, diz o homem ao deus, e então "o Senhor arrependeu-se do mal que pretendera fazer ao povo". Outra vez quando os judeus se rebelaram contra Moisés, Jeová quis exterminá-los, mas Moisés apela para os seus bons sentimentos e acena com o que diria o povo se ouvisse tal coisa. Jeová exige de Abraão um cruel sacrifício humano. Como Moisés, Abraão ensina a Jeová princípios de moral e persuade-o a não destruir Sodoma e Gomorra, se houvesse 50, 40, 30, 20, 10 homens

justos nas suas cidades; pouco a pouco vai êle civilizando o seu Deus, e assim demonstra a maneira pela qual o desenvolvimento ético do homem leva a humanidade a uma periódica remodelação das divindades.

As maldições com que Jeová ameaça seu povo em caso de desobediência constituem modêlo de vitupério, e inspiravam os que queimavam heréticos na Inquisição ou excomungaram Spinoza.

"Maldito serás na cidade e maldito serás no campo. Maldito será o fruto de teu corpo e o fruto de tua terra... Maldito serás quando entrares e maldito quando saíres... O Senhor te ferirá com a tísica, com a febre, com a inflamação... O Senhor te ferirá com a úlcera do Egito e com bubões, e com a sarna e com o prurigo de que não te poderás curar. O Senhor te ferirá com a loucura e a cegueira, o desnorteamento do espírito... Também te ferirá com tôdas as enfermidades e pragas que não estão escritas no livro da Lei; até que sejas destruído". (85).

Isto que aí se encontra seria suficiente para desmentir a invenção de que êste Deus, com todos os defeitos humanos, fôsse capaz de apresentar a Moisés no monte Sinai, as táboas da lei. Um Deus perverso, assassino, destruidor, vingativo e vaidoso, que aprende preceitos de moral de suas criaturas, não estaria nunca à altura de ditar princípios, como os que se encontram no Decálogo. Êste Jeová, como demonstrou a sábia explanação de Will Durant, passou pela domesticação mais característica, foi evoluindo não a sua própria custa, pelos seus próprios esforços, mas, pela mão do homem que chegou a torná-lo o bom e misericordioso deus de Hilel.

*"Eu sou um deus ciumento"*, confessa Jeová, e obriga os fiéis a derrubarem seus rivais e a quebrarem suas imagens.

Para salientar a falta de unidade existente entre os judeus, em matéria de divindade, basta verificar que antes de Isaías os judeus não pensavam em Jeová como o Deus de tôdas as tribos, isto é, de todos os hebreus.

O deus dos moabitas era Chemosh, a quem, a conselho de Noemi, Rute deveria permanecer fiel. Belzebu era o deu de Ekron, e Milcolm era o de Amon; eram assim, teològicamente independentes.

Em um famoso cântico de Moisés, lê-se: "Quem entre os deuses é semelhante a ti Jeová"? e Salomão diz: "Grande é o nosso deus acima de todos os deuses".

Will Durant diz que não sòmente era Tammuz aceito por todos os judeus menos cultos como um deus real, como o seu culto se tornara popular na Judéia; Ezequiel lamentava-se de que o clamor feito lá fora, no rito da morte de Tammuz, fôsse ouvido no interior do Templo. Continua, ainda, o historiador a afirmar que o separa-

(85) Will Durant — **História da Civilização.**

tismo das tribus judaicas levava-as a terem as suas próprias divindades; "os teus deuses são em número igual ao número das tuas cidades, ó Judá"; e o sombrio profeta Ezequiel revoltava-se contra a adoração de Baal e Moloch pelos judeus.

Jeová trouxe à humanidade mais terror do que consolação.

É esta a história do povo hebreu numa síntese que já pode ser apreciada e de onde se pode deduzir a impossibilidade de haver sido o Decálogo recebido entre charangas e trovões, no monte Sinai, pelo patriarca dos judeus e das mãos de um deus sanguinário e perverso.

Vemos no tempo de Josias e do sacerdote Hilquias, o verdadeiro fabricante do "Pentateuco", a idolatria que reinava em seus domínios. Os altos das montanhas e os bosques continuavam a abrigar deuses de fora e a testemunhar estranhos ritos; uma boa minoria do povo ainda se prostrava diante de pedras divinas ou adorava Baal e Astarté, ou praticava a arte divinatória à maneira de Babilônia, ou queimava incenso diante das imagens, ou ajoelhava-se diante de serpente de bronze ou do bezerro de ouro, ou enchia o templo com o barulho de festins pagãos ou fazia suas crianças "passarem pelo fogo" em sacrifício. Diz Will Durant, com a sua incontestável autoridade de historiador, que mesmo alguns dos reis, como Salomão e Acab, "prostituiam-se" diante de deuses estrangeiros, o que deu motivo a que homens santos como Elizeu se erguessem contra essas práticas e sem serem sacerdotes procurassem com o exemplo de suas vidas levar o povo ao caminho da retidão. Foram os apaixonados profetas que purificaram e elevaram a fé e a prepararam para a indireta conquista do Ocidente.

* * *

Cyro de Morais Campos, em sua "Civilização Cristã", diz que nunca é demais salientar que aquilo que conhecemos como legislação sinaítica, não passou de uma seleção ou recompilação, após o exílio, de velhas coleções de usos e ritos, mutilados e adaptados de acôrdo com as conveniências de um culto servido por casta sacerdotal, sedento de exclusividade e poder; que o povo, súdito tanto do reino do norte, como de Judá, antes da conquista estrangeira, era simplesmente cananeu e nunca se deixara arrebanhar sob uma religião única, mas seguia os cultos antigos, tradicionais da terra, entre os quais se infiltrou o Javé do deserto; que os preceitos morais ditos da dupla Javé-Moisés eram correntes entre todos os semitas, que os atribuiam aos seus deuses nacionais; que os chamados patriarcas pertenciam ao corpo legendário dos povos de Caná e arredores, e o nome das doze tribos estilizadas, bem como Jacó e Israel, designavam desde épocas remotas, muito antes de Moisés, lugares e povos da mesma

Caná, onde se haviam como epônimos, e ao redor dos quais se teciam lendas; que Javé foi um nume feitichista do deserto e evoluiu por imitação e assimilação.

O código de Hamurabi, continua Morais Campos, além disso, recebido por êste rei babilônico das mãos de seu deus Marduque, cêrca de setecentos anos antes do Sinai convencional, e que não passou, então, de uma condensação, ordenação e reajustamento de velhos costumes e leis, contém em si quase tôda a legislação bíblica.

Van Loon, em sua obra "A Arte", 5ª edição, páginas 63 e 64, diz que muito antes de Moisés, já Hamurabi trazia a lei das dez táboas, sem os acréscimos infantís do Patriarca.

A antiga civilização da Babilônia, depois da conquista e do domínio persa, assimilou novas idéias e concepções sôbre sociedade e religião. Uma vida diferente se lhe descortinou depois que Alexandre trouxe com êle a superior cultura grega que certamente teve influência em todos os povos circunvizinhos.

O grande estadista efetuou naquêle meio, uma verdadeira revolução econômica e social; mas, no terreno político não foi além da teocracia e isto se explica pela intransigência de um clero monopolizador de riqueza e de poder, dono que era de um conceito de predestinação e de antiguidade, mas que, em realidade, não passava de uma simples congregação religiosa unida pelo mesmo caráter mercantil.

Os costumes cananeus, nos quais se integravam os beduinos, aos poucos iam passando à alçada de Javé. O rito selvagem do sacrifício dos primogênitos e outras vítimas humanas, passou a preocupar êsse deus, tal qual acontecia a Moloque. Abraão, sem estranhar, obedeceu à ordem de imolar Isaque, só não cumprindo a determinação porque esta, à ultima hora, fôra suspensa.

Vemos em "Números" — (XXXI, 28 e 40), dos despojos da vitória dos medianitas, 32 vidas humanas, dentre 16.000, foram escolhidas, certamente para serem queimadas em tributo ao Senhor. Essa triste cerimônia é mencionada de vez em quando nos livros sagrados.

Em Miquéias é referida com naturalidade:

> Miquéias — VI 7 — Agradar-se-á o Senhor de milhares de carneiros? de dez mil ribeiros de azeite? darei o meu primogênito pela minha transgressão? o fruto do meu ventre pelo pecado de minha alma?

Manassés (século VII), um dos últimos reis de Judá, predecessor de Josias, cumpriu o rito:

> Reis — XXI, 6 — E até fêz passar o seu filho pelo fogo"

Ezequiel consigna claramente que o triste preceito fôra estatuido por Javé sôbre o "povo eleito", embora com a ressalva de que o fizera como punição, o que em vez de abrandar, marcou, no dizer de M. Campos, a barbárie com o sêlo da estudipez:

"Ezeq-XX-Pelo que também lhes dei estatutos que não eram bons e julgamentos pelos quais não haviam de viver;

"26-e os contaminei nos seus próprios dons, nos quais faziam passar pelo fogo tudo o que abre a madre; para os assolar".

Assim, se verifica que êste povo de costumes tão primitivos, foi evoluindo através dos séculos, mesmo nos mandamentos que a imaginação tem como originários do Sinai, conservando, entretanto, o racismo religioso e os privilégios de oficiantes.

Os mandamentos mais antigos, segundo o mesmo autor, se encontram no C. XXXIV do Êxodo. São da lavra do escritor Javista (século IX) e vêmos alguns repetidos nos trechos do Eloista (século VIII) e onde mãos sacerdotais intercalaram, além do decálogo por nós conhecido tradicionalmente, uma circunstância da legislação de culto. Estava, pois, equiparada a série de preceitos divinos, embora os dez mandamentos modernos passassem a enumerar ordenanças mais aperfeiçoadas, o que significa que os mandamentos evoluiram, como se observará daqui por diante, até àquela forma bramânica já por nós citada anteriormente. Vamos transcrever o texto javista com os seus dez mandamentos, de cunho antigo, e os versículos eloistas correspondentes:

| JAVISTA | ELOISTA |
| --- | --- |
| 1.º — XXXIV — 12 a 16 — Guarda-te que não faças concerto com os moradores da terra onde hás de entrar; para que não seja por laço no meio de ti. Mas os seus altares derrubareis e os seus bosques cortareis. Porque não te inclinarás diante de outro Deus, pois o nome do Senhor é zeloso; Deus zeloso é êle; para que não faças concerto com os moradores da terra e não se prostituam após os seus deuses, nem sacrifiquem aos seus deuses, e tu convidado dêles, comas dos seus sacrifícios e tomes mulheres das suas filhas para os teus filhos e as suas filhas, prostituindo-se após os seus deuses, façam que também os teus filhos se prostituam após os seus deuses. | 1.º — XXIII — 24 — Não te inclinarás diante de seus deuses (dos moradores da terra), nem os servirás, nem farás conforme as suas obras; antes, os destruirás totalmente e quebrarás de todo as suas estátuas.<br>25 — E servireis ao Senhor vosso Deus e êle abençoará o vosso pão e a vossa água, e eu tirarei do meio de ti as enfermidades.<br>32 — Não faças concerto algum com êles ou com seus deuses. Na tua terra não habitarão, para que não te façam pecar contra mim; se servires aos seus deuses, certamente será um laço para ti. |

| | |
|---|---|
| 2.ºo — 17 — Não farás para ti deuses de fundição. | 2.º — XX — 23 — Não fareis outros deuses comigo; deuses de prata ou deuses de ouro não fareis para vós. |
| 3.º — 18 — A festa dos pães asmos guardarás; sete dias comerás pães asmos, como te tenho ordenado, ao tempo apontado do mês de Abib; porque no mês de Abib saíste do Egito. | 3.º — XXIII — 15 — A festa dos pães asmos guardarás; sete dias comerás pães asmos, como te tenho ordenado, no tempo apontado do mês de Abib; porque nele saíste do Egito. E ninguém apareça vazio (sem oferta para os sacerdotes) diante de mim. |
| 4.º — 19 — Tudo o que abre a madre meu é; até todo o teu gado que seja macho, abrindo a madre de vacas e ovelhas; | 4.º — XXII — 29b — O primogênito de teus filhos me darás. |
| 20 — O burro, porém, que abrir a madre resgatará com cabrito; mas se o não resgatares, cortar-lhe-ás a cabeça; todo primogênito de teus filhos resgatarás. E ninguém aparecerá vazio diante de mim. | 30 — Assim farás dos teus bois e das tuas ovelhas; sete dias estarão com as suas mães e ao oitavo dia m'os darás. |

Como claramente se vê, observa M. Campos, neste quarto mandamento é que se consignava o sacrifício dos filhos, oito dias após o nascimento para que, pelos menos, esgotasse o leite das mães.

| | |
|---|---|
| 5.º — 21 — Seis dias trabalharás, mas ao sétimo dia descansarás; na aradura e na séga descançarás. | 5.º — XXIII — 12 — Seis dias farás os teus negócios, mas ao sétimo dia descançarás; para que descance o teu boi e o teu jumento; e para que tome alento o filho da tua escrava e o estrangeiro. |
| 6.º — 22 — Também guardarás a festa das semanas, que é a festa das primicias da séga do trigo, e a festa da colheita do fim do ano. | 6.º — XXIII — 16 — E a festa da séga dos primeiros frutos de teu trabalho, que houveres semeado no campo, e a festa da colheita à saída do ano, quando tiveres colhido do campo o teu trabalho. Três vêzes no ano todos os teus varões aparecerão diante do Senhor. (Incluida a festa da Pascoa). |
| 23 — Três vêzes no ano todo o macho entre ti aparecerá ante o Senhor Javé, Deus de Israel; 24 — porque eu lançarei fora as nações de diante de ti e alargarei o teu têrmo; Ninguém cobiçará a tua terra quando subires para apareceres três vêzes ao ano diante do Senhor teu Deus (Mas que não apareças de mãos vazias). | |
| 7.º — 25 — Não sacrificarás o sangue (alma) do meu sacrifício com pão levedado. | 7.º — XXIII — 18a — Não oferecerás a alma de meu sacrifício com pão levedado. |

| | |
|---|---|
| 8.º — 25b — Nem o sacrifício da festa para amanhã. | 8.º — 18b — Nem ficará a gordura da minha festa da noite até a manhã. |
| 9.º — 26a — As primícias dos primeiros frutos da tua terra trarás à casa do Senhor teu Deus. | 9.º — 19a — As primícias dos primeiros frutos da tua terra trarás à casa do Senhor teu Deus. |
| 10.º — 26b — Não cozerás o cabrito no leite de sua mãe. | 10.º — 19b — Não cozerás o cabrito no leite de sua mãe. |

Êsses mandamentos registrados por um escriba do sul no século IX.º e por um do norte, no VII.º, contêm, certamente, parte dos velhos preceitos que trouxeram a Caná os primeiros semitas que aí penetraram no tempo de Abraão.

Foram atribuidos ao arbítrio de Javé, também identificado ao Deus principal das lendas antigas. Influiram nos costumes dos cananeus, dos povos circunvizinhos e também nos sírios e fenícios.

O fato de constarem do mesmo livro, próximos uns dos outros, êsses mandamentos provam que os compiladores possuiam retalhos e a todos quiseram aproveitar.

É claro que êste decálogo, diz M. Campos, velho em demasia, já não nos pode servir, porque muito do que há nêle é impraticável para nós. Quem cogitará hoje de expulsar de seu lar um palestino ou de dar a Javé tudo o que abre a madre? Tampouco terá de aparecer perante Deus judeu nenhum de nossos machos e muito menos compreenderiamos num código, os escrúpulos culinários de cozinhar ou não, cabritos no leite das próprias ou de outras mães.

> "Os dez mandamentos que ainda ornam os nossos catecismos, promulgados espetacularmente entre relâmpagos, trovões, buzinas, com o máximo desrespeito ao bom gôsto e à discrição, sabemos com certeza que foram coligidos por algum sacerdote, ou alguns, de Jerusalém, para substituir os primeiros já ultrapassados. A qualquer é fácil averiguar que se enxertaram no texto antigo do Eloista, entre XIX, 25 e XX, 18, onde começa o corpo de preceitos mais antigos, conforme se vê:
>
> XIX — 2 — E disse-lhe o Senhor: — Vai, desce; depois subirás tu e Aarão contigo.
>
> O sacerdote, porém, e o povo, não transpuzessem o têrmo para subir ao Senhor, para que não se lance sôbre êles (Aí vem o enxerto do decálogo). XX-18-E todo o povo viu os trovões e os relâmpagos e o sonido da buzina e o monte fumegando. E o povo, vendo isso, retirou-se e pôs-se de longe. 19-E disseram a Moisés: Fala tu conosco e ouviremos e não fale Deus conosco para que não morramos". (86).

(86) Cyro de Morais Campos — **Civilização Cristã.**

O decálogo repetido quase *ipsis verbis* no Deuteronômio (V-6/21), é o seguinte:

"1.º — XX — 2 — Eu sou o Senhor teu Deus que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. 3 — Não terás outros deuses diante de mim. 4.º — Não farás para ti imagens de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima do Céu, nem em baixo na Terra, nem nas águas debaixo da terra. 5.º — Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus ciumento, que visito a maldade dos pais nos filhos até a terceira e a quarta geração daqueles que me aborrecem. 6.º — E faço misericórdia em milhares aos que me amam e guardam os meus mandamentos.

2.º — 7 — Não tomarás o nome do Senhor Deus em vão, porque o Senhor não tomará como inocente o que tomar o seu nome em vão.

3.º — 8 — Lembra-te do dia do sábado para o santificar. 9 — Seis dias trabalharás e farás tôda a tua obra. 10 — Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus, não farás nenhuma obra, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro que está dentro de tuas portas. 11 — Porque em seis dias fêz o Senhor os Céus, a Terra, o mar e tudo o que nêles há, e ao sétimo dia descançou. Portanto abençoou o Senhor o dia do sábado e o santificou.

4.º — 12 — Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá.

5.º — 13 — Não matarás.

6.º — 14 — Não adulterarás.

7.º — 15 — Não furtarás.

8.º — 16 — Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

9.º — 17a — Não cobiçarás a mulher de teu próximo.

10.º — 17b — Não cobiçarás a casa de teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma de teu próximo".

O primeiro e terceiro mandamentos, diz, ainda, o historiador, respondem ao formulário peculiar ao culto de Javé; os outros enumeram, bombàsticamente, parte das exigências mínimas ingênitas ao homem, sem observância natural, sem condenação dos contraventores, das quais nenhuma sociedade, mesmo de selvagens, subsistiria.

Todo legislador profano que simulou haver a divindade ditado suas leis é visìvelmente um blasfemador e um pérfido; um blasfemador, uma vez que calunia a Deus; um pérfido porque escraviza o seu povo as suas próprias opiniões. Há duas espécies de leis, diz o filósofo, uma natural, comum a todos e a todos útil. Não furtarás e não matarás o teu próximo; terás um cuidado especial com aquêles que

te deram o ser e que construiram tua infância; não seduzirás a mulher de teu próximo; não mentirás para lhe causar dano e o auxiliarás em suas necessidades para que te tornes merecedor de auxílio". Eis as leis promulgadas desde o fundo das ilhas japonêsas até as praias de nosso Ocidente. Nem Orfeu, nem Hermes, nem Minos, nem Licurgo, tiveram necessidade que Júpiter descesse à Terra, acompanhado de raios e trovões, para anunciar verdades que já se encontravam gravadas em todos os corações.

As outras leis são políticas; leis puramente civis, eternamente arbitrárias, que tanto estabelecem o eforato, como os consulados, os comícios por centúrias, ou por tribos; um aerópago ou um senado; a aristocracia, a democracia ou a monarquia. Seria conhecer muito mal o coração humano, imaginar que um legislador profano houvesse estabelecido suas leis políticas em nome de Deus, que não fôsse para tirar partido, visando sempre aos seus próprios interêsses. Mas nem sempre isto acontece. Ainda, hoje, em assembléias de magistrados se encontram almas retas e elevadas, que propõem coisas úteis à sociedade sem se jactanciarem de qualquer revelação. Houve, mesmo, entre os legisladores, vários que instituiram leis admiráveis sem as atribuir a Júpiter ou a Minerva. Tal foi o senado romano, que deu leis à Europa e pode-se afirmar ao mundo todo, sem os iludir, que a elas submeteu seus súditos, com mais facilidade que Hermes aos egípcios, Minos aos cretenses e Zalmoxis aos antigos citas.

Com efeito, nenhum povo do mundo vê com indiferença a desintegração da família, e o desrespeito filial. Em tôda a sociedade, mesmo nos tempos mais recuados, o nome foi sempre zelado. O assassínio, o furto, o despudor, o adultério, em todos os tempos foram sempre punidos. O falso testemunho, a inveja, foram sempre condenados por tôdas as religiões de todos os povos da Terra.

No entretanto, se encararmos a Bíblia, na sua dura realidade, sem o servilismo pelo dogmatismo, verificaremos que o furto e o assassínio estão nela consagrados quando exercido fora da comunidade. A prostituição era entre os judeus um hábito sagrado, sem reservas, como é fácil verificar no caso de Thamar (Gên. XXXVIII), e, no dizer de Morais Campos, é nas páginas sagradas da Bíblia que vamos encontrar a origem da torpeza do serralho. Vemos Rubem a trazer afrodisíaco para a sua própria mãe, que teve ainda que disputar com a irmã, sua rival de leito, não um lar, mas as primazias e as vantagens do alcouce. E estaria Javé, pergunta o notável historiador, de acôrdo com o décimo mandamento, ao dar de herança ao povo adotivo, uma terra de que manava leite e mel, plantada de vinhas e olivais, semeada de cidades, à custa do trabalho milenar de outra gente que era necessário eliminar? E, por cúmulo, não sendo

isso verdade, não passou de argumento teológico inventado dentro do ambiente religioso e moral, a favor do Deus racista?

> "Amarás a Deus sôbre tôdas as coisas", mandamento moderno, por universal, é conceito alheio ao decálogo da Bíblia, mesmo em face da mística do Deuteronômio, ainda radicalmente judaica"
>
> "Não farás para ti imagens de escultura, etc." — Ruiu fragorosamente ante a vitória, sôbre a intempestiva exaltação reformatória dos cristãos, do paganismo popular que transportou a engenharia de seus templos, o modêlo dos altares e os seus ícones coloridos, para dentro dos arraiais católicos". (87).

Eis a história dos mandamentos. Êles passaram por inúmeras transformações até chegarem aos nossos dias, igualando-se, por fim, àqueles mesmos dos tempos de Hamurabi que, por sua vez, foi buscá-los na velha religião de Brama. Aos dogmáticos nada aproveitará o que se encontra escrito, não é, pois, para êles que escrevemos, do contrário, estariamos perdendo o nosso tempo. Diz bem uma máxima bramânica:

> "Fácil é chegar-se a um acôrdo com o ignorante; mais fácil, ainda, com o que sabe distinguir as coisas; mas, aos homens enfatuados com um saber insignificante, nem Brama é capaz de os convencer."

---

(87) Cyro de Morais Campos — **Civilização Cristã.**

## SERÁ O PENTATEUCO OBRA DE MOISÉS?

COMO verificamos em capítulo anterior, ficou provado que o primeiro livro atribuido a Moisés, não foi obra dêle. Um cochilo, uma palavra, derrubou por completo a lenda secular de que o Gênesis foi escrito pelo patriarca dos judeus. O país dos assírios, fundado 151 anos depois de Moisés, não podia ter saído da pena do legislador, uma vez que ainda não existia. Se no versículo 14, do capítulo I do Gênesis, estivesse escrito: *"O Tigre, rio que corre no país dos rotennous"*, não teriamos uma prova forte a mais para acrescentar contra a afirmativa de ser Moisés o autor do "Pentateuco". Mas, um descuido dos verdadeiros autores do Gênesis, pôs tudo por terra, pois lá encontramos com tôdas as letras: *"O Tigre, rio que corre no país dos assírios"*.

Atribuir a Moisés tudo o que se tem pretendido, é impossível, sob muitos aspectos. Ninguém será capaz de escrever sôbre sua própria morte, salvo em caso de manifestação espírita.

Em Deuteronômio, capítulo XXXIV, encontramos:

"E assim morreu alí Moisés, servo do Senhor, na terra de Moabe, conforme ao dito do Senhor.

"E o sepultou num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor: e ninguém tem sabido até hoje a sua sepultura.

"Era Moisés da idade de 120 anos quando morreu: e seus olhos nunca se escureceram, nem perdeu o seu vigor.

"E os filhos de Israel prantearam Moisés trinta dias nas campinas de Moabe; e os dias de pranto do luto de Moisés se cumpriram.

O Gênesis (XII, 6), descrevendo o caminho que seguiu Abraão desde a Mesopotâmia até Sichem, diz: *"Ora, os cananeus ocuparam então o país"*. Logo não foi Moisés quem escreveu isso, porque só o seu sucessor os expeliu do país, depois de haver feito extermínios próprios de canibais.

Tal documento só poderia ser escrito depois dos Juízes e no tempo dos reis sucessores, quando menos, Saul.

Não nos venham os defensores da paternidade de Moisés sôbre o "Pentateuco" com a afirmativa de que, sendo êle profeta, poderia muito bem ter sido inspirado com relação ao futuro. É uma escapadela inaceitável.

Temos, ainda, em favor de nossa tese, o fato de que nenhum profeta citou os livros do "Pentateuco", não fazem referência a êles, nem nos Salmos, nem nos livros atribuidos a Salomão, a Jeremias, a Isaías, enfim, em nenhum dos livros canônicos dos judeus. As palavras Gênesis, Êxodo, Números, Levítico, Deuteronômio não se encontram em nenhum escrito reconhecido por êles como autênticos. Em que língua teria Moisés escrito em um deserto selvagem? Não podia ser senão em egípcio, uma vez que é a própria Bíblia que afirma que Moisés e seu povo tinham nascido no Egito. Os egípcios daquêle tempo ainda não se serviam de papiros; gravavam-se hieróglifos sôbre a pedra mármore, ou sôbre a madeira. É, ainda, uma vez, a Bíblia que nos diz, que as táboas dos mandamentos foram gravadas em pedra polida, o que exigia esforços e um tempo prodigioso.

Será possível, indagamos, que em um deserto onde o povo judeu não possuia sapateiros e alfaiates, e onde o Deus do Universo era obrigado a fazer contínuos milagres para conservar as roupas surradas e os velhos calçados dos judeus, houvesse homens tão hábeis para gravar os cinco livros do "Pentateuco" sôbre o mármore ou sôbre a madeira? Responderão, naturalmente, que um bezerro de ouro foi feito por êstes homens em uma noite, e em seguida reduziram o ouro a pó, operação impossível na química ordinária e ainda não descoberta; que construiram o tabernáculo ornado com trinta e quatro colunas de bronze, com capitéis de prata; que teceram e bordaram cortinas de linho, de jacinto, de púrpura e escarlate; mas estas declarações é que fortificam a opinião dos contraditores. Êles contraporão que em um deserto onde faltava tudo, não era possível fazer obras tão extraordinárias; que era necessário fazer em primeiro lugar, calçados e túnicas; que para as pessoas a quem falta tudo, o luxo não entra em suas cogitações; e que é uma contradição a afirmativa de que entre o povo judeu existiam fundidores, bordadores, gravadores, quando faltavam o pão e a roupa.

Se Moisés houvesse dito que Deus punia a iniquidade até a quarta geração, Ezequiel não teria ousado afirmar o contrário. (Ezequiel C. XVIII).

Teria êle concedido quarenta e oito cidades aos levitas em um país onde não existiam dez, e em um deserto onde êle sempre errou sem encontrar sequer uma habitação?

Teria êle escrito regras para os reis judeus, quando não havia reis entre seu povo? Então, Moisés teria dado preceitos para a conduta de reis que não existiram senão cinco séculos depois dêle, e não teria êle escrito algo para os Juízes e pontífices que lhe sucederam? Esta reflexão nos conduz a crer que o "Pentateuco" tenha sido escrito no tempo dos reis e que as cerimônias instituidas por Moisés eram, apenas, tradição.

"Poderia acontecer, diz o filósofo, que Moisés houvesse dito aos judeus: "Eu não vos fiz sair em número de seiscentos mil combatentes da terra do Egito, sob a proteção de vosso Deus?" — E os judeus certamente, lhe teriam respondido: "É necessário muita timidez para não nos atirardes contra o Faraó do Egito, êle não nos poderia enfrentar com duzentos mil homens. Nós o teríamos vencido sem esfôrço e seriamos os donos do país. Então! O Deus que vos fala degolou, para nos alegrar, todos os primogênitos do Egito, e se há neste país trezentas mil famílias, isto equivale a trezentos mil homens mortos em uma noite para vingar-nos, e vós não secundastes o vosso Deus! e não nos podieis ter dado êste país fértil que os seus filhos não poderiam defender! Preferistes fazer-nos sair como ladrões e covardes, para nos fazer sucumbir no deserto, entre os precipícios e as montanhas! Poderieis, quando menos, conduzir-nos por caminhos certos para esta terra de Caná, à qual nenhum direito nos assiste, mas que nos prometestes e na qual não nos foi dado ainda penetrar."

Diz a Bíblia que Moisés escreveu o Decálogo (1) sôbre duas lâminas de pedra. A conclusão a que podemos chegar é que não existindo papirus naquele tempo, o chefe judeu, para escrever o "Pentateuco", isto é, os cinco volumosos livros a êle atribuidos, só podia se ter servido do mesmo material.

A Bíblia, diz, ainda, que Josué fêz gravar sôbre um altar de pedras brutas, rebocado de argamassa, todo o Deuteronômio (2). Se isso fôsse verdade esta gravação não se teria conservado para os pósteros.

Moisés não podia ter dito que se encontrava para lá do Jordão, quando, ao contrário, se encontrava para cá dêste rio.

Êle não podia ter falado de cidades (3) inexistentes em seu tempo.

Êle não podia ter apresentado preceitos para conduta de reis, quando êstes não existiam ainda. (4)

---

(1) Êxodo — XXXII, 15 (2) — Josué - VIII, 32; (3) — Números - XXXV, 7; (4) Deteur. — XVII, 14, 16.

Êle não podia ter citado o livro do Reto-Justos (5), porque êste foi escrito no tempo dos reis.

Êle não podia ter ordenado a seu povo pagar meio siclo por cabeça, segundo o siclo do santuário, porque os judeus não possuiam templos e só os possuiram muitos séculos depois de Moisés (6). Vêde, caro leitor, se o sêlo da impostura foi alguma vez mais bem colocado?

Não penetremos aqui nos detalhes dos prodígios espantosos que tornaram Moisés testemunha ocular. Milord Boligbroke repreende com extrema severidade aquêles que dão a paternidade do "Pentateuco" a Moisés, e sobretudo aquêles que fazem cantar um longo poema a êste patriarca de oitenta anos, saindo do fundo do Mar Vermelho, à frente de três milhões de pessoas, às quais precisava alimentar e manter. Diz êle que é necessário ser-se "muito imbecil e tão impudente quanto um Abadie (teólogo protestante), para ousar trazer como prova de autencidade dos escritos de Moisés, a afirmativa de que êle os leu para todo o povo judeu. É precisamente esta a questão. Aquêle que os escreveu, seiscentos ou setecentos anos depois dêle, pôde, sem dúvida, dizer que Moisés lera sua obra aos três milhões de judeus reunidos no deserto. Esta circunstância não é mais difícil de imaginar que as outras. Milord, acrescenta que as puerilidades de Abadie e de seus consortes não sustentarão êste edifício monstruoso que desmorona de todos os lados e que cai sôbre sua cabeça.

O sábio Lacroze se explica desta forma sôbre o comêço do Deuteronômio, em seu manuscrito, que se encontra em Berlim: "Tantas palavras, tantas falsidades pueris e tantas provas saltam aos olhos sôbre a impossibilidade de Moisés haver escrito qualquer dos livros que a ignorância lhe atribui."

É falso que Moisés haja falado para além do Jordão, quando êle não o atravessou nunca, e morreu sôbre o monte Nebo, longe e ao oriente do Jordão, conforme nos diz a Escritura.

É falso e impossível que êle pudesse estar em outro deserto de Pharan uma vez que está dito que êle ganhou uma batalha nesta mesma época, no deserto de Moabe, a mais de cento e cinqüenta léguas de Pharan (Parã).

É falso e impossível que êle estivesse nesse deserto de Pharan (Parã), próximo do Mar Vermelho, uma vez que o Mar Vermelho dista mais de cinqüenta léguas de Pharan.

É falso que haja muito ouro em Hazeroth perto de Pharan. Êste miserável país, longe de possuir ouro, não possui senão calhaus.

---

(5) Josué — X, 13 e II Reis — I, 8; (6) — Êxodo — XXX, 13.

Dom Calmet repete em vão as explicações de alguns comentadores, bastante impudentes por dizer que para lá do Jordão significa para cá. É necessário, então, dizer que o em cima significa em baixo, que dentro significa fora, e que os pés significam a cabeça.

O autor, qualquer que êle seja, faz falar Moisés sôbre as margens do Mar Vermelho no quadragésimo ano e onze meses depois da saída do Egito, para dar fôrça à sua narrativa pelo cuidado de marcar as datas; mas êste cuidado o traiu, e faz aparecer tôdas as mentiras. Moisés saiu do Egito com a idade de oitenta anos; e a Escritura diz que êle morreu com cento e vinte. Assim, êle já estava morto quando o Deuteronômio o fêz falar; e êle o fêz falar em um lugar onde êle não esteve, e onde êle não podia estar.

Uma multidão de escritores indignada com tôdas essas incoerências as combate ainda hoje; ela demonstra que não há uma única página da Bíblia que não tenha um êrro ou contra a Geografia ou contra a Cronologia, ou contra as leis da natureza, ou contra a História, ou contra o senso comum, ou contra a honra, o pudor e a probidade.

Não aprovamos, diz irônico o filósofo, semelhante zêlo, condenamos as invectivas atiradas a indivíduos que só nos devem merecer piedade e lágrimas. Mas somos forçados a convir que seus argumentos ou as suas razões merecem um exame dos mais acurados.

Será possível que ante considerações desta natureza, onde a razão penetra forte e fàcilmente, destruindo tôdas as barreiras da mentira e da invencionice, ainda se aceite o "Pentateuco" como obra de Moisês?

Frei Lenormant, católico confesso, diz não poder submeter-se aos velhos meios de defesa, como homem de ciência que se preza de ser.

> "Não será imaginando que a existência de tal ou qual mito babilônico, fenício ou iraniano corresponda a tal ou qual narração dos primeiros capítulos do Gênesis, que se confirma a realidade histórica dêste. É antes a idéia diametralmente oposta.
>
> Não é em conclusão o que resulta da conformidade das fontes politeicas com o Gênesis que êle seja rigorosamente histórico, ainda mais quando a Bíblia nos oferece a verdade obscurecida em tôda a parte: porém, muito ao contrário, resulta dos confrontos, que ela é puramente mítica e que o mito bíblico não tem outro caráter, nem maior autoridade que as tradições de outros povos." (88).

É um homem eminente que se manifesta e cuja opinião é das mais preciosas porque pertence a uma religião que não tolera ser contrariada.

---

(88) Fr. Lenormant — **Les Origines de l'Histoire** — II - pg. 265.

"O que se chama agora de Palestina era, naquele tempo, a terra de Caná habitada por um povo semita, os cananitas, muito semelhantes aos fenícios que fundaram Tiro e Sidom, e aos amoritas que conquistaram a Babilônia e, sob Hamurabi, fundaram o primeiro império babilônico.

Os cananitas eram um povo sedentário e civilizado nos dias contemporâneos, talvez, dos de Hamurabi. Diz a narrativa bíblica, que Jeová prometeu essa terra risonha de prósperas cidades a Abraão e seus filhos O leitor verá no Gênesis, como Abraão, não tendo filhos, duvidou da promessa, nascendo-lhe, então, Ismael e Isaque. E, ainda, no Gênesis, acompanhará as vidas de Isaque e Jacó, cujo nome foi mudado para Israel, e dos doze filhos de Israel; e verá como nos tempos de uma grande fome, emigraram êles para o Egito. E com isso, o Gênesis, o primeiro livro do "Pentateuco" se encerra. O segundo livro, o Exodo, narra a história de Moisés.

A história do estabelecimento e a posterior escravidão dos filhos de Israel no Egito é de difícil comprovação. Há um documento egípcio referente ao estabelecimento de certos povos semíticos na terra de Goshen, pelo faraó Ramsés II, e em que se afirma que foram trazidos ao Egito, pela falta de alimentos. Mas da vida e carreira de Moisés, não há nenhum documento egípcio; como não há de quaisquer pragas do Egito ou de qualquer faraó que se afogasse no Mar Vermelho.

Há muito na história de Moisés de perfume mítico; um de seus mais notáveis incidentes, a sua ocultação pela mãe em um cêsto, encontra-se, também, entre as antigas lendas sumerianas.

> "Sargão, o rei poderoso, o rei de Acadia, sou eu; minha mãe era pobre, e meu pai não o conheci; o irmão de meu pai vivia nas montanhas... Minha mãe que era pobre, deu-me à luz, secretamente; colocou-me num "cêsto de vime", tapou-o com betume e abandonou-me no rio, que não me tragou. O rio carregou-me para diante e me levou até Akki, irrigador. Akki, o irrigador, recebeu-me na doçura de seu coração. Akki, o irrigador, fêz-me jardineiro. Meu serviço como jardineiro foi agradável a Istar e eu me tornei rei".

Isto é embaraçante E ainda mais embaraçante é a descoberta de uma lâmina de barro, escrita pelos governadores egípcios de uma cidade, em Caná; ao faraó Amenophis IV, que pertenceu a XVIII dinastia, anterior, portanto, a Ramsés II. Êsse documento menciona claramente os hebreus pelo nome e declara que êles se achavam conquistando Caná. Ora, se os hebreus estavam conquistando Caná, ao tempo da 18a. dinastia, não podiam tê-lo feito, antes de conquistarem Caná, os oprimidos e cativos de Ramsés II, da 19a. dinastia. Forçoso é pois admitir que a história do Êxodo, escrita muito depois dos acontecimentos que narra, tenha resumido, simplificado e talvez, personificado e personalizado em Moisés uma história, que na realidade foi um longo e complexo processo de lutas e incursões tribais. Uma tribo hebréia podia ter sido arrastada ao Egito, onde se tornou escrava, enquanto outras já se achavam atacando as cidades cananitas mais exteriores. É mesmo possível que a terra do cativeiro não tenha sido

(89) H. G. Well — **História da Civilização.**

o Egito (Misraim, hebreu), mas Misrim, ao norte da Arábia, do outro lado do Mar Vermelho. Tôdas essas questões são amplamente discutidas na Enciclopédia Bíblica (Arts. Moisés e Êxodo) a que se deve reportar o leitor". (89).

Como está evidenciado, eis aqui mais um historiador que é contra a tradição de que Moisés tenha sido o autor do "Pentateuco". Apresenta provas e mostra a impossibilidade daquela narração bíblica.

A. M. Berthelot, em "La Grande Encyclopédie", diz que em nenhuma parte se encontra, como na Ásia, tão grande variedade de religiões; sem falar das concepções dos povos de civilização primitiva, que não chegaram aos grandes sistemas religiosos. Foi na Ásia, diz o eminente enciclopedista, que nasceram tôdas as religiões, Judaismo, Cristianismo, etc.

"O Tora, ou os cinco livros de Moisés-Êstes foram declarados canônicos pela comunidade que a êles se submeteu, mediante a intervenção do autor judeu Esdras (444 a. C.).

O escriba Esdras, a cujos esforços deve o caráter canônico esta coleção composta de obras de diversos autores, conheceu com exatidão a sua origem. Cita os mandamentos do Pentateuco como dados por Deus pela bôca de seus profetas (Esdras 9.10.11); mas depois que o Tora, já canônico, se considerou como autêntica revelação, mosaico de Deus, teve de formar-se paulatinamente, de conformidade com as circunstâncias de que as partes isoladas da lei foram postas na bôca de Moisés e por êle mesmo consideradas já anteriormente readatadas por êle". (90).

Diz F. Vigouroux em seu "Dictionnaire de la Bible":

"Encontramos dúvidas sôbre a origem do Pentateuco em Andréas Masins (1573), que sofreu réplica do pouco independente Jacques Bonfrère em (1643); em Hobbes, em seu livro de "Leviathan" (1651).

"Muito adiantado de seu tempo se mostra, também, em juízo desta questão, Baruch Spinosa, negando no "Tractatus Theologico-Político" a origem de Moisés e procurando demonstrar a formação gradual do Pentateuco e a participação que nêle teve Esdras.

Spinoza estava incitado pelas dúvidas que rabinos como Aben-Ezra (1167) haviam já manifestado muito cautelosamente.

No entretanto, as tais dúvidas não resolviam o problema, era necessário encontrar indícios seguros que permitissem diferençar entre si as partes distintas.

Tem mérito imortal por havê-lo conseguido, o médico da Câmara de Luiz XIV, Jéan Astruc (1684-1764), em sua obra "Conjectures sur les Mémoires Originaux, dont il parait que Moïse est servi pour

(90) G. Oncken — **História Universal**, ed. 1929.

composer les livres de Gênèse". Bruxelles, 1753. Partindo de princípios apologéticos e procurando explicar os muitos relatos duplos e contraditórios, não se contentou, como B. Simon, com o expediente de que Moisés houvesse composto suas narrações, compilando-as de diferentes escrituras mais antigas, senão, que se esforça, também para desentranhar estas várias fontes. Faz o descobrimento de que determinados trechos evitam o nome de Jahwe, e em seu lugar dizem constantemente Elohim. Disso se deduz que Moisés aproveitou principalmente duas memórias a jawhística e a elohista. O seguinte ensaio que se faz para a solução dêste ponto foi de Karl David Ilgen (quando Reitor de Aschulfortz — 1798). Êste descobriu não só uma, mas duas fontes no Gênesis, que evitavam o nome de Jahwe e deram Elohim em seu lugar.

Há, pois, que diferençar além do jahwista, um primeiro e segundo elohista. Partindo da necessidade de explicar, ajustando a um plano, o progresso que se manifesta no estudo do Gênesis, supôs F. Blaek, a quem se uniram F. Fuch, J. J. Stähelin e F. Delitzsch, que a narração tinha por base o fundamento do livro do elohista, que por esta razão se chama o livro fundamental e que êste foi ampliado pelo Jahwista. A êste último se deu o nome de ampliador e a tôda hipotese o de "hipótese de ampliação." Entretanto, isto foi destruido pela circunstância de que sôbre o mesmo sucesso se encontram de dois a três relatos que se contradizem. Os atribuidos ao ampliador, manifestam marcadamente um plano próprio, completamente independente do que se vê no livro Elohista.

H. Hupfeld — 1853 tem o mérito de haver colocado a crítica no seu verdadeiro caminho, e muitos pontos de seu trabalho, sendo precedido por P. Gramberg e H. Ewald.

Hupfeld demonstra que o chamado escrito fundamental da hipótese da ampliação não é obra que tenha uniformidade: desta tem que descartar-se, antes de tudo e por completo, o primeiro elohista, separando todo o texto que erroneamente o havia sido atribuido.

O separado e as ampliações da hipótese do mesmo nome têm que ser divididos entre o elohista e Hilgen e o jawhista daquela, o qual não é ampliador de modo algum. Mas bem pode deduzir-se dêstes escritos que um redator fêz um amálgama das fontes que considerou igualmente exatas, equivocando-se, daí as contradições ou interpretando-os à sua maneira, coisa, hoje, comum nestes casos, pelos menos eruditos." (91).

Apesar da mixórdia e da confusão que entre os próprios teólogos se estabelece com relação à Bíblia, que nunca chegarão a pô-la em ordem, é o próprio F. Vigouroux, Prêtre de Saint Sulpice, que nos diz que desde 1573 já se duvidava da autencidade do Pentateuco como obra de Moisés. É necessário que fique bem acentuado que nesta época era muito arriscado tal dúvida, ou tal discordância, e que ela foi ganhando terreno como ficou patenteado acima, até os nossos dias.

(91) F. Vigouroux — **Dictionnaire de la Bible.**

"Pentateuco" (ou os cinco livros de Moisés) — Sabe-se, porque o dissemos em diferentes lugares, que o trabalho da crítica distinguiu no Pentateuco uma série de fontes ou documentos, notadamente o documento Jeovista-profético, o documento Eloista-Sacerdotal e o documento Deuteronômico, cuja combinação e mistura teriam dado nascimento ao estado atual dos têxtos; mas, quando se lhes procurou restabelecer a forma primitiva, reconheceu-se que êles tinham sido truncados, retocados, deslocados, interpolados, em condições de lhes não permitir a reconstituição com certeza. O Pentateuco, deve, pois, ser considerado, como um amálgama de peças de procedências diversas, às quais um redator de conjunto deu uma unidade mais exterior que real. A unidade é sôbre o assunto tratado e em algumas proposições dogmáticas, como a eleição de Israel, o caráter espiritual da divindade, etc., há diversidade que vai até à contradições que se manifestam na sucessão dos fatos e na maneira de apresentá-los. Êste resultado geral, contra o qual os representantes da tradição começaram por protestar, é hoje reconhecido pela maioria dos exegetas. Seu esfôrço se traduz hoje sôbre a classificação dos principais documentos entrados na composição do Pentateuco. Se se coloca, por exemplo, o documento deuteronômico sob o rei Josias (620 aproximadamente a. C.), o documento jeovista-profético poderá ser transportado ao século XVIII, e o documento elohista-sacerdotal mais antigo, até a época do cativeiro ou da restauração. O trabalho da redação, que deu nascimento ao Pentateuco tradicional, poderia, então, ser tido como contemporâneo da época de Esdras e Nehemias segunda metade do V.º século a. C.). Tais são, salvo a variedade de detalhes, os pontos de vista que hoje prevalecem. Êles estão longe de ficar fora de objeções; temos da nossa parte insistido sôbre o principal argumento invocado para manter a antiguidade do documento Jeovista-profético, isto é, que êle, autorizando a pluralidade dos santuários, repousava em verdadeiro engano, e levando o Deuteronômio à época de Josias esbarrava em grandes dificuldades; sustentava em conseqüência que a redação dos três documentos principais do Pentateuco devia ser colocada na época da restauração; a redação de conjunto seria, então deslocada ao IV.º século, sem exclusão de adições e de retoques de datas, ainda, mais recentes.

O que complica esta questão de ordem, antes de tudo literária, é a ausência de uma cronologia da história judia para o período de mais de quatro séculos, que separa a destruição do reino de Judá da insurreição dos macabeus, e a falta de têrmos de comparação emprestados a documentos de uma incontestável autenticidade. Para a divisão do texto tradicional entre as fontes, torna-se indispensável consultar os tratados especiais. Algumas traduções modernas da Bíblia, notadamente, aquela de Kautsch (na Alemanha), dão margem às indicações necessárias". (92).

É mais um estudioso do assunto, um homem de incontestável competência, que nos demonstra pràticamente que o "Pentateuco" não pode ser obra de Moisés.

E assim, vamos provando, que as nossas convicções, que se confundem com as dos vultos eminentes que temos citado, não são

(92) Maurice Vernes — Professor Adjunto de Altos Estudos — La Grande Encyclopédie de Berthelot.

o produto de um espírito preconcebido, mas, sim, da elucidação da História através de um número considerável de autores.

* * *

Eis o que nos diz Lewis Browne, querendo refutar os que afirmam que os conhecimentos e as tradições que nos foram legados pelo povo hebreu, eram exclusivamente seus:

"Digo surpreendente, porque é comum a idéia de ser a sabedoria de Israel de uma só espécie, como o feno na carroça de um fazendeiro. Na realidade, é ela mais variada que o sortimento de um mascate. Nem é de estranhar, se considerarmos a idade dêsse saber e os muitos países em que êle se acumulou. Nas suas peregrinações — não o esqueçamos — os judeus foram ao mesmo tempo mestres e discípulos. Aprenderam com os egípcios, os cananeus, os babilônios, os gregos, os partos, os romanos, os árabes e todos os outros povos com que a boa ou má sorte os pôs em contato. A despeito de tôda a exclusão a que estiveram perenamente sujeitos, apesar de todo o isolamento a que repentinamente se empenharam em submeter-se, nunca foram imunes da influência dos gentios. Do contrário, a sua sapiência sofreria necessàriamente a sorte de tôdas as coisas nascidas do incesto persistente. Tornar-se-ia anêmica, depravada e estéril, fruto do adultério intermitente, ela medrou pelo contrário, cada vez mais fértil e vigorosa".

Vejamos, ainda, o que nos diz mais uma vez o autor de "A Sabedoria de Israel" no capítulo "Notas sôbre a Lei":

"As escrituras judaicas iniciaram-se com a Tora ou "lei" inscrita nos chamados "cinco livros de Moisés"; é nela que se encontra o cerne da mais antiga sabedoria de Israel. Críticos doutos concordam em que essa lei não é realmente mosaica, mas antes um MOSAICO. Compõe-se de um certo número de elementos diversos que refletem as atividades morais e sociais muito divergentes de tantos e tão diversos períodos da história hebraica.

Estudiosos modernos chegaram a distinguir pelo menos quatro elementos:

1.º — O Javístico, advindo originàriamente das tribos hebraicas estabelecidas no sul da Palestina é assim denominado porque, entre elas a divindade chamava-se Jahvé (Jeová). Êste elemento acusa os vestígios mais evidentes da região primitiva, desenvolvidos por essas tribos, enquanto ainda viviam no deserto.

2.º — O Elohístico, oriundo das tribos domiciliadas ao norte, tinham Elohim como divindade. Nessa região, mais particularmente agrícola, do que pastoril, as tribos viram-se compelidas a abandonar o seu sistema de vida desértica e com êle muitas crenças e tabus.

---

(93) Lewis Browne — **A Sabedoria de Israel** — ed. bras. de 1947 — Prefácio pg. XIV.

3.º — Deuteronômio, um código muito mais adiantado, COPILADO ao que se presume (o grifo é nosso), sob a influência dos grandes profetas e adotado em 622 a. C.

4.º — O Sacerdotal, código aparentemente mais moderno, reflexo da influência dos babilônios regidos pela casta sacerdotal, e em cujo país os judeus foram conservados cativos pelo espaço de meio século, só lhes sendo permitido o regresso à pátria em 536 a. C." (94).

Isto que acabamos de citar é o pensamento judeu, interpretado por um homem de reconhecido valor. É êle mesmo quem diz que os cinco livros atribuidos a Moisés é antes um mosaico. É antes a história de um povo através de diversos períodos por que passou. Não sei porque tenha que se envergonhar o judeu de haver sido primitivamente atrasado, quando, principalmente, êle tem a certeza de sua imensa evolução e de se haver tornado como diz alguém, o fermento da humanidade.

Muito mais poderiamos acrescentar em defesa de nossa tese, pois, difìcilmente na pesquisa paciente que envidamos, poderiamos encontrar um historiador de nome que afirmasse ser Moisés o autor do Pentateuco, a não serem os profissionais, ou aquêles que vivem pregando a fé. Seriam demasiadas maiores citações, o leitor, terá, porém, a mais plena liberdade de verificação e se fôr estudioso percorrerá as bibliotecas para evidenciar o que afirmamos.

O único monumento sério, diz L. Jacolliot, da tradição semítica ou assim considerada que possuimos, é a Bíblia. Sem entrar, por enquanto, no estudo comparativo desta obra legendária, na qual os hebreus e cristãos devem beber tôda a sua ciência genesíaca e cosmológica — uma vez que o livro é revelado; — que o leitor nos permita uma observação: Só os partidários encarniçados desta revelação ousam, ainda, atribuir a Moisés a redação do Pentateuco na forma atual que possuimos. Para todos os orientalistas sérios, êste código civil e religioso dos hebreus foi redigido sob o reinado de Josias e sob o pontificado de Hilquias, com o auxílio das velhas tradições do Egito e das tradições mais recentes do cativeiro de Babilônia.

Sabemos que nenhum partidário da religião dos hebreus honestamente nos negará:

1.º — Que o volume do Gênesis é independente dos quatro outros livros que compõem o Pentateuco; que as lendas de que é composto não pertencem às tradições nacionais dos judeus, mas, antes, às egípcias, caldaicas e hindus.

---

(94) Lewis Browne — **A Sabedorai de Isrœl** — ed. Bras. 1947 — 5 a 6.

2.º — Que os quatro outros livros são redigidos com tanta negligência e encerram tais inexatidões históricas e cronológicas, que oferecem a cada passo as provas de sua pouca autenticidade.

3.º — Que tôdas as leis e prescrições que êles contêm, que tôdas as instituições que estabelecem, existiam há milhares de anos no Egito e na Índia.

4.º — Que até o reinado de Josias, os hebreus ofereciam as suas adorações a milhares de deuses, semi-deuses, demônios e espíritos máus da mitologia grosseira dos egípcios e dos caldeus.

5.º — Que o monoteismo hebraico, data, apenas, de Josias e do pontífice Hilquias, que concluiram esta revolução religiosa, destruindo os templos, as estátuas dos deuses, os carros e os cavalos do Sol, queimando os padres e as sacerdotizas, guardas do fogo sagrado.

6.º — Que os inovadores, para dar mais pêso à sua obra, redigiram o Pentateuco, ou livro da lei, do qual não se havia ouvido falar até então, e o colocaram sob a autoridade legendária de Moisés, cujo nome era venerado como o do fundador da nacionalidade judia.

7.º — Que a tradição bem podia ter conservado algumas leis e ordenanças de Moisés, como a do Talião, cuja dureza excessiva se explica pela necessidade de manter na obediência e na disciplina uma tropa de vagabundos e de escravos, mas que o conjunto do Pentateuco não pode de maneira alguma ser atribuido a Moisés." (95).

Jacolliot, como todos sabem, é um estudioso dos costumes e religiões da Índia. A sua pena magistral, a sua competência, a honestidade e independência de suas atitudes, nos tocam a sensibilidade, principalmente, quando êle surge impávido e em tão boa oportunidade, para apoiar a tese que nos propomos defender, tal a de que o Pentateuco não pode ser considerado obra de Moisés.

O Cristianismo se resume nas palavras imortais do Cristo. Talvez se êle se conservasse puro, indiferente a todo e qualquer dogmatismo, o Ocidente fôsse mais unido, se continuasse vivendo de pura tradição.

A síntese de tôda a moral, expressa nas palavras do Nazareno: "*Amar a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a si mesmo*", com o acréscimo das palavras: "*aí estão a lei tôda e os profetas*", cumprida, seriam o bastante para a máxima elevação da criatura humana. Cristo, assim falando, parece que adivinhava que surgiria no caminho dos séculos um número infinito de interpretadores cada qual a presumir-se o verdadeiro dono de tôda a verdade; por isso, êle matou em definitivo a questão.

No entretanto, Jesus resumia em uma frase minúscula a síntese de tôda moral humana; tudo absolutamente tudo que neste sentido pudesse idealizar a humanidade. É uma verdade eterna que com

(95) L. Jacolliot — **La Génèse de l'Humanité** — ed. 1789 — C. IV — pg. 73.

outras palavras Deus pôs na bôca e no coração de todos os instrutores, como que a provar à saciedade que Êle não tem filhos diletos, que todos os homens são seus filhos. E por que haveria de existir uma geração privilegiada, deixando no esquecimento outras que haviam desaparecido do cenário do mundo?

*"Sêde como o bálsamo da floresta que perfuma o machado que o corta"* — dizia Buda.

*"Não façais aos outros o que não quiserdes que vos façam"* — pontificava Confúcius.

Por ventura, a essência dêsses ensinamentos não é a mesma que nos ministrou o Cristo, quando mandou que amassemos ao próximo como a nós mesmos?

Jesus pontificou e exemplificou com a sua vida cristalina, mas nunca escreveu uma só palavra. Se êle julgasse necessário deixar escrito a sua vida e as suas máximas, pregadas em pulpitos improvisados e em lugares incertos, te-lo-ia feito. Os homens desvirtuam tudo, mutilam, enxertam, interpolam, modificam, tendo em vista, não a sublimidade, a essência inestimável da Filosofia, mas, ao contrário, a mesquinhez de suas conveniências materiais. Se o Cristianismo tivesse que apoiar-se em alfarrábios, o Cristo nô-los teria legado. Mas o Mestre, prudente e sábio, divisando a confusão que se estabeleceria através do nevoreiro das gerações futuras, contentou-se em aconselhar aos seus apóstolos que pregassem a boa nova, afirmando que aquêles que acreditassem em seus discípulos, no Mestre estariam crendo.

O padre Leonel Franca S. J., em sua notável obra "A Igreja, a Reforma e a Civilização", pergunta:

> "É possível só com a Bíblia, estabelecer com certeza todos os dogmas revelados? Evidentemente, não. Há, pelo menos, uma verdade, fundamental e pressuposta a tôdas as demais, que, sem manifesto circulo vicioso, não se pode apresentar com autoridade, com a autoridade exclusiva da Bíblia. É a existência da própria Bíblia como livro revelado, como palavra inspirada de Deus. Quais são os livros que fazem parte da coleção sagrada? Como se pode provar que foram êles escritos por inspiração e sob ditado do Espírito Santo? — Por meio da mesma Bíblia? Mas a Bíblia não o diz, pelo menos, de todos os livros. Se um livro é divino só porque êle o assevera, a quantos livros humanos não se deveria estender essa prerrogativa? Tôda a literatura religiosa da Índia, da China, da Caldéa, da Pérsia e do Egito, entraria, assim, de roldão, na categoria das divinas escrituras.
>
> Os Vedas, o Y King, o Zend-Avesta e o Corão se imporiam à docilidade de nossa fé, com o mesmo direito que o Pentateuco ou os Evangelhos, Isaias ou São Paulo".

A Bíblia é uma coleção de 72 livros escritos originàriamente em hebraico e grego por autores antiquíssimos, que viveram num espaço de quinze séculos.

Nela, segundo o próprio Leonel Franca, à página 247 do livro citado, encontram-se todos os estilos e gêneros literários, desde a história até a poesia, épica ou dramática, lírica ou didática, desde a simplicidade dos preceitos práticos até às alturas sublimes da mais remontada teologia. Tal é o livro, diz êle, de que cada homem deve extrair o seu credo e os seus mandamentos.

Antes, porém, de chegar a estas conclusões dogmáticas, continua o ilustre jesuíta, cumpre-lhe resolver um sem número de dificuldades preliminares. Dificuldade *linguísticas;* sabe grego? sabe hebraico? Se não o sabe, quem lhe assegura a fidelidade da versão que tem entre as mãos? Quantas vêzes a tradução não é, ainda, involuntàriamente, uma traição do original? Dificuldades *críticas?* Os livros atuais são íntegros? Não foram mutilados, interpolados, adulterados no curso de tantos séculos? Não cincaram os mil copistas que os transladaram? Mão sacrílega não lhes profanou a pureza divina?

Esta citação do eminente jesuíta, a maior celebração católica romana do Brasil, em todos os tempos, foi por êle empregada para rebater a veracidade da Bíblia protestante. E será que nós não poderemos servir-nos dos mesmos argumentos para com os católicos romanos?

A nossa Filosofia, se vive dentro da pureza dos mais nobres e elevados postulados cristãos, não surgiu, porque não poderia ter surgido, das máquinações do papado. Procuramos conservar a pureza, a essência daquêles ensinamentos, hoje tão adulterados pelas diversas seitas cristãs. E é preciso mais que se observe, porque sejamos cristãos, participantes da moral de uma doutrina, que em nenhum de seus pontos pode ser reprovada, nem, por isso, desdenhamos aquilo que de bom possa conter o pré-histórico livro sagrado dos hindus, dos sublimes conceitos de Confúcius, de Iesu-Kristna e de outros grandes missionários da humanidade.

Não se pode conceber uma justiça infinita que tivesse uma geração como predestinada. Se Cristo foi o instrutor de uma parte do mundo, outros instrutores magníficos surgiram em todos os pontos da Terra, pontificando as mesmas sublimidades pregadas pelo iluminado filho do carpinteiro de Nazaré.

Eis o que afirma um historiador insuspeito, por ser católico, apostólico, romano:

"Quase todos os povos antigos atribuiram a sua legislação, de ordinário elaborada em épocas diversas e derivada dos costumes, a algum grande homem memorável por seus feitos ou por um suposto Deus descido à Terra.

O Egito teve o seu Hermés ou Thoth; a Caldéa o seu Oanes; a India, um Manu, os hebreus menos propensos que os povos dêstes países a fantasias míticas, contentaram-se com atribuir as leis e os regulamentos contidos no Pentateuco ao fundador da sua nacionalidade — Moisés — inspirado — diretamente por Jeová, que lhe falou no cume do Sinai, aureolado de relâmpagos. A Ciência não pode aceitar esta tradição, aliás, aceita durante muitos séculos, tanto pelos Israelitas como pelos cristãos. Se chegaram até nossos dias algumas leis de Moisés, não chegaram pelo menos com a sua forma primitiva, bem autenticadas por qualquer modo, o que equivale dizer que não é possível distinguí-las das que pertencem a épocas posteriores e que as substituiram ou foram encorporadas com elas nos livros sagrados de Israel". (94).

Em sua obra intitulada "Em Tôrno de um Livrinho", respondendo às críticas suscitadas pelo seu trabalho sôbre "O Evangelho e a Igreja", externa o abade Loisy a seguinte opinião a respeito do Velho Testamento:

"Nêle se desconhece a exatidão bibliográfica e acrescenta: a preocupação do fato material e da história objetiva brilha pela ausência".

Ora, Deus não poderia ter ditado a Moisés uma obra que desconhece a exatidão bibliográfica e que não se preocupa com o fato material e com a história objetiva.

Swedenborg, segundo Léon Denis, afirma que o "Pentateuco" foi inspirado em revelações mais antigas. Essa obra não remonta a tão antiga data, como se tem de bom grado feito crer. Foi retocada, mais ou menos, depois da volta de Babilônia, porque nelas a espaço se encontram alusões ao cativeiro dos judeus nesse país (700 anos a. C.). É bem obra dos homens, o testemunho da sua fé, das suas aspirações, do seu saber, e também dos seus erros e superstições. Foi com o intuito de dar a êsses ensinos tão diversos, maior pêso e mais autoridade, que foram êles apresentados como emanados da Soberana Potência que rege os mundos. É êste o pensamento de Denis que, num rasgo de sensata indignação, assim se expressa adiante:

"Essa educação necessária, porém, em que se poderá firmar? Não será por certo em teorias negativas pois, foram elas que, em parte, originaram os males do presente. Menos, ainda, o será em dogmas caducos, doutrinas mortas, crenças tôdas superficiais e aparentes, que já não têm raízes nas almas.

(96). Cesar Çantu — **História Universal.**

Não! A humanidade não quer mais símbolos, nem lendas, nem mistérios, nem verdades veladas. Faz-se-lhe necessária a grande luz, a esplêndida irrupção do verdadeiro, que só o nôvo espirítualismo lhe pode fornecer." (97)

* * *

Em 1840 apareceu em Bruxelas um livro "Oeuvres", de Victor Cousin, onde êste estudioso enfeixava em um grosso volume o estudo de tôdas as idéias filosóficas dos principais vultos da humanidade que a ela se houvessem dedicado. Neste livro fomos encontrar as linhas que abaixo se seguem:

"Filósofos! — Foi o gênio da Grécia que pôs êste nome no mundo. Que quer isto dizer? Filósofos são homens que não se crêem sábios mas que gostariam de sê-lo; são homens que não se dizem possuidores de tôdas as luzes, mas que têm a honra de amá-las; homens que não pretendem haver descoberto a verdade, mas que têm como profissão o procurá-la dentro de suas fôrças; são livres pesquisadores da verdade e nada mais.

Os pioneiros da Filosofia não tinham liberdade de ação.

Na Grécia qual teria sido a sorte dêsses livres pesquisadores da verdade? Para que não se possa alegar a barbárie do tempo, transportemo-nos à Atenas, à Atenas do tempo de sua maior liberdade democrática e de sua mais florescente civilização, entre Péricles e Alexandre. Qual era a sorte dos filósofos dêsse tempo? Vós o sabereis e eu serei curto.

Para salvar Aspásia, suspeita de dedicar-se à Filosofia, foi necessário lágrimas e mais lágrimas de Péricles, que as derramou em público, dêsse mesmo vencedor de Eubéia que tantas vêzes decidiu a paz e a guerra.

"Consegui-o, mas, não teve prestígio para salvar Anaxágoras, seu mestre, nem com a fôrça de sua eloqüência, e foi o seu velho amigo condenado ao exílio perpétuo. E o que ensinava Anaxágoras? Apenas: êle descobriu e estabeleceu regularmente que acima dos fenômenos visíveis dêste mundo, e acima das leis que presidem êstes fenômenos, há uma causa primária, bem melhor, uma causa inteligente, uma inteligência tôda poderosa que possui em si a virtude e a iniciativa do movimento.

Conheceis o destino de Sócrates? Eu não vos relembrarei, eu vos peço, apenas não esquecer que o devotamento de Sócrates era tão sublime que êle não ignorava que marchava para a morte certa. Aristóteles, êle mesmo, o pai da História Natural, da Lógica e da Metafísica Regular, carregado de anos e de glórias, sofreu horrores para salvar sua cabeça. Diz Cícero que êle teve, apenas, tempo de evadir-se por uma porta secreta e refugiar-se em Chacis, para poupar a atenienses um novo crime contra a Filosofia. E como terminou êle? O

(97) Léon Denis — **Cristianismo e Espiriitsmo** — 4.ª ed. 1941. — pg. 255.

sábio filósofo Tannemann crê que êste grande homem, velho e farto das perseguições, envenenou-se em Chacis.

Platão, o divino Platão, que não foi além das aventuras políticas, esteve prêso duas vêzes e uma foi vendido como escravo. Foi por êste preço que a Filosofia foi fundada na Grécia". (98)

Quando o nome Filosofia não havia surgido no mundo, ela existia, por certo, e se confundia muitas vêzes com a Ciência e a Religião.

Quantos, como os filósofos gregos, não morreram em holocausto à verdade que pregavam? Quantos vultos da humanidade não deram suas vidas pelas verdades que queriam transmitir aos seus semelhantes? Homens de Ciência, religiosos, filósofos, foram queimados vivos, em nome de Deus, nas fogueiras da Inquisição. Na introdução desta obra citamos os nomes de alguns mártires que se tornaram imortais e merecedores da gratidão humana, como os desbravadores do pensamento.

O Cristianismo, fundado sob os princípios do mártir sublime, última religião que surgiu à face da Terra, dentro de sua essência primitiva, é a que nos parece a mais perfeita. É o Cristianismo o complemento de tôdas as religiões anteriores, o último resultado dos movimentos religiosos no mundo, sem que, contudo, possa ofuscar aquelas que a antecederam.

Cristna e Cristo, um a continuação do outro, a reencarnação, no mínimo, das grandiosas idéias que eram comuns aos dois iluminados, foram, com Buda, os maiores vultos da humanidade, no caminho das coisas do espírito.

Mas não se pense que tudo foi indiferente a uma evolução. O Cristianismo não surgiria se antes dêle outras religiões não houvessem surgido no mundo em que vivemos. Para que uma idéia cresça, ela terá primeiro que nascer.

Nasceram os Vedas, à sua sombra nasceu o Bramanismo, o Budismo. Missionários foram espalhados pelos quatro cantos do globo. Plantaram a semente do espiritualismo; pontificaram sôbre a evolução do espírito; pregaram o amor ao próximo e ao Pai Supremo e tôdas elas condicionaram a salvação às boas ações, aos elevados sentimentos de cada ser pensante.

O Cristianismo, pela sua simplicidade, agigantou-se ante as demais filosofias religiosas, porque se estas possuiam postulados sublimes, de outro lado, apresentavam concepções científicas profun-

---

(98) Victor Cousin — Oeuvres — ed. 1840 — pg. 126.

damente errôneas. A Gênesis da Terra, principalmente, foi tratada de uma forma que a Ciência hoje despresa completamente. O Cristianismo de Jesus foge sàbiamente dêste terreno, porque se o Mestre tivesse que ensinar Ciência, fôsse em que terreno fôsse, êle teria que dizer a verdade para os séculos, e como não pudesse fazê-lo em face da deficiência dos conhecimentos humanos daquêle tempo, preferiu falar de uma ciência que êle conhecia profundamente: a ciência da alma. Cristo optou pela síntese, seguindo um caminho diverso dos que o antecederam. E ninguém neste vale de lágrimas disse tanto em tão poucas palavras:

> "Amai a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a vós mesmos".
>
> Para chegar ao Pai é necessário nascer de novo". — "Aquêle que não nascer da água e do espírito não entrará no reino dos Céus; porque o que é carne é carne e o que é espírito é espírito" — "A cada um segundo as suas obras".

E culminou a sua síntese, a sua maravilhosa síntese na primeira citação. E sabendo que sôbre êste degrêdo viviam espíritos de tôda a espécie, não quis deixar o mundo sem plantar no coração, principalmente, dos que mais necessitavam, a imorredoura esperança de uma salvação para todos: *"Nenhuma ovelha de meu rebanho se perderá"*.

Nesta síntese admirável, o homem encontra tudo o que deseja; nela está concentrada tôda a moral humana. Rios de tinta têm corrido da pena de homens eminentes, que procuram desenvolver os conceitos do grande missionário. E o que iremos encontrar nesta meia dúzia de palavras? A existência de um Deus comum a tôda a humanidade; a imortalidade da alma; a evolução desta mesma alma pela reencarnação; o modo de o homem encontrar o caminho da salvação, e por último, a advertência de que ninguém se perderá, mas que a evolução de cada um fica a depender da qualidade das ações.

Como vimos acima, sofrem todos os pioneiros das grandes idéias. A morte nunca acovardou os luminares do mundo. Todos se entregaram a ela, mas não souberam abdicar de suas convicções. Tendo sido o Cristo o maior pensador de todos os tempos, coube-lhe um sacrifício maior, a morte infamante. Mas o vigor de seu pontificado, a essência de sua pregação, malgrado os seus interesseiros desvirtuadores, continua, através dos séculos, a viver no coração dos simples.

* * *

Poderiamos continuar a citar outros autores que contestam seja o "Pentateuco" obra de Moisés. Mas isto seria alongar-nos em demasia. Deixamos para trás figuras eminentes que se pronunciaram em favor de nossa tese. Agora é a própria Bíblia que irá decidir a questão.

O "Pentateuco", repetimos, compreende os cinco livros atribuidos a Moisés: o Gênesis, o Êxodo, o Levítico, os Números e o Deuteronômio. Qual será seu autor? Faremos esta pergunta à Bíblia; esperemos que ela nos responda.

Se o leitor folhear o Velho Testamento, no capítulo XXII de II Reis, e lê-lo por inteiro, terá certamente a resposta da Bíblia à nossa pergunta.

Nada mais claro que esta exposição. Nela nada se encontra de velado. E o que nos prova esta narrativa? Ela prova:

1º — Que o "Pentateuco" é obra de Hilquias que, servindo-se da autoridade de Moisés, poria o "Pentateuco" à margem de qualquer discussão, podendo, assim, reformar a religião de Israel.

Louis Jacolliot diz, e estamos de acôrdo, que não há quem acredite que o "Pentateuco" estivesse perdido durante setecentos a oitocentos anos e depois fôsse encontrado, por acaso, quando se reparava um templo.

2º — Que até o reinado do rei Josias, até o sumo sacerdote Hilquias, o "Pentateuco" foi uma obra completamente desconhecida.

3º — Que o monoteismo de Moisés não vem de seu tempo, que de autêntico nada mais resta dêle, mas do reformador Hilquias.

Os atos de demolição aos quais se entregou Josias, evidenciam de forma absoluta, que a religião judia repousava naquela época sôbre as mesmas bases que os cultos fabricados para o povo pelos padres do Hindostão, da Caldéia e do Egito.

Como se observou, Josias nada deixou em pé. Quebrou estátuas e carros; queimou os animais sagrados e os sacrificadores sôbre os seus próprios altares, atirando ao vento suas cinzas e os seus ossos; exterminou todos os adivinhos, feiticeiros, pitonisas e mágicos, a fim de dar cumprimento ao que estava escrito no livro descoberto pelo sumo sacerdote Hilquias

O "Pentateuco", assim, conforme a própria Bíblia, foi escrito no ano 621 antes de nossa era.

# OUTRAS RAZÕES QUE PÕEM POR TERRA A AUTENTICIDADE DO "PENTATEUCO" — CONSIDERAÇÕES

POR enquanto, ficou provado que a quase unanimidade dos historiadores nega a paternidade do "Pentateuco" a Moisés. Vejamos, agora, se a Bíblia nos auxilia a completar esta prova. Ninguém é capaz de escrever sôbre sua própria morte. Em Deteuronômio, C. XXXIV, encontramos:

"E assim morreu ali Moisés, servo do Senhor, na terra de Moabe, conforme ao dito do Senhor".

"E o sepultou num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor, e ninguém tem sabido até hoje a sua sepultura".

Isto deve ter sido escrito muito depois da morte do Patriarca. Dirão, naturalmente os defensores da Bíblia: esta frase foi interpolada; mas se há interpolação na obra divina, por que consentir que ela subsista?

"Eis as palavras de Moisés dirigidas a tôda Israel "para lá" do Jordão, no deserto, etc....".

Sabe-se que Moisés nunca atravessou êste rio; êle morreu no deserto, no país de Moabe, por haver desesperado um momento. Ora, se êle não atravessou o Jordão, como pôde êle ter falado a Israel "para lá" dêste rio? Esta frase se tornaria clara, se se admitisse que o "Livro da Lei" foi redigido do outro lado do Jordão, durante o período da civilização hebraica: desta forma, entre êle, o rio e o deserto onde Moisés morreu, pôde o historiador dizer:

"Eis as palavras de Moisés dirigidas a Israel, "para lá" do Jordão, etc...".

Vemos mais uma vez a expressão "para lá" do Jordão, em Detereunômio, III, 8:

"Assim naquêle tempo, tomamos a terra da mão daquêles dois reis amorreus, que estavam além do Jordão, desde o rio de Armon, até o monte de Hermon".

Moisés não poderia ter escrito isto. O Hermon é chamado Suriom pelos sidônios, e Senir pelos amorreus (Det. III 9). Esta explicação só podia ter partido de um escritor que escrevia muito tempo depois da morte de Moisés, e que expunha a seus contemporâneos um ponto de Geografia e de História, reportando-se à vida de seus antepassados no deserto.

No "Gênesis", XII, 6, lê-se:

> "E tendo lá chegado, atravessou Abraão êste país, até chegar ao lugar chamado Siquém, até o vale ilustre. Era então o cananeu que habitava esta terra".

O que se conclui, sem esfôrço, do versículo citado, é que no tempo em que êle foi escrito, os cananeus não habitavam mais êste país: assim, êste escritor escrevia depois de Josué que foi quem expulsou os cananeus dêsse lugar. Moisés, portanto, não é êste historiador.

Em "Gênesis", XVI, 14, está escrito:

> "Ouvindo, pois, Abraão que seu irmão estava prêso, armou os seus criados, nascidos em sua casa, trezentos e dezoito, e os perseguiu até Dan".

Ora, o Livro dos juízes, C. XVIII, v. 29 nos diz que até o tempo dos Juízes, a cidade assaltada pela tribo de Dan chamava-se Laís, e que só depois dêste fato é que recebeu aquêle nome. Moisés, que não mais existia no tempo dos Juízes, não podia ter dado nome àquela cidade, justamente na época em que ela passou de Laís para Dan. Deduz-se, assim, que o narrador foi muito posterior a Moisés, uma vez que era, também, posterior aos Juízes.

Ainda em "Gênesis", C. XXXVI, v. 31 e seguintes, falando da posteriormente de Isaú, vimos o seguinte:

> "E êstes são os reis que reinaram na terra de Edom, antes que reinasse rei algum sôbre os filhos de Israel".

Israel só teve reis depois de Saul, é, pois, impossível que Moisés pudesse escrever esta frase.

Eis a razão pela qual a crítica séria nega a paternidade do "Pentateuco" a Moisés. Nesta obra fala-se do Patriarca, como de outros personagens, sempre na terceira pessoa. Não se encontra o pronome "EU" se não quando se faz expressamente falar Moisés, e isto da mesma forma com relação aos demais personagens.

Diante de tanta contradição, de tantos erros históricos, poderá a Cabala com a sua ciência de símbolos e a sua numerologia penetrar fundo no Antigo Testamento?

* * *

Há outra impossibilidade, ainda. Nada ou quase nada é original no A. Testamento. Com referência à legislação hebraica, ela está exposta neste livro ao lado da bramânica. Ninguém de bom senso será capaz de negar que a legislação hindu é muito anterior à mosaica. Quem foi, pois, que copiou? Se alguma lei judaica fôsse igual à bramânica, poder-se-ia falar em coincidência; mas quando se trata da quase totalidade das leis, sendo que muitas delas copiadas quase literalmente, não se pode negar que aí andou papel carbono e do bom. A Judéia, a mais nova nação do mundo antigo, não podia esquivar-se à influência destas velhas tradições que se encontram no berço de todos os velhos povos asiáticos.

Façamos aqui um estudo comparativo entre a gênesis de Manu, de Moisés e de outros, para evidenciar aos que lerem nosso livro que não afirmamos de oitiva, que os autores do "Pentateuco" foram buscar em povos mais antigos motivos para sua história da Criação.

Citemos da Gênesis bramânica, apenas, a parte essencial para não alongar-nos demasiadamente:

> "Quando chegou a hora do despertar, Aquêle que existe por si mesmo, que não está ao alcance dos sentidos exteriores, desenvolvendo a natureza com os cinco elementos e os princípios sutis, apareceu brilhante de luz e sua presença expulsou a noite".
>
> "Aquêle que só a inteligência concebe, que escapa aos sentidos, que é invisível, eterno, alma universal, que ninguém pode definir nem compreender, desenvolveu seu poder".
>
> "Êle resolveu em seu pensamento tirar de sua própria substância todos os sêres e depositou nas águas que criou, em primeiro lugar, o germe da vida universal".
>
> "Êste germe estava contido em um ôvo de ouro, tão brilhante quanto o astro resplandescente do dia, no qual Brama, o Senhor de todos os sêres, depositou uma parcela do seu pensamento imortal fecundado por sua vontade".
>
> "As águas receberam o nome de "naras" porque elas eram a emanação do Espírito Divino "Nara". E as águas tendo sido o primeiro lugar do movimento "ayana", de Nara, o Espírito Divino Criador, foi chamado Narayana, ou aquêle que se move sôbre as águas".

Façamos, agora, uma interrupção na Gênesis bramânica, para provar sua influência nos demais povos antigos.

Vejamos a "Gênesis" do "Pentateuco":

> "No comêço os deuses criaram os céus e a Terra".
> "E a Terra era informe e vazia e o Espírito de Deus se movia sôbre as águas".

O Espírito Divino Criador, dizia o velho legislador hindu, foi chamado Narayana — Aquêle que se movia, sôbre as águas A cópia quase textual dêste versículo pela gênesis do "Pentateuco" é impossível negar.

A mesma lenda preside o princípio da gênesis egípcia:

"Primitivamente não havia nada no vácuo. Pouco depois uma sombra prodigiosa, terminava em tortuosidades oblíquas e se revestia de uma natureza úmida, e se agitava com um estrondo terrível, um vapor escapava dela com barulho. Uma voz saiu dêste barulho e me parecia a voz da luz".

"Êste Verbo era carregado por um princípio úmido, e dêle saiu o fogo puro e leve que se perdeu nos ares. O ar leve semelhante ao Espírito ocupa o espaço entre a água e o fogo, e a terra e as águas eram de tal forma misturadas, que a superfície da terra, envolvida pelas águas, não aparecia em ponto algum. Foram ambos agitados pelo Verbo do Espírito, porque Êle era carregado nêles". (Hermes Trimegiste).

A mesma lenda na Caldéia:

"Nouah, a Inteligência, nós diriamos vontade do Verbo, que anima a matéria e a torna fecunda, que penetra o Universo, o dirige, o faz viver, e que é ao mesmo tempo o rei do "elemento úmido" e o Espírito carregado sôbre as águas". (François Lenormand-"La Magie chez les Chaldéens").

Na Oceania a mesma gênesis, eis como principia:

"No princípio não havia nada e Juoiho, o Deus Supremo, habitava no vácuo: houve aí em seguida uma massa líquida cobrindo os abismos.

"e o Deus tipo, fonte da raça humana, "planava sôbre as águas". (Do Bovis — "Notes sur la Polynésie")

E nesta seqüência de citações, que poderia ser aumentada, observa-se a gênesis do "Pentateuco" em tôdas as demais do mundo antigo.

A lenda de Adão e Eva hebraica é a lenda de Ádima e Heva bramânica, copiada, com algumas modificações, por inúmeros povos da antiguidade. O paraíso terrestre dos hebreus foi calcado no Paraíso terrestre dos hindus e de outros povos de grande antiguidade. E assim, a história do Dilúvio, de Noé, do sacrifício de Isaque, copiado do Ramatsariar, e que já consta dêste livro. Como pode, pois, a Gênesis, ser uma revelação de Deus a Moisés, quando não é mais que uma cópia de outras gênesis existentes em religiões mais antigas? E como pode ser ela honestamente explicada pela Cabala com a sua ciência de símbolos e a sua numerologia?

Segundo alguns exegetas e entre êles Adam Franck, a Cabala tem a sua origem em duas fontes diversas. Os adeptos desta "ciência", entre os quais estão diversos místicos cristãos, como Raymundo Lulle, Pic de la Mirandola, Reuchlin, Guilherme Postel, Henri Morus, olham-na como uma tradição divina tão antiga quanto o gênero humano. Êles supõem que um anjo chamado Raziel, isto, é, o anjo dos mistérios, veio por ordem de Deus ensinar a Adão, no momento em que êste era expulso do paraíso terrestre, acabrunhado por sua queda, quando tinha mais necessidade de socorro sobrenatural, esta "ciência" extraordinária. Assim, para êstes místicos cristãos, Adão ao sair do paraíso, já levava no bolso a tão decantada Cabala. Outros, menos ambiciosos, a fazem remontar ao tempo de Moisés, sustentando que ela lhe foi revelada no Monte Sinai, ao mesmo tempo que a lei. É conservada em estado de tradição entre um pequeno número de sábios, até a volta do cativeiro de Babilônia. Enfim, como um excesso provoca sempre outro excesso, vários críticos viram na Cabala uma imitação servil do misticismo árabe, dêste misticismo bizarro, exaltado, que se desenvolveu no comêço do IX século pelo contato das idéias de Alexandria com o espírito muçulmano, e do qual Avincenne (Ibn-Sina) é a expressão mais completa.

Quanto à primeira hipótese é até ocioso comentar. Nenhum espírito sério poderia, hoje, em pleno século XX, acreditar em tão excessiva antiguidade A segunda hipótese é a mais aceita pelos cabalistas modernos, sem apoio na História e simplesmente por uma questão de fé.

Em face de tudo o que verificamos, pomo-nos de perfeito acôrdo com César de Vesme, quando em sua "História do Espiritualismo Experimental", nos diz:

> "Não seria eu reprovado silenciando sôbre a Cabala? Com efeito todo o mundo a conhece de nome, mas ninguém, sabendo exatamente o que ela é, pois ela não é coisa nenhuma, poderá supôr que ela tem qualquer ligação com o espiritualismo experimental. Na realidade, ela é sobretudo julgada como uma interpretação oculta da Escritura Santa e se serve para seus misteres de três operações especiais: o "Themurah",o "Notarikon" e a "Gematria" que são expostas nesta obra por um galimatias incompreensível. Tudo isto é misturado a uma doutrina metafísica à qual se atribui a mais remota antiguidade, mas que, sob a forma escrita, data do VIII ou IX século de nossa era. Êstes "aegri-sommia" foram estudados e comentados, no curso do último século, por Adam Franck, "A Cabala ou a Filosofia Religiosa dos Hebreus", 1842; por S. Karppe, "Estudos sôbre as Origens e Natureza do Zohar", 1901; por Joel e Jellinck, e outros autores israelitas, com o inegável resultado de mostrar nela o "vaccuum" absoluto".

Temos em nosso poder o estudo sôbre a Cabala, de A. Franck, a que se refere César de Vesme; é uma história muito complicada e muito longa para ser contada, e nós, honestamente, não a saberiamos resumir. Cito, apenas, uma de suas notáveis passagens:

> "O que se aplica em primeiro entre os cabalistas e faz mesmo parte de sua originalidade, é a forma pela qual êles expõem geralmente sua doutrina. Como êles não ousam confessar-se ou para dissimular aos outros tôda petulância, se esforçam ou se dão ares de tirá-la da Escritura Santa, e como a Escritura Santa não se presta de modo algum a êste intento, tomam com ela as mais estranhas liberdades. Não tendo em conta o valor das palavras, nem as leis de linguagem, êles substituem em tôda parte o sentido natural por um sentido alegórico que, como se deve esperar, é a expressão de suas opiniões preconcebidas. Os acontecimentos do A. Testamento, e as cerimônias que êle prescreve não são aos seus olhos mais que símbolos, ou, para traduzir suas próprias palavras, não são mais que uma roupagem muitas vêzes grosseira sob a qual se escondem o corpo e a alma da Lei".

Enfim, para os que continuam crendo na Cabala, ou melhor, para os espíritas cabalistas, êste sábio não deve valer coisa nenhuma. O arraial da fé é quase inexpugnável às razões da inteligência.

Leon Denis, falando do A. Testamento, nos diz:

> "Esta obra não remonta a tão antiga data como se tem de bom grado feito crer. Foi em todo caso retocada mais ou menos tempo depois da volta de Babilônia, porque nela a espaços se encontram alusões ao cativeiro dos judeus nêsse país (cêrca de 700 a. C.). É bem a obra dos homens, o testemunho de sua fé, de suas aspirações, do seu saber, e também de seus erros e superstições, etc....
>
> "Parece, em certos casos, se inspirarem os autores do "Pentateuco" em revelações mais antigas, como faz notar Swedenborg, com provas em apoio. Os iniciados encaram o A. Testamento como puramente simbólico e nêle pensam descobrir tôdas as verdades por meio da Cabala".

Ainda, Leon Denis, pondo-se de acôrdo com o padre Loisy, nos diz em outra parte de seu livro, "Cristinanismo e Espiritismo":

> "É também essa a minha opinião. Daí se segue que não poderia a Bíblia ser considerada a palavra de Deus, nenhuma revelação sobrenatural. O que se deve ver nela é uma compilação de narrativas históricas e legendárias, de ensinamentos sublimes, de par com pormenores às vêzes triviais".

E eis como encerra a questão, êste grande apóstolo do Espiritismo:

> "Não! a humanidade não quer mais símbolos, nem lendas, nem mistérios, nem verdades veladas. Faz-se-lhe necessário a grande luz, a esplêndida erupção do verdadeiro, que só o nôvo espiritualismo lhe pode fornecer".

Eis por que somos espírita e não cabalista. Ou o Espiritismo é a última palavra em matéria de revelação e de moral ou os Espíritos nos iludiram e, então, é justo que procuremos em outras fontes aquilo que não nos basta ou que não encontramos na obra da Codificação.

* * *

Temos a impressão de haver provado que não pode existir simbolismo na Bíblia e a impossibilidade de resolvermos os seus pontos obscuros por meio de símbolos. Provamos que o Moisés histórico é completamente diferente do Moisés da Bíblia; que a gênesis hebraica é uma cópia da gênesis de povos mais antigos; que as lendas, as leis não são originárias do A. Testamento e sim de povos da mais distante antiguidade.

Deixamos a gênesis bramânica em meio do caminho, para estabelecer uma comparação entre ela e as demais do mundo antigo, numa demonstração da influência que o Bramanismo exerceu sôbre os demais credos do mundo. Terminemo-la, pois:

> "Assim que êste mundo saiu da obscuridade, os princípios elementares sutis produziram a semente vegetal que animou as plantas; das plantas a vida passou em corpos fantásticos que nasceram na lama das águas; depois por uma série de formas e de animais diferentes chegou até o homem.
>
> "Êle passará sucessivamente pelos vegetais, os vermes, os insetos, os peixes, as serpentes, as tartarugas, as feras e os animais selvagens, tal é o grau inferior.
>
> "Tais foram declarados desde Brama" até os vegetais, as transmigrações que têm lugar neste mundo.
>
> "Os vegetais revelam uma multidão de formas, em virtude de suas atividades precedentes; êles são envoltos de obscuridade, mas são dotados de uma alma interior e experimentam o prazer e a pena.
>
> "A água se eleva para o Sol em vapores; do Sol ela desce em forma de chuva; da chuva nascem os vegetais, e dos vegetais os animais.
>
> "Cada ser adquire as qualidades daquêle que o precedeu, de sorte que quanto mais um elemento é distanciado da série, mais qualidades possui".

Em primeiro lugar, é preciso observar e comparar a idéia que os hindus faziam de Deus e a idéia dos judeus a respeito da Divindade. Como se distanciam os hindus, povo incontestàvelmente mais antigo que os hebreus, na sua concepção a respeito do Criador e da Criação!

Depois, êsses textos permitem-nos dizer que a opinião científica da Índia antiga sôbre a criação universal foi a seguinte: que o princípio material e o princípio espiritual estão unidos na água sob a influência do calor, e que o ser animado progrediu sòmente pelas fôrças da natureza, elevando-se gradualmente de um tipo inferior a um tipo superior, desde a mônada primeira até o homem.

Não será esta a teoria científica moderna? Não está contida nela nossa forma espiritualista, isto é, a da evolução da espécie, marchando paralela com a evolução do espírito? Como poderemos pensar com o A. Testamento, nós que somos evolucionistas, de acôrdo com a doutrina espírita, quando êste livro sagrado dá a entender que as espécies animais e vegetais foram criadas tais quais são hoje, quando diz que estas espécies foram criadas para um fim determinado, com órgãos e funções previstas de antemão e bem definidos? Quando diz, ainda, que o homem ocupa uma posição tôda especial no Universo e que sòmente êle é provido de uma alma imortal? Poderemos aceitar a assertiva de que o Sol, a Lua e as Estrêlas foram criados para iluminar nossa Terra?

A idéia evolucionista, diz Gustavo Geley, é completamente oposta:

> "A Terra, planêta insignificante, não tem importância especial nenhuma entre o infinito de mundos que constituem o Universo.
>
> "O homem é o animal mais aperfeiçoado e o mais elevado do planêta.
>
> "As espécies terrestres, animais e vegetais, são tôdas o produto da evolução de uma ou de algumas formas elementares, esta evolução é feita pelo simples jôgo das fôrças naturais. É pelo jôgo das fôrças naturais que os sêres se adaptam a seu meio, que seus órgãos e suas funções se desenvolveram e se organizaram, conforme as influências exteriores, criadas por uma Inteligência Suprema". ("Les Preuves du Transformisme").

Já que penetramos no terreno científico, continuemos a dissecar a ciência de Moisés:

> "A Bíblia, diz Kardec, contém evidentemente fatos que a razão desenvolvida pela Ciência, não pode hoje aceitar, e outros que parecem singulares e repugnam, porque se ligam a costumes que não são mais os nossos."

Um livro para ser sagrado, para servir de farol, para ser de inspiração divina, é preciso que não tenha um êrro; mas a Bíblia está cheia dêles, de contradições, e, como tivemos oportunidade de provar, nada tem de original.

"O movimento da Terra, diz o Mestre, apareceu em determinada época, tão em oposição às letras sagradas, que não houve gênero de perseguição a que essa teoria não tivesse servido de pretexto e, no entanto, a Terra gira, malgrado os anátemas, não podendo ninguém hoje contestá-lo, sem agravo à sua própria razão".

"Diz, também, a Bíblia que o mundo foi criado em seis dias e põe a época de sua criação há 4.000 anos, mais ou menos, antes da era cristã. Anteriormente a Terra não existia, foi tirada do nada; o texto é formal. Eis, porém, que a Ciência positiva e inexorável, prova o contrário. A história da formação do globo terráqueo, está escrita em caracteres irrecusáveis no mundo fóssil, achando-se provado que os seis dias da Criação indicam outros tantos períodos, cada um de talvez centenas de milhares, de anos. Isto não é um sistema, uma doutrina, uma opinião insulada; é um fato tão certo quanto o movimento da Terra e que a Teologia não pode negar-se a admitir, o que demonstra evidentemente o êrro em que se está sujeito a cair, tomando ao pé da letra expressões de uma linguagem freqüentemente figurada. Dever-se-ia daí e concluir que a Bíblia é um êrro? Não; a conclusão a tirar-se é que os homens se equivocaram ao interpretá-la".

Esta última asserção de Kardec de que os homens se equivocaram ao interpretar a Bíblia, não tem consistência, nem para nós, nem para êle, além da diplomacia que êle emprega para não ferir a fé alheia. Tanto isso é verdade que o Mestre, em outra parte, destrói por completo, sua afirmativa. Diz êle:

"Os teólogos tentaram salvar os seis dias da Criação, procurando interpretá-los como períodos geológicos. Há mais de um século atrás, porém, já se sabia que eram arbitrários os seis períodos geológicos, atribuidos à gênesis bíblica, uma vez que nesta época se contavam mais de vinte e cinco formações caracterizadas".

A dúvida desaparece com a clareza dos textos bíblicos:

"Deus chamou à luz, "dia", e às trevas, "noite".
"E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro".

Isto só se pode aplicar ao dia de 24 horas.

Mais claro se torna, ainda, o sentido, nos seguintes versículos:

"Fêz Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia e o luminar menor para governar a noite; e fêz as estrêlas.

"E Deus os pôs na expansão dos céus, para iluminar a Terra" ("Gêsis", I, 16 e 17).

No período seguinte, Kardec se põe de acôrdo com a Gênesis bíblica, quanto à criação do homem em último lugar. E nós não pensamos de outra forma. Há, apenas, uma restrição de nossa parte. A

Gênesis bíblica é uma compilação indisfarçável da gênesis dos toscanos, e a concepção de haver sido o homem criado em último lugar já existia desde os tempos védicos; é uma doutrina, pois, completamente hindu. Se Moisés fala da criação do homem em último lugar, dá o Dilúvio Universal como tendo ocorrido em 1654 da formação do mundo, quando a ciência geológica, na própria expressão do Mestre, prova que o grande cataclismo teve lugar antes do aparecimento da espécie humana, atendendo a que, até hoje, não se encontrou, nas camadas primitivas, traço algum de sua presença, nem dos animais de igual categoria, no que se refere ao físico.

> "Nos tempos primitivos, como os meios de observação fôssem necessàriamente muito imperfeitos, as primeiras teorias sôbre o sistema do mundo deviam ser cheias de erros grosseiros; mas, se êsses meios fôssem tão completos quais os de hoje, os homens não saberiam servir-se dêles, aliás, não podiam ser senão o fruto do desenvolvimento da inteligência e do conhecimento sucessivo das leis naturais.
>
> À medida que o homem se adiantou no conhecimento dessas leis, penetrou os mistérios da Criação, e retificou as idéias que formulára sôbre a origem das coisas".

Para quem sabe ler, Kardec, com a diplomacia que lhe é peculiar, a única que a época comportava, diz de maneira suave, que a Bíblia, no ponto em que a abordamos, era um livro destinado à mentalidade do povo daquêle tempo, cheia de erros e incoerências quanto à origem do mundo e à sua formação. Como é possível, pois, que a aceitemos como um farol capaz de iluminar a humanidade de nosso século?

Mais adiante, Kardec mata a questão em definitivo, quando diz:

> "Uma vez que é impossível conceber a gênesis sem os dados fornecidos pela Ciência, pode-se dizer com todo rigor da verdade, que a Ciência é convidada a constituir a verdadeira gênesis, segundo as leis da natureza".

E assim, vai Kardec, diplomàticamente, pondo por terra tôda a "ciência" bíblica. E, há, ainda, quem ouse falar na tal ciência dos símbolos e da numerologia!

E o Codificador da doutrina dos Espíritos, desejando orientar-nos na escolha de nosso Deus, diz-nos o seguinte:

> "Não é mais o Deus terrível, ciumento, vingativo, de Moisés; o Deus cruel e implacável, que rega a Terra com sangue humano, que ordena a tortura e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, que castiga aquêles que poupam as vítimas; o Deus que Jesus nos revela não é mais o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta de seu chefe, que se vinga do culpado na pes-

soa do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas um Deus clemente, soberanamente justo e bom, chefe de mansidão e de misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido, e dá a cada um segundo as suas obras; não é mais o Deus de um povo privilegiado, o Deus dos exércitos, presidindo aos combates contra o Deus dos outros povos; mas o Pai comum do gênero humano, que estende sua proteção sôbre todos os seus filhos, e os chama todos a si; não é mais o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas sim o que diz aos homens: a vossa verdadeira pátria não é neste mundo, mas no reino celeste... Não é mais o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena retribuir ôlho por ôlho, dente por dente... Enfim, não é mais o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado".

Quando se destrói o Deus de uma religião como acaba de fazê-lo magistralmente Kardec, destrói-se a religião por completo, pois é no Deus de cada uma que os homens se apoiam no sentido moral É êste o Deus que nos surge de entre as páginas do Velho Testamento e que a pena do grande lionês tão bem define. Êste Deus bíblico, além de tudo, politeista, uma vez que preside os combates contra o Deus dos outros povos, não nos pode ter legado senão uma doutrina de vinganças, de crimes e de miséria. Imaginem um Deus a ordenar a seus filhos que se unam a prostitutas e a mulheres adúlteras!...

Como está demonstrado, diz Houtin, em "Questions Bibliques au XIX e, Siécle", pg. 35 "há uma multidão de erros, contradições e absurdos manifestos no A. Testamento. A ortodoxia, para salvar a autoridade do texto sagrado, inventou o "CONCORDISMO", falsa ciência que consiste em encontrar, custe o que custar, "um acôrdo perfeito entre as ciências modernas e os conhecimentos do povo de Deus". Assim, se afirma que os "dias" da Criação não são dias, mas períodos, enquanto que o texto sagrado salienta a manhã e a tarde de cada dia. A Ciência independente só pode opôr ao "concordismo" um supremo desdém. De outro modo, há no A. Testamento, numerosas passagens em que Deus é representado de uma maneira indigna da idéia que fazem dÊle as Igrejas modernas. Econtra-se, assim, o Criador passeando ao ar fresco, cheirando o odor dos sacrifícios, mostrando-se de costas a Moisés, ordenando abomináveis massacres e punindo os chefes que não mataram bastante. Para justificar êsses textos não só se usou de sofismas, como se pretende que Deus queria falar aos homens, segundo os hábitos e as idéias de seu tempo. Semelhantes subterfúgios são a negação da crítica histórica.

Os textos, diz Salomão Reinach, onde o Deus de Israel se revela diferente do ideal ao qual êsse nome corresponde hoje, não devem ser atenuados, mas tomados literalmente; êles são para o historiador,

de um interêsse todo particular, pois permitem uma observação patente da evolução da idéia de Deus. A Divindade é, sem dúvida, inaccessível ao homem; mas em diferentes épocas em que a civilização atravessou, a humanidade fêz a Divindade à sua imagem e a evolução desta imagem é uma parte essencial da história, mesma, da humanidade."

Como vimos é a própria bíblia que nos auxilia a provar que o "Pentateuco" não pode ter sido obra de Moisés; que na confecção dêsses livros contribuiram vários colaboradores; que as barbaridades que ela consigna estão a indicar que o A. Testamento, para quem sabe ler, torna-se um livro despresível, indigno de ser lido por nossas filhas. E que o espírito esclarecido pode tê-lo em sua biblioteca, apenas por curiosidade, para conhecer o atrazo de nossos ancestrais, mas, nunca, como um livro que possa indicar a quem quer que seja o caminho pelo qual devemos marchar.

E a Cabala, que por si e para si já precisa de um tradutor e esclarecedor, é o mais fraco dos subterfúgios, quando se pretende salvar a Bíblia do naufrágio da incoerência.

## A BÍBLIA PERANTE A HISTÓRIA

HÁ, incontestàvelmente, muito fato histórico no livro sagrado dos hebreus. Não desconhecemos que a Bíblia serviu algumas vêzes de orientação à Arqueologia. Mas, perguntamos, o que têm as verdades históricas da Bíblia, históricas no sentido de apontar em seus textos, lugares que realmente existiram e reis que realmente reinaram em um passado distante, com o exagêro de suas lendas, mesmo quando narra coisas históricas, com as imoralidades, as matanças, as injustiças e crueldades de Moisés e a mentalidade de um deus que não pode ser aceita por homens esclarecidos? Será êste livro, porque aponte dados que orientaram a Arqueologia, sòmente, por isso, considerado sagrado? Então, os escritores da antiguidade não fizeram o mesmo? Com os seus livros repletos de lendas, tão aceitáveis quanto as de Moisés, não foram êles orientadores seguros nas pesquisas arqueológicas? E serão, por isso, sagrados êsses livros?

No tempo do grande Schliemann, Homero era o cantor de um antigo mundo submerso. A dúvida sôbre a existência de sua pessoa, diz C.W. Ceram, implicava na dúvida do que fôra relatado, e muito distantes estavam os sábios daquêles dias das arrojadas sugestões de escritores posteriores que chamaram a Homero de primeiro repórter de guerra. O valor de seu relato sôbre a luta em tôrno do castelo de Príamo era equiparado ao das antigas canções épicas ou mesmo relegado a condições de exclusivas histórias mitológicas. E não foi Homero um orientador primoroso nas escavações arqueológicas do extraordinária Schliemann? e porque êle fôsse êsse guia seguro e porque tivesse com suas narrativas, entremeadas de lendas, feito ressuscitar Tróia, Mycenas, Tirinto, Ítaca, iremos, por isso, dar valor a seus contos fantásticos? Schliemann, erudito, inteligente, homem que conhecia a fértil imaginação dos homens do passado, desacreditando as lendas, embrenhou-se pelo que de objetivo continham as narrativas de Homero E, por isso, a sua obra proporcionou à Ciência, à História e à Arte, um conhecimento mais profundo das coisas do passado.

E Pausânias não foi, também, com as suas descrições tidas como míticas, um outro orientador de sábios pesquisadores? Rerifo-me ao geógrafo e historiador grego do século II, autor de uma obra im-

portante "Periésis", que foi a melhor fonte onde os arqueólogos puderam procurar os locais dos monumentos da antiguidade clássica.

E o que diremos de Heródoto, que viajou há quase dois mil e quinhentos anos pelo velho Egito e que, como Homero e Pausânias, foi um grande orientador das escavações arqueológicas na terra dos Faraós?

Não confundamos, assim, História com Religião. Religião é moral, é justiça, é caridade, é tolerância, é amor. E isso só iremos encontrar verdadeiramente na Bíblia, depois de séculos de constantes derrotas militares, de sujeição política, de desenvolvimento moral, quando os judeus, então, transforamaram Jeová no bondoso e amável pai de Hilel e de Cristo.

Condenar a Bíblia no que concerne ao auxílio que ela prestou à Arqueologia, seria condenar Homero, Pausânias e Heródoto. Não condenamos o A. Testamento por isso, o que sempre desejamos afirmar é que o que êle tem de bom não destrói, em absoluto, aquilo que consta de trágico, de imoral, de injusto, de contraditório, de exagerado entre as suas inumeráveis páginas. Somos viceralmente contra a idéia dos que têm "Pentateuco" como obra de Moisés, quando sabemos pela História que o Patriarca dos judeus foi um padre de Osiris e que suas idéias religiosas não são as constantes da Bíblia. Não aceitamos o Deus que êste livro, tido como sagrado, nos pinta; porque o nosso é um Deus diferente, é o Deus de Jesus e do Espíritismo. Creio, sim, em Moisés, mas destituido das lendas infantis que o cercam, e sem as fantasias que lhe emprestam seus poetas exaltadores.

Maneton, historiador egípcio do II século, citado por Josefo, diz que o Êxodo foi devido ao desejo dos egípcios de se protegerem de uma peste que atacara os judeus pobres e escravos, e que Moisés era um sacerdote egípcio que assistia aos "leprosos" judeus e lhes ensinava preceitos de higiene, modelados nos do clero egípcio.

Temos em mãos o mais moderno livro sôbre Arqueologia: "O Segredo dos Hititas", do mundialmente conhecido arqueólogo e escritor. C. W. Ceram, o mesmo autor de "Deuses Túmulos e Sábios". Neste estão condensadas tôdas as descobertas orientadas pela Bíblia, naquêle constam as últimas descobertas arqueológicas, desta vez, não orientadas pela Bíblia, ao contrário, atrapalhadas.

Na apresentação dêste livro diz o editor:

"Embora algumas ruínas misteriosas tivessem sido notadas na Turquia central em 1839, por longo tempo ninguém as ligara aos hititas, povo a que a Bíblia só dedica sete linhas, considerado como uma tribo síria da menor importância. Só 40 anos depois, em 1880,

um herói da Arqueologia arriscou a ousada teoria de que existira um Império Hitita que se estendera do mar Negro a Damasco. E só por volta de 1910 começamos a ter os primeiros e escassos conhecimentos sôbre sua história. Foi preciso chegarmos a 1946 para haver esperanças de serem lidas as fabulosas inscrições hieroglíficas hititas. Isso só se conseguiu há poucos anos.

Hoje porém, vinte séculos d. C., sabemos que vinte séculos a. C. os hititas indo-europeus entraram na Asia Menor. Podemos agora colocar uma terceira grande potência ao lado da Babilônia de Hamurabi e do Egito de Tutankhamen. Podemos ler os primeiros fragmentos de uma grande literatura desconhecida, de que Ceram apresenta fascinantes excertos. Sabemos a verdade acêrca de Kadesh, uma das poucas batalhas que realmente mudaram a face da história do mundo. Conhecemos afinal como se fêz o primeiro grande tratado político da História da humanidade, entre os hititas e o Egito, etc...".

Vejamos, portanto, diz Ceram, o artigo sôbre os hititas na edição de 1871, da "Neus Konversationslexicon", de Meyer, a clássica enciclopédia germânica. Basta, apenas, um lance de olhos, pois o artigo diz:

"Tribo cananita encontrada pelos israelitas na Palestina; habitava na vizinhança de Hebron, ao lado dos amoritas; posteriormente encontrada mais para o Norte, na região de Bethel, tempo em que foi feita tributária por Salomão. Ainda em época posterior, uma tribo hitita independente, sob govêrno monárquico, viveu mais para o norte, perto da Síria".

Eis tudo. Aos hititas são dadas na Bíblia apenas "sete linhas". E o artigo não é só lastimàvelmente breve; é também errado em todos os pontos essenciais. Estas sete linhas nada mais fazem do que sumarizar informações esparsas dadas pela mesma Bíblia.

Assim, pela lógica dos antagonistas, porque a Bíblia desta feita, não nos pinta a realidade sôbre o Império Hitita, desprezêmo-la como fonte histórica. Não. Os povos antigos, antes e mesmo no tempo de Hilquias, conservaram tradicionalmente o nome de povos existentes em um passado longínquo. Tinham conhecimento de batalhas e lutas travadas em uma época em que a conquista estava em moda. Não é de admirar, pois, que assim como Homero, Pausânias e Heródoto, êles tenham escrito para a posteridade os seus conhecimentos. Mas vamos ser coerentes e admitir que nem tudo êles sabiam. Eis o porque, desta vez, a Bíblia disse muito pouco e mal.

* * *

Falemos, agora, um pouco sôbre as lendas. Deixemos que a História faça luz na mente dos que aceitam incondicionalmente as fantasias bíblicas. Que a "História da Civilização", de Will Durant,

esclareça, em definitivo, os bíblicos que ainda se contam por milhares. Trata-se de um historiador independente, que dá à Bíblia aquilo que de fato ela possui, mas que tem, também a coragem de dizer a verdade, mesmo que esta contrarie os bíblicos de todo mundo.

> "Estas deleitosas histórias da Criação, da Tentação e do Dilúvio foram tiradas das lendas da Mesopotâmia, velhas de 3.000 anos a. C.; já neste livro vimos várias de suas formas. É muito possível que os judeus se apropriassem de alguns dos mitos da Babilônia durante o Cativeiro, e mais provável ainda que os tomassem das antigas fontes semíticas ou sumerianas, comuns a todo o Oriente Próximo. As formas persas e talmídicas no mito da Criação representam Deus fazendo um ser de sexo duplo — macho e fêmea reunidos pelas costas, como os irmãos siameses — depois dividindo-os por achar melhor. Lembramo-nos da estranha sentença do Gênesis (V. 2) "Macho e fêmea criou-os êle, abençoou-os, e chamou-lhes Adão"; isto é, nossos primeiros pais foram originàriamente macho e fêmea — o que parece ter escapado a todos os teólogos, exceto a Aristófanes.
>
> A lenda do Eden aparece em quase todos os folclores — na Índia, no Egito, no Tibé, na Pérsia, na Grécia, na Polinésia, no México, etc. Muitos dêsses jardins do Eden possuem árvores proibidas e serpentes ou dragões que roubam a imortalidade do homem, ou envenenam o Paraíso. Tanto a serpente como o figo foram provàvelmente símbolos fálicos; atrás do mito está a opinião de que o sexo e a Ciência destroem a inocência e a felicidade, e são pois a origem do mal; encontramos esta mesma idéia no "Eclesiaste". Na maior parte destas histórias a mulher era o gentil agente da cobra ou do diabo, seja Eva ou Pandora, ou a Poo-See da lenda chinêsa. "Tôdas as coisas" diz o "Shi-ching", "eram a princípio sujeitas ao homem, mas uma mulher nos lançou na escravidão. Nossa miséria não vem do Céu, mas da mulher: ela perdeu a raça humana. Ah! infeliz Poo-See. Tu acendeste o fogo que nos consome e que sempre aumenta... O mundo está perdido. O vício tudo domina".
>
> Ainda mais universal é a história do Dilúvio; dificilmente um povo antigo não o via em seu corpo de lendas, e poucas montanhas da Ásia não foram o ancoradouro de algum Noé ou Shamash-Napishtin. Comumente essas histórias eram veículo ou alegoria de um pensamento filosófico ou ético de longa experiência racial — que o sexo e o conhecimento trazem mais sofrimento do que alegria, e que a vida humana está perpetuamente ameaçada pelas inundações, isto é, pelas calamitosas enchentes dos rios que flagelavam as velhas civilizações. Perguntar se tais histórias são verdadeiras ou falsas, se isto "realmente aconteceu", será propor uma questão superficial e vulgar; na essência está claro, não são o que a História refere. E seria desacêrto não gozarmos a sua encantadora simplicidade e o vívido da narração". (História da Civilização, pág. 341).

Não há povo que se baste a si próprio. As nações atrasadas copiarão sempre das mais adiantadas. É uma lei natural que não pode ser desmentida, nem mesmo pelos bíblicos que querem abrir uma exceção para a nação judaica.

# OS PROFETAS E AS MULHERES DA BÍBLIA

INICIAMOS êste capítulo, de chapéu na mão, pedindo perdão aos veneradores da Bíblia, pela nossa irreverência e mais do que isto, pela nossa incredulidade nas narrativas bíblicas a respeito de profetas e profecias É que nos habituamos a crer, sòmente, depois que o nosso raciocínio a isso nos autorize. E estudando a história dos profetas e de suas profecias, a nossa razão nos impele para um campo completamente oposto ao daquêles que se curvam ante a santidade dêstes "homens de Deus" e ante aquilo que consideram como prognósticos seus a respeito da vinda do Messias.

Dito isto, falemos primeiramente dos profetas, pelo menos, dos mais conhecidos, e vejamos se êstes homens reverenciados através de séculos, podem ser dígnos de nossa admiração, ou servir de exemplo, aos que, como nós, andam sofregamente em busca de caminhos iluminados pela virtude, para podermos alcançar o reino de Deus, prometido pelo Cristo. Consideremos, com imparcialidade, se o "amai-vos uns aos outros" fêz parte da vida dêstes homens; se a compostura, o decôro, a tolerância e a decência, iluminaram-lhes a existência.

Não desejamos falar da vida de matanças e crueldades de Moisés e Saul.

Elias, como todos sabem, foi aquela figura venerável, que subiu aos céus em um carro de fogo, com seu corpo, seu espírito e o seu corpo espiritual ou perispírito.

Temos meditado muito sôbre o destino dêste homem extraordinário, sem nunca chegar a uma conclusão definitiva. Ficamos sempre na dúvida se êle chegou ileso de queimaduras aos páramos celestiais, ou se sucumbiu em caminho, consumido pelo fogo do veículo que o conduziu. É o que a Bíblia não esclarece.

Êste profeta, um dos mais venerados pela cristandade, foi um assassino frio e impiedoso. Degolou com a maior simplicidade, num gesto de profunda intolerância, os seus colegas de Baal, no ribeiro de Kison. E além de ter sido recompensado por Deus, pelos seus crimes, há ainda, quem o considere o precursor de Jesus Cristo.

Elizeu, porque em caminho de Betel topasse com um bando de crianças que, em algazarra, lhe chamou careca, abespinhou-se e agiu como um perverso e um sanguinário. Qual foi sua atitude? Amaldiçoou as pobres crianças e fêz que duas ursas saídas do bosque espedaçassem quarenta e dois meninos irresponsáveis. E, entretanto, é êste profeta venerado pelos bíblicos.

Samuel cortou em pedaços o rei Agag, prisioneiro de Saul, pôsto a resgate e, segundo Bellangé, em "Judaisme", página 198, fêz o mesmo com os prisioneiros, que dividiu, em postas, no altar de Guilgal.

Nathan, êste homem de Deus, foi aquêle que enfrentou Daví para reprová-lo por seu adultério com Bethsabé, pelo assassínio de Urias e pelo casamento que se seguiu a êsse assassínio. Pois bem, esta figura respeitável de profeta, a quem os bíblicos reverennciam, foi o mesmo que secundou Bethsabé, em seu trabalho junto a Daví, para colocar Salomão no trono, êste homem nascido de um casamento sanguinário e infame. Como vêem os homens de Deus, os profetas, também sabiam usar de dois pêsos e duas medidas.

O famigerado Salomão, terceiro rei da Palestina, segundo o livro dos Reis, só subiu ao trono, em virtude de haverem Bethsabé e o "justo" Nathan conseguido de Daví que êste deserdasse seu filho Adonias, que além de ser o filho legítimo, era, ainda, o mais velho.

Adonias, excluído do trono por Salomão, pediu-lhe, como graça, permissão para desposar a Sunamita Abisague, aquela mesma jovem que servira para esquentar a velhice do patriarca Daví. A Escritura não fala se Salomão e Adonias disputavam a concubina do pai, mas afirma que Salomão, apenas, pelo fato da solicitação de seu irmão o fêz assassinar. Ao que parece, Deus que lhe dera o espírito de sabedoria, recusou-lhe o da justiça e de humanidade, como também o de continência.

E Salomão, êste cananeu cuja fama não se sabe se nasceu de seus livros, de suas riquezas ou de suas mulheres, começou seu reinado com um hediodo fraticídio.

O mais interessante é que esta figura venerável, que nunca escreveu livros, ou que, pelos menos, seus livros não chegaram até nós, que nunca foi possuidor de riquezas fabulosas e de cujo serralho abundante muita gente boa duvida, uma vez que seu palácio não daria para abrigar 700 rainhas e 300 concubinas, é justamente engrandecido por estas fantasias, nunca aceitas por homens sérios e que raciocinem normalmente.

Junte-se a tudo isto a impiedade com que êle castigava seus súditos, ultrapassando, como diz a Bíblia, de muito, o rigor de seu pai,

e digam se êsse homem pode merecer o respeito e o acatamento daquêles que presam sua inteligência e os elevados postulados morais de uma doutrina sadia, como a nossa.

Temos, ainda, alguns profetas, cujas atitudes estranhas bem podem servir de exemplo, àqueles que têm a Bíblia como farol.

Isaías recebeu ordem de Jeová de retirar o cilício dos ombros e "de andar nú com as nádegas de fora".

Jeremias, cumprindo ordem do mesmo Deus, andava com uma canga ao pescoço.

Ezequiel, obediente às ordens do Senhor, fêz-se amarrar, comeu um livro de pergaminho, deitou-se 390 dias sôbre o lado direito e quarenta sôbre o esquerdo e depois banqueteou-se comendo seus próprios escrementos com bôlo Será êste um exemplo para os que exaltam a Bíblia?

Oséias, por determinação de Jeová, amasiou-se com uma prostituta e gerou nela três filhos, depois com uma mulher adúltera procedeu de igual forma. Será possível que Deus incentivasse a prostituição e o adultério?

Jonas foi engolido por um monstro marinho, alguns dizem uma baleia, onde passou três dias e três noites; mas, como conseguiu, sem asfixia, arrepender-se no ventre do mostro, Deus teve piedade dêle e fêz com que fôsse vomitado ou defecado em uma praia.

Duvidar disto, deve ser uma grande heresia. Como é possível negar-se um fato histórico desta natureza? Depois, não está o Inferno eterno à espera dos que não crêem nas narrativas milagrosas da Bíblia?

Que Deus se apiede de nossa incredulidade.

Miquéias, como protesto pelos pecados de seu povo, resolveu andar nú pelas ruas, uivando como um dragão e prenteando-se como avestruzes. Para imitar, o uivo do dragão, êste monstro fabuloso e o prantear de avestruzes, o que deve ser extraordinàriamente comovente, êste profeta deve ter convivido com dragões e avestruzes. Tudo isto é muito edificante para a Bíblia.

Balaão, um profeta caldeu, muito citado pelos bíblicos, manteve interessante palestra com sua montaria e dela recebeu conselhos de alta moralidade. É que no tempo de Miquéias as bêstas falavam. Hoje, quando se trate de bestas devemos andar sempre de cima.

Eis alguns dos profetas do Antigo Testamento! Quanta beleza! Quanta coisa edificante e digna de ser imitada! Tudo isto é um poe-

ma de doçura, de justiça, de equilíbrio mental! Os que criticam estas coisas não têm bom senso, nem inteligência, nem discernimento.

A Bíblia, queiram ou não os heréticos, apesar dos pesares, continua sendo sempre um monumento imperecível e inatacável...

E aqui ficamos, sem nenhum desejo de seguir os exemplos dos profetas citados, e sem nenhuma disposição de aceitar que suas profecias sejam destinadas a Jesus Cristo. Isto não significa que pretendamos insinuar aos bíblicos, principalmente aos que entendem de Bíblias, que não se espelhem em seus profetas; advirtimos, apenas, como espírita e como irmão, que tenham muito cuidado com a Polícia quando pretenderem imitar Elias, Elizeu e Samuel; com o Hospício quando sentirem desejos de andar como Isaías, Jeremias, Miquéias e Balaão; com a Saúde Pública, quando tiverem de banquetear-se seguindo o "menu" de Jeremias. Cuidado com a língua do povo se tiverem de agir como Oséias, ou das mulheres se agir como Salomão.

Saindo, agora, do terreno do humorismo, o único com o qual nos sentimos capacitado a encarar os profetas e as suas profecias, perguntaremos, com o máximo de circunspecção: pode um homem que preza seus princípios austeros, e dá valor à sua inteligência, que tem a moral em sentido muito elevado, tomar a sério coisas desta natureza? E, mesmo assim, e apesar de tudo o que se vê e que salta em borbotões de entres as páginas do livro sagrado, em matéria de absurdos, incoerências e ridículos, continua a Bíblia sendo um monumento inatacável e imperecível.

É a palavra de Deus, é o livro escrito por Deus, é o documento que opõem à doutrina espírita. E o mais interessante é que há até espíritas que, fazendo côro com os nossos adversários, saem a campo para nos atacar, quando procuramos evidenciar que o baluarte dos inimigos do Espiritismo não tem qualquer valor probante, além de difundir erros de tôda a espécie e ser um repositório de imoralidades.

* * *

Onde se encontra a moral do "Pentateuco" que só nos apresenta mulheres prostituidas?

Rute se entrega a Boos; as filhas de Ló a seu pai; Sara se entrega a Abimeleque e ao Faraó, mediante, é certo, ricos presentes; Tamar se disfarça com os vestuários das prostitutas e, viúva, se entregava a seu sogro, e o levita de Efraim, para amainar o furor de alguns ébrios, não vacila em lhes ceder a mulher, durante tôda uma noite.

Deveremos, por ventura, olhar com bons olhos êste patriarca venerado pelos católicos, protestantes, judeus e espíritas, que se chama Abraão e que já em idade provecta, obriga Sara a colocar-lhe concubinas no leito, depois cedeu-a aos reis de Gerare e do Egito, fazendo-a passar por sua irmã e recebendo no final dos dois atos de sua representação indigna um prêço régio pelo corpo de sua espôsa?

Haverá alguma moralidade na História de Sodoma e Gomorra?

Será justo rendermos homenagem ao incestuoso Ló, que coabita com as suas duas desavergonhadas filhas, as desvirgina ao crepitar do fogo que ainda se alastrava por Sodoma e Gomorra, e depois, cìnicamente, vem dizer-nos que não sentiu nem quando elas se deitaram com êle? Poderemos, de sã consciência, venerar a êsse Jeová insensato que premia êsses dois monstros com a fecundidade tão desejada pelas judias, a ponto de fazê-las tronco de duas gerações importantes?

E o que poderemos dedicar a Jacó, que passa de Raquel para Lia e destas duas irmãs para suas escravas, maculando o ato sagrado do casamento?

Que referência poderemos fazer ao pai de Judá em homenagem ao comércio ilícito que manteve com Tamar, viúva de seus dois filhos?

Poderemos espelhar-nos no sábio Salomão, que desposou 700 mulheres, tendo já 300 concubinas, entre elas muitas filhas de reis; e que mandou assinar seu irmão Adonias, porque êste por intermédio de sua mãe Bate-Seba, pleiteou que o rei lhe cedesse uma de suas mulheres, a sunamita Abisague?

E nesta seqüência de fatos, consignados pela própria Bíblia, chegaremos à dolorosa conclusão, de que êste livro venerado há muitos séculos, não nos pode servir de farol, uma vez que os seus principais personagens não podem servir de espêlho a ninguém, nem mesmo aos seus poetas exaltadores e fanáticos.

# A ÍNDIA MÃE DA LEGISLAÇÃO HEBRÁICA

PENETRAMOS em um capítulo que, para nós, será a última prova de nossas constantes afirmativas, isto é, que nada há na Bíblia que seja original.

Conforme diz o eminente Louis Jacolliot, os hábitos e costumes da Judéia recordam de tal forma os da Índia que isto já é o suficiente para apagar tôdas as dúvidas de que haja sido o Hindustão o colonizador do mundo pelas constantes emigrações vindas de lá.

Os elevados princípios desta velha civilização dominaram a Pérsia, o Egito, a Grécia e Roma. A Judéia vai mostrar-nos a mesma influência até nos menores detalhes de uma organização social.

Colheremos várias provas, ao acaso, sem preocupação de ordem, e logo nos assaltarão à vista as chocantes, as impressionantes semelhanças de textos e tópicos, de sorte que será impossível negar a identidade ou unidade de origem.

## CASAMENTO DAS VIÚVAS ENTRE OS HEBREUS E HINDUS

Lemos na gênesis bíblica:

"Judá fêz Her, seu filho primogênito, esposar Thamar. Her, filho primogênito de Judá, foi um máu homem e o Senhor o fulminou com a morte.

"Judá disse, pois, a Onam, seu segundo filho: Desposai Thamar, a mulher de vosso irmão, e vivei com ela a fim de que susciteis filhos para vosso irmão. Ora, êste coabitando com a mulher de seu irmão sabia que os filhos que nasceriam dela não seriam seus filhos, mas, sim, de seu falecido irmão, "semen fundebat in terram". (Gên. C. XXXVIII, vs. 6 a 9).

Lemos, ainda, no livro de Ruth:

"Boaz disse: Tomo por mulher Ruth a moabita, mulher de Mahaton, a fim de fazer reviver o nome do defunto em sua herança e que seu nome não se extinga na família, entre seus irmãos e entre seu povo". (C. Iv. v. -0).

Entre os hindus, um pai não podia chegar à morada celeste senão por sacrifícios expiatórios, e as cerimônias que seu filho fazia sôbre o túmulo deviam ser renovadas em cada aniversário do morto. Era, pois, necessário, que cada pai tivesse um filho para que as portas do Céu lhe fôssem abertas Então a lei apelava para o devotamento do irmão ou do mais próximo parente do defunto, considerando infame aquêle que se negasse a êsse dever sagrado. O filho do nôvo marido era considerado filho do defunto.

O texto bíblico, como se vê, é colocado no costume hindu.

Entre os hebreus, segundo Jacolliot, todos os filhos que nascessem da viúva pertenciam ao marido defunto, o que é absurdo, pois, para continuar a posteridade de um homem, apaga-se a posteridade do outro. Entre os hindus, ao contrário, o primeiro filho que nascia tinha por pai o primeiro marido de sua mãe, dêle herda e deve cumprir as cerimônias mortuárias; mas tôdas as outras crianças que surgirem em seguida, pertencem ao irmão ou ao parente próximo que desposou a viúva, e desta maneira, seu devotamento não constituirá mais a ruina de seus interêsses.

Se depois de haver procriado um filho, não fôr possível obter outro, a lei permite ao hindu adotar um qualquer que será portador de seu nome e sacrificará em seus funerais.

O hábito hebraico é destituido de bom senso, pois êle declara filhos do defunto todos aquêles que vierem a nascer de sua mulher, sem se inquietar com o verdadeiro pai, que êle priva, desta forma, de tôda a descendência.

O costume hindu é racional e lógico, pois salvaguarda o interêsse dos dois, e, ainda, dá um motivo a êste ato, que seria incompreensível sem a crença religiosa, enquanto que a Bíblia não se crê obrigada a esclarecimentos e, naturalmente, ela se encontraria em grande embaraço se dela o exigissem.

Percebe-se, assim, com muita clareza, que isto não é mais que uma tradição hindu conservada, muito embora houvesse perdido de vista a finalidade que a legitimava e a tornava aceitável.

E Onam não teria certamente que pensar em prolongar a esterilidade de Thamar, se a lei atribuisse a seu irmão, apenas o primeiro filho nascido que pudesse vir à luz da sua união com a viúva

A dedução que se pode tirar, ainda, é que não crendo os judeus na imortalidade da alma, na confecção desta lei ficaram impossibilitados de seguir a lógica dos hindus.

# ANIMAIS IMPUROS PROIBIDOS DE COMER, DE ACÔRDO COM MANU E AS PROIBIÇÕES BRAMÂNICAS

"Todo dwija (em sânscrito: homem puro, homem santificado, regenerado) deve abter-se de quadrúpedes de casco não fendido, exceto, entretanto, aquêles que a Santa Escritura permite.

O porco doméstico (por oposição ao javalí, que é permitido), é declarado impuro, tenha embora o casco fendido.

Todos os pássaros carnívoros sem exceção, tais como o milhafre, o abutre e a águia são proibidos. Todos aquêles igualmente que atacam com o bico e rasgam com suas garras.

A mesma proibição atinge o pardal, que é dito, coisa notável, protetor das ceifas, pois êle destroi os insetos nocivos.

Assim, o cisne, o papagaio, o côrvo, o titibá, as aves com crista, o picanço, e todos aquêles cujas línguas atraiam insetos.

Todos os peixes, exceto aquêles da espécie patina e roita, isto é, tendo como êles, escamas e barbatanas, não podem fazer parte da alimentação dos que seguem a regra prescrita.

Todos os animais enfim que se arrastam sôbre a terra ou a cavam com as unhas, são proscritos como mais impuros ainda que os outros.

Tôda a impureza ocasionada ao homem por seu contato com um corpo morto dura dez dias e dez noites, ou quatro dias, ou um dia sòmente, segundo a reputação de sabedoria e a virtude que êle desfruta.

O vaso de cobre, de prata ou de ouro que conteve ou simplesmente foi tocado por corpos impuros, deverá ser purificado segundo o modo estabelecido. O vaso de barro deve ser quebrado e enterrado profundamente no solo, pois nada o purifica". (99).

Para que não nos alonguemos em demasia, uma vez que não iremos fazer ponto final, quando, apenas, começamos a provar a influência que a Índia exerceu sôbre os hábitos e costumes dos hebreus, pedimos aos leitores que consultem o Levítico e verifiquem se no capítulo II, que deve ser lido inteiramente, não se encontram as mesmas proibições da Índia. Os livros hindus, é bom que se observe, têm uma idade que demasiadamente se avantaja àquela do segundo livro atribuido a Moisés.

O que poderemos objetar em face de tanta coincidência, pergunta Jacolliot. Dirão, talvez, que tôdas essas proibições de animais não são mais que regras de higiene, comuns a todos os povos do Oriente. Isto não impedirá de forma alguma, seja a Índia a iniciadora, a primeira a indicar o caminho... Não resta senão um meio

(99) L. Jacolliot — **La Bible dans l'Inde** — ed. 1876 — pg. 166.

de justificar o caso, é negar a antiguidade da Índia. Para isso seria necessário provar primeiro que o sânscrito nasceu do hebraico...

Será que alguém terá a arrojo de pretender provar o impossível?

## A PROVA DA MULHER SUSPEITA DE ADULTÉRIO

Em Números, um dos livros atribuidos a Moisés, vamos encontrar:

> "Então aquêle varão trará a sua mulher perante o sacerdote e juntamente trará sua oferta por ela; uma décima de efa de farinha de cevada, sôbre a qual não deitará azeite, nem sôbre ela porá incenso, porquanto é oferta de manjares de ciúmes que traz a iniqüidade em memória. (v. 15).
>
> "E o sacerdote tomará água santa de um vaso de barro; também tomará o sacerdote do pó que houver no chão do tabernáculo... e êle dirá à mulher: se ninguém contigo se deitou... destas águas amaldiçoantes e amargas, serás livre... Mas se te apartaste de teu marido..., que o Senhor te faça descair a côxa e inchar o ventre".
>
> E êle lhe dará a beber..." (v. 17 em diante).

Vejamos, agora, o que se encontra no Guattama (Comentários sôbre Manú):

> "Era um costume antigo o de conduzir a mulher acusada de haver se desonrado, recebendo os braços de outro homem que não fôsse seu marido à porta do pagode, e entregue a um brama sacrificador. Êste último punha em um vaso com água trazida por um homem de classe misturada (pária), um caule de cousa (erva sagrada) com um pouco de terra retirada do rasto de um animal imundo, e dava esta água à mulher para bebê-la dizendo-lhe: se tua matriz não recebeu a semente estrangeira, esta água maldita será para ti doce como a ambrosía; se ao contrário recebeste a mancha impura, morrerás... e renascerás no ventre de um chacal; mas antes, teu corpo será atingido de elefantíasis e cairá em podridão. "Hoje a lei foi modificada de acôrdo com a norma religiosa".

## IMPUREZA DOS QUE TOCAM OS MORTOS, SEGUNDO A BÍBLIA (NÚMEROS):

> "Aquêle que toca o corpo de um homem morto fica impuro durante sete dias; êle deve para purificar-se, receber a asperção de água da expiação.
>
> Todos aquêles que entram na tenda de um homem morto, e todos os vasos que aí se encontram, são impuros durante sete dias.
>
> Todo o homem impuro torna impuro a todo aquêle que o toca". (C. XX).

## IMPUREZA DOS QUE TOCAM OS MORTOS, SEGUNDO MANU E AS TRADIÇÕES BRAMÂNICAS

"A impureza ocasionada pelo contato do corpo de um morto é declarada pela lei, que deve durar dez dias. (Manú-liv. 5).

Os brâmanes são purificados em três dias.

Aquêles que entram na casa de um vaysias ou de um soudra morto ficam impuros durante dez dias.

Aquêles que entram na casa de um rei após a sua morte, são impuros durante três dias.

A impureza que ocasiona o corpo de um brama não dura mais de um dia.

Assim que morre um homem todos os vasos de sua casa se tornam impuros. Os vasos de metal se purificam com o fogo, os de barro devem ser quebrados e enterrados.

Os homens se purificam com abluções de água lustral.

Manú, diz Jacolliot, que nos fala sôbre modos de purificação em uso no seu tempo, saindo desta práticas supersticiosas, exclama, elevando-se a uma altura desconhecida da Bíblia:

"De tôdas as coisas que purificam, a purificação na aquisição das riquezas é a melhor; aquela que conserva sua pureza se tornando rico é realmente puro, e não aquêle que é purificado com a terra e com a água.

"Os homens instruidos se purificam pelo perdão das ofensas, pela esmola e pela prece.

"O brama se purifica pelo estudo da Santa Escritura.

"Assim como os membros são purificados pela água, é o espírito pela verdade.

"As doutrinas sadias e as boas obras purificam a alma. A inteligência é purificada pelo saber."

Não pode ser posta em dúvida que estas impurezas dos mortos a contaminarem todos aquêles que dêles se aproximam, e a tudo o que entra ou se encontra em suas casas, mesmo os sêres inanimados, tenha sido um legado da Índia. Moisés copiou palavra por palavra essas tradições antigas; mas o que êle não quis imitar, diz o historiador, reabilitando êstes costumes, são estas visões largas e êstes grandes pensamentos que se encontram a cada passo em Manú, que resumia e que se inspirava nos sublimes ensinamentos dos Vedas.

A Bíblia nunca conseguiu ultrapassar o seu modêlo.

Pálido reflexo desta civilização antiga, que inspirou o Velho Mundo, dir-se-ia que tinha como lei apenas imitar as ridículas su-

perstições com as quais os brâmanes envenenaram o povo, para ocupar-lhe a vida, fazer-lhe esquecer o jugo e a perda da liberdade.

E o que verificamos em tudo o que se encontra escrito, até agora, é que a Índia tem sido copiada mais em seus detalhes do que no conjunto da elevação de seus extraordinários princípios.

## IMPUREZAS E PURIFICAÇÕES ENTRE OS HEBREUS, SEGUNDO O LEVÍTICO

"Falai aos filhos de Israel e dizei-lhes; qualquer homem que tiver fluxo de sua carne, será imundo, por causa de seu fluxo.

Esta pois será sua imundícia por causa de seu fluxo; se a sua carne estanca o seu fluxo, esta é a sua imundícia.

Tôda a cama em que se deitar o que tiver fluxo, será imunda; e tôda a coisa sôbre o que se assentar, será imunda.

E qualquer que tocar a sua cama, lavará os seus vestidos e se banhará em água, e será imundo até a tarde.

Quando também o que tem fluxo cuspir sôbre um limpo, então levará êste os seus vestidos, e se banhará em água, e será imundo até a tarde.

Também tôda a sela, em que cavalgar o que tem fluxo, será imunda.

E qualquer que tocar em alguma que estiver em baixo dêle, será imundo até a tarde; e aquêle que a levar, lavará os seus vestidos, e se banhará em água, e será imundo até a tarde.

Também todo aquêle em quem tocar aquêle que tiver fluxo, sem haver lavado as mãos com água, lavará os seus vestidos e se banhará em água, e será imundo até a tarde.

E o vaso de barro, em que tocar o que tem fluxo, será quebrado, porém todo o vaso de madeira será lavado com água.

Quando, pois, o que tem fluxo, estiver limpo de seu fluxo, contar-se-à sete dias para a sua purificação, e lavará os seus vestidos, e banhará sua carne em águas vivas, e será limpo.

E ao dia oitavo tomará duas rôlas ou dois pombinhos, e virá perante o Senhor, à porta da tenda da congregação, e os dará ao sacerdote.

E o sacerdote oferecerá um para expiação do pecado, e outro para o holocausto; e assim o sacerdote fará por êle expiação de seu fluxo perante o Senhor.

Também o homem, quando sair dêle a semente da cópula, tôda a sua carne banhará com água, e será imundo até a tarde.

Também todo o vestido, e tôda a pele em que houver semente de cópula, se lavará com água, e será imundo até a tarde.

Também a mulher, com quem o homem deitar-se com semente da cópula, ambos se banharão com água, e serão imundos até a tarde". (XV, 1 a 18).

Ainda do Levítico:

## IMPUREZA DA MULHER

"Mas a mulher quando tiver fluxo, e o seu fluxo de sangue estiver na sua carne, estará sete dias na sua separação, e qualquer se banhará com água, e será imundo até a tarde.

E tudo aquilo sôbre que ela se deitar durante a sua separação, será imundo; e, tudo sôbre o que se assentar, será imundo.

E qualquer que tocar a sua cama, lavará os seus vestidos, e se banhará com água, e será imundo até a tarde.

E qualquer que tocar alguma coisa, sôbre o que ela se tiver assentado, lavará seus vestidos, e se banhará com água, e será imundo até a tarde.

Se também alguma coisa estiver sôbre a cama, ou sôbre o vaso em que ela se assentou, se alguém a tocar, será imundo até a tarde.

E se, com efeito, qualquer homem se deitar com ela, e a sua imundícia estiver sôbre êle, imundo será por sete dias; também tôda cama, sôbre que se deitar será imunda.

E também a mulher, quando manar o fluxo de seu sangue, por muitos dias fora do tempo de sua separação, ou quando tiver fluxo de sangue, por mais tempo do que o de sua separação, todos os dias do fluxo da sua imundícia será imunda, como nos dias de sua separação.

Tôda cama sôbre que se deitar todos os dias de seu fluxo, ser-lhe-á como a cama de sua separação; e tôda coisa, sôbre que se assentar, será imunda, conforme a imundícia de sua separação.

E qualquer que as tocar será imundo, portanto lavará os seus vestidos, e se banhará com água, e será imundo até a tarde.

Porém quando fôr limpa de seu fluxo, então se contarão sete dias, e depois será limpa.

E ao oitavo dia tomará duas rôlas, ou dois pombinhos, e os trará ao sacerdote, à porta da tenda da congregação.

Então o sacerdote oferecerá um para expiação do pecado, e o outro para holocausto; e o sacerdote fará por ela a expiação do fluxo da sua imundícia perante o Senhor.

Assim separareis os filhos de Israel das suas imundícias, para que não morram nas suas imundícias, contaminando o meu tabernáculo, que está no meio dêles.

Esta é a lei daquêle que tem fluxo e daquêle de quem sai a semente da cópula, e que fica por ela imundo.

Como também da mulher, enfêrma na sua separação, e daquêle que padece do seu fluxo, seja varão ou fêmea, e do homem que se deita com mulher imunda". (XV, 19-33).

## IMPUREZAS E PURIFICAÇÕES ENTRE OS HINDUS, SEGUNDO OS VEDAS E O COMENTADOR RAMATSARIAR

Ramatsariar é um sábio da mais alta antiguidade, grandemente venerado pelos teólogos bramânicos do sul do Hindustão, e tido como autoridade em tudo o que diz respeito às purificações, às cerimônias e sacrifícios do culto.

Os Vedas, ou Escritura Santa, tem como princípio sôbre a purificação, que a do corpo deve ser feita pela água e a espírito, pela prece e as boas obras.

É assim que Ramatsariar se exprime sôbre o assunto de que tratamos:

"É um estado do homem e da mulher que os impede de tomar parte em festas de família e nas cerimônias do templo, pois, são impuros, e as abluções feitas com as águas sagradas do Ganges não os purifica antes da cessação dêste estado.

## IMPUREZAS DO HOMEM

"Todo o homem que houver contraido uma doença pelo uso ou abuso das mulheres, será impuro enquanto ela perdurar, até a sua cura, e dez dias e dez noites depois que isso se verifique.

Seu hálito é impuro, sua saliva é impura, seu suor é impuro.

Êle não pode comer nem com sua mulher, nem com seus filhos, nem com nenhum outro de seus parentes ou de sua casta; os manjares se tornam impuros; impuros serão também durante três dias, todos os que comerem com êles.

Seus vestidos são maculados e devem ser purificados com a água lustral e todos os que o tocarem se tornam imediatamente impuros durante três dias.

Aquêle que lhe fala, colocando-se contra o vento, é impuro e se purifica pela ablução da tarde quando o sol se deita.

A esteira de seu leito é impura, e nada pode purificar; ela deve ser queimada.

Seu leito é impuro e deve ser purificado pela água lustral. Os vasos de que se serve para beber, os pratos de barro cosido sôbre os quais êle coloca seu arroz são maculados; êles devem ser quebrados e enterrados.

Se êstes vasos ou êstes pratos são de cobre ou de outro metal, êles podem ser purificados pela água lustral ou pelo fôgo.

Tôda a mulher que consentir em juntar-se a êle, conhecendo o estado no qual êle se encontra, será impura durante dez dias e dez noites, e deverá oferecer o sacrifício da purificação depois de se haver banhado na piscina destinada às manchas vergonhosas.

Êste homem assim impuro não poderá terminar as cerimônias funerárias pelo aniversário da morte de seus parentes; o sacrifício seria impuro e repelido pelo Senhor de tôdas as criaturas.

O cavalo, o camêlo, o elefante, sôbre os quais êle montar para as suas peregrinações, serão impuros e deverão ser lavados com água, na qual se deverá dissolver uma tigela de cousa.

Se êle conclui a sua peregrinação no Gange, suas faltas não serão remidas, porque êle o fêz estando impuro.

Se êle traz água do rio sagrado não poderá servir à preparação da água lustral, pois ela se tornará impura como êle.

Se êle bate neste estado em um homem de sua casta, êle será condenado ao duplo da multa ordinária, e aquêle que fôr batido será impuro até o deitar do sol.

Quando êle estiver curado, êle se banhará na piscina das manchas vergonhosas, depois fará suas abluções com água lustral, e consagrará todo um dia à prece, pois êle o não pode fazer até êste dia.

Êle fará abundantes esmolas aos sauniassys.

Êle se encontrará, então, à porta do pagode, onde depositará oferendas de arroz, de mel e manteiga branca, com um cordeirinho que não foi ainda tosquiado. Se êle fôr pobre e não puder oferecer um cordeiro, êle oferecerá um casal de pombos, sem manchas, e que ainda não hajam entoado a canção do amor e tecido seu ninho. Êle então se tornará puro, e poderá se reunir a sua mulher e aos seus filhos".

Ainda segundo os hindus:

## IMPUREZA DA MULHER

"O divino Manú disse: Dezesseis dias completos, com quatro dias distintos, interditos por pessoas de bem, formam o que se chama a estação natural da mulher, durante a qual seu marido pode achegar-se a ela com amor, seduzido pela atração da volupia. Dêstes dezesseis dias, os quatro primeiros sendo já interditos, assim como o décimo primeiro e o décimo terceiro, os dez outros são aprovados.

O Veda diz: O marido deve respeitar sua mulher durante a estação natural, como se respeita a flôr da bananeira, que anuncia a fecundidade da próxima colheita.

O décimo primeiro e o décimo terceiro dias são atingidos de interdição por motivos de abstinência. Os quatro primeiros dias são olhados como engendrando a imundícia e a vergonha para todos aquêles que os não respeitam.

Durante os quatro dias, a mulher é impura; que ela se refugie no fundo de sua casa e se esconda longe de seu marido, de seus filhos, de seus criados.

Seu hálito é impuro, sua saliva é impura, seu suor é impuro.

Tudo aquilo que ela toca se torna impuro no mesmo instante, e o leite se coalha no vaso que ela tem entre as mãos.

A esteira de seu leito é manchada; deve ser queimada e o leito banhado com água lustral.

"Tôdas as coisas sôbre as quais ela repousar serão impuras, todos aquêles que a tocarem se tornam impuros e deverão purificar-se com o banho à tarde.

Que ela não pronuncie o nome de seu marido, nem de seu pai, nem de sua mãe, neste estado, pois ela é impura e os maculará.

Que ela não se esfregue com açafrão.

Que ela não se enfeite com flôres.

Que ela não faça trançar seus cabelos pelas suas empregadas, neste estado, ela deve evitar os queixumes.

Que ela deixe suas jóias, elas se tornarão impuras e precisariam ser purificadas pelo fôgo.

Ela não deve comer nem com seu marido, nem com seus filhos, nem com suas empregadas, mesmo que sejam mulheres da mesma casta que ela.

Que ela se resguarde de fazer oferecimentos e de assistir a cerimônias fúnebres, suas oferendas seriam impuras e as cerimônias seriam maculadas.

Se esta impureza de quatro dias estabelecida pelo divino Manú, se prolonga por dois, por quatro ou dez dias, a purificação não poderá ter lugar durante êste lapso de tempo; assim o prescreve a lei.

Assim que todos os sinais exteriores cessarem, e depois de dois banhos, o da manhã e o da tarde, que são chamados banhos do sol levante e banhos do sol que dorme, que ela termine de purificar-se com água lustral.

Que ela vá então à porta do pagode e aí deposite suas oferendas de arroz, de mel e de manteiga branca; que ela ofereça igualmente, um cordeirinho, sem mácula, que não tenha sido ainda tosquiado e se não puder, um casal de pombos que não hajam entoado a canção do amor, nem trançado seu ninho.

E tendo feito isto, estará purificada e poderá retornar às suas ocupações no lar.

E ela poderá chamar a si seu marido que havia fugido, em execução desta ordem da Escritura: "Aquela que, durante as noites interditas, se abstem do comércio conjugal, se conserva tão pura como um dwidja ou um brahmatchar (discípulo da Santa Escritura, estudante de Teologia)".

É necessário muito fanatismo para negar as semelhanças flagrantes entre a Bíblia judaica, ou melhor, a sociedade judaica e a hindu.

Ora, como ninguém ignora a ancianidade da Índia, nem os Vedas pré-históricos, convirão, por certo, que a Índia não poderia ter copiado Moisés.

Moisés faz imolar um boi diante do altar, a exemplo dos brâmanes, dos hierofantes egípcios, dos magos da Pérsia e dos padres da antiga Grécia; em vez de ver nisto uma imitação, diz Jacolliot, bem natural dos usos tão velhos quanto o mundo, os Jesuitas Menochius e de Carrières encontram o emblema, a figura da Eucaristia.

Moisés aconselha os banhos exigidos pelo clima e se inspira nas regras editadas por Manés e Manú; em lugar de reconhecer que êle não fêz senão seguir o costume generalizado no Oriente, os mesmos jesuitas vêem nestes banhos impostos aos hebreus a imagem da pureza da nova fé, que deverá mais tarde regenerar o mundo cristão.

Diz o eminente indianista, que é sempre o mesmo o sistema de comentário: não se quer admitir que o ato mais insignificante não tenha nascido no Sinai e não seja de inspiração divina. Mas, para sustentar esta opinião, a que tristes argumentos não são êles obrigados a descer!

Por que espantar-nos? Não sabemos nós, desde muito, que não há para certas castas, nem verdades históricas, nem bom senso, nem razões fora das suas ou de seus adeptos?

> "Será que os brâmanes, os magos, os levitas, os hierofantes pretendendo-se os eleitos de Deus, os únicos dispensadores da verdade e do bem, consenteriam em deixar-se contrariar um só instante? Será que não fizeram tremer os reis que quiseram subtrair-se à sua influência? Não teriam êles reinado pela tortura e pela fogueira?...
>
> Porque, ainda uma vez espantar-nos se a tradição continua, se a herança encontrou herdeiros, e se o levitismo moderno emprega tôda as suas fôrças e dá tôdas as suas reservas por uma batalha suprema, com o objetivo confesso de proscrever a razão e a liberdade, e de restaurar o velho despotismo sacerdotal, que já cobriu o mundo de ruínas e de mártires". (100).

## PROIBIÇÃO DE COMER CARNE

Assim encontramos no Levítico:

> "E, qualquer homem da casa de Israel, ou dos estrangeiros que peregrinarem entre êles, que comer algum sangue, contra aquela alma que comer sangue, eu porei a minha face, e a extirparei de seu povo.
>
> Porque a alma da carne está no sangue; pelo que vô-lo tenho dado sôbre o altar; para fazer expiação pelas vossas almas; porquanto é o sangue que fará expiação pelas almas.
>
> Portanto tenho dito aos filhos de Israel: Nenhuma alma dentre vós comerá sangue, nem o estrangeiro, que peregrine entre vós, comerá sangue.

(100) L. Jacolliot — **La Bible dan l'Inde** — 8.ª ed. 1876 — pg. 180.

Também, qualquer homem dos filhos de Israel, ou dos estrangeiros que peregrinem entre êles, que caçar caça de animal ou de ave que se come, derramará seu sangue e o cobrirá com pó.

Porquanto é a alma de tôda a carne; o seu sangue é pela sua alma; por isso tenho dito aos filhos de Israel; não comereis o sangue de nenhuma carne, porque a alma de tôda a carne é o seu sangue; qualquer que o comer será extirpado. (C. XVII — v. 10 a 14).

## PROIBIÇÃO RELATIVA AOS ANIMAIS MORTOS

E tôda a alma entre os naturais, ou entre os estrangeiros que comer corpo morto ou dilacerado, lavará os seus vestidos, e se banhará com água, e será imundo até a tarde; depois será limpa.

Mas se os não lavar, nem banhar a sua carne, levará sôbre si a sua iniqüidade". (Levítico C. XVII — vs. 1 e 16).

## PROIBIÇÃO DE COMER SANGUE DE ANIMAIS E A CARNE MORTA, SEGUNDO AS INSTITUIÇÕES BRAMÂNICAS

"O homem que come o sangue de um animal não proscrito pelo Veda, isto é, do qual se possa alimentar, é considerado filho de um psotchas (sorte de demônio vampiro) e perecerá, pois ninguém deve se alimentar de sangue.

Aquêle que come o sangue de um animal proscrito pelo Veda, isto é, do qual não se possa comer, morre de lepra, e sua alma deve reviver no corpo de um chacal imundo.

O sangue é a vida, é o divino licor que banha e fecunda a matéria da qual é formada o corpo, como os cem braços do Gange fertilizam e fecundam a terra sagrada; e da mesma forma que seria insensato ensaiar de esgotar a fonte do rio imenso, assim seria o de exaurir as fontes da vida inùtilmente, nem profaná-las se alimentando.

É pelo sangue que o fluido puro emanado do grande Todo, e que é a alma, vem unir-se ao corpo. É pelo sangue que o feto se atém à mãe; é pelo sangue que temos a Deus.

Não se come a seiva das árvores, que é seu sangue e que produz o fruto. Da mesma forma não se deve comer o sangue dos animais que é a sua seiva.

O sangue encerra os segredos misteriosos da existência; nenhum ser criado pode viver sem êle. Comer sangue é profanar a grande obra do Criador.

Que aquêle que dêle se nutrir tenha receio de não poder deixar, nas migrações sucessivas, o corpo do animal imundo, no qual sua alma deve renascer.

O brâmane sacrificador sangra o boi, o cordeiro e a cabra, antes de os oferecer no altar, que isto vos sirva de exemplo.

Quando desejardes vos alimentar da carne de animais puros e que não seja proibida, seja de ruminantes com os cascos fendidos, seja de outro tomado à caça, voadores ou quadrúpedes, fareis um

buraco na terra e fechai-o depois de haver espalhado o sangue do animal que quiserdes comer.

Fora as penas do outro mundo, a elefantíasis, a lepra e as doenças mais humilhantes esperam aquêles que transgridem estas proibições".

## PROIBIÇÕES RELATIVAS A ANIMAIS MORTOS

"Todo o animal que morra por si, ou por acidente, é impuro, mesmo que não seja daqueles proibidos pela Santa Escritura, porque o seu sangue se conserva em seu corpo e ninguém o fêz correr na terra.

Aquêle que come dêste animal, come seu sangue e sua carne, o que é proibido, e êle se torna impuro como animal de que se alimentou.

Se a maior parte das pessoas de classes misturadas morrem de lepra e de doenças humilhantes, que fazem de seus corpos a prêsa dos vermes, mesmo antes de cessarem a vida, é porque comem todos os animais mortos que encontram.

Aquêle que comeu dêsses animais deverá ir à piscina destinada a lavar as sujeiras vergonhosas, e depois de aí haver lavado os seus vestidos, mergulhará seu corpo n'água e fará três abluções prolongadas, e, ainda, assim, ficará impuro até o segundo levantar do sol".

Moisés quando proibe comer o sangue dos animais, só dá um motivo a esta proibição: "porque a vida da carne está no sangue" e nada mais esclarece, como é sempre de seu hábito.

Como se observa, êle se dirigia a um povo que tinha mais necessidade de ser dominado que esclarecido e que, pela sua ignorância, aceitava as proibições sem cogitar de suas causas.

Na Índia, ao contrário, a mesma proibição sente a necessidade de desenvolver-se, de dirigir-se à inteligência, de fazer compreender porque ela foi ditada, e então, as considerações de que ela se envolve se elevam a uma altura que a Bíblia não alcançou, mesmo porque, nela não há mais que uma lembrança enfraquecida.

"O sangue é a vida, é o divino licor que fertiliza e fecunda a matéria de que é formado o corpo, como os cem braços do Ganges fertilizam e fecundam a terra sagrada".

É pelo sangue que o fluido puro (agasa) emanado do Grande-Todo e que é a alma, vem se unir ao corpo".

E Moisés, diz, ainda, Jacolliot, não faz mais que abreviar estas lembranças quando escreve esta simples explicação da regra que êle impunha: "Porque a vida da carne está no sangue".

Está mais uma vez provado que a Bíblia não é mais que um éco da Índia, ou um éco que não permite contradita das instituições do Oriente.

Nos cinco livros atribuidos a Moisés, diz o historiador citado, se encontram a cada passo, detalhes dos hábitos, dos costumes dessas cerimônias, da forma de sacrifícios, das leis, que dadas sem a menor explicação, não podem encontrar sua razão de ser, senão na imitação das civilizações antigas, e quanto mais avançarmos nestes estudos comparativos, mais nos persuadiremos de que Moisés não fêz mais que abreviar, para uso dos hebreus, as instituições dos egípcios, que êstes últimos haviam recebido da Índia.

## O SANGUE DE TODOS OS ANIMAIS DEVE TRAZER-SE À PORTA DO TABERNÁCULO

O Levítico assim se exprime:

"Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: Fala a Arão e a seus filhos, e a todos os filhos de Israel, e dize-lhes: Esta é a palavra que o Senhor ordenou, dizendo:

Qualquer homem da casa de Israel, que degolar boi, ou cordeiro, ou cabra, no arraial, ou quem os degolar fora do arraial;

E os não trouxer à porta da tenda da congregação, para oferta ao Senhor diante do tabernáculo do Senhor; será culpado de morte e morrerá no meio do povo, como se tivesse derramado o sangue de um seu semelhante;

Eis porque os filhos de Israel devem apresentar ao padre os animais que querem imolar em vez de sacrificarem nos campos, a fim de que êles sejam santificados pelo Senhor e os ofereçam como sacrifícios pacíficos diante do tabernáculo.

E o sacerdote espargirá o sangue sôbre o altar do Senhor, à porta da tenda da congregação e queimará a gordura por cheiro suave ao Senhor.

E nunca mais sacrificarão os seus sacrifícios aos demônios, após os quais êles se prostituem; isto ser-lhe-á por estatuto perpétuo nas suas gerações.

Dize-lhe pois: Qualquer homem da casa de Israel, ou dos estrangeiros que peregrinam entre vós, que oferecer holocausto ou sacrifício, e não o trouxer à porta da tenda da congregação, para oferecê-lo ao Senhor, o tal homem será extirpado do Senhor". (C. XVII, vs. 1 a 9).

Antes de procurar o senso simbólico desta curiosa injunção de não matar animais, bois, cordeiros, ou cabras, senão diante da porta do tabernáculo e pela mão do padre, vejamos quais foram as ordenanças que regulamentaram os mesmos costumes, entre os hindus.

No livro V, de Manú, vamos encontrar:

"O Ser que existe por sua própria vontade criou êle mesmo os animais para o sacrifício, e o sacrifício é a causa do crescimento dêste universo; eis porque a morte cometida pelo sacrifício não é uma morte.

Tantos pelos tenha o animal pelo corpo, tantas vêzes aquêle que o mata de uma maneira ilícita morrerá de morte violenta a cada um dos nascimentos que se seguirão.

Aquêle que não come a carne de um animal que êle achou ou que êle recebeu de um outro depois de o haver ofertado a Deus, não se torna culpado. Pois comer a carne, depois do cumprimento do sacrifício, foi declarada regra divina.

Um brâmane nunca deve comer a carne de animais que não tenham sido consagrados pelos padres, mas que a coma, conformando-se com a regra eterna, logo que êles tenham sido consagrados pelas palavras sagradas.

Aquêle que, mesmo todos os dias, se alimenta da carne de animais permitidos de comer, não comete nenhuma falta, pois Brama criou certos sêres animados para serem comidos e os outros para comê-los.

Que um dwidja que conhece a lei não tenha nunca o pensamento de matar um animal sem fazer a oferenda; que êle não coma nunca a carne sem conformar-se com esta regra, a não ser em caso de urgente necessidade.

Aquêle que, ùnicamente por prazer, mata animais inocentes, não vê a sua felicidade crescer, seja durante a vida, seja depois da morte.

Mas o anacoreta retirado nas florestas não deve matar nenhum animal sem a sanção do Veda, mesmo em caso de aflição.

Encontramos no Sama-Veda:

"Devem-se respeitar os animais pois sua imperfeição é uma obra da Sabedoria superior que domina os mundos, e é necessário respeitar esta Sabedoria, mesmo em suas obras mais ínfimas.

Não matareis, pois, os animais, que, como vós, são criações divinas, sem motivo ou por prazer.

Não os atormenteis nunca.

Não os façais nunca sofrer.

Não os sobrecarregareis de trabalhos.

Não os abandoneis na velhice, tendo em conta a lembrança dos serviços que êles vos prestaram.

O homem não pode matar os animais senão para seu alimento, evitando com cuidado aquêles que são proibidos como impuros.

Mesmo os imolando para seu alimento, êle comete uma falta, pela qual será severamente punido se não fôr observada a regra prescrita.

Que êle conduza diante do templo o animal que êle deseja comer, e o padre o imolará oferecendo-o ao Senhor e espalhará o sangue da vítima sôbre o altar.

Pois o sangue é a vida e tôda a vida que se extingue deverá voltar a Deus.

Aquêle que come a carne sem conformar-se com as prescrições da Santa Escritura, morrerá de uma maneira ignominiosa, pois êle matou sem sacrificar sua morte, pois êle derramou o sangue sem oferecê-lo ao Mestre de tôdas as coisas".

"Aquêle que deseja observar a lei prescrita não comerá da carne dos animais senão depois de havê-los feito oferecer a Deus pelo brâmane sacrificador, que espalhará o sangue no altar, pois o sangue deve ser oferecido ao Criador para a santificação da morte.

Quem quer que seja que comer da carne sem o sacrifício será maldito neste mundo e no outro, pois o divino Manú disse: "Êle me devorará no outro mundo, isto é, aquêle que come a carne neste".

Vê-se daquela passagem do Levítico, citada anteriormente, que Moisés proibia aos hebreus imolar animais, a não ser diante da porta do tabernáculo e sob pena de morte.

Mas, como sempre, o legislador desdenha de expôr os motivos, de fazer conhecer o fim de sua proibição.

Porque, segundo a expressão mesma da Bíblia, proibe-se a morte de todo o animal *in castris vel extra castra,* no campo ou fora dêle.

A estrófe 7, do capítulo XVII do Levítico, que trata desta matéria contém uma explicação semelhante destas palavras: *Et nequaquam ultra immolabunt hostias suas doemonibus*... E êles não oferecerão mais para o futuro suas imolações aos falsos deuses.

Mas, que prova esta passagem, pergunta o grande orientalista? Ela indica simplesmente que outrora os israelitas imolavam seus animais diante das estátuas dos deuses que Jeová tinha derrubado, e que os mesmos costumes eram conservados em proveito do culto.

O que queremos encontrar na obra atribuida a Moisés é a idéia que pode dar nascimento a esta proibição de imolar sempre à porta do tabernáculo e em nenhum outro lugar, *ut sanctificentur* Domino, a fim de que os animais mortos sejam santificados pelo Senhor.

Por que, enfim, a santificação do sangue derramado?

Moisés nada mais fêz, assevera Jacolliot, que abreviar as ordens antigas do Egito e da Índia, e abreviador inteligente, retendo o costume, êle chega sempre a esquecer a idéia que lhe deu nascimento.

Reportemo-nos às passagens de Manú e dos Vedas que transcrevemos sôbre o assunto, e então, nos é possível dissipar a obscuridade do texto bíblico, de explicá-lo lògicamente, deduzindo disto a conseqüência natural, a de que o texto não é, como todos os demais, senão o resultado de uma cópia mal feita.

Não tenhamos dúvida de que êste hábito de sacrificar às divindades o sangue dos animais para o santificar antes de servir de alimento, veio da Índia e dêle o Oriente todo se saturou.

Mais tarde a primitiva idéia enfraqueceu, tornou-se simbólica e cessou o hábito de oferecer a Deus cada animal. A esta cerimônia de todos os dias, surgiram as festas periódicas, durante as quais o povo carregava animais de tôda a espécie, que o padre sacrificava sôbre o altar com a finalidade de uma pacificação geral.

Jacolliot assegura que sòmente a Índia se conservou fiel aos antigos hábitos e, ainda hoje, os brâmanes e os membros das altas castas não comem a carne senão depois de consagrada no Templo.

"Eis como tôdas as civilizações antigas procedem uma da outra, e como comparando-as nos mínimos detalhes de suas vidas, de seus costumes usuais, chega-se a encontrar esta comunidade de origem que, longe de ser o fruto de uma idéia paradoxal, é o resultado fatal e lógico das leis que presidem o desenvolvimento da espécie humana.

A opinião católica que persiste em ver nos antigos usos hebraicos uma figura da Igreja nova, explica êste capítulo do Levítico de maneira bem diferente.

Segundo ela, estas proibições foram simplesmente estabelecidas por Deus para impedir os judeus de oferecerem os sacrifícios em outro qualquer lugar que não fôsse o tabernáculo.

Farei, antes, observar que a Bíblia se serve destas expressões:

"Homo quilibet de domo Israël", isto é, todo o homem em Israel que tiver matado em outro lugar que não seja à porta do tabernáculo.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Se se tratasse de um sacrifício à divindade, sòmente o padre teria o direito de oferecê-lo, enquanto que, no sentido que nos ocupa, todo o hebreu tem o direito de matar diante do tabernáculo, uma vez que êle santifique seu ato remetendo o sangue da vítima ao padre, que o esparge sôbre o altar em sinal de expiação.

É pois, dos animais destinados à alimentação que se cogita e não dos destinados às cerimônias puramente religiosas.

Ante ostium tabernaculi testimonii immolent eas hostias pacificas.

Êles imolarão suas vítimas pacíficas ante a entrada do tabernáculo.

## Eis o que é ordenado aos hebreus:

Fundetque sacerdos sanguinem super altare Domini.

O padre espargirá o sangue sôbre o altar do Senhor.

Eis o papel do levita:

Eu o repito, se se tratasse de um sacrifício simbólico à divindade, sòmente o padre tinha o direito de imolar a vítima, e isto, não à porta do tabernáculo, mas no fundo do mesmo templo, onde nenhuma outra pessoa poderia entrar.

De resto, é necessário fazer sofrer o texto singulares torções para chegar a tornar possível esta explicação que combatemos.

Eis aqui a tradução desta passagem pelo padre de Carrière, na edição aprovada da Bíblia que temos sob os olhos.

## Texto do Levítico:

Homo qui libet de domo Israel, si occiderit bovem, aut ovem, sive capram, in castris vel extra castra:

Et non obtulerit ad ostium Tabernaculi oblationem Domino, sanguinis reus erit: quasi si sanguinem fuderit, sic peribit de medio populi sui.

Ideo sacerdoti'offerre debent filli Israel hostias suas quas occident in agro, ut sanctificentur Domini...

## Tradução literal:

Todo o homem da casa de Israel que houver morto um boi, um carneiro ou uma cabra, no campo ou fora do campo.

E que não o haja oferecido ao Senhor, diante da porta do tabernáculo, será culpado de ter derramado o sangue; e como se êle houvesse derramado o sangue, êle perecerá no meio de seu povo.

É por isso que os filhos de Israel devem oferecer ao padre as vítimas que mataram nos campos, para que sejam santificados pelo Senhor.

## Tradução do padre de Carrière da Companhia de Jesus:

"Todo o homem da casa de Israel ou os prosélitos estabelecidos entre êles, querendo oferecer um sacrifício ao Senhor, terá morto, nesse intento, um boi ou uma ovelha ou uma cabra no campo ou fora do campo.

E que não o tenha apresentado à entrada do tabernáculo para ser oferecido ao Senhor, será culpado de morte, e perecerá no meio de seu povo, como se houvesse derramado o sangue de um homem.

Eis porque os filhos de Israel devem apresentar aos padres as vítima que querem oferecer ao Senhor, a fim de que êles as imolem diante do tabernáculo, em lugar de matá-las no campo...

"Tôdas as passagens sublinhadas não existem no texto: esta lealdade de tradução pode trazer comentários. Observemos sempre que são precisamente estas interpolações pouco escrupulosas que servem de base a esta opinião, que o Levítico compreendeu neste capítulo falar dos animais oferecidos puramente em sacrifício a Jeová e não dos destinados ao alimento do povo.

Ademais, o Levítico, no capítulo VII, parece esgotar esta questão, quando ordena oferecer ao Senhor o sangue e a gordura de todos os animais mortos indistintamente, sob pena de morte, e dar ao padre o peito e a espádua direita de cada vítima imolada.

Aqui não se trata de animais destinados ao alimento, isto não suportaria a sombra de uma dúvida. É incontestável igualmente que somos obrigados a remontar ao Extremo Oriente para encontrar a explicação dêstes costumes, que a Bíblia é impotente para nos dar". (101).

## IMPUREZA OCASIONADA PELOS MORTOS E CUIDADOS DE PURIFICAÇÕES, DE ACÔRDO COM O LEVÍTICO

### (Leis acerca dos sacerdotes)

### Levítico, capítulo XXI:

"Depois disse o Senhor a Moisés: Fala aos sacerdotes, filhos de Arão, e dize-lhes: O sacerdote não se contaminará por causa dum morto entre os seus povos.

Salvo por seu parente mais chegado a êle; por sua mãe, por seu pai, e por seu filho, e por sua filha, e por seu irmão.

E por sua irmã virgem, chegada a êle, que ainda não teve marido; por ela se contaminará.

Não se contaminará por príncipe entre seus povos, para se profanar

Não farão calva na sua cabeça, e não rasparão os cantos de sua barba, nem darão golpes na sua carne.

Santos serão a seu Deus; e não profanarão o nome de seu Deus, porque oferecem as ofertas queimadas do Senhor, o pão do seu Deus, portanto serão santos". (1 a 6).

### Levítico, capítulo XXII:

"Depois falou o Senhor a Moisés dizendo:

Dize a Arão e a seus filhos que se apartem das coisas santas dos filhos de Israel, que a mim me santificam, para que não profanem o nome da minha santidade: eu sou o Senhor.

Dize-lhes: Todo o homem que entre as vossas gerações, de tôda a vossa semente, se chegar às coisas santas que os filhos de Israel

---

(101) L. Jacolliot — **La Bible dans l'Inde** — 8.ª edição — 1876 — pg. 190.

santificam ao Senhor, tendo sôbre si a sua imundícia, aquela alma será extirpada de diante de minha face: eu sou o Senhor.

Ninguém da semente de Arão, que fôr leproso, ou tiver "fluxo" comerá das coisas santas, até que seja limpo, como também o que tocar alguma coisa imunda, de cadáver, ou aquela de que sair a semente da cópula.

Ou qualquer que tocar algum réptil, pelo que se fêz Imundo, ou algum homem, pelo que se fêz imundo, segundo tôda a sua imundícia:

O homem que o tocar será imundo até a tarde, e não comerá das coisas santas, mas banhará a sua carne em água.

E havendo-se o Sol já pôsto, então será limpo; e depois comerá das coisas santas, porque êste é o seu pão.

O corpo morto e o dilacerado não comerá, para nêle não se contaminar: eu sou o Senhor.

Guardarão pois o meu mandamento para que por isso não levem pecado, e morram nêle, havendo-o profanado: Eu sou o Senhor que os santifico". (fs. 1 a 9).

Se a Bíblia não fôsse um livro lido, sem a preocupação, na maioria das vêzes, de se lhe compreender o sentido, há muito tempo estariamos persuadido de que ela não é senão uma mistura dos antigos mistérios, dos mais vulgares, de superstições do Egito e há muito a luz se teria feito sôbre êste ponto.

Estas duas passagens que acabamos de citar necessitam de algum desenvolvimento antes de as fazer seguir das ordenanças hindus das quais elas decorrem.

"O capítulo XXI ordena aos padres de não se imiscuirem em cerimônias religiosas, pois, êles se tornarão impuros. Permite, apenas, presidir àquelas de seus parentes próximos, abstendo-se sempre de tudo o que o pudesse tornar impuros. Não abre mesmo, exceção a esta regra geral, nem quando se trate de um príncipe.

O capítulo XXII proibe os padres de tocar nas coisas santas enquanto se conservarem impuros, isto é, leprosos, afetados de certas moléstias ou tendo se tornado impuros por um morto ou por um homem que tocasse um morto, ou quando houvesse tocado um animal que rastejasse, e geralmente tudo o que é conservado impuro, segundo as expressões do Levítico. Isto significa que a "revelação divina" considerava impuro a todo aquêle que levasse o seu semelhante a sua última morada; ao padre que contraia uma moléstia independente de sua vontade; ao padre que tocasse um morto ou fôsse tocado por um homem que tivesse contato com um morto e também quando êste tocasse um animal que rastejasse.

Que singular amontoado de superstições ridículas e como teríamos piedade se encontrassemos semelhantes coisas na Teologia de qualquer povoação bárbara da Oceania!

Que! Isto teria saido da bôca de um Deus? Se Deus se manifestasse seria para proibir aos homens estas práticas singulares? (102).

Compreende-se que isto fôsse necessário até certo ponto, ao povo de Israel daquêle tempo, embrutecido pela servidão, mas que nos queiram hoje fazer aceitar tamanhas frivolidades, quanto a isto, protestamos veementemente.

Como se observa nos cinco livros atribuidos a Moisés, ninguém fica impuro pelo pecado e sim pelo toque em coisas materiais, naquilo que êles consideravam impuro.

Êste sistema de impurezas que cessam com o banho, é o mesmo que inspirou os povos da Alta Ásia, e todos os povos do Oriente. A mesma "revelação" que Moisés recebeu de Jeová, recebeu Maomé. Invenções para ensinar os homens da época a terem uma noção de higiene, daí o espírito de religiosidade de que impregnavam as leis.

## IMPUREZAS CAUSADAS PELOS MORTOS, SEGUNDO MANU, OS VEDAS E O COMENTADOR RAMATSARIAR

"A impureza causada por um corpo morto, dura dez dias, conforme a lei, para aquêles que presidem os funerais até o momento em que êles forem recolhidos, (incinerados).

A impureza causada por um morto atinge a todos os parentes.

Um dia e uma noite juntas a três vêzes três noites, os parentes próximos do morto que tocaram em seu cadáver ficam purificados; três dias sòmente são necessários para os parentes distantes.

"O discípulo que cumpriu a cerimônia dos funerais de seu diretor espiritual não fica purificado senão ao fim de dez noites; êle é colocado no mesmo plano que os parentes que levam o corpo.

Para as crianças do sexo masculino (da casta dos padres) que morrem antes da tonsura, a purificação é de uma noite. Mas assim que recebem a tonsura, uma purificação de três noites é precisa.

Uma criança morta antes da idade de dois anos, sem ser tonsurada, deve ser transportada por seus parentes para a terra benta e sem que a queimem para recolher seus ossos... E seus parentes serão submetidos a uma purificação de três dias.

Um dwidja, se seu companheiro de noviciato vem a morrer, fica impuro durante um dia...

Os parentes maternos das jovens noivas, mas não casadas ainda, que venham a morrer, ficam purificadas em três dias; os parentes paternos ficam purificados da mesma maneira... Que êles se banhem durante três dias.

(102) L. Jacolliot — **La Bible dans l'Inde** — 8.ª ed. 1876 — pgs. 191-192.

Quando um brâma sábio nas Santas Escrituras é falecido, todo o homem que se aproxima é impuro durante três noites sòmente.

Quando um rei morre, todo aquêle que dêle se aproxima fica impuro enquanto o sol brilha, se morreu durante o dia; o tempo que dure o clarão das estrêlas se sua morte se deu durante à noite".

Vejamos, agora, em que consiste a impureza dos padres e de que maneira êles se devem purificar do contato com os mortos.

Encontra-se nos preceitos védicos:

"O brâmane que recebeu a investidura sagrada, e que por isso é destinado a oferecer os sacrifícios e a explicar as Escrituras Santas, deve se abster de todo o contato com os mortos, pois os mortos transmitem a impureza e o padre oficiando deve sempre conservar-se puro.

O único meio do impuro purificar-se, é depois dos banhos, recitar em voz baixa as orações que apaguem as impurezas.

Mas o brâmane que faz as cerimônias funerárias na morte de seu pai e de sua mãe não se torna impuro, pois o Senhor de tôdas as coisas disse: Aquêle que honra seu pai e sua mãe nesta vida, e sacrifica em sua morte, que é seu nascimento em Deus, não pode nunca ser impuro.

Se êle preside aos funerais de seu irmão ou de sua irmã, que ainda não foi provida de marido, ficará impuro até o fim da cerimônia e êle se purificará com banhos e preces até que o Sol se deite pela segunda vez.

Que êle nunca penetre no templo estando impuro para oferecer o sacrifício do sarmawedha ou do l'aswanuda: o sacrifício, assim, oferecido é impuro.

Que êle assista aos funerais reais, que o santifique com suas preces, mas que êle se guarde de tocar no corpo.

Mostremos como os Vedas são superiores à Bíblia e como se elevam a uma altura nunca atingida por aquela:

O verdadeiro sábio duas vêzes regenerado, e que vive na perpétua contemplação de Deus, não se torna impuro por coisa nenhuma dêste mundo.

A virtude é sempre pura, êle é a virtude.

A caridade é sempre pura, êle é a caridade.

A prece é sempre pura, êle é a prece.

O bem é sempre puro, êle é o bem.

A essência divina é sempre pura, êle é uma parte da essência divina.

O raio do Sol é sempre puro, e sua alma é como um raio de Sol. que vivifica tudo que o envolve.

Sua morte, mesma, não causará impureza a ninguém, pois, a morte para o sábio duas vêzes regenerado é um segundo nascimento no seio de Brâma.

## Ramatsariar (Comentários sôbre o Veda):

O corpo se torna impuro pelo impuro contato com os mortos e de tudo que seja declarado impuro.

A alma se torna impura pelo vício.

Estas leis e impureza do corpo foram estabelecidas por Aquêle que existe por seu próprio poder, a fim de que o homem conserve a vida do corpo e lhe dê a saúde e a fôrça pela água, que é soberana purificadora...

Quanto às impurezas da alma, elas desaparecem com o estudo das Santas Escrituras, com os sacrifícios expiatórios e com a prece, etc. ...

E como disse o divino Manú: "Um brâmane torna-se puro quando se afasta de tôdas as afeições mundanas.

## PROIBIÇÃO AOS LEVITAS DE BEBER LICORES FERMENTADOS ANTES DE PENETRAR NO TEMPLO

Disse, ainda, o Senhor a Arão: Vinho nem bebida forte tu e teus filhos não bebereis, quando entrardes na tenda da congregação, para que não morrais, estatuto perpétuo será isso entre as vossas gerações:

E para fazer diferença entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo;

E para ensinar aos filhos de Israel todos os estatutos que o Senhor lhes tem falado pela mão de Moisés. (Levítico C. X — vs. 9 a 11).

## PROIBIÇÃO AOS BRÂMANES DE BEBER LICORES FERMENTADOS ANTES DE PENETRAR NO TEMPLO

## Extraído do livro de preceitos brâmanicos — Os Vedas:

Que o brâmane oficiando, antes de afrontar a majestade do Mestre do Universo para lhe oferecer no templo o sacrifício da expiação, se abstenha de todo licor espirituoso e dos prazeres do amor.

Que os licores espirituosos causam a embriaguês, o esquecimento dos deveres; êles profanam a prece.

Os divinos preceitos da Escritura Santa não podem sair de uma bôca empestada pela embriaguês.

A embriaguês é o pior de todos os vícios, pois ela mancha a razão, que é um raio de Brâma.

Os prazeres do amor permitidos aos homens, tolerados no dwidja, são proibidos aos padres quando êles se preparam para contemplação do dominador dos céus e dos mundos...

...O brâmane não pode se aproximar do altar do sacrifício senão com a alma e o corpo puros".

## CASAMENTO DOS PADRES — DEFEITOS QUE EXCLUEM DO SACERDÓCIO

Em Levítico C. XXI:

Não tomarão mulher prostituta ou infame, nem tomarão mulher repudiada por seu marido; pois santo é a seu Deus.

E êle tomará mulher na sua virgindade. (C. XXI — vs. 7 e 13). Depois falou o Senhor a Moisés dizendo: Dize a Arão e a seus filhos:

Se um homem dentre as famílias de vossa raça tem uma mancha no corpo êle não oferecerá sacrifício a seu Deus.

Êle não se aproximará do ministério do altar se fôr cego, manco, se tem o nariz muito pequeno, muito grande ou torto.

Se tem pé ou mão estropiados. (C. XXII — vs. 17-18).

Resumamos o que disse o Levítico. Êle estende, ainda, suas proibições ao corcunda, ao remelento, ao que tenha vilide nos olhos, ao sarnoso crônico, ou ao que sofre de hérnia. Todo o homem da raça de Arão que tiver uma mancha qualquer não se aproximará para oferecer vítimas ao Senhor, ou pães consagrados, nem tão pouco poderá comer dos pães oferecidos no santuário.

## CASAMENTO DOS PADRES, SEGUNDO OS VEDAS E AS INSTITUIÇÕES BRAMÂNICAS

Que o brâmane despose uma jovem brâmanica virgem e sem mancha, assim que atingir o fim de seu noviciado e receber a investidura sagrada.

Que êle não procure uma viúva, uma moça doente ou de máus costumes, ou qualquer outra pertencendo a uma família que não estude a Escritura Santa.

A mulher que êle escolher deve ser agradável e bem feita, que seu caminhar seja púdico e tímido, sua fisionomia doce e sorridente, sua bôca virgem de beijos, sua voz seja melodiosa e acariciante como a voz da datyhoua, que os seus olhos transpirem a inocência no amor. Pois é assim que uma mulher enche uma casa de alegria e de felicidade e que atrai a prosperidade.

Que êle se guarde de tôda a mulher de raça impura e vulgar; êle se tornaria impuro por seu contato e assim seria êle a causa da degradação de sua família.

A mulher cujas palavras, pensamentos e corpo são puros, é um bálsamo celeste.

Feliz será aquêle cuja escolha seja ratificada por tôdas as pessoas de bem".

### Manú, livro III — id. :

É prescrito ao dwidja escolher uma mulher de sua classe...

Que êle prenda uma virgem bem feita, cujo nome seja agradável, que tenha o andar gracioso do cisne ou do elefante nôvo e cujo corpo seja revestido de uma leve penugem, cujos cabelos sejam finos, os dentes pequenos, e os membros de uma doçura encantadora.

Que evite aquela cuja família negligencia os sacramentos, que não produz crianças do sexo masculino, ou não estudam as Santas Escrituras... ou aquela cujos parentes são perseguidos por doenças vergonhosas.

### Ramatsariar (Comentários), id. :

O brâmane que casa com uma mulher que não é virgem, que é viúva, que foi repudiada por seu marido ou que não seja conhecida como mulher virtuosa, não pode ser admitido para oferecer sacrifícios, pois é impuro, e nada pode lavar a sua impureza.

Não há caso, diz o divino Manú, nem da história, nem da tradição, que um brâmane, mesmo à fôrça, haja casado com uma mulher de baixa classe.

Que o brâmane despose uma mulher de sua classe, diz o Veda.

Está pois escrito que o brâmane não pode desposar uma mulher de baixa condição ou de classe servil.

### O divino Manú diz ainda:

O brâmane que compartilhar do leito de uma mulher soudra será rejeitado na mansão celeste.

Nenhuma purificação se encontra prescrita pela lei para aquêle cujos lábios se tornaram impuros por uma mulher soudra e que respirou seu hálito impuro...

## DEFEITOS QUE EXCLUEM OS PADRES DOS SACRIFÍCIOS À DIVINDADE, SEGUNDO AS INSTITUIÇÕES BRAMÂNICAS

O brâmane adquirindo moléstias vergonhosas, como a lepra, a elefantiásis ou a sarna, não pode entrar no templo para oferecer o sacrifício, pois, é impuro e Deus não receberia a sua oferenda.

Esta impureza durará enquanto durar a moléstia, e dez dias depois, êle se purificará pelas abluções no tanque sagrado do templo e por três vêzes se fará aspergir de água lustral.

> Se a doença é incurável, êle será excluido para sempre dos sacrifícios, mas êle terá sua parte nas oferendas de arroz, de mel, de manteiga clarificada, de grãos e de animais degolados para o sacrifício, pois, o divino Manú disse que será castigado de morte em todos os seus sucessivos nascimentos, o brâmane que usar um alimento não consagrado".

Diz Jacolliot que, assim como se pode ver, os livros sagrados e os teólogos da Índia não distanciam dos templos e dos sacrifícios senão o bramâne atacado de moléstia contagiosa, e isto, sòmente enquanto durar a moléstia.

Depois de haver copiado êste princípio, a Bíblia o exagera em suas aplicações e, como sempre, com uma estreiteza de idéias vizinha do ridículo.

Que pensar dêste Jeová que afasta do templo todos aquêles *que têm uma vilide no ôlho,* ou que têm a infelicidade de nascer com um *nariz pequeno, muito grande ou torto?* Mormente sabendo-se que foi Êle mesmo que os fêz assim?

Como ficou evidenciado, a sociedade judaica foi pelo Egito uma emanação hindu, como tôdas as demais civilizações da antiguidade.

A Índia, ninguém, hoje, se atreve a negar, é uma civilização antiquíssima, incomparàvelmente mais velha que aquela em que viveu Moisés. Logo, foi Moisés que se inspirou na multi-milenar Índia dos Vedas.

Prevenimos ao leitor, que todo êste subsídio foi pedido de empréstimo, entre outros, a Louis Jacolliot, de seu livro "La Bible dans l'Inde" das páginas 162 a 202. Queriamos provar à saciedade aquilo que desde o início vimos afirmando, isto é, que nada de original se encontra entre as páginas dos livros atribuidos a Moisés, nem mesmo, a sua legislação. E estamos a crer que o conseguimos.

# A ANTIGUIDADE DA ÍNDIA

"Os antigos asiáticos — disse Moisés de Chorene, cinco séculos antes de nossa era — e especialmente os hindus, os persas e os caldeus possuiam uma multidão de livros históricos e científicos. Êstes livros foram parte extraidos em língua grega, sobretudo depois que os Ptlomeus estabeleceram a biblioteca de Alexandria e encorajaram as literaturas por suas liberalidades, de maneira que a língua grega foi um repositório de tôdas as ciências". (103).

A Pérsia e a Caldéia viviam em comunicação constante com a mãe pátria e a seguiam em seus movimentos literários e científicos.

Amien-Marcellin nos ensina, segundo L. Jacolliot, com Agathias, o quanto eram estreitos os liames de filiação que uniam a Pérsia e a Caldéia à Índia.

"Posteriormente a Zoroastro, o rei Hystasp tendo penetrado em certos lugares retirados da Índia superior, chegou a matas solitárias, cujo silêncio favorece os profundos pensamentos dos brâmanes. Lá, êle aprendeu com êles tanto quanto lhe foi possível. Os ritos puros dos sacrifícios, as causas dos movimentos dos astros e do Universo, dos quais, logo após êle comunica uma parte aos magos. Êstes transmitiram aquêles segrêdos de pais a filhos, com a ciência de predizer o futuro, e é depois dêle (Hystasp) que, em um longo seguimento de séculos até nossos dias, esta multidão de magos, compuseram uma só e mesma casta, consagrada ao serviço dos templos e ao culto dos deuses". (104).

A Índia foi o grande foco civilizador da sociedade antiga, continua o historiador, não querendo desagradar a certos sábios que exploram particularmente, uns o Egito ou a Judéia, outros a Caldéia ou a Pérsia, fazendo de cada um dêsses lugares os iniciadores do mundo antigo. Não é necessário multiplicar os esboços engenhosos para fazer esta prova; é suficiente ler as obras de grandes escritores da Grécia, do Egito e de Roma, dos quais muitos se formaram na escola dos Bramânes, e que todos, como Amien-Marcellin e Agathias, indicam o país regado pelo Indo e o Ganges como sendo o berço de

---

(103) Moisés de Chorene — **Histoire d'Arménie.**
(104) Louis Jacolliot — **La Genèse de l'Humanité** — ed. 1879 pg. 42.

tôdas as tradições primitivas, de tôdas as ciências. Veremos, brevemente, estudando, em seus detalhes tão variados, os usos e costumes que a Índia legou aos povos antigos e modernos, que é necessário, com William Jones, Colebrook, Burnouf e Halled, para não citar senão os mais ilustres, admitir a maternidade dêste país, ou pretender, o que seria absurdo, que não há um povo, tanto entre os antigos, como entre os modernos, aos quais a Índia não se tenha apressado em adotar pouco a pouco todos os usos, tôdas as crenças, tôdas as leis.

Em seu absurdo, continua Jacolliot, esta suposição não é mesmo possível, pois tôdas as nações transformaram pouco a pouco êstes usos, estas crenças, estas leis que os seus ancestrais trouxeram da Alta Ásia, a ponto de terem esquecido a idéia primeira que lhes deu nascimento, enquanto que a Índia, embora digam os inventores do semitismo e da civilização dos acadianos, esteja, por assim dizer, petrificada em sua forma primitiva apresenta ainda hoje aos olhos do observador espantado, o espetáculo de um país que, depois de vinte mil anos ou mais, conserva suas tradições civis e religiosas, sob o pretexto de que elas atingiram a perfeição relativa que é possível ser adquirida na Terra.

Sem dúvida, diz o estudioso dos costumes e religiões da Índia, entre os membros das duas castas inferiores, os Vaysias e os Soudras, não se encontrarão as sublimes concepções bramânicas em tôda a sua pureza, mas o que se passa lá é o que acontece em tôdas as sociedades humanas; há a superfície que, como as águas de um lago, reflete a pureza do Céu, enquanto o fundo fica na obscuridade, e não ocorrerá ao espírito de quem quer que seja provar, em nossa época, a ignorância das classes que pensam e estudam, pela ignorância das gerações retardadas quanto ao progresso intelectual. Houve em todos os tempos e há, ainda, entre o bramâne e o soudra, no ponto de vista científico, a mesma diferença que há entre o patrão e o escravo.

Na Índia, o escravo não está liberto do brâmane, o brâmane não está liberto das tradições védicas, e é esta imobilidade que permite encontrar hoje tôdas as instituições civis e religiosas que o mundo deve a esta parte da Ásia, com a explicação das causas que lhe deram nascimento.

É com real felicidade, diz o eminente historiador, que tomamos de empréstimo as linhas seguintes, do sábio Herder:

"É evidente que o sistema dos brâmanes devia ser bom, no tempo de seu estabelecimento, e é a êste caráter de bondade que êle dever ter se espalhado sôbre um espaço tão considerável, de haver pene-

trado em uma tão grande profundidade, e de estar durando há tantos séculos. O pensamento humano procura sempre desembaraçar-se, desde que possa, dos liames que o retêm cativo, e bem que o hindu seja dotado de uma paciência maior do que a de qualquer outro povo, é pouco provável que êle viesse a tomar gôsto por uma coisa absolutamente má. De outro lado, é forçoso reconhecer que os brâmanes desenvolveram de tal forma entre êstes povos a doçura, a delicadeza, a temperança e a castidade que, a maior parte do tempo, em comparação com os europeus, foi fatal a êstes últimos, que parecem ao lado dos hindus, homens degradados pela embriaguês e pelo vício. Suas maneiras e sua linguagem são elegantes, sem nada de forçado; calmos, benévolos, limpos ao excesso, simples em sua maneira de viver, êles educam seus filhos com uma notável doçura. Não são desprovidos de conhecimentos, mas, onde êles se distinguem é em sua paciente e laboriosa indústria, e na arte da imitação; mesmo as classes inferiores aprendem a ler, a escrever e a calcular. Mestres zelosos da juventude, os brâmanes têm sob êste título e durante longo curso dos séculos prestado inapreciáveis serviços à humanidade. Vêde nas relações dos missionários de Halle de que julgamento corretos são capazes, de que caráter benfeitor os brâmanes e os habitantes de Malabar fazem provas em suas questões, com suas respostas, suas objeções, sua maneira de ser em geral, e é pouco provável que sejais tentados a vos colocar ao lado dos estrangeiros que aceitaram a missão de convertê-los.

A idéia capital dos brâmanes a respeito da divindade é tão grande, sua moral tão elevada e tão pura, suas fábulas mesmo, quando as examinamos atentamente, são tão delicadas e graciosas, que não as podemos remontar até os seus autôres a responsabilidade das absurdas degradações que elas sofreram passando pela bôca do povo.

Deve-se igualmente fazer a vontade aos brâmanes de ter sabido, malgrado tôdas as opressões dos maometanos e cristãos, conservar pura e intata sua língua tão bela e tão rica, salvar qualquer destrôço da Astronomia, da Cronologia, da Física, da Jurisprudência da alta antiguidade; pois, o uso quase mecânico que êles fazem hoje dessas ciências satisfaz às suas vidas, e o que impede o seu desenvolvimento é justamente o que lhes assegura poder e duração.

No mais, os hindus não perseguem ninguém, êles deixam cada estrangeiro livre com sua religião, com seus conhecimentos, com a sua maneira de viver.

Por que não agirmos da mesma maneira que êles? Por que mesmo reconhecendo que o hindu conservou os erros das tradições que lhes foram legadas, não aceitarmos que êle seja um povo de boa vontade? De tôdas as seitas a de nome Swayambhouva, a causa universal — que abraça a parte ocidental da Ásia, é a mais florescente; a mais instruida, a mais humana, a mais nobre e a mais útil que aquelas dos bonzos, dos lamas e dos talapoins.

O Ganges que viu nascer os brâmanes, os vê, ainda, celebrar sôbre suas margens seus ritos principais...

Que imensa influência não exerceu esta casta, durante milhares de anos, sôbre o pensamento humano, influência tão grande, que, malgrado a dominação mongol que ela sofreu tanto tempo, sua

importância e suas doutrinas se conservam imutáveis e sua ação sôbre os costumes e o gênero de vida dos hindus é tão poderoso, que uma outra religião não poderá nunca exercer tal influência.

Tudo neste povo é sua obra manifesta: seu caráter, sua maneira de vida, seus costumes, seus detalhes os mais ínfimos, sua língua, seu gênio; e embora sua religião seja às vêzes incômoda e tirânica, as castas, mesmo, inferiores a respeitam como as leis divinas mais sagradas. Só os malfeitores, os miseráveis, expulsos de sua casta, ou pobres crianças abandonadas, é que abraçam uma religião estrangeira. Nunca, qualquer que seja a sua infelicidade, o hindu se despoja dêste sentimento de orgulho e superioridade vis-à-vis da Europa que êle serve, sem invejar; prova evidente que nunca, também, **êste povo se aliará a um outro.**

É fora de dúvida que é no caráter da nação, e no clima que é preciso procurar a explicação de um fenômeno até agora sem exemplo; pois não há um povo que se possa comparar ao hindu pela paciência, submissão e paz de espírito. Se o hindu se recusa com tanta persistência a adotar os preceitos e usos estrangeiros, é que já a instituição de Brama ocupa sua alma tôda inteira, enche sua vida, absorve seu pensamento com exclusão dos demais. Daí, estas cerimônias, estas festas tantas vêzes repetidas, êstes deuses inumeráveis, estas fábulas, êstes lugares sagrados, estas obras meritórias a que desde a infância se apegam, e ocupam sua imaginação e lhe lembram a cada passo na vida o que êle é e o que êle deve ser. Todos os esforços da Europa, têm encalhado nessa sujeição do pensamento, que não terminará, crêde-nos, senão com o desaparecimento do último hindu". (105).

Nada desejamos acrescentar a esta citação de Herder, que resume em duas páginas o caráter especial da civilização bramânica.

"As doutrinas dos hindus se conservam imutáveis...

Tudo neste povo é sua obra manifesta: seu caráter, sua maneira de viver, seus detalhes mais ínfimos, sua língua, seu gênio...

Enquanto existir, êste povo não será aliado de nenhum outro...

Os brâmanes exerceram, durante milhares de anos, uma imensa influência sôbre o pensamento humano..., etc., etc..

Pergunta Jacolliot, o que concluir destas verdades afirmadas em todos os estudos orientais? Que a reprovação de haver imitado os povos antigos não pode atingir nunca ao hindu.

Os que assim afirmam, agem, sempre, dentro de um interêsse, seja de seita religiosa ou de casta científica.

No último século, os Filehelenos (amigos dos helenos) e Egiptólogos se entregaram a discussões intermináveis para saber qual era a mais antiga das civilizações, a grega, a egípcia ou a assiriana.

---

(105) L. Jacolliot — **La Bible dans l'Inde.**

Hoje, que a antiguidade dos egípcios e dos assírios não pode ser mais posta em dúvida, é a antiguidade da Índia que certos egiptólogos e assiriólogos retardados atacam, desejando que a Ciência se imobilizasse nas suas pretensas descobertas.

Não está longe a hora desta revelação da velha mãe hindu, de que nos fala M. de Jancingny, senão completa, ao menos suficiente, para retirar tôdas as dúvidas e confundir todos os que têm agido de má fé.

A Índia, diz o ilustrado Jacolliot, acumula provas bastantes em favor de sua extraordinária antiguidade. Ruinas, esculturas, inscrições, manuscritos, documentos de tôda a espécie sôbre Literatura, Artes, Ciências, Religiões e Filosofia, são cedidos em profusão por êste nobre país. Aqui não há sistemas engenhosos a apresentar, senão traduzir e expor as ciências dos brâmanes; êste papel é demasiado modesto para os nossos sábios oficiais, e depois o Céu da Índia está cheio de esplendores mortíferos, e por isso, é mais fácil debater um texto da Bíblia ou uma inscrição cuneiforme, em seu gabinete, do que os ir desbravar.

É certo que se a pátria dos Vedas, apesar de haver conservado, segundo as expressões de Herder, sua Astronomia, sua Cronologia, sua Física, sua Jurisprudência e suas crenças da mais alta antiguidade, não podia ser reconstituida senão com o auxílio de alguns fragmentos de textos recolhidos sôbre colunas quebradas, de capitéis caídos sôbre a erva, há muito tempo que a Ciência titulada lhe teria restituido na história da humanidade o lugar ao qual ela tem direito.

Em seu discurso de instalação como Presidente da Sociedade de Etnografia, assim se expressava o eminente professor de japonês, M. de Rosny:

> "Começam a tomar-nos emprestado nossas idéias, sem nos citar bem entendido; e eu aprendi anteriormente que a teoria que professais há dez anos da ciência etnográfica, acaba de nos chegar da Alemanha, com a grande satisfação dos admiradores da ciência germânica.
>
> Eu também admiro a erudição germânica, mas não creio, precisamente, que tenhamos a lucrar, trocando a nossa maneira de fazer a Ciência contra aquela de nossos vizinhos, os alemães. Em todo caso, protesto enèrgicamente contra a atitude dos sábios francêses que não sabem acolher senão pela conspiração do silêncio as descobertas de seus compatriotas não titulados e que vêm em seguida rufar tambores para anunciar estas mesmas descobertas, quando elas chegam à França sob uma falsa etiqueta ou por um canal estrangeiro. Esperemos que, malgrado êsses sábios que bebem suas inspirações na Alemanha, e os que, por esterilidade de espírito, se cingem a fazer importação científica, a França ocupará um lugar importante na obra de reconstituição da primitiva civilização bramânica".

Diz mais o eminente professor que chegam mesmo a inventar civilizações que nunca existiram, para se fabricarem iniciadores imediatos, e não terem que remontar às margens do Ganges.

Aconselhariamos ao leitor, em face da vastidão do assunto, a folhear pacientemente a extraordinária obra de L. Jacolliot "La Genèse de l'Humanité", da qual estamos sendo quase que exclusivo compilador.

M. Hallevy formula uma das verdades de superfície. *Os japonêses assimilaram os costumes exteriores principais, mas o fundo de sua religião, de suas leis, vêm da Índia. Está provado que o japonês pertence à grande família das línguas sânscritas".*

Mas, se por ventura, nos fôr concedido mais alguns instantes de atenção, prolongaremos nossa tese, servindo-nos de um personagem eminente que desafia os sábios do mundo a provarem a existência dos acadianos, sumerianos e turanianos, êstes de descobrimento mais recente, mas que os estudiosos deixaram sem provas que evidenciassem a sua existência. Trata-se do eminente M. Helévy, apontado por Jacolliot do qual iremos transcrever o resumo da segunda parte da arenga que êste sábio manteve com os seus colegas, sem que êstes se dignassem de responder-lhe, de acôrdo com as suas arguições simples e de natureza etnográfica:

"Enquanto os mestres da ciência assiriológica discutem o nome da nação turaneana, que inventou a escrita cuneiforme, e iniciou os babilônios nos conhecimentos indispensáveis para uma vida civilizada, que me seja permitido perguntar se a existência mesma de uma nação turaneana sôbre o baixo Eufrates não destrói as mais sadias noções que a Etnografia, ajudada pela História e pela Geografia, nos forneceu até o presente sôbre a antiga população dêste país?

Esta questão espantará sem dúvida os sábios aos quais eu me dirijo. Êles me lastimarão talvez de ignorar... talvez me acusarão de fingir e ignorar as fortes e numerosas provas que os corifeus da assiriologia representaram durante vinte anos, para demonstrar o turanianismo da antiga civilização babilônica. A isto eu respondo: gosto mais de parecer ignorante que crédulo.

As provas dadas pelos assiriólogos são de um caráter puramente linguístico: diz-se que a língua que resulta de certas inscrições, descobertas em Babilônia e Assíria se assemelham e por seu capital lexicográfico e por seu mecanismo gramatical às línguas turanianas, sobretudo aos idiomas ougro-finlandês. Admitimos no momento, a exatidão desta inscrição... Que se poderá concluir disto? Seria necessário concluir, penso eu, que um povo turaniano, mais ou menos vizinho da Mesopotâmia, tinha chegado, em uma época muito recuada, a um alto gráu de civilização e que esta civilização turiana foi adotada pelos semitas da Babilônia.

Colocai êste povo turaniano na Armênia, e se quiserdes melhor, nas portas do Cáucaso, ou na Ásia Menor, lá as raças aborígenes

não eram nem semitas nem arianas e o vosso sistema não encontrará dificuldades intransponíveis. Fareis justiça aos escrúpulos de vossos adversários, citando a civilização japonêsa, devida quase que inteiramente à China. Dir-lhes-eis: uma vez que se escreve no Japão livros em chinês, por que os babilônios não podiam redigir as epígrafes na língua de seus civilizadores turanianos? Enfim, limitando-vos a observar a origem turaniana da civilização assírio-babilônica, ficareis nos limites de vossos estudos linguísticos e não encontrareis senão poucas contradições.

Mas, permiti-me dizer que saíreis dêstes limites naturais, assim que estiverdes seguros de que êste povo turaniano habitava outróra a Babilônia, não importa em que parte, e formava um numeroso elemento da população primitiva. Com isto tendes passado ao domínio da Etnografia e deveis esperar que vos pedirão provas.

Tomo, pois, a liberdade de submeter-vos as duas questões seguintes:

1.º — Como se faz que um autor antigo não mencione a existência de um povo não semítico em Babilônia, ainda mesmo, o autor do capítulo X do Gênesis, cuja antiguidade e conhecimento exatos da Mesopotâmia não podem ser postos em dúvida?

2.º — Um povo que viveu milhares de anos em um país não desaparecia sem deixar traços de sua existência. Há mais ou menos dois mil anos depois que a nacionalidade judia desapareceu da Palestina e no entanto, o viajor ouve a cada passo reminiscências hebraicas. Não falo nos nomes geográficos que se perpetuaram, embora com uma forma alterada. E a França não nos traz ela, em sua nomenclatura geográfica, a marca das correntes etnográficas que lhe invadiram o solo?".

Como, pois, imaginar, continua Helévy, que o povo mais civilizado e mais original da Babilônia haja arrastado na sua perda os nomes geográficos dos lugares que habitava, e das cidades que tinha criado, enquanto que os nomes próprios de origem semítica ficaram até hoje?

"Citai, eu vos peço, um só nome de montanha, de rio ou de cidade que seja devida a esta língua singular que chamais turaneana".

Contento-me, no momento, continua o sábio, em pedir uma explicação clara sôbre êstes dois pontos muitos simples e de natureza etnográfica; não é aqui que o lado etnográfico da questão pode ser resolvido.

Confesso que já tenho remorso de haver admitido por um instante a tese principal de nossos sábios colegas, ao ter conhecimento de que o turanianismo dos documentos é nomeado acadiano por uns, e sumerianos, por outros.

Eu os considerei sempre como textos assírios, diz Helévy, escritos em um sistema particular de ideografismo.

É fora de dúvida que as antigas civilizações assírias e babilônicas não nasceram no solo onde se desenvolveram.

Tôda a gente está de acôrdo sôbre êste ponto. Mas a primeira questão que decorre desta opinião é qual seria o país iniciador? Intermináveis discussões começam... Isto dura há vários anos sem que se esteja mais próxima de um entendimento, que nos primeiros dias.

"Um diz: chamo acadiano os povos de origem turaniana que inventaram os caracteres cuneiformes, e iniciaram os babilônios nos primeiros conhecimentos da vida civilizada; a língua que êles falavam, chamo-a de língua acadiana. Eu, diz um outro, dou a esta língua o nome de sumeriana, e aos povos que a falam o de sumerianos.

Mas, como um sábio que se respeita não pode adotar nomes imaginados por outros, a língua dos cuneiformes recebe sucessivamente os nomes de kasdoacytica, kasdo-semítica, kardeen-caldaica e proto-caldaica.

Discute-se gravemente sôbre êste povo desconhecido, bem e devidamente batizado uma meia dúzia de vêzes; inventam-se argumentos que se dizem irrefutáveis, de fazer empalidecer a escolástica e Bizâncio... O público escuta sèriamente, imaginando que êstes sábios lutadores vão brevemente se pôr de acôrdo sôbre um nome definitivo!... quando de repente um terceiro partido avança e dá em cheio sôbre o castelo de cartas tão laboriosamente edificado.

Nunca existiu a vossa nação turaniana, diz êle aos outros...... vossa opinião não é nem mesmo uma hipótese aceitável, pois ela é combatida pelas mais sadias noções que a Etnografia, ajudada pela História e pela Geografia, forneceu até o presente sôbre a antiga população das margens do Eufrates.

A! se colocardes o vosso povo turaniano na Susiana ou na Armênia, no Cáucaso, em um país, enfim, sôbre o qual a história do passado seria inteiramente muda, vossos adversários nada teriam a responder por falta de argumento, nadarieis na pura linguística e não vos poderiam acompanhar neste terreno perigoso cheio de velhos troncos e raízes... Mas eu quero admitir, por um instante, esta tese impossível, de meus sábios colegas... um povo que viveu milhares de anos em um lugar, não desapareceria sem deixar numerosos traços de sua existência!...

Todos os vossos documentos chamados por uns acadianos, sumerianos, por outros, são simplesmente textos assírios, escritos em um sistema particular de ideografismo...

Assim, acadianos, sumerianos, kasdo-syticos, proto-caldeus, etc... todos êstes povos não existem senão na imaginação das pessoas que os inventaram.

É um sábio, que põe outros sábios, seus colegas, em desafio de fazer prova da existência de tais povos.

Deixai, pois, continua Helévy, tôdas essas torturas de imaginação que vos impondes para encontrar o povo iniciador da Babilônia, procurando criar um de acôrdo com a necessidade... Êste lugar foi o grande caminho das imigrações hindus; foi por aí que os filhos dos brâmanes foram à Ásia Menor, à Arabia, ao Egito, à Grécia, ao Latium, e semearam com muita profusão por onde passaram, suas idéias, suas tradições, seus costumes, suas leis; e é bom que se reconheça que a Índia foi a *"alma parens"* das nações da antiguidade, como ela é de todos os povos da Europa moderna, se não se quer, como já dissemos, pretender que a civilização hindu haja gradualmente tomado de empréstimo todos os costumes, tôdas as leis, tôdas as crenças dos povos antigos e modernos.

Não poderia surgir no espírito de ninguém, sustentar uma hipótese, que estaria não sòmente em contradição flagrante com a História, a Geografia, a Filosofia e a Linguística, mais, ainda, com os mais vulgares dados do senso comum etnográficos.

Como ousar-se, por exemplo, sustentar que o sânscristo, que formou as línguas indo-européias, e que é ancestral imediata de todos os idiomas do Oriente, não seja, mais do que um composto de tôdas essas línguas? O absurdo desta proposição seria tal, que ninguém tomou ainda sôbre si a primazia de anunciá-lo.

Em geral, a maternidade da Índia não é afastada pelos nossos sábios oficiais, mas, todos admitem a Índia como base; assim cada um em seguida quer subtrair à sua influência os motivos particulares de seus próprios estudos. (L. Jaccoliot — La Genèse de l'Humanité).

Escutai Herder, segundo William Jones, falando da velha terra dos brâmanes:

> "Cada um sabe a que elevação chegou a poesia entre a maioria dos povos da Ásia Meridional, ou seja, entre os hindús. Mas ela é velha e tem caráter, nobreza e simplicidade, o que lhe trouxe o nome de divina. É ela um pensamento brilhante, irei, mesmo, mais longe, é ela sòmente uma hipótese engenhosa que veio ao pensamento de um ocidental moderno e onde se pudesse encontrar o traço ou o germe em alguma máxima ou ficção orientais?
>
> O comércio da Ásia é o mais velho da Terra, e é ao asiático que se é devedor das mais importantes descobertas comerciais: pode-se dizer outro tanto da Astronomia e da Cronologia.
>
> Poderiamos sem ser tocados de espanto, contemplar o espetáculo da rapidez com a qual se multiplicaram os princípios de observação e de processos astrônomicos que os povos mais antigos da Ásia podem reinvidicar sem contradita. Seus antigos filósofos eram os filósofos do Céu, os observadores da marcha progressiva e silenciosa do tempo, pois o espírito de cálculo se tinha desenvolvido entre

êles tanto quanto em nossos dias. Os brâmanes fazem mentalmente operações matemáticas fabulosas; tôdas as divisões do tempo lhe são familiares, desde a medida mais ínfima, até as grandes revoluções do Céu; embora não estejam à sua disposição os meios de que se servem os europeus, é raro vê-los cometer um êrro; a antiguidade lhes negou as fórmulas que êles aplicam hoje; nossa divisão do ano é asiática; nossos caracteres aritméticos e astronômicos são de origem hindú.

O eminente filósofo que citamos com tanto prazer e do qual estamos separados por uma nuance do fatalismo naturalista, no terreno das idéias, o que exclui tôda alegação de parcialidade pela tese que sustentamos, conclui colocando o asilo dos primeiros homens "nas solidões sombrias que as montanhas da Índia circundam", êste país rico em ouro e pedras preciosas, tão afamado em todos os tempos pelos seus tesouros.

O rio que o circunda é o Ganges sagrado de tôda a Ásia, olhado como o rio do Paraíso. Lá se encontra o Geon bíblico que não é outro senão o Indo.

Os árabes o nomeiam ainda assim, e o nome dos países que êle banha existe ainda entre os hindús...

Segundo Willian Jones, Moisés que êle chama um *compilador recente* das tradições antigas, atirou-se de corpo e alma nas legendas da Índia.

O naturalista Pallas, um dos sábios mais conscienciosos e mais eminentes do último século, havia chegado a esta convicção, de que o berço das raças humanas não podia ir além da Índia, por êste motivo que

se encontravam nos platôs e nas planícies temperadas dêste país, todos os animais dos países meridionais e setentrionais, sejam domésticos, sejam em estado selvagem, assim como tôdas as árvores, plantas e flôres que são encontradas em todos os lugares do globo.

A natureza, ela mesma, vem em auxílio da Ciência para fixar o verdadeiro ponto de partida da tradição humana.

Se, pois, os primeiros vestígios da vida se encontram na Índia; se é em suas vastas e férteis planícies que as civilizações antidiluvianas se desenvolveram; se é de lá que partiram todos os povos, magos, padres, caldeus, hierofantes do Egito, e ourives polinesios são, êles, como demonstramos suficientemente nos diversos estudos indianistas que publicamos, os herdeiros dos brâmanes hindús; se o culto de Brama-Swavambhouva, em sua unidade, sua simplicidade, sua grandeza primitiva, não foi, segundo a expressão do Ajudante de Campo do nababo de Aoude M. de Jacigny, senão uma vasta fórmula de onde sairam todos os cultos que se espalharam pelas nações; se todos os filósofos antigos foram pedir aos brâmanes, pundits, sannvassis, nirvanys, vanaprasta, djeinas, dwijas, ensinar-lhes a ciência da vida; se, no dizer de Moisés de Chorene, os 700.000 volumes da biblioteca de Alexandria não foram senão traduções de

obras hindús; se o rei Hystasp aprendeu dos brâmanes os ritos puros dos sacrifícios e os movimentos dos astros e do Universo que êle em seguida ensinou aos magos; se a Bíblia mosaica não é senão uma compilação recente das tradições nascidas entre o Ganges e o Indo; se nós não ousamos negar, o que os inimigos mais encarniçados das tradições bramânicas, das nações indo-europeas; se nossos hábitos, nossos usos, nosso costume, nossas leis, nossas crenças religiosas, nossas línguas trazem ainda o sinete inegável de nossa origem! que se torna esta acusação tão nova posta em voga pelos filósofos cristãos de diferentes seitas, sem outras provas além da afirmação: "que os hindús foram imitadores e não iniciadores dos povos antigos?".

Esta opinião não tem nenhuma oportunidade de ser levada a sério pela ciência indianista, malgrado o apoio que ela recebe tàcitamente de certos sábios oficiais". (106)

Damos, agora, a palavra a Will Durant:

"No tempo em que os historiadores admitiam que a História começava com a Grécia, a Europa alegramente supunha ter sido a Índia um canteiro de barbárie, antes que os "arianos" das costas do mar Cáspio lhes levassem Arte e Ciência. Recentes investigações, porém, modificaram esta ingênua suposição — como futuras investigações modificarão muita coisa dita nesta obra. Na Índia, como em qualquer outra parte, os começos da civilização acham-se soterrados, e nem tôdas as pás da Arqueologia jamais os desenterrarão. Remanescentes da velha Idade da Pedra encontram-se no museu de Calcutá, Madrasta e Bombaim; e objetos neolíticos vêm sendo desenterrados em todo o território indiano. Isso, entretanto, revela cultura, não civilização. Em 1924 o mundo sábio agitou-se com as novas descobertas da Índia. Sir John Marshall anunciou que seus colaboradores indianos, sobretudo R. D. Babertji, haviam achado em Mohenjo-daro, na margem ocidental do baixo Indo, restos do que parecia uma civilização mais velha que tôdas, dadas a conhecer até agora aos historiadores. Lá e em Harapa, uns centos de milhas ao norte, quatro ou cinco cidades superpostas foram descobertas, com centenas de casas sòlidamente construidas de tijolos, algumas de vários andares, dispostas em avenidas largas e ruas estreitas.

Deixemos que Sir John fale dêsses restos:

"Êsses achados estabelecem a existência, em Sind (extremo norte da Presidência de Bombaim) e no Punjab, durante o quarto e o terceiro milênio a. C. de uma cidade altamente desenvolvida, e a presença em muitas casas, de paredes, poços e banheiros, como de um cuidadoso sistema de drenagem, sugere uma condição social pelo menos igual à encontrada na Sumeria e superior à que naquele tempo existia na Babilônia e no Egito...

Mesmo em Ur as casas não se comparavam, na construção, às de Mohenjo-daro".

Entre os achados aparecem utensílios de cozinha e de toalete; cerâmica pintada ou não, feita à mão ou no tôrno; terracota, dados

(106) Louis Jacolliot — **La Genèse de l'Humanité, ed. 1879 — pg. 63.**

> e peças de xadrês; moedas mais velhas que tôdas as conhecidas; mil sêlos, na maioria gravados e com inscrições em escrita pitográfica desconhecida; objetos de faiança de excelente qualidade; pedras esculpidas superiores às dos sumerianos; armas e instrumentos de cobre e um carro de duas rodas o mais velho conhecido; braceletes de ouro e prata, colares, brincos e outras jóias "tão bem acabadas, diz Marshall", que antes parecem vir de Bond-Street do que de uma casa pré-histórica de cinco mil anos atrás".
>
> Parece estranho, mas as camadas mais profundas dêsses resíduos mostraram uma arte mais desenvolvida que as das camadas superiores — como se mesmo os mais velhos depósitos fôssem de uma civilização já com séculos e séculos de idade. Alguns utensílios eram de pedra, outros de cobre, outros de bronze, fazendo ver que a cultura hindú provinha de uma idade cacolítica, isto é, de um período de transição da pedra para o bronze. As indicações são de que o Mohenjo-daro estava no apogeu quando Queops construiu a sua primeira grande pirâmide; que tivera ligações comerciais, religiosas e artísticas com a Suméria e a Babilônia; e que sobreviveu três mil anos, até o século III.° a. C.
>
> Não queremos dizer como Marshall que o Mohenjo-daro representa a mais velha das civilizações conhecidas. Mas a exumação da Índia pre-histórica está apenas começada; só em nossos tempos a Arqueologia se voltou do Egito e da Mesopotâmia para a Índia. Quando o solo indiano estiver revolvido como o daquelas zonas, talvez encontremos uma civilização mais velha do que a que brotou da lama do Nilo". (107).

Como é evidente, deixamos mais um depoimento de valor, em defesa de nossa tese, isto é, da antiguidade da Índia.

> "Pré-histórica é a religião dos Vedas; histórica é a religião fundada sôbre a utilização dos textos Vedas — Esta se chama Bramanismo e é estudável de modo positivo.
>
> A religião vivida pelos aédos que compuseram os hinos mais antigos, fica, assim, para nós um enigma". (108).

Veit Valentin é uma das mais proeminentes figuras do mundo intelectual alemão, e sua obra projeta-se pelos principais centros de cultura de nosso tempo.

Segundo a crônica, êle não é um mero vulgarizador de fatos importantes da humanidade; sobretudo, um intérprete arguto bem informado das ocorrências fundamentais processadas nos domínios do social.

Vejamos o que nos diz da Índia, êste homem eminente:

---

(107) Will Durant — **História da Civilização.**
(108) **Histoire Générale des Religions sous la direction de MM. Maxime Gorce et Raoul Mortier.**

"Gostariamos de saber quão antiga realmente é a civilização mais remota. O calendário egípcio começa a 19 de julho do ano 4.241 antes do nascimento de Cristo. Mas os estados tribais da região do Nilo deviam já se encontrar então em um estado de civilização que não era mais primitivo. Muitos investigadores estão certos de que os mais antigos túmulos de Ur na Caldéia são anteriores à primeira dinastia do Egito. Uma civilização sumeriana peculiar, sem ligação com outra qualquer tinha-se formado aí. Só por êste motivo o hábito até aqui seguido de começar a História Universal pela do Egito já não poderia prevalecer. Mas novas descobertas poderão novamente cancelar a precedência dos sumerianos. Melhor nos parece ao invés de nos atermos à cronologia extrínseca tentar seguir uma ordem de sucessão conforme o valor e a essência das coisas.

.. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. ..

De conseqüências mais importantes do que quaisquer outras foram as migrações dos antigos povos indo-europeus, provàvelmente estabelecidos nas regiões atuais da Ucrânia. O extremo norte, dadas as suas condições climatéricas não pode ter sido a pátria de origem dêsses povos primitivos. Por isto, a denominação de nórdicos extensiva a grupos parciais desenvolvidos posteriormente, como os germanos, por exemplo, é errônea.

Da atual Ucrânia imigraram os mais tarde denominados germanos, celtas e eslavos, para o norte e léste, regressando depois, os mais tarde gregos e itálos para o sudoéste, os posteriormente armênios, persas e hindús para o sul e oriente, e êstes depois ainda mais para o sudoeste. Certamente, porém, isso não importa em unidade, nem em pureza de raça. O conceito de hindo-germanos é pois, inaplicável e é melhor ser evitado, porquanto, para o leigo medíocre exclui os celtas e eslavos, de fato equivalentes, e tacitamente a êles pertencentes. "Arianos", quer dizer "distintos", "nobre senhores", intitularam-se assim posteriormente os persas e os indianos enquanto estiveram juntos; só a êstes deveria, por certo, ser aplicada a tão mal empregada designação; surgiu como têrmo estabelecendo a distinção entre o superior e o subordinado e só pode valer de fato como expressão da terminologia histórico-linguística.

Quando os hindo-arianos em sucessivas ondas emigraram para a Índia, esta parte separada do resto do continente asiático, pela mais formidável muralha de montanhas da Terra, já era o cenário de uma variada cultura que, conforme as últimas descobertas pode ser traçada até o quarto milênio. As antigas cidades à margem do Indo revelam um luxo nas habitações, uma perfeição de técnica arquitetônica, de ferramentas e de jóias, como quase não se encontram ainda em outras partes. Lá foram também encontrados os primeiros restos de tecidos de algodão. Os símbolos religiosos dessa civilização se mantiveram vivos na religião hindú e no budismo posteriores. Sob o ponto de vista racial, esta população indiana prearíana já apresenta uma complicada mestiçagem, em que entra a população aborígene da Índia, a chamada raça Veda, de que ainda hoje são vestígios, no interior, as tribos de pigmeus dravinianas e mundas. Êste tronco de população aborígene se viu muito cedo invadido por povos do nordeste e do noroeste. Assim, chegaram à Índia tipos mongóis, da Ásia Menor, e do Mediterrâneo — elementos que

se conservaram até hoje e que podem ser comprovados. Esta alta civilização da antiga Índia se baseava econômicamente numa pecuária largamente desenvolvida; só o cavalo era desconhecido. O comércio entre a Índia e o Mediterrâneo só se iniciou na primeira metade do terceiro milênio.

A decadência dessa primeira civilização indiana, data, sem dúvida, das emigrações arianas, pois estas decidiram o destino da Índia; mas esta foi, por fim, mais forte do que os arianos.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

A Filosofia indiana foi menos desenvolvida pelos brâmanes do que pelos leigos. O espírito indiano aspirava e lutava por uma verdade real acima do estarrecente ritual dos sacrifícios, acima da mágica infantil.

O que havia antes do "princípio"? — "Qual foi a origem da vida?" "Assim chegou o Rig-Veda ao "Amor" como a fôrça criadora que tudo penetra, ao "Uno" em contraposição ao "Múltiplo" da realidade, a alma do mundo. A transmigração da alma, a antiga idéia religiosa dos povos, foi então mencionada no Ulpanichad; o indivíduo tem que viver sempre em novas encarnações enquanto não possuir o verdadeiro conhecimento do "atman", o princípio da vida; do renascimento de cada ciclo doloroso de vida resultará como uma redenção". (109).

Como se verifica, são muitos os historiadores que afirmam a considerável antiguidade da Índia e como vimos anteriormente, ela foi, sem contestação, a mãe das Religiões, das Ciências, das Artes, das Letras e da Filosofia.

Voltando a uma anterior citação, diz, ainda, Will Durant, em sua "História da Civilização", que essas deleitosas histórias da Criação, da Tentação e do Dilúvio foram tiradas das lendas da Mesopotâmia, velha de 3.000 anos antes de Cristo. E que é muito possível que os judeus se aproximassem de alguns dos mitos da Babilônia durante o cativeiro; é mais provável ainda que os tomassem das antigas fontes semitas ou sumarianas (?), comuns a todo o Oriente Próximo. As formas pérsicas e talmúdicas no mito da Criação representam Deus fazendo um ser de sexo macho — e fêmea pelas costas, como os irmãos siameses — depois dividindo-os por achar melhor.

Lembra-nos a estranha sentença do Gênesis (v. 2): Macho e fêmea criou-os êle, abençoou-os, e chamou-lhes Adão; isto é, nossos primeiros pais foram originàriamente macho e fêmea — o que parece haver escapado a todos os teólogos, exceto a Aristófanes.

A lenda do Eden, continua Will Durant, aparece em quase todos os folclores, na Índia, no Egito, no Tibet, na Babilônia, na Pérsia,

---

(109) Veit Valentim — **História da Civilização.**

na Grécia, na Polinésia, no México, etc. Muitos jardins do Eden possuem árvores e serpentes ou dragões que roubam a imortalidade do homem, ou envenenam o Paraíso. Ainda mais universal é a história do Dilúvio; dificilmente um povo antigo não o via em seu corpo de lendas, e poucas são as montanhas da Ásia que não foram o ancoradouro de algum Noé ou Shamas-Napisthin.

Há quem tire dessas lendas suculentos conceitos filosóficos. Não nos revoltamos contra isso. Somos admirador da Filosofia, apreciamos a poesia que sentimos desprender-se dessas lendas tão cheias de simplicidade.

Que se explique ou que se ensine, então, a Bíblia, dentro da Filosofia que ela possa conter para que não se torne, aos olhos da humanidade que a lê, um amontoado de incoerências, uma babel de contradições, um manual de falsa ciência e um compêndio de imoralidades.

Se a Índia é a mais antiga de tôdas as civilizações, se os livros que ela possui têm uma idade que se perde na noite dos tempos; se êsses livros são possuidores de tôdas as lendas consignadas na Bíblia, é lógico que foi a Bíblia ou os escritores que a fizeram que foram beber naquela mesma Índia misteriosa as legendas de que tratamos.

# UM POUCO DE FILOSOFIA

DEPOIS de havermos divagado pelos diversos períodos da criação bíblica, chegamos, afinal, àquele do homem e da mulher; à queda de nossos "primeiros pais" e às coisas mais que se seguem. Falamos, assim, dos pontos principais do primeiro livro de Moisés, pelo menos, do livro a êle atribuido.

Feita que foi a crítica, dentro das nossas possibilidades, achamos conveniente desenvolver, agora, um tema mais atraente, mais moderno, mais de acôrdo com os ensinamentos da Filosofia e da Ciência contemporâneas.

Antes, porém, precisamos indagar. Haverá no mundo quem conteste a existência da matéria? Haverá, por ventura, mesmo que se trate de pessoas de pouco cultivo, quem duvide da existência das diversas espécies vegetais e animais em nosso globo? Abstraindo, momentaneamente, do materialismo decadente, existirá alguém que negue a alma ou o espírito? Pensamos que não. Às duas primeiras interrogações não se pode responder senão afirmativamente, uma vez que elas são evidentes e participam inteiramente de nossos sentidos. Quanto à última, a existência do espírito, se, vivem sôbre o planeta criaturas retrógradas ou estacionárias, ela é plenamente admitida desde os tempos imemoriais. Tôdas as religiões, com exceção da mosaica, até os primeiros tempos do Cristianismo, a tiveram como principal postulado.

Falemos, pois, da alma ou do espírito.

A alma é aquilo que em nós sente, pensa e quer. É esta uma definição admitida plenamente por tôdas as filosofias. Em tôrno dêstes três vocábulos, há, por certo, divagações e hipóteses de diversos feitios. Não é, porém, pensamento nosso entrar, por enquanto, em apreciações desta natureza. Antes, mesmo, dessas especulações filosóficas e do nascimento de teorias sàbiamente elaboradas, o homem primitivo, em quase todos os países e em todos os tempos, por efeito de sua imaginação ou de um raciocínio todo espontâneo, já fazia uma idéia mais ou menos grosseira da alma e tinha um têrmo para designá-la. O sânscrito *"átman"*, o grego *"psychê"*, *"animus"* dos latinos, têm a mesma significação etimológica. Na Ilíada, vê-se com a

morte a alma sair dos dentes cerrados. Ela foi indentificada por alguns povos como o calor vital e localizada no coração ou no sangue, como o princípio da vida, por excelência.

Segundo Loskiel (Histoire des Missions, pg. 48), os índios da América do Norte afirmam que não podem morrer para sempre, uma vez que a semente, apodrecendo no solo, torna a reviver. Da mesma forma pensam os groelandezes que, conforme Kr nntz, em sua "História da Groelândia", crêem nos espéctros (espírit )s) e na realidade de suas manifestações.

Nos Vedas (Rig. Veda 8, 14), a alma não é sòmente imortal, é ainda eterna e incriada; é por esta razão que os *Pantcharatras* e os *Bhagavatas* são heréticos aos olhos da escola ortodoxa, porque afirmam que a alma é criada. Ora, segundo os Vedas, se a alma não fôsse eterna, ela não seria imortal. (Brâhma-Soutra II, § 17).

A escola de *Sankhya* (Sankhya-Karita, (arts. 18 e 33) e o *Sankara-Atcharva,* autor de "Átma Bodha", (art. 13-20) admitem igualmente a eternidade das almas i dividuais. (Pauthier-Essais sur la Philosophie des Hindous, selon ( 'a'ebrocke, pg. 131 e seguintes). O artigo 18 de *Sankhya-Karita* d : que as almas individuais *são desprovidas de qualidades perceptíveis, não compostas, penetrando tudo, imutáveis, eternas, sem causa, invisíveis, etc.*

De acôrdo com os artigos Sofis, as substâncias fixas ou reais, tais como os espíritos e as almas não são *posteriores* a Deus *senão quanto à essência e não quanto ao tempo;* pois elas são *eternas, tanto quanto ao passado como quanto ao futuro.* (Anquétil-Duperron, Zend-Avesta, t. III, 384 e seguintes).

Tôdas estas almas eternas e imortais eram puras antes da queda (Anquétil-III, 189-214). Uma vez que o corpo humano é formado no ventre materno, a alma que vem do Céu, aí se concentra segundo os antigos persas. (Anquétil, III, 384).

As idéias dos chinêses concernentes à imortalidade da alma e às diversas fases da expiação, foram desenvolvidas pela escola de Tao-sse. (Mémoires des Missionaires, concernant la Chine, XV, 250 e seguintes).

Segundo o livro das recompensas e das penas pelo doutor Tao-sse (traduzido por Julião em 1835, art. 296 e 297), todos os sábios e todos os santos acreditaram *na imortalidade da alma, nas aparições dos mortos e na existência dos espíritos e dos demônios.* No parágrafo 466 do dito livro, a sombra de uma mãe defunta aparece em sonho a seus filhos para dirigir-lhes severas reprimendas por haverem negligenciado a visita ao seu túmulo, não oferecendo sacri-

fícios pelo repouso de sua alma. Com efeito, ninguém rejeita na China a doutrina da imortalidade. *"Aquele que não respeita os espíritos, é severamente punido por êles"*.

Segundo as tradições sagradas da China, os espíritos intervêm incessantemente nos destinos humanos.

Segundo Confucius, *os Espíritos existem antes do mundo material;* são êles que constituem a essência invisível de tudo o que existe. (Mém. concernant les Chinois, t. III, 65, 66).

Assim, desde os Vedas, passando pelo Bramanismo, Budismo, Druidismo, Islamismo, todos crêem na existência e na imortalidade da alma ou do espírito.

Os Caldeus, os tibetanos, os mongóis, os persas, os japonêses, os egípcios, todos abraçam a crença da imortalidade da alma.

Orígenes, Pitágoras, enfim, desde Orfeu e Homero até Platão, todos admitem a idéia da preexistência. Sabe-se que Diágoras de Milos, pensador materialista, foi pôsto a prêmio pelos atenienses. (Plutarco-de-placit. Philos. lib. I. c. 6).

Desde Platão até Proclus e até os últimos tempos do paganismo, a maior parte dos pensadores profundos admiram, ainda, esta idéia superior, que as tradições sagradas da antiguidade haviam legado a uma raça fraca de seu ramo.

Em Homero, Hesíodo, Píndaro, Eurípedes, nos Pitagóricos e em Platão, são numerosas as passagens que tratam da imortalidade da alma.

Muito mais poderiamos falar sôbre o assunto, mas, isto seria alongar-nos em demasia quando muito temos, ainda, que caminhar.

Vejamos qual a concepção dos etnologistas modernos com referência à alma depois de isolada do corpo. Com a morte, segundo êles, a alma se modifica e é considerada como seu duplo, um segundo exemplar de si mesma adaptada à sua nova condição de existência.

Esta idéia hoje em dia, geralmente aceita, existe desde a mais remota antiguidade. Era reverenciada pelos egípcios e disso nos fala Schopenhauer.

Vejamos o que nos diz Ribot, sôbre a filosofia da alma:

"As hipóteses metafísicas, tal como se encontram na História, podem reduzir-se a quatro:

1.º — A alma é concebida como uma substância ou essência, independente do corpo (espiritualismo ou dualismo) —

2.º — É uma simples função do organismo, não tendo a existência própria por si mesma (materialismo) —

3.º — Ela é a única realidade, sendo o resto, apenas, aparência dela derivada (idealismo) —

4.º — Ela é como a matéria, a simples manifestação de um princípio superior que é a única realidade, e ela não tem por conseguinte, senão uma existência fenomenal (panteismo-monismo).

Não se pode negar, diz o eminente pensador, que a doutrina filosófica mais aceita, é aquela que considera a alma e o corpo como duas coisas distintas. Ela é como as línguas, espelho fiel da opinião predominante, tornando-se, por isso, difícil a exposição exata de qualquer outra doutrina.

Chamam-na, também, de *dualismo,* porque ela mantém a dualidade fundamental do corpo e da alma, e *espiritualismo,* porque ela considera o espírito como uma substância, ou no mínimo, alguma coisa que existe por si mesma.

Todos conhecem, continua Ribot, os argumentos com os quais os metafísicos modernos defendem esta tese; vamos examiná-los:

Êles parte da experimentação: a distinção entre dois grupos de fatos, uns físicos e fisiológicos, cujo conjunto constitui o organismo e que são todos submetidos a uma condição última, o espaço, sem o qual êles não podem ser percebidos, nem imaginados; os outros, — psíquicos (sensações, sentimentos, idéias, desejos, volições) que nunca nos são dados como extensivos e cuja única condição é de existir junto ou sucessivamente no tempo.

Para o espiritualismo, êsses dois grupos são absolutamente irredutíveis: antes de tudo, porque os fenômenos psíquicos têm por característica fundamental serem conscientes, ora, a consciência é irredutível ao movimento último ao qual a Ciência moderna reduz tôdas as propriedades da matéria.

Nenhuma experiência demonstrou que o movimento pode ser transformado em consciência, como se transforma em calor, em luz, em ação química, etc. A esta razão geral outras se juntam. *Temos consciência de nossa unidade e de nossa identidade, que não é senão a unidade persistente através das variações incessantes de nossa vida; e como o corpo está em estado de renovação contínua e não pode viver senão em tais condições, como êle é formado de partes coordenadas entre si, constituindo um todo muito complexo, êle não possui nem identidade, nem verdadeira unidade.*

Continuemos no labor de externar o pensamento do grande filósofo.

A unidade que reclama o espírito, é com efeito, rigorosa. Pensar, *ligar e unir. O ato mental mais simples, comparar, julgar, supõe uma causa que faça a síntese de dois têrmos e por conseguinte, uma causa perfeitamente única. A alma tem, pois, por característica essencial, a unidade, a identidade, a simplicidade, e esta marca que lhe é própria, que a diferencia do corpo, é o que se denomina a espiritualidade.*

A maioria dos espiritualistas modernos se apegam à doutrina emitida por Leibnitz, que faz da fôrça a essência da alma; ela é uma causa essencialmente ativa e espontânea e êle a define: *"Uma fôrça livre, tendo consciência mesma".* Mas esta separação tão clara e concludente, que o dualismo estabeleceu entre a alma e o corpo, torna-se um embaraço quando temos que explicar a sua união, sua dependência recíproca, o que se chama em linguagem corrente, *a influência do físico sôbre o moral e vice-versa.*

Razão forte tem Ribot em considerar êsse embaraço, principalmente quando se pensa na concepção de Leibnitz, definindo o espírito como uma fôrça livre, tendo consciência de si mesma. Qual seria, então, o veículo que iria propiciar a sua ligação com a matéria? A fôrça? — Não pode ser, não é possível. É que esta definição da alma peca por ser incompleta. Outros estudiosos do assunto trouxeram a luz sôbre a questão. A alma, com efeito, não é mais êste princípio imaterial e incompreensível do velho espiritualismo. Ela nunca está isolada da fôrça e da matéria. É uma parcela individualizada do princípio único, é pois, como diria Gustave Geley, fôrça e matéria, ao mesmo tempo que inteligência. Seria dotada efetivamente, de acôrdo com as teorias do alto espiritualismo científico, de um veículo "etérico", imponderável, inaccessível aos sentidos materiais, escapando de certo modo às condições de espaço e de tempo.

A forma que concilia o evolucionismo com o idealismo, cuja definição tivemos o cuidado de consignar anteriormente, para orientação dos leitores, ou melhor a concepção que vem completar o evolucionismo, é a palingenesia, ou a doutrina que admite a pluralidade das existências da alma, ou as encarnações sucessivas e progressivas.

> "A alma ou individualidade consciente, em potencial no mineral, foi formada pouco a pouco nos reinos viventes inferiores, para adquirir no homem o seu grande desenvolvimento atual. Ela cumpriu esta evolução dentro de um sem número de encarnações nos organismos cada vez mais aperfeiçoados". (110).

Deixemo-nos guiar, mais, ainda, na estrada iluminada pelo cérebro de Ribot, muito embora estejamos certos da familiaridade que os espiritualistas modernos mantêm com o eminente filósofo.

---

(110) Gustave Geley — Les Preuves du Transformisme — pg. 264.

O idealismo procede como o materialismo, mas em sentido inverso. Êle suprime um dos dois têrmos que o dualismo mantém em presença um do outro, mas, o suprimido desta vez é o corpo (matéria em geral). O espírito é a única realidade; fora dêle não há senão realidade aparente ou derivada. Ainda, que, pelo conjunto de sua doutrina, Descartes deva ser classificado entre os dualistas, é êle, sem embargo, o promotor do idealismo moderno por sua célebre frase: *'Penso, logo existo"*.

Êste exioma, com efeito, situa o fato do pensamento, como o único imediato, indiscutível e inteligível por si mesmo; e daí tôda a teoria idealista se deduz lògicamente. Os partidários do idealismo dizem aos materialistas:

> "Sois completamente iludidos pelas aparências; reduzis tudo à matéria (e, no que concerne ao homem, ao corpo); mas vossa matéria se reduz em definitivo, a estados de consciência, a estados de espírito. Tudo o que puderdes afirmar sôbre a matéria se reduz a duas coisas: a qualidades sensíveis, como o pêso, a resistência, a impenetrabilidade, a forma, a côr, etc.; e a um certo número de leis, isto é, de relações constantes entre os fenômenos, descobertas e formuladas pela ciência da natureza. Mas, tudo isto é o espírito. O que se chama qualidades ou propriedades da matéria, são, apenas, nossa maneira de perceber. O que é, por exemplo, a resistência, senão o sentimento que eu tenho de um certo esfôrço? Sem êsse estado puramente objetivo, sem esta modificação do meu espírito, tudo se torna para mim ininteligível, a palavra e a coisa. O mesmo raciocínio é aplicável a tôdas as propriedades da matéria, sem exceção. Elas se reduzem, no fim de contas, a estados de espírito. Para as leis é tudo, também, claro: raciocinar, induzir, deduzir, calcular, todos são atos do espírito. A matéria se reduz, pois, a estados espirituais e temos, assim, razão de dizer que a matéria não é mais que a exteriorização do espírito, sua projeção fora, sob certas condições de espaço e de tempo. Tudo o que afirmais a respeito da vossa tese, pode ser tomado para nós e interpretado a nosso favor. O fato mesmo da sensação que vos serve de ponto de apoio, testemunha contra vós; pois uma sensação não sentida é puro palavrório, e sentir é justamente o que chamamos um ato do espírito. O corpo e a alma, ou para falar mais corretamente, os fenômenos físicos e os fenômenos psíquicos não são mais que a manifestação de um princípio superior que os contém e os domina".

Não iremos até o extremo em que pretende chegar o idealismo. Podemos, entretanto, conciliar os nossos pontos de vista, como o fêz Gustave Geley, pondo de permeio entre as duas concepções filosóficas, a palingenesia.

Qualquer que seja, porém, a concepção filosófica apontada, nenhuma veio inùtilmente a êste mundo. São formas de compreender, ou melhor, são formas de observações, pois, nem todos podem penetrar na essência de uma alta concepção pela mesma porta.

O materialismo, malgrado a sua profunda indiferença pelos estudos transcedentes da alma, como entidade imortal, tem legado à humanidade os seus conhecimentos, adquiridos no terreno em que se embrenha e, muitas vêzes, nós espiritualistas, sem o abandono de nossas concepções, sem atentar contra a integridade de nossas verdades adquiridas à fôrça dos mais tenazes sacrifícios, das mais pacientes experimentações, vamos ao seu encontro e apertamo-lhes a dextra pelo ajustamento de nossos pontos de vista.

Quem já não se apercebeu da aliança de Darwin, de Hoeckel, de Spencer, de Wallace, de Huxley, com Kardec, Denis, Delane, Flammarion e outros grandes vultos do alto espiritualismo? Há, apenas, em tudo isso, uma diferença, que é a distância que cada um terá a percorrer. Enquanto Darwin e seus adeptos param no túmulo, Kardec e seus discípulos continuam a sua viagem através do infinito. É a lei da fraternidade agindo no terreno luminoso da Filosofia.

* * *

Antes de penetrar no exame das doutrinas filosóficas contemporâneas, necessário se torna especificar o que se entende hoje por matéria, suas propriedades, suas fôrças. As concepções antigas, há alguns anos passados a respeito da matéria eram errôneas, como demonstram os recentes trabalhos de físicos e químicos. Antes, consideravam-na como coisa inerte, tangível, composta de átomos.

Berthelot dizia que suas propriedades, baseadas em sua unidade indestrutível, o ponderável e o imponderável, ficarão na história da Ciência como *"um romance engenhoso e sutil"*.

Segundo Davy, que revelara a dissolução dos compostos químicos por uma corrente elétrica, a história científica da matéria começa realmente em 1878, época em que William Crookes, em seu trabalho sôbre física molecular no vácuo, demonstra a existência de um quarto estado, estado extra-gazozo, isto é, *a matéria radiante.*

A história da matéria radiante tem seguimento em Oliver Iodge, cujas pesquisas foram comunicadas à Sociedade Real de Londres. Eis as conclusões: *"A evolução ou transmutação da matéria está experimentalmente posta em evidência por efeito da radioatividade. Os átomos pesados dos corpos radioativos parecem desagregar-se e lançar no espaço os átomos de pêso atômico mais fracos"*

A descoberta da matéria radiante tendia, pois, a demonstrar que a matéria e a fôrça se confundem. A matéria pela radiação chegaria a se transformar em éter, rematando as fôrças, pois esta se condensaria em matéria — e nestas condições seria indestrutível,

eterna, dissociável, suscetível de formar os átomos dotados de propriedades diferentes. Seu estado primordial e último, sendo o éter, seria necessário considerar êste como o protoplasma do universo. Indo além dos conhecimentos das propriedades da matéria, sabemos hoje que as radiações emanadas da empôla de Crooks, raios X, atravessam os corpos opacos e permitem obter fotografias.

Curie demonstrou que o rádium e outros metais análogos têm a propriedade de produzir o calor de maneira contínua, sem esgotar-se sensìvelmente, e os corpos submetidos à sua ação alquirem a propriedade de radiação.

Depois surgem os trabalhos de Gustave Le Bon, tendentes a provar que o átomo é reservatório inesgotável de energia produtiva das principais fôrças do universo, em virtude de suas propriedades de dissociação. E termina afirmando que a matéria não é mais que a energia condensada.

Vem, ainda, a teoria de Nogier, mas a coisa continua no terreno da hipótese.

Não é possível, diz o Dr. Edmond Dupuy, em sua obra "Lau-de-lá de la Vie", estabelecer uma assimilação qualquer entre os fenômenos de radiação da matéria, e do movimento dos astros com aquêle que apresenta o corpo humano, cujo brilho foi demonstrado por G. Maxwell, Deleuze, Reichenbach, depois fotografado por Luys e no qual o Coronel de Rochas verificou a exteriorização da sensibilidade e a possibilidade de veicular o pensamento e a vontade do ser humano, sob forma de vibrações, podendo influenciar à distância o pensamento e a vontade de outros sêres, determinar os fenômenos de hipnose, de sugestão, de telepatia, etc., que estão sob a dependência da alma de seu invólucro fluídico.

Por último, surge a teoria atômica de Dalton, que não seria difícil transcrever; será, porém mais agradável ao leitor estudá-la nos compêndios de Física moderna.

Einstein define a matéria como energia congelada.

* * *

A filosofia moderna fêz o seu ponto de parada no século XVIII: O movimento filosófico tende a sair da Metafísica pura para duas doutrinas distintas e opostas.

O materialismo continua afirmando que as leis da matéria bastam para explicar a vida e todos os seus fenômenos, e que o pensamento é uma função do cérebro. Êste sistema foi defendido por

Cabanis (Pirre Jéan Jeorge), Broussais (François Joseph Victor), Auguste Comte, Littré (Maximilien Paul Emile) e vários outros fisiologistas. Negam, pura e simplesmente, a existência da alma, e daí, o pessimismo, o empirismo e o fanatismo.

Ela compreende o Positivismo, o Monismo, o Evolucionismo, criadas respectivamente por A. Comte, Haeckel (Ernst-Heinrich) e Herbert Spencer.

O Espiritualismo, apesar de possuir ramos diversos, como o animismo, o vitalismo, o idealismo e o espiritualismo científico, está acorde em admitir a existência de Deus e da alma.

Em outra parte já tivemos oportunidade de falar sôbre as diversas correntes do Espiritualismo.

O que nos interessa, porém, sobremodo, é penetrar fundo no estudo do moderno espiritualismo, que sendo uma filosofia perfeitamente definida pelo notável codificador da doutrina dos Espíritos, através de seus livros básicos, tornou-se uma ciência experimental a preocupar o espírito de sábios eminentes que a ela se têm entregue, apresentando já um farto cabedal de fatos objetivos aos estudiosos do assunto.

Como já tivemos ocasião de afirmar, a crença na alma e na sua imortalidade é quase tão velha quanto o mundo. As manifestações do espírito têm-se dado através de todos os tempos, e sem cogitar de religiões, por intermédio dos sensitivos (médiuns) que, no passado, tiveram denominações diferentes. Firmaram, desta maneira, a crença na imortalidade, porque do Alto lhe vinham dizer que o espírito volta à Terra para aperfeiçoar-se. Tudo, no entanto, se cingia, apenas, à revelação e nada mais.

É sôbre a *Reminiscência Platônica* que se apoiava principalmente a doutrina das reencarnações. A precocidade dos conhecimentos nas crianças, o desenvolvimento de sua inteligência nos primeiros anos da vida, o conhecimento inato das Ciências e das Artes nas crianças-prodígios, não podendo ser explicada pela hereditariedade, nem por um desenvolvimento anormal da caixa craneana, fêz dizer a Sócrates e em seguida ao grande filósofo grego que *"aprender era recordar-se daquilo que se sabia em uma outra vida"*. (Phoedon).

Depois de Sócrates e Platão, a Metafísica e a Psicologia moderna admitiram que estas manifestações extraordinárias em certas crianças não podem ser explicadas senão por conhecimentos adquiridos em encarnações precedentes. Chegamos, afinal, à experimentação. Com o Coronel de Rochas, muitos outros cientistas se empregaram a fundo na pesquisa objetiva da reencarnação, abando-

nando, por completo, porque a Ciência não aceita a revelação, o estudo desta doutrina no terreno prático.

E assim, por meio da hipnose, conseguiram, no terreno da ciência experimental, aquilo que se encontra resumido no livro "Reencarnação e suas Provas" que escrevemos de parceria com o eminente mestre Dr. Carlos Imbassahy, o maior escritor espírita, sem favor algum, do mundo contemporâneo.

Como se processavam, porém, as provas experimentais por meio da hipnose? O princípio é o seguinte: Por meio de certos processos de hipnose, faz-se remontar os pacientes às suas vidas anteriores, como veremos adiante, passando pelos estados transitórios no outro mundo, e desta forma obtêm-se os detalhes de tôdas as fases de suas existências passadas.

Marchemos cautelosos por êste surpreendente terreno. Êle é apenas, no dizer de Geley, o comêço da separação entre o princípio psíquico e o corpo. Diz mais que no princípio da "exteriorização" desaparece a sensibilidade da pele e das mucosas, não se sente fadiga muscular e o indivíduo pode suportar durante muito tempo as mais fatigantes posições do corpo.

"Ao mesmo tempo, a sensibilidade localiza-se fora do corpo, a pequena distância e em linha de exteriorização muito fixas e regulares" — (De Rochas).

O sentido único torna-se evidente e por meio dêle é que o hipnotizado se comunica com o mundo exterior. Vê, ouve e percebe, não já pelos sentidos ordinários, mas por êste sentido único, sem localização, espalhado pela superfície de radiação periorgânica. Daí as manifestações sensorias bizarras que os hipnóticos têm comprovado e que em vão alguns pretendem explicar por simples hiperestesia do passivo". (G. Geley).

As fases superiores da exteriorização são suficientes e permitem o exercício das faculdades transcendentais:

"Então, já não há cérebro para a percepção ou para o pensamento, mas a percepção e o pensamento podem ser exercidos por todo o organismo do indivíduo. Neste estado e graças ao éter ambiente, cujas vibrações se exercem em uníssono no seu éter anímico exteriorizado, o paciente pode dar fé de uma série de fatos passados, presentes e até me atreveria a dizer, também futuros". (Analise des Choses) — Dr. Paul Gibier).

"Durante esta separação relativa do organismo, a personalidade normal desaparece; as recordações reaparecem em tropel e a subconsciência desempenha um papel preponderante.

O valor da subconsciência explicar-se-á pelo grande número de existências vividas.

As faculdades superiores, isto é, a própria clarividência, explicar-se-ão pela superioridade do "eu real" exteriorização sôbre a personalidade normal que constitui a sua união com o corpo atual.

Quanto à comprovação das personalidades múltiplas no mesmo indivíduo, quer nos estados hipnóticos, quer na vida ordinária, principalmente tratando-se de pessoas predispostas, ela nada tem de estranho, segundo a doutrina das vidas anteriores.

Notemos, ainda, o esquecimento dos fatos verificados durante o "sono hipnótico", que provam claramente a obnubilação da alma que resulta da sua união com o corpo. A alma ao entrar de nôvo no corpo, perde a lembrança dos fatos realizados, da mesma forma que a lembrança do passado, quando toma conta de nôvo corpo.

Insistimos, sobretudo, nas observações relativas às "personalidades múltiplas no mesmo indivíduo", que se manifestam em períodos sucessivos de duração variável e que de tal maneira se "ignoram recìprocamente", que o paciente, permanecendo num dêsses estados, nada sabe do que fêz em qualquer dos anteriores. Além disso, apresenta várias consciências e não tem noção de sua situação real.

Ninguém deve, portanto, admirar-se de que, ao apoderarmo-nos de nôvo organismo, esqueçamos o passado que vivemos anteriormente". (G. Geley).

Façamos aqui ponto final sôbre êste assunto, no terreno experimental. A literatura clássica do Espiritismo é farta em documentação desta natureza.

Fica, apenas, evidenciado que o pensamento intuitivo de um sem número de filósofos da antiguidade sôbre a reencarnação, tem hoje a comprovação da Ciência, por intermédio de vultos eminentes, cujo saber e cuja idoneidade nunca foram postos em dúvida pelos sábios seus colegas.

Nestas transcrições e principalmente na de Gustave Geley, estamos respondendo à pergunta muitas vêzes feita por pessoas que não conhecem a doutrina dos Espíritos, o porquê do esquecimento do homem quanto às suas vidas pregressas. Nenhum outro processo mais que o hipnotismo veio comprovar com tanta fôrça a razão do esquecimento de nosas vidas anteriores.

O nosso organismo atual é nôvo, o outro, o do passado, já se diluiu em proveito de outros sêres que, como nós, se exercitam no caminho infindável do aperfeiçoamento, da evolução. E sendo nôvo êste organismo, a alma se solidariza inteiramente com êle, não podendo, assim, manifestar as coisas, os fatos, as ocorrências de um passado vivido.

Depois da morte o consciente e o subconsciente se ajustam e se confundem.

* * *

Antes de continuarmos na faina trabalhosa de revelar aos leitores, principalmente, àqueles que não estão familiarizados com êste assunto, o moderno pensamento sôbre as vidas anteriores, seja-nos permitido voltar a um passado distante, muito distante mesmo, para evidenciar que a idéia reencarnacionista existe desde as mais remotas eras e se perde na noite dos tempos.

Na antiguidade havia um acôrdo quase unânime concernente à Metempsicose.

Anteriormente falamos nos povos que admitiam a imortalidade da alma e sem que necessite repetir seus nomes e seus livros sagrados, apenas acrescentaremos que todos êles eram partidários da metempsicose, transmigração, reencarnação ou palíngenesia.

Naturalmente que não iremos exigir de todos êles as nossas idéias mais modernas. A infância não pode produzir aquilo que o homem obtém na maturidade. Segundo as "Leis de Manú" (XII, § 41 até o § 51), o sistema da transmigração é dividido em três classes principais. Estas três classes são conforme as três qualidades principais da alma, a saber:

1º — *A bondade,* cujo caráter distintivo é a Ciência;

2º — *A paixão;*

3º — *A Obscuridade,* a ignorância ou a maldade. (Leis de Manú, XII, § § 24, 26, etc.).

*"O ateismo ou o materialismo denotam ignorância ou obscuridade".* (Tamas).

Segundo os Vedas e de acôrdo com a escola de Sankhya, há quatorze esferas de transmigrações onde o espírito espia os seus pecados e se purifica, a fim de se despojar, no futuro, definitivamente da matéria; *sete esperas são superiores ao homem, a oitava é o estado humano e as seis últimas são inferiores ao homem.* Estas quatorze esferas ou ordens constituem os *três mundos* que representam no espírito dos hindús o império das *três qualidades* da alma. Nesses mundos, nessas esferas, a alma experimenta o mal que nasce da decadência, até que ela fique completamente livre de sua união mesmo com o corpo etéreo e com os elementos sutis, e até que seja transformada na condição de *puro espírito.*

Tôdas as almas cuja contemplação haja sido parcial ou restrita, que não cumpriram as obras pias e desinteressadas, expiam suas faltas nas sete regiões destinadas à retribuição das obras. Isto se assemelha um tanto ao purgatório dos católicos, ao Hades dos gregos e ao Amenthés dos egípcios.

Além dêstes mundos ou esferas intermediárias ou expiatórias, há, ainda, os lugares onde os maus sofrem por suas culpas, tais como o *Yamma-loca* e o *Atam tappes* (pontos de obscuridade) — (Roger — La porte ouvèrte pour parvenir à la connaissance du paganisme caché, — traduzido em francês por Le Grüe. Amsterdam, chez Jean Schipper — 1671 — T. II. C. 21).

Podemos comparar êsses lugares, onde os maus sofrem tôda sorte de penas e tormentos, ao inferno. Não obstante, depois de haverem passado numerosas séries de anos nestas terríveis moradas infernais, os grandes criminosos são condenados, no fim dêste período, às transmigrações penosas para término da expiação de seus pecados. (Leis de Manú — XII, § § 75, 76 e 80).

Segundo as Leis de Manú, *não há penas eternas;* a alma cujas manchas foram apagadas, voltam a encarnar no corpo de um homem. Os cinco elementos do corpo etéreo concorrem para a formação do corpo grosseiro que está destinado a sofrer as torturas do inferno. (Leis de Manú — XII, § 21).

Quanto às almas bem-aventuradas, há para os indianos, duas classes principais, levando em consideração a metempsicose:

1º — *Os santos,* cuja meditação piedosa foi dirigida *sôbre* o puro Brama, e que vê a alma suprema em todos os sêres (Leis de Manú — XII, § 90);

2º — As almas daqueles cuja contemplação foi parcial e restrita.

Estas almas inferiores à dos Santos são obrigadas a reencarnar na Terra (Brama-Soudra, II). Êstes espíritos não vão além das regiões da lua, ou segundo o seu grau de perfeição, podem atingir o reino de *Varouna,* o regente da água. É de lá que êles voltam a ocupar um novo corpo, trazendo consigo a influência resultante de suas primeiras obras. (Brama-Soudra, III, C. I. § § 4-6).

Estas transmigrações da alma dependem da virtude e do vício, pois, o *destino da alma é principalmente influenciado pelos pensamentos que êle experimenta no momento da morte.* (Brama-Soudra — I, C. 2, § 1; Leis de Manú, XII, § § 23).

Isto que acabamos de escrever se refere à Índia cujas doutrinas não podem ser citadas integralmente, pois, dariam para um livro assaz volumoso.

Os chinêses, da mesma forma, admitem a metempsicose. O livro das recompensas e das penas, escrito pelo doutor Lao-sse, traduzido, como já dissemos anteriormente, por Julião (§ 136), diz que os maus são atirados em um brazeiro, cuja intensidade do fogo

é proporcional à gravidade dos crimes, ou do mal que fizeram aos seus semelhantes. O homem mau é obrigado, depois da morte, a percorrer uma das três carreiras infelizes que se chama *San-tou:*

1º — *a voltar ao mundo como bêsta de carga;*

2º — *a sofrer em um brazeiro os suplícios do inferno;*

3º — *a ser um demônio de fama.*

Segundo as "Mémoires des missionaires" (XV, 250), concernentes à China, as prisões dos maus espíritos ficam nos limites extremos do universo, bem longe, não só das habitações dos bons espíritos, mas, ainda, separadas dos lugares de expiação, onde os espíritos bons que não cumpriram seus deveres integralmente, expiam suas faltas cometidas em suas passagens na Terra.

O sistema de várias encarnações foi adotado também pelos egípcios (Heródoto, liv. II, C. 123), que diziam que as almas se desalojavam de um corpo para outro, tanto de homem como de bêsta; e quando elas houvessem percorrido tôda a escala da animalidade existente neste planeta, que passariam então a possuir um corpo humano para depois atingir o Céu, isto depois de um curso de três mil anos.

A Grécia e Roma admitiam também a doutrina da metempsicose.

Os gregos certamente beberam nos egípcios estas idéias.

Os mais sábios dentre os gregos, Lycurgo, Solon, Thales, Pitágoras e Platão, estiveram no Egito e aí conferenciaram com os seus padres. Diz-se que Solon foi instruido por *Sonchis de Sais,* e Pitágoras por *Enuphis o Heliopolitano.* Pitágoras, sobretudo, cheio de admiração por êstes padres, a quem êle havia inspirado os mesmos sentimentos, imitou sua linguagem enigmática e misteriosa, e envolveu seus dogmas com o véu de alegoria. (Plutarco, d'Isis et d'Osiris; Ricard, V. 328).

No livro "Reencarnação e suas Provas" falamos sôbre as reencarnações de Pitágoras e sôbre a memória de suas vidas passadas.

A felicidade da vida eterna consiste, sobretudo, segundo os antigos, na faculdade de conservar a memória do passado. Separar-se a imortalidade do conhecimento e do saber não será mais uma vida, mas uma longa duração de tempo. (Plutarco d'Isis et d'Osiris trad. de Ricard, V. 319).

Platão era crente na palíngenesia (Timée 42, 90, tec.; Phaedon, 34); pois não é senão pelas reencarnações sucessivas e diversas que

a alma atinge as moradas celestes e eternas, depois de haver expiado nos corpos terrestres os seus pecados.

Píndaro (Olymp. Od. II) disse: que segundo a doutrina da escola de Pitágoras, a alma não atinge o gôzo do repouso celestial e eterno junto aos deuses senão depois de haver encarnado três vêzes na Terra para expiar seus pecados. Sabe-se que, segundo a tradição. Orpheu foi transformado em um cisne depois de sua morte; Ajax filho de Telamon, em leão, e Agamenon em uma águia. Segundo Philon, as almas descem contìnuamente à Terra, outras sobem ao Céu para voltarem novamente. As almas despojadas do corpo habitam nos ares; há algumas que se revestem de corpos terrestres; outras de uma natureza mais elevada, desdenham da reencarnação (Philo quod a Deo mittant somn., 568; ed. Mag., I. 641). Os romanos, seguindo as pegadas dos gregos, crêem da mesma forma na metempsicose. Todos os letrados conheciam os versos de Ovídio (Metamorph., lib. XV):

> "Morte carent animoe, semperque priôre relicta
> Sede, novis domibus vivunt, habitantque receptoe.
> Omnia mutantur, nihil interit, errat, et illinc
> Huc venit, hinc illuc, et quoslibet occupat artus,
> Spiritus eque feris humana in corpora transit,
> Inque feras noster, nec tempore deperit ullo".

Em Vergílio e ainda em Horácio vamos encontrar a metempsicose. Nos povos Indo-Germânicos, vemos, ainda, traços desta doutrina (Coesar, de bello gallico, liv. VI). Segundo os druidas, a alma do morto vai revestir um nôvo corpo em uma outra esfera, mas não na Terra. (Lucan, Pharsal, lib. I, v. 454, etc.).

Os israelitas, isto é, a seita dos fariseus, admitiam igualmente a metempsicose e havia entre os rabinos doutôres que acreditavam na transmigração das almas humanas em corpos de animais, de vegetais e de minerais. (Josefus. Antic. Jud. lib. XVIII, c. 2).

Segundo São Pedro (1ª Epístola C. III, 19), o Cristo, depois de sua morte, foi pregar aos espíritos que se encontravam em prisão.

A apóstolo Paulo em sua Epístola aos Hebreus (XI, 39, 40) falando dos Santos do Velho Testamento diz: *"E todos êstes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa; provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que êles sem nós não fôssem aperfeiçoados"*.

Em Homero (Ilíada V, 395, XXIII, 72; Odisséa XI, 57), encontra-se: *"Há segundo as tradições sagradas da antiguidade, no*

*Hades, uma variedade infinita de esferas mais ou menos felizes ou infelizes".*

O Hades dos indianos foi o reino de Yama. Os antigos egípcios acreditavam, também, no Hades (inferno), que êles chamavam Amenthés. Esta palavra significa receber e dar, porque neste lugar os espíritos expiam as faltas que cometeram durante a vida terrena (Plutarco, d'Isis et d'Osiris; trad. de Ricard V, 347). Os antigos persas (Anquétil, III, 585) admitem também, além da morada celeste dos bem-aventurados, os lugares de expiação chamados *Hamestan,* para onde vão almas cuja conduta não foi nem boa, nem má. O Hamestam é o Hade (inferno) dos persas. Entre os que aí habitam, existe os que têm conhecimentos espirituais e são mais perfeitos e que foram mais limpos de coração. Êstes últimos sobem mais depressa, passando pelas diferentes esferas intermediárias até o reino dos Céus.

Antes de encerrarmos a nossa série de longas citações, seja-nos permitido dizer algumas palavras sôbre a diferença entre a doutrina de várias encarnações humanas e das transmigrações das almas em corpos de animais.

Êste último sistema, inadmissível em nossos dias, contou com adeptos muito numerosos na antiguidade, sobretudo entre os hindus, egípcios e chineses. A maior parte das tradições religiosas atribuem germes de uma inteligência quase humana aos animais. Esta teoria seria admissível, não levando em conta a metempsicose, mas, encarando com acêrto a teoria evolucionista, ou aquela que admite que a alma evolui paralelamente com a espécie. Em nossos dias, por exemplo, certo, não surgiriam as lendas, criação dos poetas antigos, baseadas nessas crenças primitivas.

Plutarco, em "Dos nomes dos rios e das montanhas". (Ricard V, pg. 401), conta o fenômeno notável de um elefante salvando o famoso rei Porus:

> "Quando Alexandre, rei da Macedônia, penetrou na Índia, à frente de seu exército, e os habitantes do país tomaram a resolução de enfrentá-lo, o elefante de Porus, rei desta região, entrando de repente em fúria, subiu à colina do Sol, e pronunciou distintamente estas palavras, com uma voz humana: Ó rei, meu mestre, filho de Gegasius, guarda-te de nada empreender contra Alexandre, pois êle é filho de Júpiter". Acabou o elefante de falar, expirou. Porus prevenido, tomado de pavor, foi procurar Alexandre e lançando-se-lhe aos pés, implorou a paz; êle a obteve nas condições que havia proposto; e mudando o nome da montanha, lhe chamou monte Elephas".

A Bíblia nos narra um fenômeno análogo, tratando do asno de Balaão (Números XXII, 27-34). Eis os versículos:

"E vendo a jumenta o anjo do Senhor, deitou-se debaixo de Balaão: e a ira de Balaão acendeu-se e espancou a jumenta com o bordão. Então o Senhor abriu a bôca da jumenta, a qual diz a Balaão: Que te fiz eu, que me espancaste estas três vêzes. E Balaão disse à jumenta: Porque zombaste de mim, oxalá tivera eu uma espada na mão, porque agora te mataria. E a jumenta disse a Balaão: Por ventura não sou a tua jumenta, em que cavalgaste desde o tempo que eu fui tua até hoje? Costumei eu alguma vez fazer assim contigo? E êle respondeu: Não. Então o Senhor abriu os olhos a Balaão, e êle viu o anjo do Senhor, que estava no caminho, e a sua espada desembainhada na mão; pelo que inclinou a cabeça, e prostrou-se sôbre sua face. Então o anjo do Senhor, lhe disse: Por que já três vêzes espancaste tua jumenta? Eis que eu saí para ser teu adversário, porquanto teu caminho é perverso diante de mim; porém a jumenta me viu, e já três vêzes te desviou de diante de mim; na verdade que eu agora te tivera matado, e a ela deixara com vida. Então Balaão disse ao anjo do Senhor: Pequei, que não soube que estavas neste caminho para te opores a mim; e agora, se parece mal aos teus olhos, tornar-me-ei".

Temos mais a lenda do corvo inteligente alimentando Elias (I Reis XVII, 4 a 6), e mais ainda, aquela de Rômulo e Remo, sendo alimentados por uma lôba.

Além dos personagens citados, como tendo sido alimentados por animais, temos mais: o rei Hábis, por uma corça; Cyro, por uma cadela; Semíramis, por pombas; Midas, por formigas; Hierão e Platão, por abelhas; Palas por uma égua; Atalante, por uma ursa e Esculápio por uma cabra.

E aqui ficamos, depois de uma longa caminhada através dos tempos, para deixar patente que a reencarnação foi crença multimilenar; existiu, é bem verdade, com uma concepção primitiva, para hoje surgir iluminada por novos conceitos e à luz da Ciência que, dia a dia, e cada vez mais, vai se despreendendo das arcaicas concepções de nossos avoengos, para apresentar à humanidade um estudo mais aprimorado e muito mais completo.

A estrada que teremos a percorrer agora é uma estrada asfaltada, feita com os mais atualizados e aperfeiçoados sistemas da técnica moderna. Deslizemos por ela em nossos veículos, última expressão da criação do homem, e verifiquemos o que nos dizem os nossos contemporâneos ilustres sôbre a mesma doutrina, tão primitiva, tão minguada, no conceito de nossos ancestrais.

Humphry Davy, o célebre químico inglês, assim se expressou falando da doutrina reencarnacionista:

"A existência humana pode ser olhada como o tipo de uma vida infinita e imortal e sua composição sucessiva de sonos e de sonhos poderia certamente oferecer-nos uma imagem aproximada da sucessão de nascimentos e de mortes de que a vida eterna é composta".

Lessing, o autor conhecido de "Fábulas" e de numerosas obras literárias do fim do século XVIII, escreveu em seu livro "A Educação do Gênero Humano", as linhas seguintes:

"Que impede que cada homem haja existido várias vêzes no mundo? Esta hipótese não pode ser ridícula por ser a mais antiga e porque a razão humana a compreendeu de repente, nos tempos primitivos, uma vez que nunca foi aniquilada nem enfraquecida pelos sofismas das diversas escolas. Porque não teria eu dado neste mundo todos os passos sucessivos para o meu aperfeiçoamento, pois êles só podem constituir para o homem recompensas e punições temporárias? Por que não faria eu mais tarde aquilo que me resta fazer com os socorros tão poderosos da contemplação das recompensas eternas? Mas eu perderia meu tempo — dizem. Perder o tempo? O que é que me pode apressar? Não é minha tôda a eternidade?

Léon Denis, em seu livro "La Destinée", consagrou vários capítulos às vidas sucessivas, à reencarnação e suas leis. São dêle estas linhas:

"A morte não pode transformar um espírito inferior em um espírito elevado. Nós somos do outro lado como aqui na Terra, o que nos tornamos pelo nosso esfôrço no sentido intelectual e moral. Pode-se vencer em uma vida efêmera, as paixões, corrigir o caráter no curso de uma vida única? Que pensar da multidão de ignorantes e de viciosos que povoam o nosso planeta? É possível que sua evolução se cinja a uma curta passagem sôbre a Terra? E aquêles que se tornaram culpados de grandes crimes, onde encontrarão as condições necessárias à reparação, a não ser nas reencarnações?".

Victor Hugo falou das reencarnações como filósofo e como poeta. Como filósofo êle disse em seu "Journal de l'Exil" :

"Deus é. Deus sendo absoluto, perfeito não criou o perfeito, o absoluto porque seria reproduzir-se; então Deus criou o imperfeito e o relativo; e criou o homem. O homem sofre porque está dentro do imperfeito e do relativo".

"Todos os mundos progridem: êles estão todos em trabalho. Nossa Terra é um dêstes mundos, cujo número é incalculável. Nosso globo passou sucessivamente por tempos mais ou menos bárbaros, isto é, passou do estado selvagem ao estado bárbaro e do estado bárbaro ao estado civilizado... O dia moral começa. O dia moral se levanta na França. Em Paris êle se manifesta, apenas em raros espíritos, no número dos quais se encontram todos os homens de gênio, espécie de semi-deuses, desde os homens de gênio inventivo, até os homens de gênio nas Artes, na Filosofia e no Pensamento.

Temos, ainda, François Coppée, participante sem reservas, da crença reencarnacionista. Êle afirma suas convicções em seus versos "La Vie Anterieure" e a sua chave é esta:

"Je cherche du regard dans la voute lactée

L'étoile qui par nous fut jadis habitée".

Em nosso livro "Reencarnação e suas Provas", escrito com o erudito Dr. Carlos Imbassahy, transcrevemos versos de Lamartine, outro grande poeta. E para não cansar o nosso leitor, citaremos mais alguns nomes de homens destacados que participam ou participaram da crença nas vidas sucessivas e progressivas da alma.

J. Maxwell, substituto de Procurador Geral da Côrte de Paris, fisiologista e psicólogo de grande erudição, autor de um trabalho prefaciado por Charles Richet "Les Phénomènes Psychiques", diz:

"É preciso considerar o estado psicológico de nossa sociedade para verificar o quanto êle se encontra perturbado. Falou-se muito do conflito entre a Religião e a Ciência; é uma luta de morte que explode entre as duas. Fácil será ver qual será a vencedora.

Tem-se a impressão de que começa a agonia do culto católico. Qual é o espírito sincero consigo mesmo que poderia hoje repetir o famoso credo quia absurdum? Não é fazer à divindade a maior injúria recusar os grandes dons que ela nos concede? De não empregar tôdas as fôrças de nossa inteligência e de nossa razão no exame de nosso destino e de nossos deveres para conosco mesmos e para com os outros? É isto que o Catolicismo nos ordena abdicar. Êle exige que façamos uma adesão completa a seus dogmas, e que creiamos cegamente em tudo o que a Igreja ensina, em tudo o que afirma um papa infalível. Parece-me inadmissível que o Deus dos católicos aprove uma semelhante indiferença... As inteligências mais cultas se distanciam dos cultos revelados, as inteligências menos cultivadas começam a perceber a insuficiência da revelação...

Diz adiante o Dr. Maxwell:

"Se fizermos a síntese das doutrinas antigas, dos ensinamentos dos mais célebres filósofos, encontraremos o espiritualismo moderno com tôdas as suas conclusões: sobrevivência da alma, crença nas reencarnações, no corpo fluídico do espírito, na crença da comunicação dos espíritos com os encarnados, sanção do bem e do mal, moral perfeita, digna da divindade, que deu a intuição aos missionários por Êle enviados para instruir a humanidade".

Temos mais Henry Martin, Tolstoi, Gaston Revel, J. Reynaud (Terre et Ciel), Walter Scott, S. Munck (Dict. de la Conversation), Daniel de Foe, Paul Gibier, Dr. T. Quel (Revue de Psychologie Expérimental), George Sexton, membro do Colégio Real de Londres que diz:

> "Vinde aqui céticos, escutai, vêde, senti, sabei que vossos amigos que deixaram êste mundo, vivem ainda; e porque êles continuem vivendo, recebei a certeza de que vivereis também. O enigma do Universo está decifrado, o mistério das idades revelado, a questão qúe suscitamos das lágrimas que derramamos durante milhares de anos recebeu uma resposta afirmativa, e nós seremos os homens das idades ainda por vir".

C. F. Varley, membro da Sociedade Real de Londres, Engenheiro Chefe das Companhias de Telegrafia Internacional e Transatlântica, em (Spiritual Magazine, n. 30), escreve:

> "Fui inúmeras vêzes testemunha das manifestações físicas; e quanto aos fenômenos psíquicos de uma ordem mais elevada, os vi mais de cem vêzes na Inglaterra e na América. Se não as havia publicado, ainda, é pelo fato de observar como são recebidas, neste mundo de discórdia, tôdas as descobertas modernas...
>
> Não fizemos mais do que estudar aquilo que já foi o objeto de pesquisas dos filósofos, há dois mil anos; e se uma pessoa versada no conhecimento do grego e do latim, que estivesse ao mesmo tempo a par dos fenômenos que são produzidos em tão grande número, se um tal homem, digo, quisesse traduzir cuidadosamente os escritos dêsses grandes homens, o mundo aprenderia brevemente, que tudo o que tem lugar agora não é senão uma nova edição de um velho lado da História, estudado pelos espíritos esforçados a um gráu que elevaria bem alto, o crédito dêsses velhos sábios tão clarividentes, porque êles subiram muito acima dos prejuízos estreitos de seu século, e parecem, haver estudado o assunto em proporções tamanhas que sob vários aspetos, ultrapassam de muito nossos conhecimentos adquiridos".

Continuando, temos um Russel Wallace, Presidente da Sociedade de Entomologia; Guilherme de Fontenay, Henri Constant, Eugène Bonnmére (L'âme et ses manifestations à travers l'Histoire); Eugène Pelletan, que em sua obra "Profession de Foi du XIX e Siecle", afirma:

> "Por uma irresistível lógica de idéia, creio poder afirmar que a vida mortal terá o espaço infinito por lugar de peregrinação. O homem irá, pois, de sol em sol, subindo sempre, como pela escada de Jacó, a hierarquia da existência, passando sempre, segundo o seu mérito e seu progresso de homem a anjo, e de anjo a arcanjo".

Propositadamente, deixamos para falar em último lugar do genial Voltaire, êste homem tido pelo clero católico como o mais impiedoso e libertino dos ateus. Felizmente, a História nos diz justamente o contrário dêste eminente escritor. Voltaire não era impiedoso e muito menos ateu. Era deista, acreditava firmemente na imortalidade da alma e admitia, mesmo, a reencarnação e as aparições de fantasmas.

Em seu "Dictionnaire Philosophique", iremos encontrar:

"Uma vez que se começa a pensar que não há no homem um ser completamente distinto da máquina, e que o entendimento persiste, depois da morte, que se dá a êste entendimento um corpo delicado, sutil, aéreo, semelhante ao corpo no qual êle é alojado; que se a alma do homem não conservasse uma forma semelhante ao corpo no qual é ela alojada, não se poderia distinguir depois da morte a alma de um da alma de outro; esta alma, esta sombra que subsiste separada do corpo pode muito bem mostrar-se, rever os lugares que havia habitado, visitar seus parentes, seus amigos e instruí-los. Não há em tudo isto nenhuma incompatibilidade". (111).

Foi com êste pensamento que Voltaire emitiu a possibilidade da reencarnação nos seguintes têrmos: *"Il n'est pas plus surprenant de naître deux fois qu' une"*. Encontra-se êste pensamento claramente expresso em seu romance "La Princesse de Babylone", no qual êle faz dizer à *Phénix* que a ressurreição é a coisa mais simples do mundo e que tudo nêle é ressurreição.

Apesar de tudo, diz Ed. Dupouy, Voltaire lastima não ter noções suficientes do que se chama *espírito puro* e do que se chama *matéria* para resolver completamente a questão. Estas noções nos foram dadas pelos trabalhos de nossos sábios contemporâneos e pelos fenômenos de psicologia experimental.

A corporeidade da alma é o corpo psíquico, nome criado por W. Crookes para o envelope fluídico, do qual conhecemos as propriedades de exteriorização e aquelas que preocupavam o genial Voltaire.

Ao contrário do que se afirma, Voltaire não foi um indiferente ao estudo da alma. Êle cita a opinião de Santo Irineu, de Taciano, de Santo Hilário e de Tertuliano, dizendo:

"A corporeidade da alma surge no Evangelho, segundo o resumo de São Tomaz e diz que está de acôrdo com todos êles".

A. Franck, em seu "Dictionnaire Philosophique", escreve:

"Voltaire não varia nunca sôbre a existência de Deus; êle apresentou durante sessenta anos, esta verdade sob tôdas as formas, com uma verve inexgotável; combateu a geração espontânea na qual os ateus pretendiam apoiar-se; voltava com uma insistência infatigável sôbre o princípio das causas finais, para prová-lo e praticá-lo com a convicção, a clareza, a fôrça e a graça de Fénelon e de Sócrates". (112).

---

(111) Voltaire — Dictionnaire Philosophique.
(112) A. Franck — Dictionnaire des Sciences Philosophique — ed. 1875 — pg. 1774.

Em seu livro, "Os Três Impostores", há uns versos de Voltaire por demais conhecidos que não deixam dúvida sôbre sua crença em Deus:

"Ils ont adoré tous un maître, un juge, un père;
Ce sistème à l'homme est nécessaire;
C'est le sacré lien de la societé,
Le premier fondement de la sainte équité,
Le frein du scélerat, l' esperance du juste.
Si les cieux, dépuillés de leur empreinte auguste,
Pouvaient cesser jamais de le manifester,
Si Dieu n'existait pas, il faudrait l' inventer".

A razão forte do ódio que muitas gerações dedicam a Voltaire é não ter êle aceito as frivolidades teológicas, é a de haver feito uma crítica impiedosa ao Velho Testamento, na qual aponta uma a uma as imoralidades contidas nos textos sagrados, seus erros científicos e suas contradições.

Voltaire propagava a sua descrença num Deus que se dizia haver ditado as coisas incríveis da Bíblia. Era, na verdade, um inimigo forté e impiedoso. Êle vergasta com sua crítica, a história eclesiástica, os dogmas da Igreja e o poder pontifical. Afirmava êle que a Igreja oprimia as consciências e excitava o fanatismo. Êle não podia falar sem horror da legislação sôbre a heresia e sôbre o sacrilégio. E era duro, convenhamos, quando exclamava, referindo-se à Igreja de Roma: *"Guerre, donc, à l'infame qui écrase la pensée et torture les corps"!* Dizia mais: *"A história eclesiástica é uma seqüência funesta de crimes, de perseguições e de massacres"*. Por isso, foi considerado Voltaire um descrente em Deus e na imortalidade da alma.

A moral de Voltaire resumia-se nestas duas palavras: tolerância e humanidade, que nunca deixou de pôr em prática em dias de sua vida. É uma grande moral como a de Confucius e mesmo a de Cristo e abrange tôda a moral humana: *"Não faças aos outros o que não queres que te façam" — Ama a teu próximo como a ti mesmo"*.

Combateu o grande e genial francês por êste lema durante sessenta anos, noite e dia, sustentando com a energia de sua alma, um corpo moribundo, forçando-o a viver e a manter-se de pé.

A História nos conta que a causa de Voltaire era a causa do gênero humano. Em qualquer lugar em que êle encontrasse um oprimido, procurava reabilitá-lo. Com a sua pena magistral defendia as vítimas da bárbarie de todos os tempos, as famílias inocentes refugiadas em sua casa, os protestantes massacrados, há dois séculos, na noite de São Bartolomeu.

Nem sempre obtinha justiça, mas isto não o desanimava e continuava pedindo-a, tendo-a conseguido muitas vêzes. Agiu como age todo o homem generoso: servia os inocentes com a sua fortuna e a sua influência; fêz o que sòmente êle poderia ter feito em favor dêles: levantou a Europa.

Recordemos o mais importante de seus clientes: o infeliz é inocente almirante Bing, sacrificado pela política de Pitt. Depois a família Calas. Calas é um negociante protestante de quase setenta anos, radicado em Toulouse. Um de seus filhos se converteu ao Catolicismo; um outro se enforcou na casa paterna. A opinião fanática acusa João Calas de haver assassinado o filho, para impedir sua próxima abjuração e de ter-se feito ajudar por um terceiro filho, Pedro. Vê-se nestes acontecimentos um tristíssimo prelúdio de massacre geral pelos católicos. O magistrado Davi procede contra os acusados, que são postos a ferro. Os juízes, por uma maioria de oito votos contra cinco, pronunciam a sentença condenatória. O Parlamento confirma o julgamento. Pierre foi banido. A pobre mãe vê suas filhas arrebatadas, e o pai foi condenado ao suplício da roda, e assim morreu em 1762, protestando inocência.

Tempos depois a mãe vem a Paris, advogados se põem a seu favor; Voltaire foi um dêles. Chama a si a causa e consegue apaixonar a opinião pública. O Conselho de Estado se reune e dois anos depois cessa a sentença de Toulouse, revê o processo, reabilita unanimemente a memória de João Calas e pede ao rei que repare a desgraça desta família. O magistrado Davi morre louco. Voltaire deu a esta causa três longos anos de sua vida e em confidência a Condorcet, êle segreda: *"Durante todo êste tempo não sorri uma vez para não me condenar, cheio de remorso como um criminoso"*.

Um jovem criado protestante, da mesma província, arrebatado aos pais, foi encerrado em um convento. Consegue fugir e cheio de mêdo atira-se em um poço. Sirgen, seu pai, acusado, é condenado à morte por contumaz, refugia-se com sua espôsa em Ferney. Lá ela morre de dor e de fadiga. Voltaire convence Sirven a comparecer a Toulouse, onde consegue a sua absolvição com seus rasgos de eloqüência.

O conde de Lally é em 1766 condenado à morte em Paris, por sua conduta na Índia; a sentença de morte não aponta nenhum crime determinado, anuncia, apenas, uma simples suspeita e se apóia no testemunho de inimigos declarados.

Voltaire litiga durante doze anos e, para sua recompensa, sabe, no momento da morte, que a sentença injusta havia sido cassada. Conhecem-se as últimas palavras que sua mão escreveu; êle se dirige ao filho da vítima: *"Morro contente; vejo que o rei ama a justiça"*.

Contemos, agora, a história do cavalheiro de la Barre, a quem já nos referimos no início desta obra. Em 1765, três jovens de Abbeville, tendo o mais idoso dêles 19 anos, são acusados de haver conservado o chapéu, quando a vinte e cinco passos passava uma procissão; reza mais a acusação que êles haviam, nesta ocasião, cantado canções de corpo de guarda, meio ímpias e meio licenciosas e, em conseqüência, havia suspeita de que êles houvessem quebrado um crucifixo em praça pública. O piedoso bispo de Amiens lança monitórias; um tenente do Tribunal de Eleição, Duval de Soucourt, preside a um inquérito, e os juízes de Abbeville condenam o jovem de la Barre a ser decapitado e queimado; o jovem de Etallonde, seu irmão, a ter a língua e o punho cortados e a ser queimado em fogo lento (1766). O Parlamento de Paris confirma a sentença. La Barre é executado; Etallonde se refugia em casa de Voltaire que o recomenda ao rei da Prússia, tornando-se o jovem Etallonde oficial de seu exército.

Voltaire não cessa de escrever, de agitar-se para tornar odioso o caso de la Barre, isto é, do suplício a que foi condenado um jovem na flôr da idade, cheio de esperanças, e obteve, enfim, o perdão dos dois irmãos. Um gozou, o outro já não podia fazê-lo, uma vez que saciou o ódio e o sadismo daquele cristianíssimo bispo.

Por isso, pelo espírito humanitário de Voltaire, no dia de seu centenário, foi saudado pelo maior poeta da França, o grande Victor Hugo, num discurso que procuramos resumir nêstes têrmos: *"Il y a cent ans un homme mourait. Il mourait immortel... Le jour oû l'amnistie sera proclamée, je l' afirme, lá-haut dans les étoiles, Voltaire sourira"*.

Poderiamos continuar citando mais exemplos consignados na História, do amor que Voltaire consagrava à liberdade e de seu espírito humanitário sempre pronto à defesa dos fracos e oprimidos; mas o que está escrito é o bastante. Falemos, apenas, de sua contribuição à abolição da escravatura. Os cônegos de Saint Claude, em Franche-Comté, possuiam servos; doze mil habitantes eram escravos de vinte monges, e submissos em tôda a extensão do têrmo, isto é, ao direito selvagem da fôrça e até da morte. Em qualquer parte em que se encontrava Voltaire, protestava contra a servidão, e isto êle o fazia com energia e com segurança de argumentos. Não venceu, isto é, não conseguiu o que pleiteava em sua integralidade, mas teve a alegria de ver o rei abolir a escravidão em seus domínios; a revolução de 1789, penetrada de seu espírito, decretou a liberdade dos escravos em tôda a França. Enfim, Voltaire não teve mais que um cliente, a razão. Para a servir foi sempre infatigável.

Em nome da razão, êle reclama sobretudo a tolerância, isto é a liberdade de consciência, a primeira das liberdades, contra o fanatismo, que êle apelidava a "raiva das almas", contra a Inquisição, ministro dêste fanatismo.

Teve êle a ventura de ver a imperatriz da Rússia, os reis da Dinamarca, da Polônia, da Prússia, e a metade dos príncipes da Alemanha, estabelecer com elevação a liberdade de consciência em seus Estados, e o desarmamento da Inquisição até na Espanha.

Em política êle apreciava o govêno inglês, *"que conserva tudo o que a Monarquia tem de útil, e tudo o que uma República tem de necessário";* leis uniformes; a economia nas finanças; a supressão da venalidade nos cargos.

Êle não era contra a punição, uma vez que dizia: *"Puni, mas não cegamente; que a penalidade seja útil".* — *"Se representam a justiça com uma venda nos olhos é necessário que a razão seja seu guia".* O que eu quero, dizia êle, é uma legislação escrupulosa sôbre a natureza e a fôrça das provas: *"A lei tornou-se uma faca de dois gumes, que tanto degola um inocente como um culpado",* um Conselho, um advogado sempre pôsto à disposição do acusado, o Código criminal dirigido para salvaguarda dos cidadãos, como na Inglaterra; não para sua perda como na França — nada de processos secretos, supressão da tortura, *"invenção excelente para salvar o culpado forte e condenar o inocente fraco de corpo e espírito".*

E são desta espécie as reivindicações de Voltaire. Será necessário dizer mais alguma coisa para redimir em face do mundo, êste gênio francês, amigo incondicional dos oprimidos, soldado infatigável da liberdade, adversário da intolerância e do fanatismo?

Fica assim provado o contrário do que a Igreja de Roma diz de Voltaire, êste homem eminente que foi por ela excomungado.

Voltaire, era, assim, deista, aceitava a imortalidade da alma e seguia sem esmorecimento os ensinamentos de um verdadeiro cristão.

Como se depreende, o que dizem dêle é uma infâmia secular, é uma infâmia e nada mais.

* * *

Antes de penetrarmos no terreno da fenomenologia é justo que desfaçamos um falso conceito atribuido aos espíritas. Ainda há pouco dizia um conceituado professor de Teologia Dogmática: "Para os espíritas a alma é matéria". Ora, neste ponto de vista, os espíritas não diferem dos católicos, é o que iremos provar. O Espiritismo afirma que não conhece a natureza íntima da alma. E se às vêzes

se adianta que ela é material, é num sentido relativo e não absoluto, porque a imaterialidade perfeita seria o nada; ora, a alma ou espírito é alguma coisa que pensa, sente e quer; é preciso, pois, compreendermos, pela expressão material, que a sua essência é de tal modo diferente daquilo que fisìcamente conhecemos, que não oferece analogia alguma com a matéria. Como se pode conceber a alma sem que a acompanhe uma matéria que a individualize? Como poderia ela sem isso entrar em relação com o mundo exterior? Como explicar a aparição de pessoas mortas, se a alma não possuir um invólucro que será neste caso tôda a razão de ser do fenômeno? Será possível que a História, através dos tempos, seja mentirosa, quando consigna aparições de mortos com o mesmo corpo e a mesma fisionomial igual à que possuiam na Terra? Quando o homem morre, se decompõe, se transforma completamente de maneira que quase todo desaparece no túmulo. Como é que se concebe que êste mesmo homem apareça, e seja imediatamente reconhecido?

Os primeiros cristãos acreditando na existência de uma substância mediadora, conceberam a teoria, hoje comprovada, da ação da alma sôbre o invólucro físico.

O apóstolo São Paulo fala inúmeras vêzes do *corpo espiritual,* imponderável e incorruptível (Coríntios XV, 35). Na mesma epístola 44 e 45, escreve êle: *"Há corpo animal e corpo espiritual"*. Orígenes, em seus comentários sôbre o Novo Testamento, afirma que êsse corpo dotado de uma virtude plástica, segue a alma em tôdas as suas existências e peregrinações, para penetrar e dar forma aos corpos mais ou menos grosseiros e materiais que esta alma reveste e que lhe são necessários ao exercício de suas diversas vidas.

Pezzani, segundo Gabriel Delanne, apresenta a opinião de alguns padres da Igreja; (Pezzani, jornal La Verité, de 5 de abril de 1863).

> "Orígenes e os padres alexandrinos sustentavam: um, a certeza; outros, a possibilidade de novas provações sucedendo à provação terrena, e tiveram de levantar a questão de saber-se qual o corpo que deveria ressuscitar no juízo final. Resolveram essa questão atribuindo a ressurreição a um corpo espiritual, como fizeram S. Paulo e, mais tarde o próprio Santo Agostinho, e representaram os corpos dos eleitos como incorruptíveis, sutis, tênues e extraordinàriamente ágeis".

Bordeau, em "Le Problème de la Mort", à pág. 36 e seguintes e 62, comenta:

> "Então, uma vez que êsse corpo espiritual, inseparável companheiro da alma, representava, por sua substância quintessenciada, todos os invólucros grosseiros de que a alma pudesse estar passa-

geiramente revestida, e que devia deixar à podridão e aos vermes dos mundos atravessados por ela — e uma vez que êste corpo havia penetrado com a sua energia tôdas as matérias instruidas para um uso perecível e transitório, o dogma da ressurreição da carne substancial recebia, por meio desta sublime concepção, uma confirmação brilhante. O corpo espiritual, assim concebido, representava todos os outros que não mereciam o nome de corpo, se não fôsse a sua agregação a êsse princípio vivificador da carne real, ao qual os espíritos chamaram perispírito".

Tertuliano declara que a corporeidade da alma é afirmada pelos Evangelhos:

*"Corporalitas animae in ipso Evangelico relucescit"*, porque — acrescenta êle se a alma não tivesse um corpo *"a imagem da alma não teria a imagem dos corpos"*. (Tratado de Anima, caps. VII a IX, ed. 1657, pg. 8).

São Basílio fala do corpo espiritual, da mesma maneira que Tertuliano. Em seu tratado de Espírito Santo assegura êle que os anjos se tornam visíveis pelas espécies de seu próprio corpo, aparecendo aos que são dignos disso. (São Basílio, Liber de Spiritu Sancto — XVI, edic. benedict. t. III, pg. 32).

Sòmente Deus, sendo incorpóreo, segundo S. Cirilo de Alexandria, só Êle não pode ser circunscrito, enquanto que tôdas as outras criaturas o podem, se bem que seus corpos não se assemelhem efetivamente ao nosso. Se chamamos aos demônios animais aéreos, como o disse Apulêo, é ainda, na opinião do grande bispo de Hipona, porque êles possuem a natureza corpórea, sendo ambos da mesma essência. (Santo Agostinho, Scep. ben. ad. litt., I, III, c. X).

A denominação de anjo, de acôrdo com S. Gregório é que êle é um animal dotado de raciocínio. (Homelia X, no Evang.).

S. Cirilo de Jerusalém, escreve:

"O nome "espírito" é um nome genérico e comum; tudo o que não possui um corpo pesado e denso é de um modo geral denominado espírito". (Catechesis, XVII, edic. benedic. de 1720, pgs. 251 e 252).

Na obra citada à página 252, Nota do Beneditino dom. A. Toutée, em outras passagens atribui S. Cirilo, quer aos anjos, quer aos demônios, quer às almas dos mortos, corpos mais sutis que o corpo terrestre.

Eis o que nos diz S. Bernardo:

"Sòmente a Deus concedemos a imortalidade e bem assim a imaterialidade, porque a sua natureza não carece para si próprio, nem para outrem, do auxílio de um instrumento corpóreo". (Sup. Quantie, Homelia X).

Santo Ambrósio de Milão, por sua vez, expressa a sua doutrina nos seguintes têrmos:

"Não imaginemos que ser algum esteja isento de matéria em sua composição, executuando-se tão só e ùnicamente a substância adorável da Trindade". (Abraão, t. II. c. XIII, n.º 58).

Gabriel Delanne, em sua obra já citada, diz que Pedro Lombard, o mestre das sentenças, deixava indecisa a questão, mas, todavia, expunha esta opinião de Santo Agostinho: *Os anjos devem ter um corpo, a que não se submetem, mas ao qual governam como submisso que é à sua vontade, transformando-o, dando-lhes as formas que querem para a manifestação de seus atos*".

Evódio, bispo de Uzala, escreve em 414 a Santo Agostinho, inquirindo-o acêrca da natureza e causa de aparições, de que lhe dá muitos exemplos, e para lhe perguntar se depois da morte:

"Quando a alma abandonou êste corpo grosseiro e terrestre, não permanece a substância incorpórea unida a um outro corpo, não composto dos quatro elementos como êste, porém, mais sutíl, e que participa da natureza do ar ou do éter?".

E assim conclui êle sua missiva:

"Acredito, portanto, que a alma não poderia existir sem corpo algum". (Obras de S. Agostinho, edic. Benedict. de 1679, t. II, carta 158, col. 560 e seguintes).

Preciso também se torna conhecer a carta de S. Agostinho a Nebrido, escrita em 390, em que o bispo de Hipona assim se manifesta:

"Necessário é te recordares de que agitamos muitas vêzes, em discussões que nos punham excitados e sem fôlego, essa questão de saber se a alma não tem por morada alguma espécie de corpo, ou alguma coisa análoga a um corpo, que certas pessoas, como sabes, denominam o seu "veículo". ("S. Agostinho", op. cit., t. II, carta 14, cols, 16 a 17).

Vejamos S. Bernardo:

"Atribuiremos, pois, com tôda a segurança ùnicamente a Deus, a verdadeira incorporeidade, assim como a verdadeira imortalidade; porque, único entre os espíritos, ultrapassa tôda a natureza corporal, o suficiente para não ter necessidade do concurso de corpo algum para qualquer trabalho, pois, que só a sua vontade espiritual, quando a exerce, tudo lhe permite fazer". (Sermão VI in Cantica, ed. Mabillon. t. I, col. 1277).

E S. João de Tessalônica resume nestes têrmos a questão, em sua declaração ao segundo concílio de Nicéia (787), o qual adotou as suas opiniões:

"Sôbre os anjos, os arcanjos e as potências, — acrescentarei também — sôbre as almas, a Igreja decide que êsses sêres são na verdade espirituais, mas não complementamente privados de corpo, ao contrário, dotados de um corpo tênue, aéreo ou ígneo". Sabemos que assim têm entendido muitos santos padres entre os quais Basílio, cognominado o Grande, o bem-aventurado Atanásio e Metódio e os que ao lado dêles são colocados. Não há senão Deus, ùnicamente, que seja incorpóreo e sem forma. Quanto às criaturas espirituais, não são de modo algum incorpóreas. (Hist. Universal da Igreja Católica", pelo abade Bohrbacher, doutor em Teologia, t. XI, págs. 209 e 210).

Em "Cristianismo e Espiritismo", obra magistral de Léon Denis, vamos encontrar o seguinte:

"Um concílio, realizado no Delfinado, na cidade de Viena, em 3 de abril de 1312, sob Clemente V, declarou heréticos os que não admitissem a materialidade da alma". (O Espiritualismo na História, de Rossi de Giustiniani).

Acreditamos, diz Denis, dever lembrar essas opiniões, porque constituem outras tantas afirmações em favor da existência do perispírito. Êste não é realmente outra coisa senão êsse corpo sutíl, invólucro inseparável da alma, como ela indestrutível, entrevisto pelas autoridades eclesiásticas de todos os tempos.

"Essas afirmações são completadas pelos testemunhos da Ciência atual. As sucessivas pesquisas da Sociedade de Investigações Psíquicas, de Londres, evidenciaram 1.600 casos de aparições de "Fantasmas" de vivos e de mortos.

A existência do perispírito é, além disso, demonstrada por inúmeras moldagens de mãos e de rostos fluídicos materializados, pelos fenômenos de exteriorização e desdobramento de vivos, pela visão dos médiuns e sonâmbulos, por fotografias de falecidos, numa palavra, por um imponente conjunto de fatos devidamente comprovados". (L. Denis, "Christianisme et Spiritisme", pg. 315.

Esta questão, pois, do clero católico, sôbre a ressurreição da carne, cai por terra, em virtude de sua impossibilidade! Raciocine-

mos: As moléculas que compõem o nosso corpo atual pertenceram num passado a um sem número de corpos humanos, vegetais e animais, e pertencerão a milhares de outros corpos. No dia do Juízo qual seria o verdadeiro dono dessas moléculas, uma vez que elas pertenceram a tantos outros corpos?

Para acreditar na ressurreição, necessário seria acreditar no milagre, e pensar que, para satisfação de uma religião qualquer, Deus revogasses suas leis imutáveis.

E os casos de bilocação, poderão, por ventura, ser explicados sem o recurso do perispírito. E êsses casos não são tão comuns no Catolicismo?

Afonso de Liguori, Sto. Antônio, S. Francisco Xavier constam dos anais do Catolicismo romano, como tendo sido vistos ao mesmo tempo em lugares diferentes. Como foram reconhecidos êstes santos pelas pessoas que os viram? Única e exclusivamente pelo perispírito.

Se a nossa opinião de nada vale, devem valer as opiniões de papas que excomungam ou consideram heréticos aquêles que não acreditarem ou negarem a materialidade da alma e, com mais forte razão, devem pesar na balança das convicções católicas as afirmativas sem discrepância das criaturas por ela canonizadas como santos.

S. Tomás de Aquino, o expoente jurídico do Catolicismo, afirma que "uma doutrina só se revela justa quando está em harmonia com a razão". (S. Tomás, 1ª e 2ª q. 98,1).

Sejamos, pois, já que não podemos ser justos no sentido absoluto do têrmo, ao menos coerentes.

* * *

Poderíamos continuar citando nomes de individualidades de projeção no mundo intelectual, resumindo as suas profissões de fé, para conhecimento dos leitores, mas o trabalho se alongaria demasiadamente.

O historiador Josefus, segundo Léon Denis, fêz a sua profissão de fé rencarnacionista; Benjamim Franklin, o filósofo Fichte, Proudhom, Shakespeare, Fourrier, Pierre Leroux, Esquiros, Godin, Charles Bonnet, Jean Reynaud, Eugène Nus, Charles Fauvety, Alfred de Vigny, Gérard de Nerval, Coronel Albert de Rochas, Sauvage Ely, Lomon, Michelet, Victorien Sardou, Camille Flammarion, Louis Jacolliot, George Sand, Honoré de Balzac, Alexandre Dumas Pai, Theophile Gautier, Auguste Vacquerie, Conde de Gasparin, a rainha Vitória da Inglaterra, Luiz, rei da Baviera, os dois últimos imperadores da França e da Rússia, o sultão Murad, o grande juiz Edmond,

dos Estados Unidos, os dois presidentes Lincoln e Thiers, Huxley, Wallace, Leibnitz, Gustave Geley, Oliver Lodge e uma infinidade mais que se torna fastidioso citar, como partidários da paligenesia.

Há uma lógica profunda na doutrina dos Espíritos. Enquanto as religiões dogmáticas se encerram em seus dogmas e não admitem discussões, os espíritas explicam ao mundo o porque de suas crenças, e de uma forma tal, que impossibilita à inteligência dos que o combatem, refutá-los com dignidade. Surgem, apenas, dos antagonistas, argumentos que não são dignos do nome, e a filosofia espírita vai triunfando e se apossando da razão e das consciências.

Sente-se que o Catolicismo declina dia a dia. Na época atual, quando se imagina que do alto do papado venha uma orientação mais condizente com o século em que vivemos, surge um dogma aureolado sempre de milagre e de mistério. O dogma da ascenção de N. Senhora causou espécie ao mundo científico. É o *credo quia absurdum* a ressurgir quando se pensava que não haveria de aparecer em século de tantas luzes, mais uma incoerência.

É por isso que as inteligências mais cultivadas se distanciam dos cultos revelados. Não falamos senão na maioria delas; porque há quem se apegue a crenças em via de desaparecimento, o que constitui, hoje, uma minoria, quando se pretende falar com sinceridade.

Diz J. Maxwell, que mesmo as inteligências menos cultivadas, já começam a compreender a insuficiência da revelação. Ou pelo menos de algumas, achamos nós. Elas se espantam que a divindade tenha podido encarnar e morrer para resgatar uma humanidade tão pouco digna de tamanho benefício. Elas estranham uma solicitude semelhante para com os habitantes de uma esfera das menos importantes do universo. Elas estarrecem ainda, da inexorável severidade dêste Deus que, para perdoar os homens, exige a morte de seu próprio filho; que, para ofensas despresíveis de sêres sem uma medida comum com Êle, exige uma eternidade de sofrimentos como castigos de efêmeros ultrages.

Tudo isto não pode satisfazer as almas sedentas de verdade e de justiça.

Êstes dogmas, diz Maxwell, dão aos homens uma importância cósmica que êles não têm, e emprestam a Deus uma susceptibilidade e uma crueldade indignas do Ser Supremo.

Porque o povo se vai integrando mais no século em que vivemos e abandonando essas frivolidades que não mais se ajustam aos nossos tempos, queixa-se o clero da indiferença dos fiéis ou da indi-

ferença crescente de nossas sociedades. Serão indiferentes, em realidade? Não cremos. Encontram-se indiferentes nas classes ricas, nas classes abastadas ou cultivadas. Uns vão atrás do prazer, outros da Ciência; no fundo êles procuram fazer aquilo que mais lhes agrada. Mas aquêles que não têm recursos, que vivem atormentados, cheios de privações, sob o pêso de uma vida de agruras, aquêles que se espantam com a idéia da morte, aquêles que necessitam de consolação e de esperança, êstes não podem ser indiferentes. Se êles abandonam as igrejas e os templos é porque lá não encontram o que procuram. O alimento espiritual que lhes oferecem não lhes satisfaz mais o paladar, querem alimentos mais substanciais e menos contestáveis.

É isto o que não acontece com o Espiritismo. Dentro dêle se encontra alimento para todos os paladares. Se se trata de um cientista, êle se embrenhará satisfeito no estudo de sua vasta fenomenologia; o filósofo, irá, por certo, guiado pelos sublimes postulados que são os nossos, perquerir sôbre a nossa origem e destino, e os menos cultivados, aquêles que sentem o sôpro intuitivo da Ciência e da Filosofia e não encontram necessidade ou não podem investigá-las, têm o lenitivo para as suas torturas, no intercâmbio constante que mantêm com entes queridos, que partiram para o outro lado da vida, e com os luminares que lhes sabem incutir resignação, bom proceder, incentivando-os à luta por uma existência futura menos dolorosa.

O Espiritismo é, também, uma doutrina filosófica revelada. Não uma revelação direta de Deus, que não alimentamos pretensões impossíveis, mas de entes, ainda bem distantes da perfeição, porque a verdadeira perfeição é atingida através de uma cadeia interminável e sucessiva de encarnações, que se estendem pelo infinito a fora. É pois, uma revelação diferente da católica, porque ao Catolicismo repugna a Ciência Experimental, ela foge dos princípios elementares da razão, e o Espiritismo comprova, dentro desta mesma Ciência, abraçando-se com o raciocínio mais exigente, tudo aquilo que nos vêm dizer e ensinar aquêles que já não pertencem a êste mundo de provas.

* * *

Passemos, agora, ao estudo da vasta fenomenologia espírita. Charles Richet, em seu "Traité de Métapsychique", resume em três palavras os fenômenos fundamentais que constituem esta Ciência nova:

> "A Criptestesia — isto é, uma faculdade de conhecimentos, diferente das faculdades de conhecimentos sensoriais normais.

"A Telecinesia — isto é, uma ação diferente das fôrças mecânicas conhecidas, que se exerce sem contacto, à distância, em condições determinadas, sôbre os objetos ou as pessoas.

"A Ectoplasmia — isto é, a formação de objetos diversos que as mais das vêzes parecem sair do corpo humano e tomam a aparência de uma realidade material. (113).

Eis tôda a Metapsíquica, diz Richet. Parece-me que ir até lá já é ir muito longe. Mais longe, já não será mais Ciência.

Resumamos, porém, sem sair da concepção de Richet, a vasta gama de fenômenos, sintetizando-a ainda mais, para depois então, enumerá-los, tanto quanto nos fôr possível.

Dividiriamos as três espécies de fenômenos citados pelo sábio francês, apenas, em duas categorias: os físicos e os intelectuais. E o fazemos, certo de que não iremos contrair o método de Richet, pois, a Criptestesia trata de fenômenos intelectuais, a Telecinesia e a Ectoplasmia, fazem parte dos fenômenos físicos.

No número dos últimos, podemos citar e o faremos sòmente considerando o que a Ciência já observou, pois, se fazemos uma crítica ao judaismo, isto é, a uma religião anti-científica, para que esta mesma crítica não seja, apenas, destrutiva, devemos dar uma demonstração de que as nossas concepções são, ao contrário, de fundo profundamente científico e que persistirão, portanto, ao tempo e à crítica negativista. Temos assim:

1.° — Os golpes dados em móveis, em paredes, ou nos experimentadores; é o que os ingleses conhecem sob o nome de raps.

2.° — Ruidos de outra espécie que podem ser muito variados.

3.° — Movimentos de objetos sem contacto suficiente para explicar o movimento produzido; tem-se nesta classe de fatos, uma divisão a fazer entre a) — os movimentos produzidos sem contacto algum, de telecinesia, por exemplo, o deslizar ou o levantar de uma mesa, de uma cadeira, sem que êstes objetos sejam tocados e b) — os movimentos produzidos por um contacto, insuficiente para explicá-los; por exemplo a levitação de uma mesa sôbre a qual os experimentadores apoiam suas mãos;

4.° — Os transportes, isto é, a aparição de objetos, pedras, etc., que não foram trazidos pelos experimentadores.

5.° — Passagem da matéria pela matéria; penetrabilidade. — Êste fenômeno se enquadra no anterior.

6.° — Visões de eflúvio ódico, de luzes amorfas, formas luminosas ou obscuras e a materialização de uma fórma humana ou outra qualquer, luminosa ou não.

---

(113) Charles Richet — **Traité de Métapsychique** — 2.ª ed. pg. 11.

7.º — Sinais, moldagens, desenhos mais ou menos acabados.

8.º — Mudança de pesos de objetos materiais ou de certas pessoas, por exemplo a levitação do médium.

9.º — A mudança perceptível de temperatura; sensação de frio ou de calor, combustão espontânea.

10.º — Os sôpros, geralmente frios.

Eis os principais fenômenos físicos apontados pelos sábios experimentadores e já fartamente observados pela Ciência.

Vejamos, agora, fenômenos intelectuais ou sejam aquêles que implicam a expressão de um pensamento:

1.º — Tiptologia; golpes dados pelo pé de uma mesa sôbre a qual os assistentes apoiam as mãos; a mesa pende para um lado e retoma o equilíbrio batendo no chão, com um sentido ou significação.

2.º — A Gramatologia ou frases soletradas; diversos meios são empregados, os principais são:

a) a enumeração em alta voz das letras do alfabeto até que um rap indique a letra a ser escrita;

b) o apontamento das letras com o auxílio de um lápis ou de um estilete que passeia sôbre um alfabeto escrito até que um rap pare o estilete.

c) a designação, enfim, das letras procuradas por um index montado sôbre pivôt, no centro de um alfabeto escrito em círculo.

O index se move seja mediante contato ou sem êle.

3.º — Escrita Automática — Imediata quando o médium escreve sem intermédio de um instrumento, mediata, quando êle emprega um instrumento, plancheta, cêsta, chapéu, mesinha, etc. Nesses casos várias pessoas podem combinar sua ação, apoiando por sua vez as mãos sôbre o objeto no qual está fixado o lápis.

4.º — Escritura Direta, produzida nas ardósias, ou papel, etc., seja à vista dos assistentes, seja fora. Se as letras parecem formar-se sem o auxílio de um lápis tem-se a escritura precipitada.

5.º — As incorporações: o médium adormecido fala em nome de uma entidade qualquer que dêles se apossa.

6.º — As Vozes Diretas: são aquelas que partem de órgãos vocais que não sejam as dos assistentes e do médium, e que fizeram com que determinados experimentadores conversassem com formas materializadas.

7.º — A Telepatia, se o médium ou o paciente parece influenciado por agente distante; a Telestesia, quando o paciente parece sofrer ativamente impressões à distância; a Clarividência, vidência ou lucidêz expressões que não se identificam entre si. A lucidêz designa mais especialmente a faculdade que certas pessoas têm, duante o sono magnético ou sonambúlico, de perceber de uma maneira supra normal impressões exatas; os clarividentes ou videntes são especialmente

os que percebem formas invisíveis a outras pessoas. A Clariaudiência marca os fenômenos do mesmo gênero que se produzem na esfera auditiva.

São êstes os fenômenos observados e comprovados pela Ciência. A quase totalidade de seus observadores se tornou adepta da doutrina dos Espíritos, porque foi dentro da interpretação espiritista que foram encontrar as explicações que lhe faltavam no domínio da Física. Uma minoria não rejeita a hipótese espirítica, e o que resta dessa plêiade de sábios pretendeu explicar os aludidos fenômenos à sombra de teorias por êle criadas, teorias estas sem consistência e que foram refutadas por eminentes homens de Ciência.

Richet dizia:

"Lemos e relemos, estudamos e analisamos as obras que foram escritas a êste respeito, e declaramos enormemente inverossímil, e impossível, que homens ilustres e probos, como Sir William Crookes, Sir Oliver Lodge, Reichenbach, Russel Wallace, Lombroso, William James, Schiaparelli, Frederic Myers, Zöllner, A. de Rochas, Ochorowcz, Morselli, Sir William Barrett, Ed. Gurney, C. Flammarion, e tantos outros, se deixassem todos em cem vêzes diferentes, malgrado sua Ciência, malgrado sua vigilante atenção, enganar por fraudadores, e que fôssem vítimas de uma impossível credulidade. Êles não podiam todos ser tão cegos para não se aperceberem das fraudes que são quase sempre grosseiras, bastante inábeis para nunca, uns e outros, fazerem uma só experiência irrepreensível. A priori, suas experiências merecem ser imitadas, e não rejeitadas com desprêzo". (114).

É um sábio a julgar com justiça outros sábios, que se dedicaram ao estudo da Metapsíquica, como assim denominava a gama de fenômenos mediúnicos o grande professor da Sorbonne.

Êstes fenômenos físicos e intelectuais, citados em linhas anteriores, foram todos comprovados pela Ciência; os que os ultrapassaram não são mais considerados pelo grande Richet como evidentes, uma vez que não passaram pela experimentação de homens autorizados.

É isto o que o Espiritismo mais deseja, que as suas crenças sejam comprovadas pela Ciência oficial; que os fenômenos observados diàriamente em suas reuniões sejam autenticados pela experimentação de vultos consagrados pelo consenso universal.

Tudo isto que foi exposto e explicado em minúcia é o que se chama Ocultismo, o qual perdeu a sua significação, uma vez que êstes conhecimentos deixaram o seu caráter oculto.

---

(114) Charles Richet — **Traité de Métapsychique** — pg. 6.

Respondendo a críticas que W. Bormann havia formulado (Psicchische Studien, 1907, nº 6), contra a palavra "Metapsíquica", Charles Richet disse que as palavras "oculto" e "ocultismo" são detestáveis e "indefensáveis".

Êle tem razão, dizia J. Grasset, em seu livro "Ocultismo", à página 41, se se une a palavra oculto à palavra Ciência: "Ciência Oculta" nada significa.

E com efeito, Charles Richet dizia no mesmo artigo: *"Êste neologismo "Metapsíquica", significa claramente que ao lado de uma psicologia normal... há uma outra psicologia, obscura, ainda, muito incerta e mesmo, até o presente, bastante oculta, mas que pode ser, se analisarmos laboriosa e metòdicamente os fatos, perca o seu triste caráter de Ciência oculta".*

Todos os fenômenos ocultos eram aquêles que fugiam dos conhecimentos do vulgo. Uma plêiade de homens eminentes, tais como Aksakoff, Crookes, Dariex, Durand, Lombroso, De Gros, Gibier, De Gramont, Pierre Janet, Oliver Lodge, Maxwell, Myers, Ochorovicz, Richet, De Rochas, Sabatier, Stainton Moses, R. Wallace, De Vaterville, Zöllner e muitos outros mais foram desbravadores do Ocultismo e trouxeram em suas experiências o espírito e o método positivos.

Em 1893, diz, ainda, Grasset, em sua obra citada, era bem um sinal dos tempos e quase uma revolução universitária, o que estas idéias produziram. Fui forçado a aceitar a Presidência, na Faculdade de Montepellier, de uma tese sôbre os *"os fenômenos psíquicos ocultos"*. Havia, estou certo, uma ousadia em patrocinar assim um *"ensaio de oficialização do maravilhoso.* Neste trabalho, Albert Coste, com uma erudição muito segura, uma crítica muito viva e um espírito literário muito cultivado, punha as coisas em seu justo lugar, fazia *"o processo verbal do estado atual da questão"*.

Pouco antes dêste trabalho (1891), querendo Dariex estabelecer e continuar na França a obra da *"Sociedade de Pesquisas Psíquicas"*, fundada em Londres, criava os *"Anais das Ciências Psíquicas"*, e onde se encontrava a mais rica documentação sôbre tôdas essas questões.

Em uma carta prefácio que abria o número de *"L'Êcho du Merveilleux"*, em 1906, sua primeira publicação, Charles Richet dizia: *"É necessário fazer passar certos fenômenos misteriosos, inacessíveis, ao quadro das ciências positivas. Eis com efeito qual deve ser o objetivo da Ciência em sua relação com o Ocultismo".*

O Ocultismo e o Espiritismo se confundiam no conhecimento de fenômenos paranormais de tôda a natureza. O primeiro guardava

em segrêdo as suas aquisições, que eram vedadas ao vulgo. O Espiritismo, pelo contrário, achando que nada deve ser oculto às criaturas, não querendo viver imerso nesta espécie de egoismo, tornou, com o seu nascimento, acessível a todos a sua interminável gama de fenômenos de tôda a natureza, bem como os admiráveis princípios morais que o norteavam, tornando, assim, possível a verificação científica.

Na doutrina dos Espíritos não há simbolismo, pois todos nós sabemos quais as necessidades humanas. Não se procura na imaginação malabarismos para explicar aquilo que a Bíblia, segundo dizem, traz em suas profundezas. Não. O Espiritismo só dá valor àquilo que realmente o tem.

Falando sôbre o Ocultismo, diz Maxwell :

> "A analogia e as correspondências não têm na lógica ordinária, a mesma importância. De outro modo, não me parece prudente considerar como expressão da verdade a interpretação exotérica dos livros hebraicos". (115).

O Ocultismo, diz Jules Bois, não pode resignar-se a não ser, como todo o mundo, um pesquisador modesto e simples, um fiel experimentador. Com efeito, acrescenta o mesmo autor, só creio na influência dos conhecimentos científicos de pequenas sociedades místicas, que datam tôdas da última metade do século XIX, malgrado a sua jactância de antiguidade legendária...

Puxar as velhas espadas enferrujadas, ajustar-se às máscaras já sem uso e suadas do carnaval, repetir as fórmulas incompreensíveis e ritos sem vida, não pode elevar ninguém.

Não podemos tão pouco preocupar-nos com a Teosofia.

Êste curioso movimento místico que os ensinamentos de madame Blavatsky, do Coronel Olcott e de Mme. Anie Besant fizeram nascer na Europa e na América, nada tem a ver com os processos da Ciência positiva. É uma espécie de religião de moral inatacável, cheia de postulados nobres, que se identificam muitas vêzes com o Espiritismo, mas lhe falta caráter experimental, a prova que todos compreendam.

E será o Espiritismo religião? Respondemos: o Espiritismo superou as religiões; está muito acima delas. As religiões são falidas, porque mantêm teimosamente postulados que a Ciência condena. As religiões passarão e o Espiritismo se eternizará porque é uma Filosofia religiosa amparada pela Ciência, que é eterna.

---

(115) Maxwel — Obra citada, pg. 5.

Não precisamos de um largo raciocínio para que colhamos a prova de nossa afirmativa. Em uma reunião espírita apresentam-se espíritos de tôdas as religiões — católicos, protestantes, budistas e espíritas-entidades que em sua última encarnação viveram integrados em suas religiões, e observamos que entre êles nem todos são esclarecidos. De vez em quando surge-nos um espírita precisando de luzes, um protestante iluminado, um católico sofredor. Isto significa que o rótulo religião não eleva a ninguém. Para o Alto só têm mérito aquêles que souberam viver dentro dos princípios de uma sadia moral, de justiça, de caridade e de amor ao próximo. E é o que o Espiritismo aconselha.

Nenhum espírito será perfeito só porque haja progredido em bondade. A Ciência é necessária ao complemento da perfeição.

As religiões, em sua generalidade, vivem de graças e de privilégios. O homem pode salvar-se porque Deus assim o quer e outros se perdem porque não obtiveram de Deus a graça que Êle dá a quem deseja. Na Filosofia espírita, a fé é raciocinada, é, pois, escudada na convicção; todos os que seguem seus postulados sabem que o homem só se pode elevar por seus próprios esforços e que Deus sendo soberanamente justo não tem filhos privilegiados. A moral espírita é a mesma moral de tôdas as religiões espalhadas no mundo pelos instrutores do Alto, sem os artifícios criados pelos homens e que tanto as tem degradado. A moral espírita está contida na máxima budista, confucionista e cristã etc., iguais, perfeitamente iguais em sua essência: "Sêde como o bálsamo da floresta que perfuma o machado que o corta" — "Não façais aos outros o que não quiserdes que vos façam" — "Amai ao próximo como a vós mesmos". Eis aí sintetizada tôda a moral do mundo. O homem, assim procedendo, está amando a Deus, porque está cumprindo aquilo que os seus missionários legaram à humanidade.

* * *

A idéia de Deus implica a de uma ordem perfeita que rege o Universo com as suas leis eternas e imutáveis.

Os filósofos e os livres pensadores, colocando-se em um terreno diverso daquêle dos teólogos, rejeitam o milagre, considerando que tudo no Universo obedece a leis imutáveis e, por conseguinte, nada pode acontecer sem que seja o efeito de causas naturais. A Ciência não concebe hoje nenhum fato miraculoso, porque a experiência de todos os dias demonstra que os fenômenos, durante muito tempo inexplicáveis, encontram pouco a pouco explicações nas leis físicas, fisiológicas ou morais.

Tais são os fenômenos do Espiritismo, do Magnetismo e do Hipnotismo.

Uma derrogação na ordem é uma desordem, isto é, um vício, uma imperfeição, qualquer coisa de contrário aos atributos da divindade.

O Criador, segundo a Filosofia espírita, combinou as leis da natureza para tôda a eternidade, de maneira a fazê-las concorrer à sua finalidade por um encadeiamento regular e invariável. Teria dado Êle prova de impotente se, em alguns casos, estas leis fôssem defeituosas e se fôsse obrigado a interferir na marcha dos mundos. Teria feito obra de um curioso, uma vez que fôsse obrigado a retocá-la, por imperfeita. Ora, admitir que o Grande Arquiteto do Universo não tenha sabido criar uma máquina perfeita, é concluir que Êle se enganou, e por conseguinte, não pode ser Deus.

Milagre é uma violação das leis divinas, imutáveis e eternas. Vários físicos sustentam que neste sentido não pode haver milagres, e eis aqui os argumentos.

> "Um milagre é a violação das leis matemáticas, divinas, imutáveis e eternas. Por esta simples exposição, o milagre é uma contradição: uma lei não pode ao mesmo tempo ser imutável e violada. Mas uma lei, perguntarão, sendo estabelecida por Deus não pode ser suspensa pelo seu próprio autor? Êles têm a ousadia de responder que não, que é impossível que o Ser infinitamente sábio faça suas lei para violá-las: "Deus não poderia, dizem êles, desarranjar sua máquina a não ser para fazê-la caminhar melhor; está claro que sendo Deus o autor da máquina, Êle a tenha construido a mais perfeita possível: se Êle houvesse observado, desde o comêço, qualquer imperfeição em sua obra, resultante da natureza da matéria, Êle se teria precavido desde o início; assim sendo, Êle nunca violará as suas própria leis". (116).

Deus constrói em favor dos homens e não em favor de alguns homens, apesar do nada que os homens representam em face do Universo. Somos menos que um pequeno formigueiro diante da vastidão dos mundos. Não será assim, um absurdo o imaginar-se que o Ser infinito vivesse a intervir em suas leis em favor de um pequeno número de formigas, contrariando, destarte, o jôgo eterno dessas energias incalculáveis que fazem movimentar o Universo sem fim ?

Contentemo-nos com o maior dos milagres, com a ordem prodigiosa da natureza, com a rotação de bilhões de mundos em tôrno de milhões de sóis, com a atividade da luz, com a vida dos animais, porque êstes são milagres perpétuos.

---

(116) Voltaire — Dictionnaire Philosophique — pg. 201.

A idéia do milagre é, pois, contrária à sabedoria divina. O Ser Supremo age de maneira soberanamente inteligente sôbre tôda a criação. Êle não pode querer a desordem, nem cometer um ato absurdo para a satisfação pessoal de uma religião, qualquer que ela seja.

O caráter principal do milagre, diria Jésupret Fils, é sobretudo o de ser insólito; uma pedra que sua sangue; estátuas que derramam lágrimas dos olhos; eis os milagres para o vulgo. Mas, uma vez que o fenômeno se pode produzir espontâneamente ou seja por um ato de vontade, não é mais um milagre.

A Ciência produz constantemente milagres aos olhos dos ignorantes; eis porque no passado, aquêles que sabiam mais que o povo comum, passavam por feiticeiros; e como se acreditava que tôda a Ciência vinha do Diabo, os atiravam à fogueira, em nome de Deus.

Para um selvagem tudo o que é novo é milagroso. Um brinquedo mecânico, um fogo de artifício, um imã, um fusil, um relógio são prodígios que êles só podem atribuir a um poder soberano.

Quando um homem realmente morto fôr chamado à vida por uma intervenção divina, será um verdadeiro milagre, porque contraria as leis naturais. Mas se êste homem não tiver senão as aparências da morte, se há nêle ainda um resto de vitalidade latente e a Ciência ou uma poderosa intervenção magnética consiga reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas será um simples fenômeno natural, mas aos olhos do vulgo ignorante, o fato passará por miraculoso.

Quem poderia imaginar num passado longínquo as descobertas modernas da Ciência: o rádio, a televisão, os aviões supersônicos que cruzam os ares em tôdas as direções, percorrendo mais de mil quilômetros por hora e outras realizações contemporâneas?

Quem poderia sequer imaginar que o virus de certas moléstias contagiosas, invisíveis a nossos olhos, fôsse capaz de dizimar populações inteiras?

Assim, aquilo que era julgado como só podendo pertencer a um poder sobrenatural, produz-se a nossos olhos e se explica lògicamente, em virtude das leis que não cessam de reger os mundos.

O que nos resta hoje dos milagres do Velho Testamento? Quase nada. Aquilo que se considerava milagre e que a Bíblia narra à farta, como o êxtase, a vidência, a transfiguração, a catalepsia, as aparições, a vista psíquica e as curas instantâneas, passaram hoje ao rol das coisas comuns.

O milagre da ressurreição da filha de Jairo de que trata o Evangelho de Mateus, é um simples caso de letargia. O Cristo a quem é

atribuido o milagre, o declara formalmente quando diz: *"Esta criança não está morta, apenas dorme"*.

Jesus por meio de uma poderosa ação magnética reanimou os sentidos embotados desta criatura. Há, pois, aí, apenas uma cura e não uma ressurreição, como se pretende.

Os católicos fazem igualmente uma grande celeuma em tôrno da ressurreição de Lázaro, que estava sepultado há quatro dias. Isto não é prova concludente. Sabemos que certos catalépticos ficam, não quatro dias, mas algumas semanas neste estado patológico, com tôdas as características da morte verdadeira. Diga-se, ainda, que o corpo de Lázaro cheirava mal. Esta nova alegação não constitui ainda prova convincente, considerando que, em certos indivíduos, há a decomposição parcial do corpo, mesmo, antes da morte, e que exala um odor de podridão. A morte só chega quando os órgãos essenciais da vida são atingidos. E quem poderia saber se Lázaro cheirava mal? Sua irmã Marta? Mas como sabia ela se seu irmão estava enterrado havia quatro dias? Era uma simples suposição e não uma certeza.

Quais foram as palavras de Jesus? — *"Lázaro, o nosso amigo dorme, mas vou despertá-lo do sono"*.

Depois, está consignado no Evangelho de João novas palavras de Jesus: "Lázaro morreu".

Jesus, espírito perfeito, não precisava encontrar-se no local onde Lázaro estava sepultado para saber o que havia acontecido com êle. Se o Cristo afirmou primeiro que seu amigo dormia, não se compreende que êle depois de tal afirmativa adiantasse outra dizendo: Lázaro morreu. O Nazareno não poderia ter afirmado duas coisas contraditórias, do contrário êle seria um farsante, um embusteiro, no que não podemos acreditar. Portanto, a segunda afirmativa não pode ser mais que uma interpolação acrescentada ao texto, para a representação do milagre. Ou bem Cristo disse: Lázaro dorme ou, então, Lázaro morreu.

As duas coisas é que não podiam convir a um espírito da estatura do grande missionário.

A mudança de água em vinho nas núpcias de Caná nada tem que nos espante, pois não ignoramos que um magnetizador pode fàcilmente dar a um líquido qualquer uma propriedade, um sabor particular por meio de uma simples emissão fluídica.

Eis o que nos diz Jésupret Fils:

"Os milagres mais em voga no Catolicismo são imitados perfeitamente pela prestidigitação moderna. Aquêle da liquefação do sangue de S. Januário não apresenta nenhuma dificuldade para a sua reprodução. Todo o mundo sabe que no dia mesmo em que o milagre tinha sido operado com grande pompa pelo arcebisbo de Nápoles, o prestidigitador Bosco o repetia à tarde, no teatro, pondo-se nas mesmas condições.

O General republicano Championnet forçou, outróra, sob pena de morte, os padres da Igreja de S. Januário a operar o milagre diante do povo de Nápoles. A Teologia que admite sêres extra-humanos entre Deus e os homens não imaginaram que forneciam uma arma contra êles mesmos. Não nos dizem êles que os anjos e os demônios podem fazer milagres? Se é assim os fatos maravilhosos perdem por completo o caráter divino e não os poderemos invocar como prova de uma doutrina qualquer. Um máu espírito pode nos induzir ao êrro, pois não possuimos nenhum meio de fiscalização sôbre êle, escapando sua natureza à análise humana. De outro modo, quem nos diz que a intervenção de um anjo não é um ato livre e natural? Lá onde os católicos vêem um milagre, há muitas vêzes, apenas, a manifestação de um bom espírito e não a derrogação de leis naturais, estabelecidas por Deus. Como pode o homem chegar a distinguir o verdadeiro do falso, o milagre divino do milagre diabólico? Esta dificuldade bastante embaraçosa é resolvida perfeitamente pelos católicos. Êles atribuem os verdadeiros milagres a êles e os falsos prodígios aos outros. A Igreja católica reinvindicando o privilégio exclusivo dos milagres, não reconhece como bons senão aquêles a que ela preside e que marca com o seu sinete. Assim, as comunicações espíritas obtidas por meio de médiuns da Terra inteira são acolhidas como obras diabólicas pelos graves doutôres do Catolicismo. Os espíritos do mundo invisível pregam a moral mais irreprovável, a doutrina mais pura; o clero, não obstante, crê-se no direito de relegar o Espiritismo entre as obras infernais.

Os católicos nos dizem que Jesus e os santos não empregaram o seu poder miraculoso senão em obras de beneficência e não proclamaram senão excelentes máximas. Supondo que esta asserção seja verdadeira, não é para nós uma garantia bastante, pois, nos ensinam igualmente que Satã pode fazer o bem aos homens para melhor enganá-los e que êle pode transformar-se em anjo de luz. Por conseguinte, a excelência da doutrina pregada por Jesus e os outros taumaturgos do Cristianismo não é um sinal infalível da legitimidade de sua missão.

Para o pesquisador despido de prejuízos, muitos fatos parecendo antes anormais, encontram sua explicação pelo raciocínio e pela lógica. Longe de rejeitar os fenômenos do Espiritismo, êle os estuda ao contrário, para fazer jorrar a luz. Ao XX.° século pertencerá certamente as ciências ditas "ocultas". (117).

A experiência estabeleceu de uma maneira certa e irrecusável as relações que podiam existir e manifestar-se entre o mundo visível e o invisível.

---

(117) J. Jésupret Fils — **Catholicisme et Spiritisme** — ed. 1891 — pg. 74 em diante.

Êste intercâmbio espiritual abre um novo caminho às investigações da Ciência e permite estudar os problemas até hoje insolúveis.

Já tivemos a oportunidade de citar um bom número de homens eminentes que se dedicaram a êstes estudos e a gama interminável de fenômenos que já obtiveram a sanção da Ciência.

Não pensamos como os católicos que afirmam que Satã pode fazer milagres e dos bons, e tomar a forma de espírito iluminado para melhor iludir as suas vítimas.

São Justino (Dial. com Tryphon, n. 7, pg. 105) diz que:

> "Os falsos profetas e os falsos apóstolos faziam os mesmos milagres que os verdadeiros, não havendo diferença entre êles, senão que uns agem em nome de Deus Pai e de seu filho o Cristo".

Isto dá a entender que tanto Deus como o Diabo têm o mesmo poder.

O Espiritismo pensa de modo diferente. As manifestações, para nós, são de duas naturezas, físicas e inteligentes. Elas podem ser boas, más, justas, falsas, ou levianas, segundo a natureza dos espíritos que se manifestam. Não inventamos, nem descobrimos os espíritos, nem tão pouco nos arrogamos a descoberta de um mundo espiritual, uma vez que êle constitui crença de todos os tempos e de todos os povos. O Espiritismo, apenas, chama em seu apôio esta verdade da existência de além túmulo e a revela sob o verdadeiro aspecto, despindo-se dos preconceitos e das idéias supersticiosas engendradas pelas religiões.

O Espiritismo dá liberdade de interpretação aos seus adeptos e, como não é dogmático, não usa do têrmo herético para com aquêles que, em alguns dos pontos de sua doutrina, apresentam divergências. A nossa doutrina é uma doutrina de liberdade. O homem atinge a sabedoria e se aproxima da verdade pelo seu próprio esfôrço. Todo o esfôrço humano no sentido do bem constitui um merecimento. Para nós o homem é o operário de si mesmo.

# CONTRADIÇÕES

NÃO teremos a pretensão de apresentar aos leitores tôdas as contradições que a Bíblia (Velho Testamento) contém em suas páginas. Apontaremos, apenas algumas, e ficamos certos de que estas serão mais do que suficientes para uma demonstração cabal de que êste livro foi escrito por pessoas que não davam muita importância ao que escreviam. Entretanto, é a Bíblia considerada um livro sagrado, ditado do próprio Deus.

Como se pode compreender um Deus que se contradiz? Um Deus que hoje afirma para negar amanhã?

Penetremos no terreno vasto das contradições.

Para minorar o nosso esfôrço, tal o de uma pesquisa cuidadosa em tôrno de um vasto texto sagrado, cheio de incoerências, de interpolações e de coisas inverossímeis, peçamos de empréstimo a Leterre, algumas que êle classificou, estudioso metódico que foi, em vida, dêsse velho livro atribuido a Moisés.

"C. I,26-"...... Façamos o homem à nossa imagem...
"C. I,27-"...... E criou Deus o homem; macho e fêmea o criou.
"C. I,28-"...... Crescei e multiplicai-vos.

Como ninguém ignora, foi esta criação feita no sexto dia.

O homem e a mulher já existiam, portanto, aptos a multiplicarem-se e a lavrarem a terra (com que instrumento, não se sabe!).

**C. II-5**-Entretanto no sétimo dia, ainda, **"não havia nem planta, nem erva do campo, nem homem para lavrar a terra".**

A contradição já estava patente.

**C. II, 7**-Por isso que, não havendo no sétimo dia ninguém para lavrar a terra, **formou Deus o homem do pó da terra e deu-lhe vida e o chamou de Adão".**

**"C. II, 18-"......mas, Deus entendeu que não era bom estar o homem só...**

**C. II,21-......Por isso que o adormeceu, lhe arrancou uma costela...**

**"C. II, 22-......e formou com ela uma mulher.**

Não é preciso ser-se teólogo, sábio ou dono de muita perspicácia para descobrir-se nestas linhas a embrulhada dessa narração.

Idêntica contradição se encontra na questão da vegetação.

**"C. I,29-"......e deu ao homem tôda a erva que dá semente, e tôda árvore que dá fruto, para seu mantimento, isto no sexto dia.**

**C. II,5-"......ainda não havia plantas, as quais não tinham nascido por falta de chuva."** Portanto, Deus não havia dado nem erva, nem árvore.

Não há e nem pode haver maior contradição que esta: "Deus ordenou que os nossos primeiros pais crescessem e se multiplicassem, e porque êles procuraram cumprir a determinação de Jeová, pecaram e foram, por isso, expulsos do paraíso. Os católicos vão além, acrescentam mais que êles arrastaram os seus descendentes a esta interminável escala de misérias de que está repleto o mundo.

Analisemos agora a questão dos filhos de Adão e Eva:

**"C. IV, I, 2"......e concebeu Eva Caim e Abel".**

*C. V. 1,2-"*......diz que, no dia em que Deus criou o homem a sua semelhança, macho e fêmea, isto é, no sexto dia, os abençoou e chamou seu nome Adão.

Isto não está certo, porque o nome de Adão só foi dado por Deus no sétimo dia, quando Êle o criou do pó da terra; e nesse mesmo dia é que Adão chamou sua mulher Eva, o que não concorda com o versículo citado, nem com o versículo seguinte:

*C. IV, 1,2,3-* em que Eva concebeu Caim e Abel, o qual foi a cabo de poucos dias assassinado por Caim, no versículo que diz:

*C. V,* 3,- que Adão depois de ter vividos 130 anos, gerou seu terceiro filho Sete. Como pode ser isso, pois, se êste filho só veio a ser concebido depois de uma infinidade de gerações partidas de Caim?! ... (18, 19, 20, 21).

Igualmente confusa a história do assassínio de Abel e da fuga de Caim para o deserto.

**C. IV, 8-"... e Caim matou Ael". (?).**

**C. IV, 16-"...e fugiu para a terra de Nod". (?).**

**C. IV, 17-"... e ali se casou e teve um filho.**

Ora, como explicar-se essa terra de Nod, com habitantes, pois, se não existia mais ninguém na Terra, a não ser Adão e Eva? Só depois é que tiveram Sete, o qual gerou Enos. (Com quem?).

Crê-se que os esoteristas explicam tôdas essas contradições. É muito poderosa a imaginação e a inteligência em matéria de malabarismos tem feito prodígios.

Ora, o que claramente se percebe, nesta suposta chave bíblica, ou nas elucidações esotéricas, é que se trata de um subterfúgio, sem o mínimo valor probante, sem qualquer espécie de demonstração, por mais apagada que seja, subterfúgio com o fim de salvar do naufrágio, do afundamento, do ridículo, o livro que vem sendo cultuado pelas gerações até os nossos dias.

Os interessados ou ignorantes, que não fazem outra coisa senão copiar o que lhes convém, fizeram para sua conveniência, a adaptação da lenda do Zend-Avesta, transplantada com algumas modificações no Gênesis, quando os persas andaram pela Mesopotâmia, 2.300 anos antes de Moisés e cujas doutrinas deixaram raízes em tôda a parte. Eis a lenda:

> Ormuzd, o Deus bom, colocou na Terra o primeiro homem e a primeira mulher Meshia e Meshiahé, destinados a morrerem como todos os sêres criados. Prometeu-lhes constante felicidade neste e no outro mundo, com a condição de o adorarem como sendo o autor de todos os bens.
>
> Durante muito tempo o casal se conformou com isso, e suas palavras, pensamentos e ações eram puros, e executavam santamente a vontade de Ormuzd, quando se aproximavam um do outro. Mas um dia, o Deus do mal, Ahriman, apareceu-lhes sob a pele de uma serpente, sua forma habitual, os enganou pela habilidade de sua palavra, e fêz-se adorar por êles, como sendo o princípio de tudo quanto era bom. Desde, então, suas almas foram condenadas ao inferno até a ressurreição. A vida tornou-se-lhes cheia de penas e de sofrimentos: tiveram frio, fome e sêde, e aproveitando-se de seus tormentos, um demônio veio, e lhes trouxe uma fruta, sôbre a qual êles se atiraram sedentos. Foi a segunda fraqueza, em conseqüência da qual seus males dobraram. Sôbre cem prazeres anteriores só lhes ficou um. Caminhando, então, de tentação em tentação, de queda em queda, joguete dos demônios e das misérias, só conseguindo prover a existência à fôrça de invenção e de fadigas, êles se esqueceram de se unirem durante cinqüenta anos, e Meshia só concebeu após êsse lapso de tempo".

É uma extraordinária coincidência essa que se observa entre a lenda acima transcrita e a história da queda do homem e da mulher, tentados pela serpente. (o demônio).

> "Eis que me lanças da face da Terra e da tua face me esconderei: e serei fugitivo e vagabundo na Terra, e será que todo aquêle que me achar me matará".
>
> "E o Senhor porém disse-lhe: Portanto qualquer que matar Caim, sete vêzes será castigado — E pôs o Senhor um sinal em Caim, para que o não ferisse qualquer que o encontrasse". (Gên. IX-14,15).

Mas quem poderia encontrar Caim sôbre a face da Terra; quem o poderia matar se só Adão e Eva existiam além dêle? Os animais ferozes? Deus, por certo, não falaria às feras, ameaçando castigá-las sete vêzes.

Demonstra-se no "Pentateuco" que Moisés foi o mais doce dos homens e se demonstra, também, que êle fêz degolar vinte e três mil hebreus porque haviam adorado o bezerro de ouro, e vinte e quatro mil que haviam, ou desposado como êle, ou freqüentado as mulheres medianitas; mas sábios comentadores provaram que Moisés era de um natural muito doce, e que êle não fazia mais que executar as vinganças de Deus, mandando massacrar quarenta e sete mil israelitas, como vimos.

Os críticos ousados acreditaram perceber uma contradição na narrativa em que se diz que Moisés transformou tôdas as águas do Egito em sangue, e que os mágicos de Faraó praticaram em seguida o mesmo prodígio, sem que o Êxodo fale de nenhum intervalo entre o milagre de Moisés e a operação mágica dos encantadores. É impossível que êstes transformassem em sangue aquilo que já era sangue.

Os mesmos incrédulos perguntam, como todos os cavalos tendo sido mortos pela saraiva, na sexta praga, pôde o Faraó perseguir os judeus com a sua cavalaria?

> "Então disse o Senhor: Não contenderá o meu espírito para sempre com o homem; porque êle também é carne; porém, os seus dias serão 120 anos".

Não compreendemos como, depois de afirmativa tão categórica, tão absoluta, viveu Sem 600 anos (C. XI, II); Arxafade, 438 anos (13); Salá, 433 (15); Eber, 464 (17); Peleg e Reu, 239 cada um (19 e 21); Serugue, 230 (23) Naar, 148 (25) e Tera, 205 (32). Isto se deu na época mais próxima da proibição de Jeová de o homem viver mais de 120 anos e atualmente êste raro fenômeno de longevidade ainda se observa.

Quando o patriarca Noé dividiu a Terra pelos três filhos, êle o fez:

> "...dividindo as ilhas das nações nas suas terras, cada qual segundo a sua língua, segundo as suas famílias, entre as suas nações". (Gên.X,5).

Como é que o mesmo autor se esquece de sua anterior afirmativa e nos impinge na narrativa da Tôrre de Babel que: "era a Terra de uma mesma língua, e de uma mesma fala"?. (Gên.XI,11).

Em Deuteronômio, cap. XXXIV, encontramos:

*"Era Moisés da idade de 120 anos quando morreu..."*

Logo não foi Moisés que escreveu o Deuteronômio.

O Gênesis (XII,6), descrevendo o caminho que seguiu Abraão desde a Mesopotâmia até Sichen, diz" *"Ora os cananeus ocupavam então o país"*. Logo não foi Moisés que escreveu isso, porque só o seu sucessor os expeliu do país, depois de haver feito extermínios próprios de canibais.

Êstes foram os reis que reinaram na terra de Edom, antes que reinasse rei algum sôbre os filhos de Israel". (Gên. XXXIV,31).

Tal documento só poderia ser escrito depois dos Juízes e no tempo dos reis sucessores, quando menos, Saul.

Se Moisés houvesse dito que punia a iniqüidade até a quarta geração, Ezequiel não teria ousado afirmar o contrário. (Ezeq. XVIII).

Teria Moisés concedido quarenta e oito cidades aos levitas em um país onde não existiam dez, e em um deserto onde êle sempre errou sem encontrar, sequer, uma habitação?

Teria êle escrito regras para os reis judeus, quando não havia reis entre o seu povo? Então, Moisés teria dado preceitos para a conduta de reis que não existiram senão cinco séculos depois dêle, e não teria escrito algo para os juízes e pontífices que lhe sucederam? Esta reflexão nos conduz à certeza de que o "Pentateuco" tenha sido escrito no tempo dos reis e que as cerimônias instituidas por Moisés eram, apenas, tradição.

Resumindo: Êle não podia ter falado de cidades inexistentes em seu tempo (Núm XXXV,7); não podia ter apresentado preceitos para a conduta de reis, quando êstes não existiam (Det. XVII,14, 16); não podia ter ordenado o seu povo a pagar meio ciclo por cabeça, segundo o ciclo do santuário, porque os judeus não possuiam templos e só os possuiram muitos séculos depois de Moisés. (Êxod. XXX, 13); não podia ser citado o livro do Reto (Justos), porque êste foi escrito no tempo dos Reis (Josué, X, 13 e II Reis, I, 18).

É falso que Moisés haja falado para além do Jordão, quando êle não o atravessou nunca, e morreu sôbre o monte Nebo, longe e ao oriente do Jordão, conforme nos diz a Escritura.

É falso e impossível que êle pudesse estar em outro deserto de Parã, uma vez que está dito que êle ganhou uma batalha nesta época, no deserto de Moabe, a mais de cento e cinqüenta léguas de Parã.

É falso e impossível que êle estivesse nesse deserto de Parã, próximo do mar Vermelho, uma vez que o mar Vermelho dista mais de cinqüenta léguas de Parã. É falso que haja muito ouro em Hazeroth perto de Parã. Êste miserável país, longe de possuir ouro, só possui calhaus.

Dom Calmet repete em vão as explicações de alguns comentadores, bastante imprudentes para dizer que para lá do Jordão significa para cá. É necessário, então dizer, que o em cima significa em baixo, que dentro significa fora, e que os pés significam a cabeça.

O autor, qualquer que êle seja, faz falar Moisés sôbre as margens do mar Vermelho no quadrigésimo ano e onze mêses depois da saída do Egito, para dar fôrça à sua narrativa pelo cuidado de marcar as datas; mas êste cuidado o traiu, e fêz aparecer tôdas as mentiras. Moisés saiu do Egito com a idade de oitenta anos; e a Escritura diz que êle morreu com cento e vinte. Assim, êle já estava morto quando o Deuteronômio o fêz falar; e êle o fêz falar em um lugar onde ele não esteve, e onde não podia estar.

Se Sara morreu com 127 anos, se ela morreu imediatamente após pretender Abraão degolar seu filho Isaque, êste filho tinha pois, trinta e sete anos, e não treze, quando seu pai o quis imolar ao Senhor, pois, sua mãe, segundo a própria narrativa bíblica, o concebeu com a idade de 90 anos.

Não precisamos ir além. De vez em quando, encontrar-se-ão entre as páginas dêste livro, novas contradições. O que aí se acha é o suficiente para a análise rigorosa de um livro, que querem impingir como sendo ditado pelo próprio Deus, tal como se o Criador escrevesse um compêndio de contradições e falsidades.

## O POVO ELEITO

NÃO nos preocuparemos muito com Moisés. Não iremos citar neste capítulo tudo o que se relacione com a vida do povo hebreu no tempo do Patriarca. No "Balanço da Bíblia", completaremos o assunto. Preocupemo-nos, no momento, com a vida dêste mesmo povo no tempo dos Juízes até os Reis. Para isso, iremos consultar o Velho Testamento o quanto nos fôr possível, a fim de transmitir aos leitores o conhecimento de uma matéria sumamente vasta, que procuraremos resumir.

Pedimos a todos o máximo de atenção na leitura do que iremos expor, pois pretendemos perguntar se se pode chamar eleito de Deus a um povo que sempre viveu curtindo a mais extrema miséria, sempre escravo e sempre perseguido!...

Comecemos por aceitar um conselho amigo. Não queiramos decifrar por que Josué, capitão dos judeus, para fazer passar sua tribo do Oriente ao Ocidente do Jordão, em direção de Jericó, teve necessidade que Deus suspendesse o curso dêste rio, que não chega a ter neste lugar quarenta pés de largura.

Era facílimo a Josué ter construido uma ponte de pranchas, e mais fácil, ainda, atravessá-lo a pé. Não procuremos sondar, também, por que Jericó caiu ao som das trombetas; são novos prodígios que Deus pratica, em favor de um povo do qual se intitula rei; não examinemos, tão pouco, com que direito veio Josué destruir povoações que nunca haviam ouvido falar em seu nome. Os judeus explicam: "Descendemos de Abraão; Abraão viajou entre vós há quatrocentos anos; logo vossos pais nos pertencem, e vimos matar vossas mães, vossas mulheres, vossas filhos".

Fabricius e Holtennius fizeram a seguinte objeção: Que diriam se um norueguês viesse à Alemanha, com algumas centenas de seus compatriotas, e dissesse aos alemães: Há quatrocentos anos um homem de nosso país, filho de um oleiro, viajou por perto de Viena; por isso a Áustria nos pertence e vimos massacrar tudo em nome do Senhor?

É a Bíblia que nos diz, que mal ficou a cidade sem defesa, os judeus imolaram ao seu Deus todos os habitantes, velhos, mulheres,

crianças de peito e todos os animais, com exceção de uma prostituta, que escondeu dois espiões judeus em sua casa, espiões inúteis, pois as muralhas cairam, por efeito de um milagre, ao som das trombetas.

Por que matar os animais, quando êles poderiam ser úteis?

Sôbre esta mulher, Raaba, que a Vulgata chama meretriz, e que, aparentemente, levou depois uma vida honesta, sabe-se que ela foi avó de Daví e conseqüentemente de Jesus, segundo os que crêem em tão duvidosa genealogia.

O livro de Josué nos diz que êste chefe se tornou senhor de uma parte do país de Caná, e fêz prender seus reis, em número de trinta e um, isto é, trinta e um chefes de pequenos burgos, que ousaram defender seus lares, suas mulheres e seus filhos.

É longa a distância da Mesopotâmia e Jericó; era necessário, assim, que Cusan houvesse conquistado a Síria e uma parte da Palestina. De qualquer forma os judeus foram escravos durante oito anos, e faltam, ainda sessenta e dois, tempo que passaram inativos. Êsse tempo todo é uma espécie de escravidão; pois tinham ordem de tomar todo o país desde o Mediterrâneo até o Eufrates, país que lhes fôra prometido e do qual se teriam apossado se fôssem livres.

Foram escravos dezoito anos sob Eglon, rei dos moabitas, assassinado por Od; fôram, em seguida, durante vinte anos, escravos de um povo cananeu cujo nome é ignorado, até o tempo em que a profetisa guerreira, Débora, os libertou. São, ainda durante sete anos, escravos de Gedeão; dezoito anos dos fenícios, até Jefté; são, ainda, escravos dos fenícios até Saul.

Que os leitores consultem a Bíblia — "Juízes", em seus capítulos:

IV — v.12
VI — v. 6
VXI — v. 8
XIII — v. 1

O que pode confundir o nosso julgamento, diz Voltaire, é que êles fôssem escravos no tempo de Sansão, uma vez que foi preciso que êste com uma simples queixada de burro matasse mil filisteus, obrando Deus, por seu intermédio, os mais extraordinários milagres.

Paremos um momento por aqui e calculemos o número de judeus mortos pelos seus próprios irmãos, ou por ordem de Deus, desde o tempo em que erraram pelo deserto até que elegeram um rei:

| | |
|---|---|
| Os levitas depois da adoração do bezerro de ouro fabricado pelo irmão de Moisés, mataram . . . . . | 23.000 judeus |
| Consumidos pelo fogo, pela revolta de Coré . . . . . | 250 judeus |
| Mortos pela mesma revolta . . . . . . . . . . . . . . . | 14.700 judeus |
| Mortos por haverem coabitado com as filhas dos moabitas . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . | 24.000 judeus |
| Mortos no vau do Jordão por não poderem pronunciar shiboleth . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . | 42.000 judeus |
| Mortos pelos benjamitas que atacavam . . . . . . . | 40.000 judeus |
| Benjamitas mortos por outras tribos . . . . . . . . . . . | 45.000 judeus |
| Quando a arca foi tomada pelos filisteus, e Deus para os punir, os contaminou de hemorróidas, etc. . . | 50.000 judeus |

Somando, teremos um total de 239.020 mortos, por ordem de Deus, ou pelas guerras civis, sem contar os que pereceram no deserto e os que morreram lutando contra os cananeus, e outros, o que pode ir além de um milhão.

Se julgássemos os judeus, como julgamos os outros povos, diz o filósofo, não se poderia conceber como os filhos de Jacó puderam produzir uma raça tão numerosa, para poder suportar tal perda. Deus que os provava, os punia e os conduzia, tornou essa nação tão diferente das outras que é necessário observá-la com outros olhos e não com os que observamos as outras nações da Terra e não julgar êsses acontecimentos como ordinàriamente julgamos.

Depois de Saul, os judeus continuaram a "gozar" da mesma felicidade que no tempo dos Juízes, como que a atestar o quanto é vantajoso ser-se um "povo eleito".

Saul, o primeiro rei, é obrigado a matar-se. Isbosete e Mafibosete, seus, filhos, são assassinados. Davi liberta os filhos de Saul dos gaboanitas, para depois serem trucidados. Ordena seu filho Salomão a matar Adonias, seu outro filho e, ainda, seu general Joab. O rei Aza faz matar parte do povo em Jerusalém; Baasa assassina Nadab, filho de Jeroboão, e todos os seus parentes. Jehu assassina Joram e Ochosias, setenta filhos de Achab, quarenta e dois irmãos de Ochosias, e todos os seus amigos. Atalia assassina todos os seus filhos, com exceção de Joas, mas é assassinada pelo sumo sacerdote Joiadade. Joas é assassinado pelos seus criados; Amasias é morto. Zacaria é assassinado por Sellum, que é assassinado por Manahem, o qual faz cortar o ventre de tôdas as mulheres grávidas de Tapsa. Phacéia, filho de Manahem é assassinado por Phacéia, filho de Pomeli, que é assassinado por Ozéas, filho de Ela. Manassés faz matar um grande número de judeus, e os judeus, assassinam Amon, filho de Manassés.

No meio de tantos massacres, dez tribos levantadas por Salmanazar, rei dos babilônios, são escravizadas e dispersas para sempre, exceto alguns operários para o cultivo da terra. Restam duas tribos,

bem como o pequeno número de judeus que pôde ficar em Samaria com os novos habitantes estrangeiros; estão sempre submissos aos reis da Pérsia.

Quando Alexandre se apossa da Pérsia, está a Judéia entre as suas conquistas. Depois de Alexandre, os judeus continuaram submissos, tanto aos seleucidas, seus sucessores na Síria, quanto aos Ptolomeus, seus sucessores no Egito; sempre sujeitos e vivendo, apenas, de seu velho ofício de corretores, que haviam exercitado na Ásia. O rei do Egito Ptolomeu Epifânio concedeu-lhes alguns favores. Um judeu chamado Joseph, torna-se o empreiteiro geral dos impostos sôbre a Baixa Síria e a Judéia, que pertenciam a êste Ptolomeu. Foi esta a mais ditosa época dos judeus, pois foi nela que construiram a terceira parte de sua cidade, chamada depois recinto dos macabeus, porque os macabeus a terminaram. Do jugo dos Ptolomeus passaram ao rei da Síria, Antiocus, o Deus. Como haviam enriquecido na lide com os impostos, tornaram-se audaciosos e se revoltaram contra o seu senhor Antiócus. Foi no tempo dos macabeus em que os judeus de Alexandria celebraram com coragem as suas ações; mas os macabeus não puderam impedir que o general de Antiocus Eupator, filho de Antiocus Epifânio, arrazasse as muralhas do templo, deixando de pé sòmente o santuário, que cortasse a cabeça ao sumo sacerdote Onias, olhado como autor da revolta. Nunca os judeus estiveram tão submissos quanto na Síria. Viviam sujeitos às suas leis; não adoravam mais as divindades estrangeiras e foi nessa época que sua religião foi irrevogàvelmente fixada. Apesar disso, nunca se sentiram tão infelizes: viviam esperando a liberdade, o cumprimento das promessas de seus profetas, os socorros de seu Deus, mas continuavam sempre abandonados pela Providência.

Se respiraram um pouco com as guerras intestinas do rei da Síria, foi para se armarem, pouco depois, uns contra os outros. Como não tinham reis e o título de grande sacrificador era a primeira dignidade, para alcançá-la era necessário lutar de armas na mão, e só se chegava ao santuário pisando sôbre o cadáver dos irmãos.

Hircan, da raça dos macabeus, tornado sumo sacerdote, mas sempre submisso aos sírios, abriu o sepulcro de Daví para procurar um tesouro, que o exagerado Joseph dizia ser de três mil talentos. Quando se construiu o templo, sob Neemias, é que foi procurado o precioso tesouro. Êste Hircan obteve de Antiocus Sideto o direito de fabricar moedas; mas como nunca as houve judias, é de supor-se que o tesouro do túmulo de Daví não fôsse considerável. O grande sacerdote Hircan era saduceu e não acreditava na imortalidade da alma, nem nos anjos, ponto de desentendimento entre fariseus e saduseus.

Conspiraram aquêles contra Hircan e o quiseram condenar à prisão e ao açoite. Hircan vingou-se dêles e governou despòticamente. Seu filho Aristóbulo ousou fazer-se rei durante os distúrbios da Síria e do Egito; foi êste um tirano mais cruel que todos os outros que haviam oprimido o povo judeu.

Aristóbulo que orava no templo, não comia carne de porco, matou de fome sua mãe, e fêz degolar Antígono, seu irmão. Teve como sucessor João ou Joanés, tão perverso quanto êle.

Assim, os judeus foram sempre submissos e escravos. Sabemos como êles se revoltaram contra os romanos e como Tito, e em seguida Adriano, os venderam no mercado pelo preço do animal que êles não queriam comer.

Tiveram uma sorte mais infeliz, ainda, sob o império de Trajano e Adriano.

Houve no tempo de Trajano um tremor de terra, que tragou as mais belas cidades da Síria. Convenceram-se os judeus de que isto era um sinal evidente da cólera divina contra os romanos. Reuniram-se e se armaram na África e em Chipre e deram um sinal tão grande de ferocidade contra os inimigos que, por castigo, seus vencedores, a todos supliciaram. Os que restaram continuaram possuidos da mesma cólera contra Adriano, quando Barchochebas, dizendo-se o Messias, se pôs à sua vanguarda. Êste fanatismo foi abafado em torrentes de sangue.

Paremos por aqui. Em matéria de sofrimento não há povo no mundo que ultrapasse o judeu. Como, pois, chamar-se a êstes infelizes, sempre submissos escravos, o "povo eleito"? Eleito de Deus, por que, para que? Eleito, talvez para as desilusões da vida, para esperar de seus profetas, profecias que nunca se cumpriram, e graças de Deus que tudo lhes havia prometido e que os havia provado e guiado e que os atirou a braços com tôdas as agruras de uma vida povoada das mais negras misérias, das mais terríveis lutas e plena das mais atrozes decepções.

Isto que acabamos de citar, refere-se a um tempo que já vai bem distante. Nos dias recentes de nossa vida, vemos êsse povo, outróra ignorante e hoje orgulho da humanidade, distinguindo-se em todos os setores de nossa atividade, porém continuando perseguidos, injustiçados.

Será êste título orgulhoso de "povo eleito", o motivo de tão grande maldição? Ou estará reservado ao povo judeu que na expressão de um grande, é o fermento da humanidade, um dêsses papéis relevantes que será capaz de elevar o mundo a uma altura onde êle ainda

não conseguiu atingir? Isto só Deus o sabe. Assim, êste "povo eleito" foi cativo de:

Cusan-Rasathaim, rei de Aron, durante 18 anos; de Eglon, rei de Moabe, durante, ainda 18 anos (Juízes C. III); de Jabin, rei de Caná, durante ainda 20 anos; de Gallaod durante 18 anos (Juízes X); dos fenícios ou filisteus, durante 40 anos, até que o Senhor Adonai compadecido lhes enviou Sansão, aquêle que ligou trezentas rapôsas pelo rabo e matou mil filisteus com uma queixada de burro, da qual minou uma bela fonte de água cristalina com a qual se dessendetou. Eis a sorte dêste pobre "povo eleito", cativo durante tanto tempo na terra prometida.

Não toquemos em Moisés senão para falar em sua família originalíssima. Seu irmão Arão, com a idade de cem anos, adora o bezerro de ouro; seu filho se torna esmoler dos ídolos, por dinheiro, prova evidente de que neste tempo não era definitiva ainda a religião dos judeus, o que só foi possível no tempo de Esdras, quando êste pôs em ordem o livro encontrado (!) por Hilquias, no reinado de Josias.

A generosidade dêste povo guiado por Deus era extraordinária. Vemos a filha de Jephté imolada ao Senhor por seu pai; maravilhosa ação de graças. Vemos Abimeleque, filho de Gedeão com uma vagabunda, esmagar sôbre uma mesma pedra, as cabeças de seus setenta irmãos. Era um máu parente, êste filho de Gedeão, e Gedeão, por sua vez, amigo de Deus, era bem um deslavado.

Razão forte tinha Samuel quando pretendia a abolição dos pequenos reis, certo de que todos êles eram assassinos, a começar por Davi, que assassinou Mefiboseth, filho de Jônatas, seu grande e terno amigo "que êle amava com um amor maior que o das mulheres"; que assassinou Urias, marido de sua Bethsabé; que assassinou até as crianças de peito nos vilarejos aliados de seu protetor Achis; que ordena, morrendo, que assassinem seu general Joabe e seu conselheiro Semei. Vemos Salomão assassinar seu irmão Adonias e terminemos com Herodes, o Grande, que assassina seu cunhado, sua espôsa, todos os seus parentes, não poupando seus próprios filhos. Não falemos nas quatorze mil crianças que êste facínora mandou degolar na cidade de Belém(!)

E aquela lei proibindo as mulheres de terem relações com bodes e os homens com as cabras! Quanta desgraça! Há quem negue que entre o povo judeu houvesse êste pecado contra a natureza. Mas, se a lei foi feita, é lógico que o abuso existia. Ninguém legisla sem necessidade.

Encontramos, ainda, na história dêste povo eleito, o sacrifício de sêres humanos, oferecidos em holocausto ao Senhor e crianças imoladas, pelo mesmo motivo, por suas mães. É Izaias que diz: "Imolais vossos filhos aos deuses, nas torrentes, sôbre as pedras". (Izaias LVII,5). Naturalmente dirão que não era ao deus Adonai que as mães sacrificavam seus filhos. Fôsse Melkom ou Sadai, ou Baal, ou outro deus qualquer, o que importa é que o crime era sempre monstruoso. Não se pode negar, também, a qualidade de idólatras aos judeus, uma vez que adoravam deuses estrangeiros.

Terminemos êste capítulo com uma carta de São Jerônimo a Dardanus, escrita no ano 414, sôbre a terra prometida, a maior chantage de Jeová ao povo judeu:

> "Peço aos que pretendem que o povo judeu, depois de sua saida do Egito, tomou posse da "terra prometida", que se tornou para nós, pela paixão e ressurreição do Salvador, uma terra verdadeira de promessas, de fazer-nos ver que êste povo em realidade a possuiu. Todo o seu domínio vai do Dan a Barnabé, isto é, num comprimento de cento e sessenta milhas. A Escritura Sagrada não dá mais a Daví e a Salomão...
>
> Tenho vergonha de dizer qual é a largura da terra prometida, e sinto-a tão ridícula que temo que os pagãos se aproveitem da oportunidade para blasfemar. Não se conta mais de quarenta e seis milhas de Joppe ao nosso pequeno burgo de Belém, depois disto, é horrendo deserto." (118);

Êste mesmo santo, em carta a um de seus devotos, descreve bem a "terra prometida". Não há aqui senão calhaus e nenhuma água para beber desde Jerusalém a Belém. Neste país eriçado de montanhas peladas, há, apenas, bons vales, em direção ao Jordão. Seria verdadeiramente um país de leite e mél, como dizeis, se o comprardes ao abominável deserto de Horeb e de Sinai.

E aqui encerramos com tristeza, êste capítulo, síntese da história de um povo que a Escritura Sagrada chama de "eleito de Deus", numa propaganda nefasta e injusta ao Deus verdadeiro, cujas leis elegem, apenas, aquêles que, na realidade, fizeram por merecê-lo. Se Deus houvesse, em verdade, prometido alguma coisa ao povo judeu, seria pelo merecimento dêste povo, e a sua promessa teria sido cumprida na sua absoluta integralidade.

---

(118) Voltaire — **Oeuvres Complètes** — ed. 1860 — **Dictionnaire Philosophique** XIV pg. 79.

# UM TEÓLOGO EM MÁUS LENÇÓIS

TRATA-SE do licenciado Domênico Zapata, nomeado professor de Teologia na Universidade de Salamanca. Êste ilustre Frei, de saudosa memória, não podendo conciliar o seu raciocínio esclarecido com aquilo que lhe parecia pouco claro no Velho Testamento, pede aos doutôres daquela Universidade que o tire do embaraço, ministrando-lhe ensinamentos a respeito de suas inúmeras dúvidas. E assim, faz a êsses extraordinários interpretadores das coisas sagradas, várias perguntas, que ao que conta a História, ficaram sem resposta.

Se algum teólogo moderno, naturalmente, mais profundo que os seus antepassados, sentir-se capaz de resolver as questões apresentadas por Zapata, nós o encarecemos que o faça, pois, debalde o tentamos dentro de nossos minguados conhecimentos teológicos.

Êste interrogatório do curioso frei, escrito em 1629, foi extraviado ou desaparecido, mas, ainda se encontra um exemplar espanhol na biblioteca de Brunswick.

"Sábios mestres, o que devo fazer para provar que os judeus, que fizemos queimar às centenas, fôram, durante quatro mil anos, o povo eleito de Deus?

"Por que Deus a quem não podemos, sob pena de blasfêmia, olhar como injusto, pôde abandonar a Terra inteira pela pequena horda judia, e em seguida abandonar sua pequena horda por uma outra, que foi durante duzentos anos muito menor e mais desprezada?

"Por que praticou êle uma infinidade de milagres incompreensíveis, em favor desta mesquinha nação, antes dos tempos chamados históricos?

Por que não os pratica mais depois de séculos? E por que não os vemos nunca, nós que somos o povo de Deus?

"Se Deus é o Deus de Abraão, por que queimais os filhos de Abraão? E se os queimais, por que recitais suas preces, na ocasião de queimá-los? Como, vós que admitis o livro da Lei, os matais porque êles obedecem a estas leis?

"Como conciliarei eu a cronologia dos chinêses, dos caldeus, dos fenícios, dos egípcios, com a dos judeus? e como me ajustarei eu entre as quarenta maneiras diferentes de calcular os tempos dos co-

mentadores? Eu direi que Deus ditou êstes livros; e responderão que Deus não conhece Cronologia.

"Com quais argumentos provarei que os livros atribuidos a Moisés foram escritos por êle no deserto? Poderei afirmar que êle os escreveu para lá do Jordão, quando êle nunca atravessou o Jordão? — Responderão que Deus não conhece Geografia.

"O livro intitulado "Josué" diz (VIII,32) que êle fêz o Deteuronômio sôbre pedras rebocadas de argamassa; esta passagem e a dos antigos autores provam evidentemente que, no tempo de Moisés e de Josué, os povos orientais gravavam sôbre a pedra suas leis e suas observações. O Pentateuco nos diz que o povo judeu se ressentia no deserto da falta de alimentos e de roupas; é pouco provável que tivessem homens hábeis para gravar um livro volumoso, quando lhes faltava alfaiates e sapateiros. Mas como puderam conservar êste grosso volume gravado na argamassa?

"Qual a maneira de refutar as objeções dos sábios, que encontram no Pentateuco o nome de cidades que então não existiam, preceitos para os reis que não possuiam, passagens onde o autor, muito posterior a Moisés se trai, dizendo: "Porque o rei Og, de Basan, era o único que tinha ficado da estirpe dos gigantes. Em Rabat (cidade), dos filhos de Amon, mostra-se o seu leito de ferro, que tem nove côvados de comprimento, e quatro de largo, pela medida de um côvado de mão de homem "......" Abraão atravessou êste país até o lugar de Siquém, até o vale ilustre. Os cananeus estavam então naquela terra", etc. etc? Êstes sábios estribados nas dificuldades e nas contradições que imputam às crônicas judias, poderão criar dificuldades a um licenciado.

"O livro do "Gênesis" é físico ou alegórico? Tirou, mesmo, Deus uma costela de Adão para fazer uma mulher? E como havia êle dito anteriormente que o fêz macho e fêmea? Como pôde criar Deus a luz antes do Sol? Como separou êle a luz das trevas, uma vez, que as trevas são, apenas, a privação da luz? Como fêz êle o dia antes que o Sol fôsse criado? Como criou êle o firmamento no meio das águas, quando não há firmamento e, apenas, êle existe na imaginação dos antigos gregos, por uma falsa noção? Há muitos que conjecturam que o "Gênesis" só foi escrito quando os judeus tiveram algum conhecimento da filosofia errada de outros povos, e eu sofro a dor de ouvir dizer que Deus não conhece mais a Física do que a Cronologia e a Geografia.

"Que direi eu do jardim do Éden, de onde saia um rio que se dividia em quatro outros. O Tigre, o Eufrates, o Phison, que se admite seja o Phase, o Geon, que corre no país da Etiópia e que, por conseguinte, só pode ser o Nilo, e cuja nascente é distante de mil léguas da fonte do Eufrates? Dir-me-ão que Deus é um péssimo geógrafo.

"Eu desejaria de todo coração comer do fruto que pendia da árvore da Ciência, e me parece que a proibição de comê-lo é estranha; uma vez que, dando Deus a razão ao homem, êle devia encorajá-lo a instruir-se. Desejaria êle ser servido por um tolo? Eu desejaria, também, conversar com a serpente, uma vez que ela possui tanto espírito, mas gostaria de saber que lingua falava ela. O Imperador Juliano, êste grande filósofo, perguntou isto ao eminente S. Cirilo, que não pôde

responder satisfatòriamente a esta pergunta, mas que disse a êste sábio imperador: "Sois vós a serpente". S. Cirilo não era delicado; mas observai que êle só respondeu esta impertinência teológica quando Julião morreu.

A gênesis diz que a serpente come terra; sabeis que a gênesis se engana e que a terra em si não alimenta ninguém. Com referência a Deus que vinha passear todos os dias, ao meio dia no jardim, e que se entretinha com Adão e Eva e com a serpente, seria muito agradável ver-se uma quarta companhia. Mas como eu vos creio feito mais para a companhia que José e Maria tiveram no estábulo de Belém, eu não vos proporia uma viagem ao jardim do Éden, sobretudo, quando sua porta está guardada por um querubim armado até os dentes. É verdade que, segundo os rabinos, querubim tem o significado de boi. Eis aí um estranho porteiro. Dizei-me, ao menos, o que significa um querubim.

"Como explicarei a história dos homens que se tornaram amantes das filhas dos homens e que delas conceberam gigantes? Não me ojetarão que estas passagens são tiradas de fábulas pagãs? Uma vez que os judeus inventaram tudo no deserto, e que eram muito engenhosos, é de concluir-se que tôdas as outras nações aprenderam dêles sua ciência. Homero, Platão, Vergílio, tudo aprenderam dos judeus. Não está isto demonstrado?

"Como sairei eu do Dilúvio, das cataratas do Céu, que não tem cataras, de todos os animais chegados do Japão, da África, da América e das terras austrais, fechados em um grande cofre com as provisões para beber e comer durante um ano, sem contar o tempo em que a terra, muito úmida, ainda, nada podia produzir de alimento? Como a pequena barca de Noé conseguiu agazalhar e dar alimento convenientemente aos animais? Não havia lá sòmente oito pessoas?

"Como poderei tornar a história da tôrre de Babel verossímil? É necessário convir que esta tôrre era multissimo mais alta que as pirâmides. Teria ela alcançado Vênus, ou pelo menos a Lua?

"Que arte deverei usar para justificar as duas mentiras de Abraão, o pai dos crentes, que, com a idade de cento e trinta e cinco anos bem contados, fêz passar a bela Sara por sua irmã no Egito e em Gerare, a fim de que os reis dêstes países se tornassem seus amantes, e lhe fizessem presentes? Fi! Como é feio vender sua mulher!

"Apresentai-me a razão, o por que havendo Deus ordenado a Abraão que tôda a sua posteridade fôsse circuncidada, não deu esta mesma ordem a Moisés?

"Poderei saber se os três anjos a quem Sara serviu um bezerro inteiro, tinham um corpo, ou tomaram um de empréstimo? E como se concebe que havendo Deus enviado dois anjos à Sodoma, quisessem os sodomitas cometer um certo pecado com êstes anjos? Êles deviam ser muito belos. Mas por que Ló, o Justo, ofereceu suas duas filhas aos sodomitas, em lugar dos dois anjos?

Que bisbilhoteiras! Elas se deitaram um pouco com o pai. Ah! sábios mestres, isto não é honesto!

"Acreditar-me-à meu auditório quando eu afirmar que a mulher de Ló foi transformada em estátua de sal? O que responderei se me

disserem que isto é uma grosseira imitação da antiga fábula de Eurídice, e que a estátua de sal não resistiria à chuva?

"O que direi quando for necessário justificar as bênçãos caídas sôbre Jacó, o Justo, que enganou Isaque, seu pai, e que furtou Labão, seu cunhado? Como explicarei a aparição de Deus a êste justo, no alto de uma escada? e como se bateu Jacó durante uma noite inteira com um anjo? etc. etc....

"Como devo falar sôbre o estabelecimento dos judeus no Egito, e sua evasão? O Êxodo diz que êles ficaram quatrocentos e trinta anos no Egito (XII,40); e fazendo a conta justa não encontramos mais de duzentos e cinco anos.

Por que a filha do Faraó se banhava no Nilo, onde ninguém toma banho por causa dos crocodilos? etc. etc....

"Havendo Moisés desposado a filha de um idólatra, como o tomou Deus por seu profeta sem lhe fazer nenhuma censura? Como os amigos do faraó fizeram os mesmos milagres de Moisés, exceto o de cobrir o país de piolhos e de insetos asquerosos? Como mudaram êles a água em sangue já mudados por Moisés? Como é que Moisés, conduzido por Deus, a frente de 630.000 combatentes, fugiu com o seu povo, em vez de se apossar do Egito, cujos primogênitos fôram mortos por Deus? O Egito nunca conseguiu organizar um exército de 100.000 homens, desde que se faz menção dêle nos tempos históricos. Como é que Moisés, havendo fugido da terra de Gessen, em vez de ir em linha reta ao país de Caná, atravessou a metade do Egito, e subiu até a frente de Memphis, entre Baal-Sephon e o mar Vermelho? Enfim, como foi que o faraó pôde perseguí-los com sua cavalaria, uma vez que na quinta praga do Egito, Deus acabava de fazer perecer todos os cavalos e tôdas as bêstas, e que, considerando que o Egito é cortado por tantos canais, sempre teve pouca cavalaria?

"Como conciliar o que diz o Êxodo com o discurso de Sto. Estêvão no Ato dos Apóstolos, e com as passagens de Geremias e de Amós? O Êxodo (XVI, 35) diz que os filhos de Israel comeram maná durante 40 anos, até chegarem a um país habitado etc.; Jeremias; Amós e Sto. Estevão, dizem que não se oferecia nem sacrifício, nem hóstia durante todo êsse tempo. O Êxodo (XL, 3) diz que se construiu um tabernáculo no qual colocaram o arco da aliança; e Sto. Estêvão, em Atos, disse que se levava o tabernáculo de Moloque e de Remphan.

"Não sou muito bom químico para me desfazer de um bezerro de ouro, que o Êxodo diz ter sido formado em um só dia, e que Moisés o reduziu a cinzas. Êstes dois fatos são milagrosos ou isto é possível à arte humana?

"É ainda um milagre que o condutor de uma nação em um deserto, faça degolar 23.000 homens desta nação, por uma só das doze tribos, e que 20.000 homens se tenham deixado massacrar sem se defender?

"Devo eu ainda encarar como um milagre ou como um ato de justiça ordinária, o fazer-se morrer 24.000 hebreus, porque um de entre êles havia dormido com uma medianita, enquanto Moisés, tomou uma medianita por espôsa? e êstes hebreus que nos pintam tão ferozes não eram homens tão bons, uma vez que se deixavam matar por

mulheres? E a propósito de moças, poderei conservar-me sério quando disser que Moisés encontrou 32.000 virgens no campo medianita, com 61.000 asnos? Isto não significa dois asnos para cada virgem?

"Qual a explicação que poderei dar quando falar na lei que proibe comer lebre" porque rumina e não tem cascos fendidos", enquanto que a lebre tem o pé fendido e não rumina? Vimos que êste belo livro já fêz de Deus um mau geógrafo, uma mau cronologista, um mau físico; êle não o fêz melhor naturalista. Que razões apresentarei eu para leis não menos sábias, como a das águas do ciúme, da punição de morte para um homem que dormiu com a mulher menstruada? etc., etc. Poderei eu justificar essas leis bárbaras e ridículas que dizem provindas do próprio Deus?

"Que responderei eu àqueles que ficarem pasmados, quando ouvirem que precisou um milagre para fazer passar o rio Jordão, que, em sua maior largura, não tem mais de 45 pés, que se podia muito fàcilmente atravessar com uma jangada pequena, e que era vadeável em muitos lugares, testemunha de 42.000 efraimitas degolados em um váu dêste rio por seu irmãos?

"Que responderei eu àqueles que perguntarem como os muros de Jericó cairam ao som das trombetas, e por que as outras cidades não cairam de igual forma?

"Como desculparei a ação da cortezã Rahab que traiu Jericó, sua pátria? Em que era necessária esta traição, uma vez que era preciso, apenas, fazer soar as trombetas para tomar a cidade? e como poderei sondar a profundeza dos decretos divinos, que quiseram que nosso divino salvador J. Cristo nascesse dessa cortezã Rahab, assim como do incesto de Tamar com Judas seu sogro, e do adultério de Davi e de Betsabé? Como os caminhos de Deus são incompreensíveis!

"Que aprovação poderei dar a Josué, que fêz prender 31 pequenos reis e usurpou seus pequenos Estados, isto é, suas aldeias?

"Como falarei da batalha de Josué com os amorrenitas em Betoron sôbre o caminho de Gabaon? O Senhor fêz chover do Céu grandes pedras, desde Betoron até Azeca; desta forma os amorrenitas foram exterminados pelos rochedos que caiam do Céu durante o espaço de cinco léguas. A Escritura diz que era meio-dia; por que, Josué ordena ao Sol e a Lua que parem no meio do Céu para dar tempo à derrota da pequena tropa que já estava exterminada? Por que manda êle que a Lua pare ao meio-dia? Como foi possível ao Sol e a Lua ficarem um dia parados no mesmo lugar? Para qual comentador terei que recorrer para explicar esta verdade extraordinária?

"Que direi de Jephté que imolou sua filha e que fêz degolar 42.000 judeus da tribo de Efraim, que não podia pronunciar Schiboleth?

"Devo confessar ou negar que a lei dos judeus não anuncia em nenhum lugar, as penas e as recompensas depois da morte? Como se explica que nem Moisés, nem Josué tenham falado na imortalidade da alma, dogma conhecido dos antigos egípcios, dos caldeus, dos persas e dos gregos, dogma que não esteve muito em voga entre os judeus senão depois de Alexandre, e que os saduceus reprovaram sempre, porque êle não se encontra no "Pentateuco" ?

"Que côr terei que dar à história do levita que, tendo chegado em seu asno a Gabaá, cidade dos benjamitas, tornou-se o objeto da paixão sodomita de todos os gabaonitas, que o quiseram violar? Êle lhes entregou sua mulher, com a qual os gabaonitas dormiram durante tôda a noite; ela morreu no outro dia. Se os sodomitas houvessem aceito as duas filhas de Ló em lugar dos dois anjos, teriam elas morrido?

"Tenho necessidade de vossas luzes para poder compreender êste versículo do I capítulo dos "Juízes": "O Senhor acompanhou Juda, e êle se tornou mestre das montanhas; porém não pôde derrotar os que habitavam no vale, porque êstes tinham muitas carroças falcadas", isto é, armadas de foices. Não posso compreender em meu fraco entendimento, como o Deus do Céu e da Terra, que tantas vêzes mudou a ordem da natureza, e suspendeu as leis eternas em favor de seu povo judeu, não haja chegado a ponto de vencer os habitantes de um vale, porque êles possuissem carroças. Será verdade, como vários sábios pretendem, que os judeus olhavam então seu deus como uma divindade local e protetora, que tanto era mais como menos poderoso que os deuses de seus inimigos? e não estará isto provado com esta resposta de Jephté: "Por ventura não te é devido por direito tudo o que possui o teu Camos? Logo ficará em nossa possessão o que o Senhor nosso Deus alcançou com a vitória".

"Acrescentarei, ainda, que é difícil de crer que êles tivessem tantas carroças armadas de foices em um país montanhoso, onde a Escritura diz em tantos lugares que a grande magnificência era de estar montado num asno.

"A história de Aod me entristece muito mais. Vejo os judeus quase sempre sujeitos, malgrado o socôrro de seu Deus, que havia prometido em discurso de dar-lhes todo o país situado entre o Nilo, o mar e o Eufrates. Havia dezoito anos que êles eram escravos de um pequeno rei, chamado Eglon, assim que Deus suscitou Aod em seu favor, filho de Gera, que se servia da mão esquerda como da mão direita. Aod, filho de Gera, tendo feito um punhal com dois trinchantes, o escondeu embaixo do seu manto, como fizeram depois Jacques Clement e Ravaillac. Êle pediu ao reizinho uma audiência secreta, e lhe disse haver um mistério de importância a comunicar-lhe da parte de Deus. Eglon se ergue respeitosamente, e Aod, com a mão esquerda, enterra seu punhal na barriga do rei. Deus favoreceu em tudo esta ação, que, na moral de tôdas as nações da Terra, parecia um pouco dura. Ensinai-me qual é o assassínio mais divino, o dêste santo Aod, ou o de São Davi, que fêz assassinar o seu corno Urias, ou do bem-aventurado Salomão que possuindo setecentas mulheres e trezentas concubinas, assassinou seu irmão Adonias porque êste lhe pediu uma, etc., etc., etc.

"Eu vos imploro dizer-me por que meio Sansão conseguiu prender 300 raposas, ligá-las uma a uma pelo rabo, prender fogo em sua cauda e atirá-las contra a seifa dos filisteus. As raposas só habitam em países que possuam matas. Não havia florestas neste lugar, e parece muito difícil prender 300 raposas vivas, e de as amarrar pelo rabo. Disseram em seguida que êle matou mil filisteus com uma grande queixada de burro e que de um dos dentes desta queixada jorrou uma fonte. Quando se trata de queixada de burro, me deveis esclarecimentos.

"Peço-vos as mesmas instruções sôbre o homem simples, Tobias, que dormia de olhos abertos, e que ficou cego por um escremento de andorinha; sôbre o anjo que desceu expressamente disto que se chama empíreo, para ir procurar com Tobias fios de prata que o judeu Gabel devia a Tobias pai; sôbre a mulher de Tobias filho, que teve sete maridos e que o diabo havia torcido o pescoço; e sôbre a maneira de restituir a vista aos cegos com o fel da um peixe. Estas histórias são sérias, e não há nada mais digno de atenção, depois dos romances espanhóis; não se pode compará-los senão às histórias de Judite e Ester. Mas poderei interpretar o texto sagrado que diz que a bela Judite descendia de Simeão, filho de Rubem, segundo os mesmos textos sagrados (I Par. II, 1), que não podem mentir?

"Tenho necessidade de vosso socorro na história dos "Reis", no mínimo, para aquela dos "Juízes", e de Tobias, e de seu cão, e de Ester, de Judite e de Rute, etc., etc. Logo que Saul foi sagrado rei, eram os judeus escravos dos filisteus. Os vencedores não lhes permitiam possuir espadas nem lanças; e êles eram mesmo obrigados a ir aos filisteus para afiar a rêlha de suas charruas e suas machadinhas. No entretanto Saul ofereceu batalha aos filisteus, e sôbre êles levou vantagem, isto é, a vitória; e nesta batalha êle se encontra à frente de 330.000 soldados, em um pequeno país que não pode alimentar 30.000 almas; pois, não havia, então, senão o terço da terra santa, no máximo; e êste país estéril não alimenta hoje 20.000 habitantes. O excedente, era obrigado a ganhar sua vida, dedicando-se à profissão de corretor em Balk, em Damasco, em Tyro e em Babilônia.

"Não sei como justificar a ação de Samuel, que cortou em pedaços o rei Agag, que Saul havia feito prisioneiro, e pôsto a resgaste.

"Devemos um grande respeito a Davi, que era um homem segundo o coração de Deus; mas temo de faltar à Ciência para justificar pelas leis ordinárias, a conduta de Davi, que se associa a 400 homens de má vida, e carregado de dívidas, como diz a Escritura (I Reis, XXII, 2); que marcha para saquear a casa de Nabal, servidor do rei, e que, oito dias depois, espôsa sua viúva, que vai oferecer seus serviços a Achis, sem perdoar nem o sexo, nem a idade; que, desde que está no trono, toma novas concubinas, arrebata Betsobé a seu marido, e faz matar aquêle que a desonra. Tenho pena em imaginar que Deus nasça em seguida na Judéia desta mulher adúltera e homicida, contada entre os avós do Ser Supremo. Eu já vos preveni sôbre êste artigo que dá uma pena extrema às almas devotas.

"As riquezas de Davi e de Salomão, que montam a mais de cinco milhões de ducados ouro, parecem difíceis de conciliar com a pobreza do país, e com o estado a que estavam reduzidos os judeus sob Saul, quando êles não tinham como fazer afiar seus arados e seus machados. Nossos coronéis de cavalaria erguerão as espáduas, se eu disser que Salomão possuia 400.000 cavalos em um pequeno país onde nunca houve e onde até hoje só existem asnos, como já tive a honra de vos apresentar.

"Se fôr necessário percorrer a história das crueldades tremendas de quase todos os reis de Judá a Israel, temo mais escandalizar os fracos do que edificá-los. Todos êsses reis assassinam muitas vêzes uns aos outros. É u'a má política, se não me engano.

"Vejo êste pequeno povo quase sempre escravo sob os fenícios, babilônios, persas, sírios e romanos; e terei, talvez, alguma dificuldade em conciliar tantas misérias com as magníficas promessas de seus profetas.

"Sei que tôdas as nações orientais tiveram profetas, mas não sei como interpretar os dos judeus. O que deverei compreender pela visão de Ezequiel, filho de Buzi, perto do rio Chobar; pelos quatro animais que tinham cada um quatro rostos e quatro asas, com os pés de bezerro; por uma roda que tinha quatro faces; por um firmamento acima das cabeças dos animais? Como explicar a ordem de Deus dada a Ezequiel de comer um livro de pergaminhos, de se fazer amarrar, de adormecer deitado do lado esquerdo durante 390 dias, e sôbre o lado direito durante 40 dias, e de comer seu pão coberto com os seus próprios escrementos? Não posso penetrar no senso oculto daquilo que Daniel pretende dizer: "Assim que a vossa garganta esteja formada, e que tenhais pêlos, eu me estenderei sôbre vós, cobrirei vossa nudez, vos darei vestidos, cintos, ornamentos, brincos, mas em seguida vós vos tornais um... e vos prostitureis em praça pública;" e no cap. XXIII, o profeta diz: "Que Aoliba desejou com furor dormir com aquêles que tinham o membro viril como os asnos, e cujo fluxo é como o dos cavalos". Sábios mestres, sois vós dignos dos favores de Aoliba?

"Meu dever será explicar a grande profecia de Isaias que diz respeito a N. S. J. Cristo; é, como sabeis, no C. VII: Rezim, rei da Síria, e Reca pequeno rei de Israel, sitiaram Jerusalem. Achaz, pequeno rei de Jerusalém, consulta o profeta Isaias sôbre o acontecimento do sítio; Isaias lhe responde: Deus vos dará um sinal: Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz a um filho, e será seu nome Emanuel — Manteiga e mel comerá até que saiba rejeitar o mal e escolher o bem, a terra de que te enfadas será desamparada de seus dois reis... e o Senhor assobiará às moscas que há no extremo dos rios do Egito, e às abelhas que andam na terra da Assíria... e nêste dia o Senhor tomará uma navalha alugada daqueles que estão para lá do rio, e raspará a cabeça e os pêlos do penis e tôda a barba do rei da Assíria. "Em seguida no C. VIII, o profeta para dar cumprimento à profecia, dorme com a profetiza; ela concebe um filho, e o Senhor disse a Isaias: "Põe-lhe o nome de Maer-Salal-Haz-Baz. Porque antes que o menino saiba dizer meu pai ou minha mãe, apressai-vos a tomar os despojos, correi ligeiro ao saque e o poder de Damasco será derribado.

"Não poderei sem que me socorrais explicar esta profecia.

"Como se deve entender a história de Jonas, enviado a Ninive para aí pregar a penitência? Ninive não era israelita, e parece que Jonas devia instruí-la na lei judaica antes de induzí-la a esta penitência. O profeta, em vez de obedecer ao Senhor, fugiu para Tharsis; uma tempestade se levantou, os marinheiros jogam Jonas ao mar para aplacar a tormenta. Deus enviou um grande peixe que engole Jonas; êle permanece três dias e três noites no ventre do peixe. Deus ordena ao peixe de restituir Jonas; o peixe obedece. Jonas desembarca sôbre as margens do Joppe. Deus lhe ordena de ir à Ninive, dizer que ela será destruída se durante 40 dias não fizer penitência. De Joppe a Ninive há mais de 400 milhas. Tôdas essas histórias não exigem

conhecimentos superiores que me faltam? Eu bem desejaria confundir os sábios que pretendem que esta fábula é tirada da do antigo Hércules. Êste Hércules foi fechado três dias no ventre de uma baleia; mas êle aí teve bom acolhimento, pois, êle comeu na grelha o fígado da baleia. Jonas não foi tão hábil.

"Ensinai-me a arte de fazer compreender os primeiros versículos do profeta Oséias. Deus lhe ordena expressamente tomar uma prostituta e de fazer com que ela conceba um filho da... (Oséias, c. I).

O profeta obedece pontualmente, e se dirige a dona Gomer, filha de Diblaim; vive com ela três anos e faz nela três filhos, isto é que é um modêlo. Êle lhe ordena de dormir com outra cantoneira que seja casada e adúltera. O simplório Oséias, sempre obediente, não demorou muito a encontrar uma senhora desta estirpe, o que lhe não custou mais de quinze dracmas e uma medida de cevada. Eu vos peço por favor ensinar-me quanto valia o dracma entre o povo judeu, e o que dais hoje às mulheres, em nome do Senhor.

E outras perguntas que evitamos transcrever, porque ultrapassam os limites da moral, mas que, infelizmente, estão consignadas na Bíblia.

É importante dizer que Zapata não obteve resposta. Desiludido, abandonou o seu velho ofício e se pôs a pregar Deus e a moral. Diz a História que êle foi um cidadão às direitas, um modêlo de virtudes, o que não o impediu de ser queimado vivo em 1631, em Valladolid.

Não há mais forte argumento do que êste que a Igreja de Roma contrapôs ao insolente Zapata. Perguntas como estas não devem ser feitas.

Oremos pela alma do licenciado frei Domênico Zapata, professor de Teologia na Universidade de Salamanca. Que Deus tenha piedade dêle. E de nós.

# ALGUMAS CONSIDERAÇÕES — O BALANÇO DA BÍBLIA

Antes de entrarmos, pròpriamente, no balanço da Bíblia, sejam-nos permitidas pelo paciente leitor algumas divagações necessárias. Quando elas não penetrem fundo no âmago da questão que o título acima insinua, não serão, por certo, inúteis, uma vez que ainda se prendem a questões do Velho Testamento, tão semelhantes a de outros povos. E assim, iremos concluir que certas histórias de determinados livros sagrados, não passam de lendas e algumas não possuem mais que um sabor trágico.

Todos conhecem, mais ou menos, a história lendária do nascimento de Moisés.

De paternidade desconhecida, foi êle acolhido pela filha do Faraó, quando, nos seus primeiros dias de vida, boiava às margens do Nilo, deitado em um cesto de vime. O primeiro fato inacreditável nesta história é adiantar a Bíblia que a princeza se banhava às margens do grande rio. Dizem os críticos, que uma princeza não podia banhar-se no Nilo, não sòmente por conveniência, mas por temor dos crocodilos. De mais, afirmam que a côrte estava em Memphis, para lá do Nilo; e de Memphis à terra de Gessen há mais de cinqüenta léguas de distância. Outro fato extraordinário é o de Moisés escapar à voracidade dos crocodilos, velhos habitantes daquele rio sagrado. Enfim, Moisés foi, de princípio a fim, sustentado por fôrças milagrosas e sobrenaturais.

Foi o patriarca dos judeus educado na côrte do rei do Egito, até os 40 anos de idade, sem que lhe revelassem sua origem humilde. Um dia teve êle que fugir do fausto, porque assassinara um egípcio que disputava com um seu patrício. Assassinou-o, o que poderia ter deixado de fazê-lo, pois, para perpretar tal crime, olhou, antes, para todos os lados, a fim de verificar se havia testemunhas.

Atribuem-se as narrativas bíblicas a Moisés e êste as recebia de Jeová.

Tudo isto ficou provado não ser verdadeiro, bem como não se pode levar a sério sua vida tão cheia de prodígios.

Os incrédulos não acham verossímil que haja existido um homem cuja vida é um milagre contínuo. Não é possível que êle haja praticado os mais extraordinários milagres no Egito, na Arábia e na Síria, sem que tais milagres houvessem repercutido em tôda a Terra. Não é tão pouco verossímil que nenhum escritor egípcio ou grego houvesse transmitido êstes milagres à posteridade.

Moisés começou a ser conhecido no IIº século de nossa era, e o primeiro autor que cita expressamente seus livros é Longin, ministro da rainha Zenóbia, no tempo do imperador Aureliano, em seu "Traité du Sublime".

Se um único autor antigo houvesse narrado um só de seus milagres, Euzébio teria citado esta testemunha em sua "História", ou em sua "Preparação Evangélica". Êle conhece, é bem verdade, autores que citaram seu nome, mas nenhum que haja citado seus prodígios. Antes dêle os judeus Joseph e Philon, que tanto enalteceram seu país, procuraram todos os escritores, onde houvesse o nome de Moisés, mas nenhum faz menção de qualquer das ações maravilhosas que lhe são atribuidas. Eis uma forte razão para não aceitarmos Moisés aureolado das lendas e dos milagres. Depois, como poderia um velho otogenário tomar a emprêsa de conduzir um povo inteiro, sôbre o qual êle não tinha direito algum? Poderia o braço de um decrépito combater? Êle, segundo a lenda, conduziu êste povo durante quarenta anos, pelos lugares mais inóspitos; pretendeu estabelecê-lo, mas não o conseguiu. Colocou-se à frente de seiscentos mil combatentes, aos quais não podia alimentar nem vestir. Deus fêz tudo, Deus a tudo remediava. Alimentou, assim, e vestiu seu exército, apenas, por forma milagrosa. Que valor, pois, tem êsse homem? A sua impotência é palpável, êle não pode ser guia de coisa nenhuma e só o foi mediante o braço do Todo Poderoso. Desta forma, não o devemos considerar um ministro de Deus, mas, sim, apenas, um homem. Assim pensando, redimimos a memória de Moisés, e julgando-o, apenas, um condutor, sem os milagres, e sem as lendas, podemos empregar-nos em pesquisas melhores.

Mais tarde, afastado do palácio do Faraó, ou porque a mácula de seu nascimento, por tanto tempo conservada em segrêdo, fôsse descoberta, ou pela razão do assassínio do egípicio, nasceu-lhe profundo ressentimento íntimo e um desejo incontido de vingança que êle levou a efeito, procurando emancipar a sua raça e esquecer os benefícios recebidos do homem que o tornara filho adotivo. Isto é admirável num protegido do Senhor!

Foi, então, que aproveitando uma dessas terríveis fomes que devastam o Egito, quando as inundações do Nilo que fecundam a terra, vêm a faltar, ou, ainda, um dêsses flagelos indescritíveis que não são

raros nesses lugares, como a peste e o tifo, foi então que êle se apresentou diante do príncipe reinante como um enviado celeste. Atribuindo êsses males à cólera divina, conseguiu arrancar a permissão de livrar os herdeiros à sua sorte.

Inclinar-me-ei a crer, diz Jacolliot, que a rebelião e a fuga dos hebreus fôsse plano há muito premeditado por Moisés e seu irmão Aarão, que o secundava em seus projetos e de que os egípcios só se aperceberam, quando não havia mais tempo de reprimi-los. Mas, se Moisés era de paternidade desconhecida, como é que se soube que Aarão era seu irmão? Para nós é mistério. Quanto à destruição do Faraó e de seu exército pelas águas do Mar Vermelho, nós o relegamos, bem como a passagem dos fugitivos por êste mesmo mar, a pé enxuto, ao domínio da fantasia e do milagre apócrifo.

É possível, e isto ainda se concebe, que Moisés se intitulasse enviado de Deus, para, envolvendo-se em uma auréola misteriosa, facilitar o cumprimento de sua missão.

Essa é manobra por demais conhecida dos ancestrais de Moisés, que se viram em idênticas condições. É fábula, é lenda, é o que quiserem, mas nunca será aceita como verdade histórica.

"O deserto era imenso: ninguém, nem mesmo Moisés sabia para onde ir. Então, comandou êle: vamos à conquista da terra prometida e a marcha continuou. Os dias e os mêses se escoavam, a tropa errante não conseguia livrar-se da areia; tanto marchava para diante, como recuava sôbre os seus passos, sob um sol escaldante, com raiva; o cansaço se apossava de seus proscritos, e tinham, saudades da terra do Egito, e se blasfemava contra êsse Deus de quem Moisés era o intérprete... Lembraram-se então, do boi Apis, que êles viram em procissão conduzido pelos padres, com danças e cânticos. Construiram um com ouro e bronze, com os braceletes das mulheres e os escudos dos homens, e o adoraram, pedindo-lhes que puzesse um têrmo aos sofrimentos que não tinham mais a coragem de suportar...

E Moisés era invisível, só em sua tenda, talvez, também, em desespêro... De repente, no declinar do dia, o Céu se carregou de nuvens, os relâmpagos zigzagueavam o espaço e o trovão fazia ouvir a sua voz...

Era o momento de agir, a multidão escutava com horror a manifestação dêsses fenômenos físicos que ela não podia compreender...

Nêste momento, o chefe apareceu com sua figura inspirada; antes mesmo que falasse, o respeito e a submissão já se apossaram do povo; êle quebrou os ídolos e com uma voz vibrante anunciava que a cólera celeste para puní-los pelos seus murmúrios e pouca fé, os condenava a errar, ainda, antes de atingir o lugar, fim de seus desejos...

Era tempo a ganhar... Chegaram ao cume de uma montanha onde divisaram campos cobertos de pastagens verdes... Era o momento; gasto pelas lutas e fadigas, chegando ao têrmo de sua jor-

nada; Moisés pôs-se, então, a gritar: está lá a terra que o Senhor ordenou que a ela os conduzisse. Estendeu os braços como para tomar posse, e morreu, legando ao seu irmão e aos fiéis que êle havia formado, o cuidado de concluir sua obra.

Durante suas longas peregrinações, escreveu um livro da lei, no qual dando um passado a êste povo nascido ontem e inspirando-se nas tradições dos livros sagrados que êle tinha estudado no Egito, relembra as legendas hindus sôbre Deus e a Criação, institui os padres ou levitas, prescreve os sacrifícios e seu modo e dá em algumas leis civis e religiosas as bases da sociedade nova que seus sucessores iam fundar. É assim que, despido de fábulas e prodigios, rejeitando sobretudo o papel indigno que Moisés emprestou à divindade para a consecução de seus projetos, que eu admito a tradição histórica e a fuga dos hebreus e a sua chegada à terra que deviam conquistar. Não se encontra aí a lenda bem simples que se poderia aplicar a tôdas as emigrações antigas, ou bêrço de tôdas as antigas civilizações?" (119).

Em tôda parte se vê um legislador, um homem que se diz enviado de Deus, e que consegue reunir e dominar a massa, pelo duplo prestígio de seu gênio e pela origem que êle se atribui. Foi assim que Manú, Manés, Buda e Zoroastro chegaram a se impor e a fazer crer em suas missões.

Pode haver quem diga, afirma Jacolliot, que eu substitua a fábula pela fábula. Não, pois eu me cinjo aos pontos mais salientes da história primitiva dos hebreus, que me parecem dignas de serem consideradas como autênticas, rejeitando tudo o que houver de misterioso e de revelado, como o faço com a Índia, com o Egito, com a Pérsia, com a Grécia, com Roma, não sendo justo admitir as legendas sagradas e poéticas de uns, rejeitando a de outros. O que dá fôrça ao meu raciocínio, continua o escritor, o que ninguém poderá destruir, é esta unidade, é êste papel de todos os fundadores de nações, trazendo os seus ascendentes à idéia religiosa, que é esta, devemos reconhecer, que mais pesa sôbre as inteligências ingênuas dos povos primitivos. Todos atribuem a Deus um livro da lei; todos regulamentam a vida religiosa com o mesmo título da vida civil; todos dividem o povo em castas e proclamam a superioridade do padre; todos, enfim, depois de se haverem anunciado como uma encarnação ou simplesmente um enviado de Deus, tendem a envolver sua morte em mistério, bem como o seu nascimento.

A Índia ignora qual foi o fim de Manú. A China, o Tibet e o Japão fizeram Buda voar aos Céus. Zoroastro teve a mesma sorte, conduzido por um raio de sol. E, Moisés, levado por uma anjo no vale de Moab, desapareceu aos olhos de seu povo, sem que êsse nun-

(119) L. Jacolliot — **La Bible dans l'Inde** — 8.ª ed. 1876 — pg. 136.

ca pudesse saber a terra que guarda seus restos; e mantiveram a crença aceita de que êle voltou para Deus que o havia enviado.

Eis tudo o que a razão sadia pode admitir sôbre Moisés.

O papel atribuido a Deus por êste legislador era indigno da majestade e da grandeza do Ser Supremo; é preciso, apenas, ler os títulos dos diferentes capítulos da Bíblia a êste respeito para se ficar persuadido desta verdade.

O paciente leitor, nos irá desculpando, das considerações que vamos tecendo, antes de apresentarmos o balanço da Bíblia.

Há coisas que precisam ser vulgarizadas, principalmente, esta absurda história do êxodo, que tem dado motivo a tantas controvérsias e em tôrno do qual tanta tolice se tem dito. Queremos mostrar, à luz dos conhecimentos de uma figura eminente, despresível aos olhos da Igreja romana, e digamos da protestante, porque como Voltaire, não sabe aceitar as frivolidades bíblicas, o impossível de tal narrativa que, como tantas outras, são atribuidas a Moisés. Trata-se, mais uma vez, de Léo Taxil, cuja obra o clero fêz desaparecer da França, onde foi editada e com seu incontestável poder, proibiu a sua reedição no Brasil.

O Êxodo, como é do conhecimento geral, é o livro que narra a saída do Egito e a longa caminhada dos hebreus na península do Sinai: êle se completa com o Levítico, os Números e o Deuteronômio.

Todos sabem que esta longa viagem durou quarenta anos.

Se prestarmos atenção a uma carta geográfica que traga a Arábia Pétrea e a Palestina, dá-se conta, com facilidade, do que foi essa peregrinação por demais famosa.

Resumindo, os hebreus deixaram o Egito em Baal-Zephon, que é hoje Suez — e é lá, por suposição, o lugar onde êles atravessaram o Mar Vermelho; distanciaram-se da costa do mar Heroopolite (golfo de Suez) e desceram até Raphidin, atravessando o maciço do Sinaí; nesta região sul da península, êles seguiram para leste até Hazeroth (hoje Ain-el-Hadhrah); de lá subiram para o norte até Djebel-Halal, caminharam em seguida indo mais para leste, para dirigir-se na direção do mar Morto, que contornaram à direita, chegando, enfim, a Jericó.

Com o auxílio de um mapa moderno, diz Taxil, determina-se com precisão a posição exata dos três pontos extremos dêste itinerário: Baal-Zephon, ponto de partida, está a 30º de latitude norte e a 30º,12 de longitude este; Hazeroth, o ponto extremo sudoeste da via-

gem, está a 28º,45' de latiude norte e 32º,10' de longitude este; Jericó, ponto de chegada, está a 31º,50' de latitude norte e 33º,7' de longitude este. Por conseguinte, a distância entre êstes três pontos não é muito grande, como todo mundo poderá verificar.

E então! o que representará essa legendária viagem, pergunta o escritor?

Que itinerário moderno poderia se lhe comparar para fazer mais sobressair o ridículo desta narração bíblica?......

A memorável marcha dos hebreus em seguimento de Moisés e Josué, equivale exatamente a uma viagem a pé que se fizesse, partindo de Paris para descer a sudeste até Dijon e seguir em seguida a nordeste até Liège, na Bélgica. Paris, Dijon e Liège dão, sôbre o globo, a mesma distância geométrica que Baal-Zephon, Hazeroth e Jericó. Um andarilho não levaria mais de três mêses para perfazer êste percurso, descansando freqüentemente no caminho! Os israelitas para isso, levaram 40 anos. Inclinemo-nos, rindo, diz o autor da "Bible Amusante", diante desta blague colossal que a divina pomba fêz os devotos místicos engulirem.

Infelizmente, os crentes nada examinam e aceitam tudo.

Se êles se dessem ao trabalho de refletir um pouco, depois de haver lido o Êxodo, veriam ao menoss admirados, que o autor dêste livro que dizem haver vivido muito tempo no Egito, antes de incitar seus compatriotas a acompanhá-lo, não tem uma palavra a respeito dos monumentos, dos costumes, das leis, da religião, da política, da história dêsse país tão afamado e então em plena civilização; pois, por muito posterior que seja o reino do Egito em comparação com o vasto império das Índias e da China, sempre se diz que egípcios contemporâneos do pretendido Moisés ocupam o primeiro lugar entre as nações civilizadas de nosso Ocidente. Nesta época florescia Thebas e Memphis, de que o autor do Êxodo parecia ignorar a existência pois que êle não fala dessas opulentas e maravilhosas cidades, visto que seus nomes, ao que tudo indica, lhe eram desconhecidos.

Quanto aos poderosos monarcas que reinavam, então, o autor sagrado chama a todos, indistintamente, faraó, o que é um título, e não um nome; o "faraó" é o rei do Egito, como um rei da Prússia é um "konig", como um rei da Inglaterra é um "king", como um da Rússia era um "tsar". O pretenso Moisés, segundo Léo Taxil, falando dos diferentes reis do Egito, atribuindo-lhes aventuras em tempos situados há vários séculos de distância e não encontrando para designá-los a uns e outros senão o nome de faraó, se assemelha a um pseudo historiador que, em narrativas fantásticas, concernente ao império russo, em diversas épocas, citasse constantemente "Sua Majes-

tade", para designar os imperadores Ivan o Terrível, Pedro Grande e Nicoláu I, dos quais ignorava os nomes; esta história grotesca seria uma falta de habilidade que, por certo, provocaria o riso. Ora, como se poderá levar a sério o autor do Gênesis e do Êxodo? Ele conhece e cita os nomes pessoais de pequenos reis, quando se trata de reinos sem história, isto é, absolutamente imaginários, como os de Sodoma, Gomorra e Gerare; mas quando se trata de um reino real, histórico, importante, que êle traz à cena, como o do Egito, então, sua ciência se torna modesta a ponto de não ousar dizer se o faraó de que fala é Touthmés, Amenophis ou Horus. Em resumo, êle nomeia, quando crê que nenhuma fiscalização de suas asserções é possível, e se torna vago quando a grande questão para êle é não trair a sua ignorância por qualquer impertinente quiproquo, que pudesse fàcilmente ser um dia demonstrado.

Os teólogos que proclamaram que o "Pentateuco" é a mais pura expressão da verdade, não previam as descobertas dos Champollion, dos Wilkinson, dos Lepsius, e de outros sábios egiptólogos, quando fixaram as datas da cronologia do mundo, baseados na Bíblia. Assim, segundo a Vulgata, a criação do mundo teria se dado no ano 4004 a. de Cristo e o Dilúvio Universal, lá para o ano de 3296; e todos os Pais da Igreja confirmaram tais asserções. Ora, Menés, chefe militar egípicio, que fundou a primeira dinastia conhecida, subtraindo seu país à denominação suprema da casta sacerdotal, concluiu esta revolução 5.400 anos antes da era cristã, seja 1.400 anos antes de Criação e 2.100 antes do Dilúvio.

Os teólogos nos dão, também, a data na qual José sendo primeiro ministro de um faraó, estabeleceu Jacó e sua família na terra de Gessen, isto em 1962 antes de Cristo: os judeus ficaram 430 anos no Egito; sua emigração é dada como sendo no ano de 1533, sempre segundo os teólogos e a Bíblia.

Mas, hoje clariaram-se e decifraram-se os monumentos históricos do Egito. Lê-se esta história escrita sôbre as pedras do templo e dos obeliscos, e a história dêsse período aí se encontra, estabelecendo os reinos e os grandes feitos dos faraóos, notadamente o pórtico do templo de Karnak, descoberto em Thebas, que enumera as 115 cidades submissas ao faraó Touthmés III, depois de sua vitória de Magedo; conhece-se, e detalhadamente, as quinze campanhas e sempre felizes empreendimentos na Ásia por êste príncipe. Ora, êste reino glorioso em que a ciência dos hieróglifos aclarou de uma luz tão viva, brilha no meio dos séculos em que os filhos de Jacó estavam provàvelmente no Egito; e nada nesses monumentos, nada, absolutamente nada, relata o famoso govêrno de José; nenhum dêsses faraós se lem-

brou de inscrever sôbre os anais de pedra do reino, a celebridade de seu Richelieu.

Bem melhor, o faraó que reinava na época em que, de acôrdo com o autor sagrado, os hebreus deixaram o Egito, e por conseguinte, aquêle que iremos ver dentro de pouco tragado pelas águas do Mar Vermelho, perecendo miseràvelmente com todo seu exército, êste faraó, considerando-se as datas bíblicas dadas pelos teólogos, não pode ser senão Amenophis III. Ora, sua história está escrita em pormenores sôbre os monumentos antigos e ela não concorda de forma alguma com a narração do Êxodo. Este príncipe pertencia a esta valente raça dos faraós da XVIII dinastia, soberanos poderosos e conquistadores ilustres, que deram ao império Egípcio um esplendor e uma extensão que não foram mantidos senão pela dinastia seguinte; êles conquistaram a Etiópia, todo o país dos árabes, a Mesopotâmia, o país de Caná, conquistaram Nínive e a ilha de Chipre, tiveram como tributários os babilônios, os fenícios e os armênios; em uma palavra, o sucesso de suas armas foi ainda mais longe, na Ásia Ocidental. Touthmés IV, pai de Amenophis III, não perdeu o fruto das conquistas do grande Touthmés; monumentos o representam reinando gloriosamente em 1550, antes de Cristo, dezessete anos antes da época em que a Bíblia situa a saida dos hebreus do Egito.

Quanto a Amenophis III, as testemunhas históricas de seu triunfo abundam; foi êle que fundou o templo de Luxor, foi em sua honra que se ergueu em Thebas a estátua conhecida sob o nome de colosso de Mammon, estátua que o representava e que produzia sons harmoniosos, quando os raios do sol lhe batiam em cima; têm-se uma longa lista de reis e de povos que eram submissos a êste faraó, morto em plena glória, quando reinava, e que nunca foi afogado nas águas do Mar Vermelho, mas suntuosamente inumado em uma das pirâmides.

No ano em que o Êxodo o faz perecer nas ondas, em obediência à vara mágica de Moisés, êle terminava de conquistar a Abissínia e mais tarde continuou fazendo grandes expedições na Ásia; e tão pouco morreu nesta época pois, enquanto o Êxodo passeia os judeus na península de Sinai, êle construiu o magnífico palácio de Sholeb, na Alta Núbia, e a parte sul do grande templo de Karnak em Thebas. Legou seu imenso império a seu filho Horus, que castigou uma revolta dos abissínios e continuou os trabalhos de seu pai. Eis a história; ela contradiz formalmente a Bíblia.

Isto que nos acaba de contar Léo Taxil, não pode ser contestado.

Ao lado de fantasias históricas como esta do Êxodo, surgem umas tantas outras inadmissíveis, como a de um Sansão a operar pro-

dígios com sua fôrça imensa, concentrada nos cabelos, a trespassar com sua espada trinta filisteus de uma só vez, a dizimar por completo, apenas, com uma queixada de burro, mil filisteus, a derrubar as colunas de um templo e a estrangular um leão quando, ainda, muito criança, etc. Vemos um Balaão em interessante palestra com o seu burro; Jonas engulido por uma baleia, que só se alimenta de peixes pequenos, e não se sabe se vomitado ou defecado três dias depois, em uma praia; Elias subindo ao Céu em um carro de fogo; Josué fazendo parar o Sol; fato êste que atirou muitos homens eminentes, porque discordassem dessa infantilidade, nas chamas vingadouras da "Santa Inquisição" e em nome de Deus.

E o mais interessante é que a Bíblia não apresenta uma só testemunha dêsses prodígios!

E se ao menos, malgrado tôda esta série de criações infantis, pudessemos arrancar de entre as páginas dos cinco livros atribuidos a Moisés alguma filosofia, não teriamos, por certo, o direito de apresentar o povo judeu como um povo completamente ignorante. Mas, qual era a filosofia do povo hebreu? — Nenhuma. O legislador hebreu ou quem fala em seu nome não se refere em nenhum de seus livros à imortalidade da alma, nem às recompensas e castigos de uma outra vida. O dogma da imortalidade não se desenvolveu senão com o correr dos tempos entre os fariseus.

Pode ser que êste livro, a Bíblia, servisse a um povo ignorante e inculto; mas, para nós, em pleno século XX, está enquandrado entre os muitos contos infantis, como a História da Carochinha.

E aqui ficamos leitores, não querendo tocar mais nas imoralidades consignadas no Velho Testamento e tão injustamente atribuidas a Jeová e a Moisés, numa infâmia multimilenar, mantida pelos ignorantes.

Se Moisés existiu, êle viveu sem as lendas e sem as histórias infantis e muitas vêzes degradantes que dêle contam. E teria existido Moisés? Sinceramente o cremos, muito embora não possamos afirmar em face dos dados históricos, que são nulos neste sentido, a não ser o Velho Testamento e uma tradição de alguns milhares de anos. Que êle existisse ou não, deixemos que os judeus venerem o seu herói, com o mesmo direito com que a Suíça venera o seu legendário Guilherme Tell, e vamos ao balanço da Bíblia:

"Êxodo — Cap. VIII — § 1.º — Foi Moisés estabelecido o Deus de Faraó. Êle vai procurar êste príncipe. A vara de Aarão transformou-se diante dêle em uma serpente que devora os magos".

"Tendo o coração do Faraó endurecido contra o milagre da vara transformada em serpente. Deus faz transformar em sangue tôdas

as águas do Egito. Os magos do Faraó imitaram êste prodígio, e seu coração permanece duro".

"Cap. VIII — § 1.º — Deus envia Moisés a Faraó. Êste príncipe persiste em seu endurecimento. O Egito é atingido pela segunda praga, que é aquela das rãs.

"2.º — Faraó endurecido quanto à segundo praga, é atingido pela terceira, que é a dos piolhos, e a quarta a das moscas.

"3.º — Faraó para ficar livre das pragas, promete deixar ir o povo de Israel; mas muda de sentimento e continua endurecido.

" Cap. IX — § 1.º — Quinta praga — Deus contamina de peste todos os animais do Egito e poupa o dos israelitas.

"2.º — Sexta praga. Deus faz espalhar cinza no ar e ela se transforma em sarna e esta em úlceras sôbre todos os egípcios e seus animais.

"3.º — Sétima praga — A saraiva e o raio. Deus fêz advertir a Faraó para que êle o evitasse, mas o príncipe continuou endurecido, cada vez mais.

"4.º — Faraó, apavorado por esta praga prometeu deixar sair os israelitas; mas, vendo-se livre, continuou como dantes endurecido.

"Cap. X, § 1.º — Deus fere o Egito com a oitava praga, que é a dos gafanhotos; êles devoram tudo o que a saraiva havia poupado no Egito.

"2.º — O coração do Faraó tendo-se endurecido contra esta praga, Deus envia a nona que é a praga das trevas, que cobrem todo o Egito. E levam Faraó a consentir na saída dos israelitas, mas êle se arrepende brevemente e se endurece de nôvo.

"Cap. XI — Predição da décima e última praga com a qual Deus devia ferir o Egito. Ordem aos israelitas de pedir emprestado os vasos de ouro e prata aos egípcios.

"Cap. XII — § 1.º — O Senhor ordena aos israelitas de celebrarem a primeira páscoa; Êle prescreve as cerimônias que se devem observar.

"2.º — O Senhor permite matar todos os primogênitos do Egito e de poupar os israelitas. Êle ordena a celebração eterna da memória dêste dia por uma festa solene.

"3.º — Ordem aos israelitas de imolar o cordeiro pascoal, de pôr seu sangue sôbre as portas, para que o anjo exterminador, que ia em cumprimento de sua missão de matar, não confunda as casas dos hebreus com as dos egípcios.

"4.º — O Senhor mata todos os primogênitos do Egito. Faraó espantado, apressa os israelitas a deixar seu país. Pedem emprestado os vasos de ouro e os vestidos dos egípcios, e partem a tôda pressa em número de seiscentos mil homens seguidos de uma multidão do povo humilde".

Paremos por aqui. É de arrepiar tanta superstição.

Certamente, diz Jacolliot, se eu não me houvesse há muito divorciado de tôda a admiração de parti pris e tôda crença estreita, a leitura dêstes absurdos seria o suficiente para levar-me ao culto da razão pura, que me dá sôbre a divindade noções tão simples e às vêzes tão sublimes.

Contemplai êsse Deus, manifestando seu poder por invasões de gafanhotos e de môscas, depois ferindo um povo inteiro de peste e das mais horrendas úlceras, e em último lugar, com o massacre de todos os primogênitos de cada família!

Podeis folhear tôdas as mitologias antigas, sondar os mistérios de todos os Olimpos, revolver as tradições obscuras de todos os povos, nós vos desafiamos a encontrar coisas tão tristes, tão degradantes e tão profundamente desmoralizadoras.

Coroar sua obra com uma espantosa carnificina de crianças! Mas, isto não foi tudo. Manda êsse Deus que se relembre sempre com uma festa tradicional, os seus feitos, próprios de um tarado ou de um degenerado.

E porque não aceitamos êsse Deus bíblico, nem a sua moral, nem os seus ensinamentos de quaisquer espécies que êles possam ser, merecemos, por isso, a cólera dos que os aceitam incondicionalmente.

Não toleramos, ao contrário, repudiamos um Deus que se sacia no sangue dos miseráveis, para aceitar um outro, que é o Poder, a Sabedoria e a Bondade eternas.

Quando afirmamos e demonstramos que as tradições bíblicas não passam de uma cópia alterada e mal feita dos livros sagrados dos hindús, verificamos que na velha Índia olha-se Deus por um modo diverso, dando-lhe o que lhe pertence, isto é, os atributos de seu poder a mansuetude e um perdão que sempre nasce da infinita piedade que êle tem pelos seus filhos.

O que a Bíblia consigna de horrível em suas páginas, não pode de forma alguma servir para a edificação de um povo que se prese, antes nos demonstra que elas são única e exclusivamente a obra de um povo atrasado e cheio de fraquesas e paixões humanas.

O pouco que aí se encontra em matéria de canibalismo e de miséria moral foi o suficiente para despertar a nossa indignação, mas, infelizmente, o balanço não está completo; há mais misérias, muito mais misérias a consignar.

Continuem os dogmáticos a crer no Deus que fotografamos de perfil e que agora iremos fotografar de frente. Nós ficaremos com aquêle Deus que nos foi legado por Cristna, por Buda e por Jesus Cristo, através de seus sublimes ensinamentos.

"Jeová para facilitar a saída dos hebreus do Egito, não encontrou melhor solução do que conduzir à morte todos os primogênitos nascidos dos egípcios, isto é, de assassinar infelizes inocentes".

"Os hebreus em sua fuga, subtrairam, por ordem de Jeová, todos os vasos de ouro e prata e as ricas roupagens que puderam carregar".

"Vinte e quatro mil israelitas são massacrados pelos sacerdotes por haverem coabitado com as filhas dos moabitas".

"Jeová ordena a Moisés punir os medianitas. Dez mil israelitas marcham contra êles. Todos os homens foram passados a fio de espada, os reis foram mortos e as mulheres trazidas ao cativeiro".

"Moisés se enfastia pelo fato de serem parcimoniosas tôdas as mulheres medianitas e as faz trucidar com seus filhos, conservando, apenas, as virgens para seus soldados". (Puellas autem, et omnes feminas virgines reservate vobis)".

"Jeová ordena aos hebreus voltarem sob os seus passos a fim de que o Faraó os vendo, se ponha a perseguí-los e seja aniquilado com todo o seu exército". (Vingança inútil e cruél, pois, os hebreus estavam fora de perigo).

"Os israelitas morrendo de fome no deserto Jeová envia o maná".

"Depois da adoração do bezerro de ouro, Jeová furioso quer destruir todos os israelitas. Moisés implora por êles e lhe pede que se contente com vinte e três mil, que faz enforcar pelos sacerdotes. Depois de consumado êsse massacre hediondo, consente Deus em abençoar os hebreus". (Sem comentários).

"Jeová anuncia aos hebreus que se êles o provocarem de nôvo, os exterminará".

"Moisés pede para ver Jeová face a face. Êste lhe responde que pode se mostrar só por trás". (Toillam que manum et meam et videbis posteriora mea)" — (Que coisa ridícula!).

"Nadab e Abiu foram condenados à morte por haverem oferecido um sacrifício com sangue estrangeiro".

"Quem quer que seja que mate um boi, uma ovelha ou uma cabra destinados a serem sacrificados ao Senhor, será punido com a morte".

"Aquêles que consagram seus filhos aos ídolos, serão punidos de morte".

"Os israelitas fatigados, murmuram contra o Senhor; êle envia um fogo contra êles que os devora em grande número".

"Jeová envia, pela segunda vez, maná aos israelitas, mas condena à morte todo aquêle que comer em demasia".

"Tendo Maria, irmã de Aarão, murmurado contra Moisés Deus a fere com a lepra".

"Tendo os hebreus murmurado de nôvo, êle os condena a morrer no deserto, isto é, os de vinte anos em diante".

"Coré, Dathan e Abiron, e uma parte do povo, tendo-se revoltado contra Moisés, foram devorados pelo fogo que Jeová fêz sair das entranhas da terra".

"Novos murmúrios do povo, o mesmo fogo destrói quatorze mil e setecentas pessoas".

"Tendo, ainda, os hebreus blasfemado contra Jeová, êle lhes envia uma serpente de fogo que os faz morrer em grande número".

"Os israelitas, por ordem de Deus destruiram os cananeus e os amorrenitas; cortaram em pedaços a Ogg, rei de Bazan, e todo o seu povo, sem que um só homem pudesse escapar; e se estabeleceram sôbre a terra conquistada".

Será preciso mais? O balanço deveria ser muito maior; há muito mais atrocidade a consignar. Achamos, porém, que a amostra apresentada já é o suficiente para que cada um possa tirar as suas deduções.

Êste Deus que aí se encontra poderá ser o Deus de um povo esclarecido? Eis porque Jesus não seguiu Moisés, nem suas leis, nem sua moral.

E há quem diga que o Cristianismo e conseqüentemente o Espiritismo que aceita a essência de sua filosofia teve origem nisso que aí está. Protestamos em nome de um Deus verdadeiro de amor e misericórdia.

Se alguns espíritas desprevenidos conservam sua crença no Velho Testamento, é uma questão de fôro íntimo, e ninguém tem nada a ver com isso. Cabe-nos, apenas, o dever de esclarecer o assunto.

Se Moisés havia instituido uma religião, como o fêz Zoroastro, Maomé e outros, por que motivo não se serviu êle do meio mais eficaz para pôr um freio à cupidez e ao crime; por que não ensinou a imortalidade da alma, as penas e as recompensas depois da morte? Dogmas existentes há muito no Egito, na Fenícia, na Mesopotâmia, na Pérsia e na Índia.

Afirmam que êle foi instruido na sabedoria dos egípcios, que era um grande legislador e entretanto de que lhe serviu tudo isto se desprezou completamente o dogma mais importante da terra dos faraós, o mais necessário aos homens, a crença tão salutar e tão santa, aquela que dá ao homem a grande esperança de melhores dias condicionados à qualidade das ações? Não obstante ela existe no seio do judaismo, pois os essênios e os fariseus a possuiam em parte; êles aceitavam o dogma da imortalidade, das penas e recompensas depois da morte.

E o pior é dizer-se que as leis mosaicas, os ensinamentos do patriarca judeu, não são de sua autoria, foram dados por um Deus, por um Deus necessàriamente sem visão e sem discernimento.

A doutrina dos Espíritos é baseada no mais elevado senso moral. Se bebemos em outras filosofias religiosas postulados de grande elevação, é simplesmente, porque observamos que Jesus, em sua filosofia sintética, os aceita, também.

E se Cristo repudiou uma a uma tôdas as leis de Moisés, conservando, apenas, aquela lei divina de todos os tempos, "Amar a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a si mesmo", conteúdo de tôda a elevada moral humana, por que motivo haveremos nós de adotar aquilo que constituiu de repúdio pelo maior dos missionários baixados à Terra?

Que ligação filosófica poderia ter tido o Cristo com o patriarca dos judeus?

Escutemos reverentes o que nos diz Humberto Rohden, em sua extraordinária obra "A Metafísica do Cristianismo" e meditemos sôbre a profundeza de seus admiráveis conceitos:

> "Os ensinamentos de Jesus não tratam, de preferência do que o homem é hoje, mas do que êle é eternamente e pode, por isto, vir a ser amanhã, também no plano histórico de sua vida terrestre. Jesus sabe o que o homem é essencial e eternamente, e não apenas o que êle é acidental e temporàriamente. Sabe que o "reino de Deus está dentro do homem", e é por isto que o homem deve pedir todos os dias "venha o teu reino".
>
> Jesus é o maior realista da História. A razão última porque nós não o compreendemos é por sermos demasiadamente irrealistas. O nosso superficial periferismo não pode compreender a profunda centralidade do Nazareno.
>
> Jesus não pertence a uma certa época, nem a um certo povo — êle é supratemporal, supranacional, e por isto mesmo sempre atual e moderno. O seu caráter e ensino transcendem tempo e espaço. Quem o inclui nesta ou naquela categoria de tempo e espaço de credo ou classe, de escola ou igreja, crucifica-lhe o espírito, e esta crucificação espiritual do Cristo abundantemente praticada pelos cristãos, é incomparàvelmente pior que a crucificação corporal de Jesus cometida pelos judeus.
>
> Jesus não foi o Messias da sinagoga — como não é, pròpriamente, o Cristo das nossas igrejas. Acontece-lhe através da História, o que sempre tem acontecido aos grandes gênios da humanidade: os seus discípulos profissionais são, em geral, os seus piores inimigos, e, não raro os seus coveiros. Qualquer igreja ou escola formada em tôrno de um grande gênio é um cortêjo fúnebre que o leva ao cemitério.
>
> ..................................................................

Igrejas, seitas, escolas, livros códigos, regulamentos, sociedades organizadas, etc., são domínio dos talentos e dos técnicos, mas não dos gênios. Dizer que Jesus fundou uma "igreja" no sentido comum desta palavra, é amesquinhar-lhe a grandeza, é cometer contra êle abominável blasfêmia e sacrilégio.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

O gênio confia no poder do espírito, e não no espírito do poder, na violência de organizações eclesiásticas, políticas, hierarquicas, isto é, ùltimamente, no poder da espada.

Que idéia mesquinha, sacrilegamente mesquinha, devem ter do espírito de Jesus os que o reduzem a um vulgar fundador de igreja.

Como se êle fôsse qualquer talentoso sociólogo, político ou diplomata humano!...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

É melhor silenciar de todo as grandezas de um herói do que falsificá-las. Jesus não foi traído e crucificado apenas por Judas e pela sinagoga de Israel — êle está sendo constantemente traído pelos cristãos e crucificado pelos sacerdotes e ministros das igrejas e seitas que o proclamam seu fundador e patrono. (120).

Mas onde estão êstes homens cristificados? pergunta o notável escritor. E continua. Existem certamente, e sempre têm existido, homens dessa natureza — tipo Paulo de Tarso, Francisco de Assis, Mahatma Gandi, Benedito Spinoza, León Tolstoi, e outros — mas relativamente poucos. E entre os chefes hierarquicos das igrejas são mais raros ainda, uma vez que êles, em virtude da sua posição, têm o dever profissional de excluir outros de seu amor, de organizar cruzadas e inquisições, de fulminar anátemas e excomunhões contra os dissidentes da sua seita ou igreja. Não podem, em virtude do seu cargo, ser chefes eclesiásticos e discípulos de Cristo, ao mesmo tempo, uma vez que um exclui o outro: se incluem no seu amor os dissidentes da sua seita são máus chefes eclesiásticos — se os excluem, são máus cristãos; e vice-versa.

Diz, ainda, adiante H. Rohden: "Um ótimo judeu seria um péssimo cristão, e o melhor dos católicos seria o pior dos protestantes — tais são as conseqüências monstruosas do sectarismo criado pelos homens que defendem certa religião, mas não são religiosos.

Eis o pensamento de um folósofo que dia a dia mais se agiganta. E êste pensamento tão bem exposto, que nos toca em cheio o coração, é também o pensamento dos Espíritos que do Alto nos vêm dizer, constantemente, que a religião em si não passa de rótulo, mas que muito valem as ações dos indivíduos.

---

(120) Huberto Rohden — **A Metafísica do Cristianismo** — pgs. 33 a 36.

A moral espírita está cheia de amor, daquêle mesmo amor pregado pelo Cristo, ela abraça fraternalmente a tôda a humanidade, sem olhar crenças, filosofias, racismos.

Mas é um paradoxo, dirão alguns, aquêles que não nos compreenderam, a pregação de amor de um escritor, que combate as religiões do passado. Não combatemos e se procuramos à custa dos mais penosos sacrifícios esclarecer o pensamento humano, não é por espírito sectarista, é ainda por amor aos nossos semelhantes.

> "Também foi dito: quem repudiar sua mulher dê-lhe carta de divórcio. Eu porém vos digo que todo o que repudia sua mulher, a não ser por causa de infidelidade, a faz ser adúltera e qualquer que se casar com a repudiada comete adultério".

> "Também tendes ouvido o que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás para com o Senhor o teu juramento: Eu porém vos digo, que absolutamente não jureis, nem pelo Céu que é o trono de Deus".

> "Tendes ouvido que foi dito: ôlho por ôlha, dente por dente: Eu porém vos digo: Não resistais ao homem mau, mas a qualquer que te dá na face direita, volta-lhe, também, a outra".

Raciocinemos. O que acima se encontra não é a demolição feita pelo próprio Cristo da moral que não mais servia aos homens de seu tempo? E como pretendem determinados espíritas apegados a uma crença multi-milenar que ela ainda lhes possa ser útil?

Fazemos questão de frisar para que não sejamos mal interpretado: Quando falamos em Moisés, falamos nêle, apenas, indiretamente, pois, como já ficou evidenciado, não acreditamos que o "Pentateuco" seja obra sua, e assim, não cremos, tampouco, nas infâmias, imoralidades, matanças, roubos, que a Bíblia consigna, atribuidos ao legislador hebreu, aconselhados sempre pelo sanguinário Jeová.

Admitimos Moisés como libertador do povo judeu. Homem enérgico, dono da Ciência e da Filosofia de seu tempo, conhecimentos adquiridos à sombra dos santuários, ministrados pelos padres, na educação esmerada que lhe deu o Faraó que o tomou sob sua proteção. Admitimos um Moisés sem a aureola das lendas e dos milagres que lhe emprestaram os seus poetas exaltadores. Acreditamos no Patriarca pura e simplesmente, como um vulto a quem os judeus muito devem.

Povo escravo, os israelitas, se não fôssem libertados pela mão potente e extraordinária dêste homem, talvez tivessem desaparecidos

da face do planeta. Dêles, conheceriamos, apenas, a sua história e a humanidade se teria privado de seus sábios eminentes a quem ela tanto deve.

Os judeus intelectuais que habitam os quatro cantos do globo, não acreditam, por certo, nessas fantasias; a massa judaica, dela, apenas, no máximo, dez por cento, conhece a sua religião, e na generalidade, por sua falta de cultura, não está em condições de opinar.

Não passa pela nossa imaginação a hipótese infeliz de imaginar que homens esclarecidos que, mais que ninguém, conhecem a história de seu povo, possam acreditar um instante nessas narrativas fabulosas que sôbre a figura férrea de seu grande libertador, consignam as páginas do Velho Testamento.

Não acreditamos tão pouco na crença sincera que possa ter o Catolicismo romano sôbre o mesmo assunto.

À sombra do Vaticano vivem homens de grande valor, afeitos ao estudo e conhecedores de tôda a ciência contemporânea. Assim, não se concebe que êstes vultos eminentes dêem crédito às frivolidades bíblicas que não são poucas e muito menos às suas inumeráveis contradições.

Estamos com Lous Jacolliot. O "Pentateuco" foi obra do grande sacerdote Hilquias, e daí não nos afastamos um passo.

Sigmund Freud, em suas "Obras Completas", ed. Espanhola de 1949, II volume, página 139, consigna uma anedota muito conhecida a de um menino inteligente a quem perguntaram quem foi a mãe de Moisés. A criança respondeu sem vacilações, haver sido a princeza, e ao objetar-lhe que ela nada mais havia feito que salvá-lo das águas, retrucou: "Isto é o que ela diz", mostrando, assim, que havia encontrado a significação do mito.

Foram perguntar a Jesus por que jejuando os fariseus e os discípulos de João, não o faziam seus discípulos — respondeu-lhes Jesus :

> "Podem. por ventura, estar tristes os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com êles? Porém dias virão em que lhe será tirado o noivo e nesses dias jejuarão".
>
> "Ninguém põe remendo de pano nôvo em vestido velho: porque o remendo tira parte do vestido e fica maior a ruptura".
>
> "Nem se põe vinho nôvo em odres velhos; de outro modo arrebentam os odres e derrama-se o vinho, e estragam-se os odres, mas vinho nôvo é posto em odres novos, e ambos se conservam".

Haverá no mundo, ainda, quem se iluda, depois das palavras claras do grande Nazareno? Quanta filosofia?... Jesus classifica a doutrina do patriarca de vestido velho, tão velho, que nem um remendo da sua poderia melhorá-la e considera o vinho do legislador, antigo demais para ser colocado em seus odres. Maior auxílio não poderíamos oferecer à inteligência dos estudiosos sôbre o assunto. Uma coisa, a mais, queremos deixar patente. Se os judeus de todos os tempos nada houvessem produzido, se continuassem uma nação escravizada, impossibilitada, por isso, da formação de homens tão eminentes como os que já produziu, se nada mais houvessem feito em benefício da humanidade, mesmo, assim, o Ocidente lhe seria devedor, porque foi do seio do judaismo que brotou a maior figura de todos os tempos : JESUS CRISTO.

# ÍNDICE